

ACHA MESMO QUE CONHECE A PESSOA
QUE DORME AO SEU LADO?

GILLIAN

FLYNN

EM PARTE INCERTA

Nº 1 DO NEW YORK TIMES



BERTRAND EDITORA



Sobre a Autora

GILLIAN FLYNN é autora de *Dark Places*, best-seller do New York Times que foi eleito melhor livro de 2009 pela Publishers Weekly, foi um dos favoritos dos críticos da New Yorker, a primeira escolha do Chicago Tribune na área da ficção e o livro de escolha para o verão da Weekend Today. É também autora de *Sharp Objects*, vencedor do Dagger Award e nomeado para o Edgar Award de romance de estreia, escolha da BookSense e da seleção de Descobertas da cadeia de livrarias Barnes & Noble. A autora está publicada em vinte e oito países.

Vive em Chicago com o marido e o filho.

Ficha Técnica

Título original: Gone Girl
1.^a edição em papel: fevereiro de 2013

Autor: Gillian Flynn

Revisão: Eda Lyra

Design da capa: Ana Monteiro

Imagem da capa: Bernd Ott (detalhe)

© 2012 by Gillian Flynn

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

ISBN: 978-972-25-2601-2

Para Brett: luz da minha vida, sénior
e
Flynn: luz da minha vida, júnior

O amor é a mutabilidade infinita do mundo; mentiras, ódio, e até mesmo homicídio, estão todos entretecidos nele; é o inevitável desabrochar dos seus opostos, uma rosa magnífica com um leve perfume de sangue.

TONY KUSHNER, *The Illusion*

Primeira Parte

RAPAZ PERDE RAPARIGA

Nick Dunne — O Dia de

Quando penso na minha mulher, penso sempre na sua cabeça. Para começar, na sua forma. Da primeira vez que a vi, foi a nuca que vi primeiro, e havia qualquer coisa de adorável nos ângulos que formava. Como um grão de milho duro e lustroso ou um fóssil no leito de um rio. Ela tinha aquilo que os vitorianos diriam ser uma cabeça primorosamente modelada. Deixava adivinhar facilmente o crânio.

Reconheceria a sua cabeça em qualquer lugar.

E o que está dentro dela. Também penso nisso: na sua mente. No seu cérebro, com todas aquelas circunvoluções, e os seus pensamentos a percorrerem-nas como centopeias velozes e frenéticas. Como uma criança, imagino-me a abrir-lhe o crânio, a desenrolar-lhe o cérebro e a vasculhá-lo, tentando agarrar e imobilizar os seus pensamentos. Em que estás tu a pensar, Amy? A pergunta que mais vezes fiz durante o nosso casamento, mesmo que a não tenha feito em voz alta, mesmo que a não tenha feito à pessoa que podia responder. Suponho que estas perguntas surjam como nuvens ameaçadoras sobre todos os casamentos: Em que estás a pensar? O que estás a sentir? Quem és tu? O que é que fizemos um ao outro? O que é que vamos fazer?

Os meus olhos abriram-se exatamente às seis da manhã. Isto não era um pestanejar adejante, um piscar de olhos em direção à consciência. O despertar foi mecânico. Um clique assustador das pálpebras, como o do boneco de um ventríloquo. O mundo está às escuras e, de repente, está na hora do espetáculo! 6-o-o, disse o relógio à minha frente, a primeira coisa que vi. 6-o-o. Havia algo de diferente. Raramente acordava a uma hora tão certinha. Eu era homem de despertares irregulares: 8h43, 11h51, 9h26. A minha vida não tinha alarmes.

Nesse preciso momento, 6-o-o, o sol elevou-se sobre a linha de carvalhos recortada no horizonte, revelando o seu esplendor estival de deus zangado. O seu reflexo projetou-se através do rio em direção à nossa casa, como um longo dedo flamejante que me era apontado acusadoramente por entre as delicadas cortinas do nosso quarto: Foste visto. Serás visto.

Rebolei na cama, que era a nossa cama de Nova Iorque na nossa casa nova, que continuávamos a chamar a casa nova, embora já lá estivéssemos há dois anos. É uma casa alugada mesmo à beira do rio Mississípi, uma casa que tresanda a novo-rico suburbano, o tipo de lugar a que eu aspirava em miúdo, a partir do meu lado da cidade cheio de casas de três pisos revestidos a alcatifa felpuda. O tipo de casa que é imediatamente familiar: uma casa genericamente grandiosa e pouco desafiante, novinha em folha, que a minha mulher iria detestar — e detestou.

«Será melhor despir a alma, antes de entrar?», foi a sua primeira tirada depois de lá chegar. Tinha sido uma solução de compromisso: Amy exigiu que alugássemos, em vez de comprar, na minha pequena cidade natal do Missouri, na sua firme esperança de que não ficaríamos ali por muito tempo. Mas as únicas casas disponíveis para arrendar ficavam todas naquela urbanização fracassada: uma cidade fantasma em miniatura constituída por mansões a preço reduzido, vítimas da recessão e detidas por bancos... Um bairro que fechou antes mesmo de abrir. Foi uma solução de compromisso, mas Amy não parecia encará-la minimamente dessa forma. Para Amy, era um capricho castigador da minha parte, um golpe indecente e egoísta. Eu ia arrastá-la, qual homem das cavernas, para uma cidade que ela evitara de forma enérgica e obrigá-la a viver no tipo de casa que ela costumava ridicularizar. Suponho que não se possa falar em compromisso quando só uma das partes o considera como tal, mas os nossos compromissos tinham tendência para ser assim. Um de nós ficava sempre zangado. Normalmente, Amy.

Não me culpes por este ressentimento em particular, Amy. O ressentimento do Missouri. Culpa a economia, culpa o azar, culpa os meus pais, culpa os teus, culpa a Internet, culpa as pessoas que usam a Internet. Eu tinha sido escritor. Um escritor que escrevia sobre televisão, filmes e livros. No tempo em que as pessoas liam coisas em papel, no tempo em que as pessoas se importavam com o que eu pensava. Tinha chegado a Nova Iorque no final da década de 90, no último suspiro dos dias gloriosos, embora ninguém o soubesse na altura. Nova Iorque estava cheia de escritores, escritores a sério, porque havia revistas, revistas a sério, montanhas delas. Isto era no tempo em que a Internet ainda era um animal de estimação exótico

mantido a um canto do mundo editorial — atirem-lhe um bocadinho de ração, vejam como dança preso à trela curta... Oh, tão giro, de certeza que não nos vai matar durante a noite. Pensem nisso: um tempo em que os miúdos recém-licenciados podiam chegar a Nova Iorque e ser pagos para escrever. Não fazíamos a mais pequena ideia de que estávamos a abraçar carreiras que desapareceriam dentro de uma década.

Tive um emprego durante onze anos e de repente deixei de ter; foi tão rápido quanto isso. Por todo o país, as revistas começaram a encerrar, sucumbindo a uma súbita infeção produzida pela economia falida. Os escritores (do meu género: aspirantes a romancistas, pensadores compulsivos, pessoas cujos cérebros não trabalham suficientemente rápido para entrar em blogs, links ou tweets, basicamente um bando de velhos convencidos e teimosos) estavam acabados. Éramos como os chapeleiros de mulheres ou como os fabricantes de chicotes usados pelos cocheiros: o nosso tempo tinha chegado ao fim. Três semanas depois de eu ter ficado desempregado, Amy perdeu o trabalho dela, embora não fosse grande coisa. (Consigo sentir Amy a espreitar por cima do meu ombro e a sorrir tolamente diante do tempo que passei a falar da minha carreira, do meu infortúnio, e a desvalorizar agora a sua experiência numa única frase. Ela dir-vos-ia que isso é típico. É mesmo do Nick, diria. Era o seu refrão: É mesmo do Nick... e o que quer que se seguisse, o que quer que fosse mesmo tipicamente meu, era mau.) Dois adultos desempregados, passámos semanas a deambular pela nossa casa de pedra em Brooklyn, em meias e pijama, ignorando o futuro, espalhando o correio por abrir em cima de mesas e sofás, a comer gelado às dez da manhã e a fazer grandes sestas da parte da tarde.

Depois, um dia, o telefone tocou. Era a minha irmã gémea. Margo tinha voltado para casa depois do seu próprio despedimento em Nova Iorque, um ano antes — aquela rapariga está sempre um passo à minha frente em tudo, até mesmo na má sorte. Margo estava a telefonar da velha Cartago do Norte, no Missouri, da casa onde crescemos, e ao escutar a sua voz vi-a com dez anos, cabelo escuro e calções de peitilho, sentada na doca que ficava nas traseiras da casa dos nossos avós, o corpo mole como uma almofada velha, as pernas escanzeladas a balouçar dentro de água, a ver o rio passar por cima

dos pés brancos como peixes, com um ar muito atento e absolutamente senhora de si, mesmo em criança.

A voz de Go era quente e modulada, mesmo enquanto dava as notícias friamente: a nossa indómita mãe estava a morrer. O nosso pai já tinha praticamente partido — a sua mente (maldosa) e o seu coração (lastimoso), ambos cada vez mais insondáveis à medida que ele percorria os caminhos sinuosos rumo ao grande cinzento do Além. Mas parecia que a nossa mãe ia chegar lá primeiro. Tinha cerca de seis meses, talvez um ano. Percebi que Go tinha ido sozinha falar com o médico, levado as notas estudiosas na sua caligrafia desleixada, e estava chorosa enquanto tentava decifrar o que escrevera. Datas e dosagens.

— Merda, não faço ideia do que está aqui escrito, será um nove? Fará, ao menos, algum sentido? — disse ela, e eu interrompi-a. Ali estava uma tarefa, um objetivo, que a minha irmã estendia na palma da sua mão, como uma ameixa. Quase chorei de alívio.

— Eu volto para aí, Go. Nós mudamo-nos aí para casa. Não tens de fazer isso sozinha.

Ela não acreditou em mim. Conseguia ouvir a respiração dela do outro lado.

— Estou a falar a sério, Go. Porque não? Não há nada aqui.

Um longo suspiro.

— Então e a Amy?

Essa era precisamente a parte sobre a qual eu não levava muito tempo a pensar. Parti simplesmente do princípio de que agarraria na minha mulher nova-iorquina, com os seus interesses nova-iorquinos, o seu orgulho nova-iorquino, e que a separaria dos seus pais nova-iorquinos — deixando Manhattan, a frenética e excitante terra do futuro, para trás — e que a transplantaria para a cidadezinha junto ao rio no Missouri, e não haveria problema algum.

Ainda não compreendia até que ponto aquele meu pensamento era insensato, otimista, até que ponto era mesmo típico do Nick. A infelicidade a que conduziria.

— Amy não se vai importar. Amy... — Este era o ponto em que eu devia ter dito: «Amy adora a mãe.» Mas eu não podia dizer a Go que Amy adorava a nossa mãe, porque, passado todo este tempo, ela mal a conhecia. Das poucas vezes em que tinham estado juntas, ambas

tinham ficado desconcertadas. Amy continuava a dissecar as conversas durante dias — «E o que é que ela queria dizer com...» —, como se a minha mãe fosse membro de uma tribo rural antiga, chegada da tundra com um braçado de carne de iaque crua e uns quantos botões para negociar, tentando arrancar qualquer coisa de Amy que não estava à venda.

Amy não se deu ao trabalho de conhecer a minha família, nem quis conhecer o meu local de nascimento. No entanto, por alguma razão, pensei que voltar a casa seria uma boa ideia.

O meu bafo matinal aqueceu a almofada e mudei mentalmente de assunto. Hoje não era dia para críticas a posteriori ou arrependimento, era dia para agir. Lá em baixo, conseguia ouvir o regresso de um som há muito perdido: Amy a fazer o pequeno-almoço. Armários de madeira a bater (bam!), recipientes de lata e vidro a retinir (plim!), uma série de tachos metálicos e frigideiras de ferro a serem tirados do lugar (tóim!). Uma orquestra culinária a afinar os instrumentos, num estrépito vigoroso ao chegar à parte final, com uma forma de bolo a rolar pelo chão como um tambor e a bater na parede com a sonoridade de um címbalo. Estava a ser criado algo impressionante, provavelmente um crepe, porque os crepes são especiais, e hoje Amy ia querer cozinhar alguma coisa de especial.

Era o nosso quinto aniversário.

Caminhei descalço até à beira dos degraus e fiquei à escuta, enfiando os dedos na alcatifa aveludada que Amy detestava por uma questão de princípio, enquanto eu tentava decidir se estava, ou não, pronto para ir ter com a minha mulher. Amy estava na cozinha, sem consciência da minha hesitação. Estava a trautear algo melancólico e familiar. Apurei o ouvido para tentar perceber o que era — uma canção popular? Uma canção de embalar? — e depois dei-me conta de que era o genérico da série M*A*S*H. O suicídio é indolor. Desci as escadas.

Fiquei à entrada a observar a minha mulher. O seu cabelo de um amarelo-manteiga estava puxado para cima num rabo de cavalo que baloiçava alegremente como uma corda de saltar, e ela estava a chupar distraidamente a ponta queimada de um dedo, trauteando à sua volta. Cantarolava por entre dentes, pois não havia ninguém como ela para aldrabar as letras. Quando começámos a namorar passou na rádio

uma canção dos Genesis: «Ela parece ter um toque invisível, pois é.» E Amy trauteou em vez disso: «Ela tira-me o chapéu e põe-no na prateleira de cima.» Quando lhe perguntei como é que era possível ela pensar que as suas letras estavam ainda que remota ou vagamente certas, disse-me que sempre pensou que a mulher da canção amava o homem de verdade porque punha o chapéu dele na prateleira de cima. Foi nessa altura que percebi que gostava dela, que gostava mesmo dela, daquela rapariga com uma explicação para tudo.

Há qualquer coisa de perturbador em recordar uma memória ardente e em sentirmo-nos completamente frios.

Amy espreitou o crepe que chiava na frigideira e lambeu qualquer coisa que tinha no pulso. Tinha um ar triunfante, típico de esposa. Se a tomasse nos braços, cheiraria a frutos silvestres e a açúcar em pó.

Quando me viu à espreita, com boxers sujos e o cabelo espetado ao estilo da personagem infantil «Heat Miser», encostou-se à bancada da cozinha e disse:

— Bem, olá, borracho!

A bília e o receio subiram-me lentamente pela garganta. Pensei para comigo: Muito bem, vamos a isso.

Cheguei muito atrasado ao trabalho. A minha irmã e eu tínhamos feito uma tolice quando voltámos os dois para aquela casa. Tínhamos feito o que sempre faláramos em fazer. Abrimos um bar. Pedimos dinheiro emprestado a Amy para fazer isso, oitenta mil dólares, o que em tempos não era nada para Amy, mas na altura era praticamente tudo. Jurei que ia pagar-lhe aquele dinheiro com juros. Não ia ser um homem que pedia dinheiro emprestado à mulher — conseguia sentir o meu pai a retorcer os lábios diante dessa simples ideia. Bem, há todo o tipo de homens, a sua frase mais injuriosa, cuja segunda metade ficava sempre por dizer, e tu és do tipo errado.

Mas, na verdade, foi uma decisão prática, uma jogada inteligente em termos de negócio.

Eu e Amy precisávamos ambos de novas carreiras; esta seria a minha. Ela havia de escolher uma um dia, ou não, mas entretanto ali estava um rendimento, tornado possível com o que restava do fundo em depósito de Amy. Tal como a mansão que arrendei, o bar aparecia simbolicamente nas minhas memórias de infância — um lugar onde só

os adultos vão e fazem o que quer que seja que os adultos fazem. Talvez tenha sido por isso que insisti tanto em comprá-lo, depois de ter sido privado do seu meio de subsistência. É para me lembrar que, no fim de contas, sou um adulto, um homem feito, um ser humano útil, embora tenha perdido a carreira que fez de mim todas essas coisas. Não voltarei a cometer esse erro: os outrora produtivos rebanhos de escritores de revistas iam continuar a ser abatidos — pela Internet, pela recessão, pelo público americano que preferia ver televisão, ou jogar videojogos, ou informar os amigos por via eletrónica que, por exemplo, a chuva é uma merda! Mas não há nenhuma aplicação para esvaziar uma garrafa de bourbon num dia quente num bar fresco e escuro. O mundo vai querer sempre uma bebida.

O nosso bar é um bar de esquina com uma estética fortuita em jeito de manta de retalhos. A sua maior atração é a estrutura vitoriana maciça por trás do balcão do bar, com cabeças de dragão e caras de anjo a sair da madeira de carvalho — uma obra de escultura extravagante nesta era de plástico merdoso. Na verdade, o resto do bar é uma boa porcaria, um mostruário das propostas de design mais foleiras de cada década: um chão em linóleo da era Eisenhower, com os bordos virados para cima como uma tosta queimada; paredes dúbias forradas a painéis de madeira vindas diretamente de um vídeo pornográfico caseiro dos anos 70; candeeiros de pé com lâmpadas de halogéneo, um tributo accidental ao meu dormitório dos anos 90. O efeito final é estranhamente acolhedor — parece menos um bar do que um imóvel cuja reparação alguém descuro. E jovial: partilhamos um parque de estacionamento com uma pista local de bowling, e quando a nossa porta se abre, o estrépito dos pinos derrubados aplaude a entrada do cliente.

Ao bar, demos o nome de O Bar. «As pessoas vão pensar que estamos a ser irónicos, em vez de criativamente falidos», raciocinou a minha irmã.

Sim, pensámos que estávamos a ser nova-iorquinos inteligentes — que o nome era uma piada que mais ninguém compreenderia realmente, pelo menos da mesma forma que nós. Nada de metacompreensão. Imaginávamos os habitantes locais a franzir o nariz: porque é que lhe chamaram O Bar? Mas o nosso primeiro

cliente, uma mulher de cabelo grisalho com lentes bifocais e um fato de treino cor-de-rosa, disse: «Gosto do nome. É como no filme Boneca de Luxo, em que o gato da Audrey Hepburn se chamava Gato.»

Sentimo-nos muito menos superiores depois disso, o que foi uma coisa boa.

Estacionei no parque. Esperei até ouvir o som de um strike vindo da pista de bowling — obrigado, obrigado, amigos — e depois saí do carro. Admirei os arredores, sem me faltar da paisagem decrépita: a pequena estação dos correios em tijolo claro do outro lado da rua (agora fechada aos sábados), o modesto edifício de escritórios de cor bege ao fundo da rua (agora fechado, ponto final). A cidade já não era próspera, muito pelo contrário. Bolas, nem sequer era original, sendo uma de duas Cartagos, no Missouri — a nossa é tecnicamente Cartago do Norte, o que dá ideia de uma cidade geminada, embora fique a centenas de quilómetros da outra e seja a mais pequena das duas: uma cidadezinha pitoresca dos anos 50, que se transformou num subúrbio de média dimensão e apelidou isso de progresso. Mesmo assim, tinha sido ali que a minha mãe crescera e onde nos criara, a mim e a Go, portanto tinha alguma história. A minha, pelo menos.

Quando caminhava em direção ao bar através do parque de estacionamento em betão de onde saíam ervas daninhas, olhei diretamente para a estrada e vi o rio. Foi isso que sempre gostei na nossa cidade: ela não se ergue num promontório seguro com vista para o Mississípi — ela fica junto ao Mississípi. Eu podia descer a estrada e entrar direitinho lá dentro, uma queda suave de noventa centímetros e ir a caminho do Tennessee. Todos os edifícios da baixa têm linhas desenhadas à mão da altura que o rio atingiu durante a cheia de 1961, 1975, 1984, 1993, 2007, 2008, 2011, etc.

O rio não tinha agora leito de cheias, mas corria com urgência, com correntes fortes e tumultuosas. Movimentando-se ao ritmo do rio, havia uma longa série de homens em fila indiana, de olhos pregados ao chão, ombros tensos, caminhando resolutamente para lado nenhum. Enquanto os observava, houve um que olhou de repente para mim, com o rosto envolto em sombras, um negrume oval. Virei-lhe as costas.

Senti imediatamente uma forte necessidade de entrar. Depois de percorrer seis metros, tinha o pescoço perlado de suor. O sol

continuava a ser um olho irado no céu. Foste visto.

Senti um nó nas entranhas e desloquei-me mais rapidamente.
Precisava de uma bebida.

Amy Elliott — 8 de Janeiro de 2005

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Trá-lá-lá! Estou com um grande sorriso de órfã adotada enquanto escrevo isto. Até me envergonho da felicidade que sinto, como a personagem adolescente de um livro de banda desenhada a cores, a falar ao telefone com o cabelo apanhado em rabo de cavalo e o balão sobre a minha cabeça a dizer: Conheci um rapaz!

E conheci. Esta é uma verdade técnica e empírica. Conheci um rapaz, um tipo maravilhoso e lindo, um gajo divertido e porreiro. Deixem-me descrever a cena, pois merece ficar registada para a posteridade (não, por favor, não estou assim tão passada, posteridade! Pfff!) E no entanto... não é dia de Ano Novo, e no entanto ainda se sente o ano novo. É inverno: escurece cedo e está um frio de rachar.

Carmen, uma amiga recente — meio amiga, mal se poderá chamar amiga, o tipo de amiga com quem não estamos à vontade para cancelar compromissos —, convenceu-me a ir a Brooklyn, a uma das suas festas de escritores. Ora, eu gosto de uma festa de escritores, gosto de escritores, sou filha de escritores, eu própria sou escritora. Continuo a adorar escrever essa palavra — ESCRITORA — sempre que um impresso, questionário ou documento pergunta qual a minha profissão. Sim, o que escrevo são questionários de personalidade, e não artigos sobre os grandes assuntos do dia, mas creio que é justo dizer que sou escritora. Estou a usar este diário para melhorar: para aperfeiçoar as minhas capacidades, para coligir pormenores e observações. Para usar o princípio do «não contes, mostra» e todas essas tretas de escritor. (Sorriso de órfã adotada... Nada mal, digam lá!) Mas, na verdade, penso que os meus questionários, só por si, me garantem pelo menos a qualidade de membro honorário. Certo?

Numa festa, uma pessoa encontra-se rodeada de escritores genuinamente talentosos, que trabalham em jornais e revistas respeitados e famosos. E tu só escreves questionários para pasquins de mulheres. Quando alguém te pergunta o que é que fazes:

a) Ficas envergonhada e dizes: «Escrevo apenas questionários, umas

patéticas!»

b) Passas à ofensiva: «Agora sou escritora, mas estou a pensar em algo mais desafiante e compensador. Já agora, o que é que você faz?»

c) Orgulhas-te dos teus feitos: «Faço questionários de personalidade usando os conhecimentos adquiridos no meu mestrado em psicologia... Ah, e já agora uma curiosidade: servi de inspiração para uma coleção infantil muito apreciada que tenho a certeza de que conhece, Incrível Amy? » Pois é, toma e embrulha, seu convencido!

Resposta: C, totalmente C

De qualquer forma, a festa foi organizada por um dos grandes amigos de Carmen, que escreve sobre filmes para uma revista de cinema e que, segundo Carmen, é muito divertido. Por um segundo, fico com medo que ela nos esteja a querer juntar. Não estou interessada nisso. Preciso de cair numa emboscada, de ser apanhada desprevenida, como uma espécie de presa de um amor selvagem. Caso contrário, fico demasiado constrangida. Dou por mim a tentar ser encantadora, e depois percebo que estou a tentar sê-lo de uma forma óbvia, e a seguir tento ainda ser mais encantadora para compensar o falso encanto, e quando dou por mim já me transformei basicamente na Liza Minnelli: estou a dançar de collants e lantejoulas, a implorar que me amem. Há um chapéu de coco, mãos de jazz e muitos dentes.

Mas não, quando Carmen continua a falar sobre o amigo, percebo que ela gosta dele. Ótimo.

Subimos três tortuosos lances de escadas e entramos numa onda de calor de corpos e escrita: muitos óculos de aros pretos e madeixas de cabelo; falsas camisas de cowboy e camisolas de gola alta em tons de terra; casacos pretos em lã grossa espalhados pelo sofá, caídos no chão; um póster alemão do filme Tiro de Escape (Ihre Chance war gleich Null!) a cobrir uma parede a precisar de ser pintada. Na aparelhagem, Franz Ferdinand: «Take Me Out.»

Há uma série de tipos junto a uma mesa de jogo onde se encontram todas as bebidas alcoólicas, e que vão deitando sempre mais para dentro dos copos após uns quantos goles, cientes de que já não há o bastante para andarem a circular. Lá consigo abrir caminho, com a intenção de chegar ao meu copo plástico no centro como uma artista

de rua, recebo uns quantos cubos de gelo e umas gotas de vodca de um tipo com um ar querido que tem uma t-shirt do jogo Invasores do Espaço.

Uma garrafa de licor de maçã verde de aspeto letal, a irónica aquisição do nosso anfitrião, não tardará a ser o nosso destino, a menos que alguém faça uma saída rápida para comprar álcool, e isso parece pouco provável, uma vez que toda a gente parece pensar ter feito isso da última vez. É decididamente uma festa típica de janeiro, em que todos estão ainda empanturrados e fartos de açúcar depois das festividades, simultaneamente preguiçosos e irritados. Uma festa onde as pessoas bebem demais e escolhem discussões verbalizadas de forma inteligente, expelindo o fumo do cigarro através de uma janela aberta, mesmo depois de o anfitrião ter pedido para irem lá para fora. Já falámos uns com os outros em mil festas, já não temos nada para dizer, estamos coletivamente entediados, mas não queremos voltar para o frio de janeiro; ainda nos doem os ossos das escadas do metro.

Perdi Carmen para o seu admirador e anfitrião — estão a ter uma discussão acalorada num recanto da cozinha, ambos a encolher os ombros e com os rostos próximos um do outro, fazendo o desenho de um coração. Ótimo. Penso em comer para ter alguma coisa para fazer, para além de estar especada no meio da sala, a sorrir como a miúda nova no refeitório. Mas já não há quase nada. Uns quantos fragmentos de batatas fritas no fundo de uma tigela gigantesca da Tupperware. Há um tabuleiro de entradas comprado no supermercado, cheio de cenouras velhas e aipo rugoso, e um molho leitoso intactos sobre uma mesa de centro, com cigarros espalhados pelo meio, como tiras de vegetais extra. Estou a fazer aquilo de que gosto, uma coisa impulsiva: e se eu saltasse do segundo balcão neste preciso momento? E se eu desse um beijo de língua ao sem-abrigo que está à minha frente no metropolitano? E se eu me sentasse no chão daquela festa, sozinha, e comesse tudo o que está no tabuleiro de entradas, incluindo os cigarros?

— Por favor, não coma nada que esteja nessa área — diz uma voz. É ele (bum, bum, BUMMM!), mas ainda não sei que é ele (bum-bum-bummm). Sei que é um tipo que vai meter conversa comigo, que usa a sua arrogância como uma t-shirt irónica, mas que ela lhe cai ainda melhor. É o género de homem que se comporta como quem é muito

assediado, um tipo que gosta de mulheres, um tipo que havia de me foder em condições. Eu gostava de ser fodida como deve ser! A minha vida amorosa parece girar à volta de três tipos de homens: betinhos da Ivy League que pensam que são personagens de um romance de Fitzgerald; os manhosos da Wall Street com cifrões nos olhos, orelhas e bocas; e rapazes inteligentes e sensíveis que estão tão conscientes dos seus atos que tudo lhes parece uma piada. Os tipos à Fitzgerald têm tendência a ser pornograficamente ineficazes na cama, com muito barulho e acrobacias para poucos resultados. Os especialistas das finanças ficam furiosos e flácidos. Os inteligentes fazem amor como quem compõe uma peça de math rock: esta mão dedilha aqui, depois aquele dedo marca o belo ritmo de um baixo... Estou a parecer um bocadinho promíscua, não é? Vamos fazer uma pausa para eu contar quantos... onze. Nada mau. Sempre pensei que doze era um número consistente e razoável para terminar.

— A sério — continua o Número 12. (Ah!) — Afaste-se desse tabuleiro. James tem mais uns três artigos comestíveis no frigorífico. Posso fazer-lhe uma azeitona com mostarda. Mas só uma azeitona.

Mas só uma azeitona. Não passa de uma deixa ligeiramente divertida, mas que já dá a sensação de uma piada privada, que se tornará mais divertida com a repetição nostálgica. Penso: Daqui a um ano, estaremos a passear pela Ponte de Brooklyn ao pôr do sol e um de nós sussurrará: «Mas só uma azeitona», e desataremos a rir. (Depois, recomponho-me. Que horror! Se ele soubesse que eu já estava a pensar no que iria acontecer daí a um ano, havia de fugir e eu seria obrigada a apoiá-lo.)

Admito que estou a sorrir sobretudo porque ele é lindo. Desconcertantemente lindo, tão bem-parecido que nos deixa os olhos a brilhar e nos faz querer abordar a questão de frente — «Sabe que é lindo, certo?» — e continuar a conversa. Aposto que os outros homens o detestam: parece o mau da fita endinheirado de um filme de adolescentes dos anos 80 — aquele que importuna o inadaptado sensível, aquele que acaba com uma tarte na cara, com o chantilly a fazer descair a gola virada para cima enquanto toda a gente na cafetaria bate palmas.

Mas não age dessa forma. Chama-se Nick. Adoro o nome. Fá-lo parecer simpático e normal, coisa que ele é. Quando me diz o nome,

replico:

— Ora, isso é que é um nome a sério!

Ele fica animado e desbobina uma deixa qualquer:

— Nick é o tipo de homem com quem pode beber uma cerveja, o tipo de homem que não se importa se lhe vomitar o carro. Nick!

Faz uma série de trocadilhos horríveis. Entendo três quartos das suas referências cinematográficas. Bem, talvez dois terços. (Nota para mim: alugar *The Sure Thing*.) Volta a encher-me o copo sem que tenha de lho pedir, conseguindo desencantar de alguma forma uma última dose de bom álcool. Reclamou-me como sua, pôs-me uma bandeira: Eu cheguei primeiro, ela é minha, minha. Sabe bem ser um território depois da minha recente série de homens pós-feministas nervosos e respeitosos. Ele tem um sorriso maravilhoso, um sorriso de gato. Devia deitar cá para fora penas amarelas do Piu-Piu, da forma como sorri para mim. Não me pergunta o que faço na vida, o que é ótimo, para variar. (Sou escritora, será que já disse?) Fala comigo com o seu sotaque ondulante do Missouri; nasceu e foi criado nos arredores de Hannibal, local onde Mark Twain passou a adolescência e inspiração de Tom Sawyer. Conta-me que trabalhou num barco a vapor quando era novo, a servir o jantar e a tocar jazz para os turistas. E quando me rio (miúda mais do que mimada de Nova Iorque, que nunca se aventurou a ir àqueles grandes estados da região central, àqueles estados onde vivem muitas outras pessoas), ele informa-me que Missura é um lugar mágico, o mais bonito do mundo, não há estado mais glorioso. Os seus olhos são maliciosos, as pestanas compridas. Consigo adivinhar o seu aspeto em rapazinho.

Partilhamos um táxi para casa, com as luzes da rua a projetarem sombras vertiginosas e o carro a acelerar como se fôssemos perseguidos. É uma da manhã quando damos com um daqueles engarrafamentos inexplicáveis a doze quarteirões do meu apartamento, por isso saímos do táxi para o frio, para o grande «O que é que vem a seguir?» e Nick começa a acompanhar-me a casa, com a mão pousada ao fundo das minhas costas, os nossos rostos aturdidos pelo frio. Ao dobrarmos a esquina, vemos que estão a fazer a entrega de açúcar em pó à padaria local, encaminhando-o diretamente do depósito para a cave através de um funil, como se fosse cimento, e não conseguimos ver nada a não ser a sombra do homem das entregas

envolto na nuvem branca e doce. A rua parece estar aos altos e baixos e Nick puxa-me para junto dele e volta a sorrir daquela maneira, segura um único fio do meu cabelo entre dois dedos e percorre-o até ao fim, puxando-o por duas vezes, como se estivesse a tocar um sino. As suas pestanas estão enfeitadas de pó e, antes de se inclinar, sacode-me o açúcar dos lábios, para conseguir sentir o meu sabor.

Nick Dunne — O Dia de

Abri completamente a porta do meu bar, esgueirei-me para a escuridão e respirei fundo pela primeira vez naquele dia, absorvendo o cheiro a cigarros e cerveja, o aroma a especiarias de um bourbon deitado gota a gota, o odor persistente a pipocas velhas. Só havia uma cliente no bar, sentada sozinha na outra ponta: uma mulher mais velha chamada Sue, que tinha vindo ali todas as quintas-feiras com o marido, até ele ter morrido há três meses. Agora, vinha sozinha todas as quintas-feiras, nunca disposta a grandes conversas, sentando-se simplesmente ali com uma cerveja e palavras cruzadas, preservando um ritual.

A minha irmã estava a trabalhar por trás do balcão, com o cabelo puxado para trás com travessões um tanto ou quanto parolos, os braços rosados enquanto mergulhava os copos de cerveja em água quente com espuma e os tirava para fora. Go é magra e tem um rosto estranho, o que não quer dizer que não seja atraente. As suas feições levam apenas algum tempo a fazer sentido: o queixo largo, o nariz afilado e bonito, os olhos escuros e salientes. Se isto fosse um filme de época, um homem inclinaria para trás o seu chapéu de feltro, assobiaria ao vê-la e diria: «Ora aqui está um pedaço de mulher!» O rosto de uma estrela dos filmes de comédia dos anos 30 nem sempre tem correspondência nesta nossa era de belezas etéreas, mas eu sei pelos anos que vivemos juntos que os homens gostam muito da minha irmã, o que me remete para o estranho reino fraternal em que me sinto simultaneamente orgulhoso e desconfiado.

— Eles ainda fazem galantina com pimentão? — perguntou ela em jeito de saudação, sem levantar os olhos, mas sabendo que era eu, e senti o alívio que sentia normalmente quando a via: as coisas podiam não estar ótimas, mas tudo ficaria bem.

A minha gémea, Go. Tinha dito esta frase tantas vezes que acabara por se transformar num mantra tranquilizador, em vez de representar palavras reais: «Aminhagêmeago.» Tínhamos nascido nos anos 70, numa altura em que os gémeos eram raros, um bocadinho mágicos: primos do unicórnio, irmãos dos elfos. Até temos vestígios da telepatia dos gémeos. Na verdade, Go é a única pessoa do mundo com quem sou

totalmente eu. Não sinto necessidade de lhe explicar as minhas ações. Não esclareço, não duvido, não me preocupo. Já não lhe conto tudo, mas conto-lhe mais do que a qualquer outra pessoa, de longe. Conto-lhe o máximo possível. Passámos nove meses costas com costas, a dar cobertura um ao outro. Tornou-se o hábito de uma vida. Nunca teve importância para mim o facto de ela ser rapariga, o que é estranho para um miúdo profundamente tímido. Que posso eu dizer? Ela era sempre espetacular.

— Galantina com pimentão? Isso é parecido com carnes frias, não é? Acho que têm.

— Devíamos comprar um bocado — disse ela. Arqueou uma sobrancelha. — Estou intrigada.

Sem perguntar, deitou-me um bocado de PBR para dentro de uma caneca de higiene duvidosa. Quando me apanhou a olhar para o rebordo manchado, levou a caneca à boca e lambeu a mancha, deixando um rasto de saliva. Pousou a caneca com firmeza à minha frente.

— Está melhor assim, meu príncipe?

Go acredita firmemente que fui beneficiado em tudo pelos nossos pais, que eu era o rapaz com que estavam a contar, o único filho que se podiam dar ao luxo de ter, e que ela entrara sorrateiramente neste mundo agarrada ao meu tornozelo, uma estranha não desejada. (Para o meu pai, uma estranha particularmente não desejada.) Ela acredita que foi deixada entregue a si mesma ao longo da infância, uma criatura miserável feita de peças de roupa usadas e formulários de autorização esquecidos, orçamentos apertados e mágoa geral. Esta visão podia ter alguma ponta de verdade e custa-me imenso admiti-lo.

— Sim, minha escravazinha imunda — repliquei, com um agitar de mãos que glosava uma dispensa régia.

Debrucei-me sobre a cerveja. Precisava de me sentar e beber uma cerveja ou três. Ainda tinha os nervos em franja por causa da manhã.

— O que é que se passa contigo? — perguntou ela. — Pareces enervado. — Sacudiu um bocadinho de espuma para cima de mim, mais água do que detergente. O ar condicionado arrancou, despenteando-nos. Passávamos mais tempo no Bar do que era preciso. Tinha-se tornado a sede do clube infantil que nunca tivemos. Tínhamos aberto as caixas de arrumação que estavam na cave da

nossa mãe, numa noite de copos a mais no ano anterior, quando ela ainda estava viva, mas já perto do fim, quando estávamos a precisar de ser reconfortados, e revisitámos os brinquedos e jogos com muitas exclamações à mistura, por entre goles de cerveja enlatada. Natal em agosto. Depois da morte da nossa mãe, Go mudou-se para a nossa antiga casa e, aos poucos, fomos transferindo lentamente os nossos brinquedos para o Bar: um dia, é uma boneca Docinho de Morango, agora sem cheiro, que surge em cima de um banco (uma prenda minha para Go). E um minúsculo El Camino da Hot Wheels, sem uma roda, aparece numa prateleira ao canto (prenda de Go para mim).

Andávamos a pensar introduzir uma noite de jogos de tabuleiro, embora a maior parte dos nossos clientes fosse demasiado velha para sentir saudades do nosso «Tragabolas», ou do nosso «Jogo da Vida», com os seus minúsculos carros em plástico que tínhamos de encher com minúsculas esposas de cabeça de alfinete em plástico e com minúsculos bebés de cabeça de alfinete em plástico. Não me conseguia lembrar como é que se ganhava. (Pensamento Hasbro do dia.)

Go voltou a encher-me a caneca de cerveja e fez a mesma coisa à dela. A sua pálpebra esquerda descaiu ligeiramente. Era exatamente meio-dia e eu fiquei a pensar há quanto tempo estaria ela a beber. Tinha tido uma década atribulada. A minha irmã dada à especulação, a do cérebro brilhante e espírito aventureiro, desistiu da faculdade e mudou-se para Manhattan no final dos anos 90. Foi uma das primeiras a registar um domínio «ponto com» — fez montes de dinheiro com isso durante dois anos, depois apanhou com o banho de espuma da Internet, em 2000. Go continuou imperturbável. Estava mais perto dos vinte do que dos trinta; estava ótima. Para o segundo ato, licenciou-se e juntou-se ao mundo dos fatos cinzentos da banca de investimento. Era de nível médio, nada que desse nas vistas, nada que merecesse censura, mas perdeu o emprego — depressa — com o colapso financeiro de 2008. Eu nem sequer sabia que ela tinha saído de Nova Iorque até ela me ter telefonado de casa da nossa mãe: desisto. Implorei-lhe, tentei persuadi-la a voltar, obtendo apenas como resposta um silêncio irritado do outro lado. Depois de desligar, fiz uma peregrinação ansiosa até ao seu apartamento, na Bowery, e vi Gary, a sua adorada ficus, toda amarela na escada de incêndio, e soube que ela não iria voltar.

O Bar parecia animá-la. Ela manuseava os livros, tirava as cervejas. Ia ao frasco das gorjetas com alguma regularidade, mas também trabalhava mais do que eu. Nunca falávamos sobre as nossas antigas vidas. Éramos Dunnes, tínhamos-lhes posto um ponto final e estávamos estranhamente contentes com isso.

— Então? — insistiu Go, com a fórmula habitual para iniciar uma conversa.

— Eh.

— Eh, o quê? Eh, de mau? Tu estás com mau aspeto.

Encolhi os ombros em sinal de assentimento; ela perscrutou o meu rosto.

— É a Amy? — perguntou. Era uma pergunta fácil. Voltei a encolher os ombros... desta vez, era uma confirmação, um o que é que se há de fazer?

Go olhou-me com uma expressão divertida, com ambos os cotovelos em cima do balcão do bar, as mãos a apoiar o queixo, acocorada para dissecar o meu casamento. Go, um painel de peritos de uma só pessoa.

— O que é que se passa com ela?

— Um dia mau. É apenas um dia mau.

— Não deixes que ela te preocupe. — Go acendeu um cigarro. Fumava exatamente um por dia. — As mulheres são doidas. — Go não considerava que fizesse parte da categoria geral de mulheres, uma palavra que usava de forma trocista.

Soprei o fumo de Go para cima da sua proprietária.

— Hoje é o nosso aniversário. Cinco anos.

— Uau! — A minha irmã inclinou a cabeça para trás. Tinha sido dama de honor com uma toilette violeta, «a maravilhosa dama de cabelo asa de corvo, vestida de ametista», como a apelidara a mãe de Amy, mas aniversários não eram coisa de que se lembrasse. — Tchh! Bolas, meu! Como o tempo passa... — Expeliu mais fumo para cima de mim, num jogo preguiçoso de apanhada ao cancro. — Ela vai fazer uma daquelas, hum..., como é que se diz?

— Caça ao tesouro.

A minha mulher adorava jogos, sobretudo jogos psicológicos, mas também jogos de puro divertimento, e pelo nosso aniversário inventava sempre uma elaborada caça ao tesouro, com cada uma das pistas a levar ao esconderijo da seguinte até chegarmos ao fim e ao

meu presente. Era o que o pai dela fazia sempre para a mãe quando faziam anos de casados, e não pensem que os papéis de gênero me passam ao lado, que não compreendo a alusão. Mas eu não cresci com a família de Amy, cresci com a minha, e o último presente que me lembro de o meu pai dar à minha mãe foi um ferro, posto em cima da bancada da cozinha, sem estar embrulhado.

— Vamos apostar até que ponto vai ficar chateada contigo este ano?
— perguntou Go, sorrindo por cima da sua cerveja.

O problema com as caças ao tesouro de Amy era que eu nunca entendia as pistas. No nosso primeiro aniversário, em Nova Iorque, acertei duas em sete. E foi o meu melhor ano. A charada de abertura era:

O lugar tem o seu quê de tenebroso,
Mas numa terça-feira do outono passado, demos lá um beijo
maravilhoso.

Quando eram crianças, estiveram nalgum concurso de soletração? Lembram-se daquele segundo nebuloso depois do anúncio da palavra, quando sondamos o cérebro para ver se a sabemos soletrar? A sensação foi essa, o pânico de uma branca.

— Um bar irlandês num lugar não tão irlandês assim — ajudou Amy.
Mordi o canto do lábio, comecei a encolher os ombros, perscrutando a nossa sala, como se a resposta pudesse surgir. Ela deu-me mais um longo minuto.

— Estávamos perdidos no meio da chuva — disse ela numa voz que já prenunciava uma certa irritação.

Terminei o encolher de ombros.

— McMann's, Nick. Não te lembras de quando nos perdemos no meio da chuva, em Chinatown, a tentar encontrar um sítio qualquer, supostamente perto da estátua de Confúcio, só que por acaso havia duas estátuas de Confúcio e acabámos nesse bar irlandês, completamente ensopados, e emborcámos uns quantos uísques e tu agarraste-me e deste-me um beijo, e foi...

— Pois foi! Devias ter feito uma pista com Confúcio, assim ia perceber.

— Não era a estátua que estava em causa. Era o lugar. O momento.

Pensava que tinha sido especial. — E proferiu estas últimas palavras numa cadência infantil que eu em tempos achara encantadora.

— E foi especial. — Puxei-a para junto de mim e beijei-a. — A marmelada que aí fizemos foi uma reposição especial de aniversário. Vamos até ao McMann's fazer a mesma coisa.

No McMann's, o barman, um rapaz corpulento de barba, viu-nos entrar e sorriu, serviu-nos um uísque a ambos e entregou-me a pista seguinte.

Quando estou em baixo e me sinto deprimida
Só há um lugar onde não fico perdida.

Vim a descobrir que era a estátua de Alice no País das Maravilhas, em Central Park, que Amy me dissera — sim dissera-me, sabia que mo tinha dito muitas vezes — ter a capacidade de a deixar animada quando era miúda. Não me recordo de nenhuma dessas conversas. E estou a ser sincero, muito simplesmente não me lembro. Tenho um bocadinho de DDA, e sempre achei a minha mulher um tanto ou quanto ofuscante, no sentido mais puro da palavra: perder a nitidez da visão, sobretudo por causa de olhar diretamente para a luz. Já bastava estar perto dela e ouvi-la falar, nem sempre importava o que estava a dizer. Devia importar, mas não importava.

Quando chegámos ao final do dia e à troca dos presentes — os presentes relacionados com papel, tradicionais do primeiro ano de casamento —, Amy já não falava comigo.

— Eu amo-te, Amy. Tu sabes que te amo — disse eu, seguindo-a por entre bandos de turistas siderados no meio do passeio, com ar alheado e de boca aberta. Amy esgueirava-se através da multidão em Central Park, manobrando entre praticantes de jogging com visão laser e skaters com pernas de tesoura, pais ajoelhados e crianças que davam os primeiros passos como se estivessem embriagadas, sempre à minha frente, de lábios cerrados, cheia de pressa de chegar a lado nenhum. Eu a tentar apanhá-la, a tentar agarrar-lhe o braço. Parou finalmente, brindou-me com uma expressão impassível enquanto eu me explicava, com um dedo mental a calcar o meu exaspero:

— Amy, não percebo porque é que tenho de provar o amor que sinto por ti recordando precisamente as mesmas coisas que tu,

precisamente da mesma forma que tu. Isso não significa que eu não goste da vida que temos juntos.

Um palhaço que se encontrava por perto encheu um balão para fazer um animal, um homem comprou uma rosa, uma criança lambeu um cone de gelado, e assim nasceu uma tradição genuína, uma que eu nunca esqueceria: Amy sempre a exceder-se, e eu nunca, sempre merecedora do esforço. Feliz aniversário, idiota.

— Estou mesmo a ver... Cinco anos! Ela vai ficar mesmo chateada — prosseguiu Go. — Por isso, espero que lhe tenhas comprado um presente muito bom.

— Daqueles que vêm na lista de coisas que se têm de fazer.

— Então e qual é o símbolo para os cinco anos? Papel?

— Papel é no primeiro ano. — No final da caça ao tesouro inesperadamente angustiante do Ano Um, Amy presenteou-me com um sofisticado conjunto de papel de carta e sobrescritos, com as minhas iniciais impressas no topo. O papel tinha uma textura tão cremosa que, ao passar a mão, fiquei à espera que os dedos viessem húmidos. Em troca, presenteei a minha esposa com um papagaio de papel barato vermelho-vivo, representando o parque, os piqueniques, os ventos quentes estivais. Nenhum dos dois gostou dos presentes; teríamos preferido o do outro. Era um O. Henry ao contrário.

— Prata? — disse Go à sorte. — Bronze? Marfim? Ajuda-me!

— Madeira — repliquei. — Não há presentes românticos para madeira.

Na outra ponta do bar, Sue dobrou muito bem o jornal e deixou-o em cima do balcão, juntamente com a caneca vazia e uma nota de cinco dólares. Trocámos todos sorrisos em silêncio quando ela saiu.

— Já sei — disse Go. — Vai para casa, fode-a até mais não, a seguir bate-lhe com o pénis na cara e grita: «Aqui tens a tua madeira, cabra!»

Rimo-nos. Depois, ambos corámos no mesmo ponto das faces. Era o tipo de piada obscena, pouco própria de uma irmã, que Go gostava de me atirar como uma granada. Também era por isso que, nos tempos de liceu, corria sempre o boato de que fazíamos sexo um com o outro às escondidas. Gemincesto. Éramos demasiado chegados: as nossas piadas privadas, os nossos apartes ditos entre dentes. Tenho a certeza de que não preciso de dizer isto, mas vocês não são a Go e corremos o risco de ser mal interpretados, por isso vou dizer: eu e a minha irmã

nunca fizemos sexo, nem nunca pensámos em fazer. Gostamos apenas um do outro.

Go estava agora a representar uma pantomima, como se estivesse a bater com a pila na minha mulher.

Não, Amy e Go nunca seriam amigas. Eram as duas demasiado territoriais. Go estava habituada a ser a fêmea alfa da minha vida, e Amy estava habituada a ser a fêmea alfa da vida de toda a gente. Para duas pessoas que viviam na mesma cidade — na mesma cidade por duas vezes: primeiro Nova Iorque e agora ali — mal se conheciam. Entravam e saíam da minha vida como atores em cena bem cronometrados, com um a sair pela porta quando o outro entrava, e nas raras ocasiões em que ambas habitavam o mesmo espaço, pareciam algo perplexas com a situação.

Antes da minha relação com Amy ficar séria, de termos ficado noivos e casado, captava vislumbres dos pensamentos de Go numa ou noutra frase. É curioso, não consigo percebê-la, saber quem ela é realmente. E: Quando estás com ela, não pareces tu. E: Há uma diferença entre amar realmente alguém e amar a ideia que fazemos dessa pessoa. E finalmente: O importante é que ela te faça verdadeiramente feliz.

Isto no tempo em que Amy me fazia verdadeiramente feliz.

Amy também dava as suas opiniões em relação a Go: Ela é muito... Missouri, não é? E: Temos de estar com o estado de espírito certo para ela. E: Ela é um bocadinho possessiva em relação a ti, mas também suponho que não tenha mais ninguém.

Quando voltámos todos para o Missouri, ainda tive a esperança de que as duas se deixassem daquilo — concordassem em discordar, livres de manter a sua própria individualidade. Nenhuma das duas o fez. Mas Go era mais divertida do que Amy, portanto era uma batalha desigual. Amy era inteligente, mordaz, sarcástica. Amy conseguia deixar-me exasperado, conseguia lançar farpas excelentes, mas Go fazia-me sempre rir. É perigoso rirmo-nos da nossa esposa.

— Go, pensava que tínhamos concordado em que nunca mais voltavas a falar da minha genitália — disse eu. — Que no âmbito da nossa relação de irmãos, não tenho genitália.

O telefone tocou. Go bebeu mais um gole de cerveja e atendeu, revirou os olhos e sorriu. «Sim, é claro que está aqui. Um momento,

por favor!» Virou-se para mim e articulou em surdina: «Carl.»

Carl Pelley vivia mesmo em frente da casa onde eu morava com Amy. Estava reformado há três anos. Divorciado há dois. Mudou-se para a nossa urbanização logo a seguir a isso. Tinha sido caixeiro-viajante — artigos para festas infantis — e eu percebia que, após quatro décadas a viver em motéis, ele não se sentia propriamente à vontade em casa. Aparecia no bar quase todos os dias, com um resistente saco do Hardee's, a queixar-se do seu orçamento até lhe oferecerem uma primeira bebida por conta da casa. (Esta foi outra coisa que fiquei a saber sobre Carl por causa do tempo que passava no Bar — era um alcoólico funcional, mas grave.) Dizia estar disposto a aceitar tudo aquilo de que nos estivéssemos «a tentar livrar», e estava a falar a sério: durante um mês a fio, Carl bebeu apenas Zimas empoeiradas, engarrafadas por volta de 1992, que tínhamos descoberto na cave. Quando Carl ficava retido em casa por causa de uma ressaca, encontrava sempre um motivo para telefonar: Hoje, a sua caixa de correio tem ar de estar muito cheia, Nicky. Talvez tenha chegado alguma encomenda. Ou: Eles deram chuva, é capaz de querer fechar as janelas. Os motivos eram fictícios. Carl precisava apenas de ouvir o tilintar dos copos, o gorgolejo de uma bebida a ser deitada no copo.

Agarrei no telefone, abanando um copo com gelo junto ao auscultador, para Carl poder imaginar o seu gim.

— Olá, Nicky — disse a voz aguada de Carl. — Desculpe incomodá-lo. Achei apenas que devia saber... a sua porta está toda aberta e aquele vosso gato está cá fora. Não devia estar, pois não?

Emiti um grunhido prudente.

— Eu até ia lá ver, mas estou um bocadinho indisposto — disse Carl em tom pesaroso.

— Não se preocupe — disse eu. — De qualquer forma, está na hora de ir para casa.

Era um trajeto de quinze minutos, sempre para norte ao longo de River Road. De vez em quando, a viagem de carro até à nossa urbanização provoca-me arrepios devido ao número de casas escancaradas e às escuras — lares que nunca conheceram habitantes, ou lares que os conheceram e os viram despejados, com a casa a ficar triunfantemente vazia, sem sinal de humanos.

Quando eu e Amy nos mudámos para lá, os nossos únicos vizinhos caíram em cima de nós: uma mãe solteira de três filhos, de meia-idade, a segurar um guisado; um jovem pai de trigêmeos com uma embalagem de seis cervejas (a mulher tinha ficado em casa com os trigêmeos); um casal cristão mais velho, que vivia algumas casas mais abaixo; e, é claro, Carl, que vivia à nossa frente. Sentámo-nos lá fora, no alpendre das traseiras, a ver o rio; e todos eles falaram pesarosamente sobre hipotecas com taxa de juro variável, e em juros de zero por cento, e financiamentos de cem por cento, e depois todos referiram o facto de eu e Amy sermos os únicos que tínhamos acesso ao rio, os únicos sem filhos.

— São só vocês os dois? Neste casarão? — perguntou a mãe solteira, distribuindo pequenas porções de qualquer coisa com ovo mexido.

— Somos só nós os dois — confirmei com um sorriso, e acenei apreciativamente enquanto comia uma garfada de ovo instável.

— Parece muito solitário.

Nisso, ela tinha razão.

Quatro meses mais tarde, a senhora do casarão perdeu a batalha da sua hipoteca e desapareceu durante a noite com os seus três filhos. A casa continuou vazia. A janela da sala ainda tem o desenho infantil de uma borboleta preso ao vidro com fita-cola, com as cores vivas das canetas de feltro desbotadas pelo sol. Uma noite, não há muito tempo, passei por lá de carro e vi um homem de barba, com mau aspeto, a olhar cá para fora por detrás do desenho, flutuando no escuro como um peixe de aquário triste. Ele viu que eu o tinha visto e recuou para as profundezas da casa. No dia seguinte, deixei um saco de papel pardo cheio de sanduíches na soleira da porta; ficou ali ao sol, sem que ninguém lhe tocasse, durante uma semana, em putrefação húmida, até eu o ir buscar e deitar fora.

Silencioso. O complexo estava sempre perturbadoramente silencioso. Ao aproximar-me da nossa casa, consciente do barulho do motor do carro, vi que o gato estava mesmo nos degraus. Continuava nos degraus, vinte minutos depois do telefonema de Carl. Era estranho. Amy adorava o gato, o gato não tinha garras, nunca vinha cá fora, nunca por nunca, porque o gato, Bleecker, era dócil, mas extremamente estúpido, e apesar do dispositivo de localização LoJack cravado algures nas suas pregas de gordura peludas, Amy sabia que

não voltaria a ver o gato se ele alguma vez saísse de casa. O gato iria a bambolear-se até ao rio Mississípi e iria a flutuar até ao golfo do México, para encher a barriga a um tubarão-touro esfomeado.

Mas, pelos vistos, o gato nem sequer era suficientemente inteligente para descer os degraus. Bleecker estava empoleirado na ponta do alpendre, qual sentinela rechonchuda, mas orgulhosa — o soldado Tryhard. Quando parei o carro no caminho da entrada, Carl veio cá fora e ficou parado nos degraus da sua própria entrada, e eu podia sentir o gato e o velhote a observarem-me, enquanto eu saía do carro e caminhava em direção a casa, ladeado por peónias vermelhas enormes e sumarentas a pedirem para ser devoradas.

Estava prestes a assumir uma posição de bloqueio, para apanhar o gato, quando vi que a porta de entrada estava aberta. Carl já me tinha dito, mas ver era diferente. Aquilo não era a porta aberta de quem vai levar o lixo e volta dentro de um minuto. Aquilo era uma porta escancarada e agoirenta.

Carl andava por ali, à espera da minha resposta, e como num horrível evento de arte performativa, dei por mim a representar o papel do marido preocupado. Parei no degrau do meio e franzi o sobrolho, depois subi as escadas rapidamente, dois degraus de cada vez, chamando pelo nome da minha mulher.

Silêncio.

— Amy, estás em casa?

Fui a correr lá acima. Nada de Amy. A tábua de passar a ferro estava armada, o ferro ainda estava ligado e um vestido à espera de ser passado.

— Amy!

Quando voltei a correr para baixo, vi que Carl continuava emoldurado pela porta, de mãos nas ancas, a observar. Virei para a sala e estaquei de repente. O tapete brilhava com fragmentos de vidro, a mesa de centro estava feita em bocados. As mesinhas de apoio tinham sido derrubadas, e havia livros espalhados pelo chão como um truque de cartas. Até mesmo a pesada otomana antiga estava virada ao contrário, com os seus quatro pés minúsculos no ar, como uma coisa morta. No meio da confusão, estava uma tesoura boa e afiada.

— Amy!

Comecei a correr, berrando o seu nome. Atravessei a cozinha, onde

havia uma chaleira a queimar-se, fui até à cave, onde o quarto de hóspedes continuava vazio, e depois saí pela porta das traseiras. Atravessei pesadamente o pátio até à plataforma de embarque que se prolongava sobre o rio. Espreitei de lado para ver se ela estava no nosso barco a remos, onde a encontrara um dia, amarrada à doca, a baloiçar na água, de rosto virado para o sol, olhos fechados, e quando eu examinara os reflexos deslumbrantes do rio no seu lindo rosto imóvel, tinha aberto os seus olhos azuis de repente sem me dizer nada, e eu nada lhe disse, e voltei para casa sozinho.

— Amy!

Não estava na água, não estava dentro de casa. Amy não estava ali. Amy tinha desaparecido.

Amy Elliott — 18 de Setembro de 2005

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Ora, ora! Sabem quem voltou? Nick Dunne, o rapaz da festa em Brooklyn, o do beijo na nuvem de açúcar, que se tinha eclipsado. Durante oito meses, duas semanas e dois dias, nem uma palavra, e depois volta a aparecer, como se fizesse tudo parte do plano. Parece que tinha perdido o meu número de telefone. O telemóvel dele estava sem bateria, por isso tinha-o escrito num papelinho autocolante. Depois, tinha-o enfiado no bolso das calças de ganga e pô-las na máquina, o que transformou o papel numa pasta em forma de ciclone. Tentou desenrolá-lo, mas só conseguiu ver um 3 e um 8. (Disse ele.)

E depois ficou cheio de trabalho e, de repente, já estávamos em março e era constrangedoramente tarde para tentar encontrar-me. (Disse ele.)

É claro que estava zangada. Tinha estado zangada. Mas agora não estou. Deixem-me descrever a cena. (Disse ela.) Hoje. Ventos fortes de setembro. Vou a andar pela Sétima Avenida, a aproveitar a hora de almoço para contemplar as caixas à porta das mercearias — intermináveis contentores plásticos de meloa, melão branco e melão verde colocados sobre gelo, como a pescaria do dia — e senti um homem colado a mim enquanto eu seguia o meu caminho. Espreitei o intruso pelo canto do olho e percebi quem era. Era ele. O rapaz em «Conheci um rapaz!»

Não parei de caminhar, virei-me simplesmente para ele e disse:

- a) «Conheço-o?» (manipuladora, provocadora)
- b) «Oh! Uau! Estou tão feliz por vê-lo!» (ansiosa, tipo capacho)
- c) «Vá dar uma curva!» (agressiva, ressentida)
- d) «Bem, não há dúvida de que faz as coisas com calma, não é, Nick?» (leve, brincalhona, descontraída)

Resposta: D

E agora estamos juntos. Juntos, juntos. Foi tão fácil quanto isso.

É interessante, a altura em que isto aconteceu. Propícia, se quiserem. (E eu quero.) Ontem à noite, foi a festa do lançamento do livro dos meus pais. A Incrível Amy e o Grande Dia. Sim, Rand e Marybeth não conseguiram resistir. Deram à homónima da filha aquilo que não podem dar à filha: um marido! Sim, no livro número vinte, a Incrível Amy vai-se casar! Iupi! Ninguém quer saber disso. Ninguém queria que a Incrível Amy crescesse, muito menos eu. Melhor seria deixá-la de meias pelo joelho e fitas no cabelo, e darem-me a mim a possibilidade de crescer, sem ter a vida dificultada pelo meu alter ego literário, pela minha melhor metade presa ao papel, pela pessoa que devia ser.

Mas Amy é o ganha-pão dos Elliotts, e tem-nos servido bem, por isso suponho que não posso levar-lhe a mal o facto de não ser igual a mim. Ela vai-se casar com o Competente Andy, é claro. Vão ser exatamente como os meus pais: muito felizes.

De qualquer forma, foi perturbadora a tiragem incrivelmente pequena que a editora ordenou. Um livro novo da Incrível Amy costumava ter uma primeira edição de cem mil cópias, nos anos 80. Agora, dez mil. Por conseguinte, a festa de lançamento do livro também foi tudo menos fabulosa. Fora de tom. Como é que se dá uma festa para uma personagem ficcional que começou a vida como uma fedelha de seis anos e que está agora noiva aos trinta anos, mas continua a falar como se fosse uma criança? («Bolas», pensou Amy, «não há dúvida de que o meu querido noivo é um monstro resmungão quando não consegue o que quer...») Isto é uma citação autêntica. Todo o livro me deu vontade de esmurrar Amy na sua vagina estúpida e imaculada. O livro é um artigo nostálgico, destinado a ser comprado por mulheres que cresceram com a Incrível Amy, mas não sei muito bem quem quererá realmente lê-lo. Eu li-o, é claro. E dei-lhe a minha bênção — múltiplas vezes. Rand e Marybeth receavam que eu pudesse encarar o casamento de Amy como uma crítica ao meu estado de eterna solteira. («Eu até acho que as mulheres não deviam casar-se antes dos trinta e cinco», disse a minha mãe, que se casou com o meu pai aos vinte e três.)

Os meus pais sempre se preocuparam com o facto de eu poder levar Amy demasiado a peito — dizem-me sempre para não lhe dar

demasiada importância. E, no entanto, não posso deixar de reparar que, sempre que faço asneira, Amy faz as coisas como deve ser: quando desisti finalmente do violino, aos doze anos, Amy revelou-se um prodígio no livro seguinte. («Bolas, o violino dá muito trabalho, mas trabalhar muito é a única forma de melhorar!») Quando eu deixei escapar o campeonato júnior de ténis, aos dezasseis anos, para passar um fim de semana na praia com amigos, Amy reafirmou o seu empenho na modalidade. («Bolas, eu sei que é divertido passar tempo com os amigos, mas estaria a desiludir-me a mim própria e a toda a gente se não aparecesse no torneio.») Isto costumava dar comigo em doida, mas depois de eu ter ido para Harvard (e de Amy ter escolhido corretamente a alma mater dos meus pais), decidi que era tudo demasiado ridículo para pensar sequer sobre isso. O facto de os meus pais, dois psicólogos infantis, terem optado por esta forma pública e muito particular de comportamento passivo-agressivo para com a sua própria filha não era apenas lixado, mas também estúpido, esquisito e de certo modo hilariante. Que assim seja, então.

A festa do livro foi tão esquizofrénica quanto o livro — na Bluenight, perto da Union Square, num daqueles salões sombrios, com poltronas e espelhos art déco que supostamente nos fazem sentir jovens alegres e ambiciosos. Martínis com gim a balouçar em bandejas trazidas por empregados com sorrisos forçados. Jornalistas ávidos com ar de entendidos e gosto pelo álcool, aproveitando a bebida à borla antes de irem para um lugar melhor.

Os meus pais circulam pela sala de mão dada — a sua história de amor faz sempre parte da história de Incrível Amy: marido e mulher em trabalho criativo mútuo há um quarto de século. Almas gémeas. Na verdade, eles próprios se denominam assim, o que faz sentido, porque suponho que o sejam. Posso atestar isso, tendo-os analisado enquanto filha única e solitária durante muitos anos. Não têm arestas a limar entre si, nada de conflitos espinhosos, atravessam a vida como alforrecas siamesas — expandindo-se e contraindo-se instintivamente, enchendo os espaços uma da outra de forma fluida. Dando a sensação de que é fácil isso das almas gémeas. As pessoas dizem que os filhos de lares desfeitos têm uma vida difícil, mas os filhos de casamentos de encantar também têm os seus desafios.

Naturalmente, tenho de me sentar numa banquetta aveludada

qualquer ao canto da sala, longe do barulho, para poder dar algumas entrevistas a um punhado de estagiários tristes incumbidos pelos seus editores de «arranjar uma citação».

Qual é a sensação de ver Amy finalmente casada com Andy? Porque, no seu caso, não é casada, pois não?

Pergunta feita por:

a) Um rapaz acanhado de olhos arregalados, que equilibra um bloco de notas em cima da sua mala à tiracolo.

b) Uma jovem demasiado bem vestida, de cabelo liso e lustroso, com uns chamativos sapatos de salto agulha.

c) Uma rapariga impaciente com ar roqueiro e tatuagens, que parecia muito mais interessada em Amy do que seria de esperar de uma rapariga com ar roqueiro e tatuagens.

d) Todos os acima enunciados.

Resposta: D

Eu: «Oh, estou entusiasmadíssima pela Amy e pelo Andy, desejolhes tudo de bom. Ah-ah.»

As minhas respostas a todas as outras perguntas, sem nenhuma ordem especial:

«Algumas partes de Amy são inspiradas em mim, outras são apenas ficção.»

«Neste momento, sou uma solteira feliz, não tenho nenhum Competente Andy na minha vida!»

«Não, não creio que Amy simplifique excessivamente a dinâmica masculino-feminino.»

«Não, eu não diria que Amy está fora de moda; eu acho que a série é um clássico.»

«Sim, sou solteira. Não há nenhum Competente Andy na minha vida, neste momento.»

«Porque é que Amy é incrível e Andy simplesmente competente? Bem, será que não conhecem uma série de mulheres poderosas e fabulosas que se conformam com tipos perfeitamente vulgares, medianos e competentes? Não, estava só a brincar, não escrevam isso.»

«Sim, sou solteira.»

«Sim, os meus pais são seguramente almas gémeas.»

«Sim, gostaria de ter isso para mim, um dia.»

«Sim, solteira, filho da mãe.»

As mesmas perguntas vezes sem conta, e eu a tentar fingir que eram inspiradoras. E eles a tentarem fingir que eram inspiradoras. Graças a Deus pelo bar aberto.

A seguir, já ninguém quer falar comigo — assim de repente — e a rapariga das RP finge que isso é bom: Agora, já pode voltar para a sua festa! Consigo abrir caminho de volta à (pequena) multidão, onde os meus pais estão totalmente ligados em modo de anfitriões, de rostos corados — Rand, com o seu sorriso de peixe pré-histórico, Marybeth com as suas madeixas galináceas e alegres, de mãos entrelaçadas, provocando o riso um ao outro, desfrutando da companhia um do outro, excitados um com o outro — e eu penso: Estou tão irremediavelmente sozinha.

Vou para casa e choro durante um bocado, estou quase a fazer trinta e dois anos. Não sou propriamente velha, sobretudo em Nova Iorque, mas a verdade é que já se passaram anos desde que gostei verdadeiramente de alguém. Por isso, qual será a probabilidade de encontrar alguém que ame, quanto mais alguém que ame o suficiente para me casar? Estou farta de não saber com quem irei estar ou se irei estar com alguém.

Tenho muitas amigas que são casadas — não muitas que sejam casadas e felizes, mas tenho muitas amigas casadas. As poucas felizes são como os meus pais: ficam perplexas com o facto de eu ser solteira. Uma rapariga inteligente, bonita e simpática como eu, uma rapariga com tantos interesses e entusiasmos, um emprego fixe, uma família unida. E, digamo-lo, com dinheiro. Franzem o sobrolho e fingem pensar em homens com quem me podiam juntar, mas todas sabemos que não sobrou nenhum, não sobrou nenhum bom, e eu sei que, lá no íntimo, elas pensam que há alguma coisa de errado comigo, alguma coisa oculta que me torna impossível de satisfazer e insatisfeita.

Aquelas que não têm uma alma gémea — aquelas que se acomodaram — desdenham ainda mais da minha condição de solteira: não é assim tão difícil encontrar alguém para casar, dizem. Não há relacionamentos perfeitos, dizem — elas, que lá se arranjam com sexo

respeitador e rituais de gases à hora de deitar, que aceitam a televisão como conversa e que acreditam que a capitulação dos maridos — sim, querida; está bem, querida — é a mesma coisa que harmonia. Ele faz o que lhe dizes para fazer porque não se importa o suficiente para discutir, creio eu. As tuas exigências mesquinhas só servem para que ele se sinta superior ou rancoroso, e um dia acabará na cama com uma colega de trabalho bonita e jovem, que não lhe pede nada, e tu vais ficar chocada. Arranjem-me um homem com chama lá dentro, um homem que me censure pelas minhas tretas. (Mas que até ache alguma graça às minhas tretas.) Porém, não me metam num desses relacionamentos em que estamos sempre a picar-nos um ao outro, a disfarçar insultos de piadas, a revirar os olhos e a brigar «jovialmente» em frente dos nossos amigos, à espera de conseguir pô-los do nosso lado numa discussão em que não podiam estar menos interessados. Esses horríveis relacionamentos do tipo se não fosse... Este casamento seria ótimo, se não fosse... e sentimos que a lista que se segue ao se não fosse é um bocadinho maior do que qualquer deles se apercebe.

Portanto, sei que tenho razão em não me acomodar, mas isso não me faz sentir melhor quando as minhas amigas se juntam aos seus parceiros e eu fico em casa à sexta-feira à noite, com uma garrafa de vinho, e cozinho uma refeição extravagante, dizendo de mim para mim: Isto está perfeito, como se estivesse a namorar comigo mesma. Ou quando vou a séries infundáveis de festas e noitadas em bares, perfumada, desodorizada e maravilhosa, rodopiando pela sala como uma sobremesa duvidosa. Tenho encontros românticos com homens que são simpáticos, bonitos e inteligentes — homens teoricamente perfeitos, que me fazem sentir como se estivesse num país estrangeiro, a tentar explicar-me, a tentar dar-me a conhecer. Pois não é esse o objetivo de todos os relacionamentos? Sermos conhecidos por outra pessoa, sermos compreendidos? Ele percebe-me. Ela percebe-me. Não é essa a simples frase mágica?

Por isso, sofres a noite inteira ao lado do homem teoricamente perfeito — as piadas mal interpretadas, as observações espirituosas atiradas para o ar e perdidas. Ou talvez ele compreenda que acabaste de fazer uma observação espirituosa, mas, sem saber o que fazer com ela, a segure na mão como um bocadinho de muco cuspidido durante a conversa, que limpará mais tarde. Passamos outra hora a tentar

encontrarmo-nos, a tentar reconhecerno-nos, e bebemos um bocadinho demais e esforçamo-nos demais. E depois voltas para casa, para a cama fria, e pensas: Foi bom. E a tua vida passa a ser uma longa sucessão de bons.

Depois, dás de caras com alguém como Nick Dunne na Sétima Avenida, quando estás a comprar cubos de meloa, e zás! Ambos somos conhecidos e reconhecidos. Ambos achamos as mesmas coisas dignas de serem recordadas. (Mas só uma azeitona.) Temos o mesmo ritmo. Clique. Conhecemo-nos mutuamente. De repente, vês-te a ler na cama e waffles ao domingo e a rir por nada e a boca dele na tua. E é tão para lá de bom que sabes que não podes voltar ao bom. Assim de repente. E pensas: Oh, aqui está o resto da minha vida. Chegou finalmente.

O DIA DE NICK DUNNE

Primeiro, esperei pela polícia na cozinha, mas o cheiro acre da chaleira queimada estava a acumular-se na parte de trás da garganta, sublinhando a minha necessidade de vomitar, por isso fui até ao alpendre da entrada, sentei-me no degrau de cima e obriguei-me a ficar calmo. Continuei a tentar ligar para o telemóvel de Amy, e continuou a ir parar ao correio de voz, com aquela promessa cadenciada e rápida de que responderia ao telefonema. Amy respondia sempre aos telefonemas. Já tinham passado três horas, eu tinha deixado cinco mensagens e Amy ainda não tinha telefonado.

Não estava à espera que o fizesse. Ia dizer à polícia que Amy nunca teria saído de casa com a chaleira ligada. Nem com a porta aberta. Nem com uma peça à espera de ser passada a ferro. Era uma mulher que fazia as coisas, e não era pessoa de abandonar um projeto (por exemplo, o marido a precisar de remodelação), mesmo que decidisse que não gostava dele. Tinha feito uma triste figura na praia das Fiji durante a nossa lua de mel de duas semanas, singrando lentamente através das inúmeras páginas místicas da Crónica do Pássaro de Corda, lançando-me olhares irritados enquanto eu devorava policial atrás de policial. Desde a mudança para o Missouri e da perda do emprego que a sua vida girava (degenerava?) em torno da conclusão de infindáveis projetos minúsculos e inconsequentes. O vestido teria sido passado a ferro.

E havia a sala com sinais que apontavam para uma luta. Eu já sabia que ela não ia telefonar. Queria que começasse a parte seguinte.

Era a melhor altura do dia, com o céu de julho totalmente limpo, o lento ocaso transformado num projetor a oriente, tornando tudo dourado e luxuriante, como um quadro flamengo. A polícia apareceu. Parecia uma situação informal, comigo ali sentado nos degraus, uma ave noturna a cantar na árvore, aqueles dois polícias a saírem do carro em passo vagaroso, como se viessem para um piquenique nas redondezas. Os polícias eram uns miúdos, na casa dos vinte e poucos anos, confiantes e pouco inspirados, acostumados a acalmar pais preocupados de adolescentes que não voltavam para casa à hora marcada. Uma rapariga hispânica, com o cabelo apanhado numa longa trança escura, e um negro com pose de fuzileiro. Cartago tinha-se

tornado um bocado (um bocadinho) menos caucasiana enquanto eu estivera fora, mas continuava a existir uma segregação tão grande que as únicas pessoas de cor que eu via no meu dia a dia tendiam a ser vagabundos ocupacionais: estafetas, paramédicos, carteiros, polícias («Este lugar é tão branco que chega a ser perturbador», disse Amy, que, na mistura de raças de Manhattan, contava apenas com uma única afro-americana entre as suas amigas. Eu acusei-a de querer realizar uma operação de branqueamento étnico, com as minorias como pano de fundo. Não correu bem.)

— Senhor Dunne? Sou a agente Velásquez — disse a mulher — e este é o agente Riordan. Disseram-nos que está preocupado com a sua mulher, não é?

Riordan olhou para o fundo da estrada, chupando um rebuçado. Vi os seus olhos seguirem um pássaro que voava como uma seta sobre o rio. Depois, virou o olhar novamente na minha direção, com os seus lábios contraídos a dizerem-me que via o mesmo que toda a gente. Tenho uma cara que dá vontade de esmurrar: sou um miúdo irlandês de classe média aprisionado no corpo de um perfeito otário endinheirado. Sorrio muito para compensar o meu rosto, mas isso só resulta às vezes. Na universidade, ainda usei óculos durante uns tempos, óculos não graduados, com lentes transparentes, que eu achava que me conferiam uma fisionomia afável e pouco ameaçadora. «Tu tens a noção que isso ainda te dá um ar mais convencido?», perguntou Go. Deitei-os fora e comecei a sorrir ainda mais.

Fiz sinal aos polícias para entrarem.

— Entrem e vejam.

Subiram os degraus, acompanhados pelo tilintar e roçar dos seus cintos e armas. Parei à porta da sala e aponte para a destruição.

— Oh! — exclamou o agente Riordan, fazendo estalar as articulações dos dedos. Pareceu menos enfadado de repente.

Riordan e Velásquez inclinaram-se para a frente nos seus lugares à mesa da casa de jantar enquanto me faziam todas as perguntas iniciais: quem, onde, quanto tempo. As suas orelhas estavam literalmente arrebitadas. Tinham feito um telefonema longe do alcance dos meus ouvidos e Riordan informou-me que vinham detetives a caminho. Senti o orgulho solene de ser levado a sério.

Riordan estava a perguntar-me pela segunda vez se tinha visto desconhecidos por ali ultimamente e a recordar-me pela terceira vez os bandos de sem-abrigo que vagueavam agora por Cartago quando o telefone tocou. Lancei-me numa correria através da sala e agarrei-o.

Uma voz mal-humorada de mulher:

— Senhor Dunne, daqui fala da Comfort Hill Assisted Living. — Era o sítio onde eu e Go tínhamos internado o nosso pai, que sofria de Alzheimer.

— Não posso falar agora, depois telefono-lhe — disse eu rispidamente e desliguei. Eu desprezava as mulheres que trabalhavam em Comfort Hill: não esboçavam um sorriso, uma palavra de conforto. Mal pagas, extremamente mal pagas, sendo provavelmente essa a razão para nunca sorrirem, nem dizerem palavras de conforto. Eu sabia que a minha raiva em relação a elas estava mal direccionada — o facto de o meu pai continuar vivo, enquanto a minha mãe já estava debaixo da terra, deixava-me completamente furioso.

Era a vez de Go mandar o cheque. Tinha a certeza absoluta de que, em julho, era a vez de Go. E também tinha a certeza de que ela estaria convencida que era a minha. Já tínhamos passado por aquilo antes. Go dizia que devíamos andar ambos a esquecermo-nos inconscientemente de enviar esses cheques, pois o que na realidade queríamos era esquecer o nosso pai.

Eu estava a contar a Riordan sobre o homem desconhecido que vira na casa deixada vaga pela nossa vizinha quando a campainha da porta tocou. Parecia tão normal, como se eu estivesse à espera de uma piza.

Os dois detetives entraram com um cansaço próprio de fim de turno. O homem era alto e magro, com um rosto que afunilava num queixo muito estreito. A mulher era surpreendentemente feia — transcendia descaradamente a fealdade quotidiana: olhos redondos minúsculos, incrustados como botões, um nariz comprido e deformado, a pele cheia de alatinhos, cabelo comprido escorrido da cor de um coelhinho empoeirado. Eu sinto afinidade por mulheres feias. Fui criado por um trio de mulheres que eram pouco atraentes — a minha avó, a minha mãe, a minha irmã — e todas elas eram boas mulheres, inteligentes, bondosas, divertidas e enérgicas. Amy foi a primeira rapariga bonita com quem namorei, com quem namorei a sério.

A mulher feia falou primeiro, um eco da agente Velásquez.

— Senhor Dunne? Sou a detetive Rhonda Boney. Este é o meu parceiro, o detetive Jim Gilpin. Disseram-nos que está preocupado com a sua mulher.

O meu estômago roncou suficientemente alto para todos nós ouvirmos, mas todos fingimos não ouvir.

— O senhor não se importa que demos uma vista de olhos? — perguntou Gilpin. Tinha uns grandes papos debaixo dos olhos e uns pelos brancos e ralos no bigode. A camisa não estava amarrotada, mas usava-a como se estivesse; tinha ar de quem tresandava a cigarros e a café, embora isso não acontecesse. Cheirava a sabonete Dial.

Acompanhei-os durante os poucos passos que os separavam da sala, aponteí mais uma vez para os estragos, onde os dois polícias mais jovens estavam cuidadosamente ajoelhados, como que à espera de serem descobertos a fazer algo de útil. Boney levou-me até uma cadeira na casa de jantar, longe dos sinais de luta, mas de onde continuavam a ser visíveis.

Rhonda Boney fez-me repetir as mesmas coisas que já dissera a Velásquez e Riordan, com os seus olhos atentos de pardal cravados em mim. Gilpin agachou-se sobre um joelho avaliando a sala.

— Telefonou a amigos ou familiares, pessoas com quem a sua esposa possa estar? — perguntou Rhonda Boney.

— Eu... Não. Ainda não. Acho que estava à vossa espera.

— Ah! — Ela sorriu. — Deixe-me adivinhar: é o mais novo da família.

— O quê?

— É o filho mais novo.

— Tenho uma irmã gémea. — Senti que havia ali um juízo de valor implícito. — Porquê? — A jarra preferida de Amy estava deitada no chão, intacta, contra a parede. Era um presente de casamento, uma obra-prima japonesa que Amy guardava todas as semanas quando a empregada da limpeza lá ia, porque tinha a certeza de que ela a partiria.

— Foi apenas um palpite em relação ao motivo para ter ficado à nossa espera. Está habituado a que seja sempre outra pessoa a assumir o comando — disse Boney. — Acontece o mesmo com o meu irmão mais novo. Tem a ver com a ordem do nascimento. — Escrevinhou qualquer coisa num bloco de apontamentos.

— Está bem. — Encolhi os ombros com irritação. — Também precisa

que lhe diga o meu signo ou podemos começar?

Boney sorriu-me bondosamente, à espera.

— Fiquei à espera para fazer alguma coisa porque é óbvio que ela não está com nenhuma amiga — disse eu apontando para a confusão na sala.

— Vive aqui há quanto tempo, senhor Dunne? Dois anos? — perguntou ela.

— Faz dois anos em setembro.

— Vindo de onde?

— Nova Iorque.

— Da cidade?

— Sim.

Ela apontou lá para cima, pedindo autorização sem pedir, e eu acenei afirmativamente e segui-a com Gilpin atrás de mim.

— Era escritor — deixei escapar, sem conseguir controlar-me. Mesmo agora, estando ali já há dois anos, não conseguia suportar o facto de alguém pensar que aquela era a minha única vida.

— Impressionante! — exclamou Boney.

— De quê? — perguntou Gilpin.

Regulei a cadência da resposta pela subida da escada.

— Escrevia para uma revista (degrau), escrevia sobre cultura pop (degrau) para uma revista masculina (degrau). — Ao cimo da escada, virei-me e vi Gilpin a olhar para trás, para a sala. Virou-se rapidamente.

— Cultura pop? — indagou ele ao começar a subir. — O que é que isso implica exatamente?

— Cultura popular — repliquei. Chegámos ao cimo das escadas, onde Boney esperava por nós. — Filmes, televisão, música, mas... hum, nada de artes nobres, nada de grandiloquente. — Estremeci.

Grandiloquente? Mas que ar de superioridade! Provavelmente, vocês, seus parolos, precisam que traduza o meu inglês, vírgula, de gente instruída da Costa Leste, vírgula, para inglês popular do Midwest. Eu escrevo umas coisas que me vêm à cabeça depois de ver umas fitas!

— Ela adora filmes — disse Gilpin gesticulando em direção a Boney. Esta acenou com a cabeça numa confirmação silenciosa.

— Agora sou proprietário do Bar, na baixa — acrescentei. Também dava aulas numa escola superior de educação, mas acrescentar isso

pareceu-me, de repente, um ato demasiado desesperado. Eu não estava a ter um encontro romântico.

Boney estava a espreitar para dentro da casa de banho, fazendo com que eu e Gilpin parássemos no corredor.

— O Bar? — disse ela. — Eu conheço. Andava com vontade de passar por lá. Adoro o nome. Muito «meta»...

— Parece uma jogada inteligente — disse Gilpin. Boney dirigiu-se para o quarto, e nós seguimo-la. — Uma vida rodeada de cerveja não deve ser má.

— Às vezes, a resposta está no fundo de uma garrafa — disse eu, e depois voltei a pestanejar diante de uma observação tão pouco própria.

Entrámos na casa de banho.

— A quem o diz — riu-se Gilpin.

— Estão a ver que o ferro ainda está ligado? — comecei eu.

Boney assentiu, abriu a porta do nosso espaçoso quarto de vestir e entrou lá para dentro, acendendo a luz e passando as mãos enfiadas em luvas de látex sobre camisas e vestidos, à medida que avançava para o fundo. Emitiu um ruído súbito, inclinou-se e virou-se, segurando uma caixa perfeitamente quadrada embrulhada em papel prateado.

Senti um aperto no estômago.

— Alguém faz anos? — perguntou ela.

— É o aniversário do nosso casamento.

Boney e Gilpin contraíram-se ambos como aranhas e fingiram que isso não acontecera.

Quando voltámos à sala, os agentes jovens tinham-se ido embora. Gilpin ajoelhou-se a analisar a otomana virada ao contrário.

— Hum, estou um bocadinho assustado, como é óbvio — comecei.

— Não o censuro por isso, Nick — disse Gilpin, muito sério. Tinha uns olhos azul-claros que tremelicavam, um tique enervante.

— Podemos fazer alguma coisa? Para encontrar a minha mulher. Porque não há dúvida de que ela não está aqui.

Boney apontou para a fotografia de casamento na parede: eu de smoking, um sorriso pregado no rosto que me deixava os dentes à mostra, os braços curvados formalmente à volta da cintura de Amy;

ela, com o cabelo louro em caracóis apertados e fixados com laca, o véu a esvoaçar com a brisa da praia, em Cape Cod, de olhos arregalados porque pestanejava sempre no último minuto e estava a esforçar-se para que isso não acontecesse. No dia a seguir ao Dia da Independência, com o enxofre do fogo de artifício misturado com o sal oceânico... Era verão.

Cape Cod tinha sido bom para nós. Lembro-me de descobrir passado alguns meses que Amy, a minha namorada, também era bastante rica, filha única e muito querida de pais com génio criativo. Uma espécie de ícone, graças a uma coleção de livros homónima que eu tinha uma vaga ideia de ter visto em criança. Incrível Amy. Amy explicou-me isto em tom calmo e comedido, como se eu fosse um doente que despertara de um coma. Como se já tivesse tido de o fazer muitas vezes antes e as coisas tivessem corrido mal — a confissão de uma riqueza recebida com demasiado entusiasmo, a revelação de uma identidade secreta que não foi criada por ela.

Amy contou-me quem era e o que era, e depois fomos à casa historicamente classificada dos Elliotts, em Nantucket Sound, fomos velejar juntos, e eu pensei: Sou um rapaz do Missouri, a rasgar o oceano com pessoas que viram muito mais mundo do que eu. Se comesse agora a ver coisas, a viver à grande, mesmo assim não conseguiria alcançá-los. Isso não me deixou com inveja. Deixou-me contente. Nunca aspirei a riqueza ou fama. Não fui criado por pais sonhadores, que imaginavam o filho como futuro presidente. Fui criado por pais pragmáticos, que viam o filho como um futuro empregado administrativo, ganhando a vida de alguma forma. Para mim, já era suficientemente estarrecedor estar na proximidade dos Elliotts, navegar através do Atlântico e regressar a uma casa sumptuosamente restaurada, construída originalmente em 1822 por um capitão de caça à baleia, e aí preparar e comer refeições orgânicas, comidas saudáveis cujos nomes não sabia pronunciar. Quinoa. Lembro-me de pensar que quinoa era algum tipo de peixe.

Portanto, casámo-nos na praia num dia estival de um azul profundo, comemos e bebemos debaixo de uma tenda branca que enfunava como uma vela, e algumas horas depois levei Amy sorrateiramente para o escuro, rumo às ondas, porque me estava a sentir tão irreal que pensava que me tinha tornado um mero reflexo. A neblina fria na

minha pele levou-me de volta, Amy levou-me de volta, em direção ao brilho dourado da tenda, onde os deuses festejavam, tudo cheio de ambrósia. Todo o nosso namoro tinha sido assim.

Boney inclinou-se para examinar Amy.

— A sua mulher é muito bonita.

— Pois é, é linda — disse eu e senti o estômago vibrar.

— Quantos anos de casados fazem hoje? — perguntou ela.

— Cinco.

Eu estava a saltitar de um pé para o outro, querendo fazer alguma coisa. Não queria que discutissem o facto de a minha mulher ser tão bonita, queria mas era que eles fossem à procura da minha mulher. Mas não disse isto em voz alta. Isso acontece-me com frequência: não dizer as coisas em voz alta mesmo quando devia. Contenho e compartimento a um nível inquietante: na minha cave mais funda, há centenas de garrafas de raiva, desespero e medo, mas nunca o adivinhariam ao olhar para mim.

— Cinco, data importante. Deixe-me adivinhar, reserva para o Houston's? — perguntou Gilpin. Era o único restaurante fino da cidade. Vocês precisam mesmo de experimentar o Houston's, dissera a minha mãe quando nos mudámos para lá, pensando que era o único segredo ímpar de Cartago, na esperança de poder agradar à minha mulher.

— É claro, o Houston's.

Era a minha quinta mentira à polícia. E estava só a começar.

Amy Elliott Dunne — 5 de Julho de 2008

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Estou gorda de amor! Rouca de ardor! Obesa mórbida de devoção! Uma abelha-mestra feliz e efervescente de entusiasmo conjugal. Ando praticamente a zumbir à volta dele, numa azáfama, a arranjar as coisas. Tornei-me uma coisa estranha. Tornei-me esposa. Dou comigo a manobrar o leme das conversas — pesadamente, de forma pouco natural — só para poder dizer o seu nome em voz alta. Tornei-me esposa, tornei-me maçadora, pediram-me para entregar o meu cartão de jovem feminista independente. Não me importo. Faço o balanço do seu livro de cheques, aparo-lhe o cabelo. Tornei-me tão retro que a dada altura passarei provavelmente a usar a expressão malinha de mão, ao sair porta fora vestindo o meu casaco de tweed ondulante, de lábios pintados de vermelho, a caminho do salão de beleza. Nada me incomoda. Tudo parece ir correr bem, com cada problema transformado numa história divertida para contar durante o jantar. Pois é, querido, hoje matei um vagabundo... hahahaha! Ah! Nós divertimo-nos!

Nick é como uma bebida forte: põe tudo na perspetiva correta. Não numa perspetiva diferente, mas sim na perspetiva correta. Com Nick, compreendo que, na realidade, não importa se a conta da eletricidade está atrasada uns dias, se o meu último questionário não saiu tão bem. (O meu mais recente, não estou a brincar: «Que tipo de árvore serias?» Eu sou uma macieira! Isto não significa nada!) Não importa se o novo livro da Incrível Amy foi devidamente trabalhado, se as críticas foram maldosas, se as vendas caíram espantosamente a pique depois de um início frouxo. Não importa de que cor pinto o nosso quarto ou até que ponto o trânsito me faz atrasar, ou se o lixo que separamos para reciclagem é realmente reciclado. (Sê franca comigo, Nova Iorque, é ou não?) Não importa, porque encontrei o meu par. É Nick, descontraído e calmo, inteligente, divertido e sem complicações. Uma alma não torturada, feliz. Atraente. Pénis grande.

Tudo aquilo de que não gosto em mim foi recalcado no meu cérebro.

Talvez seja isso o que mais gosto nele, a pessoa que ele faz de mim. Não me faz sentir, faz-me simplesmente. Sou divertida. Sou brincalhona. Sou enérgica. Sinto-me naturalmente feliz e inteiramente satisfeita. Sou uma esposa! É estranho dizer estas palavras. (Agora a sério, em relação à reciclagem, Nova Iorque... vá lá, basta piscar o olho.)

Fazemos tolices, como no fim de semana passado, em que fomos até ao Delaware porque nenhum dos dois tinha feito sexo no Delaware. Deixem-me descrever a cena, pois há de ficar para a posteridade. Atravessamos a fronteira do estado — Bem-vindos ao Delaware!, diz a tabuleta, e também: Pequena Maravilha, e também: O Primeiro Estado, e também: Terra das Compras Livres de Impostos.

Delaware, um estado de muitas e ricas identidades.

Faço sinal a Nick na primeira estrada de terra batida que vejo, e lá vamos aos solavancos durante cinco minutos, até estarmos rodeados de pinheiros por todos os lados. Não falamos. Ele empurra o banco para trás. Eu levanto a saia. Não tenho cuecas, e consigo ver-lhe os cantos da boca descaídos e o rosto a distender-se, o ar sedado e determinado com que fica quando está excitado. Subo para cima dele, de costas para ele e de frente para o para-brisas. Estou comprimida contra o volante, e à medida que nos mexemos em conjunto, a buzina emite minúsculos gemidos que imitam os meus, e a minha mão faz um barulho semelhante ao besuntar quando a encosto ao para-brisas. Eu e Nick conseguimos vir-nos em qualquer lugar; nenhum de nós sofre de ansiedade de estar em público, é algo de que ambos nos orgulhamos. Depois, voltamos diretamente para casa. Eu como carne seca, com os pés descalços em cima do painel de instrumentos.

Adoramos a nossa casa. A casa que a Incrível Amy construiu. Uma casa de pedra em Brooklyn que os meus pais compraram para nós, mesmo no Promenade, com a vista panorâmica sobre Manhattan. É extravagante, faz-me sentir culpada, mas é perfeita. Combato a aura de menina rica e mimada sempre que posso. Imensa bricolage. Fomos nós próprios que pintámos as paredes em dois fins de semana: verde-primavera, amarelo-pálido e azul-aveludado. Em teoria. Nenhuma das cores ficou como pensávamos, mas nós fingimos gostar delas na mesma. Enchemos a nossa casa com bagatelas compradas em feiras; comprámos discos para o gira-discos de Nick. A noite passada,

sentámo-nos no velho tapete persa, a beber vinho e a ouvir os riscos no vinil, enquanto o céu escurecia e Manhattan se iluminava, e Nick disse: «Foi assim que sempre imaginei isto. É exatamente como imaginei.»

Aos fins de semana, conversamos um com outro debaixo de quatro camadas de roupa de cama, com os rostos quentes debaixo de um edredão amarelo iluminado pelo sol. Até o soalho é alegre: há duas tábuas velhas que rangem, chamando por nós assim que transpomos a soleira da porta. Adoro a casa, adoro que seja nossa, adoro o facto de termos uma ótima história por detrás do candeeiro de pé antigo, ou da caneca de barro disforme que está ao pé da nossa cafeteira, e onde nunca deitámos nada à exceção de um clipe. Levo os dias a pensar em coisas bonitas para fazer por ele — ir comprar um sabonete de hortelã-pimenta que assentará na palma da sua mão como uma pedra quente, ou talvez uma fatia fina de truta que eu possa cozinhar e servir-lhe, uma ode aos tempos em que ele andava de barco no rio. Eu sei que sou ridícula. Mas adoro isso — nunca pensei que fosse capaz de ser ridícula por causa de um homem. É um alívio. Eu até me derreto com as suas meias, que ele consegue largar em poses adoravelmente enredadas, como se um cachorrinho as tivesse trazido de outra divisão.

É o primeiro aniversário do nosso casamento e eu estou gorda de amor, embora as pessoas estivessem sempre a dizer-nos que o primeiro ano ia ser muito difícil, como se fôssemos crianças ingénuas que partíamos para a guerra. Não foi difícil. Fomos feitos para estar casados. É o primeiro aniversário do nosso casamento e Nick vai sair do trabalho à hora de almoço; a minha caça ao tesouro espera por ele. As pistas são todas sobre nós, sobre o ano que passámos juntos:

Sempre que o meu querido marido fica constipado
É este o prato que lhe cura o resfriado.

Resposta: a sopa tom yum de Thai Town, na President Street. O gerente estará lá esta tarde com uma tigela de prova e a próxima pista.

Também entra o McMann's, em Chinatown, e a estátua de Alice, em Central Park. Um grande circuito por Nova Iorque. Acabaremos no mercado do peixe, na Fulton Street, onde iremos comprar um par de belas lagostas, e eu segurarei a caixa no colo enquanto Nick se agita

nervosamente no táxi, ao meu lado. Iremos a correr para casa e eu hei de pô-las numa panela nova ao lume do velho fogão, com toda a elegância de uma rapariga que já passou muitos verões em Cape Cod, enquanto Nick dá risadinhas e finge esconder-se com medo do lado de fora da cozinha.

Eu tinha sugerido que comprássemos hambúrgueres. Nick queria que fôssemos comer fora algures — cinco estrelas, coisa de luxo —, com uma série de pratos e empregados de mesa a citar nomes importantes. Portanto, as lagostas são um meio-termo perfeito, as lagostas representam, segundo toda a gente nos diz (sem parar), aquilo em que o casamento consiste: um compromisso.

Vamos comer lagosta com manteiga e fazer sexo no chão, enquanto uma mulher num dos nossos velhos discos de jazz nos canta na sua voz rouca. Deixar-nos-emos embriagar lentamente pela preguiça e por bom uísque escocês, o preferido de Nick. Dar-lhe-ei o seu presente — o papel de carta e sobrescritos com monograma que ele queria, da Crane & Co., com a fonte sem serifa impressa a verde-caçador no papel espesso e macio que receberá a tinta luxuriante e as suas palavras de escritor. Papel de carta para um escritor, e a mulher de um escritor que talvez ande à caça de uma ou duas cartas de amor.

Depois, talvez façamos sexo novamente. E um hambúrguer ao final da noite. E mais uísque escocês. Voilà: o casal mais feliz do quartoirão! E ainda dizem que o casamento dá muito trabalho.

Nick Dunne — A Noite de

Boney e Gilpin transferiram o interrogatório para a esquadra, que parece um banco regional falido. Deixaram-me sozinho numa pequena divisão durante quarenta minutos, e eu ali fiquei sem vontade de me mexer. Fingir estar calmo é estar calmo, de certa forma. Inclinei-me sobre a mesa e apoiei o queixo no braço. Esperei.

— Quer telefonar aos pais de Amy? — perguntara Boney.

— Não quero deixá-los em pânico — repliquei. — Se não soubermos dela dentro de uma hora, telefono.

Já tínhamos tido aquela conversa por três vezes.

Finalmente, os policiais entraram e sentaram-se à mesa, à minha frente. Lutei contra o impulso de desatar a rir por aquilo se parecer tanto com um programa de televisão. Aquele era o mesmo espaço que eu tinha visto nos últimos dez anos quando corria os canais da televisão por cabo ao final da noite, e os dois policiais — cansados e intensos — eram as vedetas. Totalmente fictício. A esquadra de polícia de Epcot. Boney até estava a segurar um café num copo de papel e uma pasta cartonada que pareciam adereços. Adereços policiais. Senti-me zozzo, senti por um momento que éramos todos pessoas a fingir: Vamos lá jogar ao jogo da Esposa Desaparecida!

— Sente-se bem, Nick? — perguntou Boney.

— Sinto, porquê?

— Está a sorrir.

A sensação de estar zozzo escorregou para o chão ladrilhado.

— Desculpem, é que é tudo...

— Eu sei — disse Boney, lançando-me um olhar que era como um afago. — É demasiado estranho, eu sei. — Pigarreou. — Primeiro que tudo, queremos ter a certeza de que se sente confortável aqui. Se precisar de alguma coisa, é só dizer. Quanto mais informação nos puder dar agora, melhor, mas pode-se ir embora quando quiser, isso também não é problema.

— Tudo o que precisarem.

— Muito bem, ótimo, obrigada — disse ela. — Bem, primeiro quero despachar a parte mais desagradável. As questões mais chatas. Se a sua mulher foi realmente raptada... e não sabemos isso, mas se assim

for queremos apanhar o tipo e, quando o apanharmos, queremos desmascará-lo sem apelo nem agravo. Sem escapatória. Sem capacidade de manobra.

— Certo.

— Portanto, temos de excluí-lo a si de forma rápida e fácil. Para que o tipo não possa chegar aqui e dizer que nem sequer descartámos essa hipótese, percebe o que quero dizer?

Acenei de forma mecânica. Não sabia exatamente o que ela queria dizer, mas queria parecer o mais cooperante possível.

— Tudo o que precisarem.

— Não queremos assustá-lo — acrescentou Gilpin. — Só queremos cobrir todas as possibilidades.

— Por mim, tudo bem. — É sempre o marido, pensei. Toda a gente sabe que é sempre o marido. Sendo assim, porque é que não dizem simplesmente: suspeitamos de si porque é o marido, e é sempre o marido. Basta ver o Dateline.

— Está bem, ótimo, Nick — disse Boney. — Primeiro, vamos fazer um esfregaço da parte interna da sua bochecha, para podermos identificar todo o ADN presente na casa que não é seu. Parece-lhe bem?

— Claro.

— Também gostava de fazer um teste rápido às suas mãos para deteção de resíduos de pólvora. Mais uma vez, só para o caso...

— Esperem lá! Descobriram alguma coisa que os leve a pensar que a minha mulher foi...

— Não, não, não, Nick — interrompeu Gilpin. Puxou uma cadeira para junto da mesa e sentou-se nela virado ao contrário. Fiquei a pensar se os polícias fariam mesmo aquilo. Ou teria algum ator inteligente feito aquilo, e depois os polícias começaram a fazer a mesma coisa porque tinham visto atores no papel de polícias a fazê-lo e pareceu-lhes fixe?

— É apenas um protocolo — continuou Gilpin. — Tentamos cobrir todas as possibilidades: analisamos as suas mãos, fazemos um esfregaço, e se também pudéssemos examinar o seu carro...

— É claro. Tal como disse, tudo o que precisarem.

— Obrigado, Nick. Agradeço-lhe imenso. Às vezes, há tipos que nos dificultam a vida só porque podem fazê-lo.

Eu era exatamente o oposto. O meu pai tinha imbuído a minha infância de uma culpa silenciosa; ele era o tipo de homem que andava por ali enfadado, à procura de motivos para se zangar. Isto tinha transformado Go numa pessoa que estava sempre à defesa e com poucas probabilidades de arcar injustificadamente com as culpas. E isso transformara-me automaticamente num subserviente graxista em relação à autoridade. Mãe, pai, professores: Tudo o que vos facilitar a vida, meus senhores. Ansiava por uma aprovação constante. «Tu eras literalmente capaz de mentir, enganar e roubar — bolas, até matar — para convencer as pessoas de que és bonzinho», disse uma vez Go. Estávamos na fila para comprar knishes no Yonah Schimmel's, perto do antigo apartamento de Go em Nova Iorque — é para verem como me lembro bem desse momento — e perdi o apetite, porque era tão completamente verdade e eu nunca me tinha dado conta, e ao mesmo tempo que ela o dizia, eu pensava: Nunca esquecerei isto, este é um daqueles momentos que nos ficam gravados no cérebro para sempre.

Eu e os polícias fizemos conversa sobre o fogo de artifício do Quatro de Julho e sobre o tempo, enquanto as minhas mãos eram testadas em relação a resíduos de pólvora e enquanto passavam um cotonete pela parte interna da minha bochecha. A fingir que era tudo normal, como uma ida ao dentista.

Quando terminou, Boney pôs outro copo de café à minha frente e apertou-me o ombro.

— Peço desculpa por isto. É a pior parte do trabalho. Acha que me pode responder agora a umas quantas perguntas? Isso ia ajudar-nos imenso.

— Sim, com certeza, venham elas.

Ela colocou um gravador digital muito fino sobre a mesa, à minha frente.

— Importa-se? Desta forma, não terá de responder às mesmas perguntas vezes sem conta... — Ela queria gravar-me para eu ficar preso a uma única história. Devia chamar um advogado, pensei, mas só os culpados precisam de advogado, por isso acenei afirmativamente: Não há problema.

— Então: Amy — disse Boney. — Vocês moram aqui há quanto tempo?

— Há cerca de dois anos.

— E ela é natural de Nova Iorque. Da cidade de Nova Iorque.

— Sim.

— Ela trabalha, tem emprego? — perguntou Gilpin.

— Não. Costumava escrever questionários de personalidade.

Os detetives trocaram um olhar: Questionários?

— Para revistas de adolescentes, revistas femininas — prossegui. — Vocês conhecem o género: «És do tipo ciumento? Faz o nosso questionário e descobre! Os homens acham-te demasiado intimidante? Faz o nosso questionário e descobre!»

— Muito fixe, adoro fazer isso — disse Boney. — Não sabia que escrever esses questionários era um trabalho. Tipo, uma carreira...

— Bem, e não é. Já não é. A Internet está cheia de questionários gratuitos. Os de Amy eram mais inteligentes, ela tinha um mestrado em psicologia, tem um mestrado em psicologia. — Ri-me pouco à vontade com a minha gafe. — Mas inteligente não leva a melhor sobre gratuito.

— E depois?

Encolhi os ombros.

— Depois, mudámo-nos para aqui. Nesta altura, está apenas em casa.

— Oh! Então têm filhos, é isso? — pipilou Boney, como se tivesse descoberto boas notícias.

— Não.

— Oh! Então o que é que ela faz na maior parte dos dias?

Essa era também a minha pergunta. Amy fora em tempos uma mulher que fazia um bocadinho de tudo, a toda a hora. Quando fomos morar juntos, tinha feito um estudo intensivo da cozinha francesa, exibindo aptidões hiper-rápidas com a faca e um inspirado boeuf bourguignon. Pelo seu trigésimo quarto aniversário, fomos de avião a Barcelona, e ela surpreendeu-me com as suas tiradas em espanhol coloquial, aprendidas durante meses de lições secretas. A minha mulher tinha um cérebro brilhante e vivo, uma curiosidade insaciável. Mas as suas obsessões tendiam a ser alimentadas pela competição. Ela precisava de deslumbrar os homens e de deixar as mulheres invejosas: É claro que Amy sabe fazer cozinha francesa e falar fluentemente o espanhol e jardinar e tricotar e correr maratonas e transacionar ações e pilotar um avião e parecer um modelo de passarela enquanto faz

tudo isso. Ela precisava de ser a Incrível Amy o tempo todo. Ali, no Missouri, as mulheres vão às compras ao Target, fazem refeições diligentes e reconfortantes, riem-se do pouco espanhol que recordam dos tempos de liceu. A competição não lhes interessa. Os sucessos implacáveis de Amy são recebidos com gestos de aceitação serena e talvez um bocadinho de compaixão. Foi talvez o pior desfecho possível para a minha competitiva mulher: uma cidade de perdedores conformados.

— Ela tem muitos passatempos — disse eu.

— Alguma coisa que o preocupe? — perguntou Boney, parecendo inquieta. — Não está preocupado com drogas ou bebida? Não estou a dizer mal da sua mulher. Há muitas donas de casa, mais do que possa supor, que passam o dia dessa forma. Os dias tornam-se muito compridos quando se está sozinho. E se a bebida se transforma em drogas — e nem sequer estou a falar de heroína, mas de analgésicos comprados com receita médica —, bem, nesta altura há por aqui umas quantas personagens bem sórdidas a vendê-la.

— O tráfico de droga tornou-se um problema sério — disse Gilpin. — Tivemos uma série de despedimentos na polícia, um quinto da força, e nós já éramos poucos. Quer dizer, a coisa está feia, estamos cheios disso.

— Tivemos uma dona de casa, uma senhora simpática, que ficou sem um dente no mês passado por causa de uns comprimidos de OxyContin — instigou Boney.

— Não, Amy pode beber um copo de vinho ou coisa assim, mas drogas não.

Boney fitou-me; era óbvio que não era aquela a resposta que pretendia.

— Ela tem bons amigos aqui? Gostávamos de telefonar a alguns deles, só para nos certificarmos. Não se ofenda. Às vezes, o cônjuge é o último a saber quando há drogas envolvidas. As pessoas ficam com vergonha, sobretudo as mulheres.

Amigos. Em Nova Iorque, Amy fazia e desfazia amizades semanalmente; eram como projetos pessoais. Ficava extremamente excitada com elas: Paula, que lhe dava aulas de canto e tinha uma voz terrivelmente boa (Amy tinha estado num colégio interno, no Massachusetts; eu adorava as raras ocasiões em que ela usava aquela

linguagem tipicamente Nova Inglaterra: Terrivelmente boa); Jessie, do curso de estilismo. Mas, depois, perguntava-lhe pela Jessie ou pela Paula um mês mais tarde, e Amy olhava para mim como se eu estivesse a inventar palavras.

Depois, havia os homens que andavam sempre atrás de Amy, desejosos de fazer as coisas próprias de um marido que o dela não fazia. Arranjar a perna de uma cadeira, procurar o seu chá asiático importado preferido. Homens que ela jurava serem seus amigos, apenas bons amigos. Amy mantinha-os precisamente à distância certa — suficientemente longe para eu não ficar demasiado aborrecido, mas suficientemente perto para poder estalar um dedo e fazerem o que ela lhes mandasse.

No Missouri... santo Deus, não sabia mesmo. Só me ocorreu naquela altura. És mesmo um idiota, pensei. Estávamos ali há dois anos e, depois da agitação inicial feita de apresentações e cumprimentos, daqueles primeiros meses maníacos, Amy não tinha ninguém com quem se encontrasse regularmente. Tinha a minha mãe, que agora estava morta, e tinha-me a mim — e a nossa principal forma de conversa era ataque e refutação. Um ano depois de nos termos mudado para ali, tinha-lhe perguntado de forma falsamente galante: «E está a gostar de Norte Cartago, senhora Dunne?» «Quer dizer Nova Cartago?», replicara ela. Recusei-me a perguntar-lhe a que aludia, mas soube que era um insulto.

— Ela tem alguns bons amigos, mas ficaram sobretudo no leste.

— E os familiares?

— Vivem em Nova Iorque. Na cidade.

— E ainda não telefonou a nenhum deles? — perguntou Boney, com um sorriso perplexo no rosto.

— Tenho andado a fazer tudo o resto que me têm pedido. Ainda não tive oportunidade de telefonar. — Tinha dado autorização por escrito para seguirem o rasto dos cartões de crédito e caixas multibanco e para localizarem o telemóvel de Amy, tinha-lhes dado o número de telemóvel de Go e o nome de Sue, a viúva que estava no Bar, que poderia presumivelmente confirmar a hora a que eu chegara.

— O benjamim da família. — Abanou a cabeça. — Faz-me mesmo lembrar o meu irmão mais novo. — Uma pausa. — E juro que é um elogio.

— Ela tem um fraquinho por ele — disse Gilpin, escrevinhando num bloco de apontamentos. — Muito bem, portanto saiu de casa por volta das sete e meia e apareceu no Bar cerca do meio-dia, e durante esse meio tempo estive na praia.

Há uma praiazinha cerca de dezasseis quilómetros para norte da nossa casa, uma acumulação não muito agradável de areia, sedimento e cacos de garrafas de cerveja. Contentores do lixo a transbordar de copos de esferovite e fraldas sujas. Mas há uma mesa de piquenique a barlavento que apanha um sol agradável e, se olharmos diretamente para o rio, podemos ignorar as outras porcarias.

— Às vezes, levo o meu café e o jornal e fico lá sentado. Tento tirar o máximo partido do verão.

Não, não tinha falado com ninguém na praia. Não, ninguém me tinha visto.

— É um lugar pouco frequentado a meio da semana — admitiu Gilpin.

Se a polícia falasse com alguém que me conhecesse, depressa ficaria a saber que era raro eu ir à praia e que eu nunca levava o café para lá para desfrutar da manhã. Tenho pele branca de irlandês e não tenho paciência para a introspeção. Viciado em praia é coisa que não sou. Eu disse aquilo à polícia porque tinha sido ideia de Amy, ir até lá e sentar-me naquele lugar, onde podia estar sozinho e ver o rio que adorava, e ponderar sobre a nossa vida juntos. Ela tinha-me dito aquilo naquela manhã, depois de termos comido os crepes. Inclinou-se para a frente sobre a mesa e disse: «Eu sei que estamos a passar um mau bocado. Ainda te amo muito, Nick, e sei que tenho uma série de coisas a melhorar. Quero ser uma boa mulher para ti, e quero que sejas meu marido e feliz. Mas precisas de decidir o que queres.»

Era óbvio que tinha andado a praticar o discurso; sorria orgulhosamente enquanto o pronunciava. E mesmo enquanto a minha mulher me brindava com esta gentileza, eu pensava: Mas é claro que até isto ela tem de encenar. Quer ter a imagem de mim e do rio a correr revoltado, do meu cabelo desgrenhado pela brisa enquanto fito o horizonte e pondero sobre a nossa vida conjunta. Não posso ir simplesmente ao Dunkin Donuts.

Precisas de decidir o que queres. Infelizmente para Amy, eu já tinha decidido.

Boney levantou os olhos das suas notas com vivacidade:

— Pode dizer-me qual é o tipo sanguíneo da sua mulher? — perguntou ela.

— Hum... não, não sei.

— Não sabe o tipo de sangue da sua mulher?

— Talvez O? — disse eu à sorte.

Boney franziu o sobrolho, depois emitiu um som prolongado tipo ioga:

— Muito bem, Nick, aqui estão as coisas que nós estamos a fazer para ajudar. — E listou-as: o telemóvel de Amy estava sob vigilância, tinham posto a fotografia dela a circular e os cartões de crédito estavam a ser controlados. Os criminosos sexuais conhecidos na área estavam a ser interrogados. Os poucos vizinhos estavam a ser sondados. O nosso telefone de casa estava sob escuta para o caso de chegar algum pedido de resgate.

Eu não sabia o que dizer agora. Esquadrinhei a memória à procura das deixas: o que é que o marido diz neste ponto do filme? Depende se é culpado ou inocente.

— Não posso dizer que isso me tranquilize. O que é que vocês...? Trata-se de um rapto, de um caso de desaparecimento, ou o que é que se passa exatamente? — Eu conhecia as estatísticas, conhecia-as do mesmo programa de televisão que protagonizava: se as primeiras quarenta e oito horas não produzissem nada num caso, era provável que não fosse resolvido. As primeiras quarenta e oito horas eram cruciais. — Quer dizer, a minha mulher desapareceu. A minha mulher desapareceu! — Percebi que era a primeira vez que tinha dito aquilo da forma que devia: em pânico e furioso. O meu pai era um homem com infinitos cambiantes de amargura, raiva, aversão. Na minha eterna luta para evitar tornar-me ele, tinha desenvolvido a incapacidade de demonstrar emoções negativas. Era outra coisa que me fazia parecer um otário; podia ter um nó no estômago, mas ninguém o depreenderia pela expressão do meu rosto e muito menos pelas minhas palavras. Era um problema constante: demasiado controlo ou ausência de controlo.

— Nick, nós estamos a levar isto extremamente a sério — disse Boney. — Os tipos do laboratório estão neste preciso momento em sua casa, e isso dar-nos-á mais informação para continuar. Agora, quanto

mais nos puder dizer sobre a sua mulher, melhor. Como é que ela é?

Vieram-me à cabeça as frases habituais dos maridos: É querida, é maravilhosa, é simpática, é compreensiva.

— Como é que ela é como? — perguntei.

— Dê-me uma ideia da sua personalidade — disse Boney. — Por exemplo, o que é que lhe comprou para o vosso aniversário? Joias?

— Ainda não lhe comprei nada — redargui. — Ia fazer isso esta tarde. — Fiquei à espera que ela se risse e dissesse outra vez «o benjamim da família», mas não o fez.

— Está bem. Bom, então fale-me sobre ela. É sociável? É... não sei como dizer isto... É a nova-iorquina típica? Isto é, poderá agir de uma forma que algumas pessoas considerem insolente? Poderá deixar as pessoas irritadas?

— Não sei. Ela não é do tipo amigoso, mas não é suficientemente cáustica para levar alguém a... fazer-lhe mal.

Esta era a minha décima primeira mentira. A Amy de hoje era suficientemente cáustica para querermos fazer-lhe mal, às vezes. Falo especificamente da Amy de hoje, que só remotamente se parecia com a mulher por quem me apaixonei. Tinha sido uma horrível transformação ao contrário do que sucede nos contos de fadas. Ao longo de apenas uns anos, a antiga Amy, a rapariga das grandes risadas e maneiras agradáveis, largou literalmente o seu casulo, deixando um monte de pele e alma no chão, e dele saiu esta nova Amy, irritadiça e amarga. A minha mulher já não é a minha mulher, mas um nó de arame farpado a desafiar-me para o desfazer, e eu não estava à altura da tarefa, com os meus dedos grossos, desajeitados e nervosos. Dedos de campónio. Dedos não treinados no trabalho complexo e perigoso de resolver o enigma Amy. Quando eu levantava os cotos ensanguentados, ela suspirava e recorria ao seu bloco-notas mental secreto, onde listava todos os meus defeitos, registando para todo o sempre desilusões, fragilidades, lacunas. Bolas, a minha antiga Amy era engraçada. Era divertida. Fazia-me rir. Tinha-me esquecido disso. E ela ria-se. Do fundo da garganta, mesmo por trás daquela pequena reentrância em forma de dedo, que é o melhor lugar para uma pessoa se rir. Ela libertava os seus rancores como punhados de alpista: tão depressa ali estavam, como desapareciam.

Ela não era a coisa em que se tornou, a coisa que eu mais receava:

uma mulher zangada. Eu não era bom com mulheres zangadas. Elas faziam vir ao de cima qualquer coisa de desagradável.

— Ela é mandona? — perguntou Gilpin. — Controladora?

Pensei no calendário de Amy, aquele que projetava os próximos três anos, e se procurássemos para daí a um ano, encontrávamos consultas: dermatologista, dentista, veterinário.

— Ela gosta de planejar as coisas, não é pessoa de improvisos. Gosta de fazer listas e de ir pondo um visto nos itens. Gosta de ter as coisas feitas. É por isso que esta situação não faz sentido...

— Isso pode dar com uma pessoa em doida — disse Boney compreensivamente. — Se não for desse tipo. A sua personalidade parece-me mais do tipo B.

— Sou um bocadinho mais descontraído, creio eu. — Depois, acrescentei a parte que devia acrescentar: — Completamo-nos um ao outro.

Olhei para o relógio na parede e Boney tocou-me na mão.

— Olhe, porque é que não aproveita e telefona aos pais de Amy? Tenho a certeza de que eles iam apreciar esse gesto.

Já passava da meia-noite. Os pais de Amy iam dormir às nove da noite. Curiosamente, gabavam-se de se deitar assim tão cedo. Por esta altura, já estariam a dormir profundamente, por isso seria um telefonema urgente a meio da noite. Os telemóveis eram sempre desligados às oito e quarenta e cinco, por isso Rand Elliott teria de ir da sua cama até ao fim do corredor para atender o pesado telefone antigo; iria atarantar-se à procura dos óculos e a ligar o candeeiro da mesa de cabeceira. Recordaria a si mesmo todas as razões para não se preocupar com um telefonema àquela hora tardia, todas as razões inofensivas para o telefone poder estar a tocar.

Marquei duas vezes e desliguei antes de deixar a ligação efetuar-se. Quando o fiz, quem atendeu foi Marybeth, e não Rand, com a sua voz profunda a buzinar-me aos ouvidos. Só tinha conseguido dizer:

— Marybeth, daqui fala Nick.

— O que é que se passa, Nick?

Respirei fundo.

— É a Amy? Diz-me.

— Eu... hum... Desculpe, devia ter telefonado...

— Diz-me, caramba!

— Não conseguimos encontrar Amy — gaguejei.
— Não conseguem encontrar Amy?
— Eu não sei...
— Amy está desaparecida?
— Não temos a certeza disso, ainda estamos...
— Desde quando?
— Não temos a certeza. Eu saí de casa esta manhã, pouco depois das sete...
— E esperaste até agora para nos telefonar?
— Desculpe, não queria...
— Santo Deus! Nós jogámos ténis esta noite. Ténis, e podíamos ter estado... Meu Deus! A polícia está envolvida? Participaste o desaparecimento?
— Estou na esquadra neste preciso momento.
— Passa o telefone ao responsável, Nick. Por favor.
Como um miúdo, fui buscar Gilpin. A minha sogrinha quer falar consigo.
Telefonar aos Elliotts oficializou o assunto. A emergência — Amy desapareceu — estava a espalhar-se para o exterior.

Estava a regressar à sala de interrogatório quando ouvi a voz do meu pai. Às vezes, em momentos particularmente indignos, ouvia a voz dele na minha cabeça. Mas aquela era a voz do meu pai, ali. As suas palavras surgiam num borbulhar, como algo a sair de um lodaçal rançoso. Cabra, cabra, cabra. O meu pai, de juízo perdido, tinha ganho o hábito de atirar a palavra a qualquer mulher que o aborrecesse, ainda que vagamente: cabra, cabra, cabra. Espreitei para dentro de uma sala de conferências e lá estava ele, sentado num banco junto à parede. Em tempos, tinha sido um belo homem, ardente e com uma covinha no queixo. Perturbadoramente giro, assim o descrevera a minha tia. Agora, estava sentado a resmungar de olhos pregados no chão, com o cabelo louro emaranhado, as calças enlameadas e os braços arranhados, como se tivesse aberto caminho por entre um espinheiro. Um fio de saliva brilhava-lhe pelo queixo abaixo, como o rasto de um caracol, e estava a contrair e a descontrair os músculos dos braços que ainda lhe restavam. Ao lado dele, estava sentada uma agente muito tensa, com os lábios num trejeito zangado, que tentava

ignorá-lo: Cabra, cabra, cabra! Eu disse-te, minha cabra!

— O que é que se passa? — perguntei-lhe. — Esse homem é meu pai.

— Recebeu o nosso telefonema?

— Que telefonema?

— Para vir buscar o seu pai. — Ela articulou as palavras de forma exagerada, como se eu fosse um miúdo tolo de dez anos.

— Eu... A minha mulher está desaparecida. Tenho estado aqui a maior parte da noite.

Ela fitou-me sem estabelecer a mais pequena ligação. Podia vê-la a debater-se sobre se havia, ou não, de sacrificar o seu poder e pedir desculpa, indagar. Depois, o meu pai começou novamente: cabra, cabra, cabra, e ela optou por manter o poder.

— Comfort Hill tentou entrar em contacto consigo durante todo o dia. O seu pai escapou-se por uma saída de emergência logo pela manhã. Tem uns quantos arranhões, mas nada sério. Encontrámo-lo há umas horas, a descer a River Road, desorientado. Temos andado a tentar contactá-lo.

— Tenho estado mesmo aqui — disse eu. — Nesta maldita porta aqui ao lado, como é que ninguém percebeu isso?

Cabra, cabra, cabra, disse o meu pai.

— O senhor não fale comigo nesse tom, por favor.

Cabra, cabra, cabra.

Boney deu ordem para que um agente — do sexo masculino — levasse o meu pai de volta ao lar para eu poder terminar o que estava a fazer com eles. Ficámos nas escadas à entrada da esquadra, vimo-lo a ser instalado no carro, ainda a resmungar. Durante todo esse tempo nunca deu pela minha presença. Quando o carro se afastou nem sequer olhou para trás.

— Vocês não são muito chegados, pois não? — perguntou ela.

— Somos a definição disso mesmo.

A polícia terminou as suas perguntas e fez-me entrar num carro de patrulha por volta das duas da manhã, aconselhando-me a ter uma boa noite de sono e com a indicação para regressar às onze horas para uma conferência de imprensa ao meio-dia.

Não perguntei se podia ir para casa. Pedi-lhes para me levarem a

casa de Go, pois sabia que ela ficaria levantada e tomaria um copo comigo, arranjar-me-ia uma sanduíche e não me faria perguntas.

— Não queres ir à procura dela? — propôs Go enquanto eu comia. — Podemos dar uma volta de carro.

— Isso parece-me inútil — disse eu apaticamente. — Onde é que vou procurar?

— Nick, isto é mesmo muito sério.

— Eu sei, Go.

— Age como tal, está bem, Lance? Não fiques para aí só a ah-hum-ah-hum-ah-hum. — Era um barulho titubeante, o barulho que ela usava sempre para transmitir a minha hesitação, acompanhado de um revirar de olhos e do meu primeiro nome de batismo. Ninguém com uma cara como a minha precisa que lhe chamem Lance. Entregou-me um copo com uísque. — E bebe isto, mas só isto. Não vais querer estar com uma ressaca amanhã. Onde raio poderá ela estar? Meu Deus, isto deixa-me doente. — Encheu um copo para ela, engoliu e depois tentou bebericar, enquanto andava de um lado para o outro na cozinha. — Não estás preocupado, Nick? Não tens medo, por exemplo, que um tipo a tenha visto na rua e tenha decidido simplesmente raptá-la? Dar-lhe uma pancada na cabeça e...

Estremeci.

— Porque é que disseste dar-lhe uma pancada na cabeça, que merda é essa?

— Desculpa, não queria descrever nada em particular, é só porque... não sei, não paro de pensar num maluco qualquer... — Deitou mais uísque para o copo dela.

— Por falar em gente doida — disse eu —, o pai voltou a fugir hoje, encontraram-no a deambular em River Road. Já está de volta à Comfort, agora.

Ela encolheu os ombros: está bem. Era a terceira vez em seis meses que o nosso pai tinha fugido. Go estava a acender um cigarro, ainda a pensar em Amy.

— Quer dizer, não há ninguém com quem possamos ir falar? — perguntou. — Alguma coisa que possamos fazer?

— Santo Deus, Go! Precisas mesmo de me fazer sentir ainda mais impotente do que me sinto agora? Não faço ideia do que devia fazer.

Não há nenhum manual «Quando a sua mulher desaparece — Lição n.º 1». A polícia disse-me que podia vir embora. E eu vim. Limito-me a fazer o que me dizem.

— Claro que sim — murmurou Go, que tinha a missão há muito abortada de me transformar num rebelde. Não ia resultar. Eu era o miúdo que respeitava a hora de recolher quando andava no liceu; era o escritor que cumpria os prazos, mesmo os falsos. Eu respeito as regras porque, se seguirmos as regras, as coisas normalmente correm sem sobressaltos.

— Porra, Go, eu vou voltar para a esquadra daqui a umas horas, está bem? Será que podes ser simpática para mim durante um segundo? Estou apavorado.

Fizemos um concurso de aguentar o olhar um do outro durante cinco segundos, e depois Go encheu-me o copo outra vez, à laia de desculpa. Sentou-se ao meu lado e pôs-me uma mão no ombro.

— Pobre Amy! — exclamou.

Amy Elliott Dunne — 21 de Abril de 2009

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Pobre de mim. Deixem-me descrever a cena: Campbell, Insley e eu estamos todas no Soho, a jantar no Tableau. Muitas tartes de queijo de cabra, almôndegas de borrego e rúcula, não sei bem para quê tanto alarido. Mas estamos a fazer as coisas ao contrário: primeiro o jantar, a seguir uns copos num dos pequenos recantos que Campbell reservou, uma salinha privada onde podemos preguiçar a troco de bom dinheiro num lugar que não é assim tão diferente, por exemplo, da nossa sala de estar. Mas tudo bem, de vez em quando é divertido fazer estas coisas tolas que estão na moda. Estamos todas aperaltadas com os nossos vestidinhos vistosos, os nossos sapatos de salto alto, e todas comemos pratinhos de comida gourmet que são tão decorativos e com tão pouca substância quanto nós próprias.

Falámos da possibilidade de os nossos maridos passarem por lá e fazerem-nos companhia na parte dos copos. Portanto, ali estamos nós, depois de jantar, enfiadas na nossa salinha, com os mojitos, os martinis e o meu bourbon trazidos por uma empregada de mesa que podia estar a fazer uma audição para o pequeno papel de uma rapariga inexperiente acabada de sair do autocarro.

Estamos a ficar sem coisas para dizer; é terça-feira, e ninguém sente que seja mais do que isso. As bebidas são ingeridas com cautela: Insley e Campbell têm ambas compromissos vagos na manhã seguinte, e eu tenho de ir trabalhar, portanto não estamos a preparar-nos para uma noite, estamos antes a queimar os últimos cartuchos e a ficar embotadas e enfastiadas. Até nos íamos embora, se não fosse estarmos à espera para ver se os nossos homens apareciam por lá. Campbell está sempre a espreitar o BlackBerry, Insley estuda os seus gémeos musculados de diferentes ângulos. John é o primeiro a chegar — enormes desculpas a Campbell, grandes sorrisos e beijos para todas, um homem entusiasmado por estar ali, encantado por chegar no final daquela sessão de copos do outro lado da cidade, para poder tomar uma bebida e ir para casa com a mulher. George aparece cerca de vinte

minutos mais tarde — embaraçado, tenso, uma desculpa seca relacionada com o trabalho e Insley a ralar com ele: «Chegaste quarenta minutos atrasado», e ele a replicar: «Pois, desculpa lá estar a ganhar dinheiro para nós.» Os dois mal se falam enquanto fazem conversa com as outras pessoas.

Nick não aparece nem telefona. Esperamos mais quarenta e cinco minutos, com Campbell muito solícita («Provavelmente, ficou retido com algum prazo de última hora», diz ela, sorrindo em direção ao seu John, que nunca deixa que os prazos de última hora interfiram com os planos da mulher); e a fúria de Insley em relação ao marido começa a abrandar quando ela percebe que ele é apenas o segundo maior parvalhão do grupo («Tens a certeza de que ele nem sequer te mandou uma mensagem, minha querida?»).

Eu limito-me a sorrir:

— Sabe-se lá onde é que ele está... Encontramo-nos em casa. — E nessa altura são os homens do grupo que parecem surpreendidos: Quer dizer que isso era uma opção? Não marcar presença sem consequências desagradáveis? Sem culpa, raiva ou mau humor?

Bem, para vocês talvez não, rapazes.

Eu e Nick às vezes rimo-nos, rimo-nos sem pudor, diante das coisas horríveis que as mulheres obrigam os maridos a fazer para provar o seu amor. As tarefas inúteis, a miríade de sacrifícios, as pequenas capitulações infundáveis. Chamamos a esses homens macacos amestrados.

Nick chega a casa, transpirado e salgado, descontraído devido à cerveja que tomou no estádio de basebol, e eu enrosco-me no seu colo, pergunto-lhe pelo jogo, pergunto-lhe se o seu amigo Jack se divertiu, e ele diz: «Oh, ficou doente com um surto de macacos amestrados — a pobre Jennifer teve “uma semana muito stressante” e precisava realmente dele em casa.»

Ou então o seu colega de trabalho, que não pode sair para tomar um copo porque a namorada precisa mesmo que ele passe por um restaurantezinho qualquer, onde está a jantar com uma amiga de fora da cidade. Para poderem finalmente conhecer-se. E para ela poder mostrar como o seu macaco é obediente: Ele vem quando eu chamo, e vê só como está bem arranjado!

Veste isto, não vistas aquilo! Faz esta tarefa agora, e faz aquela

quando tiveres oportunidade e, com isto, quero dizer agora. E, decididamente, abdica das coisas de que gostas por minha causa, para provar que me amas de verdade. É o concurso feminino para ver quem chateia mais — quando andamos pelos clubes do livro e nos cocktails de convívio, há pouca coisa de que as mulheres gostem tanto de falar como dos sacrifícios que os nossos homens fazem por nós. Um sistema de interação pergunta-resposta, em que a resposta é: «Oh, que querido!»

Fico feliz por não fazer parte desse clube. Não participo nisso, não recorro à coerção emocional, não obrigo Nick a desempenhar o papel de maridinho feliz — o papel que implica encolher os ombros e gritar alegre e obedientemente vou pôr o lixo lá fora, querida! O homem de sonho de todas as mulheres, o contraponto da fantasia masculina da mulher doce, ardente e descontraída que adora sexo e uma bebida forte.

Gosto de pensar que sou suficientemente confiante, segura de mim e madura para saber que Nick me ama, sem que tenha de estar constantemente a prová-lo. Não preciso de cenários patéticos com macacos amestrados para descrever às amigas; contento-me em deixá-lo ser ele próprio.

Não sei porque é que as mulheres acham isso tão difícil.

Quando chego a casa do jantar, o meu táxi para justamente quando Nick está a sair do seu próprio táxi, e ele fica ali parado na rua, de braços estendidos para mim e um enorme sorriso no rosto — «Querida!» — e eu corro e salto para os seus braços, e ele encosta a face por barbear à minha.

— O que é que fizeste esta noite? — pergunto.

— Houve uns tipos que ficaram a jogar póquer depois do trabalho, por isso fiquei a ver durante um bocado. Espero que não te importes.

— Claro que não. Sempre foi mais divertido do que a minha noite.

— Quem é que apareceu?

— Oh, Campbell e Insley e os seus macacos amestrados. Uma maçada. Escapaste de boa! Podes crer!

Ele aperta-me contra ele — naqueles braços fortes — e carrega-me pelas escadas acima.

— Meu Deus, como te amo! — exclama.

Depois, vem o sexo e uma bebida forte e uma noite de sono na nossa

cama grande e macia. Pobre de mim.

Nick Dunne — Desaparecida Há Um Dia

Não dei ouvidos a Go em relação à bebida. Bebi meia garrafa sentado sozinho no seu sofá, o meu décimo oitavo surto de adrenalina a fazer efeito precisamente quando pensava que ia finalmente adormecer: senti os olhos a fecharem-se, mudei a almofada de posição, os olhos cerraram-se e, depois, vi a minha mulher, com o cabelo louro empapado em sangue, a chorar e cega pela dor, a arrastar-se através do chão da nossa cozinha. A chamar o meu nome. Nick, Nick, Nick!

Bebi repetidos goles pela garrafa, mentalizando-me para adormecer, uma rotina infrutífera. O sono é como um gato: só vem ter connosco se o ignorarmos. Bebi mais e continuei a minha ladainha. Para de pensar, gole, esvazia a cabeça, gole, agora, a sério, esvazia a cabeça, faz isso agora, gole. Precisas de estar em forma amanhã, precisas de dormir! Gole. Só consegui passar pelas brasas já pela madrugada, e acordei uma hora mais tarde com uma ressaca. Não uma ressaca incapacitante, mas razoável. Estava sensível e embotado. Abafado. Talvez ainda um bocadinho embriagado. Caminhei com dificuldade até ao Subaru de Go, e o movimento parecia-me estranho, como se as minhas pernas estivessem em marcha atrás. Tinha posse temporária do carro; a polícia tinha recebido amavelmente o meu Jetta pouco usado para ser inspecionado, juntamente com o meu computador portátil — tudo uma formalidade, asseguraram-me. Guiei até casa para arranjar uma roupa decente.

Havia três carros da polícia no meu quarteirão, e os poucos vizinhos também andavam por ali. Não havia sinais de Carl, mas lá estava Jan Teverer — a senhora cristã — e Mike, o pai dos trigémeos FIV de três anos — Trinity, Topher e Talullah. («Detesto-os a todos, só pelo nome», disse Amy, juiz implacável em questões de moda. Quando mencionei que o nome Amy também já tinha estado na moda, a minha mulher disse: «Nick, tu sabes a história do meu nome.» Não fazia ideia do que ela estava a falar.)

Jan fez-me um aceno de cabeça ao longe, sem me olhar nos olhos, mas Mike veio ter comigo assim que saí do carro.

— Eh pá, lamento imenso, se houver alguma coisa que eu possa fazer, é só dizer. Qualquer coisa. Cortei a relva esta manhã, pelo menos escusas de estar preocupado com isso.

Eu e Mike revezávamo-nos a cortar a relva de todas as propriedades cujas hipotecas tinham sido executadas e se encontravam abandonadas no complexo — a chuva forte na primavera tinha transformado os jardins em selvas, o que encorajou a afluência de guaxinins. Tínhamos guaxinins por todo o lado, a roerem o nosso lixo ao final da noite, a esgueirarem-se para as nossas caves, a preguiçarem nos nossos alpendres, como animais de estimação ociosos. Cortar a relva não parecia fazê-los ir embora, mas pelo menos agora conseguíamos vê-los chegar.

— Obrigado, pá, obrigado — disse eu.

— Eh pá, a minha mulher ficou histérica desde que soube disto. Absolutamente histérica.

— Lamento saber disso — repliquei. — Tenho de ir... — Apontei para a minha porta.

— Anda sentada pelos cantos a chorar em frente às fotografias de Amy.

Eu não tinha dúvidas de que tinham aparecido mil fotografias na Internet de um dia para o outro, apenas para alimentar as necessidades patéticas de mulheres como a de Mike. Não tinha simpatia por gente melodramática.

— Olha, tenho de perguntar... — começou Mike.

Dei-lhe uma palmadinha no braço e apontei novamente para a porta como se estivesse cheio de pressa. Afastei-me antes que ele pudesse fazer perguntas e bati à porta da minha própria casa.

A agente Velásquez escoltou-me escada acima, até ao meu próprio quarto, até ao meu próprio quarto de vestir — passando pela prenda perfeitamente quadrada embrulhada em papel prateado — e deixou-me remexer nas minhas coisas. Deixava-me tenso estar a escolher roupas em frente daquela mulher jovem com uma comprida trança castanha, daquela mulher que tinha necessariamente de estar a formular juízos sobre mim, a formar uma opinião. Acabei por agarrar nas coisas às cegas: o estilo final ficou entre o formal e o casual, com calças largas e camisa de manga curta, como se fosse para uma convenção. Daria um ensaio interessante, pensei, escolher roupas

apropriadas quando um ente querido está desaparecido. Era impossível desligar o escritor insaciável e desejoso de encontrar novos ângulos que havia em mim.

Atirei tudo de qualquer maneira para dentro de um saco, dei meia-volta e fiquei a olhar para a prenda que estava no chão.

— Posso espreitar o que tem lá dentro? — perguntei-lhe.

Ela hesitou, mas depois jogou pelo seguro.

— Não, lamento, mas é melhor não fazer isso agora.

A extremidade do embrulho tinha sido aberta com cuidado.

— Já alguém espreitou o conteúdo?

Ela acenou afirmativamente.

Contornei Velásquez, em direção à caixa.

— Se já viram, então...

Ela pôs-se à minha frente.

— Não posso deixá-lo fazer isso.

— Isto é ridículo. É para mim, da minha mulher...

Voltei a contorná-la, inclinei-me e tinha uma mão no canto da caixa quando ela me bateu com um braço no peito, por trás. Senti um acesso de fúria momentâneo pelo facto de aquela mulher se atrever a dizer-me o que fazer na minha própria casa. Por mais que tente agir como a minha mãe, a voz do meu pai surge inesperadamente na minha cabeça, depositando pensamentos horríveis, palavras obscenas.

— Isto é o local de um crime, o senhor tem de...

Cabra estúpida.

De repente, o parceiro, Riordan, estava no quarto e em cima de mim também, e eu estava a tentar livrar-me deles — está bem, está bem, merda — e eles estavam a obrigar-me a descer as escadas. Havia uma mulher de gatas junto à porta de entrada, a esquadrinhar o soalho, presumo que à procura de salpicos de sangue. Levantou a cabeça e fitou-me, impassível, depois voltou a baixá-la.

Esforcei-me por descomprimir enquanto fazia a viagem de volta à casa de Go para me vestir. Esta era apenas uma numa longa série de coisas desagradáveis e estúpidas que a polícia faria no decurso desta investigação (eu gosto de regras que façam sentido, e não de regras sem lógica), por isso precisava de me acalmar: Não hostilizes os polícias, disse a mim mesmo. Repete, se necessário: Não hostilizes os polícias.

Esbarrei em Boney quando entrei na esquadra e ela disse:

— Os seus sogros estão aqui, Nick — num tom encorajador, como se estivesse a oferecer-me um muffin ainda morno.

Marybeth e Rand Elliott estavam de pé, com os braços à volta um do outro. No meio da esquadra, parecia que estavam a posar para fotografias promocionais. Era assim que os via sempre, mãos a afagarem-se, queixos encostados, faces a roçarem. Sempre que visitava os Elliotts, começava a pigarrear de forma compulsiva — atenção que vou entrar — porque os Elliotts podiam estar num recanto qualquer, em manifestações de ternura. Beijavam-se na boca sempre que se separavam e Rand punha a mão no traseiro da mulher quando passava por ela. Aquilo era novidade para mim. Os meus pais divorciaram-se quando eu tinha doze anos, e eu creio que talvez em criança tenha testemunhado um beijo casto na face entre os dois, quando era impossível evitar. Natal, aniversários. Lábios secos. Nos seus melhores tempos de casados, as suas comunicações eram puramente transacionais: Estamos outra vez sem leite. (Eu hoje vou comprar.) Preciso disto passado a ferro como deve ser. (Eu faço isso hoje.) É assim tão difícil comprar leite? (Silêncio.) Esqueceste-te de chamar o canalizador. (Suspiro.) Porra! Veste o casaco agora e vai comprar a porcaria do leite. Agora. Estas mensagens e ordens eram dadas pelo meu pai, um gerente de nível médio da companhia de telefones que tratava a minha mãe, na melhor das hipóteses, como uma empregada incompetente. Na pior? Ele nunca lhe bateu, mas a sua fúria pura e silenciosa enchia a casa durante dias e semanas de cada vez, tornando o ar húmido e difícil de respirar, com o meu pai a andar majestosamente por ali, com o maxilar inferior projetado para a frente, dando-lhe o aspeto de um pugilista ferido e vingativo, rangendo os dentes tão alto que se ouvia do outro lado da sala. A atirar com coisas perto dela, mas não exatamente contra ela. Tenho a certeza de que dizia para consigo: Eu nunca lhe bati. Tenho a certeza porque, devido a este aspeto técnico, ele nunca se via como abusador. Mas transformava a nossa vida familiar numa viagem infundável, com indicações erradas e um motorista crispado de raiva, numas férias que nunca tiveram hipótese de ser divertidas. Não me faças dar meia-volta com o carro. Por favor, a sério, dá meia-volta.

Não creio que o problema do meu pai fosse com a minha mãe em particular. Ele só não gostava de mulheres. Achava que eram estúpidas, inconsequentes, irritantes. Aquela cabra estúpida. Era a sua expressão favorita para qualquer mulher que o aborrecesse: uma automobilista, uma empregada de mesa, as nossas professoras primárias, que nunca chegou a conhecer pessoalmente, já que as conferências entre pais e professores tresandavam a universo feminino. Ainda me lembro quando Geraldine Ferraro foi nomeada candidata à vice-presidência, em 1984, e nós todos ouvimos a notícia no telejornal, antes de jantar. A minha mãe, a minha minúscula e delicada mãe, pousou a mão na nuca de Go e disse: Bem, acho isto maravilhoso. E o meu pai desligou a televisão e disse: É uma piada. Tu sabes que é uma maldita piada. É como ver um macaco a andar de bicicleta.

Foram precisos mais cinco anos para a minha mãe decidir finalmente que estava farta. Um dia, cheguei a casa da escola e o meu pai tinha desaparecido. Estava lá de manhã e desapareceu à tarde. A minha mãe sentou-nos à mesa da sala de jantar e anunciou: «Eu e o vosso pai decidimos que seria melhor para toda a gente, se vivêssemos separados», e Go desatou a chorar e disse: «Ótimo, odeio-vos aos dois!» e, a seguir, em vez de ir a correr para o quarto, como o guião requeria, foi ter com a minha mãe e abraçou-a.

Portanto, o meu pai desapareceu e a minha mãe, magra e sofrida, ficou mais gorda e feliz — razoavelmente gorda e extremamente feliz —, como devia ter sido durante todo aquele tempo: um balão vazio a receber ar. Dentro de um ano, tinha-se metamorfoseado na senhora atarefada, calorosa e alegre que seria até morrer, e a irmã dizia coisas como: «Graças a Deus que a velha Maureen está de volta», como se a mulher que nos criou fosse uma impostora.

Quanto ao meu pai, durante anos falei com ele ao telefone cerca de uma vez por mês. As conversas eram corteses e cheias de novidades, um relato das coisas que aconteciam. A única pergunta que o meu pai alguma vez fez sobre Amy foi: «Como é que está Amy?», o que não se destinava a produzir outra resposta para além de «Está ótima». Permaneceu teimosamente distante, mesmo quando a demência se foi progressivamente instalando, depois dos sessenta anos. Se chegares sempre cedo, nunca te atrasas. Era esse o mantra do meu pai, e incluía

o começo da doença de Alzheimer — um lento declínio até se precipitar numa queda súbita e acentuada que nos obrigou a mudar o nosso pai independente e misógino para um lar gigantesco que fedia a caldo de galinha e urina, onde estaria rodeado por mulheres que o ajudavam a toda a hora. Ha-ha!

O meu pai tinha limitações. Foi o que a minha bondosa mãe sempre nos disse. Tinha limitações, mas não nos queria fazer mal. Era simpático da parte dela dizer isso, mas ele fez-nos mal. Duvido que a minha irmã venha alguma vez a casar-se. Quando está triste, aborrecida ou zangada, precisa de ficar sozinha — receia que algum homem desdenhe das suas lágrimas tipicamente femininas. Eu não sou melhor. O que tenho de bom herdei da minha mãe. Consigo brincar, rir, arreliar, comemorar, apoiar e elogiar — basicamente, consigo funcionar com energia positiva —, mas não consigo lidar com mulheres zangadas ou chorosas. Sinto a raiva do meu pai a subir em mim da forma mais ignóbil. Amy podia contar-vos como é. Com certeza que vos contaria, se estivesse aqui.

Observei Rand e Marybeth por um momento, antes de eles me verem. Perguntei-me até que ponto estariam furiosos comigo. Tinha cometido um ato imperdoável ao protelar o telefonema durante tanto tempo. Por causa da minha cobardia, os meus sogros teriam aquela noite de ténis gravada para sempre na imaginação: a noite amena, as bolas amarelas a saltar no campo, o ranger dos ténis, a noite normal de quinta-feira que tinham passado enquanto a sua filha estava desaparecida.

— Nick — disse Rand Elliott ao ver-me. Deu três grandes passadas na minha direção, e enquanto eu me preparava para levar um soco ele abraçou-me com uma força desesperada.

— Como é que te estás a aguentar? — sussurrou ele junto ao meu pescoço e começou a embalar-me. Por fim, engoliu em seco de forma audível, um soluço abafado, e agarrou-me pelos braços. — Nós vamos encontrar Amy, Nick. Não pode ser de outra forma. Acredita nisso, está bem? — Rand Elliott fitou-me com os seus olhos azuis durante mais uns segundos e depois foi-se abaixo outra vez, saíram-lhe três suspiros efeminados como se fossem soluços, e Marybeth veio para o pé de nós e enterrou o rosto na axila do marido.

Quando nos separámos, ela fitou-me com olhos arregalados de

espanto.

— É apenas um... apenas um maldito pesadelo — disse ela. — Como estás, Nick?

Quando Marybeth perguntou Como estás?, não era um ato de cortesia, era uma pergunta existencial. Estudou o meu rosto, e eu tive a certeza de que me estava a estudar e que continuaria a registar todos os meus pensamentos e ações. Os Elliotts acreditavam que todas as características deviam ser consideradas, avaliadas, categorizadas. Todas significam alguma coisa, todas podem ser usadas. Mãe, pai, filha, todos três eram pessoas instruídas, com três pós-graduações em psicologia — pensavam mais antes das nove da manhã do que a maioria das pessoas pensava durante o mês inteiro. Lembro-me de uma vez ter recusado tarte de cereja ao jantar e de Rand ter inclinado a cabeça e exclamado: «Ahh! Iconoclasta. Desdenhas do patriotismo fácil e simbólico.» E quando tentei encarar aquilo como uma brincadeira e disse que também não gostava de bolo de cereja, Marybeth tocou no braço de Rand: «É por causa do divórcio. Todas aquelas comidas reconfortantes, as sobremesas que uma família come em conjunto, tudo isso são más recordações para Nick.»

Era ridículo, mas incrivelmente tocante, aquelas pessoas despenderem tanta energia a tentar compreender-me. A resposta: não gosto de cerejas.

Às onze e meia, a esquadra fervilhava de ruído. Os telefones tocavam, as pessoas gritavam de um lado para o outro da sala. Uma mulher cujo nome não percebi deu a conhecer subitamente a sua presença ao meu lado. Não fazia ideia há quanto tempo estava ali:

— ... e o principal objetivo disto, Nick, é pôr as pessoas à procura de Amy e dar-lhes a saber que ela tem uma família que a ama e que a quer de volta. Isto será muito controlado. Nick, vai precisar de... Nick?

— Sim.

— As pessoas vão querer ouvir uma curta declaração feita pelo marido.

Do outro lado da sala, Go precipitava-se na minha direção. Tinha-me deixado na esquadra, depois tinha passado a correr pelo Bar para tratar das coisas durante trinta minutos, e agora estava de volta, agindo como se me tivesse abandonado durante uma semana,

zigzagueando por entre secretárias, ignorando o jovem agente que tinha sido claramente incumbido de a acompanhar de forma discreta e digna.

— Tudo bem até agora? — disse Go, estreitando-me com um só braço. Os Dunnes não sabem dar abraços como deve ser. O polegar de Go pousou no meu mamilo direito. — Quem me dera que a mãe estivesse aqui — sussurrou ela, e era mesmo isso que eu estava a pensar. — Não há notícias? — perguntou ela, ao separar-se de mim.

— Nada, nada mesmo...

— Estás com ar de quem se sente péssimo.

— Sinto-me um lixo. — Estava prestes a confessar a minha idiotice por não lhe ter dado ouvidos em relação à bebida.

— Eu cá também teria acabado com a garrafa. — Deu-me umas palmadinhas nas costas.

— Está quase na hora — disse a RP, aparecendo mais uma vez como que por encanto. — A audiência não é má, para o fim de semana do Quatro de Julho. — Começou a encaminhar-nos a todos para uma sombria sala de conferências, persianas de alumínio, cadeiras articuladas e um bando de repórteres entediados, e mais para cima, para o estrado. Sentia-me como um orador de terceira categoria numa convenção medíocre, com o meu estilo formal-casual, a dirigir-me a um auditório cativo de pessoas com jet lag, que sonhavam com o que iriam comer ao almoço. Mas vi os jornalistas arrebitarem quando me viram — admitamos, um tipo jovem com ar decente — e depois a RP colocou um póster em cartolina num cavalete ali próximo, e era uma fotografia ampliada de Amy no seu melhor, aquele rosto que fazia com que nos quiséssemos certificar: Ela não pode ser assim tão bonita, pois não? Podia e era, e eu olhei fixamente para a fotografia da minha mulher enquanto as máquinas fotográficas tiravam fotografias de mim a olhar fixamente para a fotografia. Pensei naquele dia em Nova Iorque, quando a reencontrei: a única coisa que consegui ver foi o cabelo louro e a sua nuca, mas sabia que era ela e vi isso como um sinal. Quantos milhões de cabeças não tinha eu visto na minha vida, mas soube que aquela era a linda cabecinha de Amy a descer a Sétima Avenida, à minha frente. Soube que era ela e que íamos ficar juntos.

As máquinas fotográficas dispararam. Virei a cara e vi manchas. Era surreal. É isso que as pessoas dizem sempre quando querem descrever

momentos simplesmente invulgares. Pensei: Vocês não fazem a mais pequena ideia de quão surreal isto é. A minha ressaca estava agora a agravar-se, com o meu olho esquerdo a latejar como um coração.

Ouviam-se os cliques das máquinas e as duas famílias ficaram juntas, todos nós com as bocas transformadas em finos rasgões, sendo Go a única que se parecia com uma pessoa a sério. Os outros, eu incluído, parecíamos marcadores humanos, corpos que tinham sido levados para ali e postos de forma a não cair. Lá do seu cavalete, Amy parecia mais presente. Já todos tínhamos visto antes estas conferências de imprensa, quando outras mulheres tinham desaparecido. Estávamos a ser obrigados a representar a cena que os espetadores de televisão esperavam: a da família preocupada, mas esperançada. Olhos aturdidos pela cafeína e braços de boneca de trapos.

Estavam a dizer o meu nome; a sala engoliu coletivamente em seco, com a expectativa. Hora do espetáculo.

Quando vi mais tarde a transmissão, não reconheci a minha voz. Mal reconheci o meu rosto. O álcool a flutuar como neve derretida, mesmo por baixo da superfície da minha pele, fazia-me parecer um vagabundo bem nutrido, com o mínimo de sensualidade para não ser vergonhoso. Tinha ficado preocupado com a possibilidade de a minha voz vacilar, por isso corriji em excesso e as palavras saíram demasiado articuladas, como se estivesse a ler um relatório da bolsa de valores. «Só queremos que Amy volte para casa sã e salva...» Muito pouco convincente, desligado. Podia perfeitamente estar a ler números ao acaso.

Rand Elliott aproximou-se e tentou salvar-me:

— A nossa filha, Amy, é uma rapariga adorável, cheia de vida. É a nossa única filha, e é inteligente, linda e simpática. Ela é mesmo a «Incrível Amy». E nós queremos-la de volta. Nick quer-a de volta. — Pousou uma mão no meu ombro, enxugou os olhos, e eu transformei-me involuntariamente em aço. Era o meu pai outra vez: Os homens não choram.

Rand continuou a falar:

— Todos a queremos de volta ao lugar a que pertence, com a sua família. Instalámos um centro de operações no Days Inn...

As notícias haviam de mostrar Nick Dunne, marido da mulher

desaparecida, numa postura hirta ao lado do sogro, de braços cruzados, olhos vidrados, com um ar quase enfadado enquanto os pais de Amy choravam. E, depois, pior ainda. A minha resposta do costume, a necessidade de lembrar às pessoas que não era um idiota, que era um tipo simpático, apesar do olhar insensível, da expressão arrogante de otário.

E ela lá apareceu, vinda do nada, enquanto Rand implorava pelo regresso da filha: um sorriso matador.

Amy Elliott Dunne — 5 de Julho de 2010

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Não vou culpar Nick. Eu não culpo Nick. Recuso — recuso! — transformar-me numa rapariga desbocada, estridente e zangada. Fiz duas promessas a mim mesma quando casei com Nick. Primeira: nada de exigências tipo macaco amestrado. Segunda: nunca, mas nunca, dizer, Sim, por mim tudo bem (se quiseses ficar na rua até tarde, se quiseses fazer um fim de semana só de rapazes, se quiseses fazer qualquer coisa que queiras mesmo fazer) e depois castigá-lo por fazer aquilo que eu dissera que não me importava que fizesse. Receio estar perigosamente perto de quebrar ambas as promessas.

Mas, ainda assim, é o terceiro aniversário do nosso casamento e estou sozinha no nosso apartamento, o rosto retesado pelas lágrimas porque, bem, porque esta tarde recebi uma mensagem de voz de Nick. Percebi logo que era mau, percebi isso assim que a mensagem começou, pois dá para ver que está a ligar do telemóvel e consigo ouvir vozes de homens ao fundo e um grande hiato, como se estivesse a tentar decidir o que havia de dizer, depois ouço a sua voz abafada pelo táxi, uma voz que já está molhada e preguiçosa da bebida, e sei que vou ficar zangada — aquele inspirar rápido, o cerrar dos lábios, o levantar dos ombros, a sensação de queria tanto não ficar zangada, mas vou ficar. Será que os homens conhecem essa sensação? Não queremos ficar zangadas, mas quase que somos obrigadas a ficar. Porque há uma regra, uma regra boa, uma regra agradável, que está a ser quebrada. Ou talvez regra não seja a palavra certa. Protocolo? Pormenor? Mas a regra/protocolo/pormenor — o nosso aniversário — está a ser quebrado por uma boa razão, eu compreendo, a sério que compreendo. Os rumores eram verdadeiros: havia dezasseis articulistas que tinham sido despedidos na revista onde Nick trabalhava. Um terço do pessoal. Nick tinha sido poupado, para já, mas é claro que se sente obrigado a levar os outros para se embriagarem. São homens, amontoados num táxi, a descerem a Second Avenue e a fingirem-se corajosos. Houve uns quantos que

foram para casa ter com as suas mulheres, mas a maior parte ficou na rua. Nick vai passar a noite do nosso aniversário a comprar bebidas àqueles homens, a ir a clubes de strip e a bares de terceira categoria, a namoriscar com miúdas de vinte e dois anos (Aqui o meu amigo foi despedido, bem podia dar-lhe um abraço). Estes homens desempregados irão proclamar que Nick é um tipo incrível, enquanto ele lhes paga as suas bebidas com um cartão de crédito associado à minha conta bancária. Nick vai ter uma noite em grande no nosso aniversário, a que nem sequer aludiu na mensagem. Disse antes: Eu sei que tínhamos feito planos, mas...

Estou a ser uma miúda mimada. A questão é que pensava que ia ser uma tradição: tinha espalhado pequenas mensagens de amor por toda a cidade, lembranças do último ano que tínhamos passado juntos, a minha caça ao tesouro. Consigo visualizar a terceira pista a flutuar ao vento, presa por uma tira de fita-cola ao ângulo do V na escultura de Robert Indiana, Love, perto de Central Park. Amanhã, um enfasiado turista de doze anos, aos tropeções atrás dos pais, vai arrancá-la, lê-la, encolher os ombros, e deixá-la voar para longe como um papel de pastilha.

O final da minha caça ao tesouro era perfeito, mas já não é. É uma pasta clássica, absolutamente maravilhosa. Em cabedal. No terceiro aniversário, é cabedal. Um presente relacionado com o trabalho pode ser má ideia, dado que o trabalho não corre exatamente na perfeição, neste momento. Na nossa cozinha, tenho duas lagostas, como sempre. Preciso de telefonar à minha mãe para saber se elas aguentam um dia, a trepar inutilmente na sua caixa, ou se preciso de intervir e enfrentá-las com os meus olhos injetados para as cozer na panela sem uma boa razão para isso. Vou matar duas lagostas que nem sequer vou comer.

O meu pai telefonou para nos desejar um feliz aniversário. Eu agarrei no telefone, decidida a levar as coisas de forma descontraída, mas depois desatei a chorar quando comecei a falar — estava a fazer aquele choro horrível de quem quer falar ao mesmo tempo: muaha-uaah-guuahh-e-uaaa-ua — por isso, tive de lhe contar o que tinha acontecido, e ele disse-me que eu devia abrir uma garrafa de vinho e afogar ali as minhas mágoas. O meu pai é sempre a favor do mau humor indulgente. Seja como for, Nick vai ficar zangado por eu ter contado a Rand, e é claro que este fará aquilo que se espera de um pai

— dar uma palmadinha no ombro de Nick e dizer: «Soube que tiveste uma sessão de copos de emergência no vosso aniversário, Nicky.» E vai rir por entre dentes. Por isso, Nick vai saber e vai ficar zangado comigo porque quer que os meus pais pensem que ele é perfeito — fica radiante quando eu conto histórias para lhes mostrar que ele é um genro sem defeitos.

Exceto esta noite. Eu sei, eu sei, estou a ser uma miúda mimada.

São cinco da manhã. O sol está a nascer, quase tão luminoso como os candeeiros da rua que acabaram de se apagar. Gosto sempre desta mudança, quando estou acordada para a ver. Às vezes, quando não consigo dormir, salto da cama e caminho pelas ruas ao amanhecer, e quando as luzes se apagam todas ao mesmo tempo, sinto sempre que vi qualquer coisa de especial. Oh, lá vão as luzes da rua!, sinto vontade de anunciar. Em Nova Iorque, o silêncio não acontece às três ou quatro da manhã — há demasiados retardatários a sair dos bares, a gritar uns para os outros enquanto se deixam cair dentro dos táxis, a berrar ao telemóvel enquanto fumam freneticamente um último cigarro, antes de irem para a cama. Cinco da manhã é a melhor hora, quando o bater dos saltos altos no passeio parece qualquer coisa de ilícito. Todas as pessoas recolheram às suas casas e temos o espaço todo por nossa conta.

Eis o que aconteceu: Nick chegou a casa pouco depois das quatro, envolto num cheiro a cerveja, cigarros e ovos estrelados, uma placenta fedorenta. Eu ainda estava acordada, à espera dele, com a cabeça a latejar depois de uma maratona de Lei e Ordem. Ele sentou-se na nossa otomana, olhou de relance para o presente em cima da mesa e não disse nada. Fitei-o. Era óbvio que nem sequer ia tentar uma desculpa — Olha, desculpa, mas hoje as coisas complicaram-se. Eu só queria isso, um breve reconhecimento.

— Feliz dia a seguir ao aniversário — começo eu.

Ele suspira, um gemido profundo e melindrado.

— Amy, tive o pior dia de sempre. Por favor, não me faças sentir culpado, ainda por cima.

Nick cresceu com um pai que nunca pedia desculpa, por isso quando Nick sente que fez asneira, passa à ofensiva. Eu sei disso e, normalmente, consigo esperar pacientemente que isso lhe passe.

— Estava apenas a desejar feliz aniversário.
— Feliz aniversário, marido idiota, que me deixaste sozinha no meu grande dia.

Ficamos ali sentados em silêncio, por um momento, comigo a sentir um nó no estômago. Não quero ser a má da fita. Não mereço isso. Nick levanta-se.

— Bem, que tal foi? — pergunto, como é esperado.
— Que tal foi? Foi absolutamente horrível. Dezasseis dos meus amigos estão agora sem emprego. Foi deprimente. Provavelmente, também vou acabar despedido daqui a uns meses.

Amigos. Ele nem sequer gosta de metade dos tipos com que foi sair, mas não digo nada.

— Eu sei que agora parece horrível, Nick. Mas...
— Não é horrível para ti, Amy! Para ti não, nunca será horrível. Mas para nós? É muito diferente.

A mesma cantilena de sempre. Nick fica ressentido com o facto de eu nunca ter tido, nem nunca vir a ter, de me preocupar com dinheiro. Ele acha que isso me torna menos dura do que as outras pessoas, e não estou em desacordo com ele. Mas eu trabalho. Pico o ponto à entrada e à saída. Algumas das minhas amigas nunca tiveram literalmente um emprego; falam das pessoas que têm emprego no tom apiedado com que nós falamos de uma rapariga gorda com «uma cara tão bonita». Inclina-se para a frente e dizem: «Mas é claro que a Ellen tem de trabalhar», como algo saído de uma peça de Noël Coward. Eu não conto, porque posso sempre deixar o meu emprego, se quiser. Podia passar os meus dias em comissões de beneficência, a decorar a casa, a fazer jardinagem e voluntariado, e não vejo nada de mal em centrar a vida nessas coisas. O mais fantástico é que as coisas boas são feitas por mulheres que as pessoas menosprezam. Mas eu trabalho.

— Nick, eu estou do teu lado. Ficaremos bem, independentemente do que acontecer. O meu dinheiro é o teu dinheiro.

— Não segundo o acordo pré-nupcial.

Está bêbedo. Ele só menciona o acordo pré-nupcial quando está bêbedo. Nesta altura, volta todo o ressentimento. Já lhe disse centenas de vezes, literalmente centenas de vezes, as seguintes palavras: o acordo pré-nupcial não passa de um negócio. Não é para mim, nem sequer é para os meus pais, é para os advogados dos meus pais. Não

diz nada sobre nós, não tem a ver com a minha relação contigo.

Ele dirige-se para a cozinha, atira a carteira e dólares amarrotados para cima da mesa de centro, amachuca um pedaço de papel e atira-o para o lixo juntamente com uma série de recibos do cartão de crédito.

— Que porcaria de conversa, Nick.

— É uma porcaria de sensação, Amy.

Ele vai até ao nosso bar — no passo cuidadoso e vacilante de um bêbedo — e serve-se de outra bebida.

— Vais ficar maldisposto.

Ele levanta o copo à laia de saudação com o dedo do meio.

— Tu não percebes, Amy. Não podes perceber. Eu trabalho desde os catorze anos. Não tive oportunidade de ir para o maldito acampamento de ténis, nem para o acampamento de escrita criativa, nem para as aulas de preparação para as provas de admissão à faculdade, nem para essa merda toda, onde, aparentemente, toda a gente da cidade de Nova Iorque andou, porque andava a limpar mesas com um pano no centro comercial, a cortar relva, a ir de carro até Hannibal e a vestir-me como Huck Finn para os turistas, e a limpar as frigideiras dos churros à meia-noite.

Sinto um impulso irresistível de rir, de soltar umas boas gargalhadas. Um riso a bandeiras despregadas que iria arrebatrar Nick, e em breve estaríamos ambos a rir e a pôr um ponto final naquilo. Naquela ladainha de trabalhos miseráveis. Estar casada com Nick faz-me sempre lembrar que as pessoas têm de fazer coisas horríveis por dinheiro. Desde que me casei com Nick que aceno sempre às pessoas que se vestem de comida.

— Eu tive de trabalhar muito mais do que qualquer outra pessoa na revista para conseguir entrar sequer para a revista. Há praticamente vinte anos que trabalho para chegar onde cheguei, e agora vai tudo por água abaixo e não há mais nada que eu saiba fazer em vez disso, a menos que queira voltar para a minha terra, voltar a ser um rato do rio.

— Provavelmente, já és demasiado velho para fazer de Huck Finn.

— Vai-te lixar, Amy!

E a seguir vai para o quarto. Ele nunca me tinha dito aquilo antes, mas saiu-lhe com tanta naturalidade que presumo — e isto nunca me tinha passado pela cabeça —, presumo que o tenha pensado. Muitas

vezes. Nunca pensei ser o tipo de mulher a quem o marido dissesse para se ir lixar. E nós tínhamos jurado nunca ir para a cama zangados. Chegar a soluções de compromisso, comunicar e nunca ir para a cama zangados — os três conselhos dados vezes sem conta a todos os recém-casados. Mas, ultimamente, pareço ser a única que faz concessões; as nossas comunicações não resolvem nada, e Nick é muito bom a ir para a cama zangado. Consegue desligar as emoções como uma fonte. Já está a ressonar.

E depois, não consigo conter-me, muito embora não seja da minha conta, muito embora Nick ficasse furioso se soubesse: vou até ao caixote do lixo e tiro os recibos para fora, para poder saber por onde andou toda a noite. Dois bares, dois clubes de strip. E consigo vê-lo em cada um deles, a falar de mim com os amigos, porque ele já devia ter estado a falar de mim para aquela baixeza lhe ter saído com tanta facilidade. Imagino-os num dos clubes de strip mais caros, aqueles clubes chiques que fazem com que os homens acreditem que continuam destinados a governar e as mulheres a servi-los, com acústica deliberadamente má e música ensurdecedora para que ninguém tenha de falar, uma mulher de mamas retesadas escarranchada em cima do meu marido (que jura que é tudo na brincadeira), com o cabelo caído sobre as costas, os lábios húmidos do batom de brilho, mas não devo sentir-me ameaçada, são apenas traquinices de rapazes, devo antes rir-me disso e levar as coisas na desportiva.

Depois, desenrolo o papel amachucado e vejo uma caligrafia feminina — Hannah — e um número de telefone. Quem me dera que fosse como nos filmes e o nome fosse uma tolice qualquer, CanDee ou Bambie, algo que nos fizesse revirar os olhos. Misti, com dois corações sobre os «i». Mas é Hannah, que é uma mulher real, presumivelmente como eu. Nick jurou que nunca me traiu, mas eu também sei que oportunidades não lhe faltam. Podia perguntar-lhe por essa tal Hannah e ele dir-me-ia: Não faço ideia porque é que me deu o número de telefone, mas não quis ser indelicado, por isso aceitei-o. O que pode ser verdade. Ou não. Ele podia enganar-me e não me dizer, e havia de pensar cada vez pior de mim por não perceber isso. Havia de me observar do outro lado da mesa, ao pequeno-almoço, a sorver inocentemente os meus cereais, sabendo que sou uma idiota. E como é

que alguém pode respeitar uma idiota?

Agora, estou novamente a chorar, com Hannah na minha mão.

É uma coisa típica de mulheres, não é? Pegar numa noite de rapazes e transformá-la numa infidelidade conjugal que irá destruir o nosso casamento...

Não sei o que devo fazer. Sinto-me como uma peixeira esganiçada ou como um capacho ridículo — não sei qual dos dois. Não quero estar zangada, nem sequer consigo perceber se devia estar zangada. Penso na hipótese de ir para um hotel, deixá-lo ansioso por saber de mim, para variar.

Deixo-me estar onde estou durante alguns minutos, depois respiro fundo e entro no nosso quarto húmido de tanto álcool, e quando entro na cama, ele vira-se para mim, põe os braços à minha volta, enterra o rosto no meu pescoço e ambos dizemos em simultâneo: «Desculpa!»

Nick Dunne — Desaparecida Há Um Dia

Os flashes explodiram e eu deixei cair o sorriso, mas não com rapidez suficiente. Senti uma onda de calor a subir-me pelo pescoço e gotas de suor no nariz. Estúpido, Nick, estúpido. E depois, precisamente quando me estava a recompor, a conferência de imprensa terminou e era demasiado tarde para causar outra impressão.

Saí da sala com os Elliotts, cabisbaixo à medida que mais flashes disparavam. Já tinha chegado quase à porta quando Gilpin veio ter comigo, fazendo-me sinal para parar.

— Tem um minuto, Nick?

Ele pôs-me ao corrente de tudo enquanto nos dirigíamos para um gabinete nas traseiras:

— Verificámos aquela casa no seu bairro cuja entrada foi forçada e parece ter estado lá gente a acampar, por isso os tipos do laboratório estão lá. E encontrámos outra casa na ponta do seu complexo que tinha uns quantos ocupantes ilegais.

— Pois, isso é que me preocupa — disse eu. — Há pessoas acampadas por todo o lado. A cidade está infestada de gente desempregada e irritada.

Até há um ano, Cartago era uma cidade detida por uma única firma e essa firma era o enorme Centro Comercial Riverway, uma minúscula cidade em si mesmo que empregara em tempos milhares de habitantes locais — um quinto da população. Tinha sido construído em 1985 e era um centro comercial que visava atrair compradores de todo o Middle West. Ainda me lembro do dia da abertura: eu e Go, a mãe e o pai, todos a assistir aos festejos bem atrás da multidão que se encontrava no enorme parque de estacionamento alcatroado, porque o nosso pai queria sempre ter a possibilidade de se ir embora rapidamente de onde quer que fosse. Mesmo nos jogos de basebol, ficávamos junto à saída e íamos embora ao oitavo turno, enquanto eu e Go nos queixávamos, como seria de esperar — os dois cheios de nódoas de mostarda e impacientes e febris por causa do sol: Nunca conseguimos ver o fim. Mas, desta vez, a nossa posição recuada era desejável, pois

conseguimos uma vista panorâmica do acontecimento: a multidão impaciente, a saltar coletivamente de um pé para o outro; o presidente da câmara em cima de um estrado vermelho, branco e azul; as palavras ribombantes — orgulho, crescimento, prosperidade, sucesso — a rolar sobre nós, soldados no campo de batalha do consumismo, armados com livros de cheques em capas de vinil e malas de senhora acolchoadas. E a abertura das portas. E a corrida para chegar ao ar condicionado, à música de fundo, aos vendedores sorridentes que eram nossos vizinhos. Nesse dia, o nosso pai deixou-nos lá entrar, até esperou na fila para nos comprar uma coisa: copos de papel suados cheios de Orange Julius.

Durante um quarto de século, o Centro Comercial Riverway foi um dado adquirido. Depois, chegou a recessão, que foi levando o Riverway loja por loja até todo o centro ir à falência. Agora, consiste em duzentos mil metros quadrados de eco. Não houve nenhuma firma a reclamá-lo, nenhum empresário a prometer a sua ressurreição, ninguém sabia o que fazer com ele ou o que seria de todas as pessoas que lá trabalhavam, incluindo a minha mãe, que perdeu o emprego na «Shoe-Be-Doo-Be» — duas décadas a ajoelhar-se e a ajeitar sapatos, a separar caixas e a apanhar meias húmidas, que desapareceram sem-cerimónia.

A queda do centro comercial deixou, basicamente, Cartago na bancarrota. As pessoas perderam os seus empregos, perderam as suas casas. Ninguém conseguia ver nada de bom a acontecer em breve. Nunca mais vemos o fim disto. Só que, desta vez, parecia que eu e Go iríamos vê-lo. Todos nós o veríamos.

A bancarrota estava em perfeita sintonia com o meu estado de alma. Durante vários anos, tinha andado entediado. Não o tédio de uma criança lamurienta e irrequieta (embora eu não estivesse acima disso), mas um mal-estar denso e envolvente. Parecia-me não haver nada de novo para descobrir nunca mais. A nossa sociedade era completa e ruinosamente pouco original (embora a expressão pouco original enquanto crítica fosse ela própria pouco original). Éramos os primeiros seres humanos que nunca viam nada pela primeira vez. Fitamos as maravilhas do mundo de olhos mortícios, sem entusiasmo. Mona Lisa, as Pirâmides, o Empire State Building. Animais selvagens ao ataque, antigos icebergues a desmoronar, vulcões a entrar em

erupção. Não me consigo lembrar de uma única coisa espantosa que tenha visto em primeira mão e que não tenha relacionado de imediato com um filme ou programa televisivo. Ou com um maldito anúncio. Vocês conhecem aquela horrível cantilena do enjoado: Já tinha visto. Eu já vi literalmente tudo, e o pior, aquilo que me faz querer rebentar com os miolos, é que a experiência em segunda mão é sempre melhor. A imagem é mais nítida, a visão mais penetrante, o ângulo da câmara e a banda sonora manipulam as minhas emoções de uma forma que a realidade já não é capaz de fazer. Já não sei se somos realmente humanos nesta altura, aqueles de nós que são como a maior parte, e que cresceram com televisão e filmes e agora a Internet. Se somos traídos, sabemos as palavras que devemos dizer; quando um ente querido morre, sabemos as palavras que devemos dizer. Se quisermos fazer o papel de conquistador, espertalhão ou idiota, sabemos as palavras que devemos dizer. Trabalhamos todos a partir do mesmo guião já muito batido.

É um período muito difícil para se ser uma pessoa, uma pessoa a sério e real, em vez de uma coleção de traços de personalidade selecionados a partir de uma máquina de venda automática de personagens.

E se todos estamos a representar, não pode existir uma alma gémea, porque não temos almas genuínas.

Tinha chegado a um ponto em que parecia que já nada importava, pois eu não sou uma pessoa a sério e os outros também não.

Teria feito o que fosse preciso para me sentir outra vez real.

Gilpin abriu a porta do mesmo gabinete onde me tinham interrogado na noite anterior. No meio da mesa estava a caixa prateada da prenda de Amy.

Fiquei especado a olhar para a caixa pousada no centro da mesa, tão sinistra neste novo cenário. Apossou-se de mim uma sensação de medo. Porque é que não a tinha descoberto antes deles? Devia tê-la descoberto.

— Vá — disse Gilpin. — Queríamos que desse uma vista de olhos nisto.

Abri-a com tanta cautela como se pudesse ter uma cabeça lá dentro. Encontrei apenas um envelope azul macio que dizia PRIMEIRA

PISTA.

Gilpin sorriu tolamente.

— Imagine a nossa confusão. Temos entre mãos o caso de uma pessoa desaparecida, e encontramos um envelope a dizer PRIMEIRA PISTA.

— É para uma caça ao tesouro que a minha mulher...

— Certo. Para o aniversário de casamento. O seu sogro fez menção a isso.

Abri o envelope, tirei para fora um papel grosso azul-celeste — o papel de carta de Amy — dobrado ao meio. Senti a bÍlis subir-me à garganta. Aquelas caças ao tesouro reduziam-se sempre a uma única pergunta: quem é Amy? (O que é que a minha mulher está a pensar? O que é que foi importante para ela neste último ano? Quais os momentos que a fizeram mais feliz? Amy, Amy, Amy, vamos pensar em Amy.)

Li a primeira pista com os dentes cerrados. Dado o nosso mau humor conjugal naquele último ano, aquilo ia fazer-me parecer uma pessoa horrível. E eu não precisava de mais nada que me fizesse parecer uma pessoa horrível.

Imagino-me como tua aluna,
Com um professor tão bonito e sábio
O meu pensamento abre-se (para não falar das minha coxas!)
Se eu fosse tua aluna, não seria preciso um presente
Talvez apenas um encontro furtivo durante as tuas horas de expediente
Portanto apressa-te, põe-te a andar, por favor faz isso
E desta vez quem te ensina uma coisa ou duas sou eu.

Era um itinerário para uma vida alternativa. Se as coisas tivessem corrido de acordo com a imaginação da minha mulher, no dia anterior ela teria ficado a rondar enquanto eu lia aquele poema, a observar-me com impaciência, a esperança a emanar dela como uma febre: Por favor, percebe isto. Por favor, percebe-me.

E acabaria por dizer: E então? E eu replicaria:

— Oh, eu sei o que significa! Ela deve estar a falar do meu gabinete na escola superior de educação. Sou professor adjunto lá. Hum, quer

dizer, deve ser isso, não é? — Semicerrei os olhos e li de novo. — Ela facilitou muito as coisas este ano.

— Quer que o leve lá de carro? — perguntou Gilpin.

— Não, trouxe o carro da Go.

— Então vou atrás de si.

— Acha que é importante?

— Bem, mostra os movimentos dela um ou dois dias antes de desaparecer. Portanto, não deixa de ser importante. — Ele olhou para o papel de carta. — É muito giro, sabe? Parece uma coisa tirada de um filme: uma caça ao tesouro. Eu e a minha mulher trocamos um postal e, quando muito, vamos comer fora. Dá ideia que vocês estavam a fazer as coisas como deve ser. A preservar o romance.

Depois, Gilpin baixou os olhos, envergonhado, e fez tilintar as chaves para se ir embora.

A escola tinha-me presenteado grandiosamente com um gabinete minúsculo, suficientemente grande para uma secretária, duas cadeiras e umas quantas prateleiras. Eu e Gilpin abrimos caminho por entre os alunos dos cursos de verão, uma combinação de miúdos extremamente jovens (entediados, mas ocupados, com os dedos a escrever mensagens ou a selecionar música) e pessoas mais velhas e algo circunspectas que presumi serem desempregados do centro comercial a receber formação para tentarem uma nova carreira.

— O que é que ensina? — perguntou Gilpin.

— Jornalismo, jornalismo de revista. — Uma rapariga que vinha a escrever mensagens e a andar esqueceu-se de controlar esta última atividade e quase esbarrou em mim. Desviou-se para o lado sem sequer erguer os olhos. Fez-me sentir rabugento, tipo um velho a gritar: fora do meu relvado!

— Pensei que já não fazia jornalismo.

— Quem sabe faz, quem não sabe... — disse eu sorrindo.

Abri a porta fechada à chave do meu gabinete e entrei naquele ar que cheirava a fechado e cheio de partículas de pó em suspensão. Eu estava de férias durante o verão; fazia semanas que não ia ali. Em cima da minha secretária estava outro envelope, que dizia SEGUNDA PISTA.

— Anda sempre com a chave no porta-chaves? — perguntou Gilpin.

— Sim.

— Então é possível que Amy a tenha tirado para cá entrar?

Rasguei a parte lateral do envelope.

— E temos uma chave de reserva em casa. — Amy fazia duplicados de tudo; eu tinha tendência para perder chaves, cartões de crédito, telemóveis, mas não queria dizer isso a Gilpin e levar com outro remoque quanto a ser o benjamim da família. — Porquê?

— Oh, queria apenas certificar-me que ela não tinha tido de recorrer a um porteiro ou coisa do género.

— Que eu tenha reparado, não há por aqui muitas personagens tipo Freddy Krueger.

— Nunca vi esses filmes — replicou Gilpin.

Dentro do envelope, estavam duas tiras de papel dobradas. Uma tinha um coração; a outra dizia PISTA.

— Duas notas. Era diferente. Senti um nó no estômago. Só Deus sabia o que é que Amy ia dizer. Abri a nota com o coração. Quem me dera não ter deixado Gilpin ir comigo... Depois, vi as primeiras palavras:

Meu querido marido,

Achei que este era o local perfeito — estas benditas paredes de sabedoria! — para te dizer que te acho um homem brilhante. Não to digo vezes suficientes, mas o teu intelecto deixa-me maravilhada: as estatísticas e histórias esquisitas, os factos estranhos, a perturbadora capacidade para fazer citações de todos os filmes, a vivacidade de espírito, a forma deliciosa que tens de formular as coisas. Depois de anos juntos, creio que um casal pode acabar por esquecer quão maravilhosos se acham um ao outro. Lembro-me da forma como fiquei deslumbrada contigo quando nos conhecemos, por isso quero tirar um momento para te dizer que assim continuo e que é uma das coisas que mais gosto em relação a ti: És BRILHANTE.

Fiquei com água na boca. Gilpin estava a ler por cima do meu ombro e até deu um suspiro.

— Que senhora encantadora — disse ele. Depois, pigarreou. — Hum, isto é seu?

Usou a borrachinha na ponta do lápis para levantar uma peça de roupa interior feminina (tecnicamente, eram umas calcinhas — com fitinhas, rendadas, vermelhas — mas eu sei que as mulheres ficam horrorizadas com essa palavra — basta ir ao Google e escrever detesto a palavra calcinhas). Estavam penduradas num botão da unidade de ar condicionado.

— Oh, meu Deus! Isso é constrangedor.

Gilpin ficou à espera de uma explicação.

— Hum, uma vez eu e Amy... Bem, leu o que ela escreveu... às vezes, gostamos de apimentar um bocadinho as coisas.

Gilpin sorriu.

— Oh, eu percebo, professor lúbrico e aluno maroto. Eu percebo. Não há dúvida de que vocês faziam as coisas como deve ser. — Estendi o braço para pegar na peça de roupa, mas Gilpin já estava a tirar do bolso um saco de recolha de prova e a pô-la lá dentro. — É só por precaução — disse ele de forma inexplicável.

— Oh, por favor, não faça isso — disse eu. — Amy ia morrer... — Contive-me.

— Não se preocupe, Nick, faz tudo parte do protocolo, meu amigo. Não ia acreditar nas dificuldades que temos de enfrentar. Por via das dúvidas, por via das dúvidas. Ridículo. O que é que diz a pista?

Deixei-o ler novamente por cima do meu ombro, com o seu cheiro contrastantemente fresco a distrair-me.

— Então, e o que significa esta? — perguntou.

— Não faço ideia — menti.

Finalmente, lá me vi livre de Gilpin, e depois conduzi estrada fora, sem destino, para poder fazer um telefonema do meu telemóvel descartável. Ninguém atendeu. Não ia deixar mensagem. Acelerei durante mais algum tempo, como se pudesse chegar a algum lado, depois dei meia-volta e fiz o caminho de quarenta e cinco minutos de volta à cidade para me encontrar com os Elliotts no Days Inn. Entrei num átrio apinhado de membros da Associação de Vendedores do Midwest — malas com rodas por todo o lado, com os seus donos a emborcar bebidas de cortesia em copinhos de plástico e a estabelecer contactos, soltando risadas guturais forçadas e a remexer nos bolsos para tirar os cartões de visita comerciais. Subi no elevador com quatro

homens, todos eles a ficar calvos, trajando calças de caqui e camisa de golfe e com as fitas de identificação penduradas ao pescoço a ressaltar nas suas grandes barrigas de casado.

Marybeth abriu a porta enquanto falava ao telemóvel; apontou para a televisão e murmurou: «Temos uma bandeja com carnes frias, meu querido», e depois foi para a casa de banho, fechou a porta e os murmúrios continuaram.

Saiu alguns minutos mais tarde, mesmo a tempo do noticiário local das cinco, transmitido a partir de St. Louis, e que falava do desaparecimento de Amy.

— A fotografia é perfeita — murmurou Marybeth em direção ao ecrã, onde Amy nos olhava com atenção. — As pessoas vão vê-la e vão saber exatamente como é que ela é.

Eu achava que o retrato — da breve incursão de Amy no mundo da representação — era lindo, mas perturbador. As fotografias de Amy davam a sensação de que ela nos estava a observar, como um daqueles retratos nos velhos casarões assombrados, com os olhos a mover-se da esquerda para a direita.

— Também lhes devíamos arranjar umas fotografias mais naturais — disse eu. — De como ela é no dia a dia.

Os Elliotts disseram que sim com a cabeça em simultâneo, mas mantiveram-se calados a olhar para a televisão. Quando a notícia terminou, foi Rand quem quebrou o silêncio.

— Estou a sentir-me maldisposto.

— Eu sei — disse Marybeth.

— Como é que te estás a aguentar, Nick? — perguntou Rand, dobrado sobre si mesmo, de mãos nos joelhos, como se estivesse a preparar-se para se levantar do sofá, mas não conseguisse fazê-lo.

— Estou péssimo, para dizer a verdade. Sinto-me tão inútil.

— Sabes, tenho de perguntar isto: e os teus empregados, Nick? — Rand pôs-se finalmente de pé. Foi até ao minibar, serviu-se de um ginger ale, e depois virou-se para mim e para a Marybeth. — Alguém? Alguma coisa? Qualquer coisa?

Abanei a cabeça; Marybeth pediu uma água com gás.

— Também queres misturar um bocadinho de gim, querida? — perguntou Ron, com a voz cava a tornar-se mais aguda na última palavra.

— Claro. Sim, quero. — Marybeth fechou os olhos, dobrou-se sobre si mesma e pôs o rosto entre os joelhos; depois, inspirou profundamente e voltou a recostar-se na posição anterior, como se fosse um exercício de ioga.

— Dei-lhes listas de toda a gente — disse eu. — Mas não vejo grande interesse nisso, Rand. Não creio que seja o sítio certo para procurar.

Rand pôs uma mão atravessada em cima da boca e esfregou para cima, com a carne das bochechas a acumular-se à volta dos olhos.

— É claro que estamos a fazer a mesma coisa com o nosso negócio, Nick.

Rand e Marybeth referiam-se sempre à série Incrível Amy como um negócio, o que à primeira vista nunca deixava de me surpreender como sendo uma tolice: são livros para crianças, sobre uma menina perfeita que surge retratada em todas as capas, uma versão cartonada da minha própria Amy. Mas é claro que também são (eram) um negócio, um grande negócio. Foram matéria-prima para os alunos da escola primária durante quase duas décadas, em grande parte devido aos questionários no final de cada capítulo.

No terceiro ano, por exemplo, a Incrível Amy apanhou o seu amigo Brian a dar demasiada comida à tartaruga da turma. Ela tentou chamá-lo à razão, mas quando Brian insistiu na comida extra, Amy não teve outra opção a não ser denunciá-lo à professora: «Senhora Tibbles, não quero ser queixinhas, mas não sei o que fazer. Tentei ser eu a falar com o Brian, mas agora... Acho que sou capaz de precisar da ajuda de um adulto...» — Consequências:

1) Brian disse a Amy que ela era uma amiga desleal e deixou de falar com ela;

2) A sua tímida colega Suzy disse que Amy não devia ter dito nada; devia antes ter tirado a comida para fora em segredo, sem Brian saber;

3) A arquirrival de Amy, Joanna, disse que Amy tinha ciúmes e queria ser ela a alimentar a tartaruga;

4) Amy recusou-se a retirar o que dissera — sentia que tinha feito a coisa certa.

Quem tem razão?

Bem, esta é fácil, porque Amy tem sempre razão, em todas as

histórias. (Não pensem que eu não tinha já mencionado esse facto nas discussões com a minha Amy de carne e osso, porque já o fizera por mais de uma vez.)

Os questionários — escritos por dois psicólogos, que também são pais como vocês! — serviam alegadamente para determinar os traços de personalidade de uma criança: o seu rebento é um amuado, que não suporta ser corrigido, como Brian? Uma permissiva sem carácter, como Suzy? Uma provocadora, como Joanna? Ou perfeita, como Amy? Os livros tornaram-se uma moda entre a classe yuppie em ascensão: eram a «Pet Rock» da educação parental. O cubo de Rubik da puericultura. Os Elliotts enriqueceram. A dada altura, estimou-se que todas as bibliotecas escolares existentes na América tinham um livro da Incrível Amy.

— Receiam que isto possa estar ligado com o negócio da Incrível Amy? — perguntei.

— Temos umas quantas pessoas que achamos que vale a pena investigar — começou Rand.

Soltei um riso abafado.

— Acham que Judith Viorst raptou Amy para Alexander, com o intuito de ele não voltar a ter dias terríveis, horríveis, muito maus, que não prestam para nada?

Rand e Marybeth viraram-se para mim, ambos com um misto de surpresa e decepção estampado no rosto. Era uma observação grosseira e de mau gosto — o meu cérebro andava a expelir pensamentos impróprios como aquele em momentos inoportunos. Como gases mentais que eu não conseguia controlar. Por exemplo, tinha começado a entoar mentalmente a letra de «Bony Moronie» sempre que via a minha amiga polícia. Ela é tão magrinha como um fio de macarrão, cantarolava o meu cérebro quando a detetive Rhonda Boney me punha a par da dragagem do rio para tentar encontrar a minha mulher desaparecida. Mecanismo de defesa, dizia eu para mim mesmo, não passa de um mecanismo de defesa esquisito. Gostava que aquilo parasse.

Reposicionei a perna delicadamente e falei com cuidado, como se as minhas palavras fossem uma enorme pilha de boa porcelana.

— Desculpem, não sei porque é que disse isto.

— Estamos todos cansados — observou Rand.

— Vamos pôr a polícia no encalço de Viorst — disse Marybeth. — E também daquela cabra da Beverly Cleary. — Era mais um gesto de perdão do que uma piada.

— Acho que devo dizer-lhes — observei. — Neste tipo de caso, é normal que a polícia...

— Investigue primeiro o marido, eu sei — interrompeu Rand. — Já lhes disse que estão a perder o seu tempo. As perguntas que eles nos fizeram...

— Foram insultuosas — terminou Marybeth.

— Então falaram convosco sobre mim? — Fui até ao minibar e servi-me descontraidamente de um gim. Dei três goles seguidos e senti-me imediatamente pior. O meu estômago pareceu subir até ao esófago. — Que tipo de perguntas é que fizeram?

— Se alguma vez tinhas magoado Amy, se ela alguma vez tinha mencionado o facto de a teres ameaçado... — elucidou Marybeth. — Se és mulherengo, se Amy alguma vez tinha mencionado o facto de a enganares com outra... Sim, porque isso é mesmo o estilo de Amy, não? Eu disse-lhes que não tínhamos criado um capacho.

Rand pousou uma mão no meu ombro.

— Nick, aquilo que devíamos ter dito, primeiro que tudo, é isto: sabemos que nunca, mas nunca, farias mal a Amy. Eu até contei à polícia aquela história de teres salvado o rato na casa da praia, quando o salvaste da ratoeira de cola. — Olhou de relance para Marybeth, como se ela não conhecesse a história, e Marybeth brindou-o com a sua atenção enlevada. — Passou uma hora a tentar encurralar o maldito rato e, depois, expulsou-o literalmente para fora da cidade. Será que parece coisa de um tipo que faz mal à mulher?

Senti um acesso de culpa profunda, aversão por mim mesmo. Por um segundo, pensei que era capaz de chorar, finalmente.

— Nós gostamos de ti, Nick — disse Rand, apertando-me o ombro uma última vez.

— A sério, Nick — repetiu Marybeth. — És o nosso filho. Lamentamos imenso que, para além de Amy ter desaparecido, ainda tenhas de lidar com esta... nuvem de suspeita.

Não gostei da expressão nuvem de suspeita. Preferia muito mais investigação de rotina ou mera formalidade.

— Eles ficaram intrigados com as tuas reservas para o restaurante,

nessa noite — disse Marybeth com um olhar manifestamente descontraído.

— As minhas reservas?

— Disseram que lhes tinhas dito que tinhas reservas no Houston's, mas quando foram verificar, não havia reserva nenhuma. Parecem muito interessados nisso.

Eu não tinha reservas e não tinha prenda. Porque se tivesse planeado assassinar Amy naquele dia, não ia precisar de reservas para essa noite nem de um presente que nunca lhe daria. A imagem de marca de um assassino extremamente pragmático.

Eu sou excessivamente pragmático — com certeza que os meus amigos podiam dizer isso à polícia.

— Hum, não. Não, eu não cheguei a fazer as reservas. Eles devem-me ter interpretado mal. Logo lhes direi.

Deixei-me cair no sofá, à frente de Marybeth. Não queria que Rand voltasse a tocar-me.

— Oh, está bem. Ótimo — disse Marybeth. — Ela fez... hum... tiveste alguma caça ao tesouro este ano? — Os seus olhos ficaram novamente vermelhos. — Antes de...

— Sim, deram-me hoje a primeira pista. Eu e Gilpin encontrámos a segunda no meu gabinete, na escola. Ainda estou a tentar decifrá-la.

— Podemos dar uma olhadela? — perguntou a minha sogra.

— Não a tenho comigo — menti.

— E vais... vais tentar decifrá-la, Nick? — perguntou Marybeth.

— Sim, Marybeth. Hei de decifrá-la.

— Detesto a ideia de as coisas que ela tocou estarem por aí abandonadas, sozinhas...

O meu telefone tocou, o descartável, e eu olhei de relance para o visor e depois desliguei-o. Precisava de me ver livre daquilo, mas ainda não podia.

— Devias atender todos os telefonemas, Nick — disse Marybeth.

— Eu reconheci o número, era o fundo de apoio aos antigos alunos da minha universidade à procura de dinheiro.

Rand sentou-se ao meu lado no sofá. As almofadas antigas e muito usadas afundavam imenso sob o nosso peso, por isso acabámos por deslizar para junto um do outro, com os braços a roçar, o que não constituía problema para Rand. Ele era um daqueles tipos que fazia

questão de dizer sou um homem que gosta de abraços assim que chegava ao pé de nós, esquecendo-se de perguntar se o sentimento era mútuo.

Marybeth voltou à sua tese:

— Nós achamos possível que alguém obcecado por Amy a possa ter levado. — Virou-se para mim, como que a advogar um caso. — Tivemos muitas pessoas assim ao longo dos anos.

Amy sempre gostara de recordar histórias de homens obcecados por ela. Descrevia os perseguidores em tons sussurrados enquanto bebia copos de vinho em diferentes períodos do nosso casamento — homens que ainda andavam por aí, sempre a pensar nela e a desejá-la. Eu desconfiava que aquelas histórias eram exageradas. Os homens surgiam sempre como só sendo perigosos até certo ponto — o suficiente para eu me preocupar com isso, mas não o suficiente para requerer a intervenção da polícia. Em suma, um mundo de faz de conta onde eu podia ser o herói de peito feito, defendendo a sua honra. Amy era demasiado independente, demasiado moderna para ser capaz de admitir a verdade: queria fazer de donzela.

— Ultimamente?

— Ultimamente não — disse Marybeth, mordendo o lábio. — Mas havia uma rapariga muito perturbada nos tempos do liceu.

— Perturbada como?

— Estava obcecada com Amy. Bem, com a Incrível Amy. Chamava-se Hilary Handy, tinha como modelo a melhor amiga de Amy nos livros, Suzy. A princípio, até era giro, acho eu. Depois, foi como se isso já não lhe bastasse: ela queria ser a «Incrível Amy», e não Suzy, a companheira. Por isso, começou a imitar a nossa Amy. Vestia-se como Amy, pintou o cabelo de louro, punha-se à porta da nossa casa em Nova Iorque. Uma vez, ia a descer a rua e aquela miúda estranha veio a correr ter comigo, enfiou o braço no meu e disse: «Agora, vou ser sua filha. Vou matar Amy e ser a sua nova Amy. Porque, para si, não lhe faz diferença, pois não? Desde que tenha uma Amy.» Como se a nossa filha fosse uma obra de ficção que ela pudesse reescrever.

— Acabámos por pedir uma ordem de restrição porque ela empurrou Amy por um lanço de escadas abaixo lá na escola — disse Rand. — Uma rapariga muito perturbada. Esse tipo de mentalidade não desaparece assim.

— E depois Desi — disse Marybeth.

— E Desi — disse Rand.

Até eu sabia sobre Desi. Amy tinha andado num colégio interno no Massachusetts chamado Academia Wickshire — tinha visto as fotografias, Amy com saias e fitas na cabeça de jogar lacrosse, sempre com fundos em cores outonais, como se a escola não ficasse numa cidade, mas sim num mês: outubro. Desi Collings frequentava o colégio interno para rapazes que estava associado a Wickshire. Nas histórias de Amy, era uma figura pálida e romântica, e o seu namoro tinha sido típico dos colégios internos: jogos de futebol enregelados e danças demasiado quentes, ramalhetes de lilases e voltas num Jaguar antigo. Tudo um bocadinho anacrónico.

Amy namorou Desi a sério durante um ano. Mas começou a achá-lo alarmante: ele falava como se estivessem noivos, sabia o número e género dos seus filhos. Iam ter quatro filhos, todos rapazes. O que se parecia de forma extremamente suspeita com a própria família de Desi, e quando este levou lá a mãe para a conhecer, Amy ficou maldisposta com a impressionante semelhança entre ela e a senhora Collings. A mulher mais velha tinha-lhe beijado a face com frieza e murmurado calmamente ao seu ouvido: «Boa sorte.» Amy ficou sem saber se aquilo era um aviso ou uma ameaça.

Depois de Amy ter acabado o namoro com Desi, ele continuou a rondar o campus de Wickshire, uma figura espectral de blazer escuro, encostada a carvalhos invernosos, sem folhas. Numa noite de fevereiro, Amy regressou de um baile e encontrou-o deitado na cama dela, nu, em cima das cobertas, zozinho por causa de uma ligeira overdose de comprimidos. Desi abandonou a escola pouco tempo depois.

Mas continuava a telefonar-lhe, mesmo agora, e enviava-lhe várias vezes ao ano envelopes grossos e almofadados que Amy deixava fora sem abrir, depois de mos mostrar. Tinham carimbo dos correios de St. Louis, que ficava a quarenta minutos de distância. «É apenas uma horrível e infeliz coincidência», dissera-me ela. Desi tinha familiares do lado da mãe em St. Louis. Isto sabia ela, mas não se preocupou em saber mais. Eu tinha ido ao lixo para recuperar um deles, li a carta, pegajosa de molho branco, e era perfeitamente banal: falava sobre ténis, viagens e outras coisas de betinho. Spaniels. Tentei imaginar

aquele dândi esbelto, um tipo de lacinho e óculos com aros de tartaruga, a forçar a entrada em nossa casa e a agarrar Amy com os seus dedos macios e unhas tratadas. A atirá-la para o porta-bagagens do seu descapotável antigo e a levá-la como quem leva uma antiguidade para Vermont. Desi. Alguém seria capaz de acreditar que tinha sido Desi?

— Por acaso, Desi não mora muito longe — disse eu. — St. Louis.

— Ora, estás a ver? — disse Rand. — Porque é que a polícia não anda em cima disto?

— Alguém precisa de andar. Eu vou lá — repliquei. — Depois das buscas aqui, amanhã.

— Decididamente, a polícia parece pensar que está... perto de casa — disse Marybeth. Manteve os olhos fixados em mim um segundo mais do que o normal, e depois estremeceu como que afastando um pensamento.

Amy Elliott Dunne — 23 de Agosto de 2010

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Verão. Passarinhos. Sol a brilhar. Passei o dia a arrastar-me por Prospect Park, a pele sensível, os ossos frágeis. A combater a infelicidade. É um progresso, já que passei os últimos três dias enfiada em casa, com o mesmo pijama áspero, a contar as horas até às cinco, quando podia tomar um copo. A tentar obrigar-me a recordar o sofrimento no Darfur. A pôr as coisas em perspetiva. O que, segundo creio, não passa de uma forma de explorar ainda mais o povo do Darfur.

Passou-se tanta coisa na semana passada. Penso que o problema é esse, ter tudo acontecido ao mesmo tempo, daí o desequilíbrio emocional. Nick perdeu o emprego há um mês. A recessão está supostamente a abrandar, mas ninguém parece sabê-lo. Portanto, Nick perdeu o emprego. Segunda ronda de despedimentos, tal como ele previra — apenas algumas semanas depois da primeira. Ups! Não despedimos pessoas suficientes. Idiotas.

A princípio, penso que Nick é capaz de ficar bem. Faz uma lista enorme de coisas que sempre teve intenção de fazer. Algumas são triviais: muda as pilhas dos relógios de pulso, acerta os relógios de parede, substitui um cano por baixo do lava-louça e volta a pintar todas as divisões que tínhamos pintado antes e de que não gostávamos. Basicamente, renova imensa coisa. É bom poder fazer estas remodelações, quando temos tão pouco disso na nossa vida. E, a seguir, começa com coisas de maior envergadura: lê Guerra e Paz; alimenta a ideia de ter aulas de árabe; passa imenso tempo a tentar adivinhar quais as aptidões que terão mais saída durante as próximas décadas. Aquilo deixa-me destrozada, mas finjo que não por causa dele.

Estou sempre a perguntar-lhe: «Tens a certeza de que estás bem?»

Ao princípio, experimento fazê-lo com ar sério, enquanto tomamos café, olhos nos olhos, com a minha mão sobre a dele. Depois, experimento de forma mais descontraída, de passagem. Por fim, tento

ternamente, na cama, afagando-lhe o cabelo.

Ele responde sempre da mesma forma: «Estou bem. Não quero falar sobre isso.»

Escrevi um questionário que era perfeito para os tempos que vivíamos: «Como é que está a lidar com o seu despedimento?»

a) Fico sentado todo o dia de pijama e como imenso gelado — o enfado é terapêutico!

b) Escrevo coisas desagradáveis sobre o meu antigo patrão online, por todo o lado — desabafar sabe muito bem!

c) Até surgir outro emprego, tento encontrar coisas úteis para fazer com o tempo recém-adquirido, por exemplo aprender uma língua com valor no mercado ou ler finalmente a obra Guerra e Paz.

Era um elogio a Nick — C era a resposta certa —, mas ele limitou-se a esboçar um sorriso amargo quando lho mostrei.

Passado algumas semanas, a azáfama parou, o desejo de ser útil parou, como se ele tivesse acordado uma manhã debaixo de uma tabuleta decrépita e empoeirada a dizer: Para quê dar-me a este trabalho? O seu olhar ficou baço. Agora, vê televisão, navega em sites pornográficos, vê pornografia na televisão. Come muita comida entregue ao domicílio, e os recipientes de esferovite vão-se amontoando junto ao caixote do lixo a deitar por fora. Não conversa comigo, comporta-se como se o ato de conversar lhe causasse dor física e eu fosse uma mulher perversa por lhe pedir tal coisa.

Limita-se a encolher impercetivelmente os ombros quando lhe conto que fui despedida na semana anterior.

— Isso é terrível, lamento — diz ele. — Pelo menos, tens dinheiro a que recorrer.

— Nós temos dinheiro. Mas eu gostava do meu trabalho.

Ele começa a cantar «You Can't Always Get What You Want» numa voz aguda e desafinada, com uma pequena dança aos tropeções, e percebo que está embriagado. É um final de tarde de um dia lindo de céu azul, e a nossa casa está impregnada do cheiro doce de comida chinesa a apodrecer, as cortinas estão todas corridas, e eu começo a ir de divisão em divisão para as pôr a arejar, abrindo os cortinados, afugentando os grãos de poeira, e quando chego ao escritório às

escuras, tropeço num saco que está no chão, e depois noutro e noutro, como o gato dos desenhos animados que entra num espaço cheio de ratoeiras. Quando ligo as luzes, vejo dúzias de sacos de compras, e são de sítios onde as pessoas desempregadas não vão. São lojas sofisticadas de moda masculina, lugares em que os fatos são talhados à mão e onde os vendedores trazem as gravatas individualmente, dispostas sobre o braço, para os compradores instalados em poltronas de couro. Quer dizer, aquela treta é toda feita por medida.

— O que é isto tudo, Nick?

— É para as entrevistas de trabalho. Se alguém começar a contratar outra vez.

— Precisavas de tanta roupa?

— Nós temos dinheiro. — Sorri sombriamente para mim de braços cruzados.

— Queres ao menos pendurá-la? — Algumas das coberturas plásticas tinham sido mordiscadas por Bleecker. Havia um montinho minúsculo de vômito de gato perto de um fato de três mil dólares; e uma camisa branca feita por medida coberta de pelo cor de laranja no sítio onde o gato fez a sesta.

— Não, nem por isso — disse ele, fazendo um sorriso escarninho.

Eu nunca fui uma pessoa chata. Sempre me orgulhei de o não ser. Por isso, fico irritada quando Nick me obriga a ser chata. Estou disposta a viver com uma certa dose de desleixo, de preguiça, de indiferença. Percebo que a minha personalidade é mais tipo A do que a de Nick, e tento ter cuidado para não lhe impor a minha natureza maníaca em relação às limpezas e à organização. Nick não é o tipo de homem que pense em aspirar ou em limpar o frigorífico. Ele não vê realmente esse tipo de coisas. Tudo bem. A sério. Mas eu gosto de um certo padrão de vida — creio que é justo dizer que o caixote do lixo não devia estar a transbordar e que os pratos não deviam ficar no lava-louça durante uma semana com vestígios ressequidos de burrito com feijão. Isso é apenas dividir a casa com alguém adulto e responsável. E Nick já não faz nada, por isso tenho de ser chata, e isso deixa-me furiosa: Estás a transformar-me naquilo que nunca fui nem nunca quis ser, uma chata, porque não estás a respeitar um pacto muito básico. Não faças isso, não está certo fazer isso.

Eu sei, eu sei, eu sei que perder o emprego é incrivelmente difícil,

particularmente para um homem. Há quem diga que pode ser como uma morte na família, sobretudo para um homem como Nick, que sempre trabalhou, por isso inspiro profundamente, enrolo a minha raiva numa bola de borracha vermelha e, mentalmente, dou-lhe um pontapé para bem longe.

— Bem, importas-te que a pendure? Para estar em condições quando a vestires?

— Faz como quiseres.

Despedimentos para ele e para ela, que título mais harmonioso. Sei que temos mais sorte do que a maioria: quando fico nervosa, vou à Internet e consulto o meu fundo em depósito. Nunca o chamei assim, antes de Nick o fazer. Na verdade, não é assim tão grande. Quer dizer, é uma quantia simpática, ótima — 785 404 dólares que tenho em poupanças, graças aos meus pais. Mas não é montante que permita deixar de trabalhar para sempre, sobretudo em Nova Iorque. O objetivo dos meus pais era fazerem-me sentir suficientemente segura para não precisar de fazer escolhas com base no dinheiro — em termos de educação e de carreira —, mas não tão rica que pudesse sentir-me tentada a não fazer nada. Nick ri-se disso, mas eu acho que é um gesto notável por parte dos pais. (E apropriado, tendo em conta que plagiaram a minha infância nos livros.)

Mas ainda me sinto em baixo por causa do despedimento, dos nossos despedimentos, quando o meu pai telefona e pergunta se ele e a minha mãe podem passar por nossa casa. Precisam de conversar connosco. Se não houver problema, já naquela tarde. É claro que não há problema, digo, e na minha cabeça só consigo pensar: Cancro, cancro, cancro.

Os meus pais aparecem à porta, com ar de se terem esforçado. O meu pai está perfeitamente engomado, aprumado e engraxado, impecável à exceção dos sulcos debaixo dos olhos. A minha mãe traz um dos vestidos roxos que usava sempre em discursos e cerimónias, no tempo em que recebia esses convites. Ela diz que aquela cor exige confiança de quem a usa.

A aparência é ótima, mas parecem envergonhados. Levo-os até ao sofá e sentamo-nos todos em silêncio durante um segundo.

— Meninos, parece que eu e a vossa mãe nos metemos... — começa finalmente o meu pai, e depois detém-se para tossir. Pousa as mãos

em cima dos joelhos, com os nós dos dedos brancos. — Bem, parece que nos metemos numa embrulhada financeira dos diabos.

Não sei qual deva ser a minha reação: chocada, consoladora, desapontada? Os meus pais nunca me confessaram quaisquer problemas. Não me parece que tenham tido muitos problemas.

— A questão é que temos sido irresponsáveis — prossegue Marybeth. — Temos vivido nesta última década como se ganhássemos o mesmo dinheiro que ganhávamos nas duas décadas anteriores, coisa que não acontece. Não ganhámos nem metade, mas estávamos em negação. Estávamos... otimistas talvez seja uma forma gentil de pôr as coisas. Pensávamos sempre que o próximo livro de Amy ia resultar. Mas isso não aconteceu. E tomámos uma série de más decisões. Investimos de forma insensata. Gastámos de forma insensata. E agora...

— Estamos praticamente na bancarrota — diz Rand. — A nossa casa, tal como esta casa, foram por água abaixo.

Eu tinha pensado — presumido — que eles nos tinham comprado aquela casa a pronto. Não fazia ideia de que andavam a pagá-la em prestações. Sinto o aguilhão da vergonha por ser tão protegida quanto Nick diz.

— Como disse, cometemos graves erros de avaliação — diz Marybeth. — Devíamos escrever um livro: *Amazing Amy* e a taxa de juro variável. Reprovaríamos em todos os questionários. Seríamos a história exemplar. A amiga de Amy, Wendy Quer Agora.

— Harry Cabeça na Areia — acrescenta Rand.

— Então, o que é que acontece agora? — pergunto.

— Isso está inteiramente nas tuas mãos — diz o meu pai. A minha mãe tira um prospeto caseiro da mala e pousa-o em cima da mesa, à nossa frente: gráficos de barras e gráficos circulares criados no computador que tinham em casa. Dá cabo de mim imaginar os meus pais debruçados sobre o manual do utilizador, a tentar embelezar a proposta que me vão fazer.

É Marybeth quem começa:

— Queríamos perguntar se nos podias emprestar algum dinheiro do teu fundo, enquanto descobrimos o que fazer com o resto das nossas vidas.

Os meus pais estão sentados à nossa frente, como dois caloiros

ansiosos, à espera do seu primeiro internato no campus universitário. O joelho do meu pai agita-se até a minha mãe o pressionar gentilmente com a ponta do dedo.

— Bem, o dinheiro do fundo é vosso, por isso é claro que podem servir-se dele — digo. Só quero que aquilo acabe. Não consigo suportar o ar esperançado no rosto dos meus pais. — Quanto é que acham que precisam para pagar tudo e ficarem confortáveis durante uns tempos?

O meu pai prega os olhos no chão. A minha mãe respira fundo:

— Seiscentos e cinquenta mil — diz ela.

— Oh! — É a única coisa que consigo dizer. É quase tudo o que temos.

— Amy, talvez nós os dois devêssemos discutir... — começa Nick.

— Não, não, podemos fazer isso — replico. — Vou só buscar o meu livro de cheques.

— Na verdade — diz Marybeth —, se pudesses transferi-lo para a nossa conta amanhã, ainda era melhor. Caso contrário, há um período de espera de dez dias.

É nessa altura que percebo que estão com problemas sérios.

Nick Dunne — Desaparecida Há Dois Dias

Acordei no sofá-cama da suíte dos Elliotts, exausto. Tinham insistido para que passasse lá a noite — ainda não estava autorizado a entrar livremente em minha casa —, insistido com a mesma urgência que tinham aplicado outrora a sacar o cheque ao jantar: hospitalidade transformada em força feroz da natureza. Tens de nos deixar fazer isto por ti. Por isso, foi o que fiz. Passei a noite a ouvi-los rressonar através da porta do quarto, um de forma regular e profunda — o ronco ruidoso e cadenciado do lenhador — o outro de forma arquejante e arrítmica, como se estivesse a sonhar que se estava a afogar.

Eu conseguia sempre desligar-me como se fosse uma luz. Vou dormir, dizia eu, com as mãos em posição de prece contra a face, Zzzzzz, o sono profundo de uma criança a tomar NyQuil — enquanto a minha mulher que sofria de insónias dava voltas na cama, ao meu lado. Contudo, na noite anterior tinha-me sentido como Amy, com o cérebro ainda a funcionar e o corpo no limite. Na maior parte das vezes, eu era um homem que se sentia literalmente confortável na sua pele. Eu e Amy sentávamo-nos no sofá para ver televisão e eu transformava-me em cera derretida, enquanto a minha mulher se contorcia e mudava constantemente de posição, junto de mim. Uma vez, perguntei-lhe se ela não teria a síndrome das pernas inquietas — andava a passar um anúncio sobre essa doença, e os rostos dos atores apareciam enrugados de aflição, enquanto abanavam as barrigas das pernas e esfregavam as coxas — e Amy disse: Eu tenho a síndrome de tudo inquieto.

Vi o teto do quarto de hotel ficar cinzento, depois rosa, amarelo e, finalmente, levantei-me para ver o sol fazer-se anunciar mesmo à minha frente, do outro lado do rio, numa espécie de inquisição solar. Nessa altura, vieram-me à cabeça os nomes — bing! Hilary Handy. Que nome mais adorável para ser acusada de atos tão perturbadores. Desi Collings, um ex-obsessivo que vivia a uma hora de distância. Tinha-os reclamado tarefa minha. Estamos numa era do faça você mesmo: cuidados de saúde, bens imobiliários, investigação policial. Vão à Internet e descubram na primeira pessoa porque é que toda a

gente está com trabalho a mais e pessoal a menos. Eu era jornalista. Passei mais de dez anos a entrevistar pessoas como forma de vida e a fazer com que elas se revelassem. Estava à altura da tarefa, e Marybeth e Rand também eram dessa opinião. Estava grato por me terem dito que continuavam a confiar em mim, o marido sob uma leve nuvem de suspeita. Ou estarei a enganar-me quando uso a palavra leve?

O Days Inn tinha doado um salão de baile pouco usado para servir de quartel-general ao movimento «Encontrem Amy Dunne». Era impróprio — um lugar de manchas castanhas e cheiros entranhados — mas, assim que amanheceu, Marybeth tratou de o deixar à altura, aspirando, desinfetando, dispondo placares informativos e um centro de atendimento telefónico, pendurando uma grande fotografia do rosto de Amy na parede. O póster — com o olhar sereno e confiante de Amy, aqueles olhos que nos seguiam — parecia tirado de uma campanha presidencial. Na verdade, quando Marybeth terminou, todo o salão ressumava eficiência — a esperança insistente de um político em tremenda desvantagem, com uma série de fiéis apoiantes que se recusavam a desistir.

Boney chegou logo depois das dez, a falar ao telemóvel. Deu-me uma palmadinha no ombro e começou a mexer numa impressora. Os voluntários chegaram em grupos: Go e meia dúzia de amigas da nossa falecida mãe. Cinco mulheres de quarenta e tal anos, todas vestindo corsários, como se fossem ensaiar um espetáculo de dança: duas delas — esbeltas, loiras e bronzeadas — a disputar o comando, e as outras alegremente relegadas para a segunda fila. Um grupo de velhotas barulhentas, de cabelo branco, que se atropelavam umas às outras a falar, algumas a enviar mensagens no telemóvel, o tipo de gente idosa que tem uma energia desconcertante, tanto vigor juvenil que ficamos a pensar se estarão a querer esfregá-lo na nossa cara. Só apareceu um homem, um tipo bem-parecido, mais ou menos da minha idade, bem vestido, sozinho, sem perceber que a sua presença podia exigir alguma explicação. Observei o tipo solitário, enquanto ele rondava os bolos e pastéis e lançava olhares furtivos para o póster de Amy.

Boney acabou de instalar a impressora, agarrou num queque que parecia ser integral, e veio para o pé de mim.

— Vocês vigiam todas as pessoas que se oferecem como voluntárias?

— perguntei. — Isto é, para o caso de ser alguém...

— Alguém que se mostre interessado ao ponto de parecer suspeito? Com certeza. — Partiu as pontinhas do queque e atirou-as para dentro da boca. Baixou a voz. — Mas, para dizer a verdade, os assassinos em série veem os mesmos programas de televisão que nós. Eles sabem que nós sabemos que eles gostam de...

— Estar envolvidos na investigação.

— Sim, é isso — acenou ela. — Portanto, têm mais cuidado com essas coisas, agora. Mas sim, passamos a pente fino todos os «esquisitoides» para garantir que não passam disso mesmo.

Ergui uma sobrancelha.

— Por exemplo, eu e o Gilpin fomos os detetives principais no caso de Kayla Holman, aqui há uns anos. Kayla Holman?

Abanei a cabeça: não fez soar nenhuma campainha.

— Seja como for, há sempre umas quantas pessoas mórbidas que se sentem atraídas por coisas como esta. E tenha cuidado com aquelas duas — Boney apontou na direção das duas quarentonas bonitas. — Porque têm todo o tipo disso. De se mostrarem demasiado interessadas em consolar o marido preocupado.

— Oh, vá lá...

— Ficaria surpreendido. Um homem bem-parecido como o senhor... Acontece.

Nessa precisa altura, a mais loura e bronzeada olhou para nós, estabeleceu contacto visual e brindou-me com um sorriso imensamente afável e tímido, depois baixou a cabeça, como uma gata à espera de ser afagada.

— Mas ela vai esforçar-se; vai ser a senhorita envolvida — disse Boney. — E isso é bom.

— Como é que acabou o caso de Kayla Holman? — perguntei.

Ela abanou a cabeça: não.

Inscreveram-se mais quatro mulheres, que passaram um frasco de protetor solar de umas para as outras, aplicando-o generosamente nos braços e ombros nus e no nariz. O salão cheirava a coco.

— A propósito, Nick — disse Boney. — Lembra-se quando lhe perguntei se Amy tinha aqui amigos? Então e Noelle Hawthorne? Não mencionou o nome dela. Ela deixou-nos duas mensagens.

Olhei-a com ar de quem não estava a perceber.

- Noelle, que mora no vosso complexo? Mãe dos trigêmeos?
- Não, elas não são amigas.
- Oh, isso é curioso! Ela está convencida que sim.
- Isso acontece muito com Amy — disse eu. — Fala com as pessoas uma vez e elas parecem umas lapas. Até faz impressão.
- Os pais dela disseram a mesma coisa.

Ainda pensei em inquirir diretamente Boney sobre Hilary Handy e Desi Collings. Depois, decidi não o fazer; ficaria mais bem visto se fosse eu a tratar das coisas. Queria que Rand e Marybeth me vissem em modo de herói em ação. Não conseguia esquecer o olhar que Marybeth me lançara: Decididamente, a polícia parece pensar que está... perto de casa.

— As pessoas pensam que a conhecem porque foram lendo os livros à medida que cresciam — disse eu.

— Eu percebo isso — disse Boney, acenando com a cabeça. — As pessoas querem acreditar que conhecem outras pessoas. Os pais querem acreditar que conhecem os filhos. As mulheres querem acreditar que conhecem os maridos.

Passou mais uma hora e o centro de voluntários começou a parecer um piquenique de família. Algumas das minhas antigas namoradas passaram por lá para me cumprimentarem e para me apresentarem os filhos. Vicky, uma das melhores amigas da minha mãe, apareceu com três das suas netas, pré-adolescentes envergonhadas, todas vestidas de cor-de-rosa.

Netos. A minha mãe tinha falado muito sobre netos, como se não houvesse dúvidas de que isso ia acontecer — sempre que comprava uma peça de mobiliário nova, explicava que preferia aquele estilo em particular porque «era funcional para quando tivesse netos». Queria viver até conseguir ver nascer alguns netos. Todas as suas amigas tinham netos de sobra. Uma vez, eu e Amy convidámos a minha mãe e Go para jantar, para assinalar a melhor semana de sempre do Bar. Eu anunciara que tínhamos razões para comemorar, e a minha mãe saltou da cadeira, desatou a chorar e abraçou Amy, que também começou a chorar, murmurando sob o amplexo sufocante da minha mãe: «Ele está a falar do Bar, está apenas a falar do Bar.» E, a seguir, a minha mãe esforçou-se imenso por fingir que estava igualmente excitada com

isso. «Há muito tempo para bebés», dissera na sua voz mais consoladora, uma voz que fez com que Amy começasse outra vez a chorar. O que era estranho, uma vez que Amy tinha decidido que não queria filhos e reiterara esse facto por várias vezes, mas as lágrimas deram-me uma perversa réstia de esperança de que talvez tivesse mudado de ideias. Porque, na verdade, não havia assim tanto tempo. Amy tinha trinta e sete anos quando nos mudámos para Cartago. Faria trinta e nove em outubro.

E depois pensei: Vamos ter de fazer uma festa de aniversário a fingir, ou coisa do género, se isto continuar na mesma. Temos de assinalá-lo de alguma forma, fazer uma cerimónia qualquer para os voluntários, para os meios de comunicação — algo para voltar a despertar a atenção. Vou ter de fingir que tenho esperança.

— O regresso do filho «pródigo» — disse uma voz nasalada, e eu virei-me para ver um homem escanzelado junto de mim, com uma t-shirt apertada, a cofiar um bigode de pontas reviradas. O meu velho amigo Stucks Buckley, que ganhara o hábito de me chamar filho pródigo, apesar de não saber pronunciar a palavra nem o seu significado. Presumo que a usasse como sinónimo chique para estúpido. Stucks Buckley parecia o nome de um jogador de basebol, e era isso que Stucks esperava ser, só que nunca tivera o talento necessário, apenas o firme anseio. Em miúdo, era o melhor da cidade, mas não foi o suficiente. Teve o choque da sua vida na universidade, quando foi excluído da equipa, e depois disso tudo lhe correu mal. Agora, fumava charros, fazia uns biscates e tinha modos bruscos. Tinha passado pelo Bar umas quantas vezes para tentar arranjar trabalho, mas abanava a cabeça diante de cada tarefa de porcaria que eu lhe oferecia, mordendo o interior da bochecha, aborrecido: Vá lá, meu, o que é que tens mais? Tens de ter outra coisa qualquer.

— Stucks — disse em jeito de saudação, à espera para ver se ele estava de bom humor.

— Ouvi dizer que a polícia só anda a fazer porcaria — disse ele, enfiando as mãos nas axilas.

— Ainda é cedo para dizer isso.

— Vá lá, meu! Estás a falar destas buscas da treta? Esforçaram-se mais quando foi para encontrar o cão do presidente da câmara! — O rosto de Stucks estava queimado pelo sol; senti o calor que emanava

dele quando se aproximou de mim, brindando-me com um bafo de Listerine e tabaco de mascar. — Porque é que não prenderam uma única pessoa? Nem uma única pessoa? Então e os rapazes do Livro Azul? Foi isso que eu perguntei à senhora detetive: então e os rapazes do Livro Azul? Ela nem sequer me respondeu.

— Quem são os rapazes do Livro Azul? Um gangue?

— São aqueles tipos todos que foram despedidos da fábrica do Livro Azul no inverno passado. Sem indemnização, sem nada. Estás a ver alguns desses sem-abrigo que vagueiam pela cidade em bando, com ar de quem está muito, mas mesmo muito chateado? Provavelmente, são rapazes do Livro Azul.

— Continuo sem perceber: fábrica do Livro Azul?

— Tu sabes, a gráfica de River Valley. Na ponta da cidade. Eram eles que faziam aqueles livros azuis que vocês usavam para os ensaios e porcarias dessas na universidade.

— Oh, não sabia.

— Agora, as universidades usam computadores e coisas dessas, por isso, zás!, adeusinho, rapazes do Livro Azul.

— Meu Deus, a cidade inteira está a fechar portas — murmurei.

— Os rapazes do Livro Azul metem-se nos copos, drogam-se, incomodam as pessoas. Quer dizer, já o faziam antes, mas tinham sempre de parar, para voltar ao trabalho na segunda-feira. Agora, andam por aí à solta.

Stucks sorriu, mostrando-me os seus dentes falhados. Tinha salpicos de tinta no cabelo; pintar casas era o seu trabalho de verão desde o liceu. Sou especialista em trabalhos de decoração, dizia ele, e ficava à espera que percebêssemos a piada. Se não nos ríssemos, ele explicava.

— Então, a polícia já foi ao centro comercial? — perguntou Stucks. Esbocei um encolher de ombros confuso.

— Porra, meu, não costumavas ser repórter? — Stucks parecia sempre zangado em relação à minha anterior profissão, como se fosse uma mentira que tinha durado demasiado tempo. — Os rapazes do Livro Azul arranjaram uma bela cidadezinha no centro comercial. Ocupação ilegal. Tráfico de droga. A polícia corre com eles de vez em quando, mas estão sempre de volta no dia seguinte. De qualquer forma, foi isso que eu disse à senhora detetive: Façam buscas na

porcaria do centro comercial. Porque houve uns quantos que violaram lá uma rapariga há cerca de um mês. Quer dizer, com um bando de homens furiosos juntos, as coisas ficam feias para uma mulher que dê de caras com eles.

Ao seguir de carro para a área que ia ser alvo de buscas nessa tarde, telefonei a Boney e comecei a falar assim que ela atendeu.

— Porque é que não estão a revistar o centro comercial?

— O centro comercial vai ser revistado, Nick. Temos polícias a dirigirem-se para lá, neste preciso momento.

— Oh! Está bem. É porque um amigo meu...

— Stucks, eu sei, já o conheço.

— Ele falou-me de todos os...

— Os rapazes do Livro Azul, eu sei. Confie em nós, Nick, registámos tudo isso. Queremos tanto encontrar Amy quanto o Nick.

— Está bem, hum... obrigado.

A minha sensação de ultraje esmoreceu, engoli o copo de café gigante e conduzi até à área que me tinha sido atribuída. Naquela tarde, iam ser feitas buscas em três locais: a doca de Gully (agora conhecida como «O lugar onde Nick passou a manhã de, sem que ninguém o visse»); a floresta de Miller Creek (que dificilmente merecia esse nome; conseguíamos ver restaurantes de fast-food através da linha de árvores); e Wolky Park, um parque natural com trilhos para caminhadas e para andar a cavalo. Eu tinha sido destacado para Wolky Park.

Quando cheguei, um agente local estava a falar com um grupo de cerca de doze pessoas, todas com pernas grossas dentro de calções apertados, óculos de sol, chapéus e óxido de zinco no nariz. Parecia o primeiro dia no acampamento.

Estavam lá duas equipas de televisão diferentes para captar imagens para estações locais. Era o fim de semana de Quatro de Julho; Amy seria comprimida entre histórias da feira estadual e concursos de churrasco. Havia um repórter estagiário que não parava de andar à minha volta, a crivar-me de perguntas sem sentido, e o meu corpo ficava imediatamente rígido, pouco humano, com a atenção requerida, e a minha expressão «preocupada» tinha um ar simulado. Pairava no ar o cheiro a estrume de cavalo.

Os repórteres não tardaram a ir embora, para seguir os voluntários nos seus trilhos. (Que tipo de jornalista encontra um marido suspeito, pronto a ser apanhado, e se vai embora? Um jornalista muito mal pago, que ficou para trás depois de todos os jornalistas decentes terem sido despedidos.) Um jovem polícia de uniforme disse-me para ficar mesmo ali, na entrada dos vários trilhos, perto de um placar informativo que tinha uma confusão de folhetos antigos, assim como um anúncio do desaparecimento de Amy, com a minha mulher a olhar-me da fotografia. Tinha estado por todo o lado hoje, a seguir-me.

— O que é que posso fazer? — perguntei ao agente. — Sinto-me um idiota, aqui. Preciso de fazer qualquer coisa. — Algures na floresta, um cavalo gemeu lugubrememente.

— Nós precisamos de si aqui, Nick. Seja apenas amável e encorajador — disse ele, e apontou para os termos cor de laranja que estavam ao pé de mim. — Ofereça água. Limite-se a encaminhar as pessoas que aparecerem para junto de mim. — Virou-se e dirigiu-se para os estábulos. Ocorreu-me que pudessem estar a barrar-me intencionalmente o acesso a uma eventual cena de crime. Não sabia muito bem o que é que isso significava.

Enquanto ali estava inutilmente, a fingir estar ocupado com o frigorífico, apareceu um SUV retardatário de um vermelho-brilhante, como verniz para as unhas. De lá saíram as quarentonas do quartel-general. A mulher mais bonita, aquela que Boney identificara como minha admiradora, estava a segurar o cabelo num rabo de cavalo, para que uma das amigas lhe pudesse aplicar o repelente de insetos em spray na parte de trás do pescoço. A mulher agitou cuidadosamente as mãos para dispersar as emanações. Olhou-me de relance pelo canto do olho. Depois, afastou-se das amigas, deixou o cabelo cair sobre os ombros e começou a andar em direção a mim, com aquele sorriso aflito e solidário no rosto, o sorriso do lamento imenso. Tinha uns enormes olhos castanhos de pónei e a sua camisa cor-de-rosa terminava um pouco acima de uns calções brancos. Sandálias de salto alto, cabelo encaracolado, argolas de ouro. Isto, pensei, é como uma pessoa não se veste para uma busca.

Por favor, não fale comigo, minha senhora.

— Olá, Nick. Sou Shawna Kelly. Lamento imenso. — Tinha uma voz desnecessariamente alta, parecida com um zurro, como um burro

encantado e atraente. Estendeu a mão, e eu senti um súbito alarme quando as amigas de Shawna começaram a andar vagarosamente pelo trilho, lançando olhares para trás, como um grupo de rapariguinhas, na nossa direção, o casal.

Ofereci o que tinha: os meus agradecimentos, a minha água, o meu embaraço reprimido. Shawna não fez qualquer gesto para se ir embora, embora eu estivesse a olhar em frente, para o trilho onde as suas amigas tinham desaparecido.

— Espero que tenha amigos e familiares a olhar por si durante tudo isto, Nick — disse ela, enxotando um moscardo. — Os homens esquecem-se de tomar conta deles. Está a precisar de uma comidinha reconfortante.

— Temos comido sobretudo carnes frias. Sabe como é, mais rápido e mais fácil. — Ao fundo da garganta, ainda conseguia sentir o sabor do salame, cujos gases subiam do estômago. Tomei consciência de que não tinha voltado a escovar os dentes desde manhã.

— Oh, pobrezinho! Bem, não pode comer só carnes frias. — Abanou a cabeça, e as argolas de ouro brilharam à luz do sol. — Precisa de manter as forças. Mas está com sorte porque eu faço uma enchilada de frango... Sabe que mais? Vou fazê-la e deixá-la no centro de voluntários amanhã. Pode pô-la no micro-ondas sempre que quiser um jantar quente e saboroso.

— Oh, está-me a parecer que é demasiado trabalho, a sério! Nós estamos bem. A sério que estamos.

— Ainda vai ficar melhor depois de comer uma boa refeição — disse ela, dando-me umas palmadinhas no braço.

Silêncio. Ela tentou outra abordagem.

— Só espero que não tenha nada a ver com... o nosso problema dos sem-abrigo — disse ela. — Juro que tenho apresentado queixa atrás de queixa. No mês passado, houve um que entrou no meu jardim. O meu sensor de movimento disparou, por isso espreitei lá para fora e ali estava ele, ajoelhado na terra, a comer tomates. A trincá-los como se fossem maçãs, com o rosto e a camisa cobertos de sumo e sementes. Tentei assustá-lo, mas ele ainda comeu uns vinte antes de fugir. De qualquer forma, esses tipos do Livro Azul estão no limite. Não têm outras competências.

Senti uma súbita afinidade pelo bando dos homens do Livro Azul, e

imaginei-me a caminhar até ao seu acampamento, a agitar uma bandeira branca: Sou vosso irmão, também trabalhava com material impresso. Os computadores também me roubaram o trabalho.

— Não me diga que é demasiado novo para se lembrar dos Livros Azuis, Nick — estava Shawna a dizer. Ela tocou-me com um dedo nas costelas, fazendo-me saltar mais do que devia.

— Sou tão velho que me tinha esquecido dos Livros Azuis até me ter falado agora deles.

Ela riu-se.

— Que idade tem? Trinta e um, trinta e dois?

— Experimente trinta e quatro.

— Uma criança.

O trio de velhotas enérgicas chegou precisamente nessa altura, caminhando na nossa direção, uma de volta do telemóvel, todas elas vestindo saias às flores em tecido resistente, sapatos Keds e camisetas de golfe sem mangas que revelavam braços flácidos. Fizeram-me um aceno de cabeça respeitoso, depois lançaram um olhar reprovador quando viram Shawna. Parecíamos um casal de anfitriões durante um churrasco no quintal. Parecíamos deslocados.

Por favor, vai-te embora, Shawna, pensei.

— Bem, de qualquer forma, os sem-abrigo podem ser muito agressivos, e até ameaçadores, com as mulheres — disse Shawna. — Eu falei nisso à detetive Boney, mas fiquei com a sensação de que ela não gosta muito de mim.

— Porque diz isso? — Eu já sabia o que é que ela ia dizer, a ladainha de todas as mulheres atraentes.

— As mulheres não gostam muito de mim. — Encolheu os ombros.

— É uma daquelas coisas... Amy tinha... tem muitas amigas por aqui?

Havia uma série de mulheres — amigas da minha mãe, amigas de Go — que tinham convidado Amy para clubes do livro, reuniões da Amway e noites de raparigas no Chili's. Como seria de esperar, Amy só tinha aceitado alguns dos convites, tendo comparecido e detestado: «Pedimos um milhão de coisinhas fritas e bebemos cocktails feitos de gelado!»

Shawna estava a observar-me, querendo saber coisas sobre Amy, querendo fazer parte do mesmo grupo que a minha mulher, que a detestaria.

— Creio que ela é capaz de ter o mesmo problema — disse eu, articulando bem as palavras.

Ela sorriu.

Vai-te embora, Shawna.

— É difícil chegar a uma cidade nova — disse ela. — Quanto mais velhos ficamos, mais difícil é fazer amigos. Ela é da sua idade?

— Trinta e oito.

Põe-te a andar, caraças!

— Homem inteligente, gosta delas mais velhas.

A rir, tirou um telemóvel da sua enorme mala amarelo-esverdeada.

— Chegue aqui — disse ela, e pôs um braço à minha volta. — Faça um sorriso digno de uma enchilada de frango.

Apeteceu-me bater-lhe naquele instante, castigar a sua inconsciência, a sua garridice: a tentar alimentar o ego à custa do marido de uma mulher desaparecida. Engoli a minha raiva, tentei fazer inversão de marcha, tentei compensar em excesso e ser simpático, por isso sorri como um robô quando ela encostou o rosto à minha face e tirou uma fotografia com o telefone, com o clique de máquina fotográfica falsa a despertar-me.

Ela virou o telemóvel e eu vi os nossos dois rostos bronzeados encostados, a sorrir como se estivéssemos num encontro romântico num jogo de basebol. Ao olhar para o meu sorriso untuoso e para os olhos semicerrados, pensei: Eu ia detestar este tipo.

Amy Elliott Dunne —15 de Setembro de 2010

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Estou a escrever de algures na Pensilvânia. Da ponta sudoeste. De um motel à beira da estrada. O nosso quarto dá para o parque de estacionamento, e se eu espreitar por detrás das pesadas cortinas beges, consigo ver pessoas a andar por ali em círculos sob as luzes fluorescentes. É o tipo de lugar onde as pessoas andam em círculos. Estou outra vez com distúrbios emocionais. Aconteceram demasiadas coisas, muito depressa, e agora estou no sudoeste da Pensilvânia e o meu marido está mergulhado num sono provocador, no meio de pacotinhos de batatas fritas e doces que comprou na máquina de venda automática ao fundo do corredor. O jantar. Está zangado comigo por não saber perder. Pensava que estava a conseguir disfarçar bem — Viva! Uma nova aventura! — mas parece que não.

Agora, que olho para trás, era como se estivéssemos à espera que acontecesse alguma coisa. Como se eu e Nick estivéssemos sentados debaixo de um frasco gigantesco à prova de som e à prova de vento, e depois o frasco caísse e... houvesse alguma coisa para fazer.

Há duas semanas, estávamos no nosso estado habitual de desempregados: parcialmente vestidos, a morrer de tédio, a preparar-nos para tomar o pequeno-almoço em silêncio e para ler o jornal de uma ponta à outra. Agora, até lemos o suplemento automóvel.

Às dez da manhã, o telemóvel de Nick toca e pelo tom da sua voz consigo perceber que é Go. Parece animado, agarotado, como sempre acontece quando fala com ela. Como costumava parecer quando falava comigo.

Ele vai para o quarto e fecha a porta, deixando-me a segurar dois ovos Benedict acabados de fazer que estremecem nos pratos. Ponho o dele em cima da mesa e sento-me à sua frente, a pensar se devo esperar por ele para comer. Se fosse comigo, penso eu, voltava cá fora e dizia-lhe para comer, ou então levantava um dedo: Só um minuto. Teria consciência da outra pessoa, do meu cônjuge, abandonado na cozinha com pratos de ovos. Sinto-me mal por estar a pensar nisso.

Porque não tardo a ouvir murmúrios preocupados, exclamações abaladas e gentis palavras de conforto por trás da porta, e começo a pensar se Go estará com algum problema relacionado com rapazes. Go conta com uma série de rompimentos de namoro. Mesmo aqueles que são da sua iniciativa requerem muita meiguice por parte de Nick.

Por isso, ponho a minha expressão de Pobre Go! quando Nick aparece, com os ovos já endurecidos no prato. Vejo-o e percebo que não é um problema exclusivo de Go.

— A minha mãe — começa ele, e senta-se. — Merda. A minha mãe tem cancro. Estádio IV, e já se espalhou ao fígado e aos ossos. O que é mau, o que é...

Põe o rosto entre as mãos, e eu vou até lá e ponho os braços à volta dele. Quando olha para cima, tem os olhos secos. Está calmo. Eu nunca vi o meu marido chorar.

— É demasiado para Go, a somar ao Alzheimer do meu pai.

— Alzheimer? Alzheimer? Desde quando?

— Bem, há algum tempo. A princípio, pensavam que era uma espécie de demência precoce. Mas é mais do que isso, é pior.

Penso imediatamente que há alguma coisa de errado connosco, talvez irreparável, se o meu marido não pensou em contar-me isto. Às vezes, sinto que é o seu jogo pessoal, que ele está numa espécie de concurso não declarado de impenetrabilidade.

— Porque é que não me disseste nada?

— O meu pai não é pessoa de quem goste de falar muito.

— Mas mesmo assim...

— Amy. Por favor. — Ele está com aquela expressão, como se eu estivesse a ser pouco razoável, como se estivesse tão certo de que estou a ser pouco razoável que até eu própria fico na dúvida.

— Mas escuta. Quanto à minha mãe, a Go diz que ela vai precisar de fazer quimioterapia, mas... que vai ficar mesmo muito doente. Vai precisar de ajuda.

— Será que devíamos começar à procura de assistência domiciliária para ela? Uma enfermeira?

— Ela não tem esse tipo de seguro.

Fica a olhar para mim, de braços cruzados, e eu sei que ele está a desafiar-me. Está a desafiar-me para me oferecer para pagar, e nós não podemos pagar porque eu dei o dinheiro aos meus pais.

— Está bem, querido. E então? O que queres fazer?

Estamos à frente um do outro, num momento de verdade, como se estivéssemos num combate e eu não tivesse sido informada. Estendo o braço para lhe tocar, e ele limita-se a olhar para a minha mão.

— Temos de nos mudar para lá. — Lança-me um olhar furioso, abrindo muito os olhos. Sacode os dedos, como se estivesse a tentar livrar-se de alguma coisa pegajosa. — Tiramos um ano e vamos fazer o que está certo. Não temos emprego, não temos dinheiro, não há nada que nos prenda aqui. Até tu tens de admitir isso.

— Até eu? — Como se já estivesse a mostrar alguma resistência. Sinto um assomo de raiva, mas engulo-o.

— É isso que vamos fazer. Vamos fazer o que está certo. Vamos ajudar os meus pais, por uma vez que seja.

É claro que é isso que temos de fazer, e é claro que se ele me tivesse apresentado o problema como se eu não fosse o inimigo, eu própria teria dito isso. Mas ele saiu por aquela porta a tratar-me como um problema que precisava de enfrentar. Eu era a voz amarga que precisava de ser calada.

O meu marido é o homem mais leal do planeta até deixar de o ser. Já vi os seus olhos ficarem literalmente um tom mais escuros ao sentir-se traído por um amigo, mesmo por um amigo querido de longa data, e depois esse amigo não volta a ser mencionado. Olhou para mim, naquela altura, como se eu fosse um objeto de que estava disposto a livrar-se, se necessário. Na verdade, aquele olhar deixou-me gelada de medo.

Portanto, a decisão foi rápida e com muito pouca discussão: vamos deixar Nova Iorque. Vamos para o Missouri. Para uma casa no Missouri, junto ao rio, onde vamos viver. É surreal, e não sou pessoa para abusar da palavra surreal.

Eu sei que vai correr bem. Só que é tão diferente do que eu imaginava. Quando eu imaginava a minha vida. Isso não quer dizer que seja mau, só que... Se me dessem um milhão de hipóteses de adivinhar onde a vida me levaria, eu não teria adivinhado. E acho isso alarmante.

O carregamento do camião da U-Haul é uma pequena tragédia: Nick, decidido e culpado, a boca fechada numa linha tensa, a tratar das

coisas, sem querer olhar para mim. O caminhão fica ali parado horas e horas, a bloquear o trânsito na nossa ruazinha, com as luzes de emergência a piscar — perigo, perigo, perigo — enquanto Nick sobe e desce as escadas, numa linha de montagem de um só homem, carregando caixas de livros, caixas de artigos de cozinha, cadeiras, mesas de apoio. Vamos levar o nosso sofá vintage — o nosso velho e amplo sofá em pele acolchoado que o meu pai diz ser o nosso animal de estimação, pela forma como gostamos dele. Vai ser a última coisa a carregar, uma tarefa fatigante e difícil que requer duas pessoas. Trazer aquela coisa enorme pelas escadas abaixo (Espera aí, preciso de descansar. Levanta para a direita. Aguenta, estás a ir demasiado depressa. Cuidado, olha os meus dedos!) será o tão necessário exercício de consolidação do espírito de equipa. Depois do sofá, vamos comprar o almoço à lojinha da esquina, sanduíches para comer na estrada. Refrigerantes frescos.

Nick deixa-me ficar com o sofá, mas as outras peças de grande porte ficam em Nova Iorque. Um dos amigos de Nick vai herdar a cama; há de passar mais tarde pela nossa casa vazia — sem nada, a não ser pó e cabos de eletricidade — para a levar, e depois viverá a sua vida nova-iorquina na nossa cama nova-iorquina, a comer comida chinesa às duas da manhã e a ter sexo de preservativo com raparigas um bocadinho tocadas e cheias de lata que trabalhavam em RP. (A nossa própria casa será ocupada por um casal de advogados ruidoso, que está descaradamente exultante com o negócio. Odeio-os.)

Levo uma carga por cada quatro que Nick põe lá em baixo, entre resmungos. Movo-me lentamente, a arrastar os pés, como se os ossos me doessem, com uma fragilidade febril a apossar-se de mim. E tudo me dói. Nick até zombe ao passar por mim, a subir ou a descer, encara-me de sobrolho franzido, pergunta: «Estás bem?», e prossegue o seu caminho antes de eu poder responder. Deixa-me de boca aberta, um desenho animado com um buraco preto no lugar da boca. Eu não estou bem. Acabarei por ficar bem, mas agora não estou bem. Quero que o meu marido ponha os braços à volta de mim, que me console, que me mime um bocadinho. Só por um segundo.

Anda às voltas com as caixas, na parte de trás do caminhão. Nick orgulha-se das suas capacidades para acondicionar as coisas: é ele (era ele) quem carrega a máquina da louça, quem arruma os sacos para ir

de férias. Mas, três horas mais tarde, é óbvio que vendemos ou oferecemos demasiados dos nossos pertences. A enorme caverna do camião está apenas meia cheia. Isso proporciona-me a única satisfação do dia, aquela satisfação quente e maldosa na barriga, como uma bolinha de mercúrio. Ótimo, penso. Ótimo.

— Se queres assim tanto, podemos levar a cama — diz Nick, evitando o meu olhar. — Temos espaço suficiente.

— Não, tu prometeste-a ao Wally, o Wally deve ficar com ela — digo eu cerimoniosamente.

Estava enganado. Diz apenas: Estava enganado, desculpa, vamos levar a cama. Deves ter a tua cama antiga e reconfortante nesse lugar novo. Sorri para mim e sê gentil comigo. Hoje, sê gentil comigo.

Nick deixa escapar um suspiro.

— Está bem, se é isso que queres. Amy? É isso? — Põe-se em pé, ligeiramente ofegante, e encosta-se a uma pilha de caixas. Na de cima, pode ler-se rabiscado a marcador: ROUPA DE INVERNO AMY. — É a última vez que quero ouvir falar na cama, Amy. Porque estou a dar-te essa possibilidade. Não me custa nada levar a cama para ti.

— Quanta amabilidade — digo eu num pequeno sopro entre dentes, da forma como costume replicar: uma lufada de perfume de um atomizador malcheiroso. Sou uma cobarde. Não gosto de confrontos. Agarro numa caixa e começo a dirigir-me para o camião.

— O que disseste?

Abano a cabeça como resposta. Não quero que me veja chorar, pois isso irá deixá-lo mais zangado.

Dez minutos mais tarde, ouve-se qualquer coisa a bater pesadamente nos degraus: bang! bang! bang! Nick está a arrastar o sofá cá para baixo, sozinho.

Nem sequer posso olhar para trás ao deixar Nova Iorque, porque o camião não tem janela traseira. No espelho lateral, acompanho a linha do horizonte (a linha do horizonte cada vez mais longínqua — não é isso que escrevem nos romances vitorianos, onde a heroína condenada é obrigada a abandonar a sua casa ancestral?), mas nenhum dos edifícios importantes — o Chrysler ou o Empire State ou o Flatiron — chega a aparecer naquele pequeno retângulo brilhante.

Os meus pais passaram lá por casa na noite anterior, presentearam-

nos com o relógio de cuco da família que eu adorava em miúda, e nós os três chorámos e abraçámo-nos, enquanto Nick enfiava as mãos nos bolsos e prometia tomar conta de mim.

Ele prometeu tomar conta de mim, e no entanto sinto-me receosa. Sinto que alguma coisa vai correr mal, muito mal, e que ainda irá piorar. Não me sinto a mulher de Nick. Não me sinto uma pessoa: sou qualquer coisa que se pode carregar e descarregar, como um sofá ou um relógio de cuco. Sou qualquer coisa que se pode atirar para a sucata ou para o rio, se necessário. Já não me sinto real. Sinto que podia desaparecer.

Nick Dunne — Desaparecida Há Três Dias

A polícia não ia encontrar Amy, a menos que alguém quisesse que a encontrassem. Isso ficou claro. Tinham feito buscas em tudo o que havia de verde e castanho: milhas do lamacento rio Mississípi, todos os trilhos e percursos de caminhada, a nossa triste coleção de florestas dispersas. Se estivesse viva, alguém precisava de a devolver. Se estivesse morta, teria de ser a natureza a fazê-lo. Era uma verdade palpável, como um gosto amargo na ponta da língua. Cheguei ao centro de voluntários e percebi que toda a gente sabia disso também: pairava no ar um desinteresse, uma sensação de derrota. Deambulei ao acaso até ao posto onde estavam os bolos e pastéis e tentei convencer-me a comer alguma coisa. Folhado doce. Era minha convicção de que não havia comida mais deprimente do que um folhado doce, um bolo que parecia velho logo à chegada.

— Eu continuo a dizer que está no rio — estava um voluntário a dizer ao colega, ambos a mexerem nos bolos com os dedos sujos. — Mesmo atrás da casa do tipo, era a maneira mais fácil...

— Se fosse assim, por esta altura já tinha aparecido no refluxo da corrente, numa represa, qualquer coisa.

— Não, se tiver sido cortada. Com as pernas e os braços cortados, o corpo pode seguir disparado até ao Golfo. Até Tunica, pelo menos.

Afastei-me antes que eles dessem por mim.

Um antigo professor meu, o senhor Coleman, estava sentado a uma mesa de jogo, debruçado sobre o telefone destinado a receber indicações úteis sobre o caso e a anotar informação. Quando deu pela minha presença, fez o sinal de maluco: o dedo a girar à volta da orelha e, depois, a apontar para o telefone. Tinha-me cumprimentado no dia anterior, dizendo: «A minha neta foi morta por um condutor embriagado, por isso...» Tínhamos murmurado umas palavras e dado umas palmadinhas um ao outro de forma desajeitada.

O meu telemóvel tocou, o descartável — não conseguia descobrir onde havia de guardá-lo, por isso tinha-o comigo. Tinha feito uma chamada que estava a ser devolvida, mas eu não podia atender. Desliguei o telefone, e perscrutei a sala para ter a certeza de que os

Elliotts não me tinham visto a fazê-lo. Marybeth estava a escrever mensagens no BlackBerry, afastando-o depois para poder ler o texto. Quando me viu, veio ter comigo no seu passo rápido e firme, segurando o BlackBerry à sua frente, como um talismã.

— Memphis fica a quantas horas daqui? — perguntou ela.

— Pouco menos de cinco horas de carro. O que há em Memphis?

— Hilary Handy vive em Memphis. A rapariga que assediava e perseguia Amy no liceu. É muita coincidência, não é?

Eu não sabia o que dizer: nenhuma?

— Sim, e Gilpin também me ignorou. Não podemos autorizar a despesa por causa de uma coisa que aconteceu há vinte e não sei quantos anos. Idiota! O tipo trata-me sempre como se eu estivesse à beira da histeria; fala com Rand, estando eu mesmo ali, ignora-me totalmente, como se precisasse que o meu marido explicasse as coisas à burra da mulher. Idiota!

— A cidade está falida — disse eu. — Tenho a certeza de que eles não têm orçamento para isso, Marybeth.

— Bem, temos nós. Estou a falar a sério, Nick, essa rapariga é completamente louca. E sei que tem tentado entrar em contacto com Amy ao longo dos anos. Amy contou-me.

— Ela nunca me contou isso.

— Quanto é que custa ir de carro até lá? Cinquenta dólares? Está bem. Tu vais lá? Tu disseste que ias. Por favor? Não vou conseguir deixar de pensar nisso até saber que alguém falou com ela.

Ao menos isso sabia eu que era verdade, pois a filha enfermava da mesma preocupação persistente: quando saíamos, Amy era capaz de passar uma noite inteira atormentada com a possibilidade de ter deixado o fogão ligado, mesmo que não tivéssemos cozinhado nesse dia. Ou então era a porta. Estava fechada à chave? De certeza? Ela imaginava o pior cenário possível, mas em grande escala. Pois nunca era apenas o facto de a porta não estar fechada à chave — era não estar fechada à chave, estarem homens lá dentro e estarem à espera para a violar e matar.

Senti uma camada de suor a brilhar à superfície da minha pele porque, finalmente, os receios da minha mulher se tinham concretizado. Imaginem a horrível satisfação, saber que todos aqueles anos de preocupação tinham valido a pena.

— É claro que vou. E, de caminho, passo por St. Louis, para ver o outro, Desi. Pode considerá-lo feito. — Virei-me, iniciei a minha saída dramática, dei vinte passos e, de repente, lá estava Stucks outra vez, o rosto ainda flácido de sono.

— Ouvi dizer que a polícia fez ontem buscas no centro comercial — disse ele coçando o queixo. Na outra mão, segurava um donut coberto por trincar. Tinha uma protuberância com a forma de um pãozinho redondo no bolso da frente das suas calças de caminhada largas. Quase fiz uma piada: Isso aí no teu bolso é algum bolinho ou estás...

— Sim. Nada.

— Ontem. Foram ontem, os burros. — Baixou-se, olhou em volta, como se estivesse com medo de que o ouvissem. Aproximou-se mais de mim. — Vai-se lá à noite, que é quando eles lá estão. De dia, andam junto ao rio ou estão lá fora a içar a bandeira.

— Içar a bandeira?

— Sabes como é, sentados junto às saídas da autoestrada, com aqueles letreiros: Desempregado, Ajude por favor, Preciso de dinheiro para a cerveja, essas coisas — disse ele, sondando a sala. — Içar a bandeira, meu.

— Está bem.

— À noite é que estão no centro comercial — disse ele.

— Então vamos lá esta noite — repliquei. — Eu, tu e quem quiser.

— Joe e Milkey Hillsam — disse Stucks. — Eles haviam de gostar de ir. — Os Hillsam eram três, quatro anos mais velhos do que eu, os mauzões lá do sítio. Eram o tipo de rapazes que tinham nascido sem o gene do medo e eram insensíveis à dor. Miúdos atléticos que passavam o verão a correr sobre as suas pernas curtas e musculadas, a jogar basebol, a beber cerveja, a aceitar estranhos desafios: andar de skate em valas de drenagem, escalar depósitos de água nus. O tipo de rapazes que fumavam uma ganza de olhos arregalados, numa noite de sábado enfadonha e nós sabíamos que alguma coisa ia acontecer, talvez nada de bom, mas alguma coisa. É claro que os Hillsam haviam de gostar de ir.

— Ótimo! — disse eu. — Vamos esta noite.

O meu telefone descartável tocou no meu bolso. Aquela porcaria não tinha ficado bem desligada. Voltou a tocar.

— Não vais atender? — perguntou Stucks.

— Não.

— Devias atender todas as chamadas, meu. A sério que devias.

Não houve nada para fazer durante o resto do dia. Não estavam planeadas buscas, não eram precisos mais prospetos, havia pessoas em todos os telefones. Marybeth começou a mandar voluntários para casa; andavam simplesmente por ali, a comer, entediados. Estava desconfiado que Stucks se tinha ido embora com metade da mesa de pequeno-almoço nos bolsos.

— Alguém teve notícias dos detetives? — perguntou Rand.

— Nada — respondemos ambos, eu e Marybeth.

— Isso pode ser bom, não é? — perguntou Rand, de olhar esperançado, e eu e Marybeth fizemos-lhe a vontade. Sim, claro.

— Quando é que partes para Memphis? — perguntou-me ela.

— Amanhã. Esta noite, eu e os meus amigos vamos fazer outra busca no centro comercial. Não achamos que tenha sido bem feita ontem.

— Excelente — disse Marybeth. — É o tipo de ação de que precisamos. Quando suspeitamos que as coisas não foram bem feitas da primeira vez, fazemo-las nós. Porque eu... bem, não estou assim muito impressionada com o que foi feito até agora.

Rand pôs a mão em cima do ombro da mulher, sinal de que aquele refrão já tinha sido dito e ouvido muitas vezes.

— Gostava de ir contigo, Nick — disse ele. — Esta noite. Eu gostava de ir. — Rand estava vestido com uma camisa de golfe azul clara e calças largas cor de azeitona, o cabelo parecia um capacete escuro e brilhante. Imaginei-o a tentar conviver amigavelmente com os irmãos Hillsam, recorrendo à sua rotina ligeiramente desesperada para dizer que era um tipo como os outros — Olá, também adoro uma boa cerveja, e o que é que dizem do vosso clube? —, e senti um acesso de embaraço iminente.

— É claro, Rand. É claro.

Tinha umas boas dez horas à minha frente sem nada para fazer. O meu carro ia-me ser devolvido — presumo que depois de analisado, aspirado e feita a recolha das impressões digitais — por isso pedi uma boleia até à esquadra a uma voluntária mais idosa, uma daquelas avozinhas cheias de energia que parecia ligeiramente nervosa por estar

sozinha comigo.

«Vou só levar o senhor Dunne à esquadra, mas estarei de volta em menos de meia hora», disse ela a uma das amigas. «Não demoro mais de meia hora.»

Gilpin não tinha recolhido a segunda nota de Amy como prova; tinha ficado demasiado excitado com a roupa interior para se incomodar com isso. Entrei no carro, deixei a porta aberta e sentei-me à espera que o calor saísse lá para fora, a reler a segunda pista da minha mulher:

Imagina-me: estou doida por ti
O meu futuro contigo é tudo menos incerto
Trouxeste-me aqui para te poder ouvir falar
Sobre as aventuras da adolescência: jeans rotas e pala na cabeça
Que se lixem os outros, para nós estão todos arrumados
E vamos roubar um beijo... fingir que acabámos de casar.

Era Hannibal, Missouri, terra onde cresceu Mark Twain e onde eu ia trabalhar no verão, em miúdo, deambulando pela cidade vestido de Huck Finn, com um chapéu de palha velho e calças artificialmente esfarrapadas, a sorrir de forma endiabrada, enquanto incitava as pessoas a visitar a Ice Cream Shoppe. Era uma daquelas histórias que se conta para entreter ao jantar, pelo menos em Nova Iorque, porque não há quem lhe chegue aos pés. Nunca ninguém poderia dizer: Oh, pois, eu também.

O comentário em relação à «pala» era uma pequena piada privada: quando dissera a Amy pela primeira vez que fazia o papel de Huck, estávamos a jantar fora, já na segunda garrafa de vinho, e ela estava adoravelmente alegre. Um grande sorriso e as faces coradas com que ficava quando bebia. Debruçada sobre a mesa, como se eu tivesse um íman. Não parava de me perguntar se eu ainda tinha a pala, se não me importava de usar a pala para ela, e quando eu lhe perguntei por que diabo havia de pensar que Huck Finn usava uma pala, engoliu em seco e disse: «Oh! Eu queria dizer chapéu de palha!» Como se fossem duas palavras perfeitamente intermutáveis. Depois disso, sempre que víamos jogos de ténis, elogiávamos sempre os chapéus de palha desportivos dos jogadores.

No entanto, Hannibal era uma escolha estranha da parte de Amy, já que não me lembrava de termos passado lá um tempo particularmente bom ou mau, apenas um tempo. Lembro-me de termos deambulado por lá há quase um ano, a apontar para as coisas, a ler placares e a dizer: «Isto é interessante», enquanto o outro concordava: «Pois é.» Já lá tinha estado depois disso sem Amy (a minha persistente veia nostálgica) e passei um dia glorioso, um dia de sorriso aberto e de bem com o mundo. Mas com Amy, tinha sido parado, pura rotina. Um bocadinho embaraçoso. Lembro-me que, a dada altura, comecei a contar uma história pateta sobre uma excursão que ali fizera em criança, vi os seus olhos ficarem ausentes e fiquei intimamente furioso, passei uns dez minutos a remoer naquilo — porque neste ponto do nosso casamento estava tão habituado a estar zangado com ela que quase sentia prazer nisso, como quando roemos uma cutícula: sabemos que devíamos parar, que na realidade não sabe tão bem quanto pensamos, mas não conseguimos deixar de morder. É claro que, exteriormente, ela não viu nada. Continuámos a andar, a ler placares e a apontar.

O facto de a minha mulher ter sido obrigada a ir buscar Hannibal para a sua caça ao tesouro era uma horrível chamada de atenção para a escassez de boas recordações desde que nos tínhamos mudado para ali.

Cheguei a Hannibal em vinte minutos, passei de carro pelo tribunal da Era Dourada, que agora albergava apenas uma loja de asinhas de frango na cave, e depois passei por uma série de estabelecimentos comerciais encerrados — bancos regionais arruinados e salas de cinema defuntas — em direção ao rio. Estacionei num parque junto ao Mississípi, mesmo em frente do barco fluvial Mark Twain. O estacionamento era grátis. (Eu nunca deixava de vibrar com a novidade, a generosidade do estacionamento grátis.) Havia bandeiras com o homem de farto cabelo branco penduradas apaticamente nos postes de iluminação pública, pósteres com as pontas enroladas pelo calor. Estava um dia quente com alguma aragem, mas mesmo assim Hannibal parecia perturbadoramente silenciosa. Quando caminhava ao longo dos quarteirões de lojas de lembranças — colchas, antiguidades e caramelos — vi mais tabuletas a dizer «Vende-se». A casa de Becky Thatcher estava fechada para obras de remodelação, a

serem pagas com dinheiro que ainda tinha de ser angariado. Por dez dólares, podia-se fazer um grafito do nosso nome na vedação caiada de Tom Sawyer, mas havia poucos interessados.

Sentei-me na soleira da porta de uma loja vazia. Ocorreu-me que tinha levado Amy ao fim de tudo. Estávamos literalmente a viver o fim de um modo de vida, uma frase que apenas aplicara até então às tribos na Nova Guiné e aos sopradores de vidro nos Apalaches. A recessão tinha posto fim ao centro comercial. Os computadores tinham posto fim à fábrica do Livro Azul. Cartago tinha ido à falência; a sua cidade irmã, Hannibal, estava a perder terreno para locais turísticos mais luminosos, barulhentos e mais na berra. O meu adorado rio Mississípi estava a ser invadido contracorrente por carpas asiáticas que o subiam aos saltos até ao lago Michigan. A Incrível Amy estava arrumada. Era o fim da minha carreira, o fim da dela, o fim do meu pai, o fim da minha mãe. O fim do nosso casamento. O fim de Amy.

A pieira fantasmagórica da buzina do barco a vapor ecoou vinda do rio. Tinha as costas da camisa molhadas de transpiração. Obriguei-me a levantar. Obriguei-me a comprar o bilhete para a visita guiada. Fiz o caminho que eu e Amy tínhamos feito, com a minha mulher ainda junto de mim no pensamento. Aquele dia também estava quente. És BRILHANTE. Na minha imaginação, ela ia a andar ao meu lado e desta vez estava a sorrir. Senti o estômago às voltas.

Levei mentalmente a minha mulher a passear pelo principal circuito turístico. Um casal de cabelo grisalho parou para espreitar para dentro da casa de Huckleberry Finn, mas não se deu ao trabalho de lá entrar. No final do quarteirão, um homem vestido de Twain — cabelo branco, fato branco — saiu de um Ford Focus, espreguiçou-se, olhou a rua solitária e entrou numa pizzeria. E depois, lá estávamos nós, no edifício de ripas que tinha sido a sala de audiências do pai de Samuel Clemens. A tabuleta cá fora dizia: J. M. Clemens, Juiz de Paz.

Vamos roubar um beijo... fingir que acabámos de casar.

Estás a tornar estas pistas tão fáceis, Amy. Parece que queres mesmo que as encontre, que me sinta bem comigo mesmo. Continua assim e vou bater o meu recorde.

Não estava ninguém lá dentro. Ajoelhei-me no soalho empoeirado e espreitei para debaixo do primeiro banco. Quando Amy deixava uma pista num local público, prendia-a sempre com fita-cola à parte de

baixo das coisas, entre a pastilha lá colada e o pó, e tinha sempre razão, porque ninguém gosta de olhar para a parte de baixo das coisas. Não havia nada debaixo do primeiro banco, mas havia uma tira de papel suspensa do banco de trás. Passei por cima e puxei o envelope azul de Amy com um pedaço de fita-cola agarrado.

Olá, querido marido,

Encontraste-a! Que homem brilhante! Pode ajudar o facto de eu ter decidido não fazer da caça ao tesouro deste ano uma marcha forçada excruciante através das minhas memórias pessoais ocultas.

Peguei na deixa do teu adorado Mark Twain:

«O que é que se devia fazer ao homem que inventou a comemoração dos aniversários? Matá-lo simplesmente seria uma pena demasiado leve.»

Percebi finalmente aquilo que disseste ano após ano, que esta caça ao tesouro devia ser uma altura para comemorar a nossa existência, e não um teste para ver se tu te lembras de tudo aquilo que penso ou digo ao longo do ano. Esperarias que isso fosse algo que uma mulher adulta percebesse sozinha, mas... acho que é para isso que os maridos servem. Para chamar a atenção para aquilo que não somos capazes de ver por nós próprias, mesmo que leve cinco anos.

Por isso, queria tirar um instante agora, na terra que Mark Twain pisou na sua infância, e agradecer-te pela tua INTELIGÊNCIA. Tu és mesmo a pessoa mais inteligente e divertida que conheço. Eu tenho uma memória sensorial fantástica: de todas as vezes ao longo dos anos que encostaste a boca ao meu ouvido — consigo sentir a tua respiração a fazer-me cócegas no meu lóbulo, neste preciso momento, ao escrever isto — e sussurraste alguma coisa só para mim, para me fazeres rir. Percebo agora a generosidade de um marido que tenta fazer rir a sua mulher. E escolhias sempre os melhores momentos. Lembras-te quando a Insley e o macaco amestrado do marido nos fizeram ir lá a casa, para admirar o filho, e nós fizemos a visita obrigatória àquela casa estranhamente perfeita, a transbordar de flores e de muffins, para um brunch e para conhecer o bebé? E lembras-te de como eles foram arrogantes e paternalistas em relação ao facto de não termos filhos e, entretanto, lá estava o hediondo menino deles, coberto de fios de baba

e cenoura cozida, e talvez de fezes — todo nu, à exceção de um bibe com folhos e um par de botinhas tricotadas? E enquanto eu bebericava o meu sumo de laranja, tu inclinaste-te e sussurraste: «É isto que vou usar logo.» E eu tive um ataque de riso e cuspi literalmente o que estava a beber. Foi um daqueles momentos em que me salvaste, fizeste-me rir na altura certa. Mas só uma azeitona. Portanto, deixa-me dizer outra vez: és INTELIGENTE. Agora, beija-me!

Senti a minha alma esvaziar-se. Amy estava a usar a caça ao tesouro para nos pôr novamente no rumo um do outro. E era demasiado tarde. Enquanto tinha estado a escrever aquelas pistas, ela não fazia ideia do meu estado de espírito. Ora, Amy, não podias ter feito isto mais cedo? O nosso sentido de oportunidade nunca tinha sido bom.

Abri a próxima pista, li-a, enfiei-a no bolso, e depois voltei para casa. Sabia onde ir, mas ainda não estava pronto. Não conseguia lidar com outro elogio, outra palavra gentil da minha mulher, outro ramo de oliveira. Os meus sentimentos por ela estavam a mudar com demasiada rapidez de amargo para doce.

Voltei para casa de Go, passei algumas horas sozinho, a beber café e de roda da televisão, ansioso e irritado, a matar o tempo até às onze da noite, altura da nossa saída em grupo até ao centro comercial.

A minha gémea chegou a casa logo depois das sete, parecendo abatida devido ao turno a solo no bar. A forma como olhou para a televisão disse-me que devia desligá-la.

— O que é que fizeste hoje? — perguntou ela, acendendo um cigarro e sentando-se pesadamente à velha mesa de jogo da nossa mãe.

— Estive no centro de voluntários... e mais logo, às onze, vamos fazer uma busca ao centro comercial — disse eu. Não lhe queria contar sobre a pista de Amy. Já me sentia suficientemente culpado.

Go distribuiu algumas cartas para fazer uma paciência, e o barulho regular que estas faziam ao bater sobre a mesa era como uma censura. Comecei a andar de um lado para o outro. Ela ignorou-me.

— Só estava a ver televisão para me distrair.

— Eu sei, a sério que sim.

Virou um valete.

— Tem de haver alguma coisa que eu possa fazer — disse eu,

andando às voltas pela sala.

— Bem, vais fazer uma busca ao centro comercial dentro de algumas horas — disse Go, e não deu mais nenhum encorajamento. Virou três cartas.

— Dá ideia que pensas que é uma perda de tempo.

— Oh, não! Olha, vale a pena verificar tudo. Apanharam o Filho de Sam com uma multa de estacionamento, certo?

Go era a terceira pessoa que me tinha mencionado isto; devia ser o mantra para os casos que começavam a arrefecer. Sentei-me à frente dela.

— Não me tenho mostrado suficientemente abalado em relação à Amy — disse eu. — Eu sei disso.

— Talvez. — Olhou finalmente para mim. — Andas estranho.

— Acho que, em vez de entrar em pânico, me centrei apenas em ficar irritado com ela. As coisas andavam a correr tão mal entre nós, ultimamente... É como se não estivesse certo preocupar-me demasiado porque não tenho esse direito. Acho eu.

— Tens andado estranho, não posso mentir — disse Go. — Mas a situação é estranha. — Apagou a beata do cigarro. — Não me rala nada a forma como ages quando estás comigo. Mas tem cuidado com as outras pessoas, está bem? As pessoas são rápidas a julgar.

Voltou à paciência, mas eu queria a sua atenção. Continuei a falar.

— Provavelmente, um dia destes, devia ir ver como é que está o pai — disse eu. — Não sei se lhe vou contar sobre a Amy.

— Não — disse ela. — Não contes. Ele ainda era mais estranho do que tu em relação a ela.

— Sempre achei que ela lhe deve lembrar alguma antiga namorada ou coisa assim... Aquela que se foi embora. Depois de ficar... — fiz o movimento descendente com a mão que significava o Alzheimer — tornou-se um bocadinho grosseiro e antipático, mas...

— Sim, mas ao mesmo tempo parecia querer impressioná-la — rematou ela. — O rapazinho de doze anos básico e aparvalhado preso no corpo de um idiota de sessenta e oito anos.

— Não são as mulheres que pensam que, lá no fundo, todos os homens são rapazinhos de doze anos aparvalhados?

— Olha, se a carapuça te serve...

Às onze horas e oito minutos, Rand estava à nossa espera por trás das portas automáticas do hotel, de olhos semicerrados em direção à escuridão, para nos ver. Os Hillsams iam a conduzir a sua carrinha de caixa aberta; eu e Stucks íamos ambos lá atrás. Rand veio ter connosco, vestindo uns calções de golfe em caqui e uma imaculada t-shirt de Middlebury. Saltou lá para trás, firmou-se com uma facilidade surpreendente em cima da capa da roda e tratou das apresentações como se fosse o anfitrião do seu próprio talk show móvel.

— Lamento imenso o que se passou com Amy, Rand — disse Stucks em voz alta, enquanto saíamos do parque de estacionamento com velocidade desnecessária e entrávamos na estrada. — Ela é uma pessoa tão gentil. Uma vez, viu-me a pintar uma casa, a suar por todos os poros, e foi de carro até ao 7-Eleven, comprou um refrigerante dos grandes e veio trazer-mo ao cimo da escada.

Isto era mentira. Amy interessava-se tão pouco por Stucks ou pelo seu bem-estar que não se teria dado sequer ao trabalho de fazer chichi para dentro de um copo por sua causa.

— Isso é mesmo coisa dela — disse Rand, e eu senti-me indelicadamente incomodado. Talvez fosse o jornalista que havia em mim, mas factos eram factos, e as pessoas não iam conseguir transformar Amy na melhor amiga de toda a gente, só porque era emocionalmente apropriado.

— Middlebury, hein? — prosseguiu Stucks, apontando para a t-shirt de Rand. — Tem uma equipa de rãguebi dos diabos!

— É verdade, pois temos — disse Rand, novamente com o seu grande sorriso, e ele e Stucks começaram uma discussão improvável acerca do rãguebi como arte liberal, que se sobrepôs ao barulho do carro, ao ar, à noite, até chegarmos ao centro comercial.

Joe Hillsam estacionou a carrinha à porta dos gigantescos armazéns Mervyns. Saltámos todos lá para fora, esticámos as pernas, tratámos de nos manter despertos. Estava uma noite abafada, com a lua reduzida a um fino traço. Reparei que Stucks tinha vestido — ironicamente, ou talvez não — uma t-shirt que dizia: Poupe Gás, Peide-se num Frasco.

— Bem, este lugar, aquilo que estamos a fazer, é perigoso como o diabo, não quero mentir — começou Mikey Hillsam. Tinha-se tornado mais forte com a idade, tal como o irmão; não tinham apenas o tronco

redondo, tinham tudo redondo. Lado a lado, eram uma parede com cerca de duzentos e trinta quilos.

— Eu e Mikey viemos cá uma vez, só para... não sei, para ver, acho eu, ver em que é que isto se tinha transformado, e quase levámos uma coça — disse Joe. — Por isso, esta noite, não corremos riscos. Esticou-se para dentro da cabina para tirar um saco de lona comprido e correu o fecho para mostrar meia dúzia de tacos de basebol. Começou a distribuí-los solenemente. Quando chegou a Rand, hesitou:

— Hum... quer um?

— Claro que sim — disse Rand, e todos eles acenaram com a cabeça e sorriram aprovadamente, com a energia no círculo a traduzir-se numa amigável palmada nas costas, num ainda bem para si, velhote.

— Vamos — disse Mikey, e guiou-nos ao longo do exterior. — Há uma porta que tem a fechadura estragada ali em baixo, perto da Spencer's.

Precisamente nessa altura, passámos pelas montras negras da Shoe-Be-Doo-Be, onde a minha mãe tinha trabalhado durante mais de metade da minha vida. Ainda me lembro da excitação de ela se ir candidatar a um emprego no mais incrível dos lugares — o centro comercial! — de sair de casa num sábado de manhã para a feira de emprego, com o seu fato cor de pêssego, uma mulher de quarenta anos à procura de trabalho pela primeira vez, e de regressar corada e sorridente, a dizer-nos que nem imaginávamos o movimento do centro comercial, com tantos tipos de loja diferentes. E sabia-se lá em qual é que iria trabalhar... Tinha-se candidatado a nove! Lojas de roupa, lojas de aparelhagens, e até uma loja de pipocas fina. Quando anunciou, uma semana mais tarde, que era oficialmente uma vendedora de sapatos, os filhos ficaram pouco impressionados.

— Vai ter de mexer em todo o tipo de pés malcheirosos — queixou-se Go.

— Vou conhecer todo o tipo de gente interessante — corrigiu a minha mãe.

Espreitei pela montra triste. O lugar estava completamente vazio, à exceção de um medidor de tamanho do calçado encostado inutilmente à parede.

— A minha mãe trabalhava aqui — disse eu a Rand, obrigando-o a deter-se ali comigo.

— Que tipo de lugar era?
— Era um lugar agradável, onde eram bons para ela.
— O que eu queria dizer era o que é que faziam aqui.
— Oh, sapatos. Faziam sapatos.
— Isso mesmo! Sapatos. Gosto disso. Uma coisa de que as pessoas realmente precisam. E, ao final do dia, sabemos sempre o que fizemos: vendemos sapatos a cinco pessoas. Não é como escrever, pois não?
— Dunne, anda embora! — Stucks estava encostado à porta aberta mais à frente; os outros já tinham entrado.

Ao entrar, esperava sentir o cheiro do centro comercial: aquele vazio de temperatura controlada. Em vez disso, só me cheirou a erva velha e a porcaria, o odor do exterior lá dentro, onde não tinha lugar. O edifício tinha uma atmosfera pesada e quente, quase penugenta, como o interior de um colchão. Três de nós tínhamos lanternas de campismo gigantescas, e o seu foco mostrava imagens chocantes: eram suburbanas, pós-cometa, pós-zombie, pós-humanidade. Uma série de rastros lamacentos de carrinhos de compras entrecruzavam-se loucamente ao longo do chão branco. Um guaxinim mordiscava uma guloseima de cão à entrada de uma casa de banho de mulheres, e os seus olhos brilhavam como moedas.

Todo o centro comercial estava envolto em silêncio. A voz de Mikey fazia eco, os nossos passos faziam eco, o riso embriagado de Stucks fazia eco. Se tivéssemos em mente um ataque, este não seria certamente uma surpresa.

Quando chegámos à parte central do complexo comercial, toda a área se expandiu: quatro andares de altura, escadas rolantes e elevadores a cruzar a escuridão. Juntámo-nos todos ao pé de uma fonte seca e esperámos que alguém assumisse o comando.

— Então, malta — disse Rand, hesitante. — Qual é o plano? Todos vocês conhecem este lugar, eu não. Precisamos de encontrar uma forma sistematizada de...

Ouvimos um barulho forte de metal mesmo atrás de nós, uma grade de segurança a abrir.

— Olhem, lá está um! — berrou Stucks. Virou a lanterna para um homem com um impermeável esvoaçante, que saiu apressadamente da entrada de uma Claire's e fugiu de nós a toda a velocidade.

— Detenham-no! — berrou Joe e começou a correr atrás dele, com

os ténis grossos a bater no mosaico cerâmico e com Mikey no seu encalço, de lanterna apontada ao desconhecido, e os dois a gritar em tom brusco: Para aí! Eh, ó tu, só queremos fazer uma pergunta. O homem nem sequer olhou para trás. Eu disse para parares, meu filho da mãe! O fugitivo continuou calado no meio da berraria, mas ganhou velocidade e saiu disparado pelo corredor do centro comercial, apanhado de forma intermitente pelo foco da lanterna, com o impermeável a agitar-se atrás de si, como uma capa. Depois, o tipo virou acrobata: saltou por cima de um caixote do lixo, oscilou no rebordo de uma fonte e, finalmente, deslizou por baixo da grade de segurança metálica da Gap e desapareceu.

— Sacana! — Os Hillsams estavam tão vermelhos no rosto, pescoço e dedos que pareciam ter sofrido um ataque cardíaco. Revezaram-se a resmungar junto da grade, esforçando-se por levantá-la.

Baixei-me para os ajudar, mas não subia mais de quinze centímetros. Deitei-me no chão e tentei passar por baixo: pés, barrigas das pernas, e depois fiquei preso na zona da cintura.

— Não, não dá — resmunguei. — Merda! — Levantei-me e dirigi a lanterna para dentro da loja. O espaço estava vazio, à exceção de um monte de cabides que alguém tinha arrastado para o meio, como que para fazer uma fogueira. — Todas as lojas comunicam nas traseiras com corredores de passagem para o lixo e canalização — disse eu. — Provavelmente, já está na outra ponta do centro, por esta altura.

— Bem, então vamos para a outra ponta do centro — disse Rand.

— Saiam daí, seus sacanas! — berrou Joe com a cabeça inclinada para trás e os olhos franzidos. A sua voz ecoou através do edifício. Começámos a andar de forma desordenada, arrastando os tacos ao nosso lado, à exceção dos Hillsams, que usavam os seus para bater contra as grades de segurança e portas, como se integrassem uma patrulha militar numa zona de guerra particularmente perigosa.

— É melhor virem ao nosso encontro do que nós irmos ao vosso! — gritou Mikey. — Oh, olá! — À entrada de uma loja de animais, um homem e uma mulher estavam juntos em cima de uns quantos cobertores do exército, com o cabelo molhado de suor. Mikey pairou ameaçadoramente sobre eles, a respirar pesadamente e a limpar a testa. Era a cena nos filmes de guerra em que os soldados frustrados dão de caras com aldeões inocentes e acontecem coisas más.

— Que raio é que vocês querem? — perguntou o homem que estava no chão. Estava macilento, tinha o rosto tão magro e chupado que parecia estar a derreter-se. O cabelo estava emaranhado até aos ombros, os olhos tristes e virados para cima: um Jesus espoliado. A mulher estava em melhor estado, com braços e pernas limpos e rechonchudos, o cabelo escorrido oleoso, mas escovado.

— É um dos rapazes do Livro Azul? — perguntou Stucks.

— Não sou nenhum rapaz — murmurou o homem, cruzando os braços.

— Vejam lá se têm algum respeito, porra — disse a mulher. Depois, deu a sensação de ir chorar. Afastou-se de nós, fingindo olhar para alguma coisa lá longe. — Estou farta de não haver ninguém que nos respeite.

— Fizemos-te uma pergunta, pá — disse Mikey, aproximando-se do tipo e dando-lhe um pontapé na sola do sapato.

— Não sou do Livro Azul — disse o homem. — Só não ando em maré de sorte.

— Tretas!

— Há aqui gente muito diferente, não é apenas malta do Livro Azul. Mas se é deles que andam à procura...

— Vá, vão lá, então, e encontrem-nos — disse a mulher, com os cantos da boca virados para baixo. — Vão chateá-los a eles.

— O negócio deles é lá em baixo, no Buraco — disse o homem. E quando viu o nosso olhar de incompreensão, explicou: — O Mervyns, na outra ponta, depois do sítio onde costumava estar o carrossel.

— E vão-se lixar — murmurou a mulher.

Uma mancha circular marcava o sítio onde o carrossel estivera outrora. Eu e Amy tínhamos dado uma volta nele, mesmo antes do centro comercial encerrar. Dois adultos, lado a lado, em cima de coelhos a levitar, porque a minha mulher queria ver o centro comercial onde eu passei tanto tempo da minha infância. Queria ouvir as minhas histórias. Nem tudo era mau na nossa relação.

A grade de proteção para o Mervyns tinha sido arrombada, por isso a loja estava aberta, tão ampla e acolhedora quanto a manhã de uma venda no Dia dos Presidentes. Lá dentro, o espaço estava vazio, à exceção das ilhas que em tempos tinham tido as caixas registadoras, e que agora tinham meia dúzia de pessoas pedradas em vários estados,

debaixo de letreiros que diziam Joias e Beleza e Roupa de Cama. Eram iluminadas por candeeiros de campismo a gás, que bruxuleavam como tochas tiki. Alguns tipos mal abriram um olho quando passámos por eles, outros estavam inconscientes. Num canto mais distante, dois miúdos recém-saídos da adolescência estavam a recitar de forma maníaca o Discurso de Gettysburg. Estamos agora envolvidos numa grande guerra civil... Um homem esparramou-se em cima do tapete, com os seus calções de ganga imaculados e sapatos de ténis brancos, como se fosse a caminho do jogo de basebol do filho. Rand olhou-o fixamente, como se o pudesse conhecer.

Cartago tinha uma epidemia de drogas maior do que eu alguma vez suspeitara: ainda no dia anterior a polícia tinha ali estado, e já os drogados se tinham reinstalado, como moscas determinadas. À medida que abríamos caminho por entre as pilhas de seres humanos, uma mulher obesa fez-nos sinal para nos calarmos de cima de uma trotinete elétrica. Tinha o rosto cheio de borbulhas e molhado de suor, os dentes pareciam os de um gato.

— Ou comprem ou põem-se a mexer, porque aqui não há visitas guiadas — disse ela.

Stucks apontou-lhe a lanterna à cara.

— Tira essa merda de cima de mim. — Ele tirou.

— Estou à procura da minha mulher — comecei. — Amy Dunne. — Está desaparecida desde terça-feira.

— Ela há de aparecer. Há de acordar e arrastar-se até casa.

— A nossa preocupação não são as drogas — disse eu. — Estamos mais preocupados com alguns dos homens que param por aqui. Ouvimos rumores.

— Não faz mal, Melanie — gritou uma voz. Na ponta da secção juvenil, um homem esguio estava encostado ao torso de um manequim de mulher despido, a observar-nos, com um sorriso enviesado no rosto.

Melanie encolheu os ombros, enfadada, aborrecida, e tratou de acelerar para longe.

Sem tirar os olhos de nós, o homem chamou para a parte de trás da secção juvenil, onde quatro pares de pés saíam dos gabinetes de prova. Homens acampados nos seus cubículos individuais.

— Eh, Lonnie! Eh, vocês todos! Os otários estão de volta. São cinco

— disse o homem. Deu um pontapé numa lata de cerveja vazia, na nossa direção. Atrás dele, três pares de pés começaram a mexer-se, quando os homens se puseram de pé. Um par continuou imóvel, com o seu proprietário adormecido ou inanimado.

— Sim, seus sacanas, estamos de volta — disse Mikey Hillsam. Segurou no taco como se fosse um taco de bilhar e bateu no torso da manequim, entre as mamas. Ela oscilou em direção ao chão, e o rapaz do Livro Azul tirou graciosamente o braço quando ela caiu, como se fizesse tudo parte de um ato encenado. — Queremos informações sobre uma mulher que está desaparecida.

Os três homens dos gabinetes de prova juntaram-se aos amigos. Usavam todos t-shirts de festa grega: Pi Phi Tie-Dye e Fiji Island. Os postos locais da Goodwill ficavam inundados delas quando chegava o verão — com os recém-licenciados a despojarem-se das suas velhas recordações.

Os homens eram todos secos e fortes, braços musculosos raiados de veias azuis salientes. Atrás deles, um tipo com um grande bigode pendente e o cabelo apanhado em rabo de cavalo — Lonnie — saiu do gabinete de prova mais espaçoso, arrastando um longo pedaço de tubo, envergando uma t-shirt Gamma Phi. Estávamos a olhar para o segurança do centro comercial.

— O que se passa? — perguntou Lonnie.

Não podemos dedicar, não podemos consagrar, não podemos santificar este solo..., recitavam os miúdos num tom próximo da gritaria.

— Andamos à procura de Amy Dunne, provavelmente já a viram nas notícias, está desaparecida desde terça-feira — disse Joe Hillsam. — Uma senhora simpática, bonita e gentil, roubada da sua própria casa.

— Ouvi falar, sim. E depois? — disse Lonnie.

— Ela é minha mulher — disse eu.

— Nós sabemos o que é que vocês têm andado a fazer por aqui — continuou Joe, dirigindo-se apenas a Lonnie, que estava a atirar o rabo de cavalo para trás, cerrando os maxilares. Tinha os dedos cobertos de tatuagens verdes desmaiadas. — Nós sabemos da violação em grupo.

Olhei de relance para Rand, para ver se estava bem; tinha os olhos pregados na manequim nua, no chão.

— Violação em grupo — disse Lonnie, atirando a cabeça para trás. —

Que merda de conversa é essa? Violação em grupo?

— Foram vocês — disse Joe. — Vocês, os rapazes do Livro Azul...

— Os rapazes do Livro Azul, como se fôssemos alguma espécie de corja — resmungou Lonnie. — Não somos animais, otário! Não roubamos mulheres. As pessoas querem sentir-se bem com o facto de não nos ajudarem. Estão a ver? Eles não merecem, são um bando de violadores. Ora, tretas! Eu punha-me a andar desta cidade, se a fábrica me pagasse o que me deve. Mas não recebi nada. Nenhum de nós recebeu nada. Por isso, aqui estamos nós.

— Nós damos-vos dinheiro, bom dinheiro, se souberem dizer-nos alguma coisa sobre o desaparecimento de Amy — disse eu. — Vocês conhecem uma data de gente, talvez tenham ouvido alguma coisa.

Tirei a fotografia dela para fora. Os Hillsams e Stucks pareceram surpreendidos, e eu percebi que para eles — é claro — aquilo não passava de uma diversão de machos. Aproximei a fotografia do rosto de Lonnie, à espera que ele mal se dignasse olhar. Em vez disso, inclinou-se para ver melhor.

— Oh, merda! — exclamou. — Ela?

— Estás a reconhecê-la?

Ele parecia mesmo surpreendido.

— Ela queria comprar uma arma.

Amy Elliott Dunne — 16 de Outubro de 2010

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Feliz aniversário para mim! Um mês inteiro como residente no Missouri, e estou a caminho de me tornar uma boa midwestern. Sim, fiz uma desintoxicação de todas as coisas da Costa Leste e ganhei a minha insígnia pelos trinta dias de abstinência. Estou a tomar notas, a honrar tradições. Sou a Margaret Mead do maldito Mississípi!

Vejamos, o que há de novo? Presentemente, eu e Nick andamos embrulhados naquilo que me habituei a chamar (para mim mesma) o Enigma do Relógio de Cuco. O precioso bem de família dos meus pais fica ridículo na nossa nova casa. Mas o mesmo acontece com tudo o que trouxemos de Nova Iorque. O nosso digno sofá elefantino em pele, com a otomana bebé a condizer, está na sala de estar com ar atordado, como se tivesse sido atingido por um dardo soporífero no seu ambiente natural e tivesse acordado neste novo e estranho cativeiro, rodeado de alcatifa pretensamente elegante e de madeira sintética e paredes sem veios. Tenho muitas saudades da nossa antiga casa — de todos os altos, estrias e fissuras deixados pelas décadas. (Pausa para ajuste de atitude.) Mas a nova também é muito agradável! É apenas diferente. O relógio iria destoar. O cuco também está a ter dificuldade em adaptar-se ao seu novo espaço: o passarinho vem cá fora com ar embriagado dez minutos depois da hora certa; dezassete minutos antes; quarenta e um depois. Emite uma lamúria moribunda — cuu-crrruu — que faz sempre Bleecker sair de algum esconderijo, de olhos arregalados, alerta, a cauda como um escovilhão de biberões enquanto inclina a cabeça em direção às penas e vagidos.

«Uau, os teus pais devem mesmo odiar-me», diz Nick sempre que estamos por perto, embora seja suficientemente esperto para ainda não recomendar que nos livremos daquela coisa. Na verdade, também quero deitá-lo fora. Sou a única pessoa (a desempregada) que está em casa o dia todo, à espera do seu grasnido, uma cinéfila tensa a preparar-se para o próximo acesso do mecenas louco atrás de mim — ambos aliviados (aí está!) e zangados (aí está!) de cada vez que

acontece.

Armaram um grande rebuliço à volta do relógio, por altura da festa de inauguração da casa (oh, olhem-me só para aquilo, um relógio antigo!), que a mãe Maureen Dunne insistiu em manter. Na verdade, não insistiu; a mãe Mo não insiste. Limita-se a transformar as coisas numa realidade, partindo do princípio de que o são: desde a primeira manhã a seguir à mudança, quando apareceu à soleira da nossa porta, com os ovos mexidos de boas-vindas e uma embalagem familiar de papel higiénico (o que não era grande recomendação para os ovos mexidos), que tinha falado da festa de inauguração da casa como se fosse um facto. Então, quando é que querem a festa de inauguração da vossa casa? Já pensaram em quem é que querem que convide para a festa? Querem uma festa de inauguração ou uma coisa divertida, tipo uma festa para abastecer o bar? Mas uma festa de inauguração tradicional é sempre agradável.

E depois, de repente, havia uma data, e a data era hoje, e a família Dunne e os amigos estavam a sacudir os chuviscos de outono dos guarda-chuvas e a limpar os pés cuidadosa e conscienciosamente no capacho que Maureen nos tinha trazido naquela manhã. O tapete diz: Quem aqui entra é nosso amigo. É da Costco. Aprendi bastante sobre compras por atacado nestas quatro semanas como residente no rio Mississípi. Os republicanos vão ao Sam's Club, os democratas à Costco. Mas toda a gente compra por atacado porque — ao contrário dos habitantes de Manhattan — todos têm espaço para armazenar vinte e quatro frascos de pickles doces. E, ao contrário dos habitantes de Manhattan, todos têm formas de empregar vinte e quatro frascos de pickles doces. (Nenhuma reunião está completa sem um prato rotativo cheio de pickles e azeitonas tirados diretamente do frasco. E uma pedra de sal.)

Eu descrevo a cena: é um daqueles dias perfumados, em que as pessoas trazem o ar livre consigo, o cheiro a chuva nas mangas e no cabelo. As mulheres mais velhas — as amigas de Maureen — apresentam diversas comidas em recipientes plásticos que podem ir à máquina, que mais tarde pedem para lhes serem devolvidos. E pedem vezes sem conta. Sei agora que devo lavar os recipientes e entregar cada um deles na respetiva casa — uma espécie de viagem em grupo de Ziplocs —, mas, quando aqui cheguei, desconhecia o protocolo.

Reciclava obedientemente todos os recipientes plásticos e, por isso, tinha de ir comprar novos. A melhor amiga de Maureen, Vicky, notou imediatamente que a sua caixa era novinha em folha, comprada na loja, uma impostora, e, quando expliquei a minha confusão, arregalou os olhos de espanto: Então é assim que fazem em Nova Iorque.

Mas voltemos à festa de inauguração da casa: as mulheres mais velhas são amigas de Maureen de reuniões das associações de pais de há muito tempo, de clubes do livro, da Shoe-Be-Doo-Be no centro comercial, onde passava quarenta horas por semana a enfiar sapatos de saltos sensatos a mulheres de uma certa idade. (Ela é capaz de dizer o tamanho de um pé só de olhar — 38 de senhora, estreito! —, é o seu talento especial.) Todas as amigas de Mo adoram Nick e todas têm histórias sobre as coisas bonitas que Nick tem feito por elas ao longo dos anos.

As mulheres mais jovens, as mulheres que representam o grupo de possíveis amigas de Amy, exibem todas o mesmo cabelo louro oxigenado de corte assimétrico, as mesmas socas de enfiar no pé. São filhas das amigas de Maureen, e todas adoram Nick, e todas elas têm histórias sobre as coisas bonitas que Nick tem feito por elas ao longo dos anos. A maior parte não tem trabalho devido ao encerramento das lojas do centro comercial, ou então são os maridos que não têm trabalho devido ao encerramento das lojas do centro comercial, por isso todas me oferecem receitas de «comidas baratas e fáceis» que envolvem, normalmente, um guisado feito com sopa enlatada, manteiga, e um snack qualquer.

Os homens são simpáticos e tranquilos e juntam-se em círculos, a falar sobre desporto e a sorrir benevolentemente na minha direção.

Toda a gente é simpática. Literalmente o mais simpática possível. Maureen, a doente de cancro mais destemida da região, apresenta-me a todas as suas amigas da forma como exibiríamos um novo animal de estimação ligeiramente perigoso: «Esta é a mulher de Nick, Amy, nascida e criada na cidade de Nova Iorque.» E as amigas, rechonchudas e acolhedoras, sofrem de imediato um estranho episódio da síndrome de Tourette: repetem as palavras — cidade de Nova Iorque! — de mãos entrelaçadas e dizem alguma coisa que não requer resposta: Isso deve ter sido espetacular. Ou então cantam «New York, New York» em vozes esganiçadas, balançando-se de um lado

para o outro, a agitar as mãozinhas. Barb, a amiga de Maureen da sapataria, diz de forma arrastada: «Cidaade de Noova Iorque! Vão buscar uma corda!» Quando franzo os olhos, confusa, ela diz: «Oh, é daquele anúncio antigo a um molho!», e quando mesmo assim não consigo estabelecer nenhuma associação, fica corada, pousa a mão no meu braço e diz: «Eu não ia enforcá-la a sério.»

Por fim, toda a gente acaba a dar risadinhas e a confessar que nunca esteve em Nova Iorque. Ou que já esteve — uma vez — e não gostou assim muito. Depois, digo qualquer coisa como: Havia de gostar ou Decididamente, não é para toda a gente ou Hummm, porque já esgotei as coisas para dizer.

— Sê amável, Amy — diz-me Nick ao ouvido, quando estamos na cozinha, a arranjar nova dose de bebidas (a gente do Midwest adora dois litros de refrigerante, sempre dois litros, que depois se deitam em grandes copos plásticos vermelhos da Solo, sempre).

— Eu sou. — Aquilo magoa-me mesmo, porque se perguntassem a qualquer pessoa naquela sala se eu tinha sido amável, sei que diriam que sim.

Às vezes, sinto que Nick optou por uma versão da minha pessoa que não existe. Desde que nos mudámos para ali, tenho alinhado em saídas à noite só para raparigas e em caminhadas de beneficência, tenho feito guisados para o pai dele e ajudado a vender rifas para sorteios. Levantei o dinheiro que me restava para dar a Nick e a Go, para que pudessem comprar o bar que sempre tinham querido, e até pus o cheque dentro de um cartão com o formato de uma caneca de cerveja — Saúde! — e Nick limitou-se a agradecer de má vontade. Não sei o que fazer. Eu estou a tentar.

Entregamos os refrigerantes, eu a sorrir e a rir ainda mais intensamente, uma visão de graça e boa disposição, a perguntar a toda a gente se quer mais alguma coisa, elogiando as mulheres pelas saladas ambrósia, pelo molho de caranguejo e pelas rodela de pickles enroladas em queijo creme e em salame.

O pai de Nick chega com Go. Ficam em silêncio na soleira da porta, estilo gótico do Midwest: Bill Dunne, seco e nervoso e ainda bem-parecido, com um minúsculo penso rápido na testa; Go de expressão triste, o cabelo preso por travessões, a desviar o olhar do pai.

— Nick — diz Bill Dunne, apertando-lhe a mão, e entra, franzindo o

sobrolho ao ver-me. Go segue-o, agarra em Nick e puxa-o para trás da porta, a sussurrar:

— Não faço ideia onde é que ele está neste momento, em termos de cabeça. Se está a ter um dia mau ou se está apenas a ser estúpido. Não faço ideia.

— Está bem, está bem. Não te preocupes. Eu fico de olho nele.

Go encolhe os ombros com maus modos.

— Estou a falar a sério, Go. Pega numa cerveja e descansa. Ficas dispensada dos deveres de filha durante a próxima hora.

E eu penso: Se fosse comigo, ele ia queixar-se de que eu estava a ser demasiado suscetível.

As mulheres mais velhas continuam a girar à minha volta, a dizer-me como Maureen sempre disse que eu e Nick éramos um casal maravilhoso, e que tem toda a razão, que fomos claramente feitos um para o outro.

Prefiro estes clichés bem-intencionados à conversa que ouvimos antes de nos casarmos. Casamento é compromisso e trabalho duro, e depois mais trabalho duro, comunicação e compromisso. E depois trabalho. Abandonai a esperança, vós que nele entraís.

A festa de noivado em Nova Iorque foi a pior parte em relação a isto, com todos os convidados transtornados pelo vinho e pelo ressentimento, como se cada par de cônjuges tivesse começado a discutir a caminho do clube. Ou se lembrasse de alguma discussão. Como Binks. Binks Moriarty, uma senhora de oitenta e oito anos, mãe da melhor amiga da minha mãe, deteve-me no bar — berrou: «Amy! Tenho de falar contigo!», com voz de serviço de urgências. Rodou os seus preciosos anéis nos dedos nodosos — torce, vira, range — e fez-me festinhas no braço (aquela forma de apalpar dos idosos — dedos frios a cobiçar a nossa pele agradável, cálida e jovem), e depois Binks contou-me como o seu falecido marido, que fora casado sessenta e três anos com ela, tinha dificuldade «em mantê-la dentro das calças». Binks disse isto com um daqueles sorrisos que significava: Estou quase morta, posso dizer este tipo de coisas e com os olhos toldados pelas cataratas. «Ele não conseguia simplesmente mantê-la dentro das calças», disse a velha senhora de forma premente, com a mão a gelar-me o braço numa prisão de morte. «Mas gostava mais de mim do que de qualquer das outras. Eu sei disso e tu sabes disso.» Moral da

história: o senhor Binks era um filho da mãe de um traidor, mas, já se sabe, casamento é compromisso.

Fiz uma retirada rápida e comecei a circular através da multidão, a sorrir para uma série de rostos engelhados, com aquele aspeto flácido, exausto e desiludido que as pessoas ganham na meia-idade, e todos os rostos eram assim. A maior parte das pessoas também estava embriagada, a dançar passos da sua juventude — a requebrar-se ao som funk de um country-club — e isso ainda parecia pior. Estava a dirigir-me às portas envidraçadas para apanhar um pouco de ar quando uma mão me agarrou o braço. Era Maureen, a mãe de Nick, com os seus olhos laser grandes e negros, o seu rosto ansioso de cachorro. Enfiando na boca um bocado de queijo de cabra e bolachas de água e sal, Maureen conseguiu dizer: «Não é fácil fazer par com alguém para sempre. É uma coisa admirável, e estou muito feliz por estarem ambos a fazê-lo, mas haverá dias em que vais desejar não o ter feito. E esses serão os bons tempos, quando forem apenas dias de arrependimento e não meses.» Devo ter ficado com um ar chocado — e estava mesmo chocada — porque ela disse rapidamente: «Mas também terás tempos bons, eu sei que sim. Vocês os dois. Muitas horas felizes. Portanto... desculpa, querida, aquilo que disse antes. Estou apenas a ser uma velhota tonta e divorciada. Oh, valha-me Deus, acho que bebi demasiado vinho.» E acenou-me um adeus e desapareceu rapidamente no meio de todos os outros casais desiludidos.

— Não devia estar aqui — disse subitamente Bill Dunne, e estava a dizê-lo a mim. — Porque está aqui? Não tem autorização para estar aqui.

— Eu sou Amy — repliquei, tocando-lhe no braço, como se isso pudesse acordá-lo. Bill sempre gostara de mim; mesmo que não conseguisse pensar em nada para me dizer, eu via que ele gostava de mim, que me olhava como se eu fosse uma ave rara. Agora, está de semblante carregado, impelindo o peito na minha direção, uma caricatura de um jovem marinheiro pronto para uma rixa. A poucos passos de distância, Go pousa a comida e prepara-se para vir ter connosco, discretamente, como se estivesse a tentar apanhar uma mosca.

— Porque é que está na nossa casa? — diz Bill Dunne, com a boca num esgar. — A senhora tem cá uma lata!

— Nick! — chama Go lá para trás, não muito alto, mas com urgência.

— Já cá estou — diz Nick, aparecendo. — Olhe, pai, esta é a minha mulher, Amy. Lembra-se de Amy? Mudámo-nos para cá, para o podermos ver mais vezes. Esta é a nossa nova casa.

Nick lança-me um olhar furioso: fui eu que insisti em convidar o pai.

— A única coisa que eu estou a dizer, Nick — diz Bill Dunne, agora apontando, espetando um indicador em direção ao meu rosto, com a festa a silenciar-se e vários homens a moverem-se lenta e cuidadosamente, vindos da outra sala, com as mãos crispadas, prontas a agir — é que ela não pertence aqui. A cabra pensa que pode fazer o que lhe apetece.

Nessa altura, a mãe Mo aproxima-se de repente, põe o braço à volta do ex-marido, sempre, sempre à altura das circunstâncias:

— É claro que pertence aqui, Bill. A casa é dela. Ela é a mulher do nosso filho, lembras-te?

— Quero-a daqui para fora, estás a perceber, Maureen? — Ele livra-se dela e começa novamente a andar em direção a mim. — Cabra estúpida. Cabra estúpida.

Não sabemos se está a falar de mim ou de Maureen, mas depois olha para mim e cerra os lábios.

— Ela não pertence aqui.

— Eu vou-me embora — replico. Viro costas, saio porta fora, para a chuva. Da boca dos doentes de Alzheimer..., penso, tentando aligeirar as coisas. Dou uma volta pelo bairro, à espera que Nick apareça, para me levar de volta a casa. A chuva bate em mim suavemente, molhando-me. Eu acredito mesmo que Nick virá atrás de mim. Viro-me para a casa e vejo apenas uma porta fechada.

Nick Dunne — Desaparecida Há Quatro Dias

Eu e Rand sentámo-nos na sede vazia do movimento «Encontrar Amy Dunne» às cinco da manhã, a beber café, enquanto esperávamos que a polícia interrogasse Lonnie. Amy fitava-nos do seu póster pendurado na parede. Parecia consternada.

— Só não consigo perceber porque não havia de te dizer, se estivesse com medo — disse Rand. — Porque não havia de te dizer?

Amy tinha ido ao centro comercial para comprar uma arma, e logo no dia de São Valentim, era isso que o nosso amigo Lonnie tinha dito. Estava um bocadinho atrapalhada, um bocadinho nervosa: Talvez esteja a ser tonta, mas... penso realmente que preciso de uma arma. No entanto, acima de tudo, estava assustada. Alguém andava a enervá-la, disse ela a Lonnie. Não contou mais pormenores, mas quando ele lhe perguntou que tipo de arma é que queria, ela disse: Uma que pare alguém bem depressa. Ele disse-lhe para voltar lá dentro de alguns dias, e assim foi. Não tinha conseguido arranjar-lha («Não é mesmo a minha praia, meu»), mas agora gostava de o ter feito. Ele lembrava-se bem dela; ao longo dos meses, tinha pensado de vez em quando no que seria feito dela, daquela loura encantadora de expressão amedrontada, a tentar comprar uma arma no dia de São Valentim.

— De quem teria ela medo? — perguntou Rand.

— Fale-me outra vez de Desi, Rand — disse eu. — Alguma vez esteve com ele?

— Foi lá a casa umas quantas vezes. — Rand franziu a testa, tentando lembrar-se. — Era um rapaz bem-parecido, muito solícito para com Amy, tratava-a como uma princesa. Mas eu nunca gostei dele. Mesmo quando as coisas ainda corriam bem entre eles, amor jovem, primeiro amor de Amy, já antipatizava com ele nessa altura. Era muito incorreto comigo, inexplicavelmente incorreto. Muito possessivo em relação à Amy, abraçado a ela o tempo todo. Eu achava estranho, muito estranho, que ele não tentasse ser simpático connosco. A maior parte dos jovens quer ganhar a estima dos pais da rapariga.

— Eu queria.

— E conseguiste! — Sorriu. — Tinhas a dose de nervosismo certa, foi muito engraçado. Desi era apenas desagradável.

— Desi mora a menos de uma hora daqui.

— É verdade. E Hilary Handy? — disse Rand, esfregando os olhos. — Não quero ser sexista... ela ainda era mais assustadora do que Desi. Sim, porque aquele tal Lonnie lá no centro comercial não disse que Amy tinha medo de um homem.

— Pois não, só disse que ela tinha medo — redargui. — E ainda há Noelle Hawthorne, aquela que vive ao pé de nós. Disse à polícia que era a melhor amiga de Amy, quando sei que isso não era verdade. Nem sequer eram amigas. O marido diz que ela tem andado histérica. Que fica a olhar para fotografias de Amy, a chorar. Na altura, pensei que eram fotografias na Internet, mas... e se ela tinha mesmo fotografias de Amy? E se andava a perseguir Amy?

— Ela tentou falar comigo ontem, quando eu andava um bocadinho atarefado — disse Rand. — Citou qualquer coisa da Incrível Amy. Já sei, era do livro Incrível Amy e a guerra da melhor amiga: «Os melhores amigos são as pessoas que melhor nos conhecem.»

— Parece coisa da Hilary — disse eu. — Armada em adulta.

Encontrámo-nos com Boney e Gilpin pouco depois da sete da manhã, num IHOP à beira da estrada, para pôr as coisas em pratos limpos: era ridículo estarmos a fazer o trabalho por eles. Era uma loucura sermos nós a descobrir as pistas. Estava na altura de chamar o FBI, se a polícia local não era capaz de lidar com a situação.

Uma empregada de mesa rechonchuda, de olhos cor de âmbar, anotou os nossos pedidos, serviu-nos o café e, reconhecendo-me, deixou-se ficar por perto para tentar ouvir alguma coisa até Gilpin a enxotar. Mas ela era como uma mosca doméstica determinada. Entre o voltar a encher os copos, a entrega de utensílios e a chegada magicamente rápida da nossa comida, toda a nossa conversa foi feita aos arrancos. Isto é inaceitável... não quero mais café, obrigado... é incrível que... hum, com certeza, pode ser centeio...

Antes de termos acabado, Boney interrompeu:

— Compreendo, é natural que queiram sentir-se envolvidos. Mas o que fizeram foi perigoso. Têm de nos deixar tratar desse tipo de coisas.

— Mas o problema é precisamente esse, não estarem a tratar de

nada — disse eu. — Nunca teriam obtido esta informação sobre a arma, se não tivéssemos lá ido ontem à noite. O que é que o Lonnie disse quando falaram com ele?

— A mesma coisa que vocês disseram que ele disse — redarguiu Gilpin. — Amy queria comprar uma arma porque estava assustada.

— Não parecem muito impressionados com essa informação — disse eu rudemente. — Pensam que ele está a mentir?

— Não pensamos que estivesse a mentir — disse Boney. — Não há motivo nenhum para o tipo querer chamar a atenção da polícia para cima dele. Parecia muito impressionado com a sua mulher. Muito... não sei, abalado por isto lhe ter acontecido. Lembrava-se de pormenores muito específicos. Nick, ele disse que ela estava a usar um lenço verde naquele dia. Não um lenço de inverno, mas um lenço como acessório de moda. — Fez uns movimentos agitados com os dedos, como se achasse que a moda era uma coisa infantil, pouco merecedora da sua atenção. — Verde-esmeralda. Faz-lhe lembrar alguma coisa?

Acenei afirmativamente.

— Ela tem um e costuma usá-lo muitas vezes com calças de ganga.

— E um alfinete no casaco, um A desenhado, em ouro?

— Sim.

Boney encolheu os ombros, como quem diz: Bem, isso arruma a questão.

— Não está a pensar que ele possa ter ficado tão impressionado com ela que a tenha... raptado? — perguntei.

— Ele tem um álibi. Perfeitamente sólido — disse Boney, olhando-me de forma intencional. — Para dizer a verdade, começámos a procurar... um móbil de tipo diferente.

— Algo mais... pessoal — acrescentou Gilpin. Ele olhou com hesitação para as suas panquecas, que tinham morangos e montinhos de natas batidas por cima. Começou a raspá-las para a borda do prato.

— Mais pessoal — disse eu. — Então, isso quer dizer que vão finalmente falar com Desi Collings ou Hilary Handy? Ou preciso de ser eu a fazê-lo? — Na verdade, tinha prometido a Marybeth que ia lá naquele dia.

— Claro que sim — disse Boney. Tinha o tom conciliador de uma rapariga a prometer à mãe implicativa que ia passar a comer melhor.

— Duvidamos que seja uma pista, mas vamos falar com eles.

— Ora ainda bem, muito obrigado por fazerem mais ou menos o vosso trabalho — disse eu. — Então e Noelle Hawthorne? Se quer alguém próximo de casa, ela vive no mesmo complexo que nós e parece um bocadinho obcecada por Amy.

— Eu sei, ela telefonou-nos e está na nossa lista — anuiu Gilpin. — É hoje.

— Ótimo. E que mais andam a fazer?

— Nick, na verdade, gostávamos que nos concedesse algum tempo, que nos deixasse sondar um bocadinho mais o seu cérebro — disse Boney. — Muitas vezes, os cônjuges sabem mais do que pensam. Gostávamos que pensasse melhor sobre a discussão — aquela agitação toda que a vossa vizinha, a senhora, hum, Teverer, ouviu entre vocês os dois na noite anterior ao desaparecimento.

A cabeça de Rand virou-se bruscamente na minha direção.

Jan Teverer, a senhora do guisado muito cristã que deixara de me olhar nos olhos.

— Quer dizer, poderá ter sido porque... eu sei que isto é difícil de ouvir, senhor Elliott... porque Amy estava sob a influência de alguma substância? — perguntou Boney, com um olhar inocente. — Quer dizer, talvez ela tenha tido contacto com elementos menos recomendáveis na cidade. Há muitos outros traficantes por aí. Talvez se tenha metido em problemas e fosse por isso que queria uma arma. Tem de haver uma razão para ela querer uma arma para se proteger e não contar ao marido. E, Nick, gostávamos que pensasse melhor onde é que esteve entre essa altura... a altura da discussão, cerca das onze da noite, a última vez que alguém ouviu a voz de Amy...

— Para além de mim.

— Para além de si... e o meio-dia, quando chegou ao seu bar. Se andou pela cidade, se foi até à praia, se esteve na área da doca, alguém o deve ter visto. Mesmo que tenha sido alguém que estivesse, por exemplo, a passear o cão. Se nos pudesse ajudar, acho que isso seria realmente...

— Útil — concluiu Gilpin. Espetou um morango com o garfo.

Ambos me observaram atentamente com ar amigável.

— Seria muito útil, Nick — repetiu Gilpin de forma mais agradável. Era a primeira vez que ouvia falar da discussão, isto é, que eles sabiam disso e tinham optado por mo dizer na presença de Rand, e tinham

optado por fingir que não me tinham apanhado.

— Com certeza — disse eu.

— Importa-se de nos dizer porque é que foi? — perguntou Boney. — A discussão?

— O que é que a senhora Teverer vos disse?

— Detesto fazer fé na palavra dela quando o tenho aqui à minha frente — disse ela deitando algumas natas no café.

— Foi mais uma não discussão — comecei. — E foi por esse motivo que nem sequer a referi. Foi apenas uma pequena briga entre os dois, como acontece às vezes com todos os casais.

Rand olhou para mim, como se não fizesse ideia do que eu estava a dizer: Briga? Que brigas são essas de que estás a falar?

— Foi apenas... por causa do jantar — menti. — Por causa do que íamos fazer para o jantar do nosso aniversário. Amy é uma tradicionalista em relação a essas coisas...

— A lagosta! — interrompeu Rand. Virou-se para os polícias. — Amy faz lagosta todos os anos para Nick.

— Certo. Mas não há nenhum sítio onde comprar lagosta nesta cidade, pelo menos da viva, tirada diretamente do tanque, e ela ficou frustrada. Eu tinha a reserva no Houston's...

— Pensava que tinhas dito que não tinhas reserva no Houston's — disse Rand, franzindo o sobrolho.

— Pois é, desculpem, já estou a ficar baralhado. Tive apenas a ideia de fazer a reserva no Houston's. Mas devia ter tratado simplesmente de mandar vir alguma lagosta de avião.

Cada um dos polícias pestanejou casualmente: Mas que chique!

— Não é assim tão caro. De qualquer forma, estávamos com estes atritos sem sentido e foi uma daquelas discussões que tomou proporções maiores do que devia. — Comi um bocado das minhas panquecas. Sentia o calor a sair debaixo do colarinho. — Passada uma hora, já nos estávamos a rir disso.

— Humm — foi a única coisa que Boney disse.

— E onde é que chegou, na caça ao tesouro? — perguntou Gilpin.

Levantei-me e pus algum dinheiro sobre a mesa, pronto para me ir embora. Não era eu que devia estar na defensiva.

— A lado nenhum, pelo menos para já, é difícil pensar com clareza, com tanta coisa a acontecer.

— Está bem — disse Gilpin. — É menos provável que a caça ao tesouro seja relevante, agora que sabemos que ela já se sentia ameaçada há meses. Mas mantenha-me ao corrente, está bem?

Saímos todos para o calor. Quando eu e Rand entrámos no carro, Boney gritou:

— Eh, Amy continua a ser um 36?

Franzi o sobrolho.

— A vestir o tamanho 36? — repetiu ela.

— Sim, acho que sim — disse eu. — Sim, continua.

Boney fez uma cara que dizia Hmmmmmm e entrou no carro.

— O que achas que foi aquilo? — perguntou Rand.

— Vá-se lá saber, com aqueles dois.

Ficámos calados durante a maior parte do caminho até ao hotel, com Rand a olhar pela janela para as filas de restaurantes de fast-food cheios de luzes e eu a pensar na minha mentira — nas minhas mentiras. Tivemos de andar às voltas para encontrar um espaço no Days Inn; aparentemente, a convenção de vendedores era um sucesso.

— Sabes, é engraçado como sou provinciano tendo vivido em Nova Iorque toda a minha vida — disse Rand, com os dedos no manípulo da porta. — Quando Amy falou em mudar-se para aqui contigo, para o pé do velho rio Mississípi, imaginei... verde, campos agrícolas, macieiras e aqueles grandes celeiros vermelhos. Mas devo dizer-te que isto aqui é bastante feio. — Riu-se. — Não consigo pensar numa única coisa bonita em toda a cidade. Exceto a minha filha.

Saiu e dirigiu-se rapidamente para o hotel, e eu não tentei apanhá-lo. Entrei no quartel-general alguns minutos depois, sentei-me numa mesa isolada ao fundo da sala. Tinha de completar a caça ao tesouro antes que as pistas desaparecessem, descobrir onde é que Amy me estava a levar. Depois de trabalhar ali umas horas, ia tratar da terceira pista. Entretanto, marquei um número no telefone.

— Sim — disse uma voz impaciente. Ouvia-se um bebé a chorar ao fundo. Consegui ouvir a mulher a soprar uma madeixa para longe do rosto.

— Olá, estou a falar com Hilary Handy?

Ela desligou. Voltei a ligar.

— Estou?

— Olá. Acho que a chamada caiu, agora mesmo.

— Importa-se de pôr este número na lista de consumidores a não contactar....

— Hilary, não estou a vender nada. Estou a telefonar por causa de Amy Dunne... Amy Elliott.

Silêncio. O bebé voltou a gritar, um miado que oscilava perigosamente entre o riso e a birra.

— O que se passa com ela?

— Não sei se viu na televisão, mas está desaparecida. Desapareceu a 5 de julho, em circunstâncias potencialmente violentas.

— Oh, lamento.

— Sou Nick Dunne, o marido. Tenho andado a contactar antigos amigos.

— Ah, sim?

— Gostava de saber se teve algum contacto com ela. Recentemente. Ela respirou para cima do telefone, três inspirações profundas.

— Isto tem alguma coisa a ver com aquelas tretas de quando andávamos no liceu? — Ainda mais longe, a voz meiga de uma criança gritou: «Mamããã, preciiiso de ti.»

— É só um minuto, Jack — gritou ela para o vazio atrás dela. Depois, virou-se para mim com uma voz viva e irritada. — Tem? É por isso que me está a telefonar? Porque isso aconteceu há uns malditos vinte anos. Ou mais.

— Eu sei, eu sei. Olhe, eu tenho de perguntar. Seria um idiota se não perguntasse.

— Valha-me Deus! Eu, agora, sou mãe de três filhos. Não falo com Amy desde o liceu. Aprendi a lição. Se a visse na rua, corria na direção oposta. — O bebé gemeu. — Tenho de ir.

— É muito rápido, Hilary...

Ela desligou, e o meu telemóvel descartável vibrou de imediato. Ignorei-o. Tinha de encontrar um lugar para guardar aquela maldita coisa.

Conseguia sentir a presença de alguém, uma mulher, perto de mim, mas não levantei os olhos, na esperança de que ela se fosse embora.

— Ainda nem sequer é meio-dia e já parece que teve um dia de arrasar, pobrezinho!

Shawna Kelly. Tinha o cabelo puxado para cima num rabo de cavalo de rapariguinha. Os seus lábios brilhantes dirigiam-se a mim num

beicinho compreensivo.

— Está pronto para experimentar um bocadinho da minha enchilada? — Trazia uma caçarola, segurando-a mesmo por baixo dos seios, e a película aderente que a envolvia estava molhada de suor. Pronunciou as palavras como se fosse a estrela de um vídeo de rock dos anos 80: Quer um bocadinho da minha enchilada?

— Tomei um grande pequeno-almoço. Mas obrigado. É muito gentil da sua parte.

Em vez de se ir embora, sentou-se. Por baixo de uma saia de ténis azul-turquesa, as suas pernas tinham tanta loção que até refletiam. Bateu-me com a ponta de um Tretorn imaculado.

— Tem dormido, meu querido?

— Vou-me aguentando.

— Tem de dormir, Nick. Não vai conseguir ajudar ninguém, se estiver exausto.

— Sou capaz de me ir embora daqui a pouco, para ver se durmo umas horas.

— Eu acho que deve fazer isso. A sério que sim.

Senti uma súbita gratidão por ela. Era a minha atitude de menino da mamã a vir ao de cima. Era perigosa. Reprime-a, Nick.

Esperei que ela se fosse embora. Ela precisava de se ir embora — as pessoas estavam a começar a olhar para nós.

— Se quiser, posso levá-lo a casa agora — disse ela. — Uma sesta pode ser o mais indicado para si.

Estendeu a mão para me tocar no joelho, e eu senti um acesso de raiva por ela não perceber que tinha de se ir embora. Deixa a caçarola, minha pega chata e pegajosa, e põe-te a andar. Era a atitude do menino do papá a vir ao de cima. Igualmente má.

— Porque é que não faz o registo com a Marybeth? — disse eu bruscamente, e aponte para a minha sogra, junto à fotocopiadora, a fazer cópias intermináveis da fotografia de Amy.

— Está bem. — Ela deixou-se ficar ali, por isso comecei a ignorá-la sem reservas. — Então, deixo o caso consigo. Espero que goste da enchilada.

Percebi que a rejeição a tinha melindrado, pois não me olhou nos olhos quando se foi embora, limitou-se a dar meia-volta e a afastar-se vagarosamente. Senti-me mal, ainda considere a hipótese de pedir

desculpa, de ser agradável. Não vás atrás dessa mulher, ordenei a mim mesmo.

— Há notícias? — Era Noelle Hawthorne, a ocupar o mesmo espaço que Shawna acabara de deixar vago. Era mais nova do que Shawna, mas parecia mais velha — um corpo rechonchudo, com uns montes rijos e muito espaçados como seios. Semblante severo.

— Até agora não.

— Não há dúvida de que parece estar a lidar bem com isto tudo.

Virei a cabeça para ela sem saber o que dizer.

— Sabe ao menos quem eu sou? — perguntou ela.

— É claro. É Noelle Hawthorne.

— Sou a melhor amiga de Amy aqui.

Tinha de lembrar o assunto à polícia: só havia duas opções com Noelle. Ou era uma mentirosa à procura de publicidade — gostava do prestígio de ser amiga de uma mulher desaparecida — ou era doida. Uma perseguidora decidida a tornar-se amiga de Amy, e quando Amy se esquivou...

— Tem alguma informação sobre Amy, Noelle? — perguntei.

— Claro que sim, Nick. Ela era a minha melhor amiga.

Olhámo-nos fixamente durante alguns segundos.

— Vai partilhá-la? — perguntei.

— A polícia sabe onde me encontrar. Se alguma vez se decidir a fazê-lo.

— Isso é muito útil, Noelle. Vou certificar-me de que falam consigo.

As suas faces ficaram vermelhas, duas manchas de cor expressionistas.

Ela foi-se embora. Veio-me à cabeça o pensamento grosseiro, um daqueles que escapava ao meu controlo. Pensei: As mulheres são completamente loucas. Sem modificador: não foi algumas mulheres, não foi muitas mulheres. As mulheres são loucas.

Assim que a noite caiu, fui de carro até à casa vazia do meu pai, com a pista de Amy no lugar ao meu lado.

Talvez te sintas culpado por me trazeres para aqui

Pareceu-me um bocadinho estranho, devo admitir

Mas não tínhamos muitos lugares por onde escolher

Tomámos a decisão: tornámos este espaço nosso.
Vamos levar o nosso amor para esta casinha castanha
Dá-me alguma boa vontade, meu ardente e dedicado esposo!

Esta era mais críptica do que as outras, mas eu tinha a certeza de a ter percebido bem. Amy estava a aceitar Cartago, perdendo-me finalmente por nos termos mudado para ali. Talvez te sintas culpado por me trazeres para aqui... [mas] Tornámos este espaço nosso. A casinha castanha era a casa do meu pai, que na realidade era azul, mas Amy estava a fazer outra piada privada. Eu sempre adorara as nossas piadas privadas — faziam-me sentir mais ligado a Amy do que qualquer verdade confessional, consumação de amor apaixonado ou conversa até ao sol raiar. A história da «casinha castanha» era sobre o meu pai, e Amy era a única pessoa a quem alguma vez a contara: depois do divórcio, via-o tão raramente que decidi pensar nele como se fosse uma personagem de um livro de histórias. Ele não era o meu pai verdadeiro — que me teria adorado e passado tempo comigo —, mas uma figura benevolente e vagamente importante chamada senhor Brown, que estava muito ocupado a fazer coisas muito importantes para os Estados Unidos e que (muito) ocasionalmente me usava como disfarce para se movimentar mais facilmente pela cidade. Amy ficou com as lágrimas nos olhos quando lhe contei isto, embora não fosse essa a minha intenção, pretendia apenas contar uma história do tipo os miúdos são engraçados. Ela disse-me que agora era a minha família, que me amava o suficiente para compensar dez pais que não prestavam e que agora nós os dois éramos os Dunnes. E, depois, sussurrou-me ao ouvido: «Tenho uma missão para a qual és capaz de ser bom...»

Quanto a recuperar a boa vontade, isso era outro acordo nosso. Depois de o meu pai ter perdido completamente a batalha contra a doença de Alzheimer, decidimos vender a casa dele, por isso eu e Amy revirámos a casa, a encher caixas para a Goodwill. É claro que Amy foi um turbilhão em ação — encaixotar, armazenar, arremessar — enquanto eu vasculhava as coisas do meu pai de forma glacial. Para mim, tudo era uma pista. Uma caneca com manchas de café mais entranhadas do que as outras devia ser a sua preferida. Teria sido um presente? Quem lho dera? Ou teria sido ele a comprá-la? Para mim, o

meu pai era alguém que achava o próprio ato de comprar efeminado. Mas, mesmo assim, uma inspeção ao seu quarto de vestir revelou cinco pares de sapatos novinhos a brilhar, ainda na caixa. Teria sido ele a comprá-los, projetando um Bill Dunne diferente e mais sociável do que aquele que definhava lentamente sozinho? Teria ido à Shoe-Be-Doo-Be, para que a minha mãe o ajudasse, mais outra de uma longa série de gentilezas ocasionais? É claro que não partilhei nenhum destes pensamentos com Amy, portanto tenho a certeza de que apenas me mostrei o preguiçoso que tantas vezes sou.

— Toma. Uma caixa. Para a Goodwill — disse ela, apanhando-me no chão, encostado a uma parede, a olhar para um sapato. — Põe os sapatos na caixa, está bem? — Fiquei envergonhado, vociferei contra ela, ela falou rudemente comigo e... o costume.

Devia acrescentar, em defesa de Amy, que ela já me tinha perguntado duas vezes se eu queria falar e se tinha a certeza de que queria fazer aquilo. Às vezes, deixo de fora pormenores como esse. É mais conveniente para mim. Na verdade, queria que ela me lesse a mente, para eu não ter de descer à arte tipicamente feminina da articulação. Às vezes, sentia-me tão culpado quanto Amy de jogar o jogo do vê-se-me-compreendes. Também tinha deixado essa informação de fora.

Sou um grande adepto da mentira por omissão.

Estacionei em frente da casa do meu pai, pouco depois das dez da noite. Era um lugar asseado, uma boa casa para começar (ou para acabar). Dois quartos, duas casas de banho, sala de jantar, uma cozinha fora de moda, mas decente. Uma tabuleta enferrujada a dizer «Vende-se» no quintal. Um ano e nem um interessado.

Entrei na casa abafada, com o calor a passar por cima de mim. O sistema de alarme barato que instalámos depois dos três arrombamentos começou a tocar, como a contagem decrescente para uma bomba. Introduzi o código, aquele que dava com Amy em doida porque ia contra todas as regras sobre códigos. Era o meu aniversário: 15 877.

Código rejeitado. Tentei outra vez. Código rejeitado. Uma gota de suor rolou-me pelas costas. Amy sempre ameaçara mudar o código. Dizia que era inútil ter um tão fácil de adivinhar, mas eu sabia qual a verdadeira razão. Estava ressentida por ser a data do meu aniversário,

e não a do nosso casamento: mais uma vez, eu tinha optado por mim em detrimento de nós. A minha nostalgia meio doce por Amy desapareceu. Voltei a pressionar os números com força, num pânico progressivo à medida que o alarme fazia soar os bipes da sua contagem decrescente — até entrar no modo de intrusão total.

Wooooonk-woooooonk-woooooonk!

Nesta situação, o meu telemóvel devia tocar para eu poder dar o sinal de fim de alerta: Sou só eu, o idiota. Mas isso não aconteceu. Esperei durante um minuto, com o alarme a fazer-me lembrar um filme de um submarino atingido por um torpedo. O calor concentrado de uma casa fechada em julho fazia-se sentir sobre mim. Já tinha a parte de trás da camisa encharcada. Porra, Amy! Pesquisei o alarme, à procura do número de telefone da companhia e não encontrei nada. Subi para uma cadeira e comecei a puxar pelo alarme; já o tinha soltado da parede, preso pelos fios, quando o meu telefone tocou finalmente. Uma voz antipática do outro lado exigiu que lhe dissesse o nome do primeiro animal de estimação de Amy.

Wooooonk-woooooonk-woooooonk!

Era precisamente o tom de voz errado — presunçoso, petulante, totalmente despreocupado — e precisamente a pergunta errada, porque eu não sabia a resposta, o que me deixou furioso. Por mais pistas que resolvesse, deparava-me sempre com algumas trivialidades de Amy que me faziam perder o ânimo.

— Olhe, daqui fala Nick Dunne, esta é a casa do meu pai, este serviço foi subscrito por mim — disse eu rudemente. — Portanto, não interessa qual era o raio do nome do primeiro animal de estimação da minha mulher.

Wooooonk-woooooonk-woooooonk!

— Faça o favor de não usar esse tom comigo.

— Olhe! Só entrei para vir buscar uma coisa a casa do meu pai e agora vou-me embora, está bem?

— Tenho de notificar imediatamente a polícia.

— Pode ao menos desligar a porcaria do alarme, para ver se consigo pensar?

Wooooonk-woooooonk-woooooonk!

— O alarme está desligado.

— O alarme não está desligado.

— Já o avisei uma vez, não use esse tom comigo.

Maldita cabra.

— Sabe que mais? Merda, merda, merda!

Desliguei precisamente quando me ocorreu o nome do primeiro gato de Amy: Stuart.

Voltei a telefonar, fui atendido por uma operadora diferente, uma operadora razoável, que desligou o alarme e, Deus a abençoe, cancelou a polícia. Não estava com disposição para ter de dar explicações.

Sentei-me na alcatifa fina e barata e obriguei-me a respirar, com o coração aos pulos. Passado um minuto, depois de os ombros ficarem menos tensos, os maxilares e os punhos menos cerrados e o coração voltar ao normal, levantei-me e ainda pus momentaneamente a hipótese de me ir simplesmente embora, como forma de dar uma lição a Amy. Mas, ao levantar-me, vi um envelope azul em cima da bancada da cozinha, como uma nota de despedida.

Respirei fundo, soltei o ar — uma atitude nova — e abri o envelope, tirando para fora a carta que tinha um coração desenhado.

Olá, querido,

Portanto, ambos temos coisas que precisamos de melhorar. No meu caso, seria o meu perfeccionismo, a minha sobranceira ocasional (otimismo exagerado?). No teu, sei que tens medo de ser, por vezes, demasiado distante, demasiado desprendido, incapaz de ternura ou apoio. Bem, quero dizer-te — aqui, em casa do teu pai — que isso não é verdade. Tu não és o teu pai. Precisas de saber que és um homem bom, um homem doce, que és gentil. Tenho-te castigado por não saberes ler, por vezes, os meus pensamentos, por não seres capaz de atuar exatamente da forma como eu queria que atuasses naquele exato momento. Castiguei-te por seres um homem a sério, de carne e osso. Dei-te ordens, em vez de confiar que irias encontrar o teu próprio caminho. Não te dei o benefício da dúvida: independentemente dos erros que cometemos, sempre me amaste e queres que seja feliz. E isso devia ser suficiente para qualquer rapariga, não é? Tenho medo de ter dito coisas sobre ti que não são verdade, e que tenhas acabado por acreditar nelas. Por isso, estou aqui agora para te dizer: Tu és CALOROSO. És o meu sol.

Se Amy estivesse comigo, como planeava estar, ter-se-ia aninhado em mim da forma como costumava fazer, com o rosto na curva do meu pescoço, e ter-me-ia beijado, sorrindo e dito: E és, sabes? O meu sol. Com um nó na garganta, dei uma última olhadela à casa do meu pai e fui-me embora, fechando a porta ao calor. No carro, abro o envelope que diz QUARTA PISTA. Devíamos estar perto do fim.

Imagina-me: sou uma rapariga muito má
Preciso de ser castigada e por castigada quero dizer possuída
É onde guardas coisas boas para o quinto aniversário
Perdoa-me se isto está a ficar um bocadinho forçado!
Passámos um bom momento aqui sob o sol do meio-dia
Depois saímos para um cocktail, todos tão terrivelmente alegres.
Portanto, corre até lá agora, cheio de suspiros meigos,
E abre a porta para a tua grande surpresa.

Senti um aperto no estômago. Não sabia o significado daquela. Voltei a lê-la. Não fazia a mais pequena ideia. Amy tinha deixado de me facilitar as coisas. Afinal, não ia conseguir acabar a caça ao tesouro.

Senti uma onda de angústia. Mas que dia lixado! Boney queria apanhar-me, Noelle estava louca, Shawna chateada, Hilary ressentida, a mulher da companhia de alarmes era uma cabra e a minha mulher tinha-me deixado confuso, finalmente. Era altura de pôr fim àquele maldito dia. Só havia uma mulher ao pé de quem suportava estar, naquele momento.

Go olhou para mim — irritado, calado e extenuado devido ao calor em casa do meu pai — e fez-me sentar no sofá, anunciando que ia preparar um jantar tardio. Cinco minutos depois, vinha a andar cuidadosamente em direção a mim, equilibrando a minha refeição numa antiga bandeja para ver televisão. O velho plano B dos Dunnes: queijo grelhado com batatas fritas barbecue, um copo plástico de...

— Não é Kool-Aid — disse Go. — É cerveja. O Kool-Aid parecia demasiado regressivo.

— Isto é muito atencioso e estranho da tua parte, Go.

— Amanhã, cozinhas tu.

— Espero que gostes de sopa enlatada.

Ela sentou-se no sofá, ao meu lado, roubou uma batata do meu prato e perguntou de forma demasiado casual:

— Fazes alguma ideia do motivo para os polícias me terem perguntado se Amy continuava a vestir o 36?

— Meu Deus! Não largam isso nem por nada — repliquei.

— E isso não te deixa enervado? A pensar, por exemplo, que encontraram as roupas dela ou coisa do género?

— Nesse caso, ter-me-iam pedido para identificá-las, certo?

Ela pensou nisso um segundo, de rosto contraído.

— Isso faz sentido. — O rosto continuou contraído até ela me ver a olhar para ela, depois sorriu. — Gravei o jogo de basebol, queres ver? Estás bem?

— Estou bem. — Sentia-me péssimo, com o estômago cheio de gordura e a psique a crepitar. Talvez fosse por causa da pista que eu não conseguira decifrar, mas de repente sentia que tinha deixado passar qualquer coisa. Tinha cometido um erro enorme, e o meu erro seria desastroso. Talvez fosse a minha consciência a sair da sua masmorra secreta e a vir à superfície.

Go pôs o jogo e, durante os dez minutos seguintes, limitou-se a fazer observações sobre o jogo, e apenas entre os goles da sua cerveja. Go não gostava de queijo grelhado; estava a tirar manteiga de amendoim do frasco e a espalhá-la em bolachas de água e sal. Quando chegou o intervalo publicitário, fez uma pausa e disse:

— Se tivesse uma picha, fodia esta manteiga de amendoim — projetando deliberadamente bocadinhos de bolacha na minha direção.

— Eu acho que se tivesses uma picha, havia de acontecer todo o tipo de coisas más.

Ela fez avançar a gravação durante um inning, com os Cards a perder por cinco. Quando chegou a altura da pausa publicitária seguinte, Go parou e disse:

— Hoje, telefonei para alterar o tarifário do meu telemóvel e a canção de espera era do Lionel Ritchie — alguma vez ouves Lionel Ritchie? Eu gosto de «Penny Lover», mas a canção não era essa. De qualquer forma, depois apareceu uma mulher em linha e disse que os representantes do serviço de apoio ao cliente estão todos baseados em Baton Rouge, o que era estranho, pois não tinha sotaque, mas ela disse que cresceu em Nova Orleães e que pouca gente sabe que, como é que

se chama a alguém natural de Nova Orleães, nova-orleanense?, seja como for, eles não têm praticamente sotaque. E ela disse que para o meu pacote, o pacote A...

Eu e Go tínhamos um jogo inspirado na nossa mãe, que tinha o hábito de contar histórias infundáveis tão escandalosamente banais que Go tinha a certeza de que ela devia estar a gozar secretamente connosco. Desde há cerca de dez anos, sempre que eu e Go chegávamos a um momento de pausa na conversa, um de nós interrompia-o com uma história sobre reparação de eletrodomésticos ou utilização de cupões. Mas Go tinha mais capacidade de resistência do que eu. As suas histórias podiam prolongar-se eternamente, sem interrupções — prosseguiram durante tanto tempo que se tornavam genuinamente maçadoras, passando mais tarde a hilariantes.

Go tinha avançado para uma história sobre a luz do seu frigorífico e não mostrava sinais de hesitação. Inundado por uma súbita e forte gratidão, inclinei-me sobre o sofá e beijei-a na bochecha.

— Para que é isso?

— É só para agradecer. — Senti os olhos a encherem-se de lágrimas. Desviei o olhar por um segundo, para as fazer desaparecer, e Go disse:

— Portanto, precisava de uma pilha AAA, que, por acaso, é diferente de uma pilha de nove volts, por isso tive de encontrar o recibo para devolver a de nove volts...

Acabámos de ver o jogo. Os Cards perderam. Quando acabou, Go tirou o som à televisão.

— Queres falar ou queres mais distração? Estou aqui para o que precisares.

— Vai para a cama, Go. Eu vou ficar aqui às voltas. Provavelmente, dormir. Preciso de dormir.

— Queres um Ambien? — A minha gémea era uma firme adepta da forma mais fácil. Para ela, nada de gravações para relaxar ou sons de baleias; engolir um comprimido e perder a consciência.

— Não.

— Estão no armário dos medicamentos, se mudares de ideias. Se alguma vez houve uma altura para sono assistido... — Ficou por ali apenas uns segundos e, depois, à boa maneira de Go, seguiu pelo corredor, nitidamente sem sono, e fechou a porta do quarto, sabendo que o melhor era deixar-me sozinho.

Havia muita gente que não tinha aquele dom: saber quando desaparecer. As pessoas adoram falar, e eu nunca fui muito falador. Mantenho um monólogo interior, mas, muitas vezes, as palavras não me chegam aos lábios. Ela está bonita, hoje, pensava, mas nunca me ocorreria dizê-lo em voz alta. A minha mãe falava, a minha irmã falava. Tinha sido educado para ouvir. Assim, estar sentado sozinho no sofá, sem falar, parecia decadente. Folheei uma das revistas de Go, corri os canais da televisão, encontrando finalmente um programa antigo a preto e branco: homens de chapéu de feltro a rabiscar notas, enquanto uma bonita dona de casa explicava que o marido estava fora, em Fresno, o que fez com que os dois polícias trocassem um olhar cheio de significado e acenassem com a cabeça. Pensei em Gilpin e Boney e o meu estômago começou às voltas.

No bolso, o meu telemóvel descartável fez o som de um mini-jackpot, que significava que tinha recebido uma mensagem:

tou cá fora abre a porta

Amy Elliott Dunne — 28 de Abril de 2011

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Só temos de continuar a fazer o que fazemos, é o que diz a mãe Mo, e quando o diz — a sua certeza, sublinhando cada palavra, como se fosse realmente uma estratégia de vida viável — o cliché deixa de ser um conjunto de palavras e transforma-se em algo real. Valioso. Continuar a fazer o que fazemos, exatamente!, penso.

Adoro isso no Midwest: as pessoas não fazem estardalhaço sobre tudo. Nem mesmo sobre a morte. A mãe Mo vai continuar simplesmente a fazer o que faz até o cancro a fazer parar e depois há de morrer.

Por isso, continuo de cabeça baixa e a tirar o melhor partido possível de uma situação má, e estou a dizê-lo no sentido profundo e literal que a mãe Mo lhe atribui. Continuo de cabeça baixa e faço o meu trabalho: levo Mo às consultas médicas e aos tratamentos de quimioterapia. Mudo a água insalubre da jarra de flores que está no quarto do pai de Nick e levo bolachas às funcionárias para cuidarem bem dele.

Estou a tirar o melhor partido possível de uma situação realmente má, e a situação é má sobretudo porque o meu marido, que me trouxe para aqui, que me desenraizou para estar mais perto dos seus pais doentes, parece ter perdido todo o interesse em mim e nos referidos pais doentes.

Nick obliterou completamente o pai: nem sequer diz o nome do homem. Sempre que recebemos um telefonema de Comfort Hill, sei que Nick tem esperança que seja a comunicar a morte do pai. Quanto a Mo, Nick foi com a mãe a uma única sessão de quimioterapia e declarou-a insuportável. Disse que detestava hospitais, detestava pessoas doentes, detestava o tempo a passar lentamente, o saco de solução intravenosa a gotejar lentamente como melaço. Ele não era capaz de fazer aquilo. E quando tentei convencê-lo a voltar lá com ela, quando tentei incutir-lhe coragem com a conversa do tens de fazer o que é preciso, disse-me para ir eu. Por isso fui, tenho ido. É claro que a mãe Mo assume as culpas dele. Um dia, estávamos sentadas, em parte

a ver uma comédia romântica no meu computador, mas sobretudo a tagarelar enquanto o saco da solução intravenosa gotejava... tão... lentamente, e enquanto a heroína destemida tropeçava num sofá, Mo virou-se para mim e disse:

— Não sejas demasiado dura com Nick. Por causa de ele não querer fazer este tipo de coisa. É que eu sempre tive um fraquinho por ele, tratei-o como uma criança... como é que eu havia de não o fazer? Com aquela cara! E é por isso que ele tem dificuldade em fazer coisas que lhe custem. Mas a sério que não me importo, Amy. A sério.

— Mas devia importar-se — repliquei.

— Nick não tem de provar o seu amor por mim — disse ela dando-me palmadinhas na mão. — Eu sei que ele me ama.

Admiro o amor incondicional de Mo, admiro mesmo. Por isso, não lhe conto aquilo que descobri no computador de Nick, uma proposta de livro, a biografia de um escritor de revistas em Manhattan que regressa às suas raízes no Missouri para cuidar dos pais enfermos. Nick tem todo o tipo de coisas bizarras no computador e, às vezes, não resisto a bisbilhotar um bocadinho — dá-me uma pista sobre aquilo que o meu marido anda a pensar. O histórico de navegação deu-me a última: filmes negros, o sítio da sua antiga revista, e um estudo sobre o rio Mississípi que analisa se é ou não possível flutuar livremente dali até ao Golfo. Eu sei o que ele tem em mente: flutuar pelo Mississípi abaixo, como Huck Finn, e escrever um artigo sobre isso. Nick está sempre à procura de novas abordagens.

Andava a meter o nariz nisso tudo quando descobri a proposta de livro.

Vidas Duplas: uma biografia de fins e princípios terá eco sobretudo junto dos homens da Geração X, os primeiros homens a agir como rapazinhos, que estão a começar a sentir o stresse e as pressões envolvidos em cuidar de pais idosos. Em Vidas Duplas, abordarei:

- O meu cada vez maior entendimento de um pai perturbado e outrora distante;
- A minha transformação dolorosa e forçada de jovem despreocupado em chefe de família, ao mesmo tempo que lido com a morte iminente de uma mãe muito amada;
- O ressentimento experienciado pela minha mulher, natural de

Manhattan, com este desvio na sua vida de encantamento anterior. A minha mulher, e isto deve ser mencionado, é Amy Elliott Dunne, a inspiração da coleção best-seller intitulada *Incrível Amy*.

A proposta nunca foi concluída, presumo que tenha sido porque Nick percebeu que nunca iria compreender o seu pai outrora distante; e porque Nick andava a esquivar-se a todos os seus deveres enquanto «chefe da família»; e porque eu não manifestava qualquer raiva em relação à minha nova vida. Um pouco de frustração, sim, mas não ira digna de um livro. Durante muitos anos, o meu marido tinha elogiado a solidez emocional dos naturais do Midwest: estoicos, humildes, sem afetação! Mas esse tipo de pessoas não constituía bom material para uma biografia. Imaginem os dizeres na sobrecapa: No geral, as pessoas comportavam-se bem e depois morriam.

Mesmo assim, não deixa de magoar um bocadinho: «O ressentimento experienciado pela minha mulher, natural de Manhattan.» Talvez me sinta... teimosa. Penso em como Maureen é permanentemente adorável e fico com receio que eu e Nick não estivéssemos destinados a ficar juntos. Que ele fosse mais feliz com uma mulher que se entusiasmasse a cuidar do marido e a executar as tarefas caseiras, e não estou a denegrir essas aptidões: quem me dera tê-las. Quem me dera importar-me mais com o facto de Nick ter sempre a sua pasta de dentes preferida, de saber de cor o número do seu colarinho, de ser uma mulher incondicionalmente apaixonada, cuja maior felicidade é fazer o seu homem feliz.

Fui assim, durante uns tempos, com Nick. Mas era insustentável. Não sou suficientemente altruísta. Filha única, como Nick observa com regularidade.

Mas tento. Irei continuar a fazer o que faço e Nick anda pela cidade como se fosse novamente um miúdo. Está feliz por ter regressado ao seu lugar legítimo de rei do baile — emagreceu cerca de cinco quilos, tem um novo corte de cabelo, comprou calças de ganga novas, está com um aspeto ótimo. Mas eu só sei disso através dos vislumbres que tenho dele ao chegar a casa ou quando volta a sair, sempre numa pressa fingida. Não ias gostar, é a resposta habitual sempre que peço para ir com ele, onde quer que vá. Tal como abandonou os pais quando já não tinham utilidade para ele, está a abandonar-me porque

não me enquadro na sua nova vida. Teria de se esforçar para me fazer sentir confortável naquele lugar, e ele não quer fazer isso. Quer divertir-se.

Para com isso! Para com isso! Tenho de ver as coisas pelo lado positivo. Literalmente pelo lado mais luminoso. Tenho de tirar o meu marido dos meus pensamentos mais negros e sombrios e lançar alguma luz dourada e alegre sobre ele. Devo esforçar-me mais por adorá-lo, como costumava. Nick responde à adoração. Só gostava de sentir mais igualdade. O meu cérebro está tão ocupado com os pensamentos sobre Nick que há um fervilhar dentro da minha cabeça: Nicknicknicknicknick! E quando imagino a mente dele, ouço o meu nome como um som cristalino e tímido que ocorre uma vez por dia, talvez duas, e rapidamente se cala. Só queria que ele pensasse tanto em mim como eu penso nele.

Estará errado? Já nem sequer sei.

Nick Dunne — Desaparecida Há Quatro Dias

Ela estava ali especada, sob a luz alaranjada da iluminação pública, com um vestido leve sem mangas e o cabelo ondulado pela humidade. Andie. Precipitou-se para dentro de casa, com os braços estendidos para me abraçar, e eu sibilei «Espera, espera!» e fechei a porta antes de ela se enrolar à minha volta. Encostou a face ao meu peito, e eu pousei a mão nas suas costas nuas e fechei os olhos. Senti um misto repugnante de alívio e horror: como quando conseguimos finalmente deixar de ter comichão e percebemos que é porque abrimos um buraco na pele.

Tenho uma amante. Agora, é aquela parte em que tenho de vos dizer que tenho uma amante e vocês deixam de gostar de mim. Se é que gostavam. Tenho uma amante bonita e jovem, muito jovem, e o seu nome é Andie.

Eu sei. É mau.

— Querido, porque raio não me telefonaste? — perguntou ela, com o rosto ainda encostado a mim.

— Eu sei, querida, eu sei. Nem podes imaginar. Tem sido um pesadelo. Como é que me encontraste?

Ela continuou agarrada a mim.

— A tua casa estava às escuras, por isso decidi experimentar a de Go.

Andie conhecia os meus hábitos, conhecia os meus habitats. Já estávamos juntos há algum tempo. Tenho uma amante bonita e muito jovem, e estamos juntos há algum tempo.

— Estava preocupada contigo, Nick. Desesperada. Estava em casa da Madi, que tinha a televisão ligada, e de repente olho para lá e vejo um tipo que pareces tu a falar sobre a mulher desaparecida. E depois percebo: És tu. Consegues imaginar como fiquei nervosa? E nem sequer tentaste entrar em contacto comigo?

— Eu telefonei-te!

— Não digas nada, fica quieta, não digas nada até conversarmos. Isso é uma ordem, não és tu a tentar entrar em contacto comigo.

— Quase nunca tenho estado sozinho... Há sempre pessoas à minha volta: os pais de Amy, Go, a polícia. — Respirei para o seu cabelo.

— Amy desapareceu pura e simplesmente? — perguntou ela.

— Desapareceu pura e simplesmente. — Afastei-me dela e sentei-me no sofá, e ela sentou-se ao meu lado, com a perna encostada à minha, o braço a roçar o meu. — Alguém a levou.

— Nick, tu estás bem?

O seu cabelo cor de chocolate caía-lhe em ondas sobre o queixo, clavícula e seios, e eu vi uma única madeixa tremer com o sopro da sua respiração.

— Não, nem por isso. — Fiz-lhe o sinal de «chiu!» e apontei para o corredor. — A minha irmã.

Ficámos ali sentados lado a lado, em silêncio, com a televisão a transmitir o programa policial antigo e os homens de chapéu de feltro a fazerem uma detenção. Senti a mão dela a introduzir-se na minha. Encostou-se como se nos estivéssemos a preparar para uma noite de cinema, qual casal indolente e despreocupado, e depois puxou-me o rosto para junto dela e beijou-me.

— Andie, não — sussurrei.

— Sim, preciso de ti. — Voltou a beijar-me e subiu-me para o colo, onde se escarranchou, com o vestido de algodão a subir-lhe à volta dos joelhos e um dos chinelos a cair para o chão. — Nick, tenho estado tão preocupada contigo. Preciso de sentir as tuas mãos em mim, é a única coisa em que tenho pensado. Estou assustada.

Andie era uma rapariga física, e esta afirmação não é código para Isto só tem a ver com sexo. Era uma pessoa que gostava de abraçar, tocar, propensa a passar-me os dedos pelo cabelo ou pelas costas abaixo, num arranhão amigável. Ia buscar coragem e conforto ao ato de tocar. E sim, está bem, também gostava de sexo.

Com um movimento rápido, puxou para baixo a parte de cima do vestido e levou-me as mãos aos seios. O meu desejo fielmente canino veio à tona.

Quero possuir-te, estive quase a dizer em voz alta. Tu és CALOROSO, disse a minha mulher ao meu ouvido. Afastei-me de repente. Estava tão cansado que até via a sala a andar à roda.

— Nick! — disse ela, com o lábio inferior humedecido com a minha saliva. — O que é que foi? Não está tudo bem connosco? É por causa de Amy?

Andie sempre dera a sensação de ser jovem — tinha vinte e três

anos, é claro que dava a sensação de ser jovem —, mas naquela altura percebi o quão grotescamente jovem ela era, o quão irresponsável e desastrosamente jovem ela era. Ruinosamente jovem. Ouvir o nome da minha mulher nos seus lábios sempre me arrepiara. E ela dizia-o muito. Gostava de falar sobre Amy, como se esta fosse a heroína de uma telenovela em horário nobre. Andie não via Amy como inimiga; via-a como personagem. Estava sempre a fazer perguntas sobre a nossa vida conjunta, sobre Amy: O que é que vocês os dois faziam juntos em Nova Iorque, por exemplo o que é que faziam ao fim de semana? Uma vez, a boca de Andie abriu-se de espanto, quando lhe contei que íamos à ópera. Iam à ópera? O que é que ela usava? Vestido comprido? E punha um xaile ou uma estola em pele? E como é que eram as joias e o cabelo? E também: como é que eram as amigas de Amy? De que é que falávamos? Como é que era Amy, na realidade? Era perfeita, como a menina dos livros? Amy era a história de adormecer favorita de Andie.

— A minha irmã está aqui ao lado, querida. Nem sequer devias estar aqui. Meu Deus, eu quero que estejas, mas não devias ter vindo, querida. Até sabermos com o que é que estamos a lidar.

ÉS BRILHANTE, ÉS ESPIRITUOSO, ÉS CALOROSO. Agora, beija-me!

Andie continuou em cima de mim, com os mamilos duros por causa do ar condicionado.

— Querido, aquilo com que estamos a lidar nesta altura é que tenho de garantir que está tudo bem entre nós. É a única coisa de que preciso. — Encostou-se a mim, quente e sensual. — É a única coisa de que preciso. Por favor, Nick, estou assustada. Eu conheço-te: sei que não queres falar neste momento, e não faz mal. Mas preciso que... estejas comigo.

Nessa altura, apeteceu-me beijá-la como da primeira vez: com os dentes a bater uns nos outros, o seu rosto inclinado para o meu e os cabelos a fazerem-me cócegas nos braços... Um beijo molhado, de língua, comigo a pensar apenas no beijo, pois seria perigoso pensar noutra coisa para além de como sabia bem. A única coisa que me impedia de a arrastar para o quarto, agora, não era o facto de ser errado — já tinha passado por muitos matizes de errado ao longo do tempo —, mas sim de ser realmente perigoso.

E porque havia Amy. Finalmente, havia Amy, aquela voz que se instalara no meu ouvido durante meia década, a voz da minha mulher, mas agora não estava a ralar, era novamente doce. Detestava que aquelas três breves notas da minha mulher me fizessem sentir assim, mole e sentimental.

Não tinha de forma alguma o direito de ser sentimental.

Andie estava a mexer em mim enquanto eu me perguntava se a polícia teria a casa de Go sob vigilância, se deveria estar à espera que me batessem à porta. Tenho uma amante muito jovem, muito bonita.

A minha mãe sempre disse aos filhos: se estão a prestes a fazer uma coisa, e querem saber se é má ideia, imaginem vê-la impressa em papel para toda a gente ver.

Nick Dunne, outrora escritor de revistas, ainda de orgulho ferido devido ao seu despedimento em 2010, concordou em dar aulas de jornalismo na Escola Superior de Educação de Cartago do Norte. Este homem mais velho, casado, não tardou a tirar partido da sua situação, ao iniciar um caso tórrido com uma das suas jovens e impressionáveis alunas.

Eu era a personificação do pior receio de qualquer escritor: um cliché.

Agora, deixem-me desfiar ainda mais clichés para vossa diversão: aconteceu gradualmente; nunca quis magoar ninguém; envolvi-me de forma mais profunda do que pensava. Mas era mais do que uma aventura. Mais do que uma forma de alimentar o ego. Eu amo realmente Andie. A sério.

A disciplina que eu lecionava — «Como fazer carreira numa revista» — tinha catorze alunos com diversos graus de aptidão. Tudo raparigas. Eu diria mulheres, mas creio que raparigas é factualmente mais correto. Todas queriam trabalhar em revistas. Não eram raparigas esborratadas em jornais, eram raparigas em revistas de papel brilhante. Tinham visto o filme: imaginavam-se a correr por Manhattan, com o café com leite numa mão e o telemóvel na outra, a partir de forma adorável o salto alto de um sapato de estilista enquanto faziam sinal a um táxi, e a cair nos braços de uma alma gémea encantadora e desarmante, de cabelo atraentemente descuidado. Não faziam ideia de quão louca e ignorante tinha sido a escolha da sua especialização. Andava a planear dizer-lhes isso,

usando o meu desemprego como história de advertência. Embora não estivesse interessado em fazer de figura trágica. Imaginava-me a contar a história de forma descontraída e leve — como se não tivesse importância. Mais tempo tinha para trabalhar no meu romance.

Depois, passei a primeira aula a responder a tantas perguntas cheias de reverência e transformei-me num tal fala-barato vaidoso, num ser tão desprezível e carente, que não consegui contar a história verdadeira: a chamada ao gabinete do chefe de redação na segunda ronda de despedimentos, a forma como percorri aquele malfadado caminho ao longo de filas de cubículos, atraindo os olhares de toda a gente, um morto-vivo a andar, ainda na esperança de me irem dizer uma coisa diferente — que a revista precisava de mim, agora mais do que nunca — sim! Seria um discurso de encorajamento, um discurso de mobilização para o trabalho! Mas não, o meu chefe disse simplesmente: Infelizmente, creio que sabe a razão por que o chamei aqui, esfregando os olhos debaixo dos óculos para mostrar como estava cansado e desanimado.

Eu queria sentir-me um vencedor glorioso, por isso não contei aos meus alunos sobre a extinção do meu posto de trabalho. Contei-lhes que tínhamos familiares doentes que exigiam a minha presença ali, o que era verdade, sim, disse eu para mim mesmo, completamente verdade e muito heroico. E a bonita Andie, cheia de sardas, estava sentada a pouca distância de mim, com os seus olhos azuis sob ondas de cabelo cor de chocolate, lábios cheios ligeiramente entreabertos, seios ridiculamente grandes, e pernas e braços compridos e magros — uma estranha boneca insuflável, há que dizer, o mais diferente possível da minha mulher elegante e patricia —, e Andie irradiava calor corporal e lavanda, enquanto tirava notas no seu computador portátil e fazia perguntas numa voz rouca, do género: «Como é que se consegue a confiança de uma fonte, para que ela abra o jogo?» E eu pensei para comigo, logo nessa altura: De onde diabo saiu esta rapariga? Será alguma piada?

Perguntamo-nos: Porquê? Sempre tinha sido fiel a Amy. Eu era o tipo que saía mais cedo do bar, se alguma mulher se tornasse demasiado atrevida, se o seu toque soubesse demasiado bem. Não era um traidor. Não gosto (não gostava) de traidores: desonestos, desrespeitosos, mesquinhos, mimados. Nunca sucumbira. Mas isso

era no tempo em que eu era feliz. Odeio pensar que a resposta é assim tão fácil, mas tinha sido feliz a vida inteira, e agora não era, e Andie estava ali, deixava-se ficar na sala depois de a aula terminar, a fazer perguntas sobre mim que Amy nunca fizera, pelo menos ultimamente. A fazer-me sentir um homem que valia a pena, e não o idiota que perdera o emprego, o palerma que se esquecia de pôr o tampo da sanita para baixo, o trapalhão que nunca conseguia fazer as coisas bem.

Um dia, Andie trouxe-me uma maçã. Uma «Red Delicious» (título do livro de memórias do nosso caso amoroso, se alguma vez viesse a escrevê-lo). Pediu-me para dar uma vista de olhos prévia à sua história. Era o perfil de uma stripper num clube de St. Louis e parecia um artigo do fórum da Penthouse, e Andie começou a comer a minha maçã enquanto eu a lia, debruçada sobre o meu ombro, com o suco grotescamente presente nos lábios, e depois pensei: Caramba! Esta miúda está a tentar seduzir-me. Fiquei ridiculamente chocado, qual Benjamin Braddock encanecido.

Resultou. Comecei a pensar em Andie como um escape, uma oportunidade. Uma opção. Chegava a casa e encontrava Amy enrolada no sofá, Amy a fitar a parede em silêncio, sem nunca pronunciar a primeira palavra, sempre à espera, um jogo de quebra-gelo perpétuo, um desafio mental constante — o que deixará Amy feliz, hoje? E eu pensava: Andie não faria isso. Como se eu conhecesse Andie. Andie havia de se rir desta piada, Andie havia de gostar desta história. Andie era uma rapariga irlandesa simpática, bonita e mamalhuda da minha cidade natal, simples e alegre. Andie sentava-se na primeira fila da minha turma, e parecia afável, parecia interessada.

Quando pensava em Andie, não sentia dores no estômago, como acontecia quando pensava na minha mulher — o receio constante de voltar à minha própria casa, onde não era bem-vindo.

Comecei a imaginar como poderia acontecer. Comecei a ansiar pelo seu toque — sim, tal e qual, como uma letra de um mau single dos anos 80 —, ansiava pelo seu toque, ansiava pelo toque em geral, pois a minha mulher evitava o meu: em casa, passava por mim como um peixe, deslizando para longe, em direção à cozinha ou às escadas. Víamos televisão em silêncio, nas nossas duas almofadas do sofá, tão separados como se elas fossem jangadas salva-vidas. Na cama, ela

afastava-se sempre de mim, punha os cobertores e os lençóis entre nós. Uma vez, acordei de noite e, sabendo que ela estava a dormir, puxei um bocadinho para o lado a alça da camisa de noite e encostei a face e a palma de uma mão ao seu ombro nu. Não consegui voltar a adormecer nessa noite, de tão enojado que estava comigo mesmo. Saí da cama e masturbei-me debaixo do chuveiro, imaginando Amy, a forma libidinosa como costumava olhar para mim, com aqueles olhos de lua e pálpebras pesadas a analisar-me, a fazer-me sentir que era visto. Quando terminei, sentei-me na banheira e fiquei a olhar para o ralo através do jato de água. O meu pénis jazia pateticamente ao longo da minha coxa esquerda, como um pequeno animal levado para a margem. Deixei-me ficar ali sentado no fundo da banheira, humilhado, a tentar não chorar.

Portanto, aconteceu. No meio de um estranho e súbito nevão, no início de abril. Não em abril deste ano, mas do ano passado. Estava a trabalhar sozinho no bar porque Go estava a tomar conta da nossa mãe; revezávamo-nos nas folgas, ficando em casa com a nossa mãe, a ver televisão de má qualidade. A nossa mãe estava a definhar rapidamente, não ia durar até ao fim do ano, nem de longe.

Eu sentia-me bem nesse momento — a minha mãe e Go estavam aconchegadas em casa, a ver um filme de praia com Annette Funicello, e o Bar tinha tido uma noite concorrida e animada, uma daquelas noites em que toda a gente parecia ter tido um dia bom. Raparigas bonitas eram simpáticas para tipos mais rústicos. As pessoas estavam a pagar rodadas a desconhecidos, só porque lhes apetecia. O ambiente era festivo. E depois chegou o fim da noite, a hora de fechar e de toda a gente sair. Estava prestes a fechar a porta à chave quando Andie a abriu e entrou, quase caindo em cima de mim, e pude sentir o cheiro adocicado a cerveja light no seu hálito e o perfume a lenha queimada no seu cabelo. Fiz uma pausa para aquele momento desconcertante em que tentamos reconhecer alguém que estamos habituados a ver num único cenário e tentamos colocar a pessoa num novo contexto. Andie no Bar. Muito bem. Ela soltou uma risada de pirata e empurrou-me outra vez lá para dentro.

— Acabei de ter um encontro romântico fantasticamente pavoroso e tem de tomar um copo comigo. — Tinha flocos de neve acumulados

nas ondas negras do cabelo, as suas engraçadas sardas brilhavam, as faces tinham uma coloração rosa-vivo, como se alguém lhe tivesse dado duas estaladas. Ela tem uma voz magnífica, uma voz de patinho penugento, que começa por ser ridiculamente engraçada e acaba totalmente sexy. — Por favor, Nick. Tenho de tirar da boca este sabor a mau encontro.

Lembro-me de nos termos rido e de eu pensar que era um alívio estar com uma mulher e ouvir o seu riso. Vestia umas calças de ganga e uma camisola de caxemira com decote em V; ela é uma dessas raparigas que ficam melhor de calças de ganga do que de vestido. O seu rosto e o seu corpo são descontraídos no que isso tem de melhor. Tomei a minha posição atrás do bar e ela deslizou para cima de um banco, avaliando com o olhar todas as garrafas de bebidas atrás de mim.

— O que é que a senhora deseja?

— Surpreenda-me — redarguiu.

— Buuh! — disse eu, e a palavra deixou-me os lábios franzidos como num beijo.

— Agora, surpreenda-me com uma bebida. — Ela inclinou-se para a frente, de forma que o seu decote ficou encostado ao bar, com os seios empurrados para cima. Usava um pendente num fio de ouro fino; o pendente deslizou entre os seios, por debaixo da camisola. Não sejas assim, pensei. O tipo que começa a arquejar quando pensa onde termina o pendente.

— Que sabor lhe apetece? — perguntei.

— O que quer que me dê, vou gostar.

Foi aquela deixa que me cativou, pela sua simplicidade. A ideia de poder fazer alguma coisa e de deixar uma mulher feliz e de ser tão fácil. O que quer que me dê, vou gostar. Senti uma onda de alívio irresistível. E foi nessa altura que soube que já não amava Amy.

Já não amo a minha mulher, pensei, virando-me para agarrar em dois copos. Nem um bocadinho. Estou limpo de amor, sem mácula. Fiz a minha bebida preferida: Manhã de Natal, café quente e licor de menta frio. Acompanhei-a num copo, e quando ela estremeceu e se riu — com aquela grande risada penetrante — voltei a encher os copos. Ficámos ali a beber até passar uma hora do fecho do estabelecimento e eu mencionei a palavra mulher três vezes, pois estava a olhar para

Andie e a imaginar-me a tirar-lhe a roupa. Era um aviso para ela, o mínimo que eu podia fazer: Tenho uma mulher. Agora, faz o que quiseres com isso.

Ela estava sentada à minha frente, com o queixo entre as mãos, a sorrir para mim.

— Leva-me a casa? — perguntou. Ela já tinha mencionado antes que morava perto da Baixa, que precisava de passar pelo Bar uma noite destas para o cumprimentar, e acaso teria dito que morava muito perto do Bar? A minha mente tinha-se preparado: eu já tinha percorrido mentalmente, muitas vezes, os poucos quarteirões em direção aos apartamentos em tijolo onde ela vivia. Por isso, quando saí subitamente porta fora, para a acompanhar a casa, não me pareceu nada invulgar — não houve aquela campainha de alarme a dizer-me: Isto é invulgar, não é coisa que se costume fazer.

Acompanhei-a até casa, a caminhar contra o vento, com flocos de neve a voar por todo o lado, ajudando-a a enrolar o cachecol de lã vermelha uma vez, duas vezes, e à terceira, estava a prendê-lo bem e os nossos rostos ficaram perto um do outro, e as faces dela estavam alegremente cor-de-rosa, como quem anda de trenó, e era o tipo de coisa que nunca poderia ter acontecido em cem noites, mas que naquela noite foi possível. A conversa, a bebida, a tempestade, o cachecol.

Agarrámo-nos em simultâneo, e eu empurrei-a contra uma árvore, para ter mais capacidade de manobra. Os ramos finos despejaram um monte de neve em cima de nós, um momento assombroso e cómico que só aumentou a minha insistência em tocá-la, em tocar tudo ao mesmo tempo, com uma mão por baixo da camisola e a outra no meio das pernas. E ela a deixar-me fazê-lo.

Ela afastou-se de mim com os dentes a bater.

— Sobe comigo.

Fiz uma pausa.

— Sobe comigo — insistiu ela. — Quero estar contigo.

O sexo não foi assim tão fantástico, não da primeira vez. Éramos dois corpos habituados a ritmos diferentes, sem nunca conseguirmos apanhar o jeito um do outro, e fazia tanto tempo desde que tinha estado dentro de uma mulher que me vim primeiro, rapidamente, e

continuei a mexer-me, trinta segundos cruciais enquanto começava a murchar lá dentro, apenas o tempo suficiente para tratar dela antes de ficar completamente mole.

Portanto, foi agradável, mas decepcionante, anticlímax, da forma como as raparigas se devem sentir quando perdem a virgindade: Aquele barulho todo por causa disto? Mas eu gostei da forma como ela me envolveu, e gostei que fosse tão macia como eu imaginara. Pele nova. Jovem, pensei eu de forma indigna, imaginando Amy a aplicar loção constantemente, sentada na cama e dando furiosamente palmadinhas a si mesma.

Fui à casa de banho de Andie, fiz chichi, olhei-me no espelho e obriguei-me a dizê-lo: És um traidor. Fracassaste num dos testes masculinos mais básicos. Não és um bom homem. E quando aquilo não me incomodou, pensei: Não és mesmo um bom homem.

O mais horrível era que, se o sexo tivesse sido exorbitantemente fantástico, aquela podia ter sido a minha única leviandade. Mas foi apenas decente, e agora era um traidor e não podia dar cabo do meu registo de fidelidade por causa de uma coisa simplesmente mediana. Portanto, sabia que ia haver uma próxima vez. Não prometi a mim mesmo que nunca mais. E depois, da vez seguinte, foi muito, muito bom, e na que se seguiu foi ótimo. Andie não tardou a transformar-se no contraponto físico de tudo em Amy. Ria-se comigo e fazia-me rir, não me contradizia de imediato nem me criticava. Nunca ralhava comigo. Era de trato fácil. Era tudo tão fácil... E pensei: O amor faz-te querer ser um homem melhor — pois, pois. Mas talvez o amor, o amor a sério, também te autorize a ser simplesmente o homem que és.

Ia contar a Amy. Sabia que tinha de acontecer. Mas continuei a não lhe contar durante meses a fio. E, depois, durante mais meses ainda. Sobretudo por cobardia. Não suportava ter aquela conversa, ter de me explicar. Não conseguia imaginar ter de discutir o divórcio com Rand e Marybeth, já que eles se imiscuiriam certamente na contenda. Mas, em parte, também era por causa da minha forte veia pragmática — era quase grotesca a forma como eu conseguia ser prático (interesseiro?). Não tinha pedido o divórcio a Amy, em parte porque tinha sido o dinheiro dela que financiara o Bar. Ela era basicamente a sua proprietária, com certeza que o queria de volta. E eu não suportava ver a minha irmã gémea a tentar ser corajosa enquanto perdia mais

dois anos da sua vida. Por isso, deixei-me andar à deriva nesta situação miserável, partindo do princípio que, a dada altura, seria Amy a encarregar-se disso, a pedir o divórcio, e assim conseguiria sair como o bom da fita.

Este desejo — de fugir à situação sem culpa — era desprezível. Quanto mais desprezível me tornava, mais desejava Andie, que sabia que eu não era tão mau quanto parecia, se a minha história fosse publicada no jornal para ser lida por desconhecidos. Amy há de divorciar-se de ti, estava eu sempre a pensar. Ela não pode deixar isto continuar por muito mais tempo. Mas à medida que a primavera se desvanecia e chegava o verão, depois o outono, e depois o inverno, e eu me tornava num traidor de todas as estações — uma traição com uma amante agradavelmente impaciente —, ficou claro que algo teria de ser feito.

— Quer dizer, eu amo-te, Nick — disse Andie, ali, de forma surreal, no sofá da minha irmã. — Aconteça o que acontecer. Não sei o que mais hei de dizer, sinto-me muito... — Ergueu as mãos. — Estúpida.

— Não te sintas estúpida — disse eu. — Também não sei o que dizer. Não há nada para dizer.

— Podes dizer que me amas, aconteça o que acontecer.

Pensei: Já não posso dizer isso em voz alta. Já o tinha dito uma ou duas vezes, num murmúrio molhado junto ao seu pescoço, saudoso de alguma coisa. Mas as palavras andavam por aí, assim como muitas outras coisas. Pensei então no rasto que tínhamos deixado, na nossa aventura amorosa meia escondida com que não me preocupara o suficiente. Se o edifício onde ela morava tinha câmara de segurança, eu estava lá. Tinha comprado um telemóvel descartável para lhe telefonar, mas as mensagens de voz e texto iam para o telefone bem permanente que ela possuía. Tinha-lhe escrito uma mensagem obscena no dia de São Valentim, e já conseguia vê-la escarrapachada nas notícias, onde rimara apaixonada com rata. E mais: Andie tinha vinte e três anos. Presumia que as minhas palavras, a minha voz, e até fotografias minhas estivessem guardadas em vários suportes eletrónicos. Uma noite, sentindo-me ciumento, possessivo e curioso, tinha estado a ver as fotografias que ela tinha no telemóvel: muitas de um ou dois ex-namorados a sorrir orgulhosamente na cama dela, e presumi que a dada altura havia de me juntar ao clube — a modos que

queria juntar-me ao clube — e por alguma razão isso não me deixara preocupado, embora pudesse ser descarregado e enviado para um milhão de pessoas no espaço de um vingativo segundo.

— Esta situação é extremamente estranha, Andie. Só preciso que sejas paciente.

Ela afastou-se de mim.

— Não és capaz de dizer que me amas, aconteça o que acontecer?

— Eu amo-te, Andie, a sério. — Aguentei o seu olhar. Dizer amo-te era perigoso neste momento, mas era igualmente perigoso não o dizer.

— Então, faz amor comigo — sussurrou ela começando a puxar-me pelo cinto.

— Temos de ser muito cuidadosos, agora. Eu... As coisas vão ficar muito feias para mim se a polícia descobrir o que se passa connosco. Feias e bem feias!

— É com isso que estás preocupado?

— Sou um homem cuja mulher está desaparecida e que tem uma... namorada secreta. Sim, a coisa parece feia. Parece criminosa.

— Dito assim, parece sórdido. — Ainda tinha os seios de fora.

— As pessoas não nos conhecem, Andie. Vão achar que é sórdido.

— Meu Deus, parece um filme noir dos maus.

Eu sorri. Tinha apresentado Andy ao género noir — a Bogart e aos filmes À Beira do Abismo e Pagos a Dobrar, a todos os clássicos. Era uma das coisas de que eu gostava mais em nós, o facto de lhe poder mostrar coisas.

— Porque é que não contamos simplesmente à polícia? — disse ela.
— Não seria melhor...

— Não, Andie, nem sequer penses nisso. Não.

— Eles vão descobrir...

— Porquê? Porque é que haviam de descobrir? Contaste a alguém sobre nós, querida?

Ela lançou-me um olhar nervoso. Senti-me mal. Ela não estava à espera que a noite corresse assim. Tinha ficado excitada ao ver-me, imaginara uma reunião libidinosa, a tranquilização física, e eu estava ocupado a tentar proteger-me.

— Querida, desculpa, preciso apenas de saber — disse eu.

— Com nomes, não.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer — redarguiu ela, puxando finalmente o vestido para cima — que os meus amigos e a minha mãe sabem que ando com alguém, mas não sabem o seu nome.

— Nem nenhum tipo de descrição, certo? — Disse-o com maior urgência do que pretendia, sentindo-me como se estivesse a segurar um telhado a desabar. — Há duas pessoas que sabem disto, Andie. Tu e eu. Se me queres ajudar e se me amas, só nós saberemos disto, e assim a polícia nunca virá a descobrir.

Ela passou um dedo pela linha do meu maxilar.

— E se eles nunca chegarem a encontrar Amy?

— Andie, nós vamos ficar juntos, aconteça o que acontecer. Mas só se tivermos cuidado. Se não tivermos, é possível... As coisas estão suficientemente más para eu poder ir parar à prisão.

— Talvez ela tenha fugido com alguém — disse ela encostando a face ao meu ombro. — Talvez...

Conseguia sentir o seu cérebro de rapariguinha a trabalhar, a transformar o desaparecimento de Amy num romance fútil e escandaloso, ignorando qualquer realidade que não se adaptasse à narrativa.

— Ela não fugiu. É muito mais grave do que isso. — Pus-lhe um dedo debaixo do queixo de modo a que olhasse para mim. — Andie, preciso que leves isto muito a sério, está bem?

— É claro que estou a levar isso a sério. Mas preciso de conseguir falar contigo com mais frequência. De te ver. Estou a passar-me, Nick.

— Para já, só precisamos de ficar sentados e sossegados. — Agarrei-a pelos ombros para ela ter de olhar para mim. — A minha mulher está desaparecida, Andie.

— Mas tu nem sequer...

Eu sabia o que ela ia dizer — tu nem sequer a amas —, mas foi suficientemente esperta para parar.

Pôs os braços à minha volta.

— Olha, eu não quero discutir. Eu sei que te importas com Amy e sei que deves estar muito preocupado. Eu também estou. Sei que estás sob... Nem consigo imaginar a pressão que sentes. Portanto, não me importo de manter um perfil ainda mais apagado do que antes, se é que é possível. Mas lembra-te que isto também me afeta. Preciso de ter notícias tuas. Uma vez por dia. Telefona quando puderes, mesmo que

seja apenas durante alguns segundos, para eu poder ouvir a tua voz. Uma vez por dia, Nick. Todos os dias. Caso contrário, enlouqueço. Enlouqueço.

Sorriu para mim e sussurrou:

— Agora, beija-me.

Beije-i-a com suavidade.

— Amo-te — disse ela, e eu beijei-lhe o pescoço e murmurei a minha resposta. Sentámo-nos em silêncio, com a televisão ligada.

Deixo que os olhos se fechem. Agora, beija-me, quem é que tinha dito isso?

Acordei sobressaltado pouco depois das cinco da manhã. Go estava levantada, consegui ouvi-la no corredor e a abrir a água na casa de banho. Abanei Andie — São cinco da manhã, são cinco da manhã — e com promessas de amor e telefonemas, tratei de empurrá-la para a porta, como um engate ocasional e vergonhoso.

— Não te esqueças de me telefonar todos os dias — sussurrou Andie.

Ouvi a porta da casa de banho a abrir.

— Todos os dias — disse eu e agachei-me atrás da porta, enquanto a abria e Andie saía.

Quando me virei, Go estava ali na sala. Tinha a boca aberta de espanto, mas o resto do corpo estava furioso: mãos nas ancas, sobancelhas arqueadas.

— Nick. Meu grande idiota!

Amy Elliott Dunne — 21 de Julho de 2011

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Sou tão idiota! Às vezes, olho para mim e penso: Não admira que Nick me ache ridícula, frívola, mimada, em comparação com a mãe dele. Maureen está a morrer. Esconde a doença atrás de grandes sorrisos e camisolas bordadas largas, respondendo a todas as perguntas acerca da sua saúde com: «Oh, estou bem, e tu como é que vais, querida?» Está a morrer, mas não vai admiti-lo, pelo menos para já. Por isso, ontem de manhã telefonou-me, a perguntar se eu queria ir numa excursão com ela e as amigas — está a ter um dia bom e quer sair de casa o mais possível — e eu concordei de imediato, embora soubesse que não iam fazer nada que me interessasse particularmente: pinocle, bridge, alguma atividade na igreja que, normalmente, requer a separação de coisas.

«Estamos aí dentro de quinze minutos», disse ela. «Vem de manga curta.»

Limpezas. Só podia ser isso. Alguma coisa que implicasse gordura até aos cotovelos. Visto uma camisa de manga curta e, dentro de exatamente quinze minutos, estou a abrir a porta a Maureen, de calva tapada por um gorro de lã, às risadinhas com as duas amigas. Todas trazem t-shirts idênticas, com aplicações, cheias de sinos e fitas, com as palavras The PlasMamas impressas no peito.

Fico a pensar que formaram um grupo de música popular. Mas, depois, entramos todas para o velho Chrysler de Rose — velho, mas velho, um daqueles em que o lugar da frente vai de um lado ao outro, um carro de avó que cheira a cigarros de senhora — e lá vamos alegremente para o centro de doação de plasma.

— Nós vamos às segundas e quintas — explica Rose, olhando-me pelo retrovisor.

— Oh — replico. Que resposta podia dar? Oh, esses dias são ótimos para o plasma!

— Podemos dar duas vezes por semana — diz Maureen, com os sininhos da sua camisola a tocarem. — Da primeira vez, recebemos

vinte dólares, da segunda trinta. É por isso que hoje toda a gente está tão bem-disposta.

— Vais adorar — diz Vicky. — Toda a gente se senta a conversar, como num salão de beleza.

Maureen aperta-me o braço e diz baixinho:

— Eu já não posso dar, mas pensei que podias ser a minha representante. Pode ser uma maneira simpática de juntares dinheiro para os teus alfinetes — é bom uma rapariga ter algum dinheirinho seu.

Reprimo um rápido acesso de raiva: Eu costumava ter mais do que algum dinheirinho, mas dei-o ao seu filho.

Um homem escanzelado, com um blusão de ganga demasiado pequeno para ele, anda pelo parque de estacionamento como um cão perdido. Porém, lá dentro, o local é limpo. Bem iluminado, a cheirar a pinho, com pósteres cristãos pendurados na parede, cheios de pombas e bruma. Mas eu sei que não posso fazer aquilo. Agulhas. Sangue. Nenhuma das duas coisas. Não tenho outras fobias, mas estas duas são persistentes — sou aquela rapariga que desmaia com um corte de papel. Tem qualquer coisa a ver com abrir a pele: esfolar, cortar, perfurar. Durante as sessões de quimioterapia com Maureen, nunca olhava quando espetavam a agulha.

— Olá, Cayleese! — diz Maureen quando entramos, e uma mulher negra e pesada com um uniforme vagamente médico replica:

— Olá, Maureen! Como é que te sentes?

— Oh, bem, eu estou bem, mas... e tu?

— Há quanto tempo é que fazem isto? — pergunto.

— Já há algum tempo — diz Maureen. — Cayleese é a preferida de toda a gente, espeta a agulha com muita suavidade. O que sempre foi bom para mim, pois tenho veias difíceis. — Mostra-me o antebraço com as veias azuis fugidias. Quando conheci a Mo, ela era gorda, mas já não é. É estranho, mas fica com melhor aspeto quando está gorda. — Estás a ver? Experimenta pôr o dedo em cima de uma.

Olho à minha volta, na esperança de que Cayleese nos vá mandar entrar.

— Vá lá, experimenta.

Toco numa veia com a ponta do dedo e sinto-a a fugir debaixo dele. Sou tomada por uma onda de calor.

— Então é esta a nossa nova recruta? — pergunta Cayleese, que apareceu de repente ao meu lado. — A Maureen está sempre a gabá-la. Bem, precisamos que preencha alguma papelada...

— Lamento, mas não sou capaz. Não suporto agulhas, nem sangue. Tenho uma fobia grave. Não sou literalmente capaz de o fazer.

Dou-me conta que ainda não comi desde que me levantei e começo a sentir tonturas. Sinto o pescoço fraco.

— Isto aqui é tudo muito higiénico, está em boas mãos — diz Cayleese.

— Mas não é por isso, a sério! Eu nunca dei sangue. O meu médico zanga-se comigo porque nem sequer sou capaz de fazer uma análise anual ao sangue, para controlar o colesterol, por exemplo.

Assim, ficamos à espera. Vicky e Rose levam duas horas ligadas às máquinas, como se estivessem em plena época de colheitas. Até lhes puseram uma marca nos dedos, para não poderem dar mais de duas vezes por semana onde quer que seja — as marcas aparecem quando são submetidas a uma luz roxa.

— Essa é a parte James Bond — diz Vicky, e todas riem. Maureen trauteia o tema dos filmes de Bond (acho eu) e Rose imita uma arma com os dedos.

— Será que são capazes de não fazer tanto alarido, por uma vez que seja, suas galinhas velhas? — grita uma mulher de cabelos brancos quatro cadeiras mais abaixo. Inclina-se sobre os corpos reclinados de três homens untuosos — com tatuagens azul-esverdeadas nos braços, a barba por fazer, o tipo de homens que eu imaginava a doar plasma — e faz um aceno com o braço livre.

— Mary! Pensava que vinhas amanhã!

— E vinha, mas estou à espera do subsídio de desemprego há uma semana, e estava reduzida a uma caixa de cereais e a uma lata de milho cremoso!

Riem-se todas, como se o facto de estar à beira da inanição fosse divertido — esta cidade, por vezes, é demais, tão desesperada e tão em negação. Começo a sentir-me doente, com o som do sangue nas máquinas, as longas fitas de sangue em plástico que vão dos corpos até às máquinas, as pessoas a serem... como dizer? A serem arrendadas. Sangue em toda a parte para onde olho, à vista desarmada, onde não devia haver sangue. Profundo e escuro, quase roxo.

Levanto-me para ir à casa de banho, atiro água fria para o rosto. Dou dois passos e os meus ouvidos fecham-se, a minha visão estreita-se, sinto o bater do meu próprio coração, o meu próprio sangue, e ao cair digo:

— Oh, desculpem.

Pouco me lembro do percurso até casa. Maureen aconchega-me na cama, e deixa um copo de sumo de maçã e uma tigela de sopa ao lado da cama. Tentamos contactar Nick. Go diz que ele não está no Bar, e ele não atende o telemóvel.

O homem evaporou-se.

— Ele já era assim em miúdo, é um cavaleiro andante — diz Maureen. — A pior coisa que se podia fazer era fechá-lo de castigo no quarto. — Ela coloca uma toalhinha fresca na minha testa; o seu hálito tem um forte cheiro a aspirina. — O teu trabalho é descansar, está bem? Eu continuo a telefonar até conseguir trazer aquele rapaz para casa.

Quando Nick chega a casa, já estou a dormir. Acordo com ele a tomar um duche e olho para as horas: 11h04 da noite. Afinal, sempre devia ter ido para o Bar — ele gosta de tomar duche quando termina o turno, para tirar o cheiro a cerveja e a pipocas salgadas da pele. (É o que ele diz.)

Enfia-se na cama e quando me viro para ele com os olhos abertos, parece consternado por eu estar acordada.

— Andamos há horas a tentar encontrar-te — digo.

— O meu telefone ficou sem bateria. Desmaiaste?

— Pensava que tinhas dito que o telefone estava sem bateria...

Ele faz uma pausa, e eu sei que está prestes a mentir. A pior das sensações: quando temos de esperar e prepararmo-nos para a mentira. Nick é um homem à moda antiga, que precisa da sua liberdade e não gosta de dar explicações. É capaz de saber há uma semana que tem coisas combinadas com os amigos, e mesmo assim esperar até uma hora antes do jogo de póquer para me dizer descontraidamente: «Olha, estava a pensar ir jogar póquer com os rapazes esta noite, se não te importares», e deixar-me ser a má da fita, se eu tivesse feito outros planos. Nunca queremos ser o tipo de mulher que priva o marido de jogar póquer — não queremos ser a megera de rolos no cabelo e rolo da massa na mão. Por isso, engolimos o nosso

desapontamento e dizemos que não há problema. Não creio que ele faça isto para ser mau, é só a maneira como foi educado. O pai dele levava sempre a sua avante e a mãe aturava-lhe tudo. Até se ter divorciado dele.

Ele começa com a sua mentira. Nem sequer o ouço.

Nick Dunne — Desaparecida Há Cinco Dias

Encostei-me à porta, a olhar para a minha irmã. Ainda conseguia sentir o cheiro de Andie, e queria aquele momento só para mim por um segundo, porque agora, que ela se tinha ido embora, podia desfrutar da sua idealização. Ela sabia sempre a caramelos de manteiga e cheirava a lavanda. Champô de lavanda, loção de lavanda. A lavanda dá sorte, explicou-me ela uma vez. Eu ia precisar de sorte.

— Que idade tem ela? — perguntou Go de mãos nas ancas.

— É por aí que queres começar?

— Que idade tem ela, Nick?

— Vinte e três.

— Vinte e três. Fantástico!

— Go, não...

— Nick, tu não percebes que estás lixado? — disse Go. — Lixado e burro. — Ela fez com que burro, uma palavra de criança, me atingisse tão duramente como se eu tivesse outra vez dez anos.

— Não é a situação ideal — admiti em voz baixa.

— Situação ideal! Tu és... tu és um traidor, Nick. Quer dizer, o que é que te aconteceu? Sempre fizeste parte da trupe dos bons. Ou terei sido uma idiota este tempo todo?

— Não. — Preguei os olhos no chão, no mesmo ponto para onde olhava em criança quando a minha mãe me fazia sentar no sofá e me dizia que eu era melhor do que aquilo que acabara de fazer.

— Agora? És um homem que engana a mulher, nunca poderás desfazer isso — disse Go. — Meu Deus, nem mesmo o pai enganava a mãe. És tão... quer dizer, a tua mulher está desaparecida, sabe-se lá onde está Amy, e tu estás aqui a namorar com uma pequena...

— Go, estou a gostar dessa história revisionista em que tu fazes de defensora de Amy. Vá lá, tu nunca gostaste de Amy, nem mesmo ao princípio, e desde que isto aconteceu parece que...

— Parece que tenho simpatia pela tua mulher desaparecida, sim, Nick. Estou preocupada. A sério que estou. Lembras-te de quando te disse que estavas a agir de forma estranha? Tu estás... É de loucos a forma como te estás a comportar.

Ela começou a andar de um lado para o outro na sala, a mordiscar a unha de um polegar.

— Se a polícia descobrir isto, nem sei o que poderá acontecer — disse ela. — Estou muito assustada, Nick. Esta é a primeira vez em que me sinto realmente assustada com o que te pode acontecer. Nem percebo como é que os polícias ainda não descobriram. Devem ter consultado os registos das tuas chamadas.

— Eu usei um telemóvel descartável.

Ela fez uma pausa ao ouvir isto.

— Isso ainda é pior. Isso parece... premeditação.

— Infidelidade premeditada, Go. Sim, disso sou culpado.

Ela sucumbiu por um segundo, deixou-se cair no sofá enquanto assimilava a nova realidade. A verdade é que me sentia aliviado por Go saber.

— Há quanto tempo? — perguntou ela.

— Um pouco mais de um ano. — Obriguei-me a despregar os olhos do chão e a fitá-la diretamente.

— Há mais de um ano? E nunca me contaste.

— Tinha medo que me dissesse para parar com isso. Que pensasses mal de mim e que eu tivesse de parar. E eu não queria. As coisas com Amy...

— Há mais de um ano — repetiu Go. — E eu nem sequer suspeitava. Oito mil conversas ébrias e, apesar disso, nunca confiaste o suficiente em mim para me contares. Não sabia que eras capaz de fazer isso, esconder-me qualquer coisa tão completamente.

— Foi a única coisa.

Go encolheu os ombros: Como posso acreditar em ti, agora?

— Tu ama-la? — Ela deu-lhe uma entoação divertida para mostrar como isso era improvável.

— Sim. Creio mesmo que a amo. Amava. Amo.

— Tu tens noção que se namorasses realmente com ela, se a visses com regularidade, se vivesses com ela, acabaria por te encontrar algum defeito, certo? Que iria descobrir algumas coisas sobre ti que a iam deixar louca. Que iria fazer-te exigências de que não gostarias. Que iria zangar-se contigo?

— Eu não tenho dez anos, Go, eu sei como são os relacionamentos.

Ela voltou a encolher os ombros: Sabes mesmo?

— Precisamos de um advogado — disse ela. — Um bom advogado com algumas aptidões em termos de RP, porque as estações de televisão e alguns programas por cabo andam a farejar a história. Temos de garantir que os meios de comunicação não te transformam no malvado marido infiel, porque se isso acontecer, acho que está tudo acabado.

— Go, estás a ser um bocadinho drástica. — Na verdade, concordava com ela, mas não suportava ouvir essas palavras pronunciadas por Go. Tinha de desacreditá-las.

— Nick, isto é um bocadinho drástico. Vou fazer uns telefonemas.

— Como queiras, se te faz sentir melhor.

Go bateu-me no esterno com dois dedos espetados.

— Não me venhas cá com essas coisas, Lance! «Oh, as raparigas enervam-se com qualquer coisinha.» Isso são tretas. Estás em muito maus lençóis, meu amigo. Para de ignorar o que está a acontecer e trata de me ajudar a remediar isto.

Por baixo da camisa, conseguia sentir a pele a arder, enquanto Go se afastava e, graças a Deus, regressava ao quarto. Sentei-me no sofá, meio entorpecido. Depois, deitei-me, enquanto prometia a mim mesmo que havia de me levantar.

Sonhei com Amy: ia a gatinhar pelo chão da nossa cozinha, de mãos e joelhos no chão, a tentar alcançar a porta das traseiras, mas estava cega pelo sangue e movia-se tão lentamente... demasiado lentamente. A sua linda cabeça estava estranhamente deformada, com uma moosa do lado direito. O sangue gotejava de uma longa madeixa de cabelo, e gemia, pronunciando o meu nome.

Acordei e soube que estava na altura de ir para casa. Precisava de ver o local — o cenário do crime — precisava de o enfrentar.

Com aquele calor, não havia ninguém cá fora. O nosso bairro estava tão vazio e solitário como no dia em que Amy desaparecera. Entrei pela porta da frente e obriguei-me a respirar. Era estranho que uma casa tão nova pudesse parecer assombrada, e não à maneira romântica das obras vitorianas, mas sim horrível e desprezivelmente arruinada. Uma casa com uma história, e só tinha três anos. Os técnicos do laboratório tinham estado em todo o lado; as superfícies estavam

manchadas, pegajosas e enferruscadas. Sentei-me no sofá e este cheirava como se fosse uma pessoa a sério, com o aroma de um desconhecido, um aftershave com notas de especiarias. Abri as janelas, apesar do calor, para entrar ar. Bleecker desceu as escadas, e eu peguei nele e afaguei-o, enquanto ele ronronava. Algum polícia tinha tratado de lhe encher a tigela. Um gesto simpático, depois de desmantelarem a minha casa. Pousei-o cuidadosamente no primeiro degrau e depois subi até ao quarto, enquanto desabotoava a camisa. Deitei-me na cama ao atravessado e pousei o rosto na almofada, a mesma fronha azul-marinho que fitara na manhã do nosso aniversário. A Manhã De.

O meu telefone tocou. Go. Atendi.

— Ellen Abbott vai fazer um programa especial ao meio-dia. É sobre Amy. E sobre ti. Eu... hum, as coisas parecem estar feias. Queres que vá ter contigo?

— Não, eu posso vê-lo sozinho, obrigado.

Continuámos ambos em linha. Cada um de nós à espera que o outro pedisse desculpa.

— Está bem, então falamos depois.

Ellen Abbott Live era um programa por cabo especializado em mulheres desaparecidas e assassinadas, apresentado pela permanentemente furiosa Ellen Abbott, uma antiga procuradora do Ministério Público e defensora dos direitos das vítimas. O programa abriu com Ellen, de cabelo arranjado e batom de brilho nos lábios, a olhar furiosamente para a câmara. «Temos hoje uma história chocante para relatar: uma jovem e bela mulher que foi a inspiração para a coleção de livros Incrível Amy. Está desaparecida. A casa ficou de pernas para o ar. O marido é Lance Nicholas Dunne, um escritor desempregado que é agora proprietário de um bar que comprou com o dinheiro da mulher. Querem saber como ele está preocupado? Estas são fotografias tiradas desde que a mulher, Amy Elliott Dunne, desapareceu, a 5 de julho — no dia do quinto aniversário de casamento.

Corte para mostrar a minha fotografia na conferência de imprensa, com o sorriso idiota. E outra, que me mostrava a acenar e a sorrir, como uma rainha de beleza, ao sair do meu carro (estava a retribuir o aceno a Marybeth; estava a sorrir porque o faço quando digo adeus).

A seguir, veio a fotografia do telemóvel em que eu estava com

Shawna Kelly, a cozinheira da enchilada. Face com face, a mostrar dentes brancos como pérolas. Depois, a Shawna em carne e osso apareceu no ecrã, bronzeada, escultural e triste enquanto Ellen a apresentava à América. Comecei a sentir gotinhas de suor por todo o lado.

ELLEN: Então, Lance Nicholas Dunne... É capaz de nos descrever o comportamento dele, Shawna? Encontrou-o quando toda a gente andava lá fora à procura da sua mulher desaparecida... Lance Nicholas Dunne, como é que ele é?

SHAWNA: Estava muito calmo, muito cordial.

ELLEN: Desculpe, desculpe. Ele estava cordial e calmo? A mulher dele está desaparecida, Shawna. Que tipo de homem consegue ficar cordial e calmo?

A fotografia grotesca voltou a surgir no ecrã. De alguma forma, parecíamos ainda mais alegres.

SHAWNA: Na verdade, ele até foi um bocadinho atiradiço...

Devias ter sido mais simpático com ela, Nick. Devias ter comido a porcaria da enchilada.

ELLEN: Atiradiço? Sabe-se lá onde anda a mulher e Lance Dunne é... bem, desculpe, Shawna, mas esta fotografia é... a melhor palavra para a classificar é repugnante. Este não é o aspeto de um homem inocente...

O resto do segmento foi basicamente Ellen Abbott, intriguista profissional, a insistir na minha falta de álibi: «Porque é que Lance Nicholas Dunne não tem um álibi até ao meio-dia? Onde é que ele estava nessa manhã?», perguntou ela com o seu sotaque de xerife texano. O painel de convidados concordou em que isso não augurava nada de bom.

Telefonei a Go e ela disse:

— Bem, conseguiste quase uma semana sem eles se virarem contra ti — e praguejámos durante um bocado. Cabrona, puta maluca da

Shawna.

— Faz alguma coisa hoje que seja realmente útil, ativa — aconselhou Go. — As pessoas agora vão estar a observar-te.

— Não ia conseguir ficar parado mesmo que quisesse.

Fiz a viagem de carro até St. Louis num estado próximo da raiva, repetindo o segmento televisivo na minha cabeça, respondendo a todas as perguntas de Ellen, fazendo-a calar-se. Hoje, Ellen Abbott, sua cabrona, fui atrás de um dos perseguidores de Amy. Desi Collings. Fui atrás dele para lhe arrancar a verdade. Eu, o marido heroico. Se tivesse um tema musical em crescendo, tê-lo-ia posto a tocar. Eu, o tipo simpático da classe operária a enfrentar o rapaz rico e mimado. Os meios de comunicação tinham de morder o isco: os perseguidores obsessivos são muito mais intrigantes do que os vulgares assassinos das suas esposas. Pelo menos, os Elliotts iam apreciar o gesto. Marquei o número de Marybeth, mas fui parar à caixa de correio. Segui em frente.

Ao entrar no seu bairro, tive de mudar a ideia que fazia de Desi como sendo uma pessoa rica para a de alguém extremamente, quase repugnantemente, abastada. O tipo vivia numa mansão em Ladue que, provavelmente, valia pelo menos uns cinco milhões de dólares. Tijolo caiado, portadas lacadas de preto, iluminação a gás e hera. Eu tinha-me vestido para o encontro, com um fato e gravata decentes, mas, quando toquei à campainha, percebi que um fato de quatrocentos dólares naquele bairro era mais rude do que se me tivesse apresentado de calças de ganga. Ouvi o barulho de sapatos de cerimónia a virem da parte de trás da casa até à entrada, e a porta abriu-se com um som parecido com a de um frigorífico. O ar frio saiu na minha direção.

Desi tinha o aspeto que eu sempre quisera ter: o de um tipo muito bem-parecido e muito decente. Havia qualquer coisa nos seus olhos ou no queixo. Tinha olhos encovados cor de amêndoa, olhos de urso de peluche, e covinhas em ambas as faces. Se nos vissem os dois juntos, presumiriam que ele era o bom da fita.

— Oh! — exclamou Desi, estudando-me o rosto. — É Nick. Nick Dunne. Meu Deus, lamento imenso o sucedido com Amy. Entre, entre!

Levou-me até uma sala de estar austera, um retrato de masculinidade imaginado por um decorador. Muito cabedal escuro e

desconfortável. Indicou-me uma poltrona com umas costas particularmente rígidas; tentei pôr-me à vontade, como solicitado, mas descobri que a única postura que a cadeira permitia era a de um aluno alvo de reprimenda: Toma atenção e endireita as costas!

Desi não me perguntou por que razão estava na sala dele. Nem explicou como me tinha reconhecido de imediato. Embora as reações de espanto e os segredinhos ao ouvido fossem cada vez mais comuns.

— Posso arranjar-lhe uma bebida? — perguntou Desi, juntando as mãos: primeiro os negócios.

— Estou bem assim.

Sentou-se à minha frente. Estava impecavelmente vestido em tons de azul-marinho e bege; até os atacadores dos sapatos pareciam passados a ferro. Mas saía-se muito airosamente daquilo tudo. Não era o enfatuado dispensável de que eu estava à espera. Desi parecia a definição de um verdadeiro gentleman: um tipo capaz de citar um grande poeta, de pedir um uísque escocês raro e de comprar a joia antiga certa para uma mulher. Na verdade, parecia ser um homem que sabia muito bem o que as mulheres queriam — à frente dele, senti o meu fato definhar, os meus modos a ficarem desajeitados. Senti um impulso irresistível de falar de futebol e peidos. Eram sempre tipos como estes que me aborreciam.

— Amy. Alguma pista? — perguntou Desi.

Ele parecia-se com alguém que eu conhecia, talvez um ator.

— Nenhuma boa.

— Ela foi levada... de casa. Está correto?

— Sim, foi levada da nossa casa.

Foi nessa altura que percebi quem ele era: o tipo que tinha aparecido sozinho no primeiro dia de buscas, o tipo que estava sempre a lançar olhares furtivos para a fotografia de Amy.

— Esteve no centro de voluntários, não esteve? No primeiro dia.

— Estive — disse Desi, sensatamente. — Ia mesmo dizer isso. Quem me dera ter tido oportunidade de o conhecer nesse dia, para expressar as minhas condolências.

— É muito longe para se ter dado a esse trabalho.

— Podia dizer o mesmo de si — redarguiu, sorrindo. — Olhe, eu gosto muito de Amy. Quando soube o que tinha acontecido, senti que tinha de fazer alguma coisa. Eu... É horrível dizer isto, Nick, mas

quando vi a notícia, pensei simplesmente: É claro.

— É claro?

— É claro que alguém havia de querê-la — disse ele. Tinha uma voz profunda, uma voz quente. — Sabe como é, ela sempre foi assim. Sempre fez com que as pessoas a quisessem. Sempre. Conhece aquele velho clichê: os homens querem-na e as mulheres querem ser como ela. Com Amy, era assim.

Desi entrelaçou as suas grandes mãos em cima das calças. Não conseguia perceber se ele estava a gozar comigo. Disse a mim mesmo para ir com calma. É essa a regra de todas as entrevistas potencialmente melindrosas: não passar à ofensiva até ter mesmo de ser; ver primeiro se as pessoas se enterram sozinhas.

— Teve um relacionamento muito intenso com Amy, certo? — perguntei.

— Não era só por causa da aparência — disse Desi. Apoiou-se sobre um joelho, de olhar distante. — É claro que pensei muito nisto. Primeiro amor... é óbvio que pensei muito nisto. O umbiguista que há em mim. Demasiada filosofia. — O rosto abriu-se num discreto sorriso. As covinhas apareceram. — É que, quando Amy gosta de nós, quando está interessada em nós, a sua atenção é tão calorosa e tranquilizadora, completamente envolvente. Como um banho quente.

Franzi o sobrolho.

— Acompanhe o meu raciocínio — disse ele. — Sentimo-nos bem na nossa pele, talvez pela primeira vez. E, depois, ela vê os nossos defeitos, percebe que somos apenas mais uma das pessoas normais com quem tem de lidar, que somos na verdade o «Competente Andy» e que, na vida real, este nunca seria bem-sucedido junto da «Incrível Amy». Por isso, o seu interesse esmorece e nós deixamos de nos sentir bem, possivelmente voltamos a sentir aquela velha frialdade, como se estivéssemos deitados nus no chão da casa de banho e a única coisa que queremos é voltar para dentro do banho.

Eu conhecia aquela sensação — estava no chão da casa de banho há cerca de três anos — e senti uma onda de repugnância por partilhar aquela emoção com outro homem.

— Tenho a certeza de que sabe o que quero dizer — disse Desi e sorriu-me pestanejando.

Que homem mais estranho, pensei. Quem é que compara a mulher

de outro homem a um banho em que quer mergulhar? A mulher desaparecida de outro homem?

Por trás de Desi, havia uma mesa comprida e polida com várias fotografias em molduras de prata. Ao centro, estava uma em tamanho grande que mostrava Desi e Amy nos tempos de liceu, com o equipamento branco de jogar ténis — os dois tão absurdamente elegantes, tão luxuosamente ricos, que aquilo podia ser um fotograma de um filme de Hitchcock. Imaginei Desi, o Desi adolescente, a entrar sorrateiramente no dormitório de Amy, a deixar cair as roupas no chão, a enfiar-se nos lençóis frios e a engolir cápsulas. À espera de ser encontrado. Era uma forma de castigo, de raiva, mas não do género que acontecia em minha casa. Conseguia perceber porque é que a polícia não mostrava grande interesse. Desi seguiu a trajetória do meu olhar.

— Oh, não pode censurar-me por isso — disse, sorrindo. — Se fosse consigo, ia deitar fora uma fotografia tão perfeita como esta?

— De uma rapariga que não via há vinte anos? — repliquei antes de conseguir parar. Dei-me conta que o meu tom soou mais agressivo do que a sensatez impunha.

— Eu conheço Amy — disse Desi. Respirou fundo. — Conhecia-a. Conhecia-a muito bem. Não há pista nenhuma? Tenho de perguntar... O pai dela está... aí?

— Claro que sim.

— Não creio que... Ele estava mesmo em Nova Iorque quando isto aconteceu?

— Estava em Nova Iorque. Porquê?

Desi encolheu os ombros: Só por curiosidade, nenhuma razão em especial. Ficámos ali sentados em silêncio durante meio minuto, a jogar um jogo olhos nos olhos. Nenhum de nós pestanejou.

— Na verdade, vim até cá, Desi, para ver se me podia dizer alguma coisa.

Tentei outra vez imaginar Desi a subtrair Amy. Teria uma casa no lago, algures nas proximidades? Todos os tipos como ele tinham. Seria crível que aquele homem refinado e sofisticado mantivesse Amy em algum salão de jogos de uma cave de betinhos, com Amy a andar de um lado para o outro no tapete, e a dormir num sofá empoeirado de cor tipicamente anos 60, como amarelo-limão ou coral. Quem me dera

que Boney e Gilpin estivessem ali e tivessem testemunhado o tom possessivo da voz de Desi: Eu conheço Amy.

— Eu? — Desi riu-se. Ele tinha um riso rico. A frase perfeita para descrever o som. — Não posso dizer nada. Como você próprio disse, eu não a conheço.

— Mas ainda agora disse que conhecia.

— Certamente que não a conheço como você a conhece.

— Andava a persegui-la no liceu.

— A persegui-la? Nick, ela era minha namorada.

— Até deixar de ser — disse eu. — E, mesmo assim, não a largava.

— Oh, provavelmente sofri por causa dela. Mas nada fora do vulgar.

— Acha que é vulgar ter tentado suicidar-se no quarto que ela ocupava no dormitório?

Ele sacudiu a cabeça e semicerrou os olhos. Abriu a boca para falar, depois pregou os olhos nas mãos.

— Não sei de que é que está a falar, Nick — disse ele, finalmente.

— Estou a falar de andar a perseguir a minha mulher. No liceu e agora.

— É realmente disso que se trata? — Voltou a rir-se. — Santo Deus, pensava que andava a angariar dinheiro para uma recompensa ou coisa do género. Para o qual teria muito prazer em contribuir, já agora. Como disse, nunca deixei de querer o melhor para Amy. Se a amo? Não. Já não a conheço. Trocamos uma carta de vez em quando. Mas é interessante o facto de ter vindo até aqui. Está a confundir as coisas. Porque devo dizer-lhe, Nick, que nem na televisão, nem aqui, agora, dá ideia de ser um marido angustiado e preocupado. Parece antes... cheio de si. A propósito, a polícia já falou comigo, graças a si, creio eu. É estranho que não soubesse disso — seria de esperar que contassem tudo ao marido, se ele estivesse livre de suspeitas.

Senti um nó no estômago.

— Estou aqui porque queria ver por mim mesmo o seu rosto, quando falasse sobre Amy — disse eu. — E devo dizer-lhe que fico preocupado. Fica com um ar um bocadinho... sonhador.

— Um de nós tem de ficar — disse Desi, mais uma vez de forma sensata.

— Querido! — chamou uma voz ao fundo da casa, e outro par de sapatos caros fez-se ouvir em direção à sala de estar. — Qual era o

nome daquele livro...

A mulher era uma imagem desfocada de Amy, Amy num espelho embaciado pelo vapor — a mesma cor de pele, feições extremamente semelhantes, mas um quarto de século mais velha, com a carne e os traços um bocadinho descaídos, como um tecido fino. Ainda era bonita, uma mulher que optara por envelhecer graciosamente. As suas formas faziam lembrar uma espécie de criação em origâmi: os cotovelos pontiagudos, clavículas como um cabide. Trazia um vestido justo azul-porcelana e tinha o mesmo poder de atração que Amy: quando estava numa sala, estávamos sempre a virar a cabeça na sua direção. Brindou-me com um sorriso um tanto ou quanto predatório.

— Olá, sou Jacqueline Collings.

— Mãe, este é Nick, o marido de Amy — disse Desi.

— Amy. — A mulher voltou a sorrir. Tinha uma voz que parecia vir do fundo de um poço, profunda e estranhamente ressonante. — Temos andado muito interessados nessa história por aqui. Sim, muito interessados. — Virou-se friamente para o filho: — Nunca podemos deixar de pensar na magnífica Amy Elliott, pois não?

— Agora é Amy Dunne — disse eu.

— É claro — concordou Jacqueline. — Lamento imenso, Nick, aquilo por que está a passar. — Fitou-me por um momento. — Desculpe, devo... não imaginava Amy com um rapaz tão americano. — Não parecia estar a falar para mim, nem para Desi. — Santo Deus, ele até tem uma covinha no queixo.

— Passei por cá para ver se o seu filho tinha alguma informação — disse eu. — Sei que ele tem escrito muitas cartas à minha mulher ao longo dos anos.

— Oh, as cartas! — Jacqueline sorriu com irritação. — Que maneira tão interessante de passar o tempo, não acha?

— Amy partilhava-as consigo? — perguntou Desi. — Fico surpreendido.

— Não — repliquei, virando-me para ele. — Ela deitava-as sempre fora, por abrir.

— Todas elas? Sempre? Tem a certeza? — disse Desi, ainda a sorrir.

— Uma vez, fui ao lixo para ler uma. — Voltei-me novamente para Jacqueline. — Só para ver exatamente o que se estava a passar.

— Fez bem — disse Jacqueline, ronronando para mim. — Eu não

esperaria outra coisa do meu marido.

— Eu e Amy sempre escrevemos cartas um ao outro — disse Desi. Tinha a cadência da mãe, a dicção que indicava que tudo o que dizia era algo que queríamos ouvir. — Era uma coisa só nossa. Eu acho o e-mail tão... reles. E ninguém os guarda. Ninguém guarda um e-mail, por ser tão impessoal. Fico preocupado com a posteridade em geral. Todas as grandes cartas de amor, de Simone de Beauvoir a Sartre, de Samuel Clemens à sua mulher, Olivia, não sei, estou sempre a pensar no que se perderá...

— Guardaste todas as minhas cartas? — perguntou Jacqueline. Estava de pé, junto à lareira, a olhar para nós, enquanto passava o longo braço vigoroso pela parte de cima da lareira.

— É claro.

Ela virou-se para mim com um encolher de ombros elegante.

— Foi só por curiosidade.

Senti um arrepio, e estava prestes a esticar-me em direção à lareira, para me aquecer, quando me lembrei que estávamos em julho.

— Parece-me uma devoção um tanto estranha continuar a fazê-lo durante estes anos todos — disse eu. — Quer dizer, ela não lhe escrevia de volta.

Isso incendiou os olhos de Desi.

— Oh — foi a única coisa que disse, o som de alguém que viu um fogo de artifício surpresa.

— Parece-me estranho, Nick, que tenha vindo aqui inquirir Desi sobre o seu relacionamento, ou falta dele, com a sua mulher — disse Jacqueline Collings. — O senhor e Amy não são chegados? Posso garantir-lhe que Desi não tem qualquer contacto genuíno com Amy há décadas. Décadas.

— Estou apenas a verificar, Jacqueline. Às vezes, há coisas que temos de ver com os próprios olhos.

Jacqueline começou a encaminhar-se para a porta; virou-se e fez um pequeno gesto com a cabeça para me dizer que estava na altura de me ir embora.

— Que intrépido da sua parte, Nick. Muito faça você mesmo. Também constrói os seus próprios deques? — Ela riu-se ao dizer a palavra e abriu-me a porta. Olhei para a depressão no seu pescoço e perguntei-me por que razão não traria um colar de pérolas. As

mulheres como ela têm sempre grandes fiadas de pérolas que batem umas nas outras. Mas consegui sentir o seu cheiro, um odor feminino, vaginal e estranhamente lascivo.

— Foi interessante conhecê-lo, Nick — disse ela. — Vamos todos esperar que Amy volte para casa sã e salva. Até lá, da próxima vez que quiser entrar em contacto com Desi... — Enfiou-me um cartão de visita grosso e sedoso nas mãos. — Telefone ao nosso advogado, por favor.

Amy Elliott Dunne — 17 de Agosto de 2011

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Eu sei que isto parece coisa de miúdas adolescentes e sonhadoras, mas tenho andado a tomar nota do estado de espírito de Nick. Em relação a mim. Só para ter a certeza de que não estou maluca. Arranjei um calendário e ponho corações nos dias em que Nick parece amar-me outra vez, e quadrados pretos quando isso não acontece. No ano passado, ficou praticamente tudo cheio de quadrados pretos.

Mas agora? Nove dias de corações. Seguidos. Talvez ele só precisasse de saber o quanto eu o amava e como andava infeliz. Talvez tenha tido uma mudança de atitude, nunca gostei tanto de uma expressão.

Questionário: Após um ano de indiferença, de repente o seu marido parece amá-la outra vez. Você:

a) Fala sem parar sobre o quanto ele a magoou, para ele poder continuar a pedir desculpa;

b) Continua a ignorá-lo por mais uns tempos — para ele aprender a lição;

c) Não o pressiona acerca da sua nova atitude — sabe que ele lhe contará quando chegar a altura certa e, entretanto, cobre-o de afeto, para ele se sentir seguro e amado, pois é assim que funciona esta coisa do casamento;

d) Exige saber o que é que correu mal; obriga-o a falar longamente sobre isso, para acalmar as suas próprias neuroses.

Resposta: C

Estamos em agosto, um tempo tão sumptuoso que não conseguiria suportar mais quadrados pretos, mas não, tem sido só corações, com Nick a agir como meu marido, querido, amoroso e pateta. Encomenda chocolates da minha loja preferida em Nova Iorque para me oferecer, e escreve-me um poema tolo para lhes juntar. Na verdade, uma

quintilha humorística:

Era uma vez uma rapariga de Manhattan
Que só dormia sobre lençóis de cetim
O marido escorregava e deslizava
E os seus corpos colidiam
Por isso faziam algo obsceno em latim.

Seria mais divertido se a nossa vida sexual fosse tão descontraída como os versos sugerem. Mas, na semana passada, estivemos juntos. Algo mais romântico do que ter sexo, mas menos piroso do que fazer amor. Ele chegou a casa do trabalho, beijou-me na boca e tocou-me como se eu estivesse mesmo ali. Quase chorei, andava a sentir-me tão sozinha. Ser beijada nos lábios pelo nosso marido é a coisa mais decadente que existe.

E que mais? Leva-me para nadar no mesmo lago a que vai desde criança. Consigo imaginar o pequeno Nick a dar aos pés freneticamente, com o rosto e os ombros vermelhos do sol porque (tal como agora) se recusa a usar protetor solar, obrigando a mãe Mo a correr atrás dele com loção que ela lhe espalha em cima sempre que consegue apanhá-lo.

Tem-me levado a fazer o percurso completo dos seus lugares de infância, como eu lhe andava a pedir há séculos. Leva-me à beira-rio, e beija-me enquanto o vento me fustiga o cabelo («As duas coisas que mais gosto de ver no mundo inteiro», sussurra-me ele ao ouvido). Beija-me num curioso e pequeno forte de um parque infantil, que em tempos considerara a sede do seu clube («Sempre quis trazer aqui uma rapariga, uma rapariga perfeita, e olhem só para mim agora», sussurra ele ao meu ouvido). Dois dias antes de o centro comercial fechar de vez, andamos de carrossel, lado a lado, com as nossas gargalhadas a ecoar por quilómetros em redor.

Leva-me para comer um sundae à sua loja de gelados favorita, e temos o lugar por nossa conta de manhã, o ar pegajoso de tantos doces. Ele beija-me e diz-me que foi ali que gaguejou e sofreu ao longo de muitos encontros, e quem lhe dera poder ter dito ao miúdo de liceu que era na altura que um dia voltaria ali com a rapariga dos seus sonhos. Comemos gelado até termos de ir para casa para nos

enfiarmos debaixo das mantas. A mão dele em cima da minha barriga, uma sesta accidental.

É claro que a neurótica que há em mim está a perguntar: o que é que me estás a esconder? A reviravolta em Nick é tão súbita e tão grandiosa, que até parece... parece que deve querer alguma coisa. Ou que já fez alguma coisa e está a ser antecipadamente cativante para quando eu descobrir. Estou preocupada. Apanhei-o na semana passada a remexer na minha grossa pasta de arquivo que diz OS DUNNES! (escrito na minha caligrafia mais desenhada, em dias mais felizes), uma pasta cheia de toda a estranha papelada que compõe um casamento, uma vida conjunta. Fico com medo que ele me vá pedir uma segunda hipoteca sobre o Bar ou pedir dinheiro emprestado contra o valor do nosso seguro de vida, ou vender algumas ações em que não se devia mexer durante trinta anos. Ele disse que só se queria certificar de que estava tudo em ordem, mas disse-o em tom nervoso. A sério, o meu coração ficaria destroçado se, no meio desta doçura, ele se virasse para mim e dissesse: Sabes, o mais interessante em relação a uma segunda hipoteca é que...

Tinha de escrever isto, tinha de desabafar. E ao lê-lo, sei que parece uma loucura. Uma atitude neurótica, insegura e desconfiada.

Não vou deixar que o meu lado mais negro dê cabo do meu casamento. O meu marido ama-me. Ama-me e voltou para mim, e é por isso que me anda a tratar tão bem. É essa a única razão.

Assim, do nada: Aqui está a minha vida. Foi-me finalmente devolvida.

Nick Dunne — Desaparecida Há Cinco Dias

Sentei-me no meio das ondas de calor do meu carro, à porta da casa de Desi, de janelas abertas, e verifiquei o telefone. Uma mensagem de Gilpin: «Olá, Nick. Precisamos de entrar em contacto consigo hoje, para o pôr ao corrente de um certo número de coisas e para lhe fazer algumas perguntas. Venha ter connosco às quatro, em sua casa, está bem? Hum... obrigado.»

Era a primeira vez que me davam uma ordem. Nada de Será que podíamos, gostávamos muito de, se não se importa, mas sim Precisamos de. Venha ter connosco...

Olhei de relance para o relógio. Três horas. Era melhor não chegar atrasado.

O festival aéreo de verão — uma parada de aviões a jato e a hélice a fazerem acrobacias sobre o Mississípi, a zumbir sobre os barcos a vapor cheios de turistas a bater o dente — começava daí a três dias, e os ensaios estavam no auge quando Gilpin e Rhonda chegaram. Voltámos todos à minha sala de estar pela primeira vez desde O Dia De.

A minha casa ficava mesmo num corredor aéreo; o ruído era qualquer coisa entre um martelo pneumático e uma avalanche. Eu e os meus amigos polícias tentámos travar uma conversa nos intervalos entre as surtidas. Rhonda parecia mais inquieta do que o habitual — apoiando-se ora sobre uma perna, ora sobre a outra, com a cabeça a girar à volta da sala enquanto o seu olhar pousava em objetos e ângulos diferentes — como uma pega à procura de material para forrar o ninho. Gilpin mantinha-se junto dela, a morder o lábio, a bater o pé. Até a própria divisão parecia irrequieta: o sol do entardecer iluminava a agitação atómica dos grãos de poeira. Um jato passou sobre a casa, com aquele barulho horrível de rasgar o céu.

— Muito bem, temos umas quantas coisas... — disse Rhonda quando voltou o silêncio. Ela e Gilpin sentaram-se, como se ambos tivessem decidido de repente ficar ali algum tempo. — Temos umas quantas coisas que têm de ser esclarecidas e outras para lhe dizer. Faz tudo

parte da rotina. E, como sempre, se quiser um advogado...

Mas eu sabia, pelos programas de televisão, que só os culpados pediam advogado. Os maridos inocentes, realmente preocupados e aflitos, não o faziam.

— Não quero, obrigado — repliquei. — Na verdade, tenho algumas informações a partilhar convosco. Sobre o antigo perseguidor de Amy, o tipo com quem ela namorou nos tempos de liceu.

— Desi... hum, Collins — começou Gilpin.

— Collings. Eu sei que já falaram com ele, sei que por alguma razão não estão muito interessados nele, por isso fui visitá-lo pessoalmente. Para garantir que parecia estar tudo bem com ele. E não creio que esteja tudo bem. Acho que deviam investigá-lo a sério. Isto é, muda-se para St. Louis...

— Ele já morava há três anos em St. Louis quando vocês se mudaram para cá — disse Gilpin.

— Está bem, mas ele vive em St. Louis. É fácil chegar aqui. Amy comprou uma arma porque tinha medo...

— Está tudo bem com Desi, Nick. É um tipo simpático — disse Rhonda. — Não acha? Ele até me faz lembrar Nick. Rapazinho de ouro, benjamim da família.

— Eu sou gémeo. Não sou o benjamim. Na verdade, até sou três minutos mais velho.

Rhonda estava claramente a tentar provocar-me, a ver se conseguia um acesso de raiva, mas nem mesmo o facto de saber disso impedia a raiva de afluir ao meu estômago sempre que ela me acusava de ser uma criancinha.

— Seja como for — interrompeu Gilpin. — Tanto ele como a mãe negam que ele tenha alguma vez perseguido Amy, ou que tenha sequer tido grande contacto com ela nestes últimos anos, à exceção de uma nota ocasional.

— A minha mulher contar-vos-ia uma história diferente. Ele escreveu a Amy durante anos, anos, e, além disso, ele apareceu aqui para as buscas, Rhonda. Sabiam disso? Ele esteve aqui no primeiro dia. Vocês falaram em estarmos atentos a homens que se intrometessem na investigação...

— Desi Collings não é suspeito — interrompeu ela com uma mão no ar.

— Mas...

— Desi Collings não é suspeito — repetiu ela.

A notícia magoou-me. Eu queria acusá-la de se ter deixado influenciar por Ellen Abbott, mas, provavelmente, o melhor era não mencionar Ellen Abbott.

— Está bem, então e aqueles tipos todos que entupiram a nossa linha de informações? — Fui até à mesa da sala de jantar e agarrei na folha de nomes e números que tinha atirado descuidadamente lá para cima. Comecei a ler os nomes. — Homens que se intrometeram na investigação: David Samson, Murphy Clark, estes são antigos namorados, Tommy O'Hara, Tommy O'Hara, Tommy O'Hara, são três chamadas, Tito Puente, este não passa de uma piada estúpida.

— Já telefonou a algum deles? — perguntou Boney.

— Não. Não é esse o vosso trabalho? Eu não sei quais os que valem a pena e quais os que são doidos. Não tenho tempo para telefonar a um idiota qualquer que se faz passar por Tito Puente.

— Eu não daria grande importância à linha de informações, Nick — disse Rhonda. — É uma situação um bocadinho dúbia. Por exemplo, nós recebemos uma série de telefonemas das suas antigas namoradas. Só queriam dizer olá e saber como é que Nick estava. As pessoas são estranhas.

— Talvez devêssemos começar com as nossas perguntas — arriscou Gilpin.

— Certo. Bem, acho que devemos começar pelo sítio onde se encontrava na manhã em que a sua mulher desapareceu — disse Boney, num tom subitamente contristado e deferente. Estava a representar o papel de polícia bom, e ambos sabíamos que ela estava a representar esse papel. A menos que estivesse mesmo do meu lado. Às vezes, era possível ter um polícia do nosso lado. Ou não?

— Quando eu estava na praia.

— E ainda não se conseguiu lembrar de alguém que o tenha visto por lá? — perguntou Boney. — Ia ajudar-nos tanto se pudéssemos riscar esta coisinha da nossa lista. — Permitiu-se um silêncio compreensivo. Rhonda não só conseguia ficar calada, como conseguia impregnar a sala com o estado de espírito que quisesse, como um polvo e a sua tinta.

— Gostava tanto de me lembrar como vocês, acredite! Mas não. Não

me recordo de ninguém.

Boney esboçou um sorriso preocupado.

— É estranho, mencionámos a umas quantas pessoas — apenas de passagem — o facto de ter estado na praia, e todas elas disseram... Todas ficaram surpreendidas, vamos dizer assim. Disseram que isso não parecia coisa sua. Que não é amante de praia.

Encolhi os ombros.

— Ora, se me perguntar se vou à praia e fico por lá o dia todo, a resposta é não. Mas para bebericar o meu café de manhãzinha? Com certeza.

— Olhe, há uma coisa que pode ajudar — disse Boney, animada. — Onde é que comprou o café nessa manhã? — Virou-se para Gilpin, como que à procura de aprovação. — Pelo menos, podia reduzir a janela temporal, certo?

— Fi-lo aqui — respondi.

— Oh! — exclamou ela, franzindo o sobrolho. — Isso é estranho, porque não têm aqui café. Em lado nenhum da casa. Lembro-me de ter pensado que era estranho. Uma viciada em cafeína como eu repara nessas coisas.

Pois, apenas uma coisinha em que reparou por acaso, pensei. Conheci uma polícia chamada Bony Moronie... As suas armadilhas são tão óbvias, que são claramente forjadas...

— Tinha um copo de café que sobrara no frigorífico e aqueci-o. — Voltei a encolher os ombros: Nada de mais.

— Hum... Devia lá estar há muito tempo — reparei que não havia nenhum recipiente de café no lixo.

— Há uns dias. Continua a saber bem.

Ambos sorrimos mutuamente: Eu sei e tu sabes. Começou o jogo. Pensei mesmo nessa idiotice: Começou o jogo. No entanto, de certa forma estava satisfeito: ia começar a próxima parte.

Boney virou-se para Gilpin, de mãos nos joelhos, e fez um ligeiro aceno de cabeça. Gilpin mordeu mais um bocadinho o lábio, e depois lá acabou por apontar para a otomana, para a mesa de apoio, para a sala agora reposta no lugar.

— Bem, o nosso problema é o seguinte, Nick — começou ele. — Nós já vimos dúzias de invasões domiciliares...

— Dúzias e dúzias e dúzias — interrompeu Boney.

— Muitas invasões domiciliares. Esta... Toda esta área aqui na sala, lembra-se? A otomana de pernas para o ar, a mesa derrubada, a jarra no chão... — Pôs-me à frente uma fotografia da cena. — Toda esta área dava supostamente a sensação de ter havido uma luta, certo?

A minha cabeça expandiu-se e voltou ao lugar. Mantém a calma.

— Supostamente?

— Havia qualquer coisa de errado — prosseguiu Gilpin. — Desde o primeiro instante em que olhámos para ela. Para ser sincero, parecia tudo uma encenação. Em primeiro lugar, o facto de estar tudo concentrado num único ponto. Porque é que não havia mais nada desarrumado em lado nenhum, a não ser nesta sala? É estranho. — Exibiu outra fotografia, um grande plano. — E olhe para aqui, para este monte de livros. Deviam estar em frente da mesa de apoio... estavam empilhados em cima da mesa de apoio, certo?

Acenei afirmativamente.

— Portanto, quando a mesa de apoio foi derrubada, deveriam ter ficado espalhados, sobretudo, à sua frente, seguindo a trajetória da queda da mesa. Em vez disso, estão por trás dela, como se alguém os tivesse empurrado para o chão, antes de derrubar a mesa.

Fiquei a olhar para a fotografia feito parvo.

— E veja isto. Em minha opinião, isto é muito curioso — continuou Gilpin. Apontou para três molduras antigas e finas sobre a pedra da lareira. Bateu os pés com força e todas elas caíram de imediato com a parte da frente para baixo. — Mas, de alguma forma, ficaram em pé durante o que se passou.

Mostrou-me uma fotografia das molduras em pé. Eu tinha esperança — mesmo depois de me terem apanhado com a história do jantar no Houston's — que fossem polícias estúpidos, polícias tirados dos filmes, uns rústicos locais desejosos de agradar e que confiavam no seu contrerrâneo: Como queira, amigo. Mas não apanhei polícias estúpidos.

— Não sei o que querem que lhes diga — murmurei. — É completamente... Não sei o que pensar disso. Só quero encontrar a minha mulher.

— Também nós, Nick, também nós — disse Rhonda. — Mas ainda há outra coisa. A otomana... Lembra-se de como estava virada de pernas para o ar? — Deu uma palmada na otomana baixa, apontou para os

seus quatro pés em madeira, cada um com dois centímetros e meio de altura. — Está a ver, esta coisa tem o fundo mais pesado por causa destes pés minúsculos. A almofada assenta praticamente no chão. Tente fazê-la cair. — Eu hesitei. — Vá lá, tente! — incitou Boney.

Dei-lhe um empurrão, mas ela deslizou ao longo da alcatifa, em vez de se virar. Acenei com a cabeça. Concordei. Tinha o fundo mais pesado.

— A sério, baixe-se, se for preciso, e vire essa coisa ao contrário — ordenou Boney.

Ajoelhei-me, empurrei de ângulos cada vez mais baixos e, finalmente, pus uma mão por baixo da otomana e tentei virá-la. Mesmo assim, levantou-se, ficou com um lado no ar e voltou a cair no lugar; por fim, tive de agarrá-la e virá-la manualmente.

— Estranho, hum? — disse Boney, não parecendo muito desconcertada.

— Nick, fez alguma limpeza à casa no dia em que a sua mulher desapareceu? — perguntou Gilpin.

— Não.

— Está bem, é porque os técnicos fizeram um teste com luminol e lamento dizer-lhe que o chão da cozinha deu positivo. Foi derramada ali uma boa quantidade de sangue.

— Do tipo de Amy, B positivo — interrompeu Boney. — E não estou a falar de um pequeno corte, estou a falar de sangue a sério.

— Oh, meu Deus! — Senti uma concentração de calor no meio do peito. — Mas...

— Sim, portanto a sua mulher conseguiu sair desta sala — disse Gilpin. — Teoricamente, terá conseguido chegar à cozinha, de alguma forma — sem tocar nos bibelôs que estão em cima dessa mesa à entrada da cozinha — e depois caiu dentro da cozinha, onde perdeu muito sangue.

— E, a seguir, alguém o limpou com muito cuidado — disse Rhonda, observando-me.

— Espere! Espere! Porque é que alguém havia de tentar ocultar o sangue, e depois armar aquela confusão na sala...

— Havemos de descobrir, não se preocupe, Nick — disse Rhonda calmamente.

— Não estou a perceber, não...

— Vamos sentar-nos — disse Boney. Indicou-me uma cadeira da casa de jantar. — Já comeu alguma coisa? Quer uma sanduíche, alguma coisa?

Abanei a cabeça. Boney estava a representar alternadamente personagens femininas diferentes: mulher poderosa e cuidadora carinhosa, para ver qual delas obtinha melhores resultados.

— Como é que vai o seu casamento, Nick? — perguntou Rhonda. — Quer dizer, cinco anos, não falta muito para a crise dos sete anos.

— O casamento ia bem — repeti. — Vai bem. Não é perfeito, mas bom.

Ela franziu o nariz: Está a mentir.

— Pensa que ela pode ter fugido? — perguntei, demasiado esperançado. — Ter feito com que isto parecesse um cenário de crime e fugido? Tipo mulher em fuga?

Boney começou a enumerar as razões para não acreditar nisso.

— Ela não tem usado o telemóvel, não tem usado os cartões de crédito nem os cartões de multibanco. Não fez levantamentos significativos em dinheiro nas semanas anteriores.

— E há a questão do sangue — acrescentou Gilpin. — Volto a dizer que não quero parecer cruel, mas para aquela quantidade de sangue derramado seria preciso um grave... Quer dizer, não conseguiria fazer aquilo a mim mesmo. Estamos a falar de golpes profundos. A sua mulher tem nervos de aço?

— Sim, tem. — Também tinha uma profunda fobia ao sangue, mas ia esperar e deixar que aqueles brilhantes detetives descobrissem isso.

— Parece extremamente improvável — disse Gilpin. — Se ela infligisse a si própria ferimentos desta gravidade, por que razão havia de limpar o sangue?

— Portanto, vamos ser sinceros, Nick — disse Boney, inclinando-se sobre os joelhos para poder estabelecer contacto visual comigo, enquanto eu tinha os olhos pregados ao chão. — Como é que estava o seu casamento presentemente? Nós estamos do seu lado, mas precisamos de saber a verdade. A única coisa que joga contra si é sonegar-nos informações.

— Tínhamos as nossas divergências. — Vi Amy no quarto, naquela última noite, com o rosto cheio das manchas vermelhas com que ficava quando se enfurecia. Estava a cuspir as palavras — palavras

mesquinhas e agressivas — e eu ouvia-a, tentando aceitar as palavras porque eram verdadeiras, tudo o que ela dizia era tecnicamente verdadeiro.

— Descрева-nos essas divergências — disse Boney.

— Nada em particular, simplesmente não estávamos de acordo. Amy ferve em pouca água. Vai guardando uma série de pequenas coisas e, de repente, bum! Mas passa-lhe logo. Nunca fomos para a cama zangados.

— Nem quarta-feira à noite? — perguntou Boney.

— Nunca — menti.

— As vossas discussões são sobretudo acerca de dinheiro?

— Nem sequer consigo identificar a origem das nossas discussões. São apenas tolices.

— E qual foi a tolice na noite em que ela desapareceu? — Gilpin disse isto com um sorriso de lado, como se tivesse pronunciado o mais incrível apanhei-te!

— Como vos disse, houve a questão da lagosta.

— E que mais? Tenho a certeza de que não estiveram aos gritos por causa da lagosta durante uma hora inteira.

Nessa altura, Bleecker desceu as escadas até certo ponto e espreitou através do corrimão.

— Outras coisas relacionadas com o governo da casa. Coisas de casal. A caixa do gato — disse eu. — Quem é que ia limpar a caixa do gato.

— Então, estiveram a discutir aos gritos por causa da caixa do gato — disse Boney.

— Sabem como é, o princípio da coisa. Eu trabalho muitas horas e Amy não, e eu acho que seria bom para ela se fizesse alguns trabalhos básicos de manutenção caseira. Apenas manutenção básica.

Gilpin deu um salto como um inválido despertado de uma sesta a seguir ao almoço.

— Você é um tipo à moda antiga, certo? Eu também. Estou sempre a dizer à minha mulher: «Não sei passar a ferro, não sei lavar a louça. Não sei cozinhar. Por isso, querida, eu apanho os maus, isso sei eu fazer, e tu pões alguma roupa na máquina de vez em quando.»

Rhonda, tu já foste casada, eras tu que fazias as tarefas domésticas?

Boney pareceu verdadeiramente aborrecida.

— Eu também apanho os maus, meu idiota!

Gilpin revirou os olhos na minha direção; quase fiquei à espera que ele dissesse uma piada — parece que alguém está com o período! — de tal forma a sua reação foi exagerada.

Gilpin esfregou o queixo astuto.

— Então, queria apenas uma dona de casa — disse ele, fazendo a proposta parecer razoável.

— Eu queria... queria o que Amy quisesse. Na verdade, não me importava. — Apelei desta feita a Boney, à detetive Rhonda Boney de ar simpático, que parecia autêntico, pelo menos em parte. (Não é, recordei a mim mesmo.) — Amy não conseguia decidir o que fazer aqui. Não conseguia encontrar emprego e não estava interessada no Bar. Tudo bem, se queria ficar em casa, tudo bem, foi isso que eu lhe disse. Mas quando ficou em casa, também se sentia infeliz. E ficava à minha espera para remediar a situação. Era como se eu fosse responsável pela sua felicidade.

Boney não disse nada, o seu rosto tão inexpressivo quanto água.

— E a verdade é que até é divertido ser herói durante uns tempos, ser o cavaleiro branco, mas não funciona durante muito tempo. Eu não podia obrigá-la a ser feliz. Ela não queria ser feliz. Por isso, pensei que se ela comesse a encarregar-se de algumas questões de ordem prática...

— Como a caixa do gato — disse Boney.

— Sim, limpar a caixa do gato, comprar as mercearias, telefonar ao canalizador para reparar o gotejar que dá com ela em doida.

— Uau, isso parece um plano de felicidade e tanto! Muitas gargalhadas.

— Mas o meu objetivo era: faz alguma coisa. Seja lá o que for, mas faz alguma coisa. Tira partido da situação. Não fiques aí sentada à espera que eu te faça tudo. — Percebi que estava a falar em voz alta, num tom quase zangado, e com razões para isso, mas era um alívio tão grande. Tinha começado com uma mentira — a caixa do gato — e transformara isso numa explosão surpreendente de verdade pura. Nessa altura, percebi por que razão os criminosos falavam demasiado: era porque sabia bem contar a nossa história a um desconhecido, a alguém que não diria que eram tretas, a alguém obrigado a ouvir o nosso lado. (A alguém que fingia ouvir o nosso lado, corriji.)

— Então a mudança de volta ao Missouri — disse Boney. — Trouxe Amy para aqui contra a sua vontade?

— Contra a sua vontade? Não. Fizemos o que tínhamos de fazer. Eu não tinha emprego, Amy não tinha emprego, a minha mãe estava doente. Teria feito a mesma coisa por Amy.

— Fica-lhe bem dizer isso — murmurou Boney. E, de repente, fez-me lembrar exatamente Amy: as malditas réplicas em surdina, pronunciadas no nível certo para eu ter a certeza de que as ouvia, mas não poder jurar que assim fosse. E quando perguntava o que devia: O que é que disseste?, ela dizia sempre: Nada. Lancei um olhar furioso a Boney, de lábios cerrados, e depois pensei: Talvez isto faça parte do plano, para ver como é que reages perante mulheres zangadas e insatisfeitas. Tentei obrigar-me a sorrir, mas isso pareceu apenas provocar-lhe maior repulsa.

— E tem recursos para isto, quer Amy trabalhe ou não? Consegue aguentar-se em termos financeiros? — perguntou Gilpin.

— Temos tido alguns problemas de dinheiro, ultimamente — repliquei. — Quando nos casámos, Amy era rica, extremamente rica.

— Pois — disse Boney. — Aqueles livros da Incrível Amy.

— Sim, renderam uma fortuna nos anos 80 e 90. Mas o editor deixou de os publicar. Disse que Amy tinha chegado ao fim. E foi tudo por água abaixo. Os pais de Amy tiveram de nos pedir dinheiro emprestado para não irem ao fundo.

— Quer dizer, à sua mulher?

— Sim, está bem. E depois usámos a maior parte do que restava do fundo em depósitos de Amy para comprar o bar, e desde aí tenho sido eu a sustentar-nos.

— Então, quando se casou com Amy, ela era muito rica — disse Gilpin. Eu acenei afirmativamente. Estava a pensar na narrativa do herói: o marido que fica ao lado da mulher, durante o terrível declínio da situação financeira da família dela.

— Então, tinha um estilo de vida muito agradável.

— Sim, era ótimo, incrível.

— E agora ela está quase falida e Nick tem de lidar com um estilo de vida muito diferente daquele que tinha quando se casou. Daquele com que se comprometeu.

Percebi que a minha narrativa estava completamente errada.

— É porque nós andámos a investigar as suas finanças, Nick, e as perspectivas não são famosas — começou Gilpin, quase transformando a acusação numa preocupação.

— O Bar está a correr bem — disse eu. — Normalmente, um negócio novo leva três ou quatro anos para sair do vermelho.

— Foram os cartões de crédito que me chamaram a atenção — disse Boney. — Duzentos e doze mil dólares de dívida em cartões de crédito. Cortou-me a respiração. — Ela brandiu uma pilha de extratos a tinta vermelha na minha direção.

Os meus pais eram fanáticos em relação a cartões de crédito — só eram usados para fins especiais e liquidados na totalidade todos os meses. Não compramos aquilo que não podemos pagar, era esse o lema da família Dunne.

— Nós não... Eu, pelo menos, não... Mas não creio que Amy... Posso vê-los? — balbuciei, precisamente quando um bombardeiro em voo rasante fez vibrar os vidros das janelas. Uma planta em cima da pedra da lareira perdeu imediatamente cinco bonitas folhas roxas. Obrigados a estar em silêncio durante dez segundos trepidantes, todos nós vimos as folhas flutuarem até ao chão.

— Querem fazer-nos crer que aquele grande burburinho aconteceu aqui, mas não havia uma única pétala no chão, na altura — murmurou Gilpin, desgostoso.

Tirei os papéis a Boney e vi o meu nome, apenas o meu nome em várias versões — Nick Dunne, Lance Dunne, Lance N. Dunne, Lance Nicholas Dunne, numa dúzia de cartões de crédito diferentes, extratos que iam de 62,78 dólares a 45 602, 33, todos com vários graus de atraso, com ameaças concisas impressas em letras agoirentas no topo: PAGAR AGORA.

— Santo Deus! Isto é roubo de identidade ou coisa parecida! — disse eu. — Não são meus. Quer dizer, olhem só para algumas destas coisas: eu nem sequer jogo golfe. — Alguém tinha pago mais de sete mil dólares por um par de tacos. — Qualquer pessoa lhe poderá dizer: eu não jogo golfe. — Tentei fazer com que soasse a modéstia, mais outra coisa em que não sou bom, mas os detetives não morderam o isco.

— Conhece Noelle Hawthorne? — perguntou Boney. — A amiga de Amy que nos disse para investigarmos?

— Esperem, quero falar sobre as contas, porque não são minhas —

disse eu. — Por favor, estou a falar a sério, temos de localizar a origem.

— Nós tratamos disso, não há problema — disse Boney, imperturbável. — Noelle Hawthorne?

— Sim. Disse para a investigarem porque tem andado pela cidade a chorar por causa de Amy.

Boney ergueu uma sobrancelha.

— Parece zangado com isso.

— Não, como lhes disse, parece demasiado abatida, como se estivesse a fingir. De forma a dar nas vistas. À procura de atenção. Um bocadinho obcecada.

— Nós falámos com Noelle — disse Boney. — Diz que a sua mulher estava extremamente perturbada com o casamento, andava aborrecida com os problemas de dinheiro, receosa de que tivesse casado com ela por causa do dinheiro. Diz que a sua mulher andava preocupada com o seu temperamento.

— Não sei porque é que Noelle diria uma coisa dessas: não creio que ela e Amy tenham trocado mais de cinco palavras.

— Isso é curioso, porque a sala dos Hawthorne está coberta de fotografias de Noelle com a sua mulher. — Boney franziu o sobrolho. Eu também franzi o sobrolho: fotografias a sério dela com Amy?

Boney continuou:

— No jardim zoológico de St. Louis, em outubro passado, num piquenique com os trigêmeos, num passeio fluvial durante o fim de semana, em junho. Ou seja, no mês passado.

— Amy nunca pronunciou o nome Noelle desde que moramos aqui. Estou a falar a sério. — Analisei o meu cérebro em relação a junho passado e encontrei um fim de semana que tinha passado fora com Andie, tendo dito a Amy que ia fazer uma viagem só de rapazes a St. Louis. Quando regressara a casa, encontrara-a corada e furiosa, dizendo ter passado o fim de semana a ver maus programas de televisão e a ler livros enfadonhos na doca. E tinha estado num passeio fluvial? Não. Não conseguia imaginar algo que Amy gostasse menos do que a viagem de balsa típica do Midwest: cervejas a andar para cima e para baixo em malas térmicas atadas a canoas, música alta, rapazes da associação de estudantes embriagados, locais de acampamento salpicados de vômito. — Têm a certeza de que era a minha mulher nessas fotografias?

Eles entreolharam-se, como quem diz: Ele está a falar a sério?

— Nick — disse Boney. — Não temos nenhuma razão para pensar que a mulher que aparece nas fotografias e que é exatamente igual à sua mulher, e que Noelle Hawthorne, mãe de três filhos e a melhor amiga da sua mulher nesta cidade, diz ser a sua mulher não seja efetivamente a sua mulher.

— A sua mulher — devo dizer — com quem Nick, segundo Noelle, se casou por dinheiro — acrescentou Gilpin.

— Não estou a brincar — disse eu. — Nos dias que correm, qualquer pessoa pode manipular fotografias num computador portátil.

— Muito bem, portanto, há um minuto, tinha a certeza de que Desi Collings estava envolvido, e agora passou para Noelle Hawthorne — disse Gilpin. — Dá ideia que anda à procura de alguém que possa incriminar.

— Para além de mim? Sim, ando. Olhem, eu não casei com Amy pelo seu dinheiro. Deviam conversar mais com os pais de Amy. Eles conhecem-me, conhecem o meu carácter. — Eles não sabem tudo, pensei, com um nó no estômago. Boney estava a observar-me; parecia sentir pena de mim. Gilpin nem sequer parecia estar a ouvir.

— Tratou de aumentar o valor do seguro de vida da sua mulher para um milhão e duzentos mil dólares — disse Gilpin afetando cansaço. Até passou uma mão pelo rosto comprido e esguio.

— Foi Amy quem fez isso! — disse eu rapidamente. Ambos os polícias ficaram a olhar para mim, à espera. — Quer dizer, fui eu quem preencheu a papelada, mas a ideia foi de Amy. Ela insistiu. Juro que não queria saber disso para nada, mas Amy disse... disse que, dada a alteração do seu rendimento, fazia-a sentir-se mais segura ou coisa do género, ou que era uma decisão inteligente. Merda! Eu não sei, não sei por que razão ela quis fazer isso. Mas não fui eu que lhe pedi.

— Há dois meses, alguém fez uma pesquisa no seu computador portátil — continuou Boney. — Flutuação de corpo rio Mississípi. Pode explicar isso?

Respirei fundo duas vezes, nove segundos para me recompor.

— Meu Deus, isso era apenas uma ideia estúpida para um livro — disse. — Estava a pensar em escrever um livro.

— Hummm — disse Boney.

— Olhem, vou dizer-lhes o que acho que está a acontecer — comecei.

— Creio que há muita gente a assistir a esses programas noticiosos em que o marido é sempre o mau da fita que mata a mulher, e estão a verme através dessa lente, e há algumas coisas perfeitamente inocentes e normais que estão a ser deturpadas. Isto está a transformar-se numa caça às bruxas.

— É assim que explica aquelas contas nos cartões de crédito? — perguntou Gilpin.

— Já lhes disse que não consigo explicar essas malditas contas porque não tenho nada a ver com elas! O vosso maldito trabalho é descobrir de onde é que elas vieram!

Ficaram calados, lado a lado, à espera.

— O que é que está a ser feito presentemente para encontrar a minha mulher? — perguntei. — Que pistas andam a explorar para além de mim?

A casa começou a tremer, o céu rasgou-se e conseguimos ver pela janela das traseiras um jato a passar mesmo por cima do rio, importunando-nos com o seu zumbido.

— Um F-10 — disse Rhonda.

— Não, é demasiado pequeno — retorquiu Gilpin. — Tem de ser...

— É um F-10.

Boney inclinou-se na minha direção, de mãos entrelaçadas.

— O nosso trabalho é certificarmo-nos de que é completamente inocente, Nick — disse ela. — Eu sei que também é isso que quer. Agora, se nos pudesse ajudar a desmontar estas pequenas ratoeiras... porque é isso que são, estamos sempre a tropeçar nelas.

— Talvez esteja na altura de arranjar um advogado.

Os polícias entreolharam-se novamente, como se tivessem feito uma aposta.

Amy Elliott Dunne — 21 de Outubro de 2011

— ENTRADA DE DIÁRIO —

A mãe de Nick morreu. Não tenho podido escrever porque a mãe de Nick morreu e o filho ficou sem amarras. Gentil e tenaz Maureen! Andou de pé e a mexer-se até dias antes de morrer, recusando discutir qualquer tipo de abrandamento. «Quero apenas viver até não poder mais», dizia. Tinha começado a tricotar gorros para outras doentes que faziam quimioterapia (ela própria tinha dito basta basta basta após uma sessão, não havia interesse em prolongar a vida se isso significava «mais tubos»), por isso hei de recordá-la sempre rodeada de novelos de lã de cores vivas: vermelho, amarelo e verde, e os seus dedos a moverem-se, com as agulhas a bater umas nas outras, enquanto ela falava na sua voz de gato satisfeito, um ronronar profundo e sonolento.

Depois, numa manhã de setembro, acordou sem despertar realmente. Não era Maureen. Tinha ficado do tamanho de um passarinho de um dia para o outro, só rugas e esqueleto, os olhos a percorrerem o espaço, incapazes de reconhecer o que quer que fosse, incluindo ela própria. Por isso, a seguir veio o hospício, um lugar alegre e suavemente iluminado, com quadros de mulheres de gorro e colinas de abundância, máquinas de venda automática e pequenos cafés. O hospício não se destinava a pô-la boa ou a ajudá-la, mas apenas a garantir que ela morria de forma confortável, e foi o que aconteceu três dias mais tarde. De uma forma muito prosaica, da forma como Maureen teria querido (embora tenha a certeza de que ela teria revirado os olhos ao ouvir a frase: da forma como Maureen teria querido).

O velório foi modesto, mas agradável — com centenas de pessoas, e a irmã igual a ela vinda de Omaha a afadigar-se, como que por delegação de competências, servindo café e Baileys, distribuindo bolachas e contando histórias divertidas sobre Mo. Sepultámo-la numa manhã cálida e ventosa, com Go e Nick a ampararem-se um ao outro, enquanto eu ficava por perto, sentindo-me uma intrusa. Nessa

noite, na cama, Nick, de costas para mim, deixou-me pôr os braços à volta dele, mas passado alguns minutos levantou-se e sussurrou: «Tenho de apanhar ar» e saiu de casa.

A mãe sempre o estragara com mimos — insistia em ir lá a casa uma vez por semana, para nos passar a roupa a ferro, e quando acabava de passar, dizia: «Vou só ajudar a limpar» e, depois de se ir embora, eu ia ao frigorífico e descobria que ela tinha descascado e cortado a toranja para ele, posto os pedaços numa caixinha, e depois abria o pão e via que a côdea tinha sido toda retirada, cada fatia devolvida meia despida. Estou casada com um homem de trinta e quatro anos que continua a não gostar da côdea do pão.

Mas eu tentei fazer a mesma coisa nas primeiras semanas depois da mãe dele morrer. Tirava as côdeas ao pão, passava-lhe a ferro as t-shirts, fiz uma tarte de mirtilo pela receita da mãe. «Não preciso que me trates como uma criança, Amy, a sério!», disse ele a olhar para o pão de forma sem côdea. «Deixava a minha mãe fazê-lo porque isso a fazia feliz, mas eu sei que não gostas desse tipo de coisas.»

Portanto, voltámos aos quadrados pretos. Aquele Nick amável, carinhoso e apaixonado desapareceu. Nick impaciente, frustrado e furioso está de volta. É normal procurar o apoio do cônjuge em alturas difíceis, mas Nick parece ter-se afastado ainda mais. É um menino da mamã, cuja mamã morreu. Não quer ter nada a ver comigo.

Usa-me para fazer sexo quando precisa. Encosta-me a uma mesa ou sobre o fundo da cama e possui-me, em silêncio até aos últimos momentos, quando emite alguns grunhidos rápidos, e depois larga-me, pousa a mão nas minhas costas, o seu único gesto de intimidade, e diz qualquer coisa para dar a sensação de que se trata de um jogo: «És tão sexy que, às vezes, não consigo controlar-me.» Mas diz isto numa voz inerte.

Questionário: O seu marido, com quem partilhou outrora uma vida sexual maravilhosa, tornou-se distante e frio — só quer sexo à maneira dele e no tempo dele. Você:

- a) Recusa-se ainda mais a ter sexo — ele não vai ganhar este jogo!
- b) Chora e lamuria-se, exigindo respostas que ele não está pronto para dar, afastando-o ainda mais dessa forma;
- c) Tem fé que isto seja apenas uma fase menos boa num casamento

longo — ele está infeliz —, por isso tenta ser compreensiva e espera que passe.

Resposta: C. Certo?

Incomoda-me o facto de o meu casamento estar a desintegrar-se e eu não saber o que fazer. Os meus pais, ambos psicólogos, seriam a escolha óbvia para falar sobre isto, mas sou demasiado orgulhosa. Eles não seriam bons a dar conselhos matrimoniais: são almas gémeas, lembram-se? Para eles, não há vales, só cumes — uma única manifestação infindável de êxtase conjugal. Não posso dizer-lhes que estou a dar cabo da única coisa que me resta: o meu casamento. Haviam de arranjar maneira de escrever outro livro, uma censura ficcionada em que a «Incrível Amy» iria comemorar o casamento mais fantástico, perfeito e livre de problemas de sempre... porque se empenhou nisso.

Mas eu preocupo-me. O tempo todo. Sei que já sou demasiado velha para os gostos do meu marido. Porque eu costumava ser o seu ideal, há seis anos, e por isso ouvi os seus comentários impiedosos em relação a mulheres à beira dos quarenta: como as achava patéticas, demasiado aperaltadas, a exporem-se nos bares, sem consciência da sua falta de atractivos. Regressava de uma noite em que saíra para tomar uns copos, eu perguntava-lhe como é que era o bar, fosse ele qual fosse, e eram muitas as vezes que ele dizia: «Totalmente inundado de Causas Perdidas», o seu código para mulheres da minha idade. Na altura, com trinta e poucos, ria-me juntamente com ele, como se isso nunca viesse a acontecer comigo. Agora, sou a sua Causa Perdida e ele está preso a mim, e talvez seja por isso que anda tão zangado.

Tenho feito terapia com crianças pequenas. Vou até à casa da Noelle todos os dias e deixo os trigémeos acariciarem-me. As mãozinhas rechonchudas no meu cabelo, o hálito pegajoso no meu pescoço. Dá para perceber porque é que as mulheres estão sempre a ameaçar devorar os filhos: Está tão giro que até dá vontade de comer! Embora às vezes me custe ver os seus três filhos a esfregarem os olhos ainda com ramelas da sesta enquanto vão em passo hesitante ter com a mamã, com as suas mãozinhas a tocarem-lhe nos joelhos ou nos

braços como se fosse um porto de abrigo, como se soubessem que estão em segurança...

Ontem, tive uma tarde particularmente carente em casa de Noelle, talvez tenha sido por isso que fiz algo estúpido.

Nick chega a casa e dá comigo no quarto, de duche tomado, e não demora muito a encostar-me à parede e a entrar dentro de mim. Quando termina e me solta, consigo ver o beijo molhado da minha boca contra a tinta azul. Quando ele se senta, ofegante, na borda da cama, diz:

— Desculpa, mas precisava de ti.

Sem olhar para mim.

Vou até junto dele e ponho os braços à sua volta, fingindo que o que acabámos de fazer era normal, um ritual conjugal agradável, e digo:

— Tenho estado a pensar...

— Ah sim? Em quê?

— Bem, agora pode ser a altura certa para começar uma família e para tentar engravidar. — No preciso momento em que o digo, sei que é uma loucura, mas não consigo deixar de o fazer; transformei-me na alucinada que fica grávida porque isso irá salvar o seu casamento.

É uma experiência humilhante quando nos transformamos precisamente naquilo de que antes fazíamos troça.

Ele afasta-se de mim em sobressalto.

— Agora? Agora é a pior altura para começar uma família, Amy. Tu não tens emprego...

— Eu sei, mas de qualquer forma eu ia querer ficar em casa com o bebé nos primeiros tempos...

— A minha mãe acabou de morrer, Amy.

— E isto seria uma nova vida, um novo começo.

Ele agarra-me por ambos os braços e olha-me diretamente nos olhos pela primeira vez numa semana.

— Amy, eu acho que tu pensas que agora, que a minha mãe morreu, nós vamos voltar para Nova Iorque e ter bebés, e que vais recuperar a vida que tinhas antigamente. Mas nós não temos dinheiro suficiente. Mal temos dinheiro que chegue para vivermos os dois aqui. Nem imaginas a pressão que sinto, todos os dias, para remediar a embrulhada em que estamos metidos. Para conseguir o nosso sustento. Não sou capaz de o fazer para nós os dois e para mais uns

quantos filhos. Tu ias querer dar-lhes tudo o que tiveste e eu não posso. Nada de escolas particulares para os pequenos Dunnes, nada de aulas de ténis e violino, nada de colónias de verão. Ias detestar a nossa pobreza. Ias detestá-la.

— Não sou assim tão fútil, Nick...

— Achas mesmo que estamos no momento certo, agora, para ter filhos?

Foi o mais perto que estivemos de discutir o nosso casamento, e dá para ver que ele já está arrependido de ter falado.

— Estamos debaixo de muita pressão, querido — digo eu. — Tivemos uns quantos problemas e eu sei que muitos são culpa minha. Mas sinto-me tão perdida aqui...

— E então vamos ser um daqueles casais que tem um filho para salvar o casamento? Sim, porque isso resulta sempre muito bem...

— Vamos ter um filho porque...

Os seus olhos tornam-se escuros e caninos, e agarra-me novamente pelos braços.

— Não, Amy. Agora, não! Não aguento mais um bocadinho de stresse que seja. Não consigo lidar com mais uma preocupação. Estou a ir-me abaixo com tanta pressão. Vou dar em doido.

Por uma vez, sei que ele está a dizer a verdade.

Nick Dunne — Desaparecida Há Seis Dias

As primeiras quarenta e oito horas são fulcrais em qualquer investigação. Por esta altura, Amy já tinha desaparecido há quase uma semana. Naquela noite, haveria uma vigília com velas no Parque Tom Sawyer que, segundo a imprensa, era «um dos lugares favoritos de Amy Elliott Dunne». (Desconhecia que Amy alguma vez tivesse posto os pés naquele parque; apesar do nome, não é minimamente pitoresco. Genérico, sem árvores, com uma caixa de areia que está sempre cheia de fezes de animais; é completamente anti-Twain.) Nas últimas vinte e quatro horas, a história tinha-se propagado a nível nacional — estava em toda a parte, de um momento para o outro.

Deus abençoe os fiéis Elliotts. Marybeth telefonou-me ontem à noite, quando estava a tentar recuperar do interrogatório bombástico da polícia. A minha sogra tinha visto o programa Ellen Abbott e declarara que a mulher era uma «pega das audiências, uma oportunista». Mesmo assim, tínhamos passado a maior parte do dia de hoje a definir uma estratégia para lidar com os meios de comunicação.

Os meios de comunicação (o meu antigo clã, a minha gente!) estavam a modelar a sua história e adoravam abordá-la pelo prisma da Incrível Amy e do casal de longa data, os Elliotts. Não havia comentários desagradáveis sobre o desmantelamento da coleção ou da quase bancarrota dos autores — neste momento, era só sentimentalismo barato para com os Elliotts. Os meios de comunicação adoravam-nos.

A mim, nem por isso. Já andavam a desenterrar motivos de preocupação. Não só as coisas que tinham transpirado — o facto de eu não ter álibi, a possibilidade de o cenário de crime ter sido «encenado» —, mas também traços de personalidade. Relataram que, nos tempos de liceu, nunca tinha namorado nenhuma rapariga durante mais do que alguns meses e que era claramente um mulherengo. Descobriram que o meu pai estava em Comfort Hill e que eu raramente o visitava e, por conseguinte, era um ingrato que votara o pai ao abandono. «É um problema — eles não gostam de ti», dizia Go após cada cobertura noticiosa. «É um verdadeiro problema, Lance.» Os meios de

comunicação tinham ressuscitado o meu primeiro nome, que eu detestava desde a escola primária e que abafava no início de cada ano letivo, quando o professor fazia a chamada: «É Nick, eu respondo por Nick!» Era o ritual do primeiro dia de aulas, cada vez que chegávamos a setembro: «É Nick, eu respondo por Nick!» Havia sempre algum miúdo armado em esperto que passava o intervalo a pavonear-se com ar pretensioso e a dizer com vozinha delicada: «Olá, eu sou o Laaaance.» Depois, o assunto era novamente esquecido até ao ano seguinte.

Mas não agora. Agora, estava por todo o lado nas notícias, a receada sentença dos três nomes reservada aos assassinos da pior espécie — Lance Nicholas Dunne — e não havia ninguém que eu pudesse interromper.

Rand e Marybeth Elliott, Go e eu fomos todos à vigília no mesmo carro. Desconhecia a quantidade de informações que os Elliotts andavam a receber, quantas malditas atualizações sobre o seu genro. Sabia que eles estavam ao corrente da «encenação»: «Vou mandar lá umas pessoas da minha confiança e irão dizer precisamente o contrário — que era claramente um cenário de luta», disse Rand, cheio de confiança. «A verdade é maleável; só precisamos de escolher o perito certo.»

Rand desconhecia as outras coisas — os cartões de crédito, o seguro de vida, o sangue e Noelle, a implacável melhor amiga da minha mulher, com as suas malditas acusações: abuso, ganância, medo. Ela ia aparecer no Ellen Abbott daquela noite, depois da vigília. Noelle e Ellen podiam mostrar mutuamente a sua aversão por mim a quem estivesse a assistir ao programa.

Nem toda a gente sentia repulsa por mim. Na semana anterior, o negócio do Bar tinha florescido. Centenas de clientes enfiados lá dentro para bebericar umas cervejas e depenicar pipocas no local que era propriedade de Lance Nicholas Dunne, o eventual assassino. Go teve de contratar quatro novos rapazes para servir no Bar; ela tinha passado por lá uma vez e disse que não era capaz de lá voltar, não suportava ver aquilo tão cheio, malditos mirones, espíritos mórbidos, a beber as nossas bebidas e a trocar histórias sobre mim. Era asqueroso. De qualquer forma, raciocinava Go, o dinheiro seria útil

se...

Se. Amy tinha desaparecido há seis dias, e todos estávamos a pensar nos ses.

Aproximámo-nos do parque no carro silencioso, à exceção do constante tamborilar das unhas de Marybeth no vidro.

— Quase parece um encontro de dois casais — riu-se Rand, num riso que raiava o histérico: agudo e estridente. Rand Elliott, psicólogo dotado, autor de best-sellers, amigo de toda a gente, estava a ir-se abaixo. Marybeth tinha recorrido à automedicação: shots de bebidas transparentes administrados com absoluta precisão, suficientes para acalmar os nervos, mas não para perder a lucidez. Por outro lado, Rand estava literalmente a perder a cabeça; quase esperava vê-la saltar disparada dos ombros, na ponta de uma mola daquelas caixas surpresa — cucuuuuu! A natureza tagarela de Rand tinha-se tornado maníaca: mostrava-se desesperadamente dado com toda a gente que conhecia, abraçando polícias, repórteres, voluntários. Era particularmente chegado ao nosso «elemento de ligação» no Days Inn, um miúdo desajeitado e tímido chamado Donnie, que Rand gostava de arrelhar ao mesmo tempo que o informava disso. «Ah, é só para te arrelhar, Donnie», dizia ele, e Donnie desfazia-se num sorriso alegre.

«Será que aquele miúdo não pode obter validação noutro lugar?», resmunguei uma noite destas para Go. Ela disse que eu sentia ciúmes de a minha figura paterna gostar mais de outra pessoa. E sentia.

Marybeth deu umas palmadinhas nas costas de Rand, enquanto caminhávamos em direção ao parque, e eu pensei em como gostava que alguém me fizesse aquilo, um toque rápido, e de repente deixei escapar um soluço arquejante, um rápido gemido choroso. Precisava de alguém, mas não tinha a certeza se era de Andie ou de Amy.

— Nick! — disse Go, erguendo uma mão em direção ao meu ombro, mas eu repeli-a.

— Desculpa. Uau! Desculpa lá isto — disse eu. — Que ataque mais estranho, muito pouco próprio dos Dunnes.

— Não há problema. Ambos estamos a ficar um bocadinho perdidos — disse Go e desviou o olhar. Desde que descobrira a minha situação — ou seja, aquilo que tínhamos passado a chamar a minha infidelidade — tinha-se afastado um pouco, o seu olhar estava agora distante e o

seu rosto constantemente pensativo. Eu fazia um grande esforço para não ficar ressentido com isso.

Quando entrámos no parque, as equipas de televisão estavam por todo o lado, não só locais, mas a nível nacional. Os Dunnes e os Elliotts caminharam ao longo do perímetro da multidão, com Rand a sorrir e a acenar como um dignitário de visita. Boney e Gilpin apareceram quase de imediato e foram atrás de nós como perdigueiros amigáveis; estavam a tornar-se familiares, parte da mobília, e era claramente essa a ideia. Boney vestia a mesma roupa que usava em qualquer evento público: uma sensata saia preta, uma blusa às riscas cinzentas, um travessão de cada lado do cabelo escorrido. Arranjei uma miúda chamada Bony Moronie... A noite estava quente; debaixo de cada axila de Boney, havia uma mancha de transpiração. Ela até sorriu para mim, como se no dia anterior as acusações — eram acusações, não eram? — não tivessem existido.

Eu e os Elliotts subimos os degraus até um palco improvisado e instável. Olhei para trás, para a minha gémea, e ela acenou-me e imitou o gesto de quem respira fundo, e eu lembrei-me de respirar. Havia centenas de rostos virados para nós, juntamente com máquinas fotográficas a disparar os seus flashes. Não sorrias, disse para comigo. Não sorrias.

A minha mulher observava-me da linha da frente, constituída por dúzias de t-shirts a dizer Encontrem Amy.

Go tinha dito que eu precisava de fazer um discurso («Precisas de mostrar o teu lado humano, e rápido»), por isso foi o que fiz, fui até ao microfone. Estava demasiado baixo, dava-me pelo meio da barriga, e ainda me debati com ele durante alguns segundos, conseguindo elevá-lo apenas dois ou três centímetros, o tipo de avaria que normalmente me deixaria furioso, mas eu já não podia enfurecer-me em público, por isso respirei fundo, inclinei-me e li as palavras que a minha irmã tinha escrito para mim: «A minha mulher, Amy Dunne, está desaparecida há quase uma semana. Não é possível transmitir-vos a angústia que a nossa família sente, o buraco fundo que o desaparecimento de Amy deixou nas nossas vidas. Amy é o amor da minha vida, é o coração da sua família. Para aqueles que ainda não a conhecem, digo-vos que é divertida, encantadora e gentil. É sensata e calorosa. É a minha companheira e parceira em todos os aspetos.»

Levantei os olhos para a multidão e, como que por magia, avistei Andie, com uma expressão desgostosa no rosto, por isso voltei rapidamente a olhar para as minhas notas.

«Amy é a mulher junto de quem quero envelhecer e sei que isso irá acontecer.»

PAUSA. RESPIRA. NÃO SORRIAS. Go tinha mesmo escrito estas palavras no meu cartão. Acontecer, acontecer, acontecer. A minha voz ecoou através dos altifalantes, rolando em direção ao rio.

«Pedimos que nos contactem, se tiverem alguma informação. Esta noite, vamos acender velas, na esperança que ela volte depressa para casa, sã e salva. Amo-te, Amy.»

Eu olhava para todo o lado, menos para Andie. O parque cintilava com as velas. Dever-se-ia observar um momento de silêncio, mas havia bebês a chorar, e havia um sem-abrigo trôpego que estava sempre a perguntar: «Eh, o que é isto? Para que é?», e alguém lhe sussurrava o nome de Amy e ele dizia ainda mais alto: «O quê? É para quê?»

Do meio da multidão, Noelle Hawthorne começou a avançar, com os trigêmeos atrelados, um escarranchado numa anca, e os outros dois agarrados à saia, todos ridiculamente minúsculos para um homem que não passava tempo nenhum ao pé de crianças. Noelle abriu caminho para passar com os filhos entre a multidão até chegar à beira do pódio, onde olhou para mim. Eu lancei-lhe um olhar furioso — a mulher tinha-me difamado — e depois reparei pela primeira vez na sua barriga protuberante e percebi que estava novamente grávida. Fiquei boquiaberto por um segundo — quatro filhos com menos de quatro anos, Deus nos acuda! — e mais tarde aquela expressão seria analisada e debatida, com a maior parte das pessoas a pensar que resultava de um golpe duplo de raiva e medo.

— Olá, Nick. — A sua voz foi captada pelo microfone semierguido e chegou à assistência.

Comecei a remexer no microfone, mas não consegui encontrar o botão para desligar.

— Só queria ver a sua cara — disse ela, desatando a chorar. Um soluço lacrimoso chegou novamente às pessoas ali presentes, todas a seguir aquilo com muita atenção. — Onde é que ela está? O que é que fez à Amy? O que é que fez à sua mulher?

Mulher, mulher, ecoou a sua voz. Dois dos seus filhos, alarmados, começaram a chorar.

Noelle estava a chorar tanto que não conseguiu falar por um segundo. Estava descontrolada, furiosa, e agarrou no suporte do microfone e puxou-o para o seu nível. Ainda pensei se deveria recuperá-lo, mas sabia que não podia fazer nada contra aquela mulher vestida de grávida e com três crianças. Perscrutei a multidão, à procura de Mike Hawthorne — controle a sua mulher —, mas não o vi em lado nenhum. Noelle virou-se, para se dirigir à multidão.

— Sou a melhor amiga de Amy! — Amiga, amiga, amiga. As palavras ressoaram por todo o parque, juntamente com as lamentações dos filhos. — Apesar dos meus esforços, a polícia não parece levar-me a sério. Por isso, venho apresentar a nossa causa a esta cidade, esta cidade que Amy adorava e que, por sua vez, a adorava a ela! Este homem, Nick Dunne, precisa de responder a algumas perguntas. Precisa de nos dizer o que é que fez à mulher!

Boney partiu como uma seta da parte lateral do palco para a alcançar. Noelle virou-se e ambas se olharam olhos nos olhos. Boney fez um movimento frenético em direção à garganta da outra: Para de falar!

— À sua mulher grávida!

E já ninguém conseguia ver as velas, pois os flashes disparavam como loucos. Ao meu lado, Rand fez um barulho como o silvo de um balão a perder ar. Lá em baixo, Boney pôs os dedos entre as sobrancelhas, como que a estancar uma dor de cabeça. Eu via toda a gente em instantâneos frenéticos que igualavam a minha pulsação.

Olhei para a multidão, à procura de Andie, vi-a a olhar fixamente para mim, o rosto rosado e contorcido, as faces molhadas, e quando nos olhámos olhos nos olhos, ela articulou «Idiota!» e afastou-se aos tropeções por entre a multidão.

— É melhor irmos embora. — Era a minha irmã, que aparecera de repente ao meu lado, a sussurrar-me ao ouvido e a puxar-me pelo braço. As máquinas fotográficas disparavam os flashes na minha direção, enquanto eu estava ali especado, como um monstro qualquer de Frankenstein, receoso e perturbado pelos archotes dos aldeões. Flash, flash. Começámos a andar, dividindo-nos em duas partes: eu e a minha irmã a fugir para o carro de Go, os Elliotts especados de boca

aberta, sobre o estrado, deixados para trás, entregues à sua sorte. Os repórteres atiraram-me com a pergunta vezes sem conta. Nick, Amy estava grávida? Nick, ficou aborrecido por causa de Amy estar grávida? E eu a sair rapidamente do parque, a baixar a cabeça como se tivesse sido apanhado por granizo: grávida, grávida, grávida, com a palavra a pulsar na noite de verão ao compasso das cigarras.

Amy Elliott Dunne — 15 de Fevereiro de 2012

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Que tempo estranho este. Tenho de pensar assim, tentar analisar as coisas com algum distanciamento: ha-ha, que período esquisito para recordar... Vai ser engraçado, quando tiver oitenta anos, vestida de lavanda desmaiada, e for uma figura sensata e divertida a beber martinis, isto dará cá uma história! Uma história estranha e horrível de algo a que eu sobrevivi.

Porque há alguma coisa de horrivelmente errado com o meu marido, disso tenho agora a certeza. Sim, está de luto pela mãe, mas isto é algo mais. Parece que me é dirigido, não é uma tristeza, mas... consigo senti-lo a observar-me às vezes, e eu levanto os olhos e vejo o seu rosto contorcido de desgosto, como se me tivesse surpreendido a fazer alguma coisa horrível e não a comer cereais de manhã ou a pentear o cabelo à noite. Tem andado tão zangado, tão instável. Tenho andado a pensar se a sua disposição não estará ligada a qualquer coisa física — uma dessas alergias ao trigo que enlouquecem as pessoas, ou uma colónia de esporos de bolor que se tenha alojado no seu cérebro.

Na noite passada, desci as escadas e dei com ele sentado à mesa da sala de jantar, com a cabeça entre as mãos, a olhar para um monte de contas dos cartões de crédito. Fiquei a ver o meu marido, sozinho, sob o holofote de um lustre. Tinha vontade de ir ter com ele, de me sentar ao seu lado, para encontrarmos uma solução como parceiros. Mas não o fiz, sabia que isso o deixaria aborrecido. Às vezes, pergunto-me se será isso que está na origem da sua aversão por mim: ele deixou-me ver os seus defeitos e detesta-me por saber quais são.

Ele empurrou-me. Com força. Há dois dias, empurrou-me e eu caí e bati com a cabeça na ilha da cozinha e fiquei sem ver durante três segundos. Na realidade, não sei o que dizer sobre isso. Foi mais chocante do que doloroso. Estava a dizer-lhe que podia arranjar um emprego, alguma coisa como freelance, para podermos começar uma família, ter uma vida a sério...

— E o que é que tu chamas a isto? — disse ele.

Purgatório, pensei. Fiquei calada.

— E o que é que tu chamas a isto, Amy? Hum? O que é que chamas a isto? Isto não é vida, segundo a menina «Incrível»?

— Não é a minha ideia de vida — repliquei. Ele deu três passadas em direção a mim, e eu pensei: Parece que me vai... E depois empurrou-me e eu caí.

Ambos ficámos a arfar. Ele segurou o punho com a outra mão e deu a sensação de ir chorar. Estava mais do que arrependido, estava horrorizado. Mas há uma coisa que quero esclarecer: eu sabia o que estava a fazer. Eu estava a espicaçá-lo de todas as formas. Estava a vê-lo ficar cada vez mais tenso — queria que ele, finalmente, dissesse alguma coisa, fizesse alguma coisa. Mesmo que seja mau, mesmo que seja o pior, faz alguma coisa, Nick. Não me deixes aqui como um fantasma.

Só não percebi que ele ia fazer aquilo.

Nunca tinha pensado no que faria se o meu marido me atacasse, porque não pertenço propriamente à classe das mulheres maltratadas (Eu sei, cenas da vida real, eu sei: a violência atravessa todas as barreiras socioeconómicas. Mas, mesmo assim: Nick?) Pareço uma fala-barato. Mas é que parece tão incrivelmente ridículo: sou uma mulher maltratada. Incrível Amy e o abusador doméstico.

Ele pediu desculpa profusamente. (Alguém faz alguma coisa profusamente, sem ser pedir desculpa? Suar, acho eu.) Ele concordou em pensar na hipótese de aconselhamento, o que era algo que eu nunca pensara poder vir a acontecer. O que é bom. Ele é um homem tão bom, lá no fundo, que estou disposta a esquecer, a acreditar que se tratou realmente de uma anomalia sinistra, desencadeada pela tensão em que nos encontramos. Por vezes, esqueço-me que Nick sente tanto stress quanto eu: carrega o fardo de me ter trazido para aqui, sente a tensão de querer que a minha melancolia se transforme em contentamento, e para um homem como Nick — que acredita intensamente num tipo de felicidade à custa do próprio esforço — isso pode ser enfurecedor.

Por isso, o forte empurrão, tão rápido, não me assustou em si mesmo. Aquilo que me assustou foi a expressão do seu rosto enquanto eu estava no chão a pestanejar e com a cabeça a zumbir. Foi a expressão do seu rosto, enquanto ele se controlava para não me voltar

a bater. O quanto queria voltar a empurrar-me. A dificuldade que tinha em não o fazer. A forma como tem olhado para mim desde essa altura: culpa e aversão pela culpa. Absoluta aversão.

E aqui vai a parte mais tenebrosa. Ontem, fui de carro até ao centro comercial, onde praticamente meia cidade compra drogas, e é tão fácil como aviar uma receita; sei disso porque Noelle me contou: o marido dela vai lá para comprar o charro ocasional. Mas eu não queria um charro, queria uma arma, para o caso de ser precisa. Para o caso das coisas com Nick correrem mesmo mal. Só quando já estava a chegar é que me apercebi que era dia de São Valentim. Era dia de São Valentim e eu ia comprar uma arma e depois cozinhar o jantar para o meu marido. E pensei para comigo: O pai de Nick tinha razão em relação a ti. És uma cabra estúpida. Porque se pensas que o teu marido te vai fazer mal, vais-te embora. E, no entanto, não és capaz de deixar o teu marido, que está de luto pela mãe. Não és capaz. Tinhas de ser uma mulher biblicamente horrível para fazeres uma coisa dessas, a não ser que alguma coisa corresse mesmo mal. Terias mesmo de acreditar que o teu marido te ia fazer mal.

Mas eu não creio que Nick me fizesse mal.

Mas sentir-me-ia mais segura com uma arma.

Nick Dunne — Desaparecida Há Seis Dias

Go empurrou-me para dentro do carro e arrancou para sair do parque. Passámos a toda a velocidade por Noelle, que ia a andar com Boney e Gilpin em direção ao carro de patrulha, com os trigêmeos cuidadosamente vestidos aos tropeções atrás dela, como fitas de papagaio. Fizemos chiar os pneus ao passar pela multidão: centenas de rostos, um pontilhismo de raiva dirigido à minha pessoa. Fugimos, basicamente. Tecnicamente.

— Uau, que cilada — murmurou Go.

— Cilada? — repeti sem conseguir raciocinar.

— Achas que aquilo foi um acidente, Nick? A Cabra dos Trigêmeos já prestou depoimento à polícia. Não falou nada sobre a gravidez.

— Ou então estão a largar as bombas aos bocadinhos de cada vez.

Boney e Gilpin já tinham sabido que a minha mulher estava grávida e decidiram fazer disso uma estratégia. Era óbvio que acreditavam realmente que eu a tinha morto.

— A Noelle vai estar em todos os programas de televisão por cabo, durante a próxima semana, a dizer que tu és um assassino e que ela é a melhor amiga de Amy à procura de justiça. Pega à procura de publicidade. Maldita pega à procura de publicidade.

Encostei o rosto ao vidro da janela e recostei-me no banco. Havia várias carrinhas de órgãos noticiosos no nosso encalço. Seguimos em silêncio, e a respiração de Go começou a abrandar. Eu olhei para o rio, onde um ramo de árvore seguia o seu caminho para sul.

— Nick! — disse ela finalmente. — É... hum... Achas...

— Não sei, Go. Amy não me disse nada. Se estava grávida, porque é que havia de contar a Noelle e a mim não?

— Porque é que havia de tentar arranjar uma arma e não te contar? — disse Go. — Nada disto faz sentido.

Retirámo-nos para casa de Go — as equipas de televisão iam precipitar-se para o pé da minha casa — e assim que passei a porta o meu telemóvel tocou, o verdadeiro. Eram os Elliotts. Inspirei um pouco de ar, enfiei-me no meu antigo quarto e depois atendi.

— Preciso de te perguntar isto, Nick. — Era Rand com a televisão como barulho de fundo. — Preciso que me digas. Sabias que Amy estava grávida?

Fiz uma pausa, tentando encontrar a forma certa de expressar a improbabilidade de uma gravidez.

— Responde-me, porra!

O volume de Rand fez-me falar mais baixinho. Falei numa voz suave e tranquilizadora, uma voz vestida com casaco de lã.

— Nós não andávamos a tentar uma gravidez, Rand. Ela não queria engravidar, Rand, e não sei se alguma vez isso iria acontecer. Nós nem sequer... nem sequer tínhamos relações com muita frequência. Ficaria... muito surpreendido se ela estivesse grávida.

— Noelle disse que Amy tinha ido ao médico para confirmar a gravidez. A polícia já fez uma intimação para constar nos autos. Iremos saber esta noite.

Fui dar com Go na sala, sentada com uma chávena de café frio à mesa de jogo da minha mãe. Virou-se para mim apenas o suficiente para mostrar que sabia que eu estava ali, mas não me deixou ver-lhe o rosto.

— Porque é que continuas a mentir, Nick? — perguntou. — Os Elliotts não são o teu inimigo. Não deverias ao menos dizer-lhes que eras tu quem não queria filhos? Porque é que hás de fazer de Amy a má da fita?

Engoli novamente a raiva. O meu estômago ficou quente com ela.

— Estou exausto, Go. Caramba! Temos de fazer isto agora?

— Achas que vamos encontrar uma altura melhor?

— Eu queria filhos. Tentámos durante um tempo, mas não tivemos sorte. Até começámos à procura de tratamentos de fertilidade. Mas depois Amy decidiu que não queria ter filhos.

— Disseste-me que eras tu que não querias.

— Estava a tentar mostrar boa cara.

— Oh, espantoso, outra mentira — disse Go. — Não tinha percebido que eras tão... O que estás a dizer, Nick, não faz sentido. Eu estava lá, no jantar de comemoração do Bar e a mãe percebeu mal, pensou que vocês iam anunciar que estavam à espera de bebé e isso fez Amy chorar.

— Bem, não consigo explicar tudo o que Amy alguma vez fez, Go.

Não sei por que diabo ela chorou dessa maneira, há um ano atrás. Está bem?

Go deixou-se estar sentada em silêncio, com a luz alaranjada da iluminação pública a criar um halo tipo estrela de rock à volta do seu perfil.

— Isto vai ser um verdadeiro teste para ti, Nick — murmurou ela, sem olhar para mim. — Sempre tiveste problemas com a verdade, arranjas sempre uma mentirinha, se pensas que isso pode evitar uma discussão a sério. Sempre optaste pelo caminho mais fácil. Dizer à mãe que ias para o treino de basebol, quando na realidade tinhas saído da equipa; dizer à mãe que ias à igreja, quando tinhas ido ao cinema. É uma estranha compulsão.

— Isto é muito diferente de basebol, Go.

— É muito diferente. Mas continuas a pregar mentirinhas, como um miúdo. Continuas a ansiar que toda a gente te julgue perfeito. Nunca queres ser o mau da fita. Por isso, dizes aos pais de Amy que ela não queria filhos. Por isso, não me dizes que andas a enganar a tua mulher. Juras que os cartões de crédito em teu nome não são teus, juras que estavas a andar pela praia, quando detestas praia, juras que o teu casamento era feliz. Neste momento, não sei no que hei de acreditar.

— Estás a brincar, certo?

— Desde que Amy desapareceu, não tens feito outra coisa senão mentir. Isso deixa-me preocupada com o que se está a passar.

Silêncio total por um momento.

— Go, estarás a dizer o que penso que estás a dizer? Porque se é assim, alguma coisa morreu entre nós.

— Lembras-te daquele jogo que estavas sempre a jogar com a mãe, quando éramos pequenos? Continuavas a gostar de mim, se...? Continuavas a gostar de mim, se eu batesse na Go? Continuavas a gostar de mim, se eu roubasse um banco? Continuavas a gostar de mim, se eu matasse alguém?

Eu não disse nada. A minha respiração estava a tornar-se demasiado ofegante.

— Eu continuava a gostar de ti — disse Go.

— Go, precisas mesmo que to diga?

Ela ficou calada.

— Eu não matei Amy.

Ela ficou calada.

— Acreditas em mim? — perguntei.

— Eu gosto de ti.

Ela pôs a mão no meu ombro, foi para a casa de banho dela e fechou a porta. Esperei para ver a luz acender-se lá dentro, mas continuou apagada.

Dois segundos mais tarde, o meu telemóvel tocou. Desta vez, era o descartável, de que precisava de me livrar e não podia, porque tinha sempre, mas sempre, de atender Andie. Uma vez por dia, Nick. Precisamos de falar uma vez por dia.

Dei-me conta que estava a ranger os dentes.

Respirei fundo.

Lá longe, na ponta da cidade, estavam os restos mortais de um forte do Velho Oeste, agora transformado em mais um parque onde ninguém ia. A única coisa que restava era a torre de vigia em madeira, de dois andares, rodeada de escorregas e baloiços enferrujados. Eu e Andie tínhamo-nos encontrado uma vez ali, procurando o corpo um do outro na sombra da torre de vigia.

Dei três grandes voltas pela cidade no antigo carro da minha mãe, para ter a certeza de que não estava a ser seguido. Era uma loucura ir lá — ainda não eram dez horas —, mas eu deixara de ter uma palavra a dizer nos nossos encontros. Preciso de te ver, Nick, esta noite, agora mesmo, caso contrário juro que perco a cabeça. Quando parei o carro junto ao forte, apercebi-me do seu carácter remoto e do que isso significava: Andie continuava disposta a encontrar-se comigo num lugar solitário e sem luz, comigo, o assassino da mulher grávida. Quando caminhava em direção à torre através do denso matagal, conseguia ver apenas o seu perfil na minúscula janela da torre de madeira.

Ela vai ser a minha perdição. Fiz o resto do caminho em passo acelerado.

Uma hora mais tarde, estava na minha casa infestada de paparazzi, à espera. Rand disse que saberiam antes da meia-noite se a minha mulher estava ou não grávida. Quando o telefone tocou, agarrei-o de

imediatamente, para descobrir que era apenas de Comfort Hill. O meu pai tinha desaparecido outra vez. A polícia tinha sido notificada. Como sempre, falaram como se o burro fosse eu. Se isto voltar a acontecer, vamos ter de pôr termo à estadia do meu pai connosco. Senti um arrepio revoltante: o meu pai a vir viver comigo — dois filhos da mãe patéticos e irritados — daria certamente a pior comédia de amigos do mundo. O fim seria um homicídio seguido de suicídio. Ba-dum-dum! Deem a deixa para os risos pré-gravados.

Estava a desligar o telefone e a espreitar o rio pela janela de trás — mantém a calma, Nick — quando avistei uma figura junto ao abrigo dos barcos. Pensei que devia ser algum repórter perdido, mas depois reconheci qualquer coisa naqueles punhos cerrados e nos ombros tensos. Comfort Hill ficava a trinta minutos de distância, a pé, vindo sempre a direito pela River Road. De alguma forma, tinha-se lembrado da nossa casa, quando não era capaz de se lembrar de mim.

Saí para a escuridão e vi-o a balouçar um pé sobre a margem, olhando fixamente para o rio. Menos sujo do que antes, embora tivesse um cheiro ácido a suor.

— Pai! O que é que estás a fazer aqui? Está toda a gente preocupada.

Ele olhou-me com os seus olhos castanho-escuros, uns olhos vivos, sem aquela cor leitosa que alguns velhos adquirem. Teria sido menos desconcertante se fossem dessa cor.

— Ela disse-me para vir — disse ele bruscamente. — Ela disse-me para vir. Esta casa é minha, posso vir sempre que quiser.

— Fez este caminho todo a pé?

— Posso vir aqui sempre que quiser. Tu podes odiar-me, mas ela gosta de mim.

Quase me ri. Até o meu pai estava a reinventar a relação que tinha com Amy.

Alguns fotógrafos que estavam no relvado da parte da frente começaram a disparar as suas máquinas. Tinha de levar o meu pai de volta ao lar. Podia imaginar o artigo que iriam escrever para acompanhar estas imagens exclusivas: que tipo de pai era Bill Dunne, que tipo de homem criou? Santo Deus, se o meu pai comesse com uma das suas arengas contra as cabras... Marquei o número de Comfort Hill e, depois de alguma insistência, enviaram uma enfermeira para o ir buscar. Fiz questão de me exibir a acompanhá-lo

gentilmente até ao carro, murmurando de forma tranquilizadora enquanto os fotógrafos tiravam os seus instantâneos.

O meu pai. Sorri quando ele se foi embora. Tentei parecer um filho muito orgulhoso. Os repórteres perguntaram-me se matei a minha mulher. Estava a retirar-me para dentro de casa quando chegou um carro da polícia.

Foi Boney que veio a minha casa, desafiando os paparazzi, para me contar. Fê-lo gentilmente, num tom suave.

Amy estava grávida.

A minha mulher tinha desaparecido com o meu bebé dentro dela. Boney observou-me, à espera da minha reação — para a descrever no relatório da polícia — por isso, disse para mim mesmo: Age como deve ser, não estragues tudo, age como se espera que um homem aja quando ouve esta notícia. Pus a cabeça entre as mãos e murmurei: Oh, meu Deus!, Oh, meu Deus!, e enquanto o fazia, vi a minha mulher no chão da nossa cozinha, com as mãos à volta da barriga e a cabeça desfeita.

Amy Elliott Dunne — 26 de Junho de 2012

— ENTRADA DE DIÁRIO —

Nunca me senti tão viva em toda a minha vida. O dia está azul e luminoso, os pássaros andam doidos com o calor, o rio lá fora jorra aos borbotões e eu estou completamente viva. Assustada, excitada, mas viva.

Esta manhã, quando acordei, Nick tinha desaparecido. Sentei-me na cama a olhar para o teto, a ver o sol dourá-lo trinta centímetros de cada vez, a ouvir os passarinhos a cantar do lado de fora da nossa janela, e senti vontade de vomitar. A minha garganta fechava-se e abria-se como um coração. Disse a mim mesma que não ia vomitar, depois corri para a casa de banho e vomitei: bílis, água quente e uma pequena ervilha. Enquanto o meu estômago se contraía, os meus olhos lacrimejavam e eu sentia dificuldade em respirar, comecei a fazer o único tipo de matemática que uma mulher faz, debruçada sobre uma sanita. Ando a tomar a pílula, mas tinha-me esquecido um dia ou dois — o que é que isso importa, tenho trinta e oito anos, tomo a pílula há quase duas décadas. Não vou engravidar de forma acidental.

Encontrei os testes atrás de um painel de vidro fechado à chave. Tive de ir atrás de uma mulher atarefada, com bigode, para abrir a vitrina e apontar para o que queria, enquanto ela esperava impacientemente. Passou-mo para as mãos com um olhar clínico e disse: «Boa sorte.»

Eu não sabia o que seria boa sorte: se o sinal mais, se o sinal menos. Guiei até casa e li as instruções três vezes, segurei a vareta no ângulo certo durante o número de segundos correto e, depois, pousei-a na borda do lavatório e fugi como se fosse uma bomba. Tinha de esperar três minutos, por isso liguei a rádio e, é claro, estava a passar uma canção de Tom Petty — haverá alguma vez que se ligue a rádio e não esteja a dar uma canção de Tom Petty? —, por isso cantei a letra toda de «American Girl» e a seguir esgueirei-me novamente para a casa de banho, como se tivesse de apanhar o teste de surpresa, com o coração a bater mais descompassado do que devia, e estava grávida.

De repente, estava a correr pelo relvado e pela rua abaixo e a bater à

porta de Noelle. Quando ela abriu, desatei a chorar, mostrei-lhe a vareta e berrei: «Estou grávida!»

E depois, havia mais alguém a saber, além de mim, e senti-me assustada.

Quando cheguei a casa, tinha dois pensamentos.

Primeiro: o aniversário do nosso casamento é na semana que vem. Vou usar as pistas como cartas de amor, com um bonito berço de madeira antigo à espera no final. Vou convencê-lo de que devemos estar juntos. Como uma família.

Segundo: quem me dera ter conseguido arranjar aquela arma.

Agora, às vezes, fico assustada quando o meu marido chega a casa. Há umas semanas, Nick pediu-me para ir andar na jangada com ele, flutuar ao sabor da corrente debaixo do céu azul. Eu até pus as mãos à volta do pilar da nossa escada em caracol quando ele me pediu isto, agarrei-me a ele. Porque tive uma imagem dele a fazer oscilar a jangada — primeiro a brincar, a rir-se do meu pânico, e depois com uma expressão tensa e determinada, e eu a cair na água, naquela água castanha lamacenta, cheia de paus e areia, e ele em cima de mim, a segurar-me lá debaixo com um braço forte até eu parar de me debater.

Não consigo evitar. Nick casou comigo quando eu era uma mulher jovem, rica e bonita, e agora sou pobre, desempregada e estou mais perto dos quarenta do que dos trinta. Já não sou apenas bonita, sou bonita para a minha idade. É verdade: o meu valor diminuiu. Consigo ver pela forma como Nick olha para mim. Mas não é o olhar de um tipo que ficou a perder numa aposta honesta. É o olhar de um homem que se sente enganado. Em breve, pode passar a ser o olhar de um homem que está encurralado. Ele era capaz de se ter divorciado de mim antes do bebé, mas nunca o faria agora, não o bonzinho do Nick. Ele não suportaria que as pessoas desta cidade de valores familiares pensassem que ele é o tipo de homem capaz de abandonar a mulher e o filho. Prefere ficar e sofrer comigo. Sofrer, ficar ressentido e enfurecer-se.

Não vou fazer um aborto. Faz hoje seis semanas que tenho o bebé na barriga, do tamanho de uma lentilha, e já lhe estão a crescer os olhos, os pulmões e as orelhas. Há umas horas, fui à cozinha e encontrei um recipiente com leguminosas secas que Maureen me tinha dado para fazer a sopa favorita de Nick, e tirei uma lentilha e pu-la em cima da

bancada. Era mais pequena do que a unha do meu mindinho, minúscula. Não suportei deixá-la em cima da bancada fria, por isso agarrei nela e segurei-a na palma da mão e fiz-lhe festinhas com a pontinha de um dedo. Agora, está no bolso da minha t-shirt, para estar perto de mim.

Não vou fazer um aborto e não me vou divorciar de Nick, pelo menos para já, porque ainda me consigo lembrar de como ele mergulhava no oceano num dia de verão e fazia o pino, com as pernas a balouçar fora de água, e voltava a pôr-se de pé com a concha mais bonita para me dar, e eu deixava os meus olhos ficarem encandeados pelo sol, fechava-os e via as cores a piscar como pingos de chuva no interior das minhas pálpebras, enquanto Nick me beijava com lábios salgados e eu pensava: Tenho tanta sorte em ter este marido, este homem vai ser o pai dos meus filhos. Vamos todos ser tão felizes.

Mas posso estar enganada. Posso estar muito enganada. Porque, às vezes, a forma como ele olha para mim? Aquele rapaz meigo da praia, o homem dos meus sonhos, o pai do meu filho? Apanho-o a olhar para mim com aqueles olhos vigilantes, os olhos de um inseto, calculismo puro, e penso: Este homem é capaz de me matar.

Portanto, se encontrarem isto e eu estiver morta, bem...

Desculpem, não tem graça.

Nick Dunne — Desaparecida Há Sete Dias

Estava na altura. Precisamente às oito da manhã, hora Central, nove em Nova Iorque, agarrei no telefone. Não havia dúvida de que a minha mulher estava grávida. Não havia dúvida de que eu era o principal — e único — suspeito. Ia arranjar um advogado, hoje, e ia ser precisamente o advogado que eu não queria e precisava em absoluto.

Tanner Bolt. Uma necessidade sinistra. Deem uma vista de olhos a qualquer dos canais jurídicos, aos programas de crimes reais, e o rosto artificialmente bronzeado de Tanner Bolt irá aparecer, indignado e preocupado em nome da aberração de cliente que está a representar. Tornou-se famoso aos trinta e quatro anos por representar Cody Olsen, o proprietário de um restaurante em Chicago acusado de estrangular a mulher em adiantado estado de gravidez e de despejar o seu corpo num aterro. Cães farejadores de cadáveres detetaram esse cheiro no porta-bagagens do Mercedes de Cody; uma busca ao seu computador portátil revelou que alguém tinha imprimido um mapa do aterro mais próximo na manhã em que a mulher de Cody desaparecera. Nada mais fácil. Quando Tanner Bolt terminou, toda a gente — o departamento da polícia, dois membros de um gang da zona oeste de Chicago, o mal-humorado segurança de um clube — estava implicada, exceto Cody Olsen, que saiu da sala de audiências e pagou cocktails a toda a gente.

Na década que se seguiu, Tanner Bolt tinha ficado conhecido como o Falcão dos Maridos — a sua especialidade era mergulhar a pique sobre casos importantes, para representar homens acusados de assassinar as suas mulheres. Era bem-sucedido metade das vezes, o que não era mau, tendo em conta que os casos eram normalmente muito adversos, os acusados suscitavam pouca simpatia — vigaristas, narcisistas, sociopatas. A outra alcunha de Tanner Bolt era Defensor de Imbecis.

Eu tinha entrevista marcada para as duas da tarde.

«Daqui fala Marybeth Elliott. Por favor, deixe uma mensagem, que eu telefono de imediato...», disse ela numa voz igual à de Amy. Amy, que não ia regressar de imediato.

Eu segui a toda a velocidade para o aeroporto, para apanhar um avião para Nova Iorque e encontrar-me com Tanner Bolt. Quando pedi autorização a Boney para sair da cidade, ela pareceu divertida: Os polícias não fazem isso, na realidade. Isso é só na televisão.

«Olá, Marybeth, é outra vez Nick. Estou ansioso por falar convosco. Queria dizer-lhes... hum, eu não sabia mesmo da gravidez, estou tão chocado como vocês devem estar... hum, além disso, vou contratar um advogado, é só para saberem. Creio que o Rand até já tinha sugerido isso. Pronto, de qualquer forma... sabem que não tenho jeito para mensagens. Espero que me telefonem.»

O escritório de Tanner Bolt ficava no centro, a pouca distância do local onde eu costumava trabalhar. O elevador fez-me subir rapidamente vinte e cinco andares, mas era tão suave que só tive a certeza de estar em movimento quando os meus ouvidos deram um estalo. No vigésimo sexto andar, entrou uma loura carrancuda com um fato de executiva. Bateu impacientemente o pé, à espera que as portas se fechassem, e depois perguntou-me: «Porque é que não prime o botão para fechar?» Brindei-a com o sorriso que faço para mulheres petulantes, o sorriso iluminado, aquele que Amy designava como o «adorado sorriso à Nicky», e a mulher reconheceu-me. «Oh!», exclamou. Ficou com ar de quem tinha cheirado alguma coisa rançosa. Pareceu pessoalmente vingada quando saí no andar de Tanner.

Aquele tipo era o melhor, e eu precisava do melhor, mas também não gostava de ser associado a ele de alguma forma — aquele monte de esterco, aquele exibicionista, aquele advogado de culpados. Detestava antecipadamente Tanner Bolt de tal forma que esperava que o seu escritório se parecesse com um cenário de Miami Vice. Mas o Bolt & Bolt era precisamente o contrário — era digno, próprio de advogados. Por trás de portas de vidro impecavelmente limpas, pessoas vestindo bons fatos transitavam atarefadamente entre gabinetes.

Um homem jovem e bem-parecido com uma gravata da cor de fruta tropical cumprimentou-me e fez-me sentar na área da receção, toda ela vidros e espelhos, e ofereceu-me água num gesto grandioso (recusei), depois voltou para a sua secretária reluzente e agarrou num telefone reluzente. Fiquei sentado no sofá, a olhar para a linha do horizonte, com gruas a subir e a descer como pássaros mecânicos.

Depois, tirei do bolso a última pista de Amy e desdobrei-a. Cinco anos, bodas de madeira. Seria esse o prémio final da caça ao tesouro? Alguma coisa para o bebé: um berço entalhado em carvalho, um chocalho de madeira? Alguma coisa para o nosso bebé e para nós, para começar de novo, os Dunnes reformulados.

Go telefonou enquanto eu ainda estava a olhar para a pista.

— Está tudo bem entre nós? — perguntou ela de imediato.

A minha irmã pensava que eu podia ser o assassino da minha mulher.

— Está tudo tão bem quanto é possível voltar a estar, tendo em conta o que se passou.

— Nick, desculpa. Telefonei para te pedir desculpa — disse Go. — Acordei e senti-me totalmente louca. E horrivelmente mal. Perdi a cabeça. Foi uma coisa momentânea. Peço sinceramente desculpa, a sério!

Fiquei calado.

— Tens de me dar um desconto, Nick, por causa do cansaço e do stresse e... Desculpa... a sério.

— Está bem — menti.

— Mas, na verdade, até estou contente. Serviu para desanuviar...

— Não há dúvida de que estava grávida.

O meu estômago deu uma volta. Voltei a sentir-me como se tivesse esquecido alguma coisa de crucial. Tinha descurado algo e ia pagar por isso.

— Lamento — disse Go. Esperou alguns segundos. — A verdade dos factos é...

— Não consigo falar sobre isso. Não consigo.

— Está bem.

— Na verdade, estou em Nova Iorque — disse eu. — Tenho hora marcada com Tanner Bolt.

Ela deixou sair um sopro de ar sibilante.

— Graças a Deus. Conseguiste marcar com essa rapidez?

— É para que vejas como o meu caso é lixado. — Tinha sido passado de imediato a Tanner, fiquei à espera uns três segundos, depois de dizer o meu nome, e quando lhe contei sobre o interrogatório efetuado na minha sala e sobre a gravidez, ele ordenou-me que apanhasse o próximo avião.

— A modos que estou assustado — acrescentei.

— Estás a fazer a coisa mais acertada. A sério.

Outra pausa.

— O nome dele não pode ser mesmo Tanner Bolt, pois não? — disse eu, tentando aligeirar a conversa.

— Ouvi dizer que é um anagrama para Ratner Tolb.

— A sério?

— Não.

Eu ri-me, uma sensação imprópria, mas boa. Depois, do outro lado da sala, o anagrama veio na minha direção — fato preto às risquinhas e gravata verde-lima, sorriso de tubarão. Avançava de mão estendida, em modo de selar acordo.

— Nick Dunne, eu sou Tanner Bolt. Venha comigo, vamos pôr mãos à obra.

O gabinete de Tanner Bolt parecia projetado para se parecer com a sala de um clube de um campo de golfe exclusivo para homens — cadeiras de cabedal confortáveis, prateleiras cheias de livros de leis, um fogão de sala a gás com as chamas a bruxulear por causa do ar condicionado. Sente-se, fume um charuto, queixe-se da sua mulher, diga umas quantas piadas duvidosas, aqui somos só homens.

Bolt optou deliberadamente por não se sentar atrás da sua secretária. Conduziu-me em direção a uma mesa de duas pessoas, como se fôssemos jogar xadrez. Isto é uma conversa entre nós, parceiros, disse Bolt sem ter de o dizer. Vamos sentar-nos na nossa mesinha da sala de guerra e vamos a isso.

— Senhor Dunne, o pagamento à cabeça praticado por mim é de cem mil dólares. É muito dinheiro, obviamente. Por isso, quero ser claro em relação àquilo que ofereço e àquilo que espero de si, está bem?

Fitou-me sem pestanejar, com um sorriso simpático, e esperou que eu acenasse afirmativamente. Só Tanner Bolt podia dar-se ao luxo de me obrigar a mim, um cliente, a apanhar um avião para ir ter com ele, e depois dizer-me que tipo de dança precisaria de dançar para lhe dar o meu dinheiro.

— Eu ganho, senhor Dunne, ganho casos impossíveis, e o caso que, segundo creio, irá enfrentar em breve é... não quero tratá-lo de forma

condescendente, mas é bem difícil. Problemas de dinheiro, casamento conturbado, mulher grávida. Os meios de comunicação viraram-se contra si, o público virou-se contra si.

Ele fez girar um anel de sinete na mão direita e esperou que eu lhe mostrasse que estava a ouvir. Sempre ouvira a frase: Aos quarenta, um homem usa o rosto que ganhou. O rosto quarentão de Bolt estava bem cuidado, quase livre de rugas, agradavelmente cheio de ego. Estava ali um homem confiante, o melhor na sua área, um homem que gostava da sua vida.

— Não haverá mais entrevistas policiais sem a minha presença — estava Bolt a dizer. — É algo que lamento imenso que tenha feito. Mas mesmo antes de entrarmos na parte jurídica, precisamos de começar a lidar com a opinião pública, pois da forma como as coisas estão a correr, temos de partir do princípio que tudo irá transpirar: os seus cartões de crédito, o seguro de vida, o local do crime alegadamente encenado, o sangue limpo com esfregona. As coisas estão feias, meu amigo. Por isso, isto é um círculo vicioso: os polícias pensam que é o culpado, dão conhecimento disso ao público. O público fica indignado, exige uma detenção. Portanto, primeiro: temos de encontrar um suspeito alternativo. Segundo: temos de continuar a ter o apoio dos pais de Amy, nunca será demais insistir nesse ponto. E terceiro: temos de tratar da sua imagem, porque se isto for a julgamento, isso irá influenciar o banco de jurados. A mudança de jurisdição já não significa nada — televisão por cabo durante vinte e quatro horas, Internet, a sua jurisdição é o mundo inteiro! Por isso, é fundamental começar a dar a volta a isto tudo.

— Eu também gostava que isso acontecesse, pode crer.

— Como é que estão as coisas com os pais de Amy? Será possível conseguir que façam uma declaração de apoio?

— Não falei com eles desde que se confirmou que Amy estava grávida.

— Está grávida. — Tanner franziu o sobrolho. — Está. Ela está grávida. Nunca, mas nunca mencione a sua mulher no pretérito.

— Merda! — Apoio o rosto na palma da mão por um segundo. Nem sequer tinha reparado no que dissera.

— Não tenha essas preocupações aqui comigo — disse Bolt, agitando a mão no ar de forma magnânima. — Mas em qualquer outro lugar,

preocupe-se. Preocupe-se e muito! Daqui em diante, não quero que abra a boca, se não tiver pensado bem no que vai dizer. Então, não tem falado com os pais de Amy. Não gosto disso. Presumo que tem tentado entrar em contacto com eles?

— Deixei algumas mensagens.

Bolt rabiscou qualquer coisa num bloco de apontamentos amarelo.

— Muito bem, temos de partir do princípio que isso são más notícias para nós. Mas precisa de os encontrar. Não em nenhum lugar público, onde algum idiota que tenha um telemóvel com câmara vos possa filmar; não podemos ter outro momento Shawna Kelly. Ou então mande a sua irmã numa missão de reconhecimento, para ver o que se passa. Na verdade, faça isso, que é melhor.

— Está bem.

— Preciso que me faça uma lista, Nick, de todas as coisas bonitas que fez por Amy ao longo dos anos. Coisas românticas, sobretudo neste último ano. Fez-lhe canja de galinha quando ela esteve doente, ou enviou-lhe cartas de amor quando estava numa viagem de negócios. Nada demasiado vistoso. Não quero saber de joias, a menos que vocês as tenham comprado quando estavam de férias ou coisa do género. Precisamos de coisas verdadeiramente pessoais, coisas de filme romântico.

— E se eu não for o homem típico dos filmes românticos?

Tanner mordeu os lábios.

— Arranje alguma coisa, está bem, Nick? Parece boa pessoa. Tenho a certeza de que fez alguma coisa amável neste último ano.

Não me ocorria uma única coisa decente que tivesse feito nos últimos dois anos. Em Nova Iorque, naqueles primeiros anos de casamento, andava desesperado por agradar à minha mulher, para voltar àqueles dias de pernas bambas em que ela corria através do estacionamento de uma drogaria e saltava para os meus braços, uma comemoração espontânea da laca que tinha comprado. O rosto dela encostado ao meu o tempo todo, os olhos azuis e brilhantes arregalados e as pestanas louras a prenderem-se nas minhas, o calor do seu bafo debaixo do meu nariz, a patetice daquilo tudo. Durante dois anos, tentei enquanto sentia a minha mulher escapar-me por entre os dedos, e tentei com tanto empenho — sem raiva, sem discussões, a bajulação constante, a capitulação, uma versão minha

como marido de sitcom: Sim, querida! Claro, amor! A maldita energia fugia-me do corpo enquanto os meus pensamentos frenéticos como coelhos tentavam descobrir a forma de a fazer feliz, e cada ação, cada tentativa, era recebida com um revirar de olhos ou um pequeno suspiro triste. Um suspiro que dizia tu não percebes.

Quando partimos para o Missouri, estava pior do que estragado. Tinha vergonha da lembrança de mim — do lambe-botas pressuroso, reverente e servil em que me tinha transformado. Por isso, não era romântico. Nem sequer era amável.

— Além disso, preciso de uma lista de pessoas que pudessem ter feito mal a Amy, que pudessem ter alguma coisa contra ela.

— Devo dizer-lhe que parece que Amy tentou comprar uma arma no início deste ano.

— A polícia sabe?

— Sim.

— E você sabia?

— Só soube quando o tipo a quem ela tentou comprá-la me contou. Ele levou exatamente dois segundos a pensar.

— Então, aposto que a teoria deles é que ela queria uma arma para se proteger de si — disse ele. — Sentia-se isolada e assustada. Queria acreditar em si, mas pressentia que havia alguma coisa de muito errado, por isso queria uma arma para o caso de o seu pior receio se concretizar.

— Uau! Você é bom!

— O meu pai era polícia — disse ele. — Mas gosto da ideia da arma. Agora, só é preciso alguém que se enquadre nela, para além de si. Nada é demasiado rebuscado. Se ela discutia constantemente com um vizinho por causa do ladrar de um cão, se foi obrigada a rejeitar um tipo que lhe fazia a corte, preciso de tudo o que tiver. O que sabe sobre Tommy O'Hara?

— Certo! Eu sei que ele telefonou para a linha de informações umas quantas vezes.

— Ele foi acusado de violar Amy num encontro, em 2005.

Senti a minha boca a abrir-se, mas não disse nada.

— Ela andava a encontrar-se com ele sem grandes compromissos. Houve um jantar em casa dele, as coisas descontrolaram-se e ele violou-a, segundo as minhas fontes.

— Em que altura de 2005?

— Maio.

Tinha sido durante os oito meses em que eu perdera o rasto a Amy — entre o nosso encontro no Ano Novo e a altura em que voltara a encontrá-la na Sétima Avenida.

Tanner apertou o nó da gravata e rodou uma aliança cravejada de diamantes, avaliando-me.

— Ela nunca lhe contou.

— Nunca ouvi nada sobre isso — redargui. — De ninguém. Mas sobretudo da minha mulher.

— Ficaria surpreendido com o número de mulheres que continua a considerar isso como um estigma. Sentem vergonha.

— Não posso acreditar que eu...

— Eu tento nunca vir a uma destas reuniões sem informação nova para o meu cliente — disse ele. — Quero mostrar-lhe como levo o seu caso a sério. E o quanto precisa de mim.

— Esse tipo podia ser um suspeito?

— Com certeza, porque não? — disse Tanner demasiado alegremente. — Ele tem uma história de violência com a sua mulher.

— Ele foi preso?

— Ela retirou as acusações. Presumo que não tenha querido testemunhar. Se nós decidirmos trabalhar juntos, vou mandá-lo investigar. Entretanto, pense em qualquer pessoa que estivesse interessado na sua mulher. Mas é melhor se for alguém de Cartago. Mais credível. Agora... — Tanner cruzou a perna, expôs a fiada inferior de dentes, desconfortavelmente encavalitada e manchada em comparação com a fiada superior, uma paliçada perfeita. Cravou os dentes tortos no lábio superior por um momento. — Agora, vem a parte mais difícil, Nick — disse ele. — Preciso de uma honestidade total da sua parte, não irá resultar se não for assim. Portanto, conte-me tudo sobre o vosso casamento, conte-me o pior. Porque se eu souber o pior, posso fazer planos em relação a isso. Mas se eu for surpreendido, estamos lixados. E se estivermos lixados, você está lixado! Porque vou ter de me ir embora no meu jato privado.

Respirei fundo. Olhei-o nos olhos.

— Eu fui infiel a Amy. Tenho andado a enganá-la.

— Muito bem. Com múltiplas mulheres ou só com uma?

— Múltiplas, não. Nunca a tinha enganado antes.

— Então, com uma mulher? — perguntou Bolt, desviando o olhar e pousando-o numa aguarela de um barco à vela, enquanto rodava a sua aliança. Conseguia imaginá-lo, a telefonar mais tarde à mulher, e a dizer: Só por uma vez, só por uma vez, quero um tipo que não seja idiota.

— Sim, só uma rapariga, ela é muito...

— Não diga rapariga, nunca diga rapariga — disse Bolt. — Mulher. Uma mulher que é muito especial para si. Era isso que ia a dizer?

É claro que era.

— Com certeza que sabe, Nick, que, na verdade, especial é pior do que... porreira. Há quanto tempo?

— Há pouco mais de um ano.

— Falou com ela desde que Amy desapareceu?

— Sim, através de um telemóvel descartável. E pessoalmente, uma vez. Duas. Mas...

— Pessoalmente.

— Ninguém nos viu. Posso jurar. Só a minha irmã.

Ele respirou fundo e voltou a olhar para o barco à vela.

— E o que é que essa... Como é que ela se chama?

— Andie.

— Qual é a atitude dela em relação a tudo isto?

— Tem sido ótima... até ao anúncio da... gravidez. Agora, acho que ela está um bocadinho... nervosa. Muito nervosa. Muito, hum... carente não é a palavra certa...

— Diga o que tem a dizer, Nick. Se ela é carente, então...

— É carente. Apegada. Precisa muito que a sosseguem. É uma rapariga muito querida, mas é jovem, e tem sido difícil, obviamente.

Tanner Bolt foi até ao seu minibar e tirou para fora um Clamato. O frigorífico estava cheio de Clamato. Abriu a garrafa e bebeu-a em três golos, depois enxugou os lábios ao de leve com um guardanapo de pano.

— Vai ter de cortar por completo e para sempre todos os contactos com Andie — disse ele. Comecei a falar, e ele levantou a mão para me fazer parar. — Imediatamente.

— Não posso cortar relações com ela sem mais nem menos. Assim, do nada.

— Isso não está sujeito a discussão, Nick. Quer dizer, vá lá, amigo, preciso mesmo de dizer isto? Não pode andar por aí em encontros amorosos enquanto a sua mulher grávida está desaparecida. Ou então vai parar à maldita prisão! Agora, o desafio é fazê-lo sem a virar contra nós. Sem a deixar com vontade de se vingar, de aparecer em público, nada a não ser boas recordações. Fazê-la acreditar que esta era a atitude mais decente, fazer com que ela queira mantê-lo a salvo. Que tal é você a romper relações?

Abri a boca, mas ele não esperou.

— Vamos prepará-lo para a conversa, da mesma forma que o prepararíamos para um contrainterrogatório, está bem? Agora, se estiver interessado nos meus serviços, apanho um avião para o Missouri, instalo-me por lá e podemos começar a trabalhar nisto. Posso estar consigo já a partir de amanhã, se me quiser como seu advogado. Quer?

— Quero.

Estava de regresso a Cartago antes da hora de jantar. Assim que Tanner varreu Andie de cena — assim que ficou claro que ela não podia continuar presente — foi estranha a rapidez com que aceitei isso e quão pouco lamentei a sua perda. Naquele simples voo de duas horas, passei de apaixonado por Andie a não apaixonado por Andie. Como quem passa por uma porta. O nosso relacionamento ganhou imediatamente um tom sépia: o tom do passado. Que estranho ter dado cabo do meu casamento por causa daquela rapariguinha com quem nada tinha em comum, a não ser o facto de ambos gostarmos de uma boa risada e de uma cerveja fresca depois do sexo.

É claro que não te importas de acabar com isso, diria Go. Tornou-se difícil.

Mas havia uma razão melhor: Amy desabrochava cada vez mais no meu pensamento. Tinha desaparecido, e contudo estava mais presente do que qualquer outra pessoa. Eu tinha-me apaixonado por Amy porque eu era Nick supremo com ela. Amá-la tornava-me sobre-humano, fazia-me sentir vivo. Mesmo no modo mais acessível, ela era difícil, porque o seu cérebro estava sempre a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar — eu tinha de me esforçar, só para conseguir acompanhá-la. Passava uma hora a escrever-lhe um e-mail trivial, tornei-me

estudioso dos arcanos, para conseguir mantê-la interessada: os poetas lacustres, o código de duelo, a Revolução Francesa. A sua mente era simultaneamente vasta e profunda, e eu fiquei mais inteligente junto dela. E mais atencioso, mais ativo, mais vivo e quase elétrico, porque para Amy o amor era como uma droga, álcool ou pornografia: não havia estagnação. Cada exposição precisava de ser mais intensa do que a última para atingir o mesmo resultado.

Amy fez-me acreditar que eu era excecional, que eu estava ao seu nível. Isso foi simultaneamente a nossa proeza e a nossa perdição. Porque eu não consegui lidar com as exigências de grandiosidade. Comecei a ansiar pela facilidade e pela mediania, e odiava-me por isso, e percebia agora que tinha acabado por castigá-la por isso. Transformei-a naquela pessoa frágil e suscetível. Tinha fingido ser um tipo de homem e revelara-me outro bem diferente. Pior, convenci-me de que a nossa tragédia era inteiramente obra sua. Passei anos a transformar-me precisamente naquilo que jurava que ela era: uma bola de ódio virtuosa.

No voo de regresso a casa, tinha olhado tanto tempo para a Pista 4 que a memorizara. Queria torturar-me. Não admirava que as suas notas fossem tão diferentes, desta vez: a minha mulher estava grávida, queria começar tudo de novo, fazer-nos voltar à nossa vida feliz e ofuscante. Conseguia imaginá-la a correr pela cidade, para esconder aquelas notas amorosas, ansiosa como uma miúda de escola para que eu chegasse ao fim — o anúncio que estava grávida do meu filho. Madeira. Tinha de ser um berço antigo. Eu conhecia a minha mulher: tinha de ser um berço antigo. Embora a pista não estivesse escrita no tom de uma futura mãe:

Imagina-me: sou uma rapariga muito má
Preciso de ser castigada e por castigada quero dizer possuída
É onde guardas coisas boas para o quinto aniversário
Perdoa-me se isto está a ficar um bocadinho forçado!
Passámos um bom momento aqui sob o sol do meio-dia
Depois saímos para um cocktail, todos tão terrivelmente alegres.
Portanto, corre até lá agora, cheio de suspiros meigos,
E abre a porta para tua grande surpresa.

Estava quase em casa quando percebi. Guardas coisas boas para o quinto aniversário: as coisas boas seriam alguma coisa feita em madeira. Castigar é levar alguém ao barracão da lenha. Era o barracão atrás da casa de minha irmã — um lugar para guardar peças do cortador de relva e ferramentas ferrugentas —, um anexo velho e decrépito, como os que aparecem nos filmes de terror, onde os campistas são mortos lentamente. Go nunca lá ia; falara muitas vezes, a brincar, em deitar-lhe fogo, desde que se mudara para aquela casa. Em vez disso, deixara-o ser invadido ainda mais por ervas daninhas e teias de aranha. Sempre tínhamos brincado com o facto de ser um bom lugar para esconder um cadáver.

Não podia ser.

Atravessei a cidade de carro, com o rosto dormente e as mãos frias. O carro de Go estava no caminho da entrada, mas eu esgueirei-me: passei pela janela iluminada da sala, descí a encosta íngreme e não tardei a ficar fora do alcance da sua vista, fora da vista de toda a gente. Era um lugar muito retirado.

O barracão ficava por trás da parte mais remota do quintal, junto ao renque de árvores.

Abri a porta.

Nãonãonãonãonão.

Segunda Parte

RAPAZ ENCONTRA RAPARIGA

Amy Elliott Dunne — O Dia de

Sou muito mais feliz agora que estou morta.

Tecnicamente, desaparecida. Em breve, dada como morta. Mas, para abreviar, diremos morta. Ainda só passaram algumas horas, mas já me sinto melhor: articulações flexíveis, músculos definidos. A dada altura, esta manhã, percebi que o meu rosto parecia estranho, diferente. Olhei pelo espelho retrovisor — a terrível Cartago setenta quilómetros atrás de mim, o meu marido cheio de si a passear-se pelo seu bar peganhento, enquanto o caos balouçava numa fina corda de piano mesmo por cima da sua cabeça desprezível e absorta — e percebi que estava a sorrir. Ah! Isso era novidade.

A minha lista de verificação para hoje — uma de muitas listas que tinha feito no último ano — está ao meu lado, no lugar do passageiro, com uma mancha de sangue mesmo junto ao Item 22: cortar-me. Mas Amy tem medo de sangue, dirão os leitores do diário. (O diário, sim! Voltemos ao meu brilhante diário.) Não, não tenho, nem um bocadinho, mas no último ano tenho dito o contrário. Disse a Nick provavelmente meia dúzia de vezes que tenho imenso medo de sangue, e quando ele disse: «Não me lembro de teres assim tanto medo de sangue», repliquei: «Eu disse-te, disse-te tantas vezes!» Nick tem uma memória tão descuidada para os problemas das outras pessoas que presumiu simplesmente que era verdade. Desfalecer no centro de plasma foi um belo retoque. Eu fiz mesmo isso, não me limitei a escrever que o fiz. (Não se preocupem, vamos separar as águas: o que é verdade, o que não é verdade, e o que é capaz de ser verdade.)

O Item 22, cortar-me, estava na lista há muito tempo. Agora, é real e o braço dói-me. Muito. É preciso uma disciplina muito especial para uma pessoa se cortar para além da camada superficial, até ao músculo. Pretende-se muito sangue, mas não tanto que se possa desmaiar e ser descoberta horas mais tarde numa poça vermelha e com muitas explicações para dar. Primeiro, segurei um estilete junto ao pulso, mas ao olhar para aquele emaranhado de veias, senti-me como um especialista em bombas num filme de ação: se cortares o fio errado, morres. Acabei por cortar a parte interna do braço, mordendo um trapo para não gritar. Um corte longo e profundo. Sentei-me de pernas

cruzadas no chão da cozinha durante dez minutos, deixando o sangue pingar de forma contínua até ter uma bela e consistente poça. Depois, limpei-a tão mal como Nick teria feito depois de me ter batido na cabeça. Quero que a casa conte uma história de conflito entre verdadeiro e falso. A sala parece encenada, mas o sangue foi limpo: não pode ser Amy!

Assim, a automutilação valeu a pena. Seja como for, horas mais tarde, o corte arde debaixo da manga, debaixo do torniquete. (Item 30: liga cuidadosamente a ferida, garantindo que não pingou sangue em locais onde não devesse estar presente. Embrulha o estilete e trata de enfiá-lo no bolso, para te desfazeres dele mais tarde.)

Item 18: encena a sala. Vira a otomana. Feito.

Item 12: embrulha a primeira pista na sua caixa e coloca-a num local escondido para que a polícia a encontre antes que o marido aturdido pense em procurá-la. Tem de fazer parte do relatório policial. Quero que ele seja obrigado a iniciar a caça ao tesouro (o seu ego fará com que a acabe). Feito.

Item 32: veste roupas genéricas, enfia o cabelo no chapéu, desce a margem do rio e caminha em passo rápido pela borda, com a água a correr uns centímetros mais abaixo, até chegar ao extremo do complexo. Faz isto, mesmo sabendo que os Teverer, os únicos vizinhos com vista para o rio, estarão na igreja. Faz isto porque nunca se sabe... Tu dás sempre o passo extra que os outros não dão, faz parte da tua maneira de ser.

Item 29: despede-te de Bleecker. Cheira o seu bafo de gato malcheiroso uma última vez. Enche o prato da ração, para o caso de as pessoas se esquecerem de o alimentar quanto tudo começar.

Item 33: Põe-te a andar de Dodge.

Feito, feito, feito.

Posso contar-vos mais sobre como fiz tudo isto, mas gostava que me conhecessem primeiro. Não a Amy do diário, que é uma obra de ficção (e disse Nick que eu não era uma escritora de verdade, mas porque é que alguma vez lhe dei ouvidos?), mas eu, a verdadeira Amy. Que tipo de mulher faria tal coisa? Deixem-me contar-vos uma história, uma história verdadeira, para poderem entender.

Para começar, eu nunca devia ter nascido.

A minha mãe teve cinco abortos e dois nados-mortos antes de mim. Um por ano, no outono, como se fosse um dever sazonal, como a rotação das colheitas. Tudo raparigas; todas se chamavam Esperança. Tenho a certeza de que foi sugestão do meu pai — o seu impulso otimista, o seu fervor exuberante: Não podemos perder a esperança, Marybeth. Mas perder a Esperança foi exatamente o que fizeram, vezes sem conta.

Os médicos ordenaram aos meus pais que parassem de tentar; eles recusaram. Não são pessoas de desistir. Tentaram, tentaram e finalmente lá vim eu. A minha mãe não contava que eu estivesse viva, não aguentava pensar em mim como um bebé real, uma criança viva, uma menina que chegaria a ir para casa. Eu teria sido a Esperança 8, se as coisas tivessem corrido mal. Mas eu vim ao mundo a berrar, um ser cor-de-rosa néon. Os meus pais ficaram tão surpreendidos que perceberam que não tinham chegado a discutir um nome a sério, para uma criança a sério. Não me deram nome durante os meus dois primeiros dias no hospital. De manhã, a minha mãe ouvia a porta do quarto a abrir-se e sentia a enfermeira parar à entrada (sempre a imaginei da forma clássica, com saias brancas ondulantes e um daqueles chapéus dobrados, como uma caixa de comida chinesa de levar para casa). A enfermeira deixava-se ficar ali e a minha mãe perguntava, sem levantar sequer os olhos: «Ainda está viva?»

Quando eu continuei viva, chamaram-me Amy, porque era um nome vulgar de rapariga, um nome popular, um nome que mais um milhar de bebés recebeu nesse ano, por isso talvez os deuses não reparassem naquela bebezinha escondida entre as outras. Marybeth disse que se pudesse voltar atrás, dar-me-ia o nome de Lydia.

Cresci a sentir-me especial, orgulhosa. Era a rapariga que tinha combatido o esquecimento e vencido. As hipóteses eram de cerca de um por cento, mas eu consegui. Dei cabo do útero da minha mãe durante o processo — a minha própria Marcha de Sherman pré-natal. Marybeth nunca mais teria outro bebé. Em criança, sentia um prazer vibrante com isso: só eu, só eu, apenas eu.

A minha mãe bebericava chá quente nos dias das Esperanças nadas-mortas, sentada numa cadeira de baloiço com um cobertor, e dizia que estava apenas «a tirar um tempinho para mim». Nada de dramático, a minha mãe é demasiado sensata para entoar cantos fúnebres, mas

ficava pensativa, afastava-se, e eu não suportava isso, carente como era. Trepava para o colo da minha mãe, ou espetava um lápis de cor no seu rosto, ou lembrava-me de um papel de autorização que requeria atenção imediata. O meu pai tentava distrair-me, tentava levar-me ao cinema ou subornar-me com doces. Fosse qual fosse o estratagema, não funcionava. Eu não dava à minha mãe aqueles poucos minutos.

Sempre fui melhor do que as Esperanças, eu fui aquela que consegui. Mas também sempre tive ciúmes delas — sete princesas mortas a bailar. Elas conseguiam ser perfeitas sem sequer o tentarem, sem sequer enfrentarem um momento de existência, enquanto eu estou aqui presa na terra, e tenho de tentar todos os dias e cada dia é uma hipótese de ser menos do que perfeita.

É uma vida esgotante. Vivi assim até aos trinta e um anos.

E nessa altura, durante cerca de dois anos, tudo correu bem. Por causa de Nick.

Nick amava-me. Um amor daqueles com seis «a»: ele amaaaaaava-me. Mas ele não me amava a mim, realmente. Nick amava uma rapariga que não existe. Eu estava a fingir, como fazia muitas vezes, a fingir que tinha uma personalidade. Não consigo evitar, foi o que sempre fiz: da forma como algumas mulheres mudam de moda regularmente, eu mudo de personalidade. Qual é a personagem em que me sinto bem, qual é a mais desejada, qual é o último grito? Creio que a maioria das pessoas faz isto, só que não o admitem, ou então acomodam-se a uma personagem porque são demasiado preguiçosas ou estúpidas para desencadear uma mudança.

Naquela noite, na festa em Brooklyn, estava a fazer de rapariga com estilo, a rapariga que um homem como Nick quer: a rapariga fixe. Os homens dizem sempre isso como o elogio paradigmático, não é verdade? Ela é uma rapariga fixe. Ser rapariga fixe significa que sou uma mulher atraente, brilhante e divertida, que adora futebol, póquer, piadas obscenas e arrotos, que joga jogos de vídeo, bebe cerveja barata, adora ménage à trois e sexo anal, e enche a boca de cachorros-quentes e hambúrgueres como se estivesse a desfrutar da maior orgia culinária do mundo, ao mesmo tempo que consegue manter o tamanho 36, sabe-se lá como, porque as raparigas fixas são, acima de tudo, muito sexy. Sexy e compreensivas. As raparigas fixas nunca se zangam; só sorriem de forma mortificada e apaixonada e deixam os

seus homens fazer o que querem. Força, engana-me com outra, não me importo. Eu sou uma rapariga fixe!

Os homens pensam mesmo que essa rapariga existe. Talvez sejam enganados por haver muitas mulheres dispostas a fingir ser esse tipo de rapariga. Durante muito tempo, a rapariga fixe ofendia-me. Costumava ver os homens — amigos, colegas de trabalho, desconhecidos — com a cabeça a andar à roda por causa dessas horríveis mulheres fingidas e apetecia-me fazê-los sentar e dizer calmamente: Não andas a sair com uma mulher, andas a sair com uma mulher que viu demasiados filmes escritos por homens socialmente inaptos que gostariam de acreditar que esse tipo de mulher existe e talvez os possa beijar. Apetecia-me agarrar no pobre homem pela lapela ou pela bolsa à tiracolo e dizer: A cabra não gosta assim tanto de cachorros com chili — ninguém gosta assim tanto de cachorros com chili! E as raparigas fixes ainda são mais patéticas: nem sequer estão a fingir ser a mulher que querem ser, estão a fingir ser a mulher que um homem quer que elas sejam. Oh, e se não forem uma rapariga fixe, imploro-vos que não acreditem que o vosso homem não quer a rapariga fixe. Pode ser uma versão ligeiramente diferente — talvez ele seja vegetariano, por isso a rapariga fixe gosta de seitan e é ótima a tratar de cães; ou talvez ele seja um artista hipster, por isso a rapariga fixe é uma totó tatuada com óculos que adora livros de banda desenhada. Há variações cosméticas, mas acreditem, ele quer a rapariga fixe, que é basicamente a rapariga que gosta de tudo o que ele gosta e nunca se queixa. (Como é que sabem que não são a rapariga fixe? Porque ele diz coisas como: «Gosto de mulheres fortes.» Se ele vos disser isso, a certa altura há de ir para a cama com outra. Porque «Gosto de mulheres fortes» é código para «Detesto mulheres fortes.»)

Aguardei pacientemente — anos — para que o pêndulo oscilasse na outra direção, para que os homens comesçassem a ler Jane Austen, aprendessem a tricotar, fingissem amar o cosmos, organizassem festas para fazer álbuns, e curtissem uns com os outros enquanto nós lhes lançávamos olhares lúbricos. E nessa altura diríamos: Sim, ele é um tipo fixe.

Mas nunca aconteceu. Em vez disso, as mulheres pelo país fora foram coniventes com a nossa degradação! A rapariga fixe não tardou a transformar-se na rapariga normal. Os homens acreditavam que ela

existia — não era apenas uma rapariga de sonho, uma em um milhão. Todas as raparigas eram supostamente essa rapariga e, se não fôssemos, era porque havia alguma coisa de errado connosco.

Mas é tentador ser a rapariga fixe. Para alguém como eu, que gosta de ganhar, é tentador querer ser a rapariga que todos os rapazes querem. Quando conheci Nick, soube imediatamente que era isso que ele queria, e acho que, por ele, estava disposta a tentar. Aceito a minha quota de culpa. O problema é que, ao princípio, estava doida por ele. Achava-o perversamente exótico, um bom rapaz à moda do Missouri. Era tão agradável estar ao pé dele. Ele fazia sair de mim coisas cuja existência desconhecia: a leveza, o humor, a descontração. Era como se me deixasse oca e depois me enchesse de penas. Ele ajudava-me a ser uma rapariga fixe — não poderia ter sido uma rapariga fixe com outra pessoa. Não queria sê-lo. Não posso dizer que não gostei de algumas coisas: comi uma «MoonPie», caminhei descalça, deixei de me preocupar. Via filmes estúpidos e comia alimentos com aditivos químicos. A chave era não pensar para além do óbvio em relação ao que quer que fosse. Bebia uma Coca-Cola e não ficava preocupada com a forma de reciclar a lata ou com o ácido acumulado na minha barriga, um ácido tão poderoso que podia limpar uma moeda. Íamos ver um filme estúpido, e não ficava preocupada com o sexismo ofensivo ou a inexistência de minorias em papéis importantes. Nem sequer ficava preocupada com o facto de o filme fazer, ou não, sentido. Não me preocupava com nada que viesse a seguir. Nada tinha consequências, eu vivia o momento e conseguia sentir-me a ficar mais superficial e estúpida. Mas também feliz.

Até Nick aparecer, eu nunca me tinha sentido realmente uma pessoa, porque era sempre um produto. A «Incrível Amy» tem de ser brilhante, criativa, bondosa, atenciosa, espirituosa e feliz. Só queremos que sejas feliz. Rand e Marybeth estavam sempre a dizer isso, mas nunca explicavam como. Tantas lições, oportunidades e vantagens, e nunca me ensinaram a forma de ser feliz. Lembro-me de ficar sempre desconcertada com as outras crianças. Ia a uma festa de aniversário e via os outros miúdos a rir e a fazer caretas, e tentava fazer a mesma coisa, mas não compreendia porquê. Sentava-me ali com o elástico do chapelho de aniversário a vincar-me a parte de baixo do queixo, com a cobertura granulosa do bolo a deixar-me os dentes azuis, e tentava

perceber porque é que aquilo era divertido.

Com Nick, compreendi finalmente. Porque ele era tão divertido. Era como andar com uma lontra marinha. Ele foi a primeira pessoa naturalmente feliz que conheci que era parecido comigo. Era brilhante, lindo, divertido, encantador e encantado. As pessoas gostavam dele. As mulheres adoravam-no. Pensei que seríamos a união perfeita: o casal mais feliz que havia. Não que o amor seja uma competição. Mas não compreendo qual o objetivo de estarmos juntos se não formos os mais felizes.

Provavelmente, fui mais feliz durante aqueles poucos anos — fingindo ser outra pessoa — do que alguma vez fui, antes ou depois. Não consigo decidir o que isso significa.

Mas depois tive de parar, porque não era real, não era eu. Não era eu, Nick! Pensava que sabia. Pensava que era uma espécie de jogo. Pensava que tínhamos um acordo implícito, qualquer coisa do género não perguntas, não digas. Esforcei-me tanto por levar as coisas com calma, mas era insustentável. Acontece que ele também não aguentou com a sua parte: os ditos espirituosos, os jogos inteligentes, o romance e a forma de cortejar. Tudo começou a ruir. Detestei Nick por ficar surpreendido quando me tornei eu. Detestei-o por não saber que tinha de acabar, por acreditar realmente que tinha casado com esta criatura, este produto da imaginação de um milhão de homens que se masturbam, com sémen nos dedos e contentes consigo mesmos. Ele pareceu verdadeiramente espantado quando lhe pedi para me ouvir. Não queria acreditar que eu não gostava de depilar a minha rata com cera e de lhe fazer um broche a pedido. Que me importava quando ele não aparecia para as sessões de copos com as minhas amigas. Aquela entrada de diário ridícula? Não preciso de cenários patéticos com macacos amestrados para descrever às amigas; contento-me em deixá-lo ser ele próprio. Aquilo era pura treta de rapariga fixe e estúpida. Que parvalhona! Mais uma vez, não percebo: se deixarmos um homem cancelar os planos ou recusar-se a fazer coisas por nós, somos nós quem perdemos. Não conseguimos o que queremos. É perfeitamente óbvio. Sim, ele pode estar feliz, pode dizer que somos a rapariga mais fixe de sempre, mas di-lo porque levou a dele avante. Está a chamar-nos rapariga fixe para nos enganar! É isso que os homens fazem: tentam fazer parecer que somos a rapariga fixe para nos vergarmos

aos seus desejos. Como um vendedor de carros a dizer: Quanto quer pagar por esta beleza?, quando ainda não anuímos a comprá-la. Aquela frase horrível que os homens usam: «Quer dizer, eu sei que tu não te importavas, se eu...» Sim, importo-me. Digam-no, simplesmente. Não percam, seus panhonhas estúpidos!

Portanto, teve de parar. Comprometer-me com Nick, sentir-me segura com Nick, ser feliz com Nick, fez-me perceber que havia uma Amy verdadeira, e ela era bem melhor, mais interessante, complexa e desafiadora do que a Amy fixe... De qualquer forma, Nick queria a Amy fixe. Conseguem imaginar o que é mostrar, finalmente, o vosso verdadeiro eu ao cônjuge, à alma gémea, e ele não gostar de nós? Foi assim que começou o ódio. Tenho pensado muito nisto, e foi assim que começou, creio eu.

Nick Dunne — Desaparecida Há Sete Dias

Consegui dar alguns passos em direção ao barracão da lenha, antes de ter de me encostar à parede e recobrar o fôlego.

Sabia que ia ser mau. Soube-o assim que decifrei a pista: barracão da lenha. Divertimento a meio do dia. Cocktails. Porque aquela descrição não era sobre mim e Amy. Era sobre mim e Andie. O barracão da lenha era apenas um de muitos lugares estranhos onde tinha feito sexo com Andie. Estávamos limitados em relação aos nossos pontos de encontro. O complexo de apartamentos onde ela morava estava interdito a maior parte das vezes. Os hotéis aparecem nos cartões de crédito, e a minha mulher não era crédula nem estúpida. (Andie tinha um MasterCard, mas o extrato ia para a mãe. Custa-me admitir isso.) Portanto, o barracão da lenha, bem atrás da casa da minha irmã, era muito seguro quando Go estava a trabalhar. E também a casa abandonada do meu pai (Talvez te sintas culpado por me trazeres para aqui / Pareceu-me um bocadinho estranho, devo admitir / Mas não tínhamos muitos lugares por onde escolher / Tomámos a decisão: tornámos este espaço nosso) e algumas vezes o meu gabinete na escola (Imagino-me como tua aluna / Com um professor tão bonito e sábio / O meu pensamento abre-se [para não falar das minhas coxas!]), e uma vez o carro de Andie, estacionado numa estrada de terra batida em Hannibal, depois de a ter levado lá um dia para uma visita, uma reconstituição muito mais satisfatória da minha excursão com Amy (Trouxeste-me aqui para te poder ouvir falar / Sobre as aventuras da adolescência: jeans rotas e pala na cabeça).

Cada uma das pistas estava escondida num local onde eu tinha traído Amy. Ela tinha usado a caça ao tesouro para me levar a fazer o circuito de todas as minhas infidelidades. Tive um princípio de náusea, quando imaginei Amy a seguir-me de carro sem que eu percebesse até à casa do meu pai, à de Go, à malfadada Hannibal, a ver-me fazer amor com aquela jovem encantadora, os lábios da minha mulher retorcidos de nojo e triunfo.

Porque ela sabia que ia castigar-me bem. Agora, na nossa última

paragem, Amy estava pronta para me mostrar até que ponto era inteligente. Porque o barracão estava praticamente cheio com todas as geringonças e engenhocas que eu jurara a Boney e Gilpin não ter comprado com os cartões de crédito que jurara desconhecer. Os tacos de golfe loucamente dispendiosos estavam ali, os relógios e as consolas de jogos, as roupas de estilista, estavam todos ali, à espera, na propriedade da minha irmã. Onde parecia que os tinha guardado até a minha mulher estar morta e poder divertir-me um bocadinho.

Bati à porta da frente de Go e, quando ela abriu, a fumar um cigarro, disse-lhe que tinha de lhe mostrar uma coisa e dei meia-volta e levei-a sem uma palavra ao barracão da lenha.

— Olha — disse eu, e levei-a em direção à porta aberta.

— Isto é... Esta tralha toda é... do cartão de crédito? — A voz de Go ganhou um tom agudo e furioso. Levou uma mão à boca e recuou um passo em relação a mim, e eu percebi que, apenas por um segundo, pensou que lhe estava a fazer uma confissão.

Nunca iríamos conseguir anular aquele momento. Só por isso, odiei a minha mulher.

— Amy está a incriminar-me, Go — disse eu. — Go, foi Amy quem comprou estas coisas. Ela está a incriminar-me.

Ela empertigou-se. As suas pálpebras piscaram uma, duas vezes, e abanou a cabeça de forma quase impercetível, como que para se livrar da imagem de Nick como assassino da mulher.

— Amy está a incriminar-me pelo seu homicídio. Certo? A sua última pista trouxe-me exatamente aqui, e não, não sabia nada disto! É o seu depoimento grandioso. A apresentar: Nick vai para a prisão! — Uma enorme bolha de ar formou-se ao fundo da minha garganta... ia soluçar ou rir. Ri-me. — Quer dizer, é isso não é? Estou feito, certo?

Portanto apressa-te, põe-te a andar, por favor faz isso / E desta vez quem te ensina uma coisa ou duas sou eu. As últimas palavras da primeira pista de Amy. Como é que eu não percebi?

— Se ela está a incriminar-te, porque é que havia de querer que tu soubesses? — Go continuava a olhar, petrificada pelo conteúdo do barracão.

— Porque o fez de uma forma perfeita. Ela sempre precisou dessa validação, do elogio, o tempo todo. Quer que eu saiba que estou a ser

lixado. Não consegue resistir. De outra maneira, não seria divertido para ela.

— Não — disse Go, roendo uma unha. — Há mais alguma coisa. Algo mais. Tocaste em alguma coisa aqui dentro?

— Não.

— Ótimo. Então, a questão passa a ser...

— O que é que ela pensa que eu irei fazer quando encontrar isto, estas provas incriminatórias, na propriedade da minha irmã — disse eu. — Essa é que é a questão, porque seja lá o que ela presuma que farei, seja lá o que ela queira que eu faça, tenho de fazer o oposto. Se ela pensa que me vou passar e tentar livrar-me desta tralha toda, garanto-te que tem uma forma de me tramar com isso.

— Bem, não podes deixar as coisas aqui — disse Go. — Dessa forma, vais mesmo ficar tramado! Tens a certeza de que era a última pista? Onde é que está o teu presente?

— Oh, merda! Não. Deve estar algures, lá dentro.

— Não vás lá dentro — disse Go.

— Tenho de ir. Sabe-se lá o que ela tem mais na manga.

Entrei cuidadosamente no barracão húmido e frio, com as mãos bem juntas ao corpo, caminhando delicadamente nas pontas dos pés, para não deixar marcas das solas. Logo a seguir a um televisor de ecrã plano, o envelope azul de Amy estava em cima de uma enorme caixa de presente, embrulhada naquele bonito papel prateado. Levei o envelope e a caixa lá para fora, para o ar quente. O objeto dentro do embrulho era pesado, uns bons catorze quilos, e composto por várias partes que deslizaram com um chocalhar estranho quando pousei a caixa no chão, aos nossos pés. Go deu um passo involuntário para longe dela. Abri o envelope.

Querido marido,

Agora é a altura em que vou tirar uns minutos para te dizer que te conheço melhor do que alguma vez poderias imaginar. Eu sei que, às vezes, pensas que andas por este mundo sozinho, invisível, despercebido. Mas não acredites nisso, nem por um segundo. Fiz um estudo da tua pessoa. Sei o que vais fazer antes de o fazeres. Sei onde estiveste e sei para onde vais. Para este aniversário, organizei uma

viagem: segue o teu adorado rio, para cima, para cima! E nem sequer tens de te preocupar em tentar encontrar o teu presente de aniversário. Desta vez, o presente irá ter contigo! Portanto, recosta-te e descontraí, porque ACABASTE.

— O que há rio acima? — perguntou Go, e nessa altura gemi.

— Ela está a mandar-me subir o rio.

— Manda-a bugiar. Abre a caixa.

Ajoelhei e levantei a tampa com as pontas dos dedos, como se estivesse à espera de uma explosão. Silêncio. Espreitei lá para dentro. No fundo da caixa, estavam duas marionetas de madeira, lado a lado. Pareciam ser marido e mulher. O homem estava vestido de várias cores e a sorrir furiosamente, a segurar uma bengala ou um pau. Tirei a figura do marido para fora, com os membros a balouçar excitadamente, um bailarino a fazer exercícios de aquecimento. A mulher era mais bonita, mais delicada e rígida. A sua expressão parecia chocada, como se tivesse visto algo alarmante. Por baixo dela, havia um bebé minúsculo que podia ser preso a ela por uma fita. As marionetas eram antigas, pesadas e grandes, quase tão grandes como bonecos de ventríloquos. Peguei no homem, agarrei no cabo grosso como um taco usado para o manejar, e os seus braços e pernas contorceram-se de forma maníaca.

— Sinistro — disse Go. — Para!

Por baixo deles, estava um pedaço de papel azul amanteigado dobrado em dois. A caligrafia de Amy, como papagaios de papel quebrados, toda feita de triângulos e pontos. Dizia:

O início de uma nova história maravilhosa, Nick! «É assim que se faz!»

Diverte-te.

Espalhámos todas as pistas da caça ao tesouro idealizada por Amy e a caixa com as marionetas em cima da mesa de cozinha da nossa mãe. Olhámos fixamente os objetos, como se estivéssemos a montar um puzzle.

— Para quê dar-se ao trabalho de fazer uma caça ao tesouro, se estava a planear... o seu plano — disse Go.

O seu plano tinha-se tornado imediatamente a forma abreviada para simular o seu desaparecimento e incriminar-te por homicídio. Soava menos insano.

— Por um lado, para me manter distraído, para me fazer acreditar que ainda me amava. Andei atrás das suas pequenas pistas por todo o lado, acreditando que a minha mulher queria consertar as coisas, dar um empurrão ao nosso casamento...

O estado sonhador e enlevado em que as suas notas me tinham deixado causava-me náuseas. Envergonhava-me. Uma vergonha medular, daquela que se torna parte do nosso ADN, que nos muda. Ao fim de todos estes anos, Amy ainda conseguia manipular-me. Conseguia escrever umas quantas notas e recuperar-me por completo. Eu era um fantoche nas suas mãos.

Hei de encontrar-te, Amy. Palavras apaixonadas, intenções odiosas.

— De forma a eu não parar para pensar: Olha, realmente até parece que assassinei a minha mulher, porque será?

— E a polícia teria achado estranho, tu terias achado estranho, se ela não fizesse a caça ao tesouro, essa tradição — raciocinou Go. — Daria a ideia de que ela sabia que ia desaparecer.

— Mas isto preocupa-me — disse eu, apontando para as marionetas. — São suficientemente invulgares para quererem dizer alguma coisa. Isto é, se ela apenas quisesse manter-me distraído durante um tempo, a prenda final podia ter sido qualquer coisa em madeira.

Go passou um dedo pelo uniforme colorido do homem.

— É óbvio que são muito antigas. Peças de época. — Virou a roupa ao contrário para revelar o cabo de manipulação do homem. A mulher tinha apenas um buraco em forma de quadrado na cabeça. — Terá algum significado sexual? O homem tem este cabo de madeira gigante, como uma pila. E a mulher não tem o dela. Tem apenas o buraco.

— Essa é uma mensagem bastante óbvia: os homens têm pénis e as mulheres têm vaginas?

Go pôs um dedo dentro do buraco da marioneta feminina, e andou com ele à volta para se certificar de que não havia nada escondido.

— Então o que é que Amy está a dizer?

— A primeira vez que as vi, pensei: Ela comprou brinquedos de criança. Mãe, pai, bebé. Porque estava grávida.

— Estará mesmo grávida?

Uma sensação de desespero desabou sobre mim. Ou antes o oposto. Não era uma onda a chegar, a rebentar em cima de mim, mas o refluxo do mar: uma sensação de alguma coisa a puxar para dentro, levando-me consigo. Já não podia ter a esperança de que a minha mulher estivesse grávida, mas também não conseguia ter a esperança de que não estivesse.

Go tirou a marioneta masculina para fora, franziu o nariz, e depois fez-se luz:

— És um fantoche nas mãos dela.

Eu ri-me.

— Pensei literalmente nessas mesmas palavras. Mas porquê um homem e uma mulher? É óbvio que Amy não é uma marioneta, ela é a dona das marionetas.

— E o que é aquilo de: É assim que se faz? Faz o quê?

— Lixar-me para o resto da vida?

— Não será uma frase que Amy costumava dizer? Ou alguma citação dos livros de Amy ou... — Foi apressadamente até ao seu computador e fez uma busca à expressão É assim que se faz. Apareceu a letra de «É assim que se faz», dos Madness. — Oh, lembro-me deles — disse Go. — Uma banda ska incrível!

— Ska — disse eu, passando ao riso delirante. — Fantástico!

A letra era sobre um faz-tudo capaz de executar muitos tipos de trabalhos nas casas — incluindo os de eletricista e canalizador — e que preferia que lhe pagassem em dinheiro.

— Meu Deus, odeio a porcaria dos anos 80 — disse eu. — Não havia nenhuma letra que fizesse sentido.

— «O reflexo é filho único» — disse Go, acenando afirmativamente.

— «Ele está à espera junto ao parque» — murmurei automaticamente.

— Então se for isto, o que significa? — disse Go, virando-se para mim, estudando os meus olhos. — É uma canção sobre um faz-tudo. Alguém que pode ter acesso à tua casa, para arranjar coisas. Ou instalar coisas. Que seria pago em dinheiro, portanto não há registo.

— Alguém que instalou câmaras de vídeo? — perguntei. — Amy saiu da cidade algumas vezes durante o... o meu caso com Andie. Talvez pensasse que nos ia apanhar na gravação.

Go dardejou-me um olhar inquiridor.

— Não, nunca, nunca na nossa casa.

— Poderia ser alguma porta secreta? — sugeriu Go. — Algum painel falso que Amy tenha mandado pôr, atrás do qual tenha escondido alguma coisa que irá... não sei, ilibar-te?

— Acho que é isso. Sim, Amy está a usar uma canção dos Madness para me dar uma pista para a minha própria liberdade, desde que eu consiga decifrar os seus códigos manhosos relacionados com o ska.

Depois, foi a vez de Go também se rir.

— Meu Deus, se calhar somos nós que estamos doidos varridos. Estaremos? Será que isto é uma completa loucura?

— Não é loucura. Ela tramou-me. Não há outra forma de explicar o armazém de tralha no teu quintal. E é típico de Amy arrastar-te para isto, sujar-te um bocadinho com a minha imundície. Não, é a Amy. A prenda, a maldita nota tonta e matreira que devo compreender. Não, e tem de estar relacionado com as marionetas. Experimenta a citação com a palavra marionetas.

Deixei-me cair no sofá, o meu corpo num surdo palpitar. Go fez de secretária.

— Oh, meu Deus! Daaa! São os bonecos do Punch & Judy! Nick! Somos idiotas. Aquela deixa é a imagem de marca de Punch. É assim que se faz!

— Está bem. O velho espetáculo de fantoches... É muito violento, não é? — perguntei.

— Isto é tão lixado.

— Go, é violento, não é?

— Sim. Violento. Meu Deus, ela é completamente louca!

— Ele bate nela, certo?

— Estou a ler... é isso. Punch mata o bebé deles. — Levantou os olhos para mim. — E depois, quando Judy o confronta, ele espanca-a. Até à morte.

Senti a garganta molhada com saliva.

— E de cada vez que faz alguma coisa horrível e consegue escapar sem ser apanhado, diz: «É assim que se faz!» — Ela agarrou em Punch e pô-lo ao colo, com os dedos a segurar as mãos de madeira, como se ele fosse uma criança. — Tem uma grande lábia, mesmo quando assassina a mulher e o filho.

Olhei para as marionetas.

- Então, ela está a contar-me a narrativa da sua tramoia.
- Nem sequer consigo raciocinar sobre isto. Maldita psicopata!
- Go!
- Sim, está-se mesmo a ver: não querias que ela engravidasse, zangaste-te e mataste-a a ela e ao bebé por nascer.
- A sensação é de um anticlímax, de alguma forma — disse eu.
- O clímax é quando tu aprenderes a lição que Punch nunca aprende, e fores apanhado e acusado de homicídio.
- E o Missouri tem pena de morte — disse eu. — Que jogo divertido.

Amy Elliott Dunne — O Dia de

Sabem como é que descobri? Eu vi-os. É para que vejam como o meu marido é estúpido. Numa noite de neve em abril, senti-me tão sozinha. Estava a beber amaretto quente com Bleecker e a ler, deitada no chão, enquanto a neve caía, a ouvir velhos álbuns riscados, como eu e Nick costumávamos fazer (essa entrada era verdadeira). Tive um surto de alegria romântica: ia surpreendê-lo no Bar, e íamos beber uns copos e deambular juntos pelas ruas vazias, de mitenes calçadas. Íamos passear pela baixa adormecida e ele havia de encostar-me à parede e beijar-me no meio da neve, que parecia nuvens de açúcar. Isso mesmo, era tão grande o meu desespero para o ter de volta que estava disposta a recriar aquele momento. Estava disposta a fingir ser outra pessoa, outra vez. Lembro-me de pensar: Ainda podemos encontrar uma forma de fazer com que isto funcione. Tem fé! Segui-o até ao Missouri, porque continuava a acreditar que ele voltaria a amar-me, a amar-me daquela forma intensa e densa de outrora, da forma que tornava tudo bom. Tem fé!

Cheguei lá mesmo a tempo de o ver sair com ela. Eu estava no maldito parque de estacionamento, seis metros atrás dele, e ele nem sequer deu pela minha presença, eu era um fantasma. Ele ainda não tinha as mãos em cima dela, mas eu soube. Conseguia ver pela forma como estava tão ciente dela. Segui-os e, de repente, ele encostou-a a uma árvore — no meio da cidade — e beijou-a. Nick anda a enganar-me, pensei chocada, e antes de conseguir dizer fosse o que fosse, já estavam a subir para o apartamento dela. Esperei durante uma hora, sentada na entrada, depois fiquei demasiado gelada — unhas azuladas, dentes a bater — e fui para casa. Ele nunca chegou sequer a saber que eu sabia.

Tinha uma nova personagem, e não era escolha minha. Eu era a Mulher Tipicamente Estúpida Casada com o Homem Tipicamente Desprezível. Sozinho, ele tinha conseguido aniquilar aquilo que a Incrível Amy tinha de incrível.

Conheço mulheres cujas personagens são totalmente tecidas a partir de uma mediocridade benigna. As suas vidas são uma lista de defeitos: o namorado incapaz de apreciá-las, os cinco quilos a mais, o chefe

desdenhoso, a irmã intriguista, o marido desencaminhado. Eu sempre estive acima das suas histórias, acenando com a cabeça em sinal de simpatia, mas pensando ao mesmo tempo em como aquelas mulheres eram tolas por deixarem aquelas coisas acontecer, em como eram pouco disciplinadas. E agora ser uma delas! Uma das mulheres com as histórias infundáveis que fazem com que as pessoas acenem com a cabeça em sinal de simpatia e pensem: Pobre palerma estúpida.

Conseguia ouvir a história e ver a forma como toda a gente adoraria ouvi-la: a forma como a incrível Amy, a rapariga que nunca fazia nada mal, se deixou arrastar, sem dinheiro, para o meio do país, onde o marido a trocou por uma mulher mais jovem. Que coisa mais previsível, perfeitamente típica e divertida. E o marido? Acabou mais feliz do que nunca. Não. Não podia deixar que isso acontecesse. Não. Nunca. Nunca. Ele não vai conseguir fazer-me isto e ainda sair a ganhar. Não.

Mudei eu o meu nome para esta treta! Os registos históricos tinham sido alterados — Amy Elliott para Amy Dunne — como se não fosse nada. Não, ele não vai conseguir ganhar!

Por isso, comecei a pensar numa história diferente, muito melhor, que havia de destruir Nick por me estar a fazer isto. Uma história que iria restaurar a minha perfeição. Iria fazer de mim a heroína, sem defeitos e adorada.

Porque toda a gente gosta da rapariga morta.

Incriminar o marido pelo nosso homicídio é uma medida bastante extrema. Quero que saibam que sei disso. Todas as más-línguas que por aí há irão dizer: Ela devia ter ido simplesmente embora, resgatado o que restava da sua dignidade. Optado pela via mais ética! Dois erros não fazem um acerto! Todas essas coisas que as mulheres servis dizem, confundindo a sua fraqueza com moralidade.

Não me vou divorciar dele porque isso é precisamente o que ele gostaria. E não lhe vou perdoar porque não me apetece dar a outra face. Querem que seja um bocadinho mais explícita? Não acho que isso seja um fim satisfatório. O mau da fita ganha? Toca a lixá-lo!

Há mais de um ano que sinto o cheiro da rata dela nas pontas dos seus dedos quando ele se enfia na cama, junto de mim. Que o vejo fazer olhinhos ao espelho, a alindar-se como um babuíno excitado

para os seus encontros. Que escuto as suas mentiras, mentiras, mentiras — desde simples petas de criança a esquemas tão complicados como os de Rube Goldberg. Que sinto o gosto a caramelos de manteiga nos seus lábios secos de beijos, um sabor enjoativo que nunca lá estava antes. Que sinto a barba de três dias nas suas faces, coisa que ele sabe que não gosto, mas que aparentemente a outra gosta. Tenho sofrido a traição com todos os cinco sentidos. Há mais de um ano.

Portanto, sou capaz de ter enlouquecido um bocadinho. Eu sei que incriminar o marido pelo nosso homicídio vai para além dos limites daquilo que uma mulher normal poderia fazer.

Mas é tão necessário. Nick tem de aprender uma lição. Ele nunca aprendeu uma lição! Ele desliza pela vida com aquele sorriso encantador que lhe é peculiar, com a sua prerrogativa de filho adorado, com as suas mentirinhas e truques, com os seus defeitos e egoísmo, e ninguém o chama às responsabilidades em relação a nada. Creio que esta experiência fará dele uma pessoa melhor. Ou, pelo menos, mais arrependida dos seus erros. Filho da mãe!

Sempre pensei que podia cometer o crime perfeito. As pessoas que são apanhadas são-no porque não têm paciência; recusam-se a planear. Volto a sorrir ao engatar a quinta na porcaria de carro da minha fuga (Cartago está agora a cento e vinte e cinco quilómetros de poeira) e preparo-me para um camião que vem a toda a velocidade — o carro parece pronto para levantar voo sempre que passa por um semirreboque. Mas sorrio, porque este carro mostra como sou inteligente: comprado por mil e duzentos dólares em dinheiro através de um anúncio da Craigslist. Há cinco meses, para que ninguém tivesse essa memória recente na ideia. Um Ford Festiva de 1992, o carro mais minúsculo e fácil de esquecer do mundo. Encontrei-me com os vendedores uma noite, no parque de estacionamento de um Walmart, em Jonesboro, Arkansas. Apanhei o comboio com uma data de dinheiro na mala — oito horas para cada lado, enquanto Nick estava numa excursão só para rapazes. (E por excursão só para rapazes, quero dizer a comer a galdéria.) Comi na carruagem-restaurante do comboio, um maciço de alface com dois tomates cereja que a ementa descrevia como uma salada. Fiquei sentada junto de um

agricultor melancólico que regressava a casa, depois de ter ido visitar a sua netinha pela primeira vez.

O casal que estava a vender o Ford parecia tão interessado em ser discreto quanto eu. A mulher ficou dentro do carro o tempo todo, com uma criança de chucha nos braços, a ver-me a mim e ao marido a trocar o dinheiro pelas chaves. Depois, ela saiu e eu entrei. Com esta rapidez. No espelho retrovisor, vi o casal entrar no Walmart com o seu dinheiro. Desde então, tinha-o deixado em parques de estacionamento de longa duração, em St. Louis. Ia até lá duas vezes por mês e estacionava-o num sítio novo. Pagava em dinheiro. Usava um boné de baseball. Bastante fácil.

E isto é apenas um exemplo. De paciência, planeamento e ingenuidade. Estou satisfeita comigo mesma; faltam mais três horas para chegar aos montes Ozark, Missouri, e ao meu destino, um pequeno arquipélago de cabanas na floresta que aceita dinheiro vivo em troca de alugueres semanais e tem televisão por cabo, uma coisa essencial. Planeio esconder-me lá durante uma ou duas semanas; não quero estar na estrada quando surgir a notícia, e é o último lugar onde Nick vai pensar que estou escondida, quando perceber que é isso que está a acontecer.

Este troço de autoestrada é particularmente feio. O mal da América rural. Mais de trinta quilómetros depois, vejo ao cimo da rampa de saída as ruínas de uma estação de serviço familiar isolada, vazia, mas não entaipada, e quando encosto o carro na berma, vejo a porta da casa de banho das senhoras aberta. Entro — não há eletricidade, mas há um espelho metálico deformado e a água continua ligada. Iluminada pelo sol da tarde e debaixo daquele calor de sauna, tiro da minha mala uma tesoura em metal e tinta para cabelo castanho-clara. Corto grandes mechas de cabelo louro e ponho-as dentro de um saco plástico. Sinto o ar a bater-me na nuca e a cabeça leve, como um balão — rodo-a algumas vezes para desfrutar. Aplico a tinta, olho para o relógio, e deixo-me ficar ali à porta, a olhar para quilómetros de planície pontuada por restaurantes de fast-food e cadeias de motéis. Consigo sentir um choro índio. (Nick iria detestar esta piada. Pouco original! E depois acrescentaria: «Embora a expressão pouco original como crítica seja ela própria pouco original.» Tenho de conseguir tirá-lo da minha cabeça — continua a intrometer-se nas minhas deixas,

mesmo a centenas de quilómetros de distância.) Lavo o cabelo no lavatório, a água quente faz-me suar, e depois volto para o carro com o saco do cabelo e o resto da tralha. Ponho um par de óculos fora de moda, com armações metálicas, olho para o espelho retrovisor e volto a sorrir. Eu e Nick nunca nos teríamos casado se eu tivesse aquele aspeto quando nos conhecemos. Tudo aquilo poderia ter sido evitado se eu fosse menos bonita.

Item 34: muda de aparência. Feito.

Não sei exatamente como ser a Amy morta. Ando a tentar descobrir o que isso significa para mim, aquilo em que me vou transformar nos próximos meses. Suponho que serei qualquer pessoa, menos aquelas que já fui: a incrível Amy; a betinha dos anos 80; a adepta pretensiosa e exibicionista do frisbee, a ingénua ruborizada e a espirituosa sofisticada hepburniana; a rapariga inteligente e irónica e a miúda estilo boémio-chique (a última versão da adepta pretensiosa e exibicionista do frisbee); a rapariga fixe, a mulher amada, a mulher não amada e a mulher desdenhada e vingativa; a Amy do Diário.

Espero que gostassem da Amy do Diário. O objetivo era que gostassem dela. O objetivo era que alguém como vocês gostasse dela. É fácil gostar dela. Nunca percebi por que razão isso é considerado um elogio — o facto de qualquer pessoa gostar de nós. Não importa. Achei que as entradas me saíram muito bem, e não foi simples. Tinha de manter uma maneira de ser afável, embora algo ingénua, uma mulher que amava o marido e conseguia ver alguns dos seus defeitos (caso contrário, pareceria demasiado trouxa), mas que lhe era sinceramente dedicada — enquanto ia guiando o leitor (neste caso, os polícias, estou tão desejosa que eles descubram) para a conclusão de que Nick estava realmente a planear matar-me. Tantas pistas para revelar, tantas surpresas pela frente!

Nick sempre fez troça das minhas listas infindáveis. («É como se te certificasses que nunca te poderás dar por satisfeita, que há sempre mais alguma coisa para ser aperfeiçoado, em vez de gozares apenas o momento.» Mas quem é que ganha aqui? Eu ganho, porque a minha lista, a lista principal intitulada Lixar Nick Dunne era rigorosa — era a lista mais completa e fastidiosa alguma vez criada. Na minha lista, vinha Escrever Entradas de Diário para 2005 a 2012. Sete anos de

entradas de diário, não diárias, mas duas vezes por mês, pelo menos. Sabem quanta disciplina isso requer? Seria a Amy rapariga fixe capaz de fazer isso? Pesquisar os acontecimentos de cada semana, fazer consultas cruzadas com as minhas velhas agendas diárias, para garantir que não me esquecia de nada importante, e depois reconstruir a forma como a Amy do Diário reagiria a cada acontecimento? Foi sobretudo divertido. Esperava que Nick saísse para o Bar, ou fosse encontrar-se com a amante, a amante desenxabida que estava sempre a enviar mensagens e a mascar pastilha elástica, com as suas unhas acrílicas e as calças de treino com logótipos no rabo (ela não é exatamente assim, mas podia ser), e eu enchia uma chávena de café ou abria uma garrafa de vinho, agarrava numa das minhas trinta e duas canetas diferentes e reescrevia um pouco a minha vida.

É verdade que, às vezes, odiava menos Nick enquanto estava a fazer isto. A perspetiva de uma rapariga fixe e tonta faz isso. Às vezes, Nick chegava a casa a tresandar a cerveja ou ao gel antisséptico para as mãos com que limpava o corpo depois do coito com a amante (embora nunca eliminasse inteiramente o fedor — ela devia ter uma rata malcheirosa), e lançava-me um sorriso culpado, desfazia-se em amabilidades, e eu quase pensava: Não vou levar isto para a frente. Depois, imaginava-o com ela e a sua tanga de stripper, deixando-o rebaixá-la porque estava a fingir ser a rapariga fixe, a fingir adorar broches, futebol e copos. E pensava: Estou casada com um imbecil. Estou casada com um homem que irá sempre escolher isso, e quando se farta desta miúda estúpida, encontrará simplesmente outra rapariga que está a fingir ser essa rapariga, e ele nunca terá de fazer nada difícil na sua vida.

A decisão saiu fortalecida.

Cento e cinquenta e duas entradas no total, e não me parece que perca alguma vez a sua voz. Escrevi a Amy do Diário com muito cuidado. Foi concebida para atrair os polícias, para atrair o público, caso sejam publicados excertos. Eles têm de ler este diário como se fosse uma espécie de tragédia gótica. Uma mulher maravilhosa e de bom coração — com a vida toda pela frente, tudo a seu favor, e mais essas coisas todas que dizem sobre as mulheres que morrem — escolhe o companheiro errado e paga o preço derradeiro. Têm de gostar de mim. Dela.

Os meus pais estão preocupados, é claro, mas como é que posso sentir pena deles, se foram eles que me fizeram assim e depois me desampararam? Eles nunca, mas nunca, apreciaram bem o facto de estarem a ganhar dinheiro com a minha existência, de eu dever receber direitos de autor. Além disso, depois de terem desviado o meu dinheiro, os meus pais «feministas» deixaram Nick levar-me para o Missouri, como se fosse um bem móvel, alguma noiva por encomenda, alguma troca de propriedade. Deram-me uma porcaria de um relógio de cuco para me lembrar deles. Obrigado por trinta e seis anos de serviço! Eles merecem pensar que estou morta, porque é praticamente o estado a que me consignaram: sem dinheiro, sem amigos. Também merecem sofrer. Se não conseguem cuidar de mim enquanto estou viva, também me mataram de alguma forma. Tal como Nick, que destruiu e rejeitou o meu verdadeiro eu, aos poucos — és demasiado séria, Amy; és demasiado inibida, Amy; pensas de mais nas coisas; analisas demasiado; já não és divertida; fazes-me sentir inútil, Amy; fazes-me sentir mal, Amy. Ele tirou pedaços de mim com críticas enjoadas: a minha independência, o meu orgulho, a minha estima. Eu dei, e ele tirou e tirou... Ele usou-me como se eu fosse a Árvore Generosa até acabar com a minha existência.

Aquela putéfia, ele preferiu aquela putéfia a mim. Matou-me a alma, o que devia ser um crime. Na verdade, é um crime. Pelo menos, segundo aquilo que eu penso.

Nick Dunne — Desaparecida Há Sete Dias

Tive de telefonar a Tanner, o meu advogado novinho em folha, poucas horas depois de o ter contratado, e dizer as palavras que o fariam arrepender-se de aceitar o meu dinheiro: Penso que a minha mulher me está a incriminar. Não podia ver-lhe o rosto, mas conseguia imaginá-lo — o revirar de olhos, a careta, o cansaço de um homem que não ouve outra coisa senão mentiras como forma de ganhar a vida.

— Bem — disse ele finalmente, depois de uma grande pausa. — Eu estarei aí logo de manhãzinha e vamos tratar disso, pôr todas as hipóteses sobre a mesa. Entretanto, aguenta firme, está bem? Vá dormir e aguenta firme.

Go seguiu o conselho dele; tomou dois comprimidos para dormir e deixou-me ao bater das onze, enquanto eu aguentava literalmente firme, feito num novelo zangado em cima do seu sofá. De vez em quando, ia lá fora e deitava um olhar furioso ao barracão da lenha, de mãos nas ancas, como se ele fosse um predador que eu pudesse afugentar. Não sei bem o que pensava conseguir com aquilo, mas não conseguia evitar. Consequia ficar sentado durante cinco minutos, no máximo, até sentir a necessidade de ir lá fora e ficar a olhar.

Tinha acabado de voltar para dentro quando alguém bateu à porta das traseiras. Santo Deus! Ainda não era meia-noite. A polícia viria pela porta da frente, certo? E os repórteres ainda não tinham colocado a casa de Go sob vigilância (isto ia mudar, numa questão de dias, horas). Eu estava de pé na sala, enervado, indeciso, quando voltaram a bater, mais alto, e eu praguejei baixinho e tentei ficar zangado, em vez de assustado. Lida com a situação, Dunne.

Abri a porta. Era Andie. Era a maldita Andie, linda como um quadro, toda aperaltada para a ocasião, ainda sem perceber que ia pôr o meu pescoço diretamente na forca.

— Diretamente na forca, Andie. — Puxei-a para dentro, e ela ficou a olhar para a minha mão no seu braço. — Vais pôr o meu pescoço diretamente na forca.

— Eu vim pela porta das traseiras — disse ela. Quando a olhei fixamente, não pediu desculpa, antes endureceu. Consegui

literalmente ver as suas feições a tornarem-se duras. — Precisava de te ver, Nick. Eu disse-te. Eu disse que tinha de te ver ou falar contigo todos os dias, e hoje desapareceste. Sempre direitinha ao voice mail, direitinha ao voice mail.

— Se não tens notícias minhas, é porque não posso falar. Meu Deus, Andie, eu estava em Nova Iorque a tratar de arranjar um advogado. Ele vai estar aqui logo de manhãzinha.

— Arranjaste um advogado. Foi isso que te manteve tão ocupado que não pudeste telefonar-me durante dez segundos?

Apeteceu-me bater-lhe. Respirei fundo. Tinha de acabar tudo com Andie. Não era apenas o aviso de Tanner que eu tinha em mente. A minha mulher conhecia-me. Ela sabia que eu faria praticamente tudo para evitar lidar com um confronto. Amy estava a contar que eu fosse estúpido, que deixasse o relacionamento perdurar — e que acabasse por ser apanhado. Tinha de pôr um ponto final naquilo. Mas tinha de o fazer da forma perfeita. Fazê-la acreditar que aquela era a atitude mais decente.

— Na verdade, ele deu-me alguns conselhos importantes — comecei. — Conselhos que não posso ignorar.

Eu tinha sido tão delicado e carinhoso na noite anterior, no meu encontro obrigatório no nosso pretenso forte. Tinha feito tantas promessas, tentando acalmá-la. Ela não estava à espera disto. Não ia aceitar aquilo bem.

— Conselhos? Ainda bem. Foi para deixares de ser tão estúpido comigo?

Senti a raiva a subir em mim; aquilo estava a transformar-se numa briga de liceu. Eu, um homem de trinta e quatro anos no meio da pior noite da minha vida, e estava a ter uma discussão do tipo vai ter comigo ao pé dos cacifos! com uma rapariga pior que estragada. Abanei-a uma vez, com força, e uma minúscula gotinha de saliva aterrou no seu lábio inferior.

— Eu... Tu não percebes, Andie. Isto não é uma piada qualquer, isto é a minha vida.

— Eu só... Eu preciso de ti — disse ela, olhando para as mãos. — Eu sei que estou sempre a dizer isso, mas preciso. Não sou capaz, Nick. Não sou capaz de continuar assim. Estou a sofrer muito. Estou sempre tão assustada.

Ela estava assustada. Imaginei a polícia a bater à porta, e ali estava eu com a rapariga com quem tinha estado na manhã em que a minha mulher desaparecera. Nesse dia, tinha sido eu a procurá-la — nunca fora ao seu apartamento desde aquela primeira noite, mas naquela manhã fui lá direitinho, porque tinha passado horas com o coração a bater atrás das orelhas a tentar conseguir dizer a Amy as palavras: Quero o divórcio. Estou apaixonado por outra pessoa. Temos de acabar com isto. Não posso fingir que te amo, não posso fazer aquela coisa do aniversário — na verdade, seria ainda mais errado do que enganar-te com outra. (Eu sei, é discutível.) Mas enquanto estava a arranjar coragem, Amy tinha-se antecipado com o seu discurso a dizer que ainda me amava (cabra mentirosa!) e eu perdi a coragem. Senti-me como o traidor e cobarde supremo, e — Artigo 22 — ansiei por Andie para me fazer sentir melhor.

Mas Andie já não era o antídoto para os meus nervos. Antes pelo contrário.

A rapariga estava a enrolar-se à minha volta neste momento, alheada como uma erva daninha.

— Olha, Andie — disse eu, com um grande suspiro, não a deixando sentar-se, mantendo-a junto à porta. — És uma pessoa muito especial para mim. Tens lidado com tudo isto espantosamente bem... — Fazer com que ela queira mantê-lo a salvo.

— Quer dizer... — A voz dela vacilou. — Tenho tanta pena de Amy. O que é uma loucura. Eu sei que nem sequer tenho o direito de me sentir triste por ela ou preocupada. E para além de me sentir triste, sinto-me tão culpada. — Encostou a cabeça ao meu peito. Eu recuei, conservei-a à distância para que tivesse de olhar para mim.

— Bem, isso é uma coisa que acho que podemos remediar. Creio que precisamos de o fazer — disse eu, recuperando as palavras exatas de Tanner.

— Devíamos ir à polícia — disse ela. — Eu sou o teu álibi para essa manhã, dizemos-lhes isso.

— Tu és o meu álibi durante cerca de uma hora nessa manhã — disse eu. — Ninguém viu nem ouviu Amy depois das onze da noite anterior. A polícia pode dizer que a matei antes de ir ter contigo.

— Isso é repugnante.

Encolhi os ombros. Pensei por um segundo em contar-lhe sobre

Amy — a minha mulher está a incriminar-me — e descartei rapidamente essa hipótese. Andie não era capaz de jogar o jogo ao nível de Amy. Ia querer ser minha companheira de equipa e arrastar-me para o fundo. Andie seria um estorvo. Pus as minhas mãos novamente nos seus braços e relancei o meu discurso.

— Olha, Andie, estamos ambos debaixo de uma tensão e pressão consideráveis, e uma grande parte disso é provocada pelos nossos sentimentos de culpa. Andie, o problema é que somos boas pessoas. Creio que nos sentimos atraídos um pelo outro porque temos valores semelhantes. Valores que nos levam a tratar bem as pessoas, a fazer a coisa certa. E neste momento sabemos que o que estamos a fazer é errado.

A sua expressão destroçada e esperançosa mudou — os olhos molhados e o toque suave desapareceram: um lampejo estranho, uma persiana puxada para baixo, algo mais sombrio no seu rosto.

— Precisamos de acabar com isto, Andie. Creio que ambos sabemos isso. É tão difícil, mas é a coisa mais decente a fazer. Penso que seria o conselho que daríamos a nós mesmos, se conseguíssemos pensar como deve ser. Por mais que te ame, ainda sou casado com Amy. Tenho de fazer a coisa certa.

— E se a encontrarem? — Ela não disse viva ou morta.

— Podemos discutir o assunto, nessa altura.

— Nessa altura! E até lá, como é?

Encolhi os ombros, impotente. Até lá, nada.

— Como é, Nick? Fico a chuchar no dedo até lá?

— A escolha das palavras não é a melhor.

— Mas é isso que queres dizer — replicou ela, sorrindo de forma afetada.

— Desculpa, Andie. Não me parece correto estar contigo neste momento. É perigoso para ti e é perigoso para mim. Não fico bem com a minha consciência. É isso que sinto.

— Ah sim? E tu sabes como é que eu me sinto? — Os seus olhos abriram-se muito, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. — Sinto-me uma colegial estúpida que começaste a comer porque estavas aborrecido com a tua mulher e eu tornei as coisas extremamente práticas para ti. Podias ir a casa ter com Amy e jantar com ela, e namorar no barzinho que compraste com o dinheiro dela, e depois

podias encontrar-te comigo na casa do teu pai moribundo e vires-te nas minhas mamas porque, pobrezinho de ti, a megera da tua mulher nunca te deixaria fazer isso.

— Andie, tu sabes que isso não é...

— Mas que merdoso me saíste. Que tipo de homem és tu?

— Andie, por favor. — Controla isto, Nick. — Acho que como não tens podido falar sobre estas coisas, tudo assumiu uma proporção um bocadinho maior na tua cabeça, um bocadinho...

— Vai-te lixar! Pensas que sou alguma miúda estúpida, alguma aluna patética que podes manobrar? Fico do teu lado durante isto tudo, esta conversa sobre poderes ser um assassino, e assim que as coisas ficam um bocadinho mais difíceis para ti... Não, não. Não vais falar sobre consciência, decência e culpa e sentir que estás a fazer a coisa certa. Estás a perceber? Porque tu és um merdoso de um traidor, cobarde e egoísta!

Afastou-se de mim, a soluçar, a sorver goles de ar húmido e a expirar vagidos, e eu tentei impedi-la, agarrei-a pelo braço.

— Andie, não é assim que eu quero...

— Tira as mãos de cima de mim! Tira as mãos de cima de mim!

Ela dirigiu-se para a porta das traseiras, e eu percebi o que ia acontecer, ao ver o ódio e a vergonha a sair dela como calor... Soube que ela ia abrir uma garrafa de vinho, ou duas, e depois contar a uma amiga ou à mãe, e aquilo iria espalhar-se como uma infeção.

Pus-me à frente dela, barrando-lhe o caminho para a porta — Andie, por favor — e ela levantou a mão para me esbofetear, e eu agarrei-lhe o braço para me defender. Os nossos braços ligados movimentaram-se para cima e para baixo, para cima e para baixo, como parceiros de dança enlouquecidos.

— Larga-me, Nick, ou juro...

— Fica só mais um minuto. Ouve-me apenas.

— Já te disse, larga-me!

Moveu o rosto em direção ao meu, como se fosse beijar-me. Mordeu-me. Saltei para trás e ela saiu disparada pela porta.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Cinco Dias

Podem chamar-me Amy Ozark. Estou escondida nas Cabanas Hide-A-Way (terá havido alguma vez nome mais apropriado?) e estou sentada calmamente a observar todos os mecanismos que criei a fazerem o seu trabalho.

Livre-me de Nick e, no entanto, penso nele mais do que nunca. A noite passada, às 10h04, o meu telemóvel descartável tocou. (É verdade, Nick, não és o único que conhece o velho truque do «telemóvel secreto».) Era a companhia de alarmes. Não atendi, é claro, mas agora sei que Nick já chegou pelo menos ao ponto de ir a casa do pai. Pista 3. Alterei o código duas semanas antes de desaparecer e listei o meu telemóvel secreto como primeiro número a contactar. Consigo imaginar Nick, com a minha pista na mão, a entrar na casa empoeirada e bafienta do pai, atrapalhado com o código do alarme... e depois o tempo esgota-se. Bip bip biiiip! O telemóvel dele está listado como alternativa, se eu não puder ser contactada (e obviamente não posso).

Portanto, fez disparar o alarme e falou com alguém da companhia de alarmes, e assim fica registado que estive em casa do pai depois do meu desaparecimento. O que é bom para o plano. Não é infalível, mas também não tem de ser infalível. Já deixei coisas suficientes para a polícia construir uma teoria contra Nick: o local do crime encenado, o sangue limpo, as contas dos cartões de crédito. Tudo isto há de ser encontrado, até mesmo pelos departamentos da polícia mais incompetentes. Noelle há de espalhar a notícia da minha gravidez em breve (se é que já não o fez). É o suficiente, sobretudo quando a polícia descobrir a competente Andie (competente para chupar a pila quando lho ordenam). Portanto, todos estes extras não passam de formas de «Vai-te lixar!» acrescentadas como bónus. Armadilhas divertidas. Adoro o facto de ser uma mulher cheia de armadilhas.

Ellen Abbott também faz parte do meu plano. O maior programa de notícias de crimes de televisão por cabo do país. Eu adoro Ellen Abbott, adoro a sua postura protetora e maternal em relação a todas as mulheres desaparecidas referidas no programa, e a sua ferocidade de

cão raivoso quando agarra um suspeito, normalmente o marido. Ela é a voz da justiça feminina na América. E é por isso que eu gostava muito que ela pegasse na minha história. O público tem de se virar contra Nick. O facto de o querido Nicky — que passa tanto tempo preocupado em que as pessoas gostem dele — saber que é universalmente odiado é uma parte tão importante do seu castigo quanto a prisão. E preciso que Ellen me mantenha ao corrente da investigação. Será que a polícia já encontrou o meu diário? Já saberá da existência de Andie? Terá descoberto o aumento do capital do seguro de vida? Esta é a parte mais difícil: esperar que pessoas estúpidas descubram as coisas.

Ligo a televisão no meu quartinho uma hora por dia, desejosa de ver se Ellen pegou na minha história. Ela tem de o fazer, não vejo como poderá resistir. Sou bonita, Nick é bonito, e eu tenho o chamariz da Incrível Amy. Precisamente antes do meio-dia, ela aparece, prometendo uma reportagem especial. Mantenho-me atenta, a olhar para a televisão: despacha-te, Ellen. Ou: despacha-te, Ellen. Temos isso em comum: Ambas somos pessoas e entidades. Amy e Amy, Ellen e Ellen.

Anúncio a tampões, anúncio a detergente, anúncio a pensos tamanho maxi, anúncio ao Windex. Até parece que a única coisa que as mulheres fazem é limpar e sangrar.

E finalmente! Ali estou eu! A minha estreia!

Desde o primeiro momento em que Ellen aparece, carrancuda como Elvis, que sei que aquilo vai ser bom. Algumas fotografias minhas magníficas, uma imagem de Nick com o seu sorriso insano adorem-me! da primeira conferência de imprensa. Notícia: Houve buscas infrutíferas em múltiplos locais daquela «bela mulher, com tudo a seu favor». Notícia: Nick já se tramou. Ao tirar fotografias cândidas com uma residente local durante uma das buscas. Foi claramente isso que prendeu a atenção de Ellen, porque ela está pior do que estragada. Ali está ele, Nick no seu modo de queridinho, o modo eu sou adorado por todas as mulheres, com o rosto encostado ao da mulher desconhecida, como se fossem companheiros de copos.

Mas que idiota! Adoro aquilo.

Ellen Abbott está a insistir muito no facto de o nosso quintal das traseiras dar para o rio Mississípi. Nessa altura, pergunto-me se terá

havido alguma fuga de informação — a história da busca no computador de Nick, que eu tratei de assegurar que incluía um estudo sobre as comportas e barragens do Mississípi, assim como uma pesquisa no Google das palavras flutuação de corpo rio Mississípi. Para não haver dúvidas. Podia acontecer — era possível, pouco provável, mas havia precedentes — o rio levar o meu corpo até ao oceano. Até senti pena de mim própria, ao imaginar o meu corpo elegante, nu e pálido, a flutuar por baixo da corrente, com uma colónia de caracóis agarrada a uma perna nua, as mechas do cabelo atrás de mim como algas até chegar ao oceano e ser arrastado para baixo, para baixo, até ao fundo, a carne saturada de água a saltar em tiras macias, e eu a desaparecer na corrente como uma aguarela até só restarem os ossos.

Mas eu sou uma romântica. Na vida real, se Nick me tivesse assassinado, penso que ele se teria limitado a fazer rolar o meu corpo para dentro de um saco de lixo e a levá-lo de carro até um dos aterros que existem num raio de cem quilómetros. Apenas para se desfazer de mim. Até era capaz de ter levado algumas coisas com ele — a torradeira avariada que não vale a pena arranjar, um monte de velhas cassetes VHS que andava para deitar fora — para tornar a viagem eficiente.

Eu própria ando a aprender a viver de forma bastante eficiente. Uma rapariga tem de economizar quando está morta. Tive tempo para juntar algum dinheiro: dei a mim própria uns bons doze meses entre decidir desaparecer e desaparecer efetivamente. É por isso que a maior parte dos homicidas são apanhados. Não têm disciplina para esperar. Eu tenho 10 200 dólares em dinheiro. Se tivesse levantado 10 200 dólares num mês, isso teria dado nas vistas. Mas eu fiz levantamentos com cartões de crédito que pedi em nome de Nick — os cartões que o vão fazer parecer um traidorzinho ganancioso — e desviei mais 4400 dólares ao longo dos meses: levantamentos de 200 ou 300 dólares, nada que chame a atenção. Roubei dinheiro a Nick, dos bolsos, 20 dólares aqui, 10 ali, uma acumulação lenta e deliberada — é como aquele plano de poupança em que pomos o dinheiro que gastamos nos Starbucks matinais num frasco, e no final do ano temos 1500 dólares. E roubava sempre alguma coisa do frasco das gorjetas quando ia ao Bar. Tenho a certeza de que Nick culpava Go, e Go culpava Nick, e

nenhum deles dizia nada porque tinham demasiada pena um do outro.

Mas sou cuidadosa com o dinheiro, é isso que quero dizer. Tenho o suficiente para continuar a viver até me matar. Vou-me esconder tempo suficiente para ver Lance Nicholas Dunne tornar-se um pária mundial, para ver Nick ser preso, levado para a cadeia, desconcertado num fato-macaco cor de laranja e algemas. Para ver Nick sofrer e transpirar e jurar que é inocente, e mesmo assim ir preso. Depois, viajarei para sul, ao longo do rio, onde me encontrarei com o meu corpo, o pretendo corpo a flutuar da outra Amy, no golfo do México. Vou inscrever-me num cruzeiro daqueles com muito álcool à mistura... algo que me leve ao fim derradeiro, mas que não requeira identificação. Irei beber um shaker gigantesco molhado do gelo e cheio de gim, engolir comprimidos para dormir e, quando ninguém estiver a olhar, deixar-me-ei cair silenciosamente borda fora, com os bolsos cheios de pedras como Virginia Woolf. Afogar-se requer disciplina, mas eu tenho disciplina a rodos. O meu corpo pode nunca vir a ser descoberto, ou pode vir à superfície semanas ou meses mais tarde — corroído ao ponto de não poder ser determinada a altura da minha morte — e assim facultarei uma última prova, para garantir que Nick é levado até à cruz almofadada, a mesa da prisão onde lhe injetarão veneno e morrerá.

Gostava de esperar para o ver morrer, mas dado o estado do nosso sistema jurídico, isso pode levar anos, e eu não tenho dinheiro nem energia para isso. Estou pronta para me juntar às Esperanças.

Já me desviei um bocadinho do meu orçamento. Gastei cerca de 500 dólares em artigos para alindar a minha cabana — bons lençóis, um candeeiro decente, toalhas que não fiquem em pé sozinhas devido a anos de branqueamento. Mas tento aceitar o que me oferecem. Há um homem algumas cabanas mais adiante, um tipo taciturno, um hippie falhado do tipo Grizzly Adams, um espírito livre — barba inteira, anéis com turquesas e uma viola que toca no alpendre das traseiras, algumas noites. Ele diz que se chama Jeff, tal como eu digo que me chamo Lydia. Sorrimos apenas de passagem, mas ele traz-me peixe. Já por duas vezes que me traz um peixe a tresandar a fresco, mas escamado e sem cabeça, e mo oferece num saco de congelação gigantesco cheio de gelo. «Peixe fresco!», diz ele, batendo à porta, e se não abro de imediato, desaparece, deixando o saco no degrau da entrada. Cozinho

o peixe numa frigideira decente que comprei noutro Walmart, e não é mau, e é de graça.

— Onde é que apanha este peixe todo? — pergunto-lhe.

— No lugar da apanha — diz ele.

Dorothy, que trabalha na receção e já ganhou simpatia por mim, traz-me tomates da sua horta. Eu como os tomates que cheiram a terra e o peixe que cheira a lago. Penso que, no ano que vem, Nick estará atrás das grades num lugar que só cheira a fechado. Odores fabricados: desodorizante e sapatos velhos e comidas cheias de amido, colchões bafientos. O seu pior receio, o seu pesadelo pessoal: encontra-se na cadeia, sabendo que não fez nada de mal, mas incapaz de prová-lo. Os pesadelos de Nick sempre foram sobre ser enganado, sobre ser apanhado numa armadilha, vítima de forças que não controla.

Ele levanta-se sempre depois destes sonhos, anda de um lado para o outro pela casa, e depois veste-se e vai lá para fora, deambula pelas estradas perto de nossa casa, vai até um parque — um parque no Missouri, um parque em Nova Iorque —, indo onde quer que lhe apeteça. Ele é um homem de espaços abertos, mesmo não sendo exatamente o adepto típico das atividades de ar livre. Não é caminheiro, não é campista, não sabe fazer fogueiras. Não saberia como apanhar peixe e oferecer-mo. Mas gosta da opção, gosta da escolha. Quer saber que pode ir lá fora, mesmo que em vez disso opte por ficar sentado no sofá a ver luta de jaula durante três horas.

Interrogo-me sobre a putéfia, Andie. Pensei que ela aguentaria exatamente três dias. Depois, não conseguiria resistir a partilhar. Sei que ela gosta de o fazer porque eu estou entre as suas amigas no Facebook — o nome no meu perfil é inventado (Madeleine Elster, ah!), a minha fotografia foi tirada de um anúncio de hipotecas (loura, sorridente, beneficiando de taxas de juros historicamente baixas). Há quatro meses, Madeleine pediu aleatoriamente para ser amiga de Andie, e esta, como um cachorrinho infeliz, aceitou, por isso conheço a rapariguinha bastante bem, juntamente com as particularidades de todas as suas amigas, que fazem muitas sextas e adoram iogurte grego e Pinot Grigio, e gostam de partilhar isso entre si. Andie é boa rapariga, querendo isso dizer que não publica fotografias suas em «borgas» e nunca publica mensagens lascivas. O que é uma pena.

Quando for revelada como namorada de Nick, preferia que os meios de comunicação encontrassem fotografias dela a beber shots, ou a beijar raparigas ou a exhibir a sua tanga; isto mostrá-la-ia mais facilmente como a destruidora de lares que é.

Destruidora de lares. O meu lar ficou perturbado, mas não destruído quando ela começou a beijar o meu marido, a meter a mão dentro das suas calças, a meter-se na cama com ele. A enfiar-lhe a picha na boca, mesmo até à base, para ele se sentir extra grande quando ela fica com falta de ar. A levar no cu, bem fundo. A levar com jatos de sémen no rosto e nas mamas, e depois a lambê-lo, nham! A levar, seguramente a levar. É o tipo dela. Andam juntos há mais de um ano. Todos os dias. Examinei os extratos dos seus cartões de crédito (os verdadeiros), para ver o que é que lhe comprou para o Natal, mas ele tem sido chocantemente cuidadoso. Pergunto-me qual será a sensação de ser uma mulher cujo presente de Natal tem de ser comprado a dinheiro. Libertadora. Ser uma rapariga não documentada significa ser a rapariga que não tem de telefonar ao canalizador ou ouvir as queixas sobre o trabalho ou lembrar-lhe vezes sem conta para comprar a porcaria da comida para o gato.

Preciso que ela se vá abaixo. Preciso que 1) Noelle conte a alguém sobre a minha gravidez; 2) A polícia encontre o diário; 3) Andie conte a alguém sobre o seu caso. Suponho que a estereotipei — que uma rapariga que publica atualizações sobre a sua vida cinco vezes por dia para toda a gente ver não teria um verdadeiro entendimento do que é um segredo. Ela já fez breves menções ocasionais ao meu marido online:

Vi o Sr. Bonitão hoje.

(Oh, conta lá!)

(Quando é que conhecemos esse borracho?)

(A Bridget gosta disto!)

Um beijo de um homem giro torna tudo melhor.

(É bem verdade!)

(Quando é que conhecemos o Giraço?!)

(A Bridget gosta disto!)

Mas ela tem sido surpreendentemente discreta para uma rapariga da sua geração. Ela é boa rapariga (para uma cabra). Consigo imaginá-la, com aquela cara em forma de coração inclinada para um lado, o

sobrolho levemente franzido. Só quero que saibas que estou do teu lado, Nick. Estou aqui para te apoiar. Provavelmente, fez-lhe bolachinhas.

As câmaras de Ellen Abbott estão agora a dar uma panorâmica do Centro de Voluntários, que parece um bocadinho decrepito. Uma correspondente está a falar sobre a forma como o meu desaparecimento «abalou esta cidade minúscula» e, atrás dela, consigo ver uma mesa coberta de guisados e bolos caseiros para o pobre Nicky. Mesmo agora, aquele otário tem mulheres a cuidar dele. Mulheres desesperadas que detetam uma oportunidade. Um homem bem-parecido e vulnerável — está bem, pode ter morto a mulher, mas não sabemos isso. Não há a certeza. Por agora, é um alívio ter um homem para quem cozinhar, o equivalente quarentão a passar de bicicleta pela casa do rapaz giro.

Estão a mostrar outra vez a fotografia do telemóvel com Nick a sorrir. Consigo imaginar a galdéria local na sua cozinha solitária e a brilhar — uma cozinha-troféu comprada com o dinheiro da pensão de alimentos — a misturar e a pôr no forno enquanto tinha uma conversa imaginária com Nick. Não, na verdade, tenho quarenta e três anos. Não, a sério que tenho! Não, não tenho montes de homens atrás de mim, a sério que não, a maior parte dos homens daqui não é assim tão interessante...

Sinto um ataque de ciúmes daquela mulher com a face encostada à do meu marido. É mais bonita do que eu, tal como sou agora. Como chocolates Hershey e flutuo na piscina durante horas debaixo do sol quente, e o cloro deixa a minha carne emborrachada como a de uma foca. Estou bronzeada, coisa que nunca estive antes — pelo menos, com um bronzeado tão escuro, orgulhoso e profundo. Uma pele bronzeada é uma pele estragada, e ninguém gosta de uma rapariga com rugas; passava a vida a pôr protetor solar. Mas deixei-me bronzear um bocadinho antes de desaparecer, e agora, cinco dias depois, estou a caminho de ficar castanha. «Castanha como uma bolota!», diz a velha Dorothy, a gerente. «Estás castanha como uma bolota, rapariga!», diz ela com deleite, quando entro para pagar a renda da semana seguinte, em dinheiro.

Tenho a pele morena, o corte de capacete cor de rato e óculos de rapariga inteligente. Ganhei mais de cinco quilos nos meses antes do

meu desaparecimento — cuidadosamente escondidos em vestidos largos, não que o meu marido desatento desse por isso — e já ganhei mais um quilo desde então. Tive o cuidado de não deixar que me tirassem fotografias nos meses antes do meu desaparecimento, por isso o público conhecerá apenas a Amy pálida e magra.

Decididamente, já não sou essa pessoa. Às vezes, consigo sentir o meu rabo a mexer-se de moto próprio, quando ando. Um bamboleio que faz gingar, não há uma canção assim? Nunca tinha sentido uma coisa nem outra. O meu corpo era uma economia bela e perfeita, com todos os traços calibrados, tudo em equilíbrio. Não sinto falta disso. Não sinto falta dos homens a olharem para mim. É um alívio entrar numa loja de conveniência e voltar a sair sem um tipo qualquer de camisa de flanela sem mangas me lançar olhares lúbricos quando saio, deixando escapar murmúrios misóginos como um arroto a molho de queijo nacho.

Agora, ninguém é grosseiro comigo, mas também ninguém é simpático. Ninguém se esforça por agradar, não abertamente, não da forma como costumava.

Eu sou o oposto de Amy.

Nick Dunne — Desaparecida Há Oito Dias

Quando o sol nasceu, segurei um cubo de gelo junto à face. Tinham passado horas, e ainda sentia a dentada: dois pequenos vincos em forma de agrafo. Não podia ir atrás de Andie — era um risco maior do que a sua ira —, por isso acabei por lhe telefonar. Voice mail.

Conter, isto tem de ser contido.

— Andie, estou tão arrependido, não sei o que fazer, não sei o que se passa. Por favor, desculpa-me. Por favor.

Não devia ter deixado mensagem de voz, mas depois pensei: Ela pode ter centenas de mensagens minhas guardadas, tanto quanto sei. Santo Deus, se ela passasse as mais lúbricas, indecentes e apaixonadas, qualquer mulher em qualquer júri me mandava preso só por isso. Uma coisa é saber que sou infiel, outra é ouvir a minha voz forte de professor a falar a uma jovem aluna sobre a minha gigantesca e dura...

Corei sob a luz da aurora. O cubo de gelo derreteu.

Sentei-me nos degraus da entrada da casa de Go, comecei a telefonar a Andie de dez em dez minutos e não consegui nada. Estava sem sono e com os nervos em franja quando Boney estacionou no caminho de acesso, às 6h12. Eu não disse nada enquanto ela caminhava na minha direção, segurando dois copos de esferovite.

— Olá, Nick, trouxe-lhe um café. Só passei por cá para ver como estava.

— Aposto que sim.

— Sei que, provavelmente, está em choque por causa da notícia da gravidez. — Ela deitou ostensivamente dois pacotinhos de natas no meu café, da forma como eu gosto, e passou-mo para a mão. — O que é isso? — disse ela, apontando para a minha face.

— Está a falar do quê?

— Estou a perguntar o que é que se passa com o seu rosto, Nick. Tem uma marca rosada e enorme... — Ela inclinou-se para ficar mais perto e agarrou-me o queixo. — Parece uma mordidela.

— Deve ser urticária. Fico com urticária quando estou stressado.

— Hum-hum. — Ela mexeu o seu café. — Sabe que estou do seu lado,

certo, Nick?

— Certo.

— Estou, pois. A sério. Quem me dera que confiasse em mim. Estou a chegar ao ponto em que não serei capaz de ajudá-lo, se não confiar em mim. Sei que isto parece deixa de polícia, mas é a verdade.

Ficámos ali sentados num silêncio estranho e semissociável a bebericar o café.

— Olhe, quis que soubesse antes de ouvir isso noutro lado qualquer — disse ela animadamente. — Encontrámos a carteira de Amy.

— O quê?

— Sim, sem dinheiro, mas com a identificação e o telemóvel. Em Hannibal. Na margem do rio, a sul do ancoradouro do barco a vapor. O nosso palpite: alguém queria dar a ideia de que tinha sido atirada para o rio pelo criminoso ao sair da cidade, ao passar a ponte para Illinois.

— Dar a ideia?

— Não chegou a estar completamente debaixo de água. Ainda há impressões digitais na parte de cima, perto do fecho. Bem, às vezes as impressões digitais resistem mesmo na água, mas... Vou poupá-lo aos pormenores científicos, direi apenas que a teoria é que a carteira foi colocada na margem para garantir que era encontrada.

— Parece estar a dizer-me isso por alguma razão — repliquei.

— As impressões digitais que encontrámos são suas, Nick. O que não é assim tão disparatado, os homens estão constantemente a pegar nas carteiras das esposas. Mas mesmo assim... — Riu-se, como se estivesse a ter uma grande ideia. — Tenho de perguntar: não estive em Hannibal recentemente, pois não?

Ela disse aquilo com uma confiança tão descontraída, que tive um flash: um sistema de deteção escondido algures na parte inferior da carroçaria do meu carro, que me fora devolvido na manhã em que fui a Hannibal.

— E porque é que eu havia de ir a Hannibal para me livrar da carteira da minha mulher?

— Vamos supor que tinha morto a sua mulher e encenado o local do crime em sua casa, tentando levar-nos a pensar que ela tinha sido atacada por um estranho. Mas, depois, percebeu que estávamos a começar a suspeitar de si, por isso quis introduzir alguma coisa que

nos levasse a olhar novamente para fora. É essa a teoria. Mas, nesta altura, alguns dos meus colegas estão tão certos que foi Nick que tratam de encontrar uma teoria que sirva. Portanto, deixe-me ajudá-lo: Esteve em Hannibal, nos últimos tempos?

Abanei a cabeça.

— Precisa de falar com o meu advogado. Tanner Bolt.

— Tanner Bolt? Tem a certeza de que quer ir por esse caminho, Nick? Sinto que temos sido bastante leais para consigo até agora, bastante abertos. O Bolt é um... é um último recurso. Ele é o tipo que as pessoas culpadas contratam.

— Hum... Bem, sou claramente o vosso principal suspeito, Rhonda. Tenho de olhar por mim.

— Vamos reunir-nos todos, quando ele chegar, está bem? Falar sobre isto.

— Com certeza, é esse o nosso plano.

— Um homem com um plano — disse Boney. — Fico ansiosamente à espera. — Levantou-se e já se ia embora quando gritou — O hamamele é bom para a urticária.

Uma hora mais tarde, a campainha da porta tocou e ali estava Tanner Bolt, envergando um fato azul-bebé, e alguma coisa me disse que era aquele o seu visual sempre que ia «para sul». Estava a inspecionar o bairro, observando os carros estacionados nos caminhos de entrada e avaliando as casas. De certa forma, fez-me lembrar os Elliotts — a examinarem e a analisarem, em todas as alturas. Um cérebro sem interruptor para desligar.

— Mostre-me — disse Tanner, antes de eu conseguir cumprimentá-lo. — Indique-me o caminho para o barracão. Não venha comigo e não volte a aproximar-se dele. Depois, vai contar-me tudo.

Instalámo-nos à mesa da cozinha — eu, Tanner e Go, que acabara de acordar, debruçada sobre a sua primeira chávena de café. Espalhei todas as pistas de Amy, como se fosse um horrível leitor de Tarot.

Tanner inclinou-se na minha direção, com os músculos do pescoço tensos.

— Muito bem, Nick, exponha a sua teoria — disse ele. — A sua mulher orquestrou isto tudo. Apresente os seus argumentos! — Bateu

com o indicador em cima da mesa. — Porque eu não vou avançar com uma mão vazia e uma história maluca sobre uma tramoia na outra. A menos que me convença. A menos que funcione.

Respirei fundo e concentrei-me. Era sempre melhor a escrever do que a falar.

— Antes de começarmos — disse eu — tem de compreender uma coisa fundamental em relação a Amy: ela é perfeitamente brilhante. O seu cérebro trabalha tanto que nunca funciona apenas a um nível. Ela é como uma escavação arqueológica infundável: pensamos que chegámos à última camada, e depois usamos a picareta uma vez mais e vamos dar com um novo poço de mina lá por baixo. Com um labirinto de túneis e poços sem fundo.

— Muito bem — disse Tanner. — Portanto...

— A segunda coisa que precisa de saber sobre Amy é que ela é justiceira. É uma daquelas pessoas que nunca se engana e adora dar lições, castigar aos poucos.

— Sim, muito bem, portanto...

— Deixe-me contar-lhe uma história, uma história rápida. Há cerca de três anos, íamos de carro para Massachusetts. Estava um trânsito horrível e houve um camionista que mostrou o dedo do meio a Amy — ela não o deixou entrar — e depois avançou e cortou-lhe a passagem. Nada de perigoso, mas bastante assustador por um segundo. Sabem aqueles autocolantes nas traseiras dos camiões: Que tal estou a conduzir? Ela fez-me telefonar e dar-lhes a matrícula. Pensei que a coisa tinha ficado por ali. Dois meses mais tarde — dois meses mais tarde — entrei no quarto e Amy estava ao telefone, a repetir aquela matrícula. Tinha uma história completa: ia de viagem com a filha de dois anos e o motorista quase a tinha feito sair da estrada. Ela disse que era o quarto telefonema. Disse que até tinha investigado as rotas da companhia, para poder escolher as estradas certas para os potenciais falsos acidentes. Tinha pensado em tudo. E estava muito orgulhosa. Ia fazer com que despedissem aquele tipo.

— Santo Deus, Nick — murmurou Go.

— É uma história muito... esclarecedora, Nick — disse Tanner.

— É apenas um exemplo.

— Então, agora, ajude-me a juntar isto tudo — disse ele. — Amy descobre que anda a enganá-la com outra. Simula a sua morte. Faz

com que o alegado local do crime pareça suficientemente suspeito para suscitar apreensão. Ela tramou-o com os cartões de crédito, o seguro de vida e o seu refugiozinho lá atrás...

— Arma uma discussão comigo na noite antes do desaparecimento e fá-lo ao pé de uma janela aberta, para que a nossa vizinha ouça.

— Qual foi a discussão?

— Foi acerca de eu ser um idiota egoísta. Basicamente, a mesma de sempre. O que a nossa vizinha não ouve é Amy a pedir desculpa mais tarde, porque Amy não quer que ela ouça isso. Quer dizer, lembro-me de ter ficado espantado, porque foi a reconciliação mais rápida que alguma vez tivemos. De manhã, estava a fazer-me crepes por ter falado aos gritos.

Vi-a novamente ao fogão, a lambar o açúcar em pó do polegar, a trautear baixinho, e imaginei-me a ir ter com ela e a abaná-la até...

— Muito bem, e a caça ao tesouro? — disse Tanner. — Qual é a teoria para isso?

Todas as pistas estavam desdobradas sobre a mesa. Tanner agarrou numas quantas e deixou-as cair.

— Essas pistas são apenas formas suplementares de dizer «Vai-te lixar!» — disse eu. — Eu conheço a minha mulher, acredite. Ela sabia que tinha de fazer uma caça ao tesouro, caso contrário pareceria suspeito. Por isso, fá-lo e, é claro, tem dezoito significados diferentes. Olhe para a primeira pista.

Imagino-me como tua aluna,
Com um professor tão bonito e sábio
O meu pensamento abre-se (para não falar das minha coxas!)
Se eu fosse tua aluna, não seria preciso um presente
Talvez apenas um encontro furtivo durante as tuas horas de expediente
Portanto apressa-te, põe-te a andar, por favor faz isso
E desta vez quem te ensina uma coisa ou duas sou eu.

— É pura Amy. Leio isto e penso: Olha, a minha mulher está a namorar comigo. Não. Na verdade, está a referir-se à minha... infidelidade com Andie. «Vai-te lixar!» número um. Por isso, vou lá com Gilpin, e o que é que está à minha espera? Uma peça de roupa

interior feminina. Nem sequer de um número parecido com o de Amy — os polícias estavam sempre a perguntar a toda a gente qual era o número que Amy vestia, e eu não percebia porquê.

— Mas Amy não tinha maneira de saber que Gilpin estaria consigo.
— Tanner franziu o sobrolho.

— É uma aposta boa como o diabo — interrompeu Go. — A Pista Um fazia parte do local do crime, por isso os polícias saberiam disso, e ela utilizou as palavras horas de expediente. É lógico que iriam lá, com ou sem Nick.

— Então, de quem são as calcinhas? — perguntou Tanner. Go franziu o nariz diante da palavra calcinhas.

— Quem sabe? — disse eu. — Eu tinha pressuposto que eram de Andie, mas... provavelmente, Amy limitou-se a comprá-las. A questão essencial é que não são do tamanho de Amy. Levam qualquer pessoa a pensar que aconteceu alguma coisa imprópria no meu gabinete com alguém que não é a minha mulher. «Vai-te lixar!» número dois.

— E se a polícia não estivesse consigo quando foi ao gabinete? — perguntou Tanner. — Ou ninguém tivesse reparado nas calcinhas?

— Ela não se importa, Tanner! Esta caça ao tesouro é tanto para se divertir como para qualquer outra coisa. Ela não precisa disso. Levou tudo ao extremo para garantir que há um milhão de malditas pistazinhas em circulação. Mais uma vez é preciso conhecer a minha mulher: ela é do tipo que usa cinto e suspensórios.

— Está bem. Pista Dois — disse Tanner.

Imagina-me: estou doida por ti

O meu futuro contigo é tudo menos incerto

Trouxeste-me aqui para te poder ouvir falar

Sobre as aventuras da adolescência: jeans rotas e pala na cabeça

Que se lixem os outros, para nós estão todos arrumados

E vamos roubar um beijo... fingir que acabámos de casar.

— Isto é Hannibal — disse eu. — Eu e Amy fomos lá uma vez para visitar a cidade, por isso foi assim que a li, mas também é um sítio onde tive... relações com Andie.

— E isso não o pôs de sobreaviso?

— Não, ainda não, estava demasiado enlevado com as notas que

Amy me tinha escrito. Meu Deus, aquela rapariga conhece-me como ninguém. Ela sabe exatamente aquilo que quero ouvir. És brilhante. És espirituoso. E que divertido para ela saber que ainda era capaz de brincar com a minha cabeça daquela maneira. Mesmo de longe. Quer dizer, eu estava... Meu Deus, eu estava praticamente a apaixonar-me novamente por ela.

Senti um nó na garganta por um momento. A história palerma sobre o bebé meio despido e nojento da sua amiga Insley. Amy sabia que era o que eu mais gostava em nós quando amava esse nós: não eram os grandes momentos, não eram os momentos Românticos com R maiúsculo, mas as nossas piadas privadas e secretas. E agora estava a usá-las todas contra mim.

— E sabem que mais? — disse eu. — Acabaram de encontrar a carteira de Amy em Hannibal. Tenho a certeza de que alguém vai conseguir pôr-me lá. Bolas, paguei o bilhete da visita guiada com o cartão de crédito. Portanto, mais uma vez, aqui está uma prova, e Amy a certificar-se que podem ligar-me a ela.

— E se ninguém tivesse encontrado a carteira? — perguntou Tanner.

— Não importa — disse Go. — Ela está a fazer com que Nick ande às voltas, está a divertir-se. Tenho a certeza de que estava feliz só por saber a culpa que Nick devia sentir ao ler todas aquelas notas apaixonadas, sabendo que é um traidor e que ela desapareceu.

Tentei não me retrair ao ouvir o seu tom desgostoso: traidor.

— Então e se Gilpin ainda estivesse com Nick quando ele foi a Hannibal? — insistiu Tanner. — E se Gilpin estivesse com Nick o tempo todo, e soubesse que Nick não tinha lá deixado a carteira nessa altura?

— Amy conhece-me suficientemente bem para saber que eu ia livrar-me de Gilpin. Ela sabe que eu não ia querer um estranho a ver-me ler aquelas coisas, a avaliar as minhas reações.

— A sério? Como é que você sabe?

— Sei, só isso. — Encolhi os ombros. Sabia, sabia simplesmente.

— Pista Três — disse eu, e enfiei-a na mão de Tanner.

Talvez te sintas culpado por me trazeres para aqui
Pareceu-me um bocadinho estranho, devo admitir
Mas não tínhamos muitos lugares por onde escolher

Tomámos a decisão: tornámos este espaço nosso.
Vamos levar o nosso amor para esta casinha castanha
Dá-me alguma boa vontade, meu ardente e dedicado esposo!

— Sabem, eu interpretei mal esta, pensei que me trazeres para aqui significava Cartago, mas, mais uma vez, ela está a referir-se à casa do meu pai, e...

— Mais outro lugar onde papou essa tal Andie — disse Tanner.
Virou-se para a minha irmã. — Peço desculpa pela vulgaridade.

Go fez um gesto de assentimento com a mão.

Tanner prosseguiu:

— Portanto, Nick. Há calcinhas de mulher incriminadoras no seu gabinete, onde papou a Andie, e há a carteira incriminadora de Amy em Hannibal, onde papou a Andie, e há um tesouro incriminador de compras feitas com cartões de crédito secretos no barracão da lenha, onde papou a Andie.

— Hum, sim. Sim, é isso mesmo.

— Então, e o que há em casa do seu pai?

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Sete Dias

Estou grávida! Obrigada, Noelle Hawthorne, o mundo sabe-o agora, sua idiotazinha. Desde o dia em que fez sensação na minha vigília (contudo, quem me dera que não tivesse empurrado a minha vigília para segundo plano — as raparigas feias conseguem roubar as atenções cá de uma maneira!), que o ódio contra Nick tinha subido em flecha. Pergunto-me se ele conseguirá respirar, com toda aquela fúria a aumentar à sua volta.

Eu sabia que a chave para uma cobertura significativa, vinte e quatro horas por dia, frenética, uma cobertura interminável e desejosa de sangue do Ellen Abbott, seria a gravidez. A Incrível Amy é tentadora tal como é. A Incrível Amy grávida é irresistível. Os americanos gostam do que é fácil, e é fácil gostar de mulheres grávidas — são como patinhos, coelhinhos ou cachorrinhos. Mesmo assim, fico perplexa com o facto de essas barrigudas arrogantes e encantadas consigo mesmas receberem um tratamento tão especial. Como se fosse assim tão difícil abrir as pernas e deixar um homem ejacular entre elas.

Sabem o que é difícil? Fingir uma gravidez.

Prestem atenção, porque isto é impressionante. Começou com a mentecapta da minha amiga Noelle. O Midwest está cheio deste tipo de gente: os simpáticos quanto baste. Simpática quanto baste, mas com a alma feita de plástico — fácil de moldar, fácil de limpar. A coleção de música da mulher é formada exclusivamente por compilações da Pottery Barn. As suas estantes estão cheias de porcaria para mesa de café: *The Irish in America*. *Mizzou Football: A History in Pictures*. *We Remember 9/11*. *Something Dumb with Kittens*. Eu sabia que precisava de uma amiga influenciável para o meu plano, alguém a quem eu pudesse contar histórias horríveis sobre Nick, alguém que se tornasse excessivamente afeiçoada a mim, alguém que fosse fácil de manipular, que não pensasse muito sobre nada do que eu dissesse, porque se sentia privilegiada por ouvi-lo. Noelle foi a escolha óbvia, e quando ela me disse que estava outra vez grávida — aparentemente, os trigêmeos não eram suficientes — percebi que também podia

engravidar.

Uma pesquisa online: como escoar a sanita para reparação.

Noelle convidada para tomar limonada. Muita limonada.

Noelle a fazer chichi na minha sanita escoada e com o autoclismo desativado, ambas tão horivelmente embaraçadas!

Eu, um frasquinho de vidro, o chichi que estava na minha sanita a ir para dentro do frasco.

Eu, uma história bem construída de fobia a agulhas/sangue.

Eu, o frasco com chichi escondido na mala, uma consulta no médico (oh, não consigo fazer uma análise ao sangue, tenho uma fobia total a agulhas... análise à urina, isso está bem, obrigada).

Eu, uma gravidez na minha ficha médica.

Eu, a ir a correr ter com Noelle com a boa notícia.

Perfeito. Nick fica com outro móbil, eu passo a ser a encantadora senhora grávida desaparecida, os meus pais sofrem ainda mais, Ellen Abbott não consegue resistir. Sinceramente, foi emocionante ser escolhida finalmente, de forma oficial, para o Ellen, entre as centenas de outros casos. É uma espécie de concurso de talentos: fazemos o melhor que podemos, e depois já não está nas nossas mãos, é com os juízes.

Oh! E ela odeia Nick e adora-me. Mas gostava que os meus pais não estivessem a receber um tratamento tão especial. Vejo-os nas notícias, a minha mãe magra e frágil, com os tendões do pescoço como ramos de árvore delgados, sempre dobrados. Vejo o meu pai ficar corado de medo, os olhos um bocadinho arregalados, o sorriso aberto. Normalmente, é um homem bonito, mas está a começar a parecer uma caricatura, um boneco palhaço comedido. Eu sei que devia sentir pena deles, mas não sinto. De qualquer forma, nunca fui para eles mais do que um símbolo, o ideal ambulante. A Incrível Amy em carne e osso. Não faças asneira, és a Incrível Amy. A nossa única filha. Há uma responsabilidade injusta associada ao facto de sermos filhos únicos — crescemos a saber que não nos é permitido desiludir, nem sequer nos é permitido morrer. Não há um substituto por perto, a dar os primeiros passos; somos só nós. Isso deixa-nos desesperados por sermos perfeitos, e também nos deixa embriagados de poder. É assim que se fazem os déspotas.

Esta manhã, vou até ao gabinete da Dorothy, para ir buscar um refrigerante. É uma divisão forrada a painéis de madeira. A secretária parece não ter outra finalidade a não ser exhibir a coleção de globos de neve da Dorothy, vindos de lugares que não parecem dignos de ser comemorados: Praias do Golfo, Alabama. Hilo, Arkansas. Quando vejo os globos de neve, não vejo o paraíso, vejo parolos cheios de calor, com queimaduras solares, a levar crianças chorosas e desajeitadas a reboque, a dar-lhes palmadas com uma mão, enquanto com a outra seguram copos de esferovite não biodegradáveis gigantescos, cheios de bebidas quentes com xarope de milho.

A Dorothy tem um daqueles pósteres dos anos 70 com um gatinho pendurado numa árvore, a dizer Aguenta firme! Ela exhibe o póster com toda a sinceridade. Gosto de imaginá-la a dar de caras com uma emproada qualquer de Williamsburg, com franjinha à Bettie Page e óculos pontiagudos, que tem o mesmo póster, mas com intenção irónica. Gostava de as ouvir a tentar conferenciar entre si. As pessoas irónicas esfumam-se sempre quando confrontadas com a sinceridade, é a sua kryptonite. Dorothy tem outra pérola colada à parede, junto à máquina dos refrigerantes, que mostra uma criança pequena a dormir em cima da sanita — Demasiado cansado para fazer chichi. Tenho andado a pensar em roubar-lhe este, uma unha debaixo da fita-cola amarelecida, enquanto distraio Dorothy com a conversa. Aposto que ia conseguir uma boa soma por ele no eBay — gostava de conseguir continuar a fazer entrar dinheiro —, mas não posso fazê-lo, pois isso criaria um rasto eletrónico, e já li muito sobre isso na minha miríade de livros sobre crimes a sério. O rasto eletrónico é mau: nada de usar um telemóvel que esteja registado em nosso nome, pois as torres de telecomunicações conseguem detetar a nossa localização. Nada de usar o cartão Multibanco ou os cartões de crédito. Usar apenas computadores públicos, com bastante tráfego. Ter cuidado com o número de câmaras que pode haver numa rua qualquer, sobretudo perto de um banco, ou de um cruzamento movimentado ou de lojas de vinhos. Não que haja lojas de vinhos por aqui. Também não há câmaras no nosso complexo de cabanas. Eu sei — perguntei à Dorothy, fingindo que era uma questão de segurança.

— Os nossos clientes não são exatamente do tipo Big Brother — disse ela. — Não é que sejam criminosos, mas normalmente não

gostam de estar expostos.

Não, não me parece que gostassem disso. Há o meu amigo Jeff, que tem horários estranhos e volta com quantidades suspeitas de peixe não documentado, que armazena em enormes arcas de gelo. É bastante suspeito. Na cabana da ponta, há um casal, provavelmente na casa dos quarenta, mas estragados pelas metanfetaminas, de forma que aparentam ter pelo menos sessenta. Ficam lá dentro a maior parte do tempo, tirando as caminhadas ocasionais até à lavandaria, com a perturbação estampada no olhar — atravessam rapidamente o parque de estacionamento em gravilha com as roupas enfiadas em sacos do lixo, uma espécie de limpezas de primavera. Olá olá, dizem eles, sempre duas vezes, com dois acenos de cabeça, depois continuam o seu caminho. Às vezes, o homem tem uma jiboia enrolada à volta do pescoço, embora a presença da cobra nunca seja admitida, nem por mim nem por ele. Para além destes residentes permanentes, há uma grande quantidade de mulheres solteiras que vão passando por ali, normalmente com hematomas. Algumas parecem envergonhadas, outras horrivelmente tristes.

Houve uma que se mudou para lá no dia anterior, uma rapariga loura, muito jovem, com olhos castanhos e um lábio aberto. Sentou-se no alpendre da entrada — na cabana junto à minha — a fumar um cigarro, e quando os nossos olhares se cruzaram, sentou-se muito direita, orgulhosa, o queixo espetado para fora. Não havia nada nela que pedisse desculpa. Pensei: Preciso de ser como ela. Vou estudá-la: ela é quem eu posso ser durante um tempo — a rapariga vítima de abusos e rija que se esconde até passar a tempestade.

Após algumas horas de televisão matinal — à procura de notícias sobre o caso de Amy Elliott Dunne — visto o meu biquíni húmido. Vou para a piscina. Flutuar um bocadinho, tirar umas férias do meu cérebro tortuoso. A notícia da gravidez foi gratificante, mas ainda há tanta coisa que não sei. Planeei tanto, mas há coisas que escapam ao meu controlo, estragando a minha visão de como isto devia correr. Andie não fez a sua parte. O diário pode precisar de alguma ajuda para ser encontrado. A polícia ainda não deu sinais de querer deter Nick. Não sei tudo o que descobriram e não gosto disso. Sinto-me tentada a fazer um telefonema para a linha de informações, para os empurrar na

direção certa. Vou esperar mais uns dias. Tenho um calendário na parede, e marco três dias a partir de agora com as palavras TELEFONAR HOJE. Por isso, sei que é o tempo que concordei em esperar. Quando encontrarem o diário, as coisas irão avançar rapidamente.

Lá fora, está outra vez um calor tropical, com o som das cigarras a aproximar-se. O meu colchão insuflável é cor-de-rosa com sereias e demasiado pequeno para mim — as barrigas das minhas pernas ficam a baloiçar na água —, mas mantém-me a flutuar inutilmente durante uma boa hora, que é algo que aprendi que gosto de fazer.

Vejo uma cabeça loura a atravessar o parque de estacionamento e, depois, a rapariga com o lábio aberto entra pelo portão de rede com uma das toalhas de banho das cabanas, que não é maior do que uma toalha de chá, um maço de Merit, um livro e protetor solar fator 120. Cancro do pulmão, mas da pele não. Instala-se e aplica a loção cuidadosamente, o que é diferente das outras mulheres espancadas que ali vão — elas põem carradas de óleo de bebé e deixam manchas gordurosas nas espreguiçadeiras.

A rapariga faz-me um aceno de cabeça, o tipo de aceno que os homens fazem uns aos outros quando se sentam num bar. Está a ler *The Martian Chronicles*, de Ray Bradbury. Uma apreciadora de ficção científica. É claro que as mulheres vítimas de abusos gostam de escapismo.

— Bom livro — atiro para o ar, como uma bola de praia de conversa inofensiva.

— Alguém o deixou na minha cabana. Era isto ou o *Black Beauty*. — Ela põe os óculos de sol grandes e baratos.

— Também não é mau. Mas o *Black Stallion* é melhor.

Ela levanta os olhos para me fitar com os óculos ainda postos. Dois discos pretos como olhos de abelha.

— Hum.

Volta a olhar para o livro, o gesto propositado agora estou a ler visto normalmente nos aviões cheios. E eu sou a intrometida irritante ao lado dela, que monopoliza o apoio do braço e diz coisas como: «Negócios ou prazer?»

— Eu sou a Nancy — digo. Um nome novo, já não é Lydia, o que não é inteligente nestas instalações limitadas, mas sai-me. Às vezes, o meu

cérebro anda demasiado depressa para meu próprio bem. Estava a pensar no lábio aberto da rapariga, na vibração triste que já tinha antes, e depois estava a pensar em abuso e prostituição, e depois estava a pensar em Oliver!, o meu musical favorito em criança, e na prostituta Nancy, que amou o seu homem violento até este a matar, e depois estava a pensar porque é que eu e a minha mãe feminista víamos Oliver!, dado que «As Long as He Needs Me» é basicamente um hino melodioso à violência doméstica, e depois estava a pensar que a Amy do Diário também foi morta pelo seu homem, na verdade era muito parecida com...

— Eu sou a Nancy — digo.

— Greta.

Soa a inventado.

— Prazer em conhecer-te, Greta.

Flutuo para longe. Atrás de mim, ouço o barulho do isqueiro de Greta, e depois o fumo voga lá em cima, como espuma da água do mar levada pelo vento.

Quarenta minutos mais tarde, Greta senta-se na borda da piscina e baloiça as pernas na água.

— Está quente — diz ela. — A água. — Tem uma voz rouca e arrastada, cigarros e lama da pradaria.

— Como a água do banho.

— Não é muito refrescante.

— O lago não é muito mais fresco.

— De qualquer forma, não sei nadar — diz ela.

Nunca tinha conhecido alguém que não soubesse nadar.

— Eu sei, mas mal — minto. — Nado à cão.

Ela agita as pernas, e as ondas embalam suavemente o meu colchão.

— Então, como é que é isto aqui? — pergunta ela.

— Agradável. Sossegado.

— Ótimo, é disso que eu preciso.

Viro-me para olhar para ela. Tem dois fios de ouro, uma nódoa negra perfeitamente redonda, do tamanho de uma ameixa, perto do seio esquerdo, e um trevo tatuado mesmo por cima da linha do biquíni. O fato de banho é novinho, vermelho-cereja, barato. Da loja de conveniência da marina, onde comprei o meu colchão insuflável.

— Estás sozinha?

— Muito.

Não sei bem o que hei de perguntar a seguir. Haverá alguma espécie de código que as mulheres vítimas de abusos usem entre si, uma linguagem que desconheço?

— Problemas com homens?

Ela ergue uma sobrancelha de uma forma que parece um sim.

— Eu também — digo.

— Não é por falta de aviso — diz ela. Põe a mão em concha na água e deixa-a gotejar à sua frente. — Uma das primeiras coisas que a minha mãe me disse, desde o primeiro dia em que fui para a escola: Mantém-te longe dos rapazes. Das duas, uma: ou te atiram pedras ou espreitam por baixo da tua saia.

— Devias fazer uma t-shirt a dizer isso.

Ela ri-se.

— Mas é verdade. É sempre verdade. A minha mãe vive numa aldeia lésbica no Texas. Estou sempre a pensar que devia juntar-me a ela. Lá, toda a gente parece feliz.

— Uma aldeia lésbica?

— Tipo isso, ou lá como é que se diz. Uma comuna. Um monte de lésbicas comprou terra e iniciou a sua própria sociedade, por assim dizer. Não são permitidos homens. A mim, parece-me fantástico, o mundo sem homens. — Enche outra mão de água, põe os óculos de sol para cima e molha a cara. — É uma pena eu não gostar de ratas.

Ri-se, um riso gutural e zangado de velha.

— Então, há alguns otários por aqui com quem eu possa começar a namorar? — diz ela. — É esse o meu padrão. Fugir de um, esbarrar no seguinte.

— Está meio vazio a maior parte do tempo. Há o Jeff, o tipo de barba, na verdade é muito simpático. Está cá há mais tempo do que eu.

— Quanto tempo vais ficar cá? — pergunta.

Faço uma pausa. É estranho, não sei exatamente quanto tempo vou ficar aqui. Tinha planeado ficar até Nick ser preso, mas não faço ideia se ele será preso em breve.

— Até ele deixar de te procurar, hum? — diz Greta à sorte.

— Algo do género.

Ela examina-me de perto e franze o sobrolho. Sinto um nó no

estômago. Fico à espera que ela diga: parece-me familiar.

— Nunca voltes para um homem com hematomas recentes. Não lhe dê essa satisfação — entoa Greta. Ela levanta-se e junta as suas coisas. Seca as pernas na toalha minúscula.

— Um dia bem passado — diz ela.

Por alguma razão, faço-lhe sinal de concordância, com o polegar para cima, coisa que nunca fiz na minha vida.

— Vem à minha cabana quando saíres, se quiseres — diz ela. — Podemos ver televisão.

Levo um tomate fresco da Dorothy na palma da mão, como um presente de boas-vindas lustroso. Greta vem à porta e pouca atenção me dispensa, como se eu já costumasse passar por lá há anos. Tira-me o tomate da mão.

— Perfeito, estava precisamente a fazer sanduíches — diz ela. — Senta-te. — Aponta para a cama, ali, não temos salas de estar, e vai até à sua kitchenette, que tem a mesma tábua de cozinha em plástico e a mesma faca romba que a minha. Corta o tomate em rodela. Em cima da bancada, está um disco plástico de fiambre, e o seu cheiro adocicado enche o espaço. Ela põe duas sanduíches instáveis em pratos de papel, juntamente com punhados de aperitivos, e trá-los para a área do quarto, com a mão já no comando da televisão, mudando sucessivamente de canal. Sentamo-nos na borda da cama, lado a lado, a olhar para a televisão.

— Manda-me parar, se vires alguma coisa — diz Greta.

Dou uma dentada na minha sanduíche. O meu tomate sai pelo lado e cai-me em cima da coxa.

The Beverly Hillbillies, Suddenly Susan, Armageddon.

Ellen Abbott Live. Uma fotografia minha enche o ecrã. Sou a história principal. Uma vez mais. Estou com um aspeto fantástico.

— Já viste isto? — perguntou Greta, sem olhar para mim, a falar como se o meu desaparecimento fosse uma reposição de um programa de televisão decente. — Esta mulher desapareceu no dia em que fazia cinco anos de casada. O marido age de uma forma muito estranha desde o início, todo sorrisos e merdas dessas. Acontece que ele tinha aumentado o capital do seguro de vida dela e acabaram de descobrir que a mulher estava grávida. E o tipo não queria.

O ecrã mostra outra fotografia minha, justaposta à Incrível Amy.
Greta vira-se para mim.

— Lembras-te daqueles livros?

— É claro!

— Gostas daqueles livros?

— Toda a gente gosta daqueles livros. São tão giros — replico.

Greta resmunga.

— São tão falsos.

Grande plano meu.

Fico à espera que ela diga que sou linda.

— Não está nada mal para a idade — diz. — Espero ter este aspeto quando tiver quarenta.

Ellen está a inteirar o público da minha história; a minha fotografia fica no ecrã.

— Parece-me que ela devia ser uma rapariga rica e mimada — diz Greta. — Gostos caros. Caprichosa.

Isso é muito injusto. Não deixei nenhuma prova que levasse as pessoas a concluir uma coisa dessas. Desde que me mudei para o Missouri — bem, desde que concebi o meu plano — tinha tido o cuidado de ter gostos em conta, de ser tolerante e alegre, todas essas coisas que as pessoas querem que as mulheres sejam. Dizia adeus aos vizinhos, fazia recados para as amigas de Mo, uma vez tinha trazido Coca-Cola para o eternamente sujo Stucks Buckley. Visitava o pai de Nick, para que todas as enfermeiras pudessem testemunhar como eu era simpática, para poder sussurrar vezes sem conta ao cérebro cheio de teias de aranha de Bill Dunne: Eu gosto de si, venha viver connosco, eu gosto de si, venha viver connosco. Só para ver se pegava. O pai de Nick é aquilo a que as pessoas de Comfort Hill chamam um vagabundo — está sempre a partir à aventura. Adoro a ideia de Bill Dunne, o totem vivo de tudo aquilo em que Nick receia poder tornar-se, o objeto do mais profundo desespero de Nick, a aparecer vezes sem conta à nossa porta.

— Porque é que a achas caprichosa? — pergunto.

Ela encolhe os ombros. Na televisão, está a passar um anúncio a ambientador. Uma mulher está a pulverizar ambientador para a família ficar feliz. Depois, é a vez de um anúncio a pensos diários, de modo a que uma mulher possa usar um vestido, dançar e conhecer o

homem para quem, mais tarde, há de pulverizar o ambientador.

Limpar e sangrar. Sangrar e limpar.

— Dá para ver — diz Greta. — Parece uma cabra rica e entediada. Como essas cabras ricas que usam o dinheiro dos maridos, por exemplo, para começar companhias de cupcakes e lojas de cartões e merdas dessas. Boutiques.

Em Nova Iorque, eu tinha amigas com aquele tipo de negócios — gostavam de poder dizer que trabalhavam, embora só fizessem a parte divertida: dar nome ao cupcake, encomendar os cartões, usar o vestido adorável que era da sua própria loja.

— E ela é decididamente uma delas — disse Greta. — Cabra rica que gosta de dar uma de superior.

Greta sai para ir à casa de banho e eu vou em bicos dos pés até à cozinha, vou ao frigorífico e cuspo-lhe no leite, no sumo de laranja, numa caixa com salada de batata, e depois volto para a cama nas pontas dos pés.

Autoclismo. Greta regressa.

— Quer dizer, isso tudo não significa que não faça mal ele tê-la assassinado. Ela é só mais uma mulher que escolheu muito mal o seu homem.

Está a olhar para mim, e fico à espera que ela diga: «Eh, espera aí...»

Mas ela volta a olhar para a televisão, acomoda-se de forma que fica de barriga para baixo como uma criança, com o queixo entre as mãos e o rosto virado para a minha imagem no ecrã.

— Oh, merda, já começou — diz Greta. — As pessoas estão a odiar este gajo.

O programa continua e eu sinto-me um bocadinho melhor. É a apoteose de Amy.

Campbell MacIntosh, amiga de infância: «Amy é precisamente o tipo de mulher protetora e maternal. Adorava ser esposa. E sei que teria sido uma ótima mãe. Mas Nick... Dava para ver que havia alguma coisa de errado com Nick. Frio, distante e muito calculista — dava a sensação de estar perfeitamente ciente de que Amy tinha muito dinheiro.»

(Campbell está a mentir: ficava toda melosa ao pé de Nick, era óbvio que o adorava. Mas estou certa de que ela gostava da ideia de que ele só tinha casado comigo por dinheiro.)

Shawna Kelly, residente em Cartago do Norte: «Achei muito, mas muito estranho ele não estar nada preocupado com as buscas para encontrar a mulher. Estava só na conversa, a passar o tempo. A atirar-se a mim, sem me conhecer de lado nenhum. Eu tentava mudar a conversa para Amy, e ele não mostrava qualquer interesse.»

(Tenho a certeza de que aquela putéfia velha e desesperada não tentou mudar a conversa para a minha pessoa.)

Steven «Stucks» Buckley, amigo de longa data de Nick Dunne: «Ela era uma querida. Uma querida. E Nick? Não parecia muito preocupado com o facto de Amy ter desaparecido. Aquele tipo foi sempre assim: egocêntrico. Um bocadinho convencido. Como se tivesse feito grande sucesso em Nova Iorque e nós devêssemos todos fazer-lhe uma vénia.»

(Eu desprezo Stucks Buckley, e que raio de porcaria de nome é este?)

Noelle Hawthorne, parecendo ter feito madeixas novas: «Eu acho que ele a matou. Ninguém é capaz de dizer isso, mas eu digo. Ele maltratava-a, intimidava-a e acabou por matá-la.

(Linda menina.)

Greta olha-me de esguelha, com as faces empurradas para cima sob as suas mãos e o rosto a tremular à luz da televisão.

— Espero que não seja verdade — diz ela. — Que ele a tenha morto. Seria agradável pensar que talvez ela se tenha ido simplesmente embora, se tenha limitado a fugir dele e esteja escondida sã e salva.

Ela atira as pernas para trás e para a frente, como uma nadadora preguiçosa. Não percebo se há intenção nas suas palavras.

Nick Dunne — Desaparecida Há Oito Dias

Procurámos em todos os cantinhos da casa do meu pai, o que não levou muito tempo, dado estar tão pateticamente vazia. Nos armários, nos roupeiros. Puxei os cantos dos tapetes para ver se iam para cima. Espreitei para dentro das máquinas de lavar e secar, enfiei uma mão pela chaminé. Até procurei atrás do autoclismo.

— Muito Padrinho da tua parte — disse Go.

— Se fosse muito Padrinho, teria encontrado o que estávamos à procura e teria saído aos tiros.

Tanner estava de pé no meio da sala do meu pai, a puxar pela ponta da sua gravata verde-lima. Eu e Go estávamos sujos de poeira e fuligem, mas, de alguma forma, a camisa branca de Tanner resplandecia, como se conservasse algum do glamour estroboscópico de Nova Iorque. Estava a olhar fixamente para o canto de um armário, a morder o lábio, a puxar pela gravata, a pensar. Provavelmente, o homem tinha levado anos a aperfeiçoar aquele visual: o visual Cala-te, cliente, que eu estou a pensar.

— Não gosto disto — disse ele finalmente. — Temos aqui uma série de problemas não contidos, e eu não vou à polícia até termos as coisas muito controladas. O meu primeiro instinto é antecipar-me à situação, comunicar a existência daquelas coisas no barracão, antes que nos apanhem por causa disso. Mas se não soubermos o que é que Amy quer que encontremos aqui, e não soubermos qual o estado de espírito de Andie... Nick, tem algum palpite quanto ao estado de espírito de Andie?

— Chateada — disse eu encolhendo os ombros.

— Quer dizer, isso deixa-me muito, mas muito nervoso.

Basicamente, estamos numa situação muito delicada. Precisamos de contar à polícia sobre o barracão. Temos de ser nós a levar a essa descoberta. Mas quero explicar-lhe o que vai acontecer, quando o fizermos. E o que vai acontecer é isto: eles irão atrás de Go. Será uma de duas opções. Primeira: Go é sua cúmplice, andava a ajudá-lo a esconder estas coisas na sua propriedade e o mais provável é que saiba que matou Amy.

— Vá lá, não pode estar a falar a sério — disse eu.

— Nick, teríamos sorte com essa versão — disse Tanner. — Eles podem interpretar isto como quiserem. Que tal esta hipótese: foi Go quem roubou a sua identidade e que arranjou esses cartões de crédito. Foi ela quem comprou as porcarias todas que estão ali dentro. Amy descobriu, houve um confronto e Go matou Amy.

— Então, vamos antecipar-nos a isso — disse eu. — Contamos-lhes sobre o barracão de lenha e contamos-lhes que Amy está a incriminar-me.

— Creio que é má ideia no geral, e neste momento é muito má ideia se não tivermos Andie do nosso lado, porque teríamos de contar-lhes acerca de Andie.

— Porquê?

— Porque se formos à polícia com a sua história de que Amy o incriminou...

— Porque é que continua a dizer a minha história, como se fosse uma coisa que eu inventei?

— Ah! Bem observado. Se explicarmos à polícia como Amy o está a incriminar, temos de explicar porque é que ela o está a fazer. Porquê? Porque descobriu que tem uma namorada muito jovem e bonita por fora.

— Temos mesmo de lhes contar isso? — perguntei.

— Então? Amy incriminou-o pela sua morte porque estava... o quê? Aborrecida?

Comprimi os lábios.

— Temos de lhes dar o móbil de Amy, não funciona de outra maneira. Mas o problema é que se pusermos Andie à porta deles, como um presente, e se eles não acreditarem na teoria da tramoia, então acabámos de lhes dar o móbil para Nick ter cometido homicídio. Problemas de dinheiro, sim. Mulher grávida, sim. Namorada, sim. É o triunvirato do homicida. Vai dentro. As mulheres vão fazer fila para fazê-lo em tirinhas com as unhas. — Começou a andar de um lado para o outro. — Mas se não fizermos nada e a Andie for ter com eles por sua iniciativa...

— Então, o que é que fazemos? — perguntei.

— Creio que os polícias hão de rir-se nas nossas costas, se dissermos neste momento que Amy o tramou. É um argumento pouco sólido. Eu

acredito em si, mas é pouco sólido.

— Mas as pistas da caça ao tesouro... — comecei.

— Nick, nem eu compreendo essas pistas — disse Go. — São coisas tão íntimas entre ti e Amy. Só temos a tua palavra de que te estão a levar a... situações incriminatórias. Quer dizer, sinceramente: jeans rotos e pala na cabeça significa Hannibal?

— E casinha castanha significa a casa do vosso pai, que é azul — acrescentou Tanner.

Conseguia sentir as dúvidas de Tanner. Precisava de lhe mostrar realmente o carácter de Amy. As suas mentiras, o seu espírito vingativo, o seu gosto pelo ajuste de contas. Precisava de outras pessoas que confirmassem o que eu dizia — que a minha mulher não era a Incrível Amy, mas a Vingativa Amy.

— Vamos ver se conseguimos contactar hoje com Andie — disse Tanner, por fim.

— Não é um risco esperar? — perguntou Go.

Tanner acenou afirmativamente.

— É um risco. Temos de agir depressa. Se aparecer outra prova, se a polícia conseguir um mandado de busca para o barracão de lenha, se a Andie for ter com a polícia...

— Não vai — disse eu.

— Ela mordeu-te, Nick.

— Não vai. Neste momento, está chateada, mas ela... Não acredito que me fizesse uma coisa dessas. Ela sabe que estou inocente.

— Nick, disse que esteve com Andie durante cerca de uma hora, na manhã em que Amy desapareceu, não foi?

— Sim. Desde cerca das dez e meia até quase ao meio-dia.

— Então, onde é que esteve entre as sete e meia e as dez? — perguntou Tanner. — Disse que saiu de casa às sete e meia, certo? Onde é que foi?

Mordi a bochecha.

— Onde é que foi, Nick? Preciso de saber.

— Não é relevante.

— Nick! — ralhou Go.

— Fiz apenas o que faço às vezes, de manhã. Finjo que me vou embora, depois vou de carro até à parte mais deserta do nosso complexo e... uma dessas casas tem uma garagem destrancada.

— E? — disse Tanner.

— Leio revistas.

— Desculpe?

— Leio números antigos da revista onde trabalhava.

Ainda sentia saudades da minha revista — escondia exemplares, como pornografia, e lia-os às escondidas, porque não queria que ninguém sentisse pena de mim.

Levantei os olhos e tanto Tanner como Go sentiram muita, mas muita, pena de mim.

Fui de carro a minha casa depois do meio-dia e fui recebido por uma rua cheia de carrinhas das notícias e repórteres acampados no meu relvado. Não consegui entrar no meu caminho de acesso, fui obrigado a estacionar em frente de casa. Respirei fundo e depois saí do carro. Atacaram-me como pássaros esfomeados, a debicar e a esvoaçar, a sair da formação e voltando a juntar-se. Nick, sabia que Amy estava grávida? Nick, qual é o seu álibi? Nick, matou Amy?

Conseguí entrar em casa e tranquei-me lá dentro. Havia janelas de cada lado da porta, por isso enchi-me de coragem e puxei as persianas para baixo, enquanto as máquinas fotográficas disparavam e me gritavam perguntas. Nick, matou Amy? Depois de correr as persianas, foi como tapar um canário para passar a noite: o barulho lá à frente parou.

Fui ao andar de cima e satisfiz o meu desejo de tomar um duche. Fechei os olhos e deixei que o chuveiro dissolvesse o pó de casa do meu pai. Quando os voltei a abrir, a primeira coisa que vi foi a gilete cor-de-rosa de Amy no prato do sabonete. Parecia agoirenta, malevolente. A minha mulher era louca. Estava casada com uma louca. É a lengalenga de todos os idiotas: Casei com uma cabra psicopata. Mas eu sentia uma pontinha de satisfação: eu tinha mesmo casado com uma cabra psicopata autêntica e genuína. Nick, aqui tens a tua mulher: a maior manipuladora do mundo. Não era tão idiota como pensara. Idiota, sim, mas não numa escala grandiosa. A traição tinha sido uma medida preventiva, uma reação subconsciente aos cinco anos em que estivera preso a uma louca: é claro que havia de me sentir atraído por uma rapariga simples e de trato fácil. É como quando as pessoas com carência de ferro sentem desejos de carne vermelha.

Estava a enxugar-me quando tocaram à campainha. Meti a cabeça de fora da casa de banho e ouvi a voz dos repórteres novamente em ação: Acredita no seu genro, Marybeth? Como é que se sente ao saber que vai ser avô, Rand? Acha que Nick matou a sua filha, Marybeth?

Estavam lado a lado, na soleira da minha porta, de expressão carregada e costas rígidas. Havia cerca de uma dúzia de jornalistas, paparazzi, mas faziam o barulho de duas vezes mais. Acredita no seu genro, Marybeth? Como é que se sente ao saber que vai ser avô, Rand? Os Elliotts entraram murmurando saudações e de ar cabisbaixo, e eu fechei a porta às câmaras. Rand pôs-me uma mão no braço e retirou-a de imediato sob o olhar de Marybeth.

— Desculpem, estava no duche. — O meu cabelo ainda estava a pingar, molhando os ombros da minha t-shirt. O cabelo de Marybeth estava oleoso, a roupa amarrotada. Olhou para mim como se eu estivesse doido.

— Tanner Bolt? Isso é a sério? — perguntou ela.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer, Nick: Tanner Bolt? Isso é a sério? Ele só representa gente culpada. — Aproximou-se mais e agarrou-me o queixo. — O que é que tens na bochecha?

— Urticária. É do stresse. — Afastei-me dela. — Isso que diz sobre Tanner não é verdade, Marybeth. Não é. Ele é o melhor que há. Preciso dele neste momento. A única coisa que a polícia está a fazer é a centrar as atenções em mim.

— Disso não há a menor dúvida — disse ela. — Parece a marca de uma dentada...

— É urticária.

Marybeth soltou um suspiro irritado e dobrou a esquina em direção à sala.

— Foi aqui que aconteceu? — perguntou. O seu rosto tinha colapsado numa série de sulcos: papos sob os olhos e maçãs do rosto sem firmeza, lábios descaídos.

— Pensamos que sim. Também houve alguma espécie de... altercação ou confronto na cozinha.

— Por causa do sangue. — Marybeth tocou na otomana, testou-a, levantou-a alguns centímetros e deixou-a cair. — Quem me dera que não tivesses posto tudo no lugar. Assim, é como se nunca tivesse

acontecido nada.

— Marybeth, ele tem de viver aqui — disse Rand.

— Ainda não consigo perceber como... quer dizer, e se a polícia não tiver descoberto tudo? E se... não sei. Parece que desistiram. Como se tivessem simplesmente deixado a casa. Aberta a qualquer pessoa.

— Tenho a certeza de que levaram tudo — disse Rand, e apertou-lhe a mão. — Porque é que não pedimos se podes ver as coisas de Amy, para poderes escolher alguma coisa especial, está bem? — Olhou de relance para mim. — Não te importas, Nick? Seria reconfortante ter qualquer coisa dela. — Virou-se outra vez para a mulher. — Aquela camisola azul que a avó tricotou para ela.

— Não quero a porcaria da camisola azul, Rand!

Ela sacudiu a mão dele e começou a andar de um lado para o outro na sala, a agarrar em coisas. Empurrou a otomana com a ponta do pé.

— É esta a otomana, Nick? — perguntou ela. — Aquela que disseram que estava virada ao contrário, mas não devia estar?

— Sim, é essa.

Ela parou de andar, voltou a empurrá-la com o pé e viu que se mantinha de pé.

— Marybeth, tenho a certeza de que Nick está exausto — Rand olhou-me de relance com um sorriso cúmplice —, tal como todos nós. Creio que devíamos fazer aquilo para que cá viemos e...

— Foi para isto que eu vim cá, Rand. Não foi para vir buscar uma estúpida camisola de Amy a que me pudesse agarrar, como se tivesse três anos. Eu quero a minha filha. Não quero as coisas dela. As coisas dela não significam nada para mim. Quero que Nick nos diga o que diabo se está a passar, porque isto tudo já começa a cheirar mal. Nunca, mas nunca, me senti tão parva em toda a minha vida. — Começou a chorar, a limpar as lágrimas, claramente furiosa consigo mesma por estar a chorar. — Nós confiámos-te a nossa filha. Confiámos em ti, Nick! Diz-nos apenas a verdade! — Pôs o indicador trémulo debaixo do meu nariz. — É verdade? Tu não querias o bebé? Já não amavas Amy? Fizeste-lhe mal?

Apeteceu-me bater-lhe. Marybeth e Rand tinham criado Amy. Ela era literalmente produto da sua obra. Tinham-na criado. Tinha vontade de lhes dizer: A vossa filha é que é o monstro nesta história, mas não podia — não até termos contado à polícia —, por isso

continuei atônito, a tentar pensar no que podia dizer. Mas a ideia que dava era que estava a jogar à defesa.

— Marybeth, eu nunca faria...

— Eu nunca faria, eu nunca poderia, é a única coisa que ouço da tua maldita boca. Sabes que mais? Já nem sequer suporto olhar para ti. A sério. Há alguma coisa de errado contigo para agires da forma como tens agido. Mesmo que se dê o caso de estares totalmente inocente, nunca te perdoarei por teres aceitado tudo isto com tanta descontração. Dir-se-ia que perdeste a porcaria do guarda-chuva! Depois de tudo o que Amy deixou para trás por tua causa, depois de tudo o que ela fez por ti, e é isto que ela recebe em troca. Isto... Tu... Não acredito em ti, Nick. Foi isso que vim cá dizer-te. Já não acredito em ti.

Ela começou a soluçar, virou costas e saiu porta fora, enquanto os operadores de câmara a filmavam todos excitados. Entrou no carro, e dois repórteres encostaram-se ao vidro da janela, batendo nele, tentando fazer com que ela dissesse alguma coisa. Na sala, conseguíamos ouvi-los a repetir o nome dela, sem parar. Marybeth... Marybeth...

Rand ficou dentro de casa, de mãos nos bolsos, a tentar descobrir que papel havia de representar. A voz de Tanner — temos de manter os Elliotts do nosso lado — era como um coro grego ao meu ouvido.

Rand abriu a boca e eu precedi-o:

— Rand, diga-me o que posso fazer.

— Di-lo simplesmente, Nick.

— Digo o quê?

— Não quero perguntar, e tu não queres responder. Eu percebo isso. Mas preciso de te ouvir dizer isso. Que não mataste a nossa filha.

Ele riu-se e chorou ao mesmo tempo.

— Meu Deus, não consigo pensar com clareza — disse Rand. Estava a ficar rosado, corado, uma queimadura nuclear. — Não consigo perceber como é que isto pode estar a acontecer. Não consigo perceber! — Continuava a sorrir. Uma lágrima rolou-lhe pelo queixo e caiu no colarinho da camisa. — Di-lo simplesmente, Nick.

— Rand, eu não matei Amy nem a magoei de nenhuma maneira. — Ele manteve os olhos cravados em mim. — Acredita em mim? Acredita que eu não a magoei fisicamente?

Rand tornou a rir-se.

— Sabes o que eu estava prestes a dizer? Estava prestes a dizer que já não sei no que hei de acreditar. E depois pensei: isso é a deixa de outra pessoa. A deixa de um filme e não algo que eu devesse estar a dizer, e por um segundo pergunto-me: será que estou num filme? Posso deixar de estar neste filme? Depois, percebo que não. Mas, por um segundo, pensei: Vou dizer uma coisa diferente e tudo isto mudará. Mas não vai mudar, pois não?

Com um rápido aceno de cabeça à Jack Russell, virou-se e seguiu a mulher até ao carro.

Em vez de me sentir triste, senti-me alarmado. Antes mesmo de os Elliotts terem abandonado o caminho da entrada, estava a pensar: Temos de ir ter com a polícia rapidamente, com a maior brevidade. Antes que os Elliotts comessem a falar em público do facto de terem perdido a confiança. Precisava de provar que a minha mulher não era quem fingia ser. Não era a Incrível Amy, mas sim a Vingativa Amy. Lembrei-me de repente de Tommy O'Hara — o tipo que telefonou três vezes para a linha de informações, o tipo que Amy acusara de a violar. Tanner tinha obtido alguns elementos sobre ele: não era o irlandês viril que eu imaginara a partir do nome, não era bombeiro nem polícia. Escrevia para um website humorístico com base em Brooklyn, um trabalho decente, e a fotografia que o identificava como colaborador revelou um tipo magro com óculos de armações escuras e uma quantidade desconfortável de cabelo forte e preto, com um sorriso sardónico e uma t-shirt de uma banda chamada os Bingos.

Ele atendeu ao primeiro toque.

— Sim?

— Daqui fala Nick Dunne. Telefonou-me por causa da minha mulher, Amy Dunne. Amy Elliott. Preciso de falar consigo.

Ouvi uma pausa, esperei que ele me desligasse na cara, tal como Hilary Handy.

— Volte a ligar-me daqui a dez minutos.

Assim fiz. O barulho de fundo era de um bar, eu conhecia aquele som suficientemente bem: o murmúrio dos clientes, o estrépito dos cubos de gelo, os estranhos surtos de ruído, quando as pessoas pediam bebidas ou chamavam amigos. Tive um ataque de saudades do meu próprio bar.

— Pronto, obrigado — disse ele. — Tive de vir para um bar. Esta conversa precisa de um uísque. — A sua voz tornou-se progressivamente mais próxima, mais cava: conseguia imaginá-lo debruçado sobre uma bebida, a proteger a boca com a mão enquanto falava ao telefone.

— Bem — comecei. — Recebi as suas mensagens.

— Certo. Ela continua desaparecida, não é? A Amy?

— Sim.

— Posso perguntar-lhe o que acha que aconteceu? — disse ele. — A Amy?

Porra, queria uma bebida. Fui à cozinha — a melhor coisa a seguir ao meu bar — e servi-me de uma. Andava a tentar ser mais cuidadoso com o álcool, mas sabia tão bem: o cheiro de um uísque escocês, uma sala às escuras com o sol ofuscante lá fora.

— Posso perguntar-lhe porque é que me telefonou? — retorqui.

— Tenho acompanhado as notícias — disse ele. — Você está lixado.

— Pois estou. Queria falar consigo porque pensei que era... interessante o facto de ter tentado entrar em contacto comigo. Tendo em conta o que aconteceu. A acusação de violação.

— Ah, sabe disso.

— Sei que houve uma acusação de violação, mas não acredito necessariamente que seja um violador. Queria ouvir o que tinha a dizer.

— Pois. — Ouvi-o beber um gole do seu uísque, acabar com ele, agitar os cubos de gelo. — Vi a história nas notícias, uma noite. A sua história. A história de Amy. Estava na cama a saborear comida tailandesa. A tratar da minha vidinha. Aquilo deixou-me mesmo a bater mal. Ela, depois destes anos todos. — Chamou o barman para pedir outro. — Por isso, o meu advogado disse que eu não devia falar consigo de maneira nenhuma, mas... que posso eu dizer? Sou demasiado boa pessoa. Não posso deixá-lo na ignorância. Meu Deus, quem me dera que ainda se pudesse fumar nos bares. Esta conversa precisa de um uísque e de um cigarro.

— Conte-me acerca da tal acusação de estupro. Da violação.

— Como eu estava a dizer, tenho visto as notícias e os meios de comunicação andam todos a tramá-lo. Quer dizer, você é o homem. Por isso, eu devia ficar sossegado no meu canto — não preciso daquela

rapariga outra vez na minha vida, mesmo que tangencialmente. Mas porra! Quem me dera que alguém me tivesse feito este favor.

— Então, faça-me o favor — pedi.

— Primeiro que tudo, ela retirou as acusações, sabe disso, não sabe?

— Sei. Fez aquilo de que foi acusado?

— Vá-se lixar. Claro que não fiz nada disso. E você, fez?

— Não.

— Ora aí está.

Tommy voltou a pedir o seu uísque.

— Deixe-me perguntar-lhe: o seu casamento era bom? Amy era feliz?

Fiquei calado.

— Não precisa de responder, mas palpita-me que não. Amy não era feliz. Fosse qual fosse a razão. Nem sequer lhe vou perguntar. Sou capaz de adivinhar, mas não lhe vou perguntar. Mas sei que deve saber disto: Amy gosta de fazer de Deus quando não está feliz. Deus do Antigo Testamento.

— Querendo dizer com isso?

— Que ela gosta de castigar — disse Tommy. — Duramente. — Riu-se para o telefone. — Olhe, devia ver-me — disse ele. — Não tenho propriamente aspeto de um macho alfa violador. Pareço um imbecil. Sou um imbecil. A canção mais apropriada para mim no karaoke é «Sister Christian», por chorar alto. Eu choro sempre com o Padrinho II. — Tossiu depois de um gole. Parecia a altura certa para o descontrair.

— Fredo? — perguntei.

— Fredo, meu, isso mesmo. Pobre Fredo.

— Foi desta para melhor.

A maior parte dos homens considera o desporto como a língua franca dos gajos fixos. Para um fanático de filmes, aquilo era o equivalente a discutir uma grande jogada num jogo de futebol famoso. Ambos conhecíamos a deixa, e o facto de ambos a conhecermos eliminava pelo menos um dia de conversa da treta do tipo será que nos damos bem?

Ele pediu outra bebida.

— Foi tão absurdo.

— Conte-me.

— Não está a gravar isto, nem coisa do estilo, não? Está alguém a escutar a conversa? É que eu não quero isso.

— Somos só nós. Eu estou do seu lado.

— Bem, conheci Amy numa festa, isto foi para aí há uns sete anos, e ela era tão fixe. Hilariante e estranha e... fixe. Houve ali um clique, e isso não me acontece com muitas raparigas, pelo menos raparigas como Amy. Por isso, fico a pensar... bem, primeiro fico a pensar que estou a ser enganado. O que é que ela não me estará a dizer? Mas começamos a namorar, e namoramos durante alguns meses, dois ou três meses, e é aí que eu descubro qual é o senão: ela não é a rapariga com quem eu pensava namorar. É capaz de citar coisas divertidas, mas não gosta realmente de coisas divertidas. Prefere não se rir. Na verdade, também preferiria que eu não me risse ou que não fosse divertido, o que é esquisito, já que é esse o meu trabalho. Mas, para ela, é tudo uma grande perda de tempo. Quer dizer, eu nem sequer consigo perceber porque é que ela começou a namorar comigo, pois parece-me perfeitamente claro que nem sequer gosta de mim. Isto faz sentido?

Acenei afirmativamente e engoli um trago de uísque.

— Sim, faz.

— Por isso, começo a dar desculpas para não sair tantas vezes. Não ponho fim à relação porque sou um idiota e ela é linda. Tenho esperança que as coisas mudem. Mas começo a dar desculpas com alguma regularidade: fiquei retido no trabalho, estou em cima do prazo, tenho um amigo na cidade, o meu macaco está doente, qualquer coisa. E começo a sair com outra rapariga, tipo a sair com ela, tudo muito descontraído, nada de especial. Pelo menos, é o que eu penso. Mas Amy descobre — ainda hoje não sei como, mas, ao que parece, tinha montado vigilância ao meu apartamento. Mas... merda...

— Beba qualquer coisa.

Ambos engolimos um trago.

— Uma noite, Amy vai lá a casa, eu andava a encontrar-me com a outra rapariga para aí há um mês, bem, Amy passa por lá e volta a ser como costumava. Arranjou um DVD pirata de um humorista de que eu gosto, um espetáculo clandestino em Durham, e trouxe hambúrgueres. Ficamos a ver o DVD e ela põe a perna por cima da minha, aninha-se contra mim e... desculpe. Ela é sua mulher. Bem, a questão é que a

rapariga sabe como puxar por mim. E acabamos...

— Tiveram sexo.

— Sexo consensual, sim. E ela vai-se embora e está tudo bem. Um beijo de despedida à porta, o tratamento completo.

— E depois?

— Quando dou por isso, tenho dois polícias à porta, fizeram as perícias de violação a Amy e ela tem «ferimentos consistentes com violação». E tem marcas de ter estado amarrada nos pulsos e, quando revistam o meu apartamento, encontram duas gravatas presas à cabeceira da minha cama enfiadas junto ao colchão, e as gravatas são, passo a citar, «consistentes com as marcas de ter estado amarrada».

— E tinha-a amarrado?

— Não, o sexo nem sequer foi assim tão... tão, percebe? Eu fui apanhado totalmente desprevenido. Ela deve tê-las atado lá quando me levantei para ir à casa de banho ou qualquer outra coisa. Ou seja, estava metido num caso sério. As perspetivas eram muito más. E depois, de repente, retirou as queixas. Duas semanas mais tarde, recebi um bilhete anónimo, dactilografado, a dizer: Talvez penses duas vezes da próxima vez.

— E não voltou a ter notícias dela?

— Nunca mais.

— E não tentou apresentar queixa contra ela, nem nada do género?

— Hum, não. Não, porra! Fiquei apenas satisfeito por ela ter desaparecido. Depois, na semana passada, estava sentado na cama a saborear a minha comida tailandesa e vejo a notícia sobre Amy. Sobre si. Esposa perfeita, aniversário de casamento, inexistência de corpo, uma situação extremamente desagradável. Juro que fiquei alagado em suor. Pensei: Foi Amy, passou para o homicídio. Caraças! Estou a falar a sério! Aposto que o que ela tramou para si foi bem tramado. Devia estar cheio de medo!

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Oito Dias

Estou molhada dos barquinhos de choque; tivemos mais tempo do que aquele a que os cinco dólares davam direito porque as duas adolescentes atordoadas pelo sol preferiam folhear revistas de mexericos e fumar cigarros a tentar levar-nos para fora de água. Por isso, passámos uns bons trinta minutos nos nossos barquinhos movidos a motor de corta-relva, a abalroar-nos uns aos outros e a dar reviravoltas loucas, mas depois fartámo-nos e fomo-nos embora de moto próprio.

Eu, Greta e Jeff, uma equipa curiosa num lugar estranho. Greta e Jeff tinham-se tornado bons amigos em apenas um dia, que é como as pessoas fazem aqui, onde não há mais nada para fazer. Creio que Greta anda a decidir se há de fazer de Jeff outra das suas desastrosas escolhas de acasalamento. Jeff havia de gostar. Ele prefere-a a ela. É muito mais bonita do que eu, aqui e agora. De uma beleza um pouco reles. Traz vestida a parte de cima de um biquíni e uns calções de ganga, com uma camisa de reserva enfiada no bolso de trás, para quando quiser entrar numa loja (t-shirts, esculturas de madeira, pedras decorativas) ou restaurante (hambúrgueres, churrasco, caramelos). Ela quer que tiremos fotografias vestidos à Velho Oeste, mas isso não vai acontecer por outras razões além do facto de eu não querer apanhar piolhos de provincianos.

Acabamos por nos conformar com umas quantas voltas à decrepita pista de minigolfe. A relva artificial está rasgada em pedaços, os jacarés e moinhos de vento que outrora se moviam mecanicamente estão agora parados. É Jeff quem lhes faz as honras, fazendo rodar o moinho de vento e abrindo e fechando as mandíbulas do jacaré. Há buracos impossíveis de jogar — a relva enrolou-se para cima como se fosse um tapete, a casinha de campo com o seu chamativo buraco desabou. Por isso, andamos entre as pistas, sem nenhuma ordem em particular. Ninguém toma nota sequer das pontuações.

Isto teria aborrecido a Antiga Amy até mais não: a desorganização e inutilidade daquilo tudo. Mas estou a aprender a andar à deriva, e faço-o bastante bem. Estou a superar as expectativas em termos de

falta de rumo. Sou uma rapariga alfa, tipo A, que preguiça por aqui, chefe de um bando de miúdos de coração partido, que percorre livremente esta solitária série de divertimentos, cada um de nós a sofrer devido à traição da pessoa amada. Apanho Jeff (traído pela esposa, divorciado, processo pela guarda do filho complicado) a franzir o sobrolho quando passamos por uma máquina de Teste do Amor: aperte a pega metálica e veja a temperatura subir desde «apenas uma aventura» até «alma gémea». A estranha equação — um aperto demolidor significa amor verdadeiro — recorda-me as agressões da pobre Greta, que coloca muitas vezes o polegar em cima da nódoa negra que tem no peito, como se fosse um botão que pode pressionar.

— És tu — diz-me Greta. Está a secar a bola nos calções, pois já foi parar duas vezes à poça de água suja.

Ponho-me em posição, esboço o movimento uma ou duas vezes e bato suavemente a minha bola vermelha brilhante em direção à abertura da casa de pássaros. Ela desaparece por um segundo, depois reaparece numa calha inclinada e vai para dentro do buraco. Desaparece, reaparece. Sinto uma onda de ansiedade — tudo reaparece a dada altura, até mesmo eu. Estou ansiosa porque creio que os meus planos mudaram.

Até agora, só mudei de planos duas vezes. A primeira foi em relação à arma. Ia comprar uma arma e depois, na manhã em que desapareci, ia disparar contra mim. Não ia atingir nenhum sítio perigoso: talvez a barriga da perna ou o pulso. Deixaria para trás uma bala com a minha própria carne e o meu próprio sangue. Houve uma luta! Amy foi atingida! Mas, depois, percebi que era um bocadinho ambicioso de mais, mesmo para mim. Iria doer durante semanas, e eu não gosto de dor (o meu braço cortado já está melhor, muito obrigada). Mas continuava a gostar da ideia de uma arma. Daria um belo MacGuffin. Não era Amy foi atingida, mas Amy estava assustada. Por isso, aperltei-me e fui ao centro comercial no Dia de São Valentim, para que se recordassem de mim. Não consegui comprar uma, mas não teve grande importância, dada a mudança de planos.

A outra é consideravelmente mais extrema. Decidi que não vou morrer.

Tenho a disciplina para me matar, mas não consigo digerir a

injustiça. Não é justo ter de morrer. Não é justo morrer a sério. Não quero fazê-lo. Não fui eu que fiz asneira.

O problema agora é o dinheiro. É tão ridículo que seja precisamente o dinheiro a constituir um problema para mim. Mas disponho apenas de uma quantia limitada — 9132 dólares nesta altura. Vou precisar de mais. Esta manhã, fui conversar com Dorothy, como sempre segurando um lenço de bolso para não deixar impressões digitais (disse-lhe que era da minha avó — tento dar-lhe a vaga sensação de fortuna sulista esbanjada, muito Blanche DuBois). Encostei-me à secretária enquanto ela me contava, com grandes detalhes burocráticos, sobre um anticoagulante que não se podia dar ao luxo de comprar — a mulher é uma enciclopédia de fármacos que lhe estão vedados — e depois eu disse, só para testar a situação:

— Entendo perfeitamente. Eu própria não sei onde é que vou arranjar o dinheiro da renda para a minha cabana, daqui a uma ou duas semanas.

Ela pestanejou e desviou o olhar para a televisão, que estava a dar um concurso onde as pessoas gritavam e choravam imenso. Ela tinha ganho um interesse demasiado maternal por mim, com certeza que me deixaria ficar ali indefinidamente: metade das cabanas estavam vazias, não fazia mal.

— Então, é melhor arranjar um trabalho — disse Dorothy sem desviar o olhar da televisão. Uma concorrente fez uma má escolha, perdeu o prémio, e um efeito sonoro tipo uu-uaaa deu voz à sua frustração.

— Como, por exemplo? Que tipo de trabalho poderei arranjar por aqui?

— Limpezas, tomar conta de crianças.

Basicamente, ser dona de casa em troca de um salário. Ironia suficiente para um milhão de pósteres Aguenta firme!

A verdade é que nem mesmo no nosso humilde estado do Missouri tivera alguma vez de poupar dinheiro. Não podia sair e comprar um carro só porque me apetecia, mas nunca tinha de me preocupar com as coisas do dia a dia, em recortar cupões e em comprar genéricos, ou em saber o preço do leite de cor e salteado. Os meus pais nunca se tinham dado ao trabalho de me ensinar a fazer isso, portanto deixaram-me mal preparada para o mundo real. Por exemplo, quando Greta se

queixou que a loja de conveniência na marina lhe tinha cobrado cinco dólares por quatro litros de leite, estremeci porque o miúdo que lá trabalhava me cobrava sempre dez dólares. Eu tinha achado muito, mas não me ocorrera que aquele adolescentezinho borbulhento se limitava a atirar um número para o ar a ver se eu pagava.

Portanto, tinha planeado os gastos, mas o meu orçamento — que, segundo a Internet, daria seguramente para seis a nove meses — estava claramente deficitário. E, conseqüentemente, eu também.

Quando acabamos de jogar golfe — eu ganho, como é óbvio, sei disso porque vou registando mentalmente as pontuações —, vamos almoçar à banca de cachorros-quentes que fica ao lado, e eu esgueiro-me para mexer no cinto de guardar dinheiro com fecho de correr que trago debaixo da camisa e, quando olho para trás, vejo que Greta me seguiu. Apanha-me precisamente antes de eu ter conseguido esconder aquilo outra vez.

— Já ouviste falar em carteiras, ricaça? — diz ela. Isto vai ser um problema recorrente, uma pessoa em fuga precisa de muito dinheiro, mas uma pessoa em fuga não tem, por definição, nenhum sítio onde o guardar. Felizmente, Greta não insiste no assunto, ela sabe que somos ambas vítimas, ali. Sentamo-nos ao sol, num banco de piquenique em metal, e comemos os cachorros-quentes, pãezinhos brancos enrolados à volta de cilindros de fosfato com um molho tão verde que parece tóxico, e pode ser a melhor coisa que alguma vez comi porque eu sou a Amy Morta e não quero saber disso.

— Adivinha lá o que é que o Jeff descobriu para mim na cabana dele... — diz Greta. — Outro livro do tipo da *Martian Chronicle*.

— Ray Bradburrow — diz Jeff. Bradbury, penso eu.

— Pois foi. *Something Wicked This Way Comes* — diz Greta. — É bom. — Ela chilreia a última parte como se fosse a única coisa a dizer sobre um livro: é bom ou é mau. Gostava dele ou não gostava. Nada de discussões sobre a escrita, os temas, as nuances, a estrutura. Apenas bom ou mau. Como um cachorro-quente.

— Li-o quando fui para lá — diz Jeff. — É bom. Arrepiante. — Apanha-me a observá-lo e faz cara de demónio, com olhos de louco e língua de lado. Ele não é o meu tipo — o rosto é demasiado hirsuto e faz coisas suspeitas com peixe —, mas é bem-parecido. Atraente. Os

seus olhos são muito calorosos, não como o azul gelado dos de Nick. Pergunto-me se «eu» gostaria de dormir com ele — uma bela e demorada queca, com o seu corpo comprimido contra o meu e o seu hálito no meu ouvido, os pelos nas minhas faces, não da forma solitária como Nick o faz, em que os nossos corpos mal se chegam a ligar: ângulo reto por trás, em forma de L pela frente e, depois, sai imediatamente da cama e vai para o chuveiro, deixando-me a palpitar no seu lugar molhado.

— O gato comeu-te a língua? — diz Jeff. Ele nunca me chama pelo nome, como que para mostrar que ambos sabemos que eu menti. Ele diz esta senhora ou mulher bonita ou tu. Pergunto-me o que ele me chamaria na cama. Talvez querida.

— Estava só a pensar.

— Hum-hum — diz ele e volta a sorrir.

— Estavas a pensar num rapaz, dá para ver — diz Greta.

— Talvez.

— Pensava que íamos manter-nos longe desses otários durante um tempo — diz ela. — A tratar das nossas galinhas: — Na noite anterior, depois de ver o Ellen Abbott, estava demasiado excitada para ir para casa, por isso dividimos uma embalagem de seis cervejas e imaginámos a nossa vida de eremitas como símbolo das raparigas heterossexuais no complexo lésbico da mãe de Greta, a criar galinhas e a estender roupa para secar ao sol. Objeto de galanteios gentis e platónicos por parte de mulheres mais velhas, com os nós dos dedos deformados e gargalhadas indulgentes. Ganga, bombazina e tamancos, sem nunca termos de nos preocupar com maquilhagem, cabelo ou unhas, tamanho do peito ou das ancas, ou em fingir ser a esposa compreensiva, a namorada que dá apoio incondicional e que gosta de tudo o que o seu homem faz.

— Nem todos os tipos são otários — diz Jeff. Greta emite um ruído evasivo.

Voltamos às nossas cabanas com os membros entorpecidos pelo líquido. Sinto-me como um balão de água deixado ao sol. A única coisa que quero é sentar-me debaixo do ar condicionado da minha janela, a receber o fresco na pele enquanto vejo televisão. Descobri um canal de reposições que só dá programas das décadas de 70 e 80, como Quincy e The Love Boat e Eight Is Enough, mas primeiro vou ver o Ellen

Abbott, o meu novo programa favorito!

Nada de novo, nada de novo. Ellen não se importa de especular, acreditem, apresentou uma série de desconhecidos do meu passado, que juram ser meus amigos, e todos têm coisas maravilhosas a dizer sobre mim, mesmo aqueles que nunca gostaram muito de mim. Ternura pós-vida.

Batem à porta, e eu sei que é Greta e Jeff. Desligo a televisão e lá estão eles no degrau da entrada para passar o tempo.

— O que é que estás a fazer? — pergunta Jeff.

— A ler — minto.

Ele pousa uma embalagem de seis garrafas de cerveja na minha bancada, com Greta atrás dele.

— Oh, pareceu-me ouvir a televisão.

Três é literalmente uma multidão naquelas cabanas acanhadas. Eles estão a bloquear a porta por um segundo, provocando uma onda de nervosismo que me percorre o corpo — por que motivo estarão eles a bloquear a porta? — e depois continuam a andar e estão a bloquear a minha mesinha de cabeceira. Dentro desta está o meu cinto do dinheiro, com oito mil dólares. O cinto é hediondo, cor de carne com uma corcunda. Não é possível andar com todo o meu dinheiro ao mesmo tempo — deixo algum espalhado pela cabana, mas tento andar com a maior parte, e quando o faço, estou tão consciente dele como uma rapariga na praia com um penso higiénico dos grandes. Há uma parte perversa de mim que gosta de gastar dinheiro, porque de cada vez que tiro um maço de notas de vinte para fora, fico com menos dinheiro para esconder, com menos razões para me preocupar com o facto de o roubarem ou de o perder.

Jeff liga a televisão, e a imagem de Ellen Abbott — e Amy — ganha nitidez. Ele acena com a cabeça e sorri para consigo.

— Queres ver... Amy? — pergunta Greta.

Não sei dizer se ela usou uma vírgula: Queres ver, Amy? ou Queres ver Amy?

— Não. Jeff, porque é que não vais buscar a viola e sentamo-nos todos no alpendre?

Jeff e Greta trocam um olhar.

— Oh! Mas era isso que estavas a ver, não era? — diz Greta. Aponta para o ecrã e lá estou eu e Nick num espetáculo de caridade, eu de

vestido de cerimónia, com o cabelo puxado para cima num puxo, e pareço-me mais com o que sou agora, de cabelo curto.

— É chato — digo.

— Oh, eu não acho nada chato — diz Greta e deixa-se cair em cima da minha cama.

Penso em como sou parva por ter deixado entrar aquelas duas pessoas. Por ter partido do princípio de que podia controlá-las, quando são criaturas selvagens, pessoas habituadas a encontrar o ângulo, a explorar a fraqueza, sempre carentes, ao passo que eu sou nova nisto. Nas carências. Deve ser assim que se sentem aquelas pessoas que têm pumas no quintal e chimpanzés na sala quando o seu adorável animal de estimação os dilacera.

— Sabem, espero que não se importem... mas estou a sentir-me um bocadinho indisposta. Demasiado sol, acho eu.

Parecem surpreendidos e um bocadinho ofendidos, e fico a pensar se terei percebido mal — se eles são inofensivos e eu estou simplesmente a ser paranoica. Gostava de acreditar nisto.

— Sim, sim, é claro — diz Jeff. Saem da minha cabana e Jeff agarra na sua cerveja ao passar por ela. Um minuto mais tarde, ouço Ellen Abbott a falar rispidamente a partir da cabana de Greta. As perguntas acusadoras. Porque é que... Porque é que não... Como é que consegue explicar...

Porque é que me permiti travar amizade com pessoas dali? Porque é que não me isolei? Como é que consigo explicar as minhas ações, se for descoberta?

Não posso ser descoberta. Se o fosse, seria a mulher mais odiada do planeta. Passaria de grávida linda, afável e malfadada, vítima de um filho da mãe egoísta e traidor, a cabra ressentida que explorou o bom coração de todos os cidadãos americanos. Ellen Abbott iria dedicar-me programa atrás de programa, com pessoas iradas a ligar para lá, a descarregar o seu ódio: «Ellen, isto é só mais um exemplo de uma rapariga rica e mimada que faz o que quer, sem se importar com os sentimentos das outras pessoas. Acho que ela devia desaparecer para sempre, mas na prisão!» Seria mais ou menos assim. Li informação contraditória na Internet sobre as sanções penais para simular uma morte, ou para incriminar o cônjuge pela referida morte, mas sei que a opinião pública seria brutal. Independentemente do que fizer depois

disso — dar comida a órfãos, abraçar leprosos —, quando morrer serei conhecida como: «Aquela mulher que simulou a própria morte e incriminou o marido, lembra-te?»

Não posso permitir uma coisa dessas.

Horas mais tarde, ainda estou acordada, a pensar às escuras, quando ouço abanar a porta com um batimento suave. O batimento de Jeff. Hesito, sem saber se hei de abrir ou não, e depois abro, pronta a pedir desculpa pela minha grosseria de há pouco. Ele está a cofiar a barba, de olhos postos no capacho da entrada, e depois levanta os seus olhos de âmbar.

— A Dorothy disse que andas à procura de trabalho — disse ele.

— Sim. Acho que sim.

— Tenho uma coisa para esta noite, pago-te cinquenta dólares.

Amy Elliott Dunne não sairia da sua cabana por cinquenta dólares, mas Lydia e/ou Nancy precisa de trabalhar. Tenho de dizer que sim.

— Duas horas, cinquenta dólares. — Ele encolhe os ombros. — A mim, não me faz diferença nenhuma, pensei apenas em propor-te isto.

— E do que é que se trata?

— Pesca.

Eu tinha a certeza de que Jeff devia conduzir uma carrinha de caixa aberta, mas ele leva-me até um reluzente Ford de duas portas, um carro de partir o coração, o carro de um recém-licenciado com grandes planos e orçamento modesto, e não o carro que um homem adulto devia conduzir. Eu levo o fato de banho vestido debaixo do vestido sem mangas, de acordo com as instruções. («Não é o biquíni, é o inteiro, aquele que dá mesmo para nadar», disse Jeff; eu nunca o tinha visto por perto da piscina, mas ele conhecia bem os meus fatos de banho, o que era lisonjeador e alarmante ao mesmo tempo.)

Ele deixa os vidros das janelas abertos enquanto seguimos através das colinas arborizadas, com o pó da gravilha a colar-se ao meu cabelo curto. Parece tirado de um vídeo de música country: a rapariga de vestido sem mangas, com a cabeça de fora para apanhar a brisa de uma noite de verão. Consigo ver estrelas. Jeff trauteia de forma intermitente.

Estaciona ao fundo da estrada de um restaurante construído sobre

estacas no lago, uma churrascaria conhecida pelos seus gigantescos copos de recordação de bebidas alcoólicas com nomes maus: Gator Juice e Bassmouth Blitz. Sei isto por causa dos copos deitados fora que flutuam ao longo das margens do lago, rachados e cor de néon, com o logótipo do restaurante: Catfish Carl's. O Catfish Carl's tem uma plataforma suspensa sobre a água — e os comensais podem tirar punhados de ração de gato das máquinas de manivela e deixá-los cair nas bocas abertas de centenas de gigantescos peixes-gato à espera lá em baixo.

— O que é que vais fazer exatamente, Jeff?

— Tu apanha-los com a rede e eu mato-os. — Sai do carro e eu sigo-o até ao porta-bagagem, que está cheio de arcas. — Pomo-los aqui, no gelo, e revendemo-los.

— Revendemo-los. Quem é que compra peixe roubado?

Jeff esboça aquele sorriso de gato preguiçoso.

— Eu tenho uma clientela variada.

E depois percebo: ele não é nada um espírito livre, tipo Grizzly Adams, que toca viola e defende a paz. Ele é um ladrão rústico, que quer acreditar que é mais complicado do que isso.

Ele tira uma rede para fora, uma caixa de Nine Lives e um balde plástico manchado.

Não tenho intenção absolutamente nenhuma de participar naquela economia piscícola ilícita, mas «eu» estou razoavelmente interessada. Quantas mulheres podem dizer que participaram numa rede de contrabando de peixe? «Eu» sou corajosa. Voltei a ser corajosa desde que morri. Tudo aquilo de que não gostava ou receava e todas as limitações que sentia me tinham abandonado. «Eu» consigo fazer praticamente qualquer coisa. Um fantasma tem essa liberdade.

Descemos a colina, debaixo da plataforma do Catfish Carl's, e avançamos até à doca, que flutua agitadamente na sequência da passagem de um barco a motor cujo ruído faz lembrar Jimmy Buffett.

Jeff passa-me uma rede para a mão.

— Precisamos que isto seja rápido. Saltas para a água, deitas a rede, apanhas o peixe e, depois, levantas a rede para mim. Mas prepara-te, pois vai estar pesada e a contorcer-se. E não grites, nem nada dessas coisas.

— Eu não grito. Mas não quero ir para dentro de água. Posso fazê-lo

da plataforma.

— Devias tirar o vestido, pelo menos. Vais dar cabo dele.

— Estou bem assim.

Por um momento, parece aborrecido — ele é o patrão, eu sou a empregada, e até ver não lhe tenho dado ouvidos —, mas depois vira-se recatadamente, tira a camisa e passa-me a caixa de comida para gato sem me olhar completamente de frente, como se fosse tímido. Seguro a caixa com a sua abertura estreita sobre a água e logo uma centena de dorsos arqueados e brilhantes rolam na minha direção, com as caudas a cortar furiosamente a superfície e, depois, as bocas estão por baixo de mim, com os peixes a atropelarem-se uns aos outros para engolir as bolinhas e, depois, como animais de estimação treinados, a virar as cabeças para cima, a pedir mais.

Deito a rede no meio do cardume e sento-me com força na doca para conseguir apoio para puxar a pescaria para cima. Quando puxo, a rede está cheia com meia dúzia de peixes-gato escorregadios e com bigodes, todos a tentar freneticamente voltar para a água, a abrir e a fechar os lábios entre os quadrados de nylon, e o seu esforço coletivo faz com que a rede oscile para cima e para baixo.

— Levanta-a, levanta-a, rapariga!

Empurro um joelho por baixo da pega da rede e deixo-a balouçar ali. Jeff estica-se, agarra um peixe com as duas mãos, ambas enfiadas em luvas turcas de manicura, para agarrar melhor. Ele faz deslizar as mãos até à cauda, depois balança o peixe como uma moca, esmagando-lhe a cabeça na parte lateral da doca. O sangue explode. Algum é projetado e escorre-me pelas pernas; um bocado de carne dura atinge-me o cabelo. Jeff atira o peixe para o balde e agarra outro com a regularidade de uma linha de montagem.

Trabalhamos no meio de grunhidos e arquejos durante meia hora, quatro redes cheias, até os meus braços ficarem emborrachados e as arcas de gelo estarem cheias. Jeff agarra no balde vazio, enche-o com água do lago e despeja-o em cima das entranhas, empurrando-as para os viveiros. Os peixes-gato engolem vorazmente as entranhas dos irmãos caídos. A doca fica limpa. Ele despeja um último balde de água sobre os nossos pés ensanguentados.

— Porque é que tens de os esmagar? — pergunto.

— Não suporto vê-los sofrer — diz ele. — Um mergulho rápido?

— Estou bem assim — replico.

— No meu carro não, não estás! Vá lá, um mergulho rápido, tens mais porcaria em cima de ti do que pensas.

Afastamo-nos da doca em direção à praia rochosa mais próxima. Enquanto eu patinho com a água pelos tornozelos, Jeff corre com passos gigantescos que esparrinham tudo à sua volta e atira-se para a frente, em braçadas vigorosas. Assim que ele está suficientemente longe, desprendo o cinto do dinheiro e dobro o vestido à sua volta, deixo-o à beira da água com os meus óculos em cima. Vou imergindo até sentir a água morna chegar-me às coxas, à barriga, ao pescoço, e depois suspendo a respiração e mergulho.

Nado rapidamente para longe, fico debaixo de água mais tempo do que devia para me lembrar qual seria a sensação de me afogar — eu sei que conseguiria fazê-lo, se fosse preciso — e quando venho à superfície com uma única inspiração disciplinada, vejo Jeff a dirigir-se rapidamente para terra e tenho de nadar veloz como um golfinho de volta ao cinto do dinheiro e escalar as rochas mesmo à frente dele.

Nick Dunne — Desaparecida Há Oito Dias

Assim que terminei o telefonema com Tommy, liguei a Hilary Handy. Se o meu «homicídio» de Amy era uma mentira e a «violação» de Amy por Tommy O'Hara era uma mentira, porque é que o «assédio» de Hilary Handy a Amy não havia de o ser? Uma sociopata tinha de ganhar experiência algures, por exemplo nos corredores de mármore da Academia de Wickshire...

Quando ela atendeu, disse-lhe rapidamente:

— Daqui fala Nick Dunne, o marido de Amy Elliott. Preciso mesmo de falar consigo.

— Porquê?

— Preciso mesmo muito de mais informações. Sobre a sua...

— Não diga amizade. — Ouvi uma careta zangada na sua voz.

— Não, eu não diria isso. Quero apenas ouvir o seu lado. Não estou a telefonar por pensar que tenha alguma coisa — alguma coisa — a ver com a minha mulher, com a sua situação atual. Mas gostava muito de ouvir o que aconteceu. A verdade. Porque creio que poderá lançar alguma luz sobre um... padrão de comportamento de Amy.

— Que tipo de padrão?

— Quando acontecem coisas muito más às pessoas que a aborrecem. Ela respirou pesadamente para dentro do bocal.

— Há dois dias, não teria conversado consigo — começou ela. — Mas, depois, estava a tomar um copo com umas amigas, e a televisão estava ligada, você apareceu no ecrã e era sobre o facto de Amy estar grávida. Toda a gente que me acompanhava estava tão furiosa consigo. Odiavam-no. E eu pensei: Conheço esta sensação. Porque ela não está morta, certo? Quer dizer, continua apenas a ser dada como desaparecida? Não há corpo?

— Exatamente.

— Então, vou-lhe contar tudo sobre Amy e sobre o liceu. Aquilo que aconteceu. Espere um bocadinho. — Do lado de lá, conseguia ouvir o som de desenhos animados, vozes distorcidas e efeitos sonoros. De repente, deixei de ouvir. A seguir, vozes chorosas. Vão ver lá para baixo. Lá para baixo, se faz favor.

— Então, estamos no primeiro ano. Eu sou a miúda que veio de Memphis. Todas as outras vieram da Costa Leste, juro. Sentia-me esquisita, diferente, sabe como é? Era como se todas as raparigas em Wickshire tivessem sido educadas numa comuna — a gíria, as roupas, o cabelo. E eu não era propriamente uma pária, era apenas... insegura, isso era. Amy já era a Rapariga. Por exemplo, lembro-me que no primeiro dia já toda a gente a conhecia, toda a gente falava sobre ela. Ela era a Incrível Amy — todas tínhamos lido aqueles livros em criança —, além de que era simplesmente linda. Quer dizer, era...

— Sim, eu sei.

— Pois. E não tardou em demonstrar interesse por mim, como que a pôr-me debaixo da sua asa ou coisa do género. Ela brincava, dizendo que era a Incrível Amy, e por isso eu era a sua companheira, a Suzy, e começou a chamar-me Suzy e, em breve, toda a gente fazia a mesma coisa. Por mim, não havia problema. Quer dizer, eu era um bocadinho lambe-botas: ia buscar uma bebida à Amy se ela estivesse com sede, ia pôr a roupa a lavar se ela precisasse de roupa interior limpa. Só um momento.

Voltei a ouvir o cabelo dela a roçar no auscultador. Marybeth tinha trazido consigo todos os álbuns de fotografias dos Elliotts, para o caso de precisarmos de mais fotografias. Tinha-me mostrado uma de Amy e Hilary, com sorrisos de orelha a orelha. Por isso, conseguia imaginar Hilary agora, com o mesmo cabelo amarelo-manteiga da minha mulher a emoldurar-lhe um rosto mais vulgar, com olhos de um avelã lamacentos.

«Jason, estou ao telefone. Dá-lhes uns gelados e pronto, não é assim tão difícil!»

— Desculpe. Os nossos filhos não têm escola e o meu marido nunca toma conta deles, por isso parece não saber o que há de fazer durante os dez minutos em que estou ao telefone consigo. Desculpe. Portanto... pois, eu era a pequena Suzy, a brincadeira continuou e durante alguns meses, agosto, setembro, outubro, foi ótimo. Parecia uma amizade intensa, estávamos juntas o tempo todo. Depois, aconteceram algumas coisas estranhas ao mesmo tempo, que eu sei que a deixaram aborrecida.

— O quê?

— Um tipo da escola que fazia parceria com a nossa conhece-nos às

duas no baile de outono e, no dia seguinte, telefona-me a mim e não à Amy. Embora eu tenha a certeza de que o fez por causa de Amy ser tão intimidante, mas pronto... e depois, alguns dias mais tarde, saem as nossas notas intermédias e as minhas são ligeiramente melhores, do género 4,1 versus 4,0. E pouco tempo depois, uma das nossas amigas convida-me para passar o Dia de Ação de Graças com a família dela. A mim e não à Amy. Mais uma vez, tenho a certeza de que isto aconteceu porque Amy intimidava as pessoas. Não era fácil estar ao pé dela, sentíamos o tempo todo que tínhamos de impressioná-la. Mas dá para sentir que as coisas mudam um bocadinho. Percebo que ela está mesmo irritada, embora não o admita.

»Em vez disso, começa a levar-me a fazer certas coisas. Na altura, não percebo, mas começa a tramar-me. Pergunta se pode pintar-me o cabelo com um tom de louro igual ao dela, porque o meu é baço e vai ficar tão bonito com uma cor mais viva. E começa a queixar-se dos pais. Quer dizer, ela sempre se queixou dos pais, mas agora não para de falar nisso, que só a amam como uma ideia, e não por quem ela realmente é, por isso diz que quer irritá-los. Faz com que eu comece a fazer telefonemas para casa dela, a dizer aos pais que sou a nova Incrível Amy. Às vezes, ao fim de semana, apanhávamos o comboio para Nova Iorque, e ela dizia-me para ficar espreitada do lado de fora da casa deles. Uma vez, mandou-me ir a correr ter com a mãe e dizer-lhe que ia livrar-me de Amy e passar a ser a sua nova Amy ou uma treta do género.

— E fez isso?

— Tratava-se apenas de parvoíces que as raparigas fazem. Antes de haver telemóveis e ciberperseguição. Uma forma de matar o tempo. Estávamos sempre a pregar partidas daquele género, coisas parvas. A tentar suplantar-nos umas às outras, mostrando até que ponto podíamos ser audaciosas e bizarras.

— E depois?

— Depois, ela começa a distanciar-se. Mostra-se fria. E eu fico a pensar que ela já não gosta de mim. As raparigas da escola começam a olhar-me de uma forma esquisita. Sou excluída do círculo de raparigas fixes. Tudo bem. Mas depois, um dia sou chamada ao gabinete da diretora. Amy tinha tido um acidente horrível: entorse do tornozelo, fratura do braço, costelas partidas. Caiu de um enorme lanço de

escadas e disse que fui eu quem a empurrou. Só um momento.

«Voltem já lá para baixo. Voltem. Lá. Para. Baixo. Voooooltem lá para baixo.»

— Desculpe, já aqui estou. Nunca tenha filhos.

— Então, Amy disse que a tinha empurrado? — perguntei.

— Sim, porque eu era maluuuca. Estava obcecada por ela e queria ser a Suzy, e depois ser a Suzy não bastava, tinha de ser a Amy. E ela tinha todas aquelas provas que me fizera criar ao longo dos últimos meses. É óbvio que os pais me tinham visto a rondar a casa.

Teoricamente, tinha abordado a mãe dela. Tinha o cabelo pintado de louro e as roupas que comprara iguais às de Amy — roupas adquiridas quando andava às compras com ela, mas não podia provar isso. Todas as suas amigas vieram explicar que há um mês que Amy andava assustadíssima comigo. Essas tretas todas. Passei por ser totalmente louca. Completamente louca. Os pais dela obtiveram uma ordem de restrição contra mim. E eu continuava a jurar que estava inocente, mas por essa altura estava tão infeliz que queria abandonar a escola de qualquer maneira. Por isso, não lutámos contra a expulsão. Eu já só queria ir para bem longe dela. Quer dizer, a rapariga partiu as próprias costelas! Eu estava assustada: aquela miúda de quinze anos tinha armado aquilo tudo. Tinha enganado amigas, pais, professores.

— E isso foi tudo por causa de um rapaz, de umas notas quaisquer e de um convite para o Dia de Ação de Graças?

— Cerca de um mês depois de ter voltado para Memphis, recebi uma carta. Não estava assinada, vinha dactilografada, mas era obviamente de Amy. Era uma lista de todas as formas como a tinha desiludido. Coisas malucas: Esqueceste-te de esperar por mim depois de Inglês, duas vezes. Esqueceste-te de que sou alérgica a morangos, duas vezes.

— Meu Deus!

— Mas eu sinto que a verdadeira razão nem sequer estava aí.

— Qual era a verdadeira razão?

— Sinto que Amy queria que as pessoas acreditassem que ela era realmente perfeita. E como ficámos amigas, eu passei a conhecê-la. E ela não era perfeita. Sabe? Ela era brilhante e encantadora e tudo isso, mas também era controladora, tinha um transtorno obsessivo-compulsivo, era melodramática e uma grande mentirosa. Por mim, não havia problema. Mas havia para ela. Livrou-se de mim porque eu

sabia que ela não era perfeita. Isso fez-me ficar a pensar em relação a si.

— Em relação a mim? Porquê?

— Os amigos veem a maior parte dos defeitos uns dos outros. Os cônjuges veem tudo, até ao mais ínfimo pormenor. Se ela castigou uma amiga de poucos meses atirando-se por um lanço de escada, o que faria a um homem que tinha sido suficientemente estúpido para casar com ela?

Desligo, já que um dos filhos de Hilary pegou no telefone de uma segunda extensão e começou a cantarolar uma canção infantil. Telefonei de imediato a Tanner e transmiti-lhe as minhas conversas com Hilary e Tommy.

— Então, temos duas histórias, ótimo! Isso vai ser muito bom! — disse Tanner de uma forma que me disse que não era assim tão bom. — Teve notícias da Andie?

Não tinha tido.

— Tenho um dos meus homens à espera dela no edifício onde ela tem o apartamento — disse ele. — Discretamente.

— Não sabia que tinha homens.

— O que realmente precisamos é de encontrar Amy — disse ele, ignorando-me. — Não me parece que uma rapariga como ela seja capaz de ficar escondida por muito tempo. Tem alguma ideia?

Estava sempre a imaginá-la na varanda de um hotel chique perto do oceano, embrulhada num roupão branco grosso como um tapete, bebericando um Montrachet muito bom, enquanto acompanhava a minha perdição pela Internet, pela televisão por cabo, pelos tabloides. Enquanto desfrutava da cobertura e exultação intermináveis de Amy Elliott Dunne. Assistindo ao seu próprio funeral. Perguntei-me se estaria suficientemente consciente para perceber que tinha roubado uma página a Mark Twain.

— Imagino-a perto do oceano — disse eu. Depois, parei, sentindo-me como um médium num passadiço de praia. — Não, não tenho ideias. Podia estar literalmente em qualquer lugar. Não creio que lhe ponhamos a vista em cima, a não ser que decida voltar.

— Isso parece pouco provável — disse Tanner aborrecido. — Portanto, vamos tentar encontrar Andie e ver em que pé é que estão as

coisas. Estamos a ficar sem margem de manobra.

Depois, chegou a hora de jantar, o sol pôs-se e eu fiquei novamente sozinho na minha casa assombrada. Estava a pensar em todas as mentiras de Amy e se a gravidez seria uma delas. Eu tinha feito as contas. Eu e Amy fazíamos sexo esporadicamente, mas o suficiente para ser possível. Mas, de qualquer forma, ela sabia que eu faria as contas.

Verdade ou mentira? Se era mentira, tinha sido concebida para me atingir.

Sempre partira do princípio que eu e Amy teríamos filhos. Foi uma das razões para saber que me ia casar com Amy, porque nos imaginei a ter filhos juntos. Lembro-me da primeira vez que imaginei isso, tínhamos começado a namorar ainda não havia dois meses: estava a ir do meu apartamento, em Kips Bay, para um dos meus parques urbanos favoritos, junto à margem de East River, um caminho que me fazia passar pelo bloco de Lego gigantesco da sede das Nações Unidas, com as bandeiras de uma miríade de países a flutuar ao vento. Um miúdo havia de gostar disto, pensei. Todas as cores diferentes, o jogo de memória de fazer corresponder cada bandeira ao seu país. Há a Finlândia, e há a Nova Zelândia. O sorriso de um só olho da Mauritânia. E depois percebi que não era um miúdo, mas o nosso miúdo, meu e de Amy, que havia de gostar daquilo. O nosso filho, estendido no chão com uma velha enciclopédia, tal como eu tinha feito, mas o nosso filho não estaria sozinho, eu estaria estendido ao lado dele. A ajudá-lo na sua vexilologia embrionária, que soa menos a estudo de bandeiras do que a estudo ditado pelo aborrecimento, o que se adequaria à atitude do meu pai em relação a mim. Mas não à minha em relação ao meu filho. Imaginei Amy a juntar-se-nos no chão, de barriga para baixo, os pés levantados no ar, a apontar para Palau, o ponto amarelo ligeiramente descentrado para a esquerda sobre o fundo azul-vivo, que eu tinha a certeza de que seria a sua favorita.

A partir daí, o rapaz era real (e às vezes uma rapariga, mas sobretudo um rapaz). Era inevitável. Eu sofria de dores paternais regulares e insistentes. Meses depois do casamento, tive um momento estranho em frente do armário dos medicamentos, enquanto usava o fio dental, quando pensei: Ela quer filhos, certo? Devia perguntar-lhe.

Claro que devia perguntar-lhe. Quando fiz a pergunta — de forma indireta e vaga — ela disse: Claro, claro, um dia, mas continuou a parar todas as manhãs em frente do lavatório para engolir a pílula. Fez isto durante três anos, enquanto eu sondava o assunto, mas sem dizer realmente as palavras: Quero que nós tenhamos um filho.

Depois dos despedimentos, deu ideia de poder acontecer. De repente, havia um espaço incontestável nas nossas vidas e um dia, durante o pequeno-almoço, Amy levantou os olhos da torrada e disse: Deixei de tomar a pílula. Assim, sem mais nem menos. Não tomou a pílula durante três meses e não aconteceu nada, e pouco depois da mudança para o Missouri, marcou uma consulta para começarmos a intervenção médica. Quando Amy começava um projeto, não gostava de perder tempo: «Dizemos-lhes que andamos a tentar há um ano», disse ela. Insensatamente, concordei — já mal nos tocávamos nessa altura, mas continuávamos a achar que fazia sentido ter um filho. Claro.

— Também vais ter de fazer a tua parte, sabes? — disse ela no trajeto para St. Louis. — Vais ter de dar sémen.

— Eu sei. Porque é que dizes isso dessa maneira?

— Foi só porque imaginei que fosses demasiado orgulhoso. Tímido e orgulhoso.

Eu era uma mistura bastante sórdida daquelas duas características, mas no centro de fertilidade entrei obedientemente na estranha salinha dedicada à masturbação: um lugar onde tinham entrado centenas de homens, sem outro objetivo que não fosse bater uma punheta, espancar o marreco, esgalhar o pessegueiro, afogar o ganso, jogar bilhar de bolso, limpar o ecoponto.

(Às vezes, uso o humor como forma de autodefesa.)

A salinha continha uma poltrona forrada a vinil, uma televisão e uma mesa que tinha uma série de material pornográfico e uma caixa de lenços de papel. O material pornográfico era do início dos anos 90, a julgar pelo cabelo das mulheres (sim: em cima e em baixo), e a ação era midcore. (Outro bom ensaio: quem seleciona o material pornográfico para os centros de fertilidade? Quem ajuíza aquilo que irá fazer com que os homens se venham, sem ser demasiado degradante para todas as mulheres fora da salinha — enfermeiras, médicas e esposas esperançadas, transtornadas pelas hormonas?)

Visitei a salinha em três ocasiões distintas — eles gostam de ter uma boa reserva — enquanto Amy não fazia nada. Devia começar a tomar comprimidos, mas não o fez, e depois continuou a não o fazer. Ela é que ia ficar grávida, ela é que ia entregar o seu corpo ao bebé, por isso adiei os sinais de incitamento durante alguns meses, enquanto vigiava o frasco dos comprimidos, para ver se o nível descia. Finalmente, depois de algumas cervejas, numa noite de inverno, subi os degraus da nossa casa, liberei-me da roupa com neve agarrada e aninhei-me junto dela, na cama, com o meu rosto ao pé do seu ombro, a respirar o seu cheiro e a aquecer a ponta do nariz na sua pele. Sussurrei as palavras: Vamos fazer isto, Amy, vamos ter um bebé, e ela disse que não. Eu estava à espera de nervosismo, cautela, preocupação: Nick, será que vou ser boa mãe?, mas recebi um não claríssimo e frio. Um não sem aberturas. Não era nada de dramático, não tinha grande importância, era apenas algo em que ela já não estava interessada. «Porque percebi que era eu que ia ficar com a parte difícil», argumentou. «As fraldas, as consultas no médico, a disciplina, e tu ias-te limitar a chegar como um furacão e a ser o papá divertido. Eu fazia o trabalho todo para que eles fossem pessoas como deve ser, e tu vinhas estragar tudo, e eles iam adorar-te e detestar-me.»

Disse a Amy que isso não era verdade, mas ela não acreditou em mim. Disse-lhe que não queria apenas um filho, precisava de um filho. Tinha de saber que conseguia amar incondicionalmente uma pessoa, que conseguia fazer uma criaturinha sentir-se constantemente bem-vinda e querida, independentemente de tudo o resto. Que conseguia ser um pai diferente do meu. Que conseguia criar um rapaz que não fosse como eu.

Implorei-lhe. Amy não se deixou comover.

Um ano mais tarde, recebi uma notificação pelo correio: a clínica iria destruir o meu sémen, a menos que tivesse notícias nossas. Deixei a carta em cima da mesa da casa de jantar, uma censura aberta. Três dias mais tarde, vi-a no caixote do lixo. Esta foi a nossa última comunicação sobre o assunto.

Por essa altura, já eu andava a encontrar-me em segredo com Andie há meses, por isso não tinha o direito de ficar aborrecido. Mas isso não fazia parar a minha dor, nem o facto de sonhar acordado com o nosso filho, meu e de Amy. Já me tinha afeiçoado a ele. A verdade é que eu e

Amy faríamos um filho maravilhoso.

As marionetas estavam a observar-me com olhos pretos alarmados. Espreitei pela janela, vi que as carrinhas das notícias se tinham retirado, por isso saí para a noite cálida. Estava na hora de passear. Talvez ainda houvesse algum jornalista de um tabloide a seguir-me; se assim fosse, não queria saber. Atravessei o nosso complexo, depois andei durante quarenta e cinco minutos ao longo de River Road, a seguir entrei na estrada que passava pelo meio de Cartago. Trinta minutos barulhentos e cheios de fumo — passei por concessionários de automóveis com camiões expostos de forma apelativa como se fossem sobremesas, passei por cadeias de fast-food, lojas de bebidas, minimercados e bombas de gasolina — até chegar ao desvio para a Baixa. Não tinha encontrado uma única pessoa a pé durante todo o caminho, apenas manchas sem rosto que passavam por mim de carro, a toda a velocidade.

Era quase meia-noite. Passei pelo Bar, senti-me tentado a entrar, mas desisti ao ver tanta gente. Devia haver um ou dois repórteres acampados lá dentro. Seria isso que eu faria. Mas apetecia-me estar num bar. Queria estar rodeado de pessoas, divertir-me, desopilar. Caminhei durante mais quinze minutos em direção ao outro extremo da baixa, até um bar mais jovem, mais piroso e desordeiro, onde as casas de banho estavam sempre enfeitadas com vômito, nas noites de sábado. Era um bar que os amigos de Andie frequentavam e talvez, quem sabe, arrastassem Andie com eles. Seria um grande golpe de sorte encontrá-la ali. Pelo menos, avaliar o seu estado de espírito da outra ponta da sala. E se ela não estivesse lá, então ia tomar uma porcaria de um copo.

Infiltrei-me no bar o mais que pude — não havia sinal de Andie. Tinha o rosto parcialmente tapado por um boné de basebol. Mesmo assim, senti algumas exclamações estridentes ao passar pela multidão de consumidores de álcool: cabeças a virarem-se abruptamente na minha direção, os olhos arregalados na tentativa de identificação. É aquele gajo, não é?

Meados de julho. Pensei para comigo se, quando chegasse outubro, me teria tornado uma personagem tão nefanda a ponto de servir de máscara de Halloween de mau gosto para um rapaz qualquer: trunfa

loura e um livro da Incrível Amy enfiado debaixo do braço. Go dizia ter recebido meia dúzia de telefonemas a perguntar se o Bar tinha uma t-shirt oficial para venda. (Não tínhamos, graças a Deus.)

Sentei-me e pedi um uísque ao barman, um tipo mais ou menos da minha idade que ficou a olhar para mim, enquanto decidia se havia de me servir. Por fim, pousou um copinho à minha frente de má vontade, com as narinas dilatadas. Quando puxei da carteira, levantou a palma da mão na minha direção, alarmado. «Eh pá, não quero o seu dinheiro! De maneira nenhuma!»

Deixei-lhe na mesma o dinheiro. Cretino.

Quando tentei fazer-lhe sinal para me servir outra bebida, olhou para mim, abanou a cabeça e inclinou-se em direção à mulher a quem se estava a atirar. Alguns segundos mais tarde, esta olhou discretamente para mim, fingindo estar a espreguiçar-se. Os cantos da sua boca descaíram enquanto acenava afirmativamente. É ele. Nick Dunne. O barman nunca mais voltou.

Não podemos berrar, não podemos fazer um braço de ferro: Olha aqui, meu burro, vais-me servir uma bebida, ou quê? Não podemos ser o idiota que os outros pensam que somos. Temos de nos deixar estar sentados e aceitar aquilo. Mas não me fui embora. Deixei-me lá ficar com o copo vazio à minha frente e fingi que estava embrenhado nos meus pensamentos. Verifiquei o telemóvel descartável, para o caso de Andie ter telefonado. Não. Depois, tirei para fora o telemóvel a sério e joguei uma paciência, fingindo estar absorto. A minha mulher tinha-me feito aquilo, tinha-me transformado num homem que não podia tomar um copo na sua terra natal. Meu Deus, como a odiava!

— Era uísque?

Uma rapariga por volta da idade de Andie estava ali de pé, à minha frente. Asiática, cabelo preto pelos ombros, gira e pequenina.

— Como?

— O que é que estava a beber? Uísque?

— Sim. Estou com dificuldade em...

Ela foi até ao fundo do bar, intrometeu-se na linha de visão do barman com um grande sorriso do tipo ajude-me, uma rapariga habituada a fazer notar a sua presença, e depois voltou com um uísque num copo grande.

— Tome — incitou ela, e eu obedeci. — Saúde! — disse ela, erguendo

a sua própria bebida translúcida e efervescente. Batemos os copos para brindar. — Posso sentar-me?

— Não vou ficar por aqui muito tempo. — Olhei à minha volta, certificando-me de que ninguém me estava a apontar uma câmara de telemóvel.

— Pronto, está bem — disse ela com um sorriso de quem encolhe os ombros. — Podia fingir que não sei que é Nick Dunne, mas não vou insultá-lo. Estou a torcer por si, já agora. Tem arcado com as culpas todas.

— Obrigado. São, hum... tempos estranhos.

— Estou a falar a sério. Sabe quando falam em tribunal do efeito CSI? Quando todos os membros do júri já assistiram a tanto CSI que pensam que a ciência pode provar tudo?

— Sim.

— Bem, eu penso que há um efeito Marido Malvado. Toda a gente já viu demasiados programas sobre crimes verdadeiros em que o marido é sempre, mas sempre, o assassino, por isso as pessoas partem automaticamente do princípio de que o marido é o mau da fita.

— É precisamente isso — repliquei. — Obrigado. É precisamente isso. E Ellen Abbott...

— Que se lixe a Ellen Abbott — disse a minha nova amiga. — Ela é uma perversão ambulante, falante e androfóbica do sistema de justiça. — Voltou a erguer o copo.

— Como é que se chama? — perguntei.

— Outro uísque?

— É um nome muito bonito.

Afinal, o nome dela era Rebecca. Tinha um cartão de crédito a postos e bebia como uma esponja. (Outro? Outro? Outro?) Era de Muscatine, no Iowa (outra cidade junto ao Mississípi) e tinha-se mudado para Nova Iorque depois de ter estudado para ser escritora (tal como eu). Tinha sido assistente editorial em três revistas diferentes — uma revista de noivas, uma revista para mães trabalhadoras, uma revista de adolescentes — e todas tinham fechado nos últimos anos, por isso estava agora a trabalhar para um blogue de crime chamado «Whodunnit» e estava (risadinha) na cidade para tentar obter uma entrevista comigo. Bolas, eu tinha de gostar da sua

ousadia de miúda a fazer pela vida: Ponham-me num avião para Cartago! As principais estações de televisão não o apanharam, mas eu tenho a certeza de que consigo!

— Esperei à porta da sua casa com o resto do mundo, depois na esquadra, e a seguir decidi que precisava de uma bebida. Foi aí que o vi entrar. Era demasiado perfeito. Demasiado estranho, não acha? — disse ela. Usava umas argolinhas de ouro, com que estava sempre a brincar, e tinha o cabelo enfiado atrás das orelhas.

— Tenho de ir — disse eu. As minhas palavras estavam um bocadinho pegajosas, começavam a arrastar-se.

— Mas não me chegou a dizer porque é que está aqui — disse Rebecca. — Devo dizer que é preciso muita coragem para sair, sem um amigo ou alguma espécie de apoio. Aposto que se fartaram de o olhar de lado.

Encolhi os ombros: Não faz mal.

— Pessoas que julgam tudo o que faz, sem sequer o conhecerem. Como aconteceu com a fotografia do telemóvel, no parque. Quer dizer, provavelmente é como eu: ensinaram-nos a ser pessoas educadas. Mas ninguém quer saber a verdadeira história. Querem apenas o... apanhei-te!, não é?

— Estou farto que as pessoas me julguem pelo facto de encaixar num determinado molde.

Ela arqueou as sobrancelhas; os brincos agitaram-se.

Pensei em Amy sentada no seu centro de controlo do mistério, onde quer que estivesse, a avaliar-me de todos os ângulos, a achar-me carente, mesmo de tão longe. Haveria alguma coisa que ela pudesse ver que a fizesse cancelar aquela loucura?

Prossigui:

— Quer dizer, as pessoas pensam que tínhamos um casamento periclitante, mas, na verdade, precisamente antes de desaparecer, a minha mulher organizou uma caça ao tesouro para mim.

Amy devia querer uma de duas coisas: que eu aprendesse a lição e sofresse as consequências de ser um rapazinho mal comportado; ou que aprendesse a lição e a amasse da forma como ela merecia e fosse um rapazinho bom, obediente, penalizado e cobarde.

— Uma maravilhosa caça ao tesouro — reforcei, sorrindo. Rebecca abanou a cabeça com a testa ligeiramente enrugada. — A minha

mulher fazia sempre uma caça ao tesouro para o aniversário do nosso casamento. Uma pista leva a um lugar especial, onde encontro a próxima pista, e assim sucessivamente. Amy... — Tentei fazer com que os meus olhos ficassem marejados de lágrimas, pronto para os enxugar. O relógio por cima da porta marcava 00h37. — Antes de desaparecer, ela escondeu as pistas todas. Para este ano.

— Antes de ela ter desaparecido no dia do vosso aniversário.

— E é a única coisa que me tem aguentado. Fez-me sentir mais próximo dela.

Rebecca tirou para fora uma câmara Flip.

— Deixe-me entrevistá-lo. Com a câmara.

— Má ideia.

— Eu dou o contexto — disse ela. — É exatamente disso que precisa, Nick, juro. Contexto. Precisa dele desesperadamente. Vá lá, só umas palavrinhas!

Abanei a cabeça.

— É demasiado perigoso.

— Diga o que acabou de dizer. Estou a falar a sério, Nick. Eu sou o oposto de Ellen Abbott. Sou anti-Allen Abbott. Precisa de mim na sua vida. — Segurou a câmara, com a sua minúscula luz vermelha a olhar para mim.

— A sério, desligue isso!

— Dê-me uma mãozinha. Se eu conseguir entrevistar Nick Dunne, tenho a carreira feita. E terá feito a boa ação do ano. Por favoor? Não há perigo, Nick, é um minuto. Só um minuto. Juro que vou dar uma boa imagem de si.

Ela fez sinal para uma área reservada onde estaríamos longe da vista de quaisquer mirones. Eu concordei com um aceno e voltámos a instalar-nos, com aquela luzinha vermelha virada para mim o tempo todo.

— O que quer saber? — perguntei.

— Conte-me sobre a caça ao tesouro. Parece romântico. Original e espetacularmente romântico.

Assume o controlo da história, Nick. Tanto para o público com P maiúsculo como para a esposa com C maiúsculo. Neste momento, pensei, sou um homem que ama a sua mulher e que vai encontrá-la. Sou um homem que ama a sua mulher e sou o bom da fita. Sou aquele

por quem devem torcer. Sou um homem que não é perfeito, mas a minha mulher é, e eu vou ser muito, mas muito, obediente a partir de agora.

Conseguia fazer aquilo mais facilmente do que fingir tristeza. Como já disse, consigo funcionar com energia positiva. Mesmo assim, senti um nó na garganta quando me preparava para dizer as palavras:

— A minha mulher é a rapariga mais fixe que alguma vez conheci. Quantos homens poderão dizer isso? Casei-me com a rapariga mais fixe que alguma vez conheci.

Suamalditacabrasuamalditacabrasuamalditacabra. Vem para casa, para eu te poder matar.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Nove Dias

Acordo a sentir-me imediatamente nervosa. Indisposta. Não posso ser encontrada aqui, é o que acordo a pensar, uma explosão de palavras, como um clarão no meu cérebro. A investigação não está a correr suficientemente depressa, e com a minha situação financeira acontece exatamente o oposto, e as antenas gananciosas de Jeff e Greta estão no ar. E eu cheiro a peixe.

Havia qualquer coisa em Jeff e naquela corrida até à margem, em direção ao meu vestido feito numa trouxa e ao cinto do dinheiro. Qualquer coisa na forma como Greta está sempre a assistir a Ellen Abbott. Deixa-me nervosa. Ou estarei a ser paranoica? Pareço a Amy do Diário: O meu marido vai matar-me ou estarei a imaginar coisas!?!? Pela primeira vez, sinto realmente pena dela.

Faço dois telefonemas para a linha de informações sobre Amy Dunne, falo com duas pessoas diferentes e ofereço duas dicas diferentes. É difícil dizer com que rapidez chegarão à polícia — os voluntários parecem totalmente desinteressados. Conduzo até à biblioteca de mau humor. Preciso de fazer as malas e ir embora. Limpar a minha cabana com lixívia, limpar as minhas impressões digitais de tudo, aspirar para não deixar cabelos. Apagar Amy (e Lydia e Nancy) e partir. Se partir, estarei em segurança. Mesmo que Greta e Jeff suspeitem de quem sou, desde que não seja apanhada em carne e osso, está tudo bem. Amy Elliott Dunne é como o abominável homem das neves — cobiçado e folclórico — e eles são dois escroques dos montes Ozark cuja história nebulosa será imediatamente desacreditada. Vou-me embora hoje. É isso que decido quando entro de cabeça baixa na biblioteca fria e praticamente deserta, com os seus três computadores vagos, e me ligo à rede para me atualizar em relação a Nick.

Desde a vigília que as notícias sobre Nick eram repetidas — os mesmos factos num circuito, vezes sem conta, cada vez mais altas, mas sem nenhuma informação nova. Mas hoje, há algo de diferente. Digito o nome de Nick no motor de busca e os blogues estão doidos porque o meu marido se embriagou e deu uma entrevista insensata, num bar, a

uma rapariga qualquer que empunhava uma câmara Flip. Meu Deus, o idiota nunca aprende!

A CONFISSÃO EM VÍDEO DE NICK DUNNE!!!

NICK DUNNE, DECLARAÇÕES SOB O EFEITO DO ÁLCOOL

O meu coração salta tão alto que a minha úvula começa a pulsar. O meu marido lixou-se outra vez.

O vídeo carrega, e lá está Nick. Tem os olhos sonolentos com que fica quando está embriagado, as pálpebras pesadas, e tem aquele seu sorriso de lado, e está a falar sobre mim, e parece um ser humano. Parece feliz. «A minha mulher é a rapariga mais fixe que alguma vez conheci», diz ele. «Quantos homens poderão dizer isso? Casei com a rapariga mais fixe que alguma vez conheci.»

O meu estômago agita-se delicadamente. Não estava à espera disto. Quase sorrio.

— O que é que ela tem de tão fixe? — pergunta a rapariga do ecrã. A sua voz é aguda, com a alegria própria das associações de estudantes femininas.

Nick lança-se na caça ao tesouro, fala de como era uma tradição nossa, de como eu me lembrava sempre de piadas privadas hilariantes, e agora isso era tudo o que lhe restava de mim, portanto tinha de completar a caça ao tesouro. Era essa a sua missão.

— Cheguei ao fim esta manhã — diz ele. A sua voz está enrouquecida. Tem estado a falar de modo a que a sua voz se sobreponha às outras. Há de ir para casa e gargarejar com água salgada morna, como a mãe o obrigava sempre a fazer. Se estivesse em casa com ele, pedir-me-ia para aquecer a água e prepará-la para ele, pois nunca punha a quantidade certa de sal. — E fez-me perceber... muita coisa. Ela é a única pessoa no mundo que tem o poder de me surpreender, sabe? As outras pessoas, sei sempre o que vão dizer, porque toda a gente diz a mesma coisa. Assistimos todos aos mesmos programas, lemos as mesmas coisas, reciclamos tudo. Mas Amy é uma pessoa perfeita com identidade própria. Tem esse poder sobre mim.

— Onde pensa que ela esteja agora, Nick?

O meu marido baixa os olhos para a sua aliança e fá-la rodar duas vezes.

— Sente-se bem, Nick?

— Quer a verdade? Não. Falhei inteiramente em relação à minha

mulher. Tenho andado tão enganado. Só espero que não seja demasiado tarde. Para mim. Para nós.

— Chegou ao limite das suas forças. Em termos emocionais.

Nick olha diretamente para a câmara.

— Quero a minha mulher. Queria que ela estivesse aqui. — Respira fundo. — Não sou a melhor pessoa a demonstrar emoção. Sei disso. Mas amo-a. Preciso que ela esteja bem. Ela tem de estar bem. Tenho de compensá-la por tanta coisa.

— Por exemplo?

Ele ri-se, com o riso mortificado que, mesmo agora, acho atraente. Em tempos mais felizes, costumava chamar-lhe o riso de talk show: o olhar de relance para baixo, o coçar fortuito do canto da boca com um polegar, o riso abafado que uma fascinante estrela de cinema exhibe sempre, precisamente antes de contar a história de um assassino.

— Por exemplo, não é da sua conta. — Sorri. — Tenho apenas de compensá-la por muita coisa. Não era o marido que podia ser. Tivemos uns quantos anos difíceis e eu... Perdi o rumo. Deixei de tentar. Quer dizer, já ouvi mil vezes essa frase: Deixámos de tentar. Toda a gente sabe que significa o fim de um casamento — é o que vem no manual. Mas deixei de tentar. A culpa foi minha. Não era o homem que precisava de ser. — As pálpebras de Nick estão pesadas, o seu discurso suficientemente enviesado para mostrar a voz arrastada. Ele está para lá de tocado, a uma bebida de ficar embriagado. Tem as faces rosadas do álcool. As pontas dos meus dedos brilham, ao lembrarem o calor da sua pele quando tomava uns cocktails comigo.

— Então, e como é que iria compensá-la? — A câmara treme por um segundo; a rapariga está a agarrar na sua bebida.

— Como é que vou compensá-la. Primeiro, vou encontrá-la e trazê-la para casa. Pode apostar. Depois? O que ela precisar de mim, vou-lhe dar. A partir de agora. Porque cheguei ao fim da caça ao tesouro e fui obrigado a ajoelhar humildemente. A minha mulher nunca foi tão transparente para mim como agora. Nunca tive tanta certeza daquilo que precisava de fazer.

— Se pudesse falar com Amy neste momento, o que é que lhe diria?

— Amo-te. Vou encontrar-te. Vou...

Percebo que ele está prestes a dizer a deixa de Daniel Day-Lewis em O Último dos Moicanos: «Mantém-te viva... vou encontrar-te.» Ele

não consegue resistir a desvirtuar a sua sinceridade com uma rápida deixa de um diálogo cinematográfico. Consigo senti-lo a vacilar à sua beira. Detém-se.

— Amo-te para sempre, Amy.

Mas que coisa tão sentida. Tão pouco própria do meu marido.

Há três pessoas morbidamente obesas em cima de lambretas entre mim e o meu café da manhã. Os seus rabos saem para os lados das suas maquinas, mas mesmo assim precisam de mais outro «Egg McMuffin». Há literalmente três pessoas, estacionadas à minha frente, em fila, dentro do McDonald's.

Na verdade, não me importo. Sinto-me curiosamente alegre, apesar desta reviravolta no plano. O vídeo já se está a tornar viral na Internet e a reação é surpreendentemente positiva. Cautelosamente otimista: Talvez o tipo não tenha morto a mulher, no fim de contas. É esse, palavra por palavra, o refrão mais comum. Porque quando Nick baixa a guarda e mostra alguma emoção, está tudo ali. Ninguém podia ver aquele vídeo e acreditar que ele estava a representar. Não era o engolir a dor típico do teatro amador. O meu marido ama-me. Ou, pelo menos, ontem à noite amava-me. Enquanto eu maquinava a sua perdição na minha cabaninha miserável que cheira a toalhas bafientas, ele amava-me.

Não é o suficiente. É claro que sei disso. Não posso alterar o meu plano. Mas dá-me que pensar. O meu marido terminou a caça ao tesouro e está apaixonado. Também está profundamente perturbado: juro que me pareceu ver urticária numa das suas faces.

Estaciono junto à cabana e dou com Dorothy a bater-me à porta. Tem o cabelo molhado do calor, escovado para trás como um vigarista da Wall Street. Ganhou o hábito de enxugar o lábio superior e depois lambe o suor dos dedos, por isso, quando se vira para mim, tem o indicador na boca como um carolo de milho amanteigado.

— Cá está ela — diz. — A faltosa.

Estou atrasada no pagamento da cabana. Dois dias. Quase desato a rir: tenho a renda em atraso.

— Peço imensa desculpa, Dorothy. Dentro de dez minutos já passo por lá com o dinheiro.

— Eu espero, se não te importas.
— Não tenho a certeza se vou ficar. Sou capaz de ter de me ir embora.
— Mesmo assim, continuas a dever-me dois dias. Oitenta dólares, se faz favor.

Entro na cabana e tiro o cinto do dinheiro. contei-o naquela manhã, na cama, levando imenso tempo a dividir o necessário para cada despesa, num arrelhador striptease económico, e a grande revelação foi que, de alguma forma, só me restam 8849 dólares. Viver custa muito dinheiro.

Quando abro a porta para entregar o dinheiro a Dorothy (sobraram 8769 dólares), vejo Greta e Jeff no alpendre de Greta, a verem o dinheiro trocar de mãos. Jeff não está a tocar a sua viola, Greta não está a fumar. Parecem estar no alpendre apenas para me verem melhor. Ambos me dizem adeus. Olá, querida! Retribuo molemente o seu aceno. Fecho a porta e começo a fazer as malas.

É estranho ter tão pouca coisa neste mundo, quando costumava ter tanta. Não tenho uma batedeira de ovos nem uma tigela de sopa. Tenho lençóis e toalhas, mas não tenho um cobertor decente. Tenho uma tesoura, para poder manter o cabelo cortado. Faz-me sorrir porque Nick não tinha uma tesoura quando fomos morar juntos. Não havia tesoura, nem ferro, nem agraphador, e lembro-me de lhe perguntar como é que ele se podia achar uma pessoa civilizada sem uma tesoura, e ele respondeu que era óbvio que não o era e tomou-me nos braços, atirou-me para cima da cama e saltou para cima de mim, e eu ri-me porque ainda era a rapariga fixe. Ri-me, em vez de pensar no que isso significava.

Nunca se deve casar com um homem que não tenha uma tesoura decente. Seria esse o meu conselho. Leva a que aconteçam coisas más.

Dobro e guardo a roupa na minha mochila minúscula — os mesmos três conjuntos que comprei e guardei no carro em que fugi há um mês, para não ter de levar nada de casa. Atirei lá para dentro a escova de dentes, o calendário, o pente, a loção, os comprimidos para dormir que comprei quando pensava drogar-me e afogar-me. Os meus fatos de banho baratos. Aquilo tudo leva tão pouco tempo.

Calço as luvas de látex e limpo tudo. Desentupo os ralos, para tirar os cabelos presos. Não creio que Greta e Jeff saibam quem sou, mas se

souberem, não quero deixar nenhuma prova, e não paro de repetir para mim mesma: É isto que arranjas quando relaxas, é isto que arranjas quando não pensas o tempo todo, o tempo todo. Uma rapariga que age de forma tão estúpida merece ser apanhada. E se deixaste cabelos na receção, como é que é? E se houver impressões digitais no carro de Jeff ou na cozinha de Greta, como é que é? Como é que alguma vez pudeste pensar que podias ser alguém sem preocupações? Imagino a polícia a esquadrinhar as cabanas, sem encontrar nada, e depois, como num filme, sou apanhada por causa da ampliação de um único cabelo cor de rato, que vagueava ao acaso pelo chão de cimento da piscina, à espera para me tramar.

Depois, o meu pensamento muda em sentido contrário: É claro que não vai aparecer ninguém aqui à tua procura. A única coisa que a polícia tem para avançar é a palavra de uns burlões em como viram a verdadeira Amy Elliott num recinto de cabanas baratas e degradadas no meio de nenhures. Iam partir do princípio de que era gentinha reles a querer armar-se em importante.

Alguém bate à porta de forma assertiva. Da forma como um pai faz, mesmo antes de escancarar a porta: Esta casa é minha. Fico espedaçada no meio do quarto, a pensar em não atender. Bang bang bang. Compreendo agora porque é que tantos filmes de terror usam este mecanismo — o bater à porta misterioso. É porque tem a carga de um pesadelo. Não sabemos o que está lá fora, mas sabemos que a iremos abrir. Pensam a mesma coisa que eu: Ninguém realmente mau bate à porta.

Olha, querida, sabemos que estás em casa, abre!

Descalço as luvas de látex, abro a porta, e Jeff e Greta estão no meu alpendre, com o sol por trás, as feições envoltas na penumbra.

— Olha, minha linda, podemos entrar? — pergunta Jeff.

— Na verdade, ia ter convosco — digo, tentando parecer desenvolta e contristada. — Vou-me embora esta noite, amanhã ou ainda esta noite. Recebi um telefonema de casa e tenho de voltar.

— De casa na Louisiana ou de casa em Savannah? — diz Greta. Ela e Jeff têm conversado sobre mim.

— Louisi...

— Não importa — diz Jeff. — Deixa-nos entrar por um segundo, viemos despedir-nos.

Ele dá um passo na minha direção e eu penso em gritar ou em bater com a porta, mas não creio que nenhuma dessas hipóteses vá correr bem. O melhor é fingir que está tudo bem e esperar que isso seja verdade.

Greta fecha a porta atrás deles e encosta-se a ela, enquanto Jeff vai até ao quarto minúsculo e depois à cozinha, a conversar sobre o tempo. E a abrir portas e armários.

— Tens de esvaziar tudo; a Dorothy fica com a tua caução, se não o fizeres — diz ele. — Ela é picuinhas. — Abre o frigorífico, espreita a gaveta dos legumes e o congelador: — Nem um frasco de ketchup podes deixar. Sempre achei isso esquisito. O ketchup não se estraga.

Abre o roupeiro e levanta a roupa de cama da cabana, que eu dobrei, e sacode os lençóis. — Eu sacudo sempre os lençóis — diz ele. — Só para me certificar de que não ficou nada lá dentro... Uma meia, roupa interior, qualquer coisa.

Abre a gaveta da minha mesa de cabeceira, ajoelha-se e olha para trás.

— Parece que fizeste um bom trabalho — diz ele, levantando-se e sorrindo, esfregando as mãos nas calças de ganga. — Arrumaste tudo.

Olha-me da cabeça aos pés e novamente para cima:

— Onde é que está, querida?

— Onde é que está o quê?

— O teu dinheiro. — Ele encolhe os ombros. — Não tornes as coisas difíceis. Eu e ela precisamos mesmo dele.

Greta está calada atrás de mim.

— Eu tenho para aí uns vinte dólares.

— Mentira — disse Jeff. — Tu pagas tudo em dinheiro, até mesmo a renda. Greta viu-te com um grande maço de notas. Portanto, passa-o para cá e podes ir-te embora, e nunca mais teremos de nos voltar a ver.

— Eu chamo a polícia.

— Então chama! Faz favor! — Jeff fica à espera, de braços cruzados, com os polegares metidos nas axilas.

— Os teus óculos são a fingir — diz Greta. — São só vidro.

Não digo nada, olho-a fixamente, na esperança de que ela recue. Aqueles dois parecem suficientemente nervosos para poderem mudar de ideias e dizerem que estavam a brincar comigo. Depois, desatamos os três a rir, sabendo que não é esse o caso, mas todos concordamos

em fingir.

— E o teu cabelo, as raízes estão a começar a aparecer, e são loiras, muito mais bonitas do que a cor de que o pintaste, cor de hamster, e, a propósito, esse corte de cabelo é horrível — diz Greta. — Tu andas escondida, seja lá do que for. Não sei se será mesmo de um homem ou de outra coisa qualquer, mas não vais ligar à polícia. Portanto, passa para cá o dinheiro.

— Foi o Jeff que te convenceu a fazer isto? — pergunto.

— Eu é que convenci o Jeff.

Começo a dirigir-me para a porta que Greta está a bloquear.

— Deixa-me sair.

— Dá-nos o dinheiro.

Tento chegar à porta e Greta roda na minha direção, empurra-me contra a parede com uma mão em cima do meu rosto e, com a outra, levanta-me o vestido e puxa o cinto do dinheiro.

— Não faças isso, Greta! Estou a falar a sério! Para!

A palma da sua mão quente e salgada tapa-me a cara toda, esborrachando-me o nariz; uma das suas unhas arranha-me o olho. Depois, empurra-me outra vez, a minha cabeça bate na parede e os dentes cravam-se sobre a ponta da língua. A briga é muito silenciosa.

Tenho a ponta do cinto que tem a fivela na minha mão, mas não vejo nada e não consigo lutar contra ela, o meu olho está a lacrimejar demasiado e ela não demora muito a conseguir arrancar-me o cinto, arranhando-me os nós dos dedos com as unhas. Empurra-me novamente e abre o fecho de correr, faz correr as notas entre os dedos.

— Caramba! — diz ela. — Estão aqui... — conta — mais de mil, mais de dois ou três mil. Caramba! Bolas, miúda! Assaltaste um banco?

— Pode ter assaltado — diz Jeff. — Desfalque.

Num filme, num dos filmes de Nick, eu teria levantado a palma da mão com toda a força contra o nariz de Greta, deixando-a no chão a sangrar e inconsciente, e depois dado um soco a Jeff. Mas a verdade é que não sei lutar, e eles são dois, e não me parece que valha a pena. Se eu os atacar, eles hão de limitar-se a agarrar-me pelos pulsos, enquanto eu lhes tento bater e os exaspero como uma criança, ou então vão ficar realmente zangados e dar-me uma tareia. Nunca me bateram. Tenho medo de ser ferida por outra pessoa.

— Se queres ligar à polícia, podes ligar, vá! — repete Jeff.

— Vai-te lixar — sussurro.

— Desculpa lá isto — diz Greta. — No próximo sítio para onde fores, tem mais cuidado, está bem? Trata de não parecer uma rapariga que viaja sozinha e que se anda a esconder.

— Vais ficar bem — diz Jeff.

Dá-me uma palmadinha no braço quando se vão embora.

Em cima da mesa de cabeceira, está uma moeda de quarto de dólar e outra de dez cêntimos. É todo o dinheiro que tenho no mundo.

Nick Dunne — Desaparecida Há Nove Dias

Bom dia! Sentei-me na cama com o computador portátil ao meu lado, a apreciar as críticas online à minha entrevista improvisada. O meu globo ocular esquerdo estava a latejar um bocadinho, tinha uma ligeira ressaca devido ao uísque barato, mas o resto de mim sentia-se bastante satisfeito. Na noite passada, tinha lançado a primeira linha para engodar a minha mulher de volta. Desculpa, eu compenso-te, farei o que quiseres a partir de agora, direi ao mundo o quão especial tu és.

Porque eu estava lixado, a não ser que Amy decidisse aparecer. O detetive de Tanner (um tipo seco e nervoso, todo aprumadinho, e não o detetive privado cínico e amigo dos copos que eu imaginava) não tinha descoberto nada até agora — a minha mulher tinha tratado de desaparecer de uma forma perfeita. Eu tinha de convencer Amy a voltar para mim, cumulá-la de elogios e capitulação.

Se as críticas eram uma indicação, tinha feito a coisa certa, porque as críticas eram boas. Eram muito boas:

O homem de gelo derreteu!

Eu SABIA que ele era um bom homem.

In vino veritas!

Talvez não a tenha morto, afinal.

Talvez não a tenha morto, afinal.

Talvez não a tenha morto, afinal.

E tinham deixado de me chamar Lance.

À porta da minha casa, os operadores de câmara e os jornalistas estavam inquietos, queriam uma declaração do tipo que talvez não a tenha morto, afinal. Estavam a berrar junto às minhas persianas corridas: Eh, Nick, venha cá fora, conte-nos sobre Amy. Eh, Nick, conte-nos sobre a vossa caça ao tesouro. Para eles, era apenas uma ideia nova no filão das audiências, mas era muito melhor do que Nick, matou a sua mulher?

E depois, de repente, estavam a gritar pelo nome de Go — adoravam Go, ela não tinha um rosto impenetrável, dava para ver quando Go estava triste, zangada, preocupada; espetava-se com um título por

baixo, e conseguia-se toda uma história. Margo, o seu irmão está inocente? Margo, conte-nos sobre... Tanner, o seu cliente está inocente? Tanner...

Tocaram à campainha e eu abri a porta escondido atrás dela, porque ainda estava em desalinho; o cabelo eriçado e os boxers amarrotados contavam a sua própria história. A noite passada, ao ser filmado, estava adoravelmente perdido de amores, um nadinha tocado, em modo *in vino veritas*. Agora, parecia apenas um bêbedo. Fechei a porta e fiquei à espera de mais duas críticas entusiásticas ao meu desempenho.

— Nunca mais, nunca, volte a fazer uma coisa destas — começou Tanner. — Mas o que raio se passa consigo, Nick? Sinto que preciso de lhe pôr uma daquelas trelas que se usam quando as crianças começam a dar os primeiros passos. Como é que pode ser tão estúpido?

— Já viu os comentários online? As pessoas adoraram. Estou a virar a opinião pública, como me disse para fazer.

— Não se faz uma coisa dessas num ambiente não controlado — disse ele. — E se ela trabalhasse para Ellen Abbott? E se ela começasse a fazer-lhe perguntas mais difíceis do que O que quer dizer à sua mulher, fofinho querido? — Ele disse isto numa toada de rapariguinha. Tinha o rosto vermelho, sob o alaranjado do bronzeador em spray, o que lhe dava uma paleta radioativa.

— Confiei nos meus instintos. Sou jornalista, Tanner, tem de me dar algum crédito no que toca a conseguir farejar impostores. Ela era genuinamente encantadora.

Ele sentou-se no sofá, pôs os pés em cima da otomana que nunca se teria virado sozinha.

— Pois sim, também a sua mulher o foi em tempos — disse ele. — Também Andie o foi em tempos. Como é que está a sua face?

Ainda me doía; a dentada pareceu latejar quando ele me lembrou da sua existência. Virei-me para Go, à procura de apoio.

— Não foi inteligente, Nick — disse ela, sentando-se em frente de Tanner. — Tiveste muita, muita sorte. As coisas correram muito bem, mas podiam não ter corrido.

— E vocês estão a exagerar muito. Será que podemos desfrutar de um pequeno momento de boas notícias? Apenas trinta segundos de boas notícias nos últimos nove dias? Por favor?

Tanner olhou intencionalmente para o relógio.

— Muito bem, está a contar.

Quando comecei a falar, levantou o indicador e fez o som que os adultos fazem quando as crianças tentam interromper. Lentamente, o seu indicador baixou e pousou no mostrador do relógio.

— Muito bem, trinta segundos. Desfrutou deles? — Fez uma pausa para ver se eu dizia alguma coisa, o silêncio intencional que um professor faz depois de perguntar ao aluno indisciplinado: Já acabou de falar? — Agora, precisamos de falar. Estamos numa altura em que é absolutamente fundamental um excelente sentido de oportunidade.

— Concordo.

— Ena! Obrigado. — Arqueou uma sobrancelha. — Quero ir à polícia muito em breve, com o conteúdo do barracão. Enquanto a hoi polloi está...

É só hoi polloi, pensei, e não a hoi polloi. Tinha sido uma coisa que Amy me ensinara.

— ... toda caidinha por si, outra vez. Ou, queira desculpar, não é outra vez, é finalmente. Os repórteres descobriram a casa de Go e eu não me sinto muito seguro deixando o barracão e o seu conteúdo por revelar durante muito mais tempo. Os Elliotts estão...?

— Já não podemos contar com o apoio dos Elliotts — disse eu. — De maneira nenhuma.

Outra pausa. Tanner decidiu não me pregar um sermão, nem sequer perguntar o que acontecera.

— Então, precisamos de passar à ofensiva — disse eu, sentindo-me inatingível, zangado, pronto.

— Nick, não deixes que um golpe de sorte te faça sentir indestrutível — disse Go. Tirou da mala uns comprimidos extrafortes que me meteu na mão. — Livra-te dessa ressaca. Tens de estar em condições, hoje.

— Vai correr tudo bem — disse-lhe eu. Engoli os comprimidos e virei-me para Tanner. — O que é que fazemos? Vamos traçar um plano.

— Ótimo, a proposta é esta — disse Tanner. — Isto é incrivelmente pouco ortodoxo, mas é assim que eu sou. Amanhã, vamos dar uma entrevista a Sharon Schieber.

— Uau! Isso é... uma certeza? — Sharon Schieber era o melhor que eu podia pedir: a repórter (para provar que podia ter relações

respeitosas com pessoas que têm vaginas) de televisão em rede (largura de banda maior do que por cabo) mais bem classificada (idades 30-55) do panorama atual. Era conhecida por mergulhar muito esporadicamente nas águas impuras do jornalismo criminal, mas quando o fazia, era extremamente justa. Há dois anos, tomou sob as suas asas sedosas uma jovem mãe que tinha sido presa por abanar o filho até à morte. Sharon Schieber apresentou uma defesa inteiramente legal — e muito emocional — ao longo de uma série de noites. A mulher está agora de volta ao Nebraska, voltou a casar e está à espera de um filho.

— É uma certeza. Ela entrou em contacto connosco depois do vídeo se ter tornado viral.

— Então o vídeo sempre ajudou. — Não consegui resistir.

— Deu-lhe uma aura interessante: antes do vídeo, era óbvio que era o culpado. Agora, há uma ligeira hipótese de o não ser. Não sei como é que conseguiu finalmente parecer sincero...

— Foi porque ontem à noite havia realmente um objetivo: trazer Amy de volta — disse Go. — Foi uma manobra ofensiva. Ao passo que antes, teria sido apenas emoção indulgente, imerecida e pouco sincera.

Brindei-a com um sorriso de agradecimento.

— Bem, continue a lembrar-se que isso serve um objetivo — disse Tanner. — Nick, eu não estou a brincar: isto é mais do que pouco ortodoxo. A maior parte dos advogados trataria de o calar. Mas isto é algo que eu já tinha vontade de experimentar. Os meios de comunicação saturaram o ambiente jurídico. Com a Internet, o Facebook, o YouTube, já não há júris imparciais. Adeus tábua rasa. Oitenta ou noventa por cento de um caso é decidido antes de entrar na sala de audiências. Sendo assim, porque não fazer uso disso e controlar a história? Mas é um risco. Quero todas as palavras, todos os gestos, toda a informação planeada antecipadamente. Mas tem de se mostrar natural, amável, caso contrário o tiro sairá pela culatra.

— Oh, parece simples — repliquei. — Cem por cento preparado, mas totalmente genuíno.

— Tem de ser extremamente cauteloso com aquilo que diz, e vamos dizer a Sharon que não irá responder a determinadas perguntas. Ela vai fazê-las, de qualquer maneira, mas nós vamos ensinar-lhe a dizer: Devido a certas questões prejudiciais por parte da polícia envolvida

neste caso, infelizmente não posso mesmo responder neste momento, por mais que gostasse de o fazer — e a dizê-lo de forma convincente.

— Como um cão falante.

— Claro, como um cão falante que não quer ir para a prisão. Se conseguirmos que Sharon Schieber o escolha como uma causa sua, Nick, sai-nos a sorte grande. Tudo isto é incrivelmente pouco ortodoxo, mas é assim que eu sou — voltou Tanner a dizer. Ele gostava daquela deixa; era a sua música-tema. Fez uma pausa e franziu o sobrolho, fazendo o gesto de quem finge pensar. Ia acrescentar alguma coisa de que eu não ia gostar.

— O que foi? — perguntei.

— Tem de contar a Sharon Schieber sobre Andie, porque o caso virá a público, não há hipótese.

— Precisamente quando as pessoas começam finalmente a gostar de mim! Quer que acabe com isso?

— Juro-lhe, Nick... Quantos casos já tive em mãos? De uma maneira ou de outra, acaba sempre, mas sempre, por se saber. Dessa forma, teremos controlo. Conta-lhe acerca de Andie e pede desculpa. Pede literalmente desculpa, como se a sua vida dependesse disso. Teve uma aventura, é homem, um homem fraco e estúpido. Mas ama a sua mulher e vai compensá-la. Dá a entrevista, vai para o ar na noite seguinte. Todo o conteúdo fica embargado, para o canal não poder usar o caso com Andie na promoção do programa. Apenas podem usar a palavra bomba.

— Então já lhes contou acerca de Andie?

— Santo Deus, não! — disse ele. — O que eu lhes disse foi: Temos uma grande bomba para vocês. Portanto, vai dar a entrevista e depois temos cerca de vinte e quatro horas. Mesmo antes de ir para o ar, contamos a Boney e Gilpin sobre Andie e sobre a nossa descoberta no barracão da lenha. Oh, meu Deus, já somámos dois mais dois: Amy está viva e está a incriminar Nick! Oh, onde é que a humanidade vai parar?

— Então porque é que não contamos a Sharon Schieber que Amy me está a tramar?

— Razão número um. Diz a verdade sobre Andie, pede perdão, e a nação prepara-se para o perdoar, as pessoas vão sentir pena de si — os americanos adoram ver pecadores a pedir perdão. Mas não pode

revelar nada que prejudique a imagem da sua mulher; ninguém quer ver o marido traidor a culpar a mulher seja do que for. Deixe que seja outra pessoa a fazê-lo no dia seguinte: Fontes próximas da polícia revelam que a mulher de Nick — aquela que ele jurou amar de todo o coração — está a tramá-lo! É boa televisão.

— E qual é a razão número dois?

— É demasiado complicado explicar exatamente a forma como Amy o está a tramar. Não é possível fazê-lo numa declaração breve. É má televisão.

— Sinto-me maldisposto — disse.

— Nick, é... — começou Go.

— Eu sei, eu sei, tem de ser feito. Mas conseguem imaginar o que é termos de contar ao mundo o nosso maior segredo? Eu sei que tenho de o fazer. E penso que acaba por jogar a nosso favor. É a única forma de Amy poder voltar. Ela quer que eu seja humilhado publicamente...

— Castigado — interrompeu Tanner. — Humilhado dá a ideia de que tem pena de si.

— ... e que peça publicamente desculpa — prossegui. — Mas vai ser horrível como tudo.

— Antes de avançarmos com isto, quero ser sincero — disse Tanner. — Contar à polícia a história toda, Amy está a incriminar Nick, é um risco. A maior parte dos polícias decide-se em relação a um suspeito e não quer mudar de ideias. Não estão abertos a quaisquer outras opções. Portanto, há o risco de lhes contarmos e de eles nos porem fora da esquadra por entre gargalhadas e de o prenderem — e nesse caso, teoricamente, acabámos de lhes dar uma antevisão da nossa defesa. Por isso, podem planear exatamente a forma de a destruir no julgamento.

— Muito bem, espere lá, isso está-me a parecer muito, muito mau, Tanner — disse Go. — Do tipo imprudentemente mau.

— Deixe-me acabar — disse Tanner. — Primeiro, acho que tem razão, Nick. Penso que Boney não está convencida de que seja um assassino. Creio que estaria recetiva a uma teoria alternativa. Ela tem reputação de ser uma polícia justa. Uma polícia com bons instintos. Conversei com ela e senti uma boa onda. Creio que as provas a estão a levar na sua direção, mas que o seu íntimo lhe diz algo diferente. Mais importante ainda, se chegarmos a ir a julgamento, não iria usar a

tramoia de Amy como defesa.

— O que quer dizer com isso?

— Como disse, é demasiado complicado, o júri não seria capaz de acompanhar. Se não é bom para televisão, também não é para um júri, acredite! Optaríamos antes por uma coisa do género O. J. Simpson. Uma história simples: os polícias são incompetentes e querem apanhá-lo, são apenas indícios, se a luva não serve, blá-blá-blá.

— Blá blá blá, isso dá-me imensa confiança — disse eu.

Tanner exibiu um sorriso.

— Os júris adoram-me, Nick. Eu sou um deles.

— Você é o oposto de um deles, Tanner.

— Inverta isso: eles gostariam de pensar que são como eu.

Tudo o que fazíamos agora, fazíamos-lo em frente de pequenos maciços de paparazzi, por isso Go, Tanner e eu saímos de casa debaixo de explosões de luz e de ruído. («Não baixe os olhos», aconselhou Tanner, «não sorria, mas não ponha um ar envergonhado. Também não tenha pressas, caminhe normalmente, deixe-os tirar as suas fotografias e feche a porta do carro antes de lhes chamar nomes. Depois, pode chamar-lhes tudo o que quiser.») Íamos para St. Louis, onde teria lugar a entrevista, para eu poder preparar-me com a mulher de Tanner, Betsy, uma antiga pivô de televisão que se transformara em advogada. Ela era o outro Bolt em Bolt & Bolt.

Era um cortejo de carros arrepiante: eu e Tanner, seguidos de Go, seguida de meia dúzia de carrinhas das notícias, mas na altura em que vi o Arco perfilado no horizonte, já não estava a pensar nos paparazzi.

Quando chegámos à suíte de Tanner na cobertura do hotel, estava pronto para fazer o trabalho necessário para dar a entrevista. Mais uma vez, ansiei pela minha própria música-tema: a montagem da minha pessoa a preparar-se para a grande luta. Qual é o equivalente mental de um saco de boxe?

Uma mulher negra atraente, para aí com um metro e oitenta, veio abrir a porta.

— Olá, Nick, sou Betsy Bolt.

Na minha ideia, Betsy Bolt era uma mulher tipo beldade sulista — branca, loura e minúscula.

— Não se preocupe, toda a gente fica surpreendida quando me

conhece. — Betsy riu-se, olhando-me nos olhos e dando-me um aperto de mão. — Tanner e Betsy, soa como se devêssemos figurar na capa de O Guia Oficial dos Betinhos, não é?

— Manual dos Betinhos — corrigiu Tanner, enquanto lhe dava um beijo na face.

— Está a ver? Ele até sabe — disse ela.

Fez-nos entrar na suíte impressionante — uma sala iluminada por janelas de parede a parede, com quartos em cada uma das pontas. Tanner tinha jurado que não podia ficar em Cartago, no Days Inn, por respeito pelos pais de Amy, mas eu e Go desconfiávamos que ele não podia ficar em Cartago porque o hotel de cinco estrelas mais próximo ficava em St. Louis.

Lançámo-nos nos preliminares: conversa casual sobre a família, universidade e carreira de Betsy (todas excepcionais, de primeiro plano, incríveis) e bebidas para toda a gente (refrigerantes e Clamato, que eu e Go tínhamos chegado à conclusão que era uma afetação de Tanner, uma excentricidade que ele achava que lhe conferia personalidade, como eu usar óculos a fingir na universidade). Depois, eu e Go afundámo-nos no sofá de pele, com Betsy sentada à nossa frente, as pernas juntinhas puxadas para um lado, como um sinal de barra oblíqua. Bonita/profissional. Tanner andava de um lado para o outro atrás de nós, a ouvir.

— Muito bem. Então, Nick — disse Betsy. — Vou ser sincera, está bem?

— Sim.

— A maneira como se relaciona com a televisão. À parte aquela coisa para o blogue no bar, aquela coisa do Whodunnit.com na noite passada, Nick é horrível.

— Alguma razão havia de haver para eu ter ido para o jornalismo de imprensa — redargui. — Vejo uma câmara e o meu rosto fica paralisado.

— Exatamente — disse Betsy. — Parece um agente funerário, de tão rígido. Mas eu tenho um truque para remediar isso.

— Álcool? — perguntei. — Funcionou, naquela coisa do blogue.

— Mas não vai funcionar aqui — disse Betsy. Começou a preparar uma câmara de vídeo. — Pensei em fazermos primeiro uma simulação. Eu serei a Sharon. Vou fazer as perguntas que ela provavelmente fará,

e Nick vai responder da forma como normalmente faria. Dessa forma, podemos ver até que ponto faz mal as coisas. — Voltou a rir-se. — Espere um bocadinho. — Tinha um vestido azul de linhas simples e tirou um colar de pérolas de uma enorme mala de cabedal. O uniforme de Sharon Schieber. — Tanner!

O marido apertou-lhe o colar de pérolas e, uma vez apertado, Betsy sorriu.

— Eu procuro a autenticidade absoluta. À parte o meu sotaque da Georgia. E de ser preta.

— Eu apenas vejo a Sharon Schieber à minha frente — disse.

Ela ligou a câmara, sentou-se à minha frente, soltou um suspiro e, depois, levantou os olhos.

— Nick, tem havido muitas discrepâncias neste caso — disse Betsy na voz sumarenta de Sharon. — Para começar, pode contar ao nosso público como é que as coisas se passaram no dia em que a sua mulher desapareceu?

— Aqui, Nick, só fala do pequeno-almoço que os dois tomaram, para comemorar o aniversário de casamento — interrompeu Tanner. — Uma vez que isso já é do conhecimento geral. Mas não dê cronologias, nem fale do que aconteceu antes ou depois do pequeno-almoço. Só vai sublinhar esse último pequeno-almoço maravilhoso que os dois tomaram. Muito bem, vá!

— Sim. — Pigarreei. A câmara tinha a luz vermelha a piscar; Betsy tinha posto a sua expressão burlesca de jornalista. — Hum, como sabe, era o nosso quinto aniversário de casamento e Amy levantou-se cedo e estava a fazer crepes...

O braço de Betsy saiu disparado e eu senti uma ferroadá súbita no rosto.

— Mas que raio? — disse eu, tentando perceber o que tinha acontecido. Tinha uma goma vermelho-cereja em forma de feijão no colo. Segurei nela.

— De cada vez que ficar tenso, de cada vez que transformar esse bonito rosto numa máscara de cangalheiro, vou atirar-lhe com uma goma dessas — explicou Betsy, como se aquilo fosse perfeitamente razoável.

— E supostamente isso vai deixar-me menos tenso?

— Funciona — disse Tanner. — Foi assim que ela me ensinou. Mas

acho que comigo usou pedras. — Trocaram aquele sorriso de casados oh, tu! Já dava para ver que eram um daqueles casais que pareciam sempre vedetas do seu próprio programa de entrevistas matinal.

— Agora, comece outra vez, mas demore-se nos crepes — disse Betsy. — Eram os seus favoritos? Ou os dela? E o que é que estava a fazer nessa manhã para a sua mulher, enquanto ela lhe fazia os crepes?

— Estava a dormir.

— O que é que lhe tinha comprado como presente?

— Ainda não tinha comprado.

— Ó diabo! — Revirou os olhos em direção ao marido. — Então, veja se é muito, muito, muito elogioso em relação a esses crepes, está bem? E em relação ao presente que lhe ia comprar nesse dia. Porque eu sei que não ia voltar para casa sem um presente.

Começámos de novo, e eu descrevi a nossa tradição de comer crepes, que na realidade não o era, e descrevi a forma como Amy era cuidadosa e maravilhosa a escolher presentes (nesta altura, outra goma atingiu-me do lado direito do nariz, e eu descontraí imediatamente o maxilar) e como eu, estúpido como era («Decididamente, exagere o lado do marido palerma», aconselhou Betsy), ainda estava a tentar arranjar alguma coisa deslumbrante.

— Ela nem sequer gostava de presentes caros ou luxuosos — comecei, e fui atingido por uma bola de papel arremessada por Tanner.

— O que foi?

— Pretérito. Pare de usar a porcaria do pretérito em relação à sua mulher.

— Sei que Nick e a sua mulher tiveram alguns problemas — prosseguiu Betsy.

— Estes últimos anos têm sido difíceis. Ambos perdemos o emprego.

— Ótimo, é isso! — exclamou Tanner. — Ambos.

— Mudámo-nos para aqui para ajudar a cuidar do meu pai, que tem Alzheimer, e da minha falecida mãe, que tinha cancro, e ainda por cima eu andava a trabalhar imenso no meu novo emprego.

— Ótimo, Nick, ótimo! — disse Tanner.

— Certifique-se que menciona o quanto era chegado à sua mãe — disse Betsy, embora eu nunca lhe tivesse falado na minha mãe. — Não

vai aparecer ninguém a negar isso, certo? Não há por aí histórias da Querida Mãezinha ou do Querido Filhinho?

— Não, eu e a minha mãe éramos muito chegados.

— Ótimo — disse Betsy. — Então, fale muito nela. E diga que é proprietário do bar juntamente com a sua irmã — mencione sempre a sua irmã quando falar no bar. Se for dono de um bar sozinho, é um promíscuo; se for dono dele juntamente com a sua adorada irmã gémea, é...

— Irlandês.

— Continue.

— E a tensão foi-se acumulando... — comecei.

— Não — disse Tanner. — Isso implica acumular-se até haver uma explosão.

— Por isso, tínhamos descarrilado um bocadinho, mas eu considerava que o quinto aniversário do nosso casamento era a altura de fazer reviver a nossa relação...

— Reinvestir na nossa relação — gritou Tanner. — Fazer reviver significa que alguma coisa estava morta.

— Reinvestir na nossa relação...

— Então e como é que andar a comer uma rapariga de vinte e três anos faz parte desse quadro rejuvenescedor? — perguntou Betsy.

Tanner atirou-lhe uma goma.

— Um bocadinho despropositado, Bets.

— Desculpem, rapazes, mas eu sou mulher, e isso cheira a treta a quilómetros de distância. Reinvestir na relação, tenham dó! Aquela rapariga ainda estava em cena quando Amy desapareceu. As mulheres vão odiá-lo, Nick, a menos que saiba lidar com isso. Seja franco, não empate. Pode acrescentá-lo: Perdemos os nossos empregos, mudámo-nos, os meus pais estavam a morrer. Depois, fiz porcária. Fiz porcária da grossa. Perdi a noção de quem era e, infelizmente, foi preciso perder Amy para o perceber. Tem de admitir que é um idiota e que foi tudo culpa sua.

— Então, basicamente, é fazer aquilo que os homens costumam fazer, em geral — disse eu.

Betsy lançou um olhar aborrecido ao teto.

— Nick, tem de ter muito cuidado com esse tipo de atitudes.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida

Há Nove Dias

Não tenho dinheiro e estou em fuga. Que cenário mais negro. Só que estou sentada no meu Festiva na ponta mais afastada do parque de estacionamento de um enorme complexo de fast-food, na margem do rio Mississípi, com o cheiro a sal e a carne das unidades de criação intensiva a flutuar na brisa cálida. Já é noite — passei ali horas —, mas não consigo mexer-me. Não sei para onde me hei de mexer. O carro fica mais pequeno a cada hora que passa — sou obrigada a encolher-me como um feto, caso contrário as minhas pernas ficam dormentes. De certeza que não vou dormir esta noite. A porta está trancada, mas continuo à espera que me batam no vidro da janela, e sei que vou espreitar e ver um assassino em série de dentes tortos e falinhas-mansas (não seria irónico acabar por ser realmente assassinada?) ou um polícia carrancudo a pedir-me a identificação (não seria ainda pior ser descoberta num parque de estacionamento com ar de vagabunda?). Os letreiros iluminados do restaurante nunca se apagam aqui; o parque de estacionamento está iluminado como um campo de futebol — volto a pensar em suicídio, na forma como um prisioneiro que está a ser vigiado para prevenir o suicídio passa vinte e quatro horas por dia debaixo de luzes, um pensamento horrível. O meu depósito de gasolina está abaixo da marca de um quarto, um pensamento ainda mais horrível. Só posso conduzir durante cerca de uma hora em qualquer direção, por isso tenho de escolher a direção com todo o cuidado. Para sul, fica o Arkansas, para norte o Iowa, para oeste fica o caminho de volta aos Ozarks. Ou então podia ir para leste e atravessar o rio até Illinois. Para onde quer que vá, deparo-me com o rio. Estou a segui-lo ou ele está a seguir-me a mim.

De repente, sei o que tenho de fazer.

Nick Dunne — Desaparecida Há Dez Dias

Passámos o dia da entrevista juntos no quarto extra da suíte de Tanner, a preparar as minhas deixas e a tratar do meu aspeto. Betsy andou de roda das minhas roupas, depois Go aparou-me o cabelo por cima das orelhas com uma tesoura das unhas, enquanto Betsy tentava convencer-me a usar maquilhagem — pó de arroz — para reduzir o brilho. Falávamos todos em voz baixa porque a equipa de Sharon estava a instalar-se lá fora; a entrevista seria na sala da suíte, que dava para o Arco de St. Louis. A porta para o Oeste. Não sei bem qual era o objetivo daquele ponto de referência, a não ser o de servir vagamente como símbolo do meio da nação: *Você Está Aqui*.

— Precisa ao menos de um bocadinho de pó de arroz, Nick — disse finalmente Betsy, vindo na minha direção com a borla. — O seu nariz transpira quando fica nervoso. Nixon perdeu uma eleição por causa do suor no nariz.

Tanner supervisionava tudo como um maestro. «Não corte demasiado desse lado, Go», dizia ele. «Bets, tem cuidado com esse pó, é melhor ter de menos do que de mais.»

— Devíamos ter-lhe aplicado Botox — disse ela. Aparentemente, o Botox combate o suor, assim como as rugas — alguns dos seus clientes levavam uma série de injeções nas axilas antes do julgamento, e eles já estavam a sugerir o mesmo para mim. A sugeri-lo gentil e subtilmente, para o caso de irmos a julgamento.

— Sim, estou mesmo a precisar que a imprensa suspeite que eu andava a fazer tratamentos de Botox enquanto a minha mulher estava desaparecida — disse eu. — Está desaparecida. — Eu sabia que Amy não estava morta, mas também sabia que estava tão longe do meu alcance que era quase a mesma coisa. Era uma esposa no pretérito.

— Bem emendado — disse Tanner. — Da próxima vez, faça-o antes de abrir a boca.

Às cinco da tarde, o telefone de Tanner tocou e ele olhou para o visor.

— Boney — disse. Deixou a chamada ir para o voice mail. — Ligo-lhe a seguir. — Não queria que nenhuma nova informação, pergunta ou

mexerico nos obrigasse a reformular a nossa mensagem. Concordei: não queria ter Boney na cabeça naquela altura.

— Têm a certeza de que não devíamos ver o que ela quer? — perguntou Go.

— Quer lixar-me mais um bocadinho — disse. — Telefonamos-lhe depois. São só umas horas. Ela pode esperar.

Acomodámo-nos novamente nos nossos lugares, numa garantia em massa de que não havia razão para nos preocuparmos com aquele telefonema. O quarto ficou silencioso durante meio minuto.

— Devo dizer que me sinto estranhamente excitada por ir conhecer Sharon Schieber — disse finalmente Go. — Uma senhora cheia de classe. Não é como aquela Connie Chung.

Ri-me, e era essa a intenção. A nossa mãe adorava Sharon Schieber e detestava Connie Chung — nunca lhe perdoara o facto de ter envergonhado a mãe de Newt Gingrich na televisão, qualquer coisa sobre Newt ter chamado c-a-b-r-a a Hillary Clinton. Não me lembro da entrevista, apenas da revolta da nossa mãe com ela.

Às seis da tarde, entrámos na sala, onde havia duas cadeiras viradas uma para a outra com o Arco como pano de fundo, a hora escolhida precisamente para que o Arco brilhasse, mas para que não houvesse reflexo do pôr do sol nas janelas. Um dos momentos mais importantes da minha vida, pensei, ditado pelo ângulo do sol. Uma produtora cujo nome não me lembrava caminhou em direção a nós em saltos perigosamente altos e explicou-me o que devia esperar. As perguntas podiam ser formuladas várias vezes, para fazer com que a entrevista parecesse o mais natural possível, e para permitir mostrar as reações de Sharon. Não podia falar com o meu advogado, antes de dar uma resposta. Podia reformular uma resposta, mas não mudar a sua substância. Aqui tem a sua água, agora vamos tratar de lhe pôr o microfone.

Começámos a andar em direção à cadeira e Betsy deu-me um toque no braço. Quando olhei, mostrou-me o bolso cheio de gomas.

— Lembre-se... — disse ela e brandiu um dedo à minha frente.

De repente, a porta da suíte abriu-se e Sharon Schieber entrou tão suavemente como se fosse transportada por cisnes. Era uma mulher linda, uma mulher que, provavelmente, nunca tivera ar de rapariguinha. Uma mulher cujo nariz, provavelmente, nunca

transpirava. Tinha cabelo forte e escuro e uns olhos castanhos gigantesco que podiam mostrar-se ternos ou perversos.

— É a Sharon! — disse Go, num murmúrio excitado, para imitar a nossa mãe.

Sharon virou-se para Go e acenou majestosamente com a cabeça, e veio ter connosco para nos cumprimentar.

— Sou a Sharon — disse ela numa voz quente e profunda, pegando em ambas as mãos de Go.

— A nossa mãe adorava-a — disse Go.

— Fico muito contente — replicou Sharon, conseguindo mostrar-se entusiasmada. Virou-se para mim e estava prestes a falar quando a produtora fez soar os seus saltos altos e veio sussurrar-lhe alguma coisa ao ouvido. Depois, ficou à espera da reação de Sharon, voltando a sussurrar em seguida.

— Oh! Oh, meu Deus! — disse Sharon. Quando se virou novamente para mim, não estava a sorrir.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Dez Dias

Fiz um telefonema, para chamar uma pessoa. O encontro só pode acontecer à noite — há complicações previsíveis — por isso passo o dia a ataviar-me e a preparar-me.

Limpo-me numa casa de banho do McDonald's — gel verde em toalhas de papel molhadas — e visto um vestido de alças barato e fino como papel. Penso no que irei dizer. Estou surpreendentemente ansiosa. Estava farta da vida de porcaria: a máquina de lavar comunitária sempre com roupa interior molhada lá dentro, presa nos raios da parte de cima do tambor, e que tinha de ser tirada para fora com dedos hesitantes em pinça; o canto do tapete da minha cabana que estava sempre misteriosamente húmido; a torneira a pingar na casa de banho.

Às cinco da tarde, arranco com o carro para norte, rumo ao local de encontro, um casino junto ao rio chamado Horseshoe Alley. Aparece de repente, um maciço de néon a piscar no meio de uma floresta pouco densa. Chego com o depósito vazio — um cliché que nunca tinha posto em prática —, estaciono o carro e aprecio a vista: uma migração de idosos, caminhando como insetos de asas partidas, apoiados em andarilhos e bengalas, puxando tanques de oxigénio em direção às luzes brilhantes. Entrando e saindo agilmente dos grupos de octogenários, veem-se rapazes apressados e demasiado aperaltados, que viram muitos filmes passados em Vegas e não sabem como é cáustico vê-los tentar imitar a sofisticação dos Rat Pack com fatos baratos nas florestas do Missouri.

Ao entrar, passo por baixo de um painel publicitário luminoso que promove — apenas por duas noites — a reunião de um grupo de música doo-wop dos anos 50. Lá dentro, o casino é frio e sem ventilação. As ranhuras das moedas tilintam, alegres chilreios eletrónicos que não condizem com os rostos parados e abatidos das pessoas sentadas em frente das máquinas, a fumar cigarros por cima de máscaras de oxigénio penduradas. Introduz moeda, introduz moeda, introduz moeda, introduz moeda, ding-ding-ding! Introduz moeda, introduz moeda. Um grupo de rapazes podres de bêbedos

passa por mim aos tropeções, é uma despedida de solteiro e os lábios dos rapazes estão molhados dos shots; nem sequer reparam em mim, com o cabelo curto e acinzentado. Estão a falar sobre raparigas, vamos arranjar umas raparigas, mas, tirando eu, as únicas raparigas que ali vejo já têm uma certa idade. Os rapazes afogarão o seu desapontamento na bebida e tentarão não matar os outros condutores a caminho de casa.

Espero num pequeno bar na ponta esquerda da entrada do casino, como combinado, e vejo a banda de rapazes envelhecida a atuar para um público de cabelos brancos, que se move e bate palmas o tempo todo, enfiando os dedos deformados em taças de amendoins de cortesia. Os cantores esqueléticos, emurchecidos por baixo dos smokings ofuscantes, rodopiam lenta e cuidadosamente sobre as próteses de anca, na dança do moribundo.

A princípio, o casino pareceu uma boa ideia — mesmo à beira da estrada, cheio de bêbedos e velhos, nem uns nem outros conhecidos pela sua boa visão. Mas estou a sentir-me nervosa com tanta gente, ciente das câmaras existentes em cada recanto e das portas que podem fechar-se de repente.

Estou quase a ir-me embora quando ele chega, sem pressas.

— Amy.

Chamei o dedicado Desi para vir em meu auxílio (e para ser meu cúmplice). Desi, com quem nunca perdi completamente o contacto, e que — apesar do que contei a Nick e aos meus pais — não me enerva minimamente. Desi, outro homem ao longo do Mississípi. Sempre soube que podia vir a ser-me útil. É bom ter pelo menos um homem que se pode usar para qualquer coisa. Desi é o cavaleiro branco por excelência. Adora mulheres perturbadas. Ao longo dos anos, depois de Wickshire, quando conversávamos, perguntava-lhe pela última namorada e, fosse qual fosse a rapariga, ele dizia sempre: «Oh, não está muito bem, infelizmente.» Mas eu sabia que era felizmente para Desi — os distúrbios alimentares, a viciação em analgésicos, as depressões traumatizantes. A sua maior felicidade é estar à cabeceira de uma cama. Não na cama, apenas empoleirado nas proximidades, com caldo e sumo e a voz suavemente empertigada. Pobre querida.

Agora, está aqui, vestindo um elegante fato branco de pino do verão

(Desi muda o guarda-roupa mensalmente — aquilo que era apropriado para junho não serve para julho. Sempre admirei a disciplina, a precisão do vestuário dos Collings. Está com bom aspeto. Eu não. Estou demasiado ciente dos meus óculos húmidos e do rolo extra de carne na cintura).

— Amy. — Toca na minha face e depois puxa-me para um amplexo. Não para um abraço apertado. Desi não abraça dessa forma, é mais como ficar contida por algo feito à nossa medida. — Querida. Nem imaginas. Aquele telefonema... Pensei que tinha enlouquecido. Pensei que estava a imaginar coisas! Sonhava acordado com a possibilidade de estares viva e, de repente, aquele telefonema! Tu estás bem?

— Agora estou — digo. — Agora, sinto-me segura. Tem sido horrível. — E depois, desato a chorar, lágrimas a sério, não planeadas, mas que me deixam tão aliviada e se adequam ao momento de forma tão perfeita que solto inteiramente as minhas emoções. O stresse abandona-me na forma de lágrimas: a audácia de pôr o plano em prática, o medo de ser apanhada, a perda do meu dinheiro, a traição, os maus-tratos, a pura desolação de estar por minha conta e risco pela primeira vez na vida.

Fico bastante bonita depois de um choro de cerca de dois minutos — mais tempo do que isso, o nariz fica a pingar e o inchaço instala-se; mas até essa altura, os meus lábios ficam mais cheios, os meus olhos maiores, as minhas faces coradas. Conto enquanto choro no ombro decidido de Desi, um Mississípi, dois Mississípi — esse rio outra vez — e reprimo as lágrimas passado um minuto e quarenta e oito segundos.

— Desculpa não ter conseguido chegar aqui mais cedo, querida — diz Desi.

— Eu sei como Jacqueline se encarrega de te preencher a agenda — respondo. A mãe de Desi é um assunto sensível na nossa relação.

Ele analisa-me.

— Tu estás muito... diferente — diz. — Sobretudo no rosto. Está tão cheio. E o teu pobre cabelo está... — Contém-se. — Amy. Nunca pensei poder ficar tão grato com alguma coisa. Diz-me o que aconteceu.

Conto-lhe uma narrativa gótica de possessividade e raiva, de brutalidade tipo bife com batata do Midwest, de gravidez descalça, de domínio animal. De violação e comprimidos e álcool e punhos. Botas de cowboy pontiagudas nas costelas, receio e traição, apatia parental,

isolamento, e as últimas palavras eloquentes de Nick: «Nunca me poderás deixar. Eu mato-te. Hei de encontrar-te, aconteça o que acontecer. Tu és minha!»

A forma como tive de desaparecer pela minha própria segurança e pela segurança do meu futuro filho, e como precisava da ajuda de Desi. O meu salvador. A minha história iria satisfazer o desejo de Desi por mulheres destroçadas — eu era agora a mais traumatizada delas todas. Há muito tempo, quando andava no colégio interno, tinha-lhe contado sobre as visitas noturnas que o meu pai fazia ao meu quarto, eu com uma camisa de noite cor-de-rosa com folhos, de olhos pregados ao teto até ele terminar. Desi ama-me desde essa mentira e sei que ele fantasia fazer amor comigo, mergulhar em mim de forma suave e tranquila, afagando-me o cabelo. Sei que ele me imagina a chorar baixinho enquanto me entrego a ele.

— Não posso voltar à minha vida antiga, Desi. Nick mata-me. Nunca me hei de sentir segura. Mas não posso deixá-lo ir para a prisão. Só queria desaparecer. Não percebi que a polícia ia pensar que tinha sido ele.

Olho gentilmente para a banda em palco, onde um septuagenário esquelético está a cantar sobre amor. Perto da nossa mesa, um tipo de costas direitas com um bigode aparado atira a chávena para um caixote do lixo ao pé de nós e dá barraca (expressão que aprendi com Nick). Quem me dera ter escolhido um lugar mais pitoresco. E agora o tipo está a olhar para mim, a inclinar a cabeça para o lado, numa confusão exagerada. Se fosse um desenho animado, coçaria a cabeça e faria um som wiik-wiik, tipo borracha. Por alguma razão, penso: Parece polícia. Viro-lhe as costas.

— Nick é a última coisa com que te deves preocupar — disse Desi. — Dá-me essa preocupação, que eu trato disso. — Estende a mão, um gesto antigo. Ele é o meu guardador de preocupações; era um ritual que tínhamos em adolescentes. Finjo colocar qualquer coisa na palma da sua mão e ele fecha os dedos sobre ela e eu sinto-me melhor.

— Não, não vou tratar disso. Espero que Nick morra por aquilo que te fez — disse ele. — Numa sociedade sã, era isso que acontecia.

— Pois, mas vivemos numa sociedade insana, por isso preciso de continuar escondida — redargui. — Achas que é horrível da minha parte? — Já sei a resposta.

— Querida, é claro que não. Estás a fazer aquilo que foste obrigada a fazer. Seria uma loucura proceder de outra forma.

Não pergunta nada sobre a gravidez. Eu sabia que ele não o faria.

— És a única pessoa que sabe disto.

— Eu tomo conta de ti. O que posso fazer?

Finjo-me relutante, mordo a ponta do lábio, desvio o olhar e depois volto a fitar Desi.

— Preciso de dinheiro para continuar a viver durante uns tempos. Pensei em arranjar um emprego, mas...

— Oh, não, não faças isso! Tu estás em toda a parte, Amy, em todos os noticiários, em todas as revistas. Alguém acabaria por te reconhecer. Mesmo com este teu novo corte desportivo — diz ele, tocando-me no cabelo. — És uma mulher linda e as mulheres lindas têm dificuldade em desaparecer.

— Infelizmente, creio que tens razão — respondo. — Só não quero que penses que me estou a aproveitar de ti. Não sabia onde mais poderia...

A empregada de mesa, uma morena vulgar disfarçada de morena bonita, vem ter connosco e pousa as nossas bebidas na mesa. Viro-lhe a cara e vejo que o tipo curioso de bigode está um bocadinho mais próximo, a observar-me com um meio sorriso. Estou em baixo de forma. A antiga Amy nunca teria vindo aqui. A minha mente está adulterada pela Coca-Cola Diet e pelo meu próprio odor corporal.

— Pedi-te um gim tónico — digo.

Desi faz um esgar delicado.

— O que foi? — pergunto, mas já sei o que se passa.

— Isso é a minha bebida de primavera. Agora, é uísque com ginger ale.

— Então, pedimos uma dessas para ti. Eu fico com o teu gim.

— Não, não faz mal, não te preocupes.

O mirone aparece novamente na minha visão periférica.

— Aquele tipo, aquele tipo de bigode — não olhes agora — está a olhar fixamente para mim?

Desi olha de relance e abana a cabeça.

— Ele está a ver os... cantores. — Diz a palavra de forma dúbia. — Tu não queres apenas algum dinheiro. Vais ficar farta deste subterfúgio. De não seres capaz de olhar as pessoas de frente. De teres de viver

entre — abre os braços para incluir o casino inteiro — pessoas com quem presumo não tenhas muito em comum. De teres de viver abaixo dos teus recursos.

— É assim que vai ser durante os próximos dez anos. Até eu ter envelhecido o suficiente e a história ter desaparecido e eu poder sentir-me confortável.

— Ah! Estás disposta a fazer isto durante dez anos, Amy?

— Chiu, não digas o meu nome.

— Cathy ou Jenny ou Megan, ou seja lá o que for, não sejas ridícula!

A empregada de mesa regressa e Desi dá-lhe uma nota de vinte e manda-a embora. Ela afasta-se a sorrir. Segurando a nota de vinte como se fosse uma coisa invulgar. Tomo um gole da minha bebida. O bebé não se vai importar.

— Não creio que Nick apresente queixa, se voltares — diz Desi.

— O quê?

— Ele passou lá por casa, para falar comigo. Acho que sabe que a culpa é dele...

— Ele foi falar contigo? Quando?

— Na semana passada. Antes de eu falar contigo, graças a Deus.

Nick tem mostrado mais interesse por mim nestes últimos dez dias do que nos últimos anos. Sempre tinha querido um homem disposto a lutar por mim — uma luta brutal e sangrenta. O facto de Nick ter ido interrogar Desi era um belo começo.

— O que é que ele disse? — pergunto. — Como é que ele te pareceu?

— Pareceu-me um idiota de primeira água. Ele queria culpar-me a mim. Contou-me uma história doida sobre a forma como eu...

Sempre gostara daquela mentira acerca de Desi se ter tentado matar por minha causa. Ele tinha mesmo ficado devastado com a nossa separação, e tinha sido muito desagradável e sinistro, a rondar o campus, na esperança de que eu o aceitasse de volta. Portanto, podia muito bem ter tentado suicidar-se.

— O que é que Nick disse sobre mim?

— Creio que ele sabe que já não te pode magoar, agora que o mundo sabe quem és e se importa contigo. Ele ia ter de te deixar voltar em segurança e podias divorciar-te dele e casar com o homem certo. — Bebeu um gole. — Finalmente.

— Não posso voltar, Desi. Mesmo que as pessoas acreditassem em

tudo sobre os abusos cometidos por Nick, eu continuaria a ser a pessoa odiada; fui eu que os enganei. Seria a maior pária do mundo.

— Serias a minha pária, e eu amar-te-ia independentemente de tudo — disse Desi. — Nunca terias de lidar com nada disso.

— Não poderíamos voltar a dar-nos com ninguém.

— Podíamos sair do país, se quisesse. Viver em Espanha, Itália, onde tu quisesse, e passar os dias a comer mangas ao sol. Dormir até tarde, jogar Scrabble, folhear livros ao acaso, nadar no oceano...

— E quando eu morresse, seria uma nota de rodapé bizarra, um circo de horrores. Não. Eu tenho o meu orgulho, Desi.

— Não te vou deixar voltar para uma vida num parque de caravanas. Vem comigo, instalamos-te na casa do lago. É muito isolada. Eu levo-te os artigos de mercearia e tudo o que precisares, a qualquer hora. Podes esconder-te, sozinha, até decidirmos o que fazer.

A casa do lago de Desi era uma mansão, e levar artigos de mercearia era tornar-se meu amante. Conseguia sentir essa necessidade a sair dele como calor. Estava a contorcer-se um bocadinho debaixo do seu fato, querendo que isso acontecesse. Desi era um colecionador: tinha quatro carros, três casas, carradas de fatos e sapatos. Gostaria de saber que eu estava escondida numa redoma. A derradeira fantasia do cavaleiro branco: rouba a princesa maltratada às suas circunstâncias miseráveis e coloca-a sob a sua proteção dourada num castelo onde mais ninguém pode entrar a não ser ele.

— Não posso fazer isso. E se a polícia descobre de alguma forma e vai fazer uma busca?

— Amy, a polícia pensa que estás morta.

— Não, para já tenho de ficar por minha conta. Podes dar-me apenas algum dinheiro?

— E se eu disser que não?

— Então, saberei que a tua oferta de ajuda não é genuína. Que és como Nick e que apenas queres controlar-me, seja como for.

Desi ficou calado, engolindo a sua bebida de maxilares cerrados.

— Mas que coisa mais monstruosa para se dizer.

— É uma maneira de agir monstruosa.

— Eu não estou a agir assim — disse ele. — Estou preocupado contigo. Experimenta a casa do lago. Se te sentires constrangida com a minha presença, se te sentires desconfortável, vais-te embora. O pior

que pode acontecer é teres uns dias de descanso e relaxamento.

De repente, o tipo de bigode está junto à nossa mesa, com um sorriso trémulo no rosto.

— Minha senhora, por acaso não tem nenhum parentesco com a família Enloe, ou tem? — pergunta.

— Não — digo e viro o rosto.

— Desculpe, é que é parecida com...

— Nós somos do Canadá, agora queira desculpar — diz Desi bruscamente, e o tipo revira os olhos, murmura um credo e volta para o bar. Mas continua a olhar para mim.

— É melhor irmos embora — diz Desi. — Vem para a casa do lago. Levo-te lá agora. — Põe-se de pé.

A casa do lago de Desi teria uma cozinha enorme, teria quartos por onde poderia deambular — os quartos seriam tão grandes que eu poderia rodopiar neles a cantar a «Música no Coração». A casa teria rede Wi-Fi e televisão por cabo — para todas as minhas necessidades de centro de comando — e uma enorme banheira, roupões felpudos e uma cama que não ameaçava desabar.

Também teria Desi, mas Desi podia ser controlado.

No bar, o tipo continua a olhar para mim de forma menos benevolente.

Inclino-me e beijo Desi suavemente nos lábios. Tem de parecer que a decisão é minha.

— És um homem tão maravilhoso. Desculpa pôr-te nesta situação.

— Eu quero estar nesta situação, Amy.

Estamos de saída, a passar por um bar particularmente deprimente, com a televisão a fazer-se ouvir em todos os recantos, quando vejo a putéfia.

A putéfia está a dar uma conferência de imprensa.

Andie parece minúscula e inofensiva. Parece uma babysitter, e não uma babysitter pornográfica, mas sim a rapariga ao fundo da rua, daquelas que brinca mesmo com os miúdos. Eu sei que aquela não é a Andie verdadeira, porque a segui na vida real. Na vida real, ela usa tops justos que lhe realçam os seios, calças de ganga moldadas ao corpo e cabelo comprido e ondulado. Na vida real, tem um ar sexualmente apelativo.

Agora, traz um vestido camiseiro com folhos, o cabelo enfiado atrás das orelhas, e dá ideia de ter estado a chorar, dá para ver devido às pequenas bolsas cor-de-rosa por baixo dos olhos. Parece exausta e nervosa, mas muito bonita. Mais bonita do que tinha achado antes. Nunca a tinha visto tão perto. Tem sardas.

— Ohhhh, merda — diz uma mulher à amiga, uma ruiva tipo Cabernet barato.

— Oh, nããão! E eu que estava a começar a sentir pena do tipo — diz a amiga.

— Tenho porcaria no frigorífico mais velha do que aquela miúda. Mas que idiota.

Andie está de pé, atrás do microfone, e baixa os olhos de pestanas escuras para uma declaração cujas folhas tremem na sua mão. O seu lábio superior está húmido; brilha sob as luzes das câmaras. Ela passa o indicador para limpar o suor.

— Hum. A minha declaração é a seguinte: tive um caso com Nick Dunne desde abril de 2011 até julho deste ano, quando a mulher dele, Amy Dunne, foi dada como desaparecida. Nick era meu professor na Escola Superior de Educação de Cartago do Norte, ficámos amigos e, depois, a relação transformou-se em algo mais.

Andie detém-se para aclarar a voz. Uma mulher de cabelo escuro atrás dela, pouco mais velha do que eu, estende-lhe um copo de água, que ela bebe rapidamente, com o copo a tremer.

— Estou profundamente envergonhada com o facto de me ter envolvido com um homem casado. Vai contra todos os meus valores. Acreditei sinceramente que estava apaixonada... — começa a chorar e a sua voz vacila — por Nick Dunne e que ele estava apaixonado por mim. Ele disse-me que a relação com a mulher tinha chegado ao fim e que se iam divorciar em breve. Não sabia que Amy Dunne estava grávida. Estou a cooperar com a polícia na investigação do desaparecimento de Amy Dunne e farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar.

A sua voz é um fiozinho, uma voz de criança. Ela levanta os olhos para a muralha de câmaras à sua frente e parece chocada, baixando novamente o olhar. As suas bochechas redondas transformam-se em duas maçãs vermelhas.

— Eu... Eu. — Começa a soluçar e a mãe, aquela mulher tem de ser a mãe dela, têm os mesmos olhos excessivamente grandes de desenho

animado japonês, põe-lhe um braço por cima do ombro. Andie continua a ler. — Estou tão arrependida e envergonhada por aquilo que fiz. E quero pedir desculpa à família de Amy pela parte que tive na sua dor. Estou a cooperar com a polícia na sua investi... Oh, já tinha dito isto.

Esboça um sorriso ténue e envergonhado e o corpo de imprensa solta risinhos abafados e encorajadores.

— Pobre miúda — diz a ruiva.

Ela é uma putefiazinha, não merece piedade. Não posso acreditar que as pessoas sintam pena de Andie. Recuso-me literalmente a acreditar nisso.

— Sou uma estudante de vinte e três anos — prossegue ela. — Só peço alguma privacidade para sarar as feridas durante este tempo muito doloroso.

— Boa sorte com isso — murmuro eu, enquanto Andie se afasta e um agente da polícia recusa responder a quaisquer perguntas e se vão os dois embora para longe da câmara. Dou comigo a inclinar-me para a esquerda, como se pudesse segui-los.

— Pobre inocente — diz a mulher mais velha. — Parece aterrorizada.

— Afinal, parece que sempre foi ele.

— Andava com ela há mais de um ano.

— Sacana!

Desi dá-me um toque com o cotovelo e arregala os olhos numa pergunta: eu sabia do caso amoroso? Estava bem? O meu rosto é uma máscara de fúria — pobre inocente, uma ova! —, mas posso fingir que é por causa da traição. Aceno afirmativamente e esboço um sorriso débil. Estou bem. Estamos prestes a ir embora quando vejo os meus pais, de mão dada como sempre, a dirigirem-se ao microfone lado a lado. A minha mãe parece ter ido cortar o cabelo. Pergunto-me se devia ficar aborrecida com o facto de ela ter feito uma pausa a meio do meu desaparecimento para se alindar. Quando alguém morre e os familiares seguem com a sua vida para a frente, ouvimo-los sempre dizer fulano de tal havia de querer que fosse assim. Eu não quero que seja assim.

A minha mãe fala:

— A nossa declaração é breve e não respondemos a perguntas depois disso. Em primeiro lugar, obrigada pelas tremendas manifestações de

apoio à nossa família. Parece que o mundo ama tanto Amy quanto nós. Amy, sentimos a falta da tua voz quente e do teu bom humor, da tua vivacidade de espírito e do teu bom coração. És na verdade incrível. Vamos devolver-te à nossa família. Eu sei que sim. Em segundo lugar, até esta manhã, não sabíamos que o nosso genro, Nick Dunne, tinha um caso amoroso. Desde o início deste pesadelo que ele tem estado menos envolvido, menos interessado e menos preocupado do que devia. Dando-lhe o benefício da dúvida, atribuímos esse comportamento ao choque. Com aquilo que sabemos agora, já não sentimos a mesma coisa. Assim sendo, retirámos o nosso apoio a Nick. À medida que a investigação prossegue, resta-nos a esperança de que Amy volte para nós. A sua história tem de continuar. O mundo está pronto para um novo capítulo.

Ámen, diz alguém.

Nick Dunne — Desaparecida Há Dez Dias

O espetáculo tinha acabado, Andie e os Elliotts tinham desaparecido do ecrã. A produtora de Sharon desligou a televisão com a ponta do salto. Toda a gente estava a olhar para mim, à espera de uma explicação — o convidado da festa que acabou de defecar no chão da sala. Sharon brindou-me com um sorriso demasiado radioso, um sorriso zangado que lhe retesava o Botox. O seu rosto ficava pregueado nos sítios errados.

— Bem — disse ela na sua voz calma e cheia. — Que diabo foi isto? Tanner interveio.

— Era essa a bomba. Nick estava e está totalmente preparado para revelar e discutir as suas ações. Lamento que isto tenha acontecido nesta altura, mas, de certa forma, até é melhor para si, Sharon. Vai ter a primeira reação de Nick.

— É bom que tenha alguma coisa de interessante para dizer, Nick. — Afastou-se rapidamente, gritando para ninguém em particular. — Ponham-lhe o microfone, vamos fazer isto agora.

Acontece que Sharon Schieber me adorou. Em Nova Iorque, ouvira rumores de que ela própria tinha enganado o marido e depois voltara para ele, uma história contada à boca pequena no meio jornalístico. Isso tinha sido há quase dez anos, mas calculei que a necessidade de absolvição continuasse eventualmente presente. E continuava. Ela sorriu abertamente, acarinhou, adulou e provocou. Contraiu aqueles lábios cheios e brilhantes com absoluta sinceridade — uma mão com os nós dos dedos salientes debaixo do queixo — e fez-me as suas perguntas difíceis, e por uma vez respondi-lhes bem. Não sou um mentiroso do calibre de Amy, mas não sou mau quando tenho de o fazer. A imagem que passou foi a de um homem que amava a mulher, que se envergonhava das suas infidelidades e que estava pronto para agir da forma correta. Na noite anterior, sem sono e nervoso, tinha ido online e visto Hugh Grant no programa de Leno, em 1995, a pedir desculpa à nação por se ter envolvido com uma prostituta. A gaguejar, a balbuciar, a contorcer-se como se a sua pele tivesse ficado duas vezes

mais pequena. Mas sem inventar desculpas: «Creio que, na vida, todos sabemos distinguir as coisas boas das coisas más... e eu fiz uma coisa má... e pronto.» Bolas, o tipo era bom — parecia embaraçado, nervoso, tão trémulo que apetecia dar-lhe a mão e dizer: Eh pá, não é uma coisa assim tão grave, não se martirize. E era precisamente esse o efeito que eu procurava. Vi aquele segmento tantas vezes que até havia o perigo de usar o sotaque britânico.

Eu era o expoente máximo do homem transparente: o marido que Amy sempre afirmara não ser capaz de pedir desculpa fê-lo finalmente, usando palavras e emoções plagiadas de um ator.

Mas funcionou. Sharon, fiz uma coisa má, uma coisa imperdoável. Não tenho desculpas para o que fiz. Desiludi-me a mim próprio — nunca tinha pensado em mim como um traidor. É indesculpável, é imperdoável, e só quero que Amy volte para casa, para eu poder passar o resto da vida a compensá-la, a tratá-la da forma que merece.

Oh, decididamente que a trataria da forma que merece!

Mas a questão é esta, Sharon: eu não matei Amy. Nunca lhe faria mal. Penso que o que se está a passar é aquilo que tenho apelidado [riso abafado] mentalmente de efeito Ellen Abbott. Esse tipo de jornalismo vergonhoso e irresponsável. Estamos tão habituados a ver esses homicídios de mulheres transformados em entretenimento, o que é revoltante, e nesses programas quem é o assassino? É sempre o marido. Por isso, penso que o público e, em certa medida, até mesmo a polícia têm sido levados a acreditar que é sempre assim. Desde o princípio que se presumiu praticamente que eu tinha assassinado a minha mulher — porque é essa a história que nos contam sucessivamente — e isso está errado, está moralmente errado. Eu não matei a minha mulher. Quero que ela volte para casa.

Eu sabia que Sharon ia gostar de uma oportunidade de pintar Ellen Abbott como uma vendida às audiências do sensacionalismo. Sabia que a majestosa Sharon, com os seus vinte anos de jornalismo, as suas entrevistas a Arafat e Sarkozy e Obama, ficaria ofendida com a simples menção a Ellen Abbott. Eu sou (fui) jornalista, sei como as coisas são, por isso quando pronunciei aquelas palavras — o efeito Ellen Abbott — reconheci o trejeito na boca de Sharon, o sobrolho delicadamente erguido, a forma como todo o seu rosto se iluminou. Era o aspeto de quem percebeu: Consegui a minha perspetiva.

No final da entrevista, Sharon tomou-me ambas as mãos nas suas — frias, um pouco calejadas, eu tinha lido que era uma ávida jogadora de golfe — e desejou-me felicidades.

— Vou vigiá-lo de perto, meu amigo — disse ela, e depois beijou Go na face e afastou-se de nós, com a parte de trás do vestido transformada num campo de batalha de alfinetes de cabeça, para impedir que o material à frente descaísse.

— Fizeste isso na perfeição — declarou Go ao encaminhar-se para a porta. — Pareces uma pessoa completamente diferente do que eras antes. Assumes o controlo, mas não és arrogante. Até o teu queixo é menos... convencido.

— Tirei-lhe a covinha.

— Sim, quase. Vemo-nos em casa. — Até me deu um murro de incentivo no ombro.

A seguir à entrevista de Sharon Schieber, fiz duas declarações breves — uma por cabo e outra pela Internet. A entrevista de Schieber ia para o ar no dia seguinte e, depois, seguir-se-iam as outras, um dominó de pedidos de desculpa e remorso. Tinha as coisas sob controlo. Já não ia conformar-me com o facto de ser o marido possivelmente culpado, o marido emocionalmente distante, ou o marido traidor sem coração. Eu era o tipo que toda a gente conhecia — o tipo que muitos homens (e mulheres) tinham sido: Traí, sinto-me um lixo, farei o que é preciso para reparar a situação porque sou um homem a sério.

— Estamos em boa forma — disse Tanner, quando terminámos. — O problema com Andie não vai ser tão mau como podia ter sido, graças à entrevista com Sharon. Só precisamos de estar um passo à frente de tudo, a partir de agora.

Go telefonou e eu atendi. A sua voz estava fina e aguda.

— A polícia está aqui com um mandado de busca para o barracão da lenha... também está em casa do pai. Está a... Estou assustada.

Go estava na cozinha a fumar um cigarro quando chegámos, e a avaliar pelo cinzeiro kitsch dos anos 70 a deitar por fora, já ia no segundo maço. Um miúdo estranho, sem ombros, com cabelo cortado à escovinha e uniforme de polícia, estava sentado junto dela, num dos bancos de bar.

— Este é o Tyler — disse ela. — Cresceu no Tennessee, tem um cavalo chamado Custard...

— Custer — disse Tyler.

— Custer, e é alérgico a amendoins. Tyler, não o cavalo. Oh, e tem uma rutura do lábio glenoidal, que é a lesão dos lançadores no baseball, mas ele não sabe como é que arranjou isso. — Deu uma passa no cigarro e os seus olhos marejaram-se de lágrimas. — Está aqui há muito tempo.

Tyler tentou lançar-me um olhar duro, mas acabou a olhar para os sapatos bem engraxados.

Boney apareceu através das portas de vidro de correr na parte de trás da casa.

— Grande dia, rapazes — disse ela. — Quem me dera que se tivesse dado ao trabalho de nos dizer que tinha uma namorada, Nick. Ter-nos-ia poupado muito tempo.

— Temos todo o gosto em discutir isso, assim como o conteúdo do barracão, já que nos preparávamos para vos ir contar ambas as coisas — disse Tanner. — Sinceramente, se tivessem tido a cortesia de nos contar acerca de Andie, podiam ter evitado muita dor. Mas precisavam da conferência de imprensa, tinham de ter essa publicidade. Que coisa mais desagradável terem posto a rapariga naquela situação.

— Certo — disse Boney. — Então, falemos do barracão. Querem fazer o favor de vir comigo? — Virou-nos as costas, mostrando o caminho através da relva irregular de final de verão até ao barracão. Tinha uma teia de aranha presa no cabelo, que a seguia como um véu de casamento. Gesticulou com impaciência quando viu que eu não ia atrás dela. — Venha — disse ela. — Isto não morde.

O barracão da lenha estava iluminado por várias luzes portáteis, fazendo-o parecer ainda mais sinistro.

— Quando foi a última vez que estive aqui, Nick?

— Entrei aqui recentemente, quando a caça ao tesouro da minha mulher me trouxe até aqui. Mas as coisas não são minhas e não toquei em nada...

Tanner cortou-me a palavra.

— Eu e o meu cliente temos uma nova teoria explosiva... — começou Tanner, mas depois conteve-se. A imitação da linguagem televisiva era tão incrivelmente inadequada que todos nos retraímos.

— Oh, explosiva, que excitante — disse Boney.
— Íamos precisamente informá-los...
— A sério? Que sentido de oportunidade mais conveniente — disse ela. — Fiquem aí, por favor.

A porta estava solta nos seus gonzos, com a fechadura arrombada pendurada de lado. Gilpin estava lá dentro a catalogar os bens.

— São estes os tacos de golfe com que não joga? — perguntou Gilpin, empurrando os ferros brilhantes.

— Nada disto é meu. Nada disto foi posto aqui por mim.

— Isso é curioso, porque tudo o que aqui se encontra corresponde às compras efetuadas com os cartões de crédito que também não são seus — disse Boney rudemente. — Isto é tipo, como é que lhe chamam? Um santuário masculino. Um santuário masculino em potência, apenas à espera que a mulher se fosse embora de vez. Arranjou uns belos passatempos, Nick. — Puxou para fora três grandes caixas de cartão e pousou-as aos meus pés.

— O que é isto?

Boney abriu-as com nojo evidente, apesar das mãos enluvadas. Lá dentro, estavam dúzias de DVD pornográficos, com carne de todas as cores e tamanhos nas capas.

Gilpin soltou um riso abafado.

— Tenho de admitir, Nick, quer dizer, um homem tem as suas necessidades...

— Os homens são extremamente visuais, era o que o meu ex dizia sempre quando eu o apanhava — disse Boney.

— Os homens são extremamente visuais, mas Nick, esta treta fez-me corar — disse Gilpin. — Houve coisas que até me deixaram um bocadinho enojado, e não me enojo com facilidade. — Espalhou alguns DVD como se fossem um horrível baralho de cartas. A maior parte dos títulos implicava violência: Anal Brutal, Broches Brutais, Prostitutas Humilhadas, Práticas Sádicas com Prostitutas, Prostitutas Violadas em Grupo, e uma série chamada Magoa a Cabra, volumes 1-18, cada um deles mostrando fotografias de mulheres a contorcer-se de dor enquanto homens lubrificos e a rir-se inseriam objetos dentro delas.

Virei a cara.

— Oh, agora está embaraçado — sorriu Gilpin.

Mas eu não respondi, porque vi Go a ser ajudada a entrar na parte

de trás de um carro da polícia.

Encontrámo-nos uma hora mais tarde na esquadra. Tanner era contra, mas eu insisti. Apelei ao seu ego iconoclasta, de cowboy de rodeio milionário. Íamos contar a verdade à polícia. Estava na altura.

Conseguia lidar com o facto de se meterem comigo, mas não com a minha irmã.

— Estou a concordar com isto porque creio que a sua detenção é inevitável, Nick, independentemente do que fizermos — disse ele. — Se lhes dissermos que estamos prontos para conversar, podemos obter mais informação sobre o caso que eles têm contra si. Sem corpo, vão querer uma confissão, por isso vão tentar dominá-lo com provas. E isso poderá dar-nos o suficiente para impulsionar a nossa defesa.

— E damos-lhes tudo, certo? — perguntei. — Damos-lhes as pistas e as marionetas e Amy. — Estava em pânico, desejoso de ir. Conseguia imaginar os polícias a interrogarem naquele momento a minha irmã debaixo de uma lâmpada nua.

— Desde que me deixe ser eu a falar — disse Tanner. — Se for eu a contar a tramoia, não poderão usar isso contra nós em julgamento... se optarmos por uma defesa diferente.

Preocupava-me que o meu advogado considerasse a verdade tão completamente inacreditável.

Gilpin veio ter connosco aos degraus da esquadra, de Coca-Cola na mão, um jantar tardio. Quando se virou para nos levar para dentro, vi que tinha as costas ensopadas em suor. O sol tinha-se posto há muito, mas a humidade continuava. Sacudiu os braços uma vez e a camisa esvoaçou e colou-se-lhe novamente à pele.

— Ainda está calor — disse ele. — Está previsto que aqueça ainda mais durante a noite.

Boney estava à nossa espera na sala de conferências, a sala da primeira noite. A Noite De. Ela entrançara o seu cabelo mole e prendera-o na parte de trás da cabeça num apanhado impecável, e tinha posto batom. Perguntei a mim mesmo se teria um encontro amoroso. Uma situação do género vou ter contigo depois da meia-noite.

— Tem filhos? — perguntei-lhe, puxando uma cadeira.

Pareceu sobressaltada e levantou um dedo.

— Um. — Não disse o nome, nem a idade, nem mais nada. Boney estava no modo profissional. Tentou esperar pacientemente que começássemos.

— Você primeiro — disse Tanner. — Conte-nos o que tem.

— Claro — disse Boney. — Muito bem. — Ligou o gravador e prescindiu dos preliminares. — Nick afirma não ter comprado ou tocado nos artigos que estavam no barracão na propriedade da sua irmã.

— Correto — redarguiu Tanner por mim.

— Nick, as suas impressões digitais estão em praticamente todos os artigos do barracão.

— Isso é mentira! Eu não toquei em nada, nem numa coisa que fosse! A não ser no meu presente de aniversário, que Amy deixou lá dentro.

Tanner tocou-me no braço: Cale a boca!

— Nick, as suas impressões digitais estão no material pornográfico, nos tacos de golfe, nas caixas dos relógios e até na televisão.

E nessa altura percebi o quanto Amy se teria congratulado com aquilo: o meu sono profundo e satisfeito (de que eu me gabava, convicto de que se ela fosse mais descontraída, mais como eu, a sua insónia desapareceria) virou-se contra mim. Conseguia ver Amy de joelhos, com o meu ressonar a aquecer-lhe as faces, enquanto me pressionava a ponta de um dedo aqui e ali, ao longo de meses. Até era capaz de me ter posto droga na bebida. Lembro-me de ela estar a olhar para mim uma manhã, quando acordei com os lábios colados pela baba seca, e de ter dito: «Tu dormes o sono dos condenados, sabes? Ou dos drogados.» Eu era ambas as coisas e não sabia.

— Quer explicar as impressões digitais? — disse Gilpin.

— Conte-nos o resto — disse Tanner.

Boney pousou uma capa de pele biblicamente grossa sobre a mesa entre nós, com os bordos calcinados.

— Reconhece isto?

Encolhi os ombros e abanei a cabeça.

— É o diário da sua mulher.

— Hum, não. Amy não escrevia diários.

— Na verdade, escrevia, Nick. Fê-lo durante cerca de sete anos —

disse Boney.

— Pronto, está bem.

Algo de mau estava prestes a acontecer. A minha mulher estava outra vez a armar-se em esperta.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Dez Dias

Levamos o meu carro através da fronteira estadual para o Illinois, até um bairro particularmente horrível de uma cidade fluvial falida, passamos uma hora a limpá-lo e depois deixamo-lo com as chaves na ignição. Chamem-lhe o círculo da vida: o casal do Arkansas que o conduziu antes de mim era impreciso; Amy Ozark era obviamente suspeita; esperemos que algum indigente do Illinois também desfrute dele durante uns tempos.

Depois, voltamos ao Missouri por colinas ondulantes até que consigo ver, por entre as árvores, o lago Hannafan a brilhar. Como Desi tem família em St. Louis, gosta de acreditar que a área é antiga, antiga como a Costa Leste, mas está enganado. O lago Hannafan não tem o nome de um estadista do século XIX ou de um herói da Guerra Civil. É um lago privado, criado com máquinas em 2002 por um empreiteiro untuoso chamado Mike Hannafan, que por acaso tinha como biscate desfazer-se ilegalmente de resíduos perigosos. A comunidade perplexa está a debater-se para encontrar um novo nome para o seu lago. Tenho a certeza de que já foi proposto o nome lago Collings.

Por isso, apesar do lago bem planeado — em que alguns residentes seletos podem velejar, mas não andar de barco a motor — e da casa elegantemente grandiosa de Desi — um castelo suíço em escala americana — não me deixo conquistar. Foi sempre esse o problema com Desi. Não importa se és do Missouri ou não, mas não finjas que o lago «Collings» é o lago Como.

Ele encosta-se ao seu Jaguar e dirige o olhar para a casa, para que eu tenha de parar também para a apreciar.

— Foi projetada com base num pequeno chalé maravilhoso em que eu e a minha mãe ficámos, em Brienzensee — diz ele. — Só sentimos a falta da cadeia montanhosa.

E que grande falta, penso eu, mas ponho a mão no braço dele e digo:

— Mostra-me o interior. Deve ser fabuloso.

Ele faz-me a visita guiada, rindo-se da ideia. Uma cozinha tipo catedral — toda em granito e cromados — uma sala com lareiras

separadas para ele e para ela que desemboca num espaço exterior (aquilo a que os naturais do Midwest chamam sacada) que dá para a floresta e para o lago. Um salão de jogos na cave, com mesa de snooker, dardos, som estereofónico, bar e o seu próprio espaço exterior (aquilo a que os naturais do Midwest chamam outra sacada). Uma sauna junto ao salão de jogos e, ao lado, a adega. Lá em cima, cinco quartos, o segundo maior dos quais ele me atribui.

— Mandei-o pintar de novo — diz ele. — Sei que adoras rosa-velho.

Eu já não gosto de rosa-velho; isso era quando andava no liceu.

— És tão querido, Desi, obrigada — digo, da forma mais sincera que consigo. Os meus agradecimentos saem sempre demasiado rebuscados. Muitas vezes, nem sequer os faço. As pessoas fazem o que lhes compete e depois ficam à espera que demonstremos uma gratidão exagerada — são como empregados de lojas de gelados de iogurte que disponibilizam copos para as gorjetas.

Mas Desi gosta de agradecimentos como um gato de ser escovado; as suas costas quase se arqueiam de prazer. Por agora, é um gesto compensador.

Ponho o saco no meu quarto, tentando dar a entender que me vou retirar para passar a noite — preciso de ver como é que as pessoas estão a reagir à confissão de Andie e se Nick foi ou não preso —, mas parece que os agradecimentos ainda estão longe de ter terminado. Desi tratou de garantir que irei ficar eternamente em dívida para com ele. Esboça um sorriso que denota a existência de uma surpresa especial e segura-me a mão (tenho outra coisa para te mostrar) e puxa-me até lá abaixo (só espero que gostes disto) para um pátio junto à cozinha (deu muito trabalho, mas valeu a pena).

— Só espero que gostes disto — volta ele a dizer e abre a porta.

É uma sala em vidro, dou-me conta que é uma estufa. Lá dentro estão tulipas, centenas de tulipas de todas as cores. As tulipas florescem a meio de julho na casa do lago de Desi. No seu próprio espaço especial para uma rapariga muito especial.

— Eu sei que as tulipas são as tuas flores preferidas, mas a época é tão curta — disse Desi. — Por isso, remediei a situação. Vão florescer durante todo o ano.

Põe o braço à roda da minha cintura e leva-me em direção às flores, para que as possa apreciar completamente.

— Tulipas em qualquer dia do ano — digo eu, tentando fazer com que os meus olhos brilhem. As tulipas eram as minhas flores preferidas no liceu. Eram as preferidas de toda a gente, a gerbera do final dos anos 80. Agora, gosto de orquídeas, que são basicamente o oposto das tulipas.

— Nick alguma vez teria pensado numa coisa assim para ti? — Desi respira para dentro do meu ouvido, enquanto as tulipas se balançam sob a pulverização mecanizada vinda lá do alto.

— Nick nunca se lembrou sequer que eu gostava de tulipas — digo eu, a resposta correta.

O gesto é amável, mais do que amável. A minha própria sala de flores, como um conto de fadas. E, no entanto, sinto-me nervosa: telefonei a Desi há apenas vinte e quatro horas, e aquilo não são tulipas plantadas recentemente, nem o quarto cheirava a tinta fresca. Faz com que me interrogue: o aumento do número de cartas no ano anterior, o seu tom galanteador... há quanto tempo é que ele pretendia levar-me para ali? E quanto tempo pensa ele que eu vou ficar? O suficiente para desfrutar de tulipas a florescer todos os dias do ano.

— Meu Deus, Desi — digo. — É como um conto de fadas.

— O teu conto de fadas — diz ele. — Quero que vejas como pode ser a vida.

Em contos de fadas, há sempre ouro. Fico à espera que ele me dê um monte de notas, um cartão de crédito fininho, alguma coisa de útil. A visita guiada volta a passar por todas as divisões, para que eu possa soltar ohs! e ahs! de admiração em relação a pormenores que não vi da primeira vez, e depois voltamos para o meu quarto, um quarto de rapariga em cetim e seda, cor-de-rosa e sumptuoso, como marshmallow e algodão-doce. Quando espreito por uma janela, reparo no muro alto que rodeia a casa.

Pergunto com nervosismo:

— Desi, importas-te de me deixar algum dinheiro?

Na verdade, finge-se surpreendido.

— Agora, não precisas de dinheiro, pois não? — diz ele. — Já não tens renda para pagar; a casa vai estar cheia de comida. Posso trazer-te roupa nova. Não que não goste de ti nesse estilo mais vistoso.

— Acho que algum dinheiro far-me-ia sentir mais confortável. Não vá acontecer alguma coisa e eu precisar de sair daqui rapidamente.

Ele abre a carteira e tira duas notas de vinte dólares, enfiando-as gentilmente na minha mão.

— Aí tens — diz ele indulgentemente.

Nessa altura, pergunto-me se não terei cometido um erro enorme.

Nick Dunne — Desaparecida Há Dez Dias

Cometi um erro ao sentir-me tão seguro de mim. Fosse o que fosse a porcaria do diário, ia dar cabo da minha vida. Já conseguia ver a capa do romance do crime verídico: a nossa fotografia a preto e branco no dia do casamento, o fundo vermelho-sangue, o texto da sobrecapa: incluindo dezasseis páginas de fotografias inéditas e as entradas de diário de Amy Elliott Dunne — uma voz vinda do Além... Eu tinha achado estranho e engraçado quando descobrira aqui e ali, pela casa, os prazeres culpados de Amy, aqueles livros pirosos sobre crimes reais. Pensei que talvez andasse a tentar descontraír, permitindo-se alguma leitura de praia.

Mas não. Estava apenas a estudar.

Gilpin puxou uma cadeira, sentou-se nela ao contrário e inclinou-se na minha direção sobre os seus braços cruzados — o seu visual de polícia de filme. Era quase meia-noite; parecia mais tarde.

— Conte-nos sobre a doença da sua mulher nestes últimos meses — disse ele.

— Doença? Amy nunca fica doente. Talvez apanhe uma constipação uma vez por ano.

Boney agarrou no livro e abriu-o numa página marcada.

— No mês passado, preparou umas bebidas para si e para Amy, e sentaram-se no alpendre das traseiras. Ela escreve aqui que as bebidas estavam imensamente doces e descreve aquilo que pensa ser uma reação alérgica: O meu coração estava acelerado, a minha língua viscosa, colada ao fundo da boca. As minhas pernas transformaram-se em papa quando Nick me ajudou a subir as escadas. — Pousa um dedo, para marcar o sítio onde vai no diário, e levantou os olhos como se eu pudesse não estar a prestar atenção. — Quando acordou na manhã seguinte: A cabeça doía-me e sentia o estômago gorduroso, mas o que era mais estranho é que as unhas estavam azuis e, quando me vi ao espelho, os lábios também. Não fiz chichi durante dois dias. Sentia-me tão fraca.

Abanei a cabeça, desgostoso. Tinha-me afeiçoado a Boney; esperava melhor da parte dela.

— Esta caligrafia é da sua mulher? — Boney inclinou o livro para mim, e eu vi tinta preta e a letra desenhada de Amy, recortada como um gráfico de febre.

— Sim, creio que sim.

— O nosso especialista em caligrafia pensa o mesmo.

Boney pronunciou as palavras com um certo orgulho, e eu percebi: este era o primeiro caso entregue àqueles dois que requeria especialistas externos, que exigia que eles contactassem com profissionais que faziam coisas exóticas, como analisar caligrafia.

— Sabe o que mais ficámos a saber, Nick, quando mostrámos esta entrada ao nosso especialista médico?

— Envenenamento — deixei escapar. Tanner fulminou-me com o olhar: acalme-se.

Boney balbuciou por um segundo; não devia ser eu a dar aquela informação.

— Sim, Nick, obrigada: envenenamento com anticongelante — disse ela. — É um clássico. Teve sorte em ter sobrevivido.

— Ela não sobreviveu porque isso nunca aconteceu — repliquei. — Como você própria disse, é um clássico. Foi inventado a partir de uma pesquisa na Internet.

Boney franziu o sobrolho, mas recusou-se a morder o isco.

— O diário não dá uma imagem bonita de si, Nick. — prosseguiu ela, com um dedo a deslizar pela sua trança. — Maus-tratos: intimidava-a. Stresse: enfurecia-se rapidamente: Relações sexuais que raiavam a violação. Ela tinha muito medo de si no final. Custa a ler. Aquela arma que nos deixou a pensar, ela diz que a queria porque tinha medo de si. Eis a sua última entrada: Este homem é capaz de me matar. Este homem é capaz de me matar, nas suas próprias palavras.

Senti um nó na garganta. Senti que era capaz de vomitar. Medo, sobretudo, e depois uma onda de raiva. Maldita cabra, maldita cabra, cabra, cabra, cabra.

— Mas que nota mais inteligente e conveniente para terminar — disse eu. Tanner pôs uma mão sobre a minha para me silenciar.

— Neste momento, parece estar com vontade de a matar outra vez — disse Boney.

— Não tem feito outra coisa senão mentir-nos, Nick — disse Gilpin.

— Diz que estava na praia nessa manhã. Toda a gente com quem

falamos diz que detesta praia. Diz que não faz ideia do que são aquelas compras todas nos seus cartões de crédito com o plafond esgotado. Agora, temos um barracão cheio exatamente com esses artigos, e têm as suas impressões digitais por todo o lado. Temos uma mulher a sofrer daquilo que parece ser envenenamento com anticongelante semanas antes de desaparecer. Quer dizer, faça-me o favor! — Fez uma pausa, para produzir efeito.

— Mais alguma coisa digna de nota? — perguntou Tanner.

— Podemos colocá-lo em Hannibal, onde a carteira da sua mulher aparece alguns dias mais tarde — disse Boney. — Temos uma vizinha que vos ouviu a discutir na noite anterior. Uma gravidez que Nick não queria. Um bar conseguido com o dinheiro emprestado pela sua mulher, que voltaria para ela em caso de divórcio. E é claro, é claro: uma namorada secreta há mais de um ano.

— Podemos ajudá-lo agora, Nick — disse Gilpin. — Mas assim que o prendermos, deixamos de poder.

— Onde é que encontraram o diário? Na casa do pai de Nick? — perguntou Tanner.

— Sim — disse Boney.

Tanner acenou-me com a cabeça: Foi isso que não encontrámos.

— Deixem-me adivinhar: denúncia anónima.

Nenhum dos dois polícias disse nada.

— Posso perguntar em que sítio da casa é que o encontraram? — perguntei.

— Na caldeira. Eu sei que pensou que o tinha queimado. Incendiou-se, mas a luz-piloto era demasiado fraca; extinguiu-se. Por isso, só o rebordo é que se queimou — disse Gilpin. — Tivemos imensa sorte.

A caldeira — outra piada privada de Amy! Sempre manifestara espanto pelo pouco conhecimento que eu revelava acerca de coisas que os homens costumam dominar. Durante a nossa busca, eu até tinha olhado de relance para a velha caldeira do meu pai, com os seus tubos e fios e torneiras, e afastei-me, intimidado.

— Não foi sorte. Foi feito para o encontrarem — disse eu.

Boney deixou o lado esquerdo da boca abrir-se num sorriso. Encostou-se para trás e ficou à espera, descontraída como a estrela de um anúncio a ice tea. Fiz um aceno zangado a Tanner: Força!

— Amy Elliott Dunne está viva e está a incriminar Nick Dunne pelo

seu homicídio — disse ele. Entrelacei as mãos e endireitei-me, tentando fazer algo que me conferisse um ar de lucidez. Boney olhou-me fixamente. Precisava de um cachimbo, óculos que pudesse tirar rapidamente para causar impacto, um conjunto de enciclopédias junto ao cotovelo. Senti-me tonto. Não te rias.

Boney franziu o sobrolho.

— O que é que disse?

— Amy está viva e bem de saúde e está a tramar Nick — repetiu o meu representante.

Trocaram um olhar, debruçaram-se sobre a mesa: Consegue acreditar neste tipo?

— Porque é que ela faria uma coisa dessas? — perguntou Gilpin, esfregando os olhos.

Boney olhou para o chão e deixou escapar um suspiro.

— Tenho de concordar contigo, nesse ponto.

Ao mesmo tempo, Gilpin disse:

— Oh, por amor de Deus!

— Ela é louca, Nick? — perguntou Boney, inclinando-se para mim.

— Aquilo que está a dizer é uma loucura. Está a ouvir-me? Ela precisaria de uns seis meses ou de um ano, para montar isto tudo. Teria de o ter odiado, de lhe ter querido mal, um mal derradeiro, sério e horrível, durante um ano. Sabe como é difícil manter esse tipo de ódio durante tanto tempo?

Ela conseguia fazer isso. Amy conseguia fazer isso.

— Porque não divorciar-se simplesmente? — perguntou Boney de chofre.

— Isso não satisfaria o seu... sentimento de justiça — repliquei. Tanner lançou-me outro olhar.

— Santo Deus, Nick, não está cansado disto tudo? — disse Gilpin. — Nós temos o que sucedeu nas palavras da sua própria mulher: Penso que ele é capaz de me matar.

Alguém lhes devia ter dito a certa altura: usem muito o nome do suspeito, isso fá-lo-á sentir-se confortável, reconhecido. A mesma ideia que nas vendas.

— Esteve em casa do seu pai ultimamente, Nick? — perguntou Boney. — Por exemplo, a 9 de julho?

Merda! Foi por isso que Amy mudou o código do alarme. Combati

uma nova vaga de repulsa por mim mesmo, pelo facto de a minha mulher me ter enganado duas vezes. Não só me tinha levado a acreditar que continuava a amar-me, como me tinha obrigado a implicar-me. Que rapariga mais perversa! Quase me ri. Santo Deus, odiava-a, mas a cabra era digna de admiração!

Tanner começou:

— Amy usou as suas pistas para obrigar o meu cliente a ir a esses vários locais, onde tinha deixado provas, Hannibal, a casa do pai, para que ele se incriminasse. Eu e o meu cliente trouxemos essas pistas connosco. Como cortesia.

Tirou para fora as pistas e os bilhetes de amor, abriu-os em leque em frente dos polícias como um truque de cartas. Transpirei enquanto eles os liam, desejando que levantassem os olhos e me dissessem que estava tudo claro, agora.

— Muito bem. Diz que Amy o odiava tanto que passou meses a incriminá-lo pelo seu homicídio, não é? — perguntou Boney na voz calma e comedida de um progenitor desiludido.

Fiz uma expressão confusa.

— Isto não parece uma mulher zangada, Nick — disse ela. — Ela está ansiosa por lhe pedir desculpa, por sugerir um começar de novo, por lhe dizer o quanto o ama: És caloroso — és o meu sol. És brilhante, és espirituoso.

— Oh, mas que porra!

— Mais uma vez, Nick, uma reação incrivelmente estranha para um homem inocente — disse Boney. — Aqui estamos nós, a ler palavras doces, talvez as últimas palavras que a sua mulher lhe disse, e está com um ar zangado. Ainda me lembro daquela primeira noite: Amy está desaparecida, você chega aqui, pomo-lo nesta mesma sala durante quarenta e cinco minutos e parece aborrecido. Nós observámo-lo pelas câmaras de vigilância. Adormeceu, praticamente.

— Isso não tem nada a ver com nada — começou Tanner.

— Estava a tentar manter-me calmo.

— E parecia muito, muito calmo — disse Boney. — Tem agido o tempo todo de forma... imprópria. Sem emoção, com desenvoltura.

— É assim que eu sou, não vê? Sou estoico. Em excesso. Amy sabe disso... Estava sempre a queixar-se. Que eu não era suficientemente sensível, que me fechava na minha concha, que não conseguia lidar

com emoções difíceis: tristeza, culpa. Ela sabia que eu ia parecer suspeito como o diabo. Santo Deus! Fale com Hilary Handy, está bem? Fale com Tommy O'Hara. Eu falei com eles! Eles dir-lhe-ão como é que ela é.

— Nós falámos com eles — disse Gilpin.

— E?

— Hilary Handy fez duas tentativas de suicídio desde que saiu do liceu. Tommy O'Hara esteve em programas de desintoxicação por duas vezes.

— Provavelmente por causa de Amy.

— Ou porque são seres humanos profundamente instáveis, atormentados pela culpa — disse Boney. — Vamos voltar à caça ao tesouro.

Gilpin leu em voz alta a Pista 2 em tom deliberadamente monocórdico.

Trouxeste-me aqui para te poder ouvir falar
Sobre as aventuras da adolescência: jeans rotas e pala na cabeça
Que se lixem os outros, para nós estão todos arrumados
E vamos roubar um beijo... fingir que acabámos de casar.

— Diz que isto foi escrito para o obrigar a ir a Hannibal? — inquiriu Boney.

Eu acenei afirmativamente.

— Aqui não diz Hannibal em lado nenhum — disse ela. — Nem sequer o dá a entender.

— A pala é uma velha piada privada entre nós sobre...

— Oh, uma piada privada — disse Gilpin.

— Então é a pista seguinte, a casinha castanha? — perguntou Boney.

— Para ir a casa do meu pai — retorqui.

O rosto de Boney voltou a ensombrar-se.

— Nick, a casa do seu pai é azul. — Voltou-se para Tanner a revirar os olhos: É isto que tem para mim?

— Parece-me que está a inventar «piadas privadas» nestas pistas — disse Boney. — Quer dizer, diz aquilo que lhe convém: descobrimos que esteve em Hannibal e, ora vejam lá, esta pista tem como significado secreto vai a Hannibal.

— O último presente que aqui tenho — disse Tanner, puxando a caixa para cima da mesa — não é um indício tão subtil. Os bonecos Punch e Judy. Como estou certo que saberão, Punch mata Judy e o seu bebé. Isto foi descoberto pelo meu cliente. Queríamos assegurar-nos que ficavam com ele.

Boney puxou a caixa para o pé dela, calçou luvas de látex e tirou as marionetas para fora.

— São pesadas — disse. — Maciças. — Examinou a renda do vestido da mulher e o traje multicolor do homem. Agarrou neste último e examinou o cabo de madeira grosso com os entalhes para os dedos.

Imobilizou-se, de sobrolho franzido, com a marioneta do homem nas mãos. Depois, virou a mulher de pernas para o ar, para a saia se levantar.

— Esta não tem cabo. — Virou-se para mim. — Costumava ter cabo?

— Como é que eu hei de saber?

— Um cabo de cinco por dez centímetros, muito grosso e pesado, com entalhes para se conseguir agarrar bem? — disse ela bruscamente.

— Um cabo parecido com um taco de golfe?

Olhou-me fixamente e consegui ver o que ela estava a pensar: Tu és um estratega. És um sociopata. És um assassino.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Onze Dias

Esta noite dá a tão publicitada entrevista de Sharon Schieber a Nick. Eu ia assistir com uma garrafa de bom vinho depois de um banho quente, e gravar ao mesmo tempo, para poder tomar nota das suas mentiras. Quero anotar cada exagero, meia verdade, petate e mentira descarada que ele pronunciar, para poder reforçar a minha fúria contra ele. É que ela se esbateu depois da entrevista no blogue — uma entrevista embriagada, dada ao acaso! — e eu não posso permitir que isso aconteça. Não vou amolecer. Não sou uma palerma qualquer! Mesmo assim, estou desejosa de escutar o que tem a dizer sobre Andie, agora que ela cedeu. De escutar o seu nervosismo.

Quero assistir sozinha, mas Desi anda à minha volta durante o dia inteiro, entrando e saindo de qualquer divisão para onde me retire, como uma tempestade repentina, inevitável. Não lhe posso dizer para se ir embora, porque a casa é dele. Já tentei isso e não resulta. Ele diz que quer verificar a canalização da cave ou que quer espreitar o frigorífico, para ver o que precisa de comprar.

Isto vai continuar, penso. É assim que a minha vida vai ser. Ele vai aparecer quando quiser e ficar o tempo que quiser, vai andar por aqui a fazer conversa, e depois vai sentar-se, fazer-me sinal para fazer o mesmo, e vai abrir uma garrafa de vinho e, de repente, estaremos a partilhar uma refeição e não haverá maneira de parar com isto.

— Estou mesmo exausta!

— Dá ao teu benfeitor o prazer de um pouco mais de tempo — responde ele, passando um dedo pelo vinco das suas calças.

Ele sabe da entrevista de Nick naquela noite, por isso vai-se embora e volta com todas as minhas comidas favoritas: queijo Manchego, trufas de chocolate e uma garrafa de Sancerre gelado e, com uma expressão reprovadora, até exhibe os Fritos com sabor a malagueta e queijo em que fiquei viciada quando era Amy Ozark. Ele deita o vinho. Temos um acordo tácito para não entrar em pormenores acerca do bebé, ambos sabemos da minha propensão familiar para abortos e como seria horrível para mim ter de falar disso.

— Sempre quero ver o que é que esse porco tem a dizer em seu favor

— diz ele. Desi raramente diz otário ou merdoso; diz porco, o que soa mais venenoso nos seus lábios.

Uma hora mais tarde, comemos um jantar leve que Desi cozinhou e bebericámos o vinho que Desi trouxe. Deu-me um bocadinho de queijo e dividiu uma trufa comigo. Deu-me exatamente dez Fritos e, depois, escondeu o pacote. Ele não gosta do cheiro; ofende-o, diz ele, mas aquilo de que ele realmente não gosta é do meu peso. Agora, estamos lado a lado no sofá, com um cobertor macio por cima, porque Desi aumentou o ar condicionado, de forma que é outono em julho. Creio que o fez para poder acender a lareira e para forçar a situação de estarmos juntos debaixo do cobertor; parece ter uma visão outubrista de nós dois. Até me trouxe uma prenda — uma camisola violeta de gola alta para eu usar — e reparo que serve de complemento ao cobertor e à camisola verde-escura de Desi.

— Sabes que, ao longo dos séculos, sempre houve homens patéticos a maltratar mulheres fortes que ameaçavam a sua masculinidade — está Desi a dizer. — Têm psiques tão frágeis que precisam desse controlo...

Estou a pensar num tipo de controlo diferente. Estou a pensar em controlo disfarçado de afeto: Aqui tens uma camisola para o frio, minha querida! Agora, veste-a e materializa a minha visão.

Pelo menos, Nick não fazia isto. Nick deixava-me fazer o que eu queria.

Só quero que Desi se sente quieto e fique calado. Está agitado e nervoso, como se o seu rival estivesse na sala connosco.

— Chiu — digo eu, quando o meu lindo rosto surge no ecrã, depois outra fotografia, e outra, como folhas a cair, uma colagem de Amy.

— Ela era a rapariga que todas as raparigas queriam ser — disse Sharon em voz off. — Linda, brilhante, inspiradora e muito rica.

— Ele era o rapaz que todos os homens admiravam...

— Eu não — murmurou Desi.

— ... bonito, divertido, inteligente e encantador.

— Mas, a 5 de julho, o seu mundo aparentemente perfeito desabou quando Amy Elliott Dunne desapareceu no dia do quinto aniversário do casamento.

Recapitulação recapitulação recapitulação. Fotografias minhas, de Andie e de Nick. Fotografias de arquivo de um teste de gravidez e de

contas por pagar. Eu fiz mesmo um trabalho incrível. É como pintar um mural, dar uns passos para trás e pensar: Está perfeito!

— Agora, em exclusivo, Nick Dunne rompe o silêncio, não só sobre o desaparecimento da mulher, como sobre a sua infidelidade e todos esses boatos.

Sinto uma onda de ternura em relação a Nick porque ele está a usar a minha gravata preferida, que comprei para ele, e que ele acha, ou achava, demasiado viva e feminina. É de um roxo brilhante que deixa os seus olhos com uma tonalidade quase violeta. No último mês, perdeu a pança de idiota satisfeito: a barriga desapareceu, as carnes do rosto evaporaram-se e a cova do queixo está mais pequena. O cabelo foi aparado, mas não cortado — tenho a imagem de Go a dar-lhe umas tesouradas, mesmo antes de aparecer no ecrã, a assumir o papel da Mãe Mo, de roda dele, a pôr saliva no polegar e a esfregar-lhe uma mancha qualquer perto do queixo. Está a usar a minha gravata e, quando levanta a mão para fazer um gesto, vejo que está a usar o meu relógio, o Bulova Spaceview clássico que lhe comprei quando fez trinta e três anos, e que ele nunca usava porque não era a cara dele, embora fosse ele sem tirar nem pôr.

— Está maravilhosamente bem arranjado para um homem que pensa que a mulher desapareceu — critica Desi. — Ainda bem que não faltou à manicura.

— Nick nunca iria à manicura — digo eu, olhando de relance para as unhas polidas de Desi.

— Vamos diretos à questão, Nick — diz Sharon. — Teve alguma coisa a ver com o desaparecimento da sua mulher?

— Não. Não. Absolutamente, cem por cento não — diz Nick, fazendo questão de sustentar o seu olhar. — Mas deixe-me que lhe diga, Sharon, que estou longe, mas muito longe, de ser inocente, ou isento de culpa, ou um bom marido. Se não estivesse tão receoso por Amy, diria que, de certa forma, o seu desaparecimento até foi bom...

— Desculpe, Nick, mas creio que há muita gente com dificuldade em acreditar que disse uma coisa dessas quando a sua mulher está desaparecida.

— É a sensação mais pavorosa e horrível do mundo e quero que ela volte, mais do que qualquer outra coisa. O que digo é que foi a forma mais brutal de me abrir os olhos. Detesto pensar que sou um homem

tão horrível que foi preciso uma coisa destas para me arrancar à minha espiral de egoísmo e para me despertar para o facto de ser o filho da mãe mais sortudo do mundo. Quer dizer, eu tinha esta mulher, que era igual a mim, ou mesmo melhor do que eu em todos os aspetos, e deixei que as minhas inseguranças, em relação a perder o emprego, a não ser capaz de cuidar da minha família, ao envelhecimento, encobrissem tudo isso.

— Oh, por favor — começa Desi, e eu mando-o calar. Para Nick, o facto de admitir perante toda a gente que não é um bom homem é uma forma de morte e não da variedade *petite mort*.

— E, Sharon, deixe-me dizer isto. Deixe-me dizê-lo agora: eu enganei-a com outra. Desrespeitei a minha mulher. Não queria ser o homem em que me tinha tornado, mas, em vez de trabalhar a minha pessoa, optei pela saída mais fácil. Enganei-a com uma jovem que mal me conhecia. Para poder fingir ser um grande homem. Para poder fingir ser o homem que pretendia ser, inteligente, confiante e bem-sucedido, porque esta jovem não conhecia outra coisa. Esta jovem não me tinha visto a chorar agarrado a uma toalha na casa de banho, a meio da noite, por ter perdido o emprego. Não conhecia todos os meus pontos fracos e defeitos. Eu era um estúpido, que pensava que a minha mulher não me iria amar se eu não fosse perfeito. Eu queria ser o herói de Amy e, quando perdi o emprego, perdi o respeito por mim próprio. Já não podia ser esse herói. Sharon, eu sei distinguir o bem do mal. E eu procedi mal, muito simplesmente.

— O que diria à sua mulher, partindo do princípio de que ela pode estar algures por aí e que pode vê-lo e ouvi-lo esta noite?

— Diria: Amy, amo-te. És a melhor mulher que alguma vez conheci. És mais do que mereço e, se voltares, vou passar o resto da minha vida a compensar-te. Encontraremos uma forma de pôr todo este horror para trás das costas e serei o melhor homem do mundo para ti. Por favor, volta para mim, Amy.

Apenas por um segundo, coloca a almofada do seu indicador na covinha do queixo, o nosso velho código secreto, aquele que tínhamos criado para jurar que não nos íamos enganar um ao outro — o vestido ficava realmente bem, o artigo era realmente sólido. Estou a ser absolutamente, cem por cento sincero contigo neste momento — vou olhar por ti e não vou falhar.

Desi inclina-se à minha frente para me tapar a vista do ecrã e agarra no Sancerre:

— Mais vinho, querida? — pergunta.

— Chiu!

Ele para o programa.

— Amy, tu és uma mulher de bom coração. Eu sei que és sensível a... súplicas. Mas tudo o que ele está a dizer é mentira.

Nick está a dizer exatamente aquilo que eu quero ouvir. Finalmente.

Desi movimenta-se de forma a ficar a olhar para mim de frente, tapando-me completamente a visão.

— Nick está a representar. Ele quer mostrar-se um homem bom e arrependido. Reconheço que está a fazer um trabalho espetacular. Mas não é real; nem sequer mencionou o facto de te espancar e violar. Não sei que tipo de ascendente é que esse tipo tem sobre ti. Deve ser uma coisa do tipo síndrome de Estocolmo...

— Eu sei — replico. Sei exatamente o que devo dizer a Desi. — Tens razão. Tens toda a razão. Há muito tempo que não me sentia assim tão segura, Desi, mas continuo... Vejo-o e... eu estou a lutar contra isso, mas ele magoou-me... durante anos.

— Talvez não devêssemos ver mais — diz ele, enrolando-me o cabelo e aproximando-se demasiado.

— Não, deixa estar ligado. Tenho de enfrentar isto. Contigo. Consigo fazê-lo contigo. — Ponho a minha mão na dele. Agora cala-me essa boca.

Só quero que Amy volte para casa, para eu poder passar o resto da vida a compensá-la, a tratá-la como ela merece.

Nick perdoa-me — Eu enganei-te, tu enganaste-me, vamos fazer as pazes. E se o código for verdadeiro? Nick quer-me de volta. Nick quer-me de volta, para me poder tratar bem. Para poder passar o resto da vida a tratar-me como deve ser. Soa fantasticamente bem. Podíamos voltar para Nova Iorque. As vendas dos livros da Incrível Amy dispararam desde o meu desaparecimento — três gerações de leitores lembraram-se do quanto gostavam de mim. Os meus pais gananciosos, estúpidos e irresponsáveis podem finalmente pagar-me o dinheiro do meu fundo. Com juro.

Porque eu quero voltar à minha antiga vida. Ou à minha antiga vida

com o meu antigo dinheiro e o meu novo Nick. Nick que me vai amar, honrar e obedecer. Talvez tenha aprendido a lição. Talvez passe a ser como era antes. Sim, porque eu tenho andado a sonhar acordada — presa na minha cabana dos montes Ozark, presa na mansão de Desi, tenho muito tempo para sonhar acordada, e aquilo com que tenho sonhado é com Nick dos primeiros tempos. Pensei que iria sonhar com Nick a ser sodomizado na prisão, mas ultimamente isso não tem acontecido. Penso naqueles primeiros tempos, quando nos deitávamos juntinhos, carne nua sobre algodão fresco, e ele se limitava a olhar para mim, com um dedo a percorrer-me o maxilar, do queixo à orelha, fazendo-me contorcer com aquelas ligeiras cócegas no meu lóbulo, e depois através de todas as curvas da concha do meu ouvido até à raiz dos cabelos, e depois apossava-se de um caracol, como fez daquela primeira vez em que nos beijámos, desenrolava-o até à ponta e puxava-o duas vezes, com suavidade, como se estivesse a tocar uma campainha. E dizia: «És melhor do que qualquer livro de histórias, és melhor do que qualquer coisa que qualquer pessoa pudesse inventar.»

Nick prendia-me à terra. Nick não era como Desi, que me trazia coisas que eu queria (tulipas, vinho) para me obrigar a fazer as coisas que ele queria (amá-lo). Nick só queria que eu fosse feliz, só isso, muito puro. Talvez tenha confundido isso com preguiça. Só quero que sejas feliz, Amy. Quantas vezes é que ele disse isso e eu entendi assim: Só quero que sejas feliz, Amy, porque isso dá-me menos trabalho. Mas talvez tenha sido injusta. Bem, pelo menos fiquei confusa. Nunca tinha amado ninguém que não tivesse uma agenda. Portanto, como é que poderia saber?

É mesmo verdade. Foi preciso esta situação horrível para nós percebermos isto: eu e Nick encaixamos bem um no outro. Eu sou um bocadinho de mais e ele é um bocadinho de menos. Eu sou um espinheiro eriçado devido ao excesso de atenção dos meus pais, ele é um homem com um milhão de pequenos ferimentos provocados pelas estocadas paternas, e os meus espinhos encaixam perfeitamente neles.

Preciso de voltar para ele.

Nick Dunne — Desaparecida Há Catorze Dias

Acordei no sofá da minha irmã com uma violenta ressaca e o impulso irresistível de matar a minha mulher. Isso era bastante comum nos dias a seguir à Entrevista do Diário com a polícia. Imaginava encontrar Amy escondida num spa qualquer da Costa Leste, a bebericar sumo de ananás num divã, com as suas preocupações a voar para longe, por cima de um perfeito céu azul, e eu, sujo e malcheiroso devido ao corta-mato urgente, de pé diante dela, a tapar-lhe o sol até ela levantar os olhos, e depois as minhas mãos à volta da sua garganta perfeita, com os seus tendões e concavidades e o pulso a latejar, primeiro com urgência e a seguir lentamente, enquanto nos olhamos olhos nos olhos e compreendemos finalmente alguma coisa.

Eu ia ser preso. Se não fosse hoje, amanhã; se não fosse amanhã, no dia seguinte. Eu tinha interpretado o facto de a polícia me ter deixado sair da esquadra como um bom sinal, mas Tanner tinha-me calado:

— Sem corpo, é incrivelmente difícil conseguir uma condenação. Eles estão apenas a pôr os pontos nos is e os traços nos tês. Passe estes dias a fazer aquilo que precisar de fazer, porque assim que a detenção acontecer, vamos estar ocupados.

Conseguia ouvir o ruído surdo dos operadores de câmara do lado de fora da janela — homens a cumprimentarem-se uns aos outros e a darem os bons-dias, como se estivessem a picar o ponto numa fábrica. As máquinas faziam clique como gafanhotos irrequietos, a captar imagens da fachada da casa de Go. Alguém tinha deixado escapar a notícia da descoberta do meu «santuário masculino» cheio de bens na propriedade da minha irmã e da minha detenção iminente. Nenhum de nós se atrevera sequer a afastar uma cortina.

Go entrou na sala vestindo boxers de flanela e a sua t-shirt Buthole Surfers dos tempos de liceu, com o computador portátil debaixo do braço.

— Toda a gente te odeia outra vez — disse ela.

— Vira-casacas!

— A noite passada, alguém revelou a informação sobre o barracão, sobre a carteira de Amy e o diário. Agora, é só: Nick é um mentiroso, Nick é um assassino, Nick é um assassino mentiroso. Sharon Schieber acabou de difundir um comunicado a dizer que ficou muito chocada e desapontada com o rumo que o caso está a tomar. Oh, e toda a gente sabe do material pornográfico, Mata as Cabras.

— Magoa a Cabra.

— Oh, desculpa lá — disse ela. — Magoa a Cabra. Portanto, Nick é um assassino mentiroso-barra-sádico sexual. Ellen Abbott vai ficar enfurecida. Ela é completamente antipornografia.

— É claro que é — disse eu. — Tenho a certeza de que Amy sabe muito bem disso.

— Nick! — disse ela na sua voz de acorda! — Isto é mau.

— Go, não importa o que as outras pessoas pensam, precisamos de nos lembrar disso. Aquilo que importa neste momento é o que Amy está a pensar. Se ela estará a amolecer em relação a mim.

— Nick, tu achas mesmo que ela pode passar assim tão depressa de te odiar dessa forma a apaixonar-se outra vez por ti?

Era o quinto aniversário da nossa conversa sobre este tema.

— Sim, Go, acho. Amy nunca foi uma pessoa com especial sensibilidade para detetar mentiras. Se dissesse que ela estava linda, ela sabia que isso era um facto. Se dissesse que ela era brilhante, não era lisonja, era merecido. Por isso, sim, creio que uma boa parte dela acredita realmente que, se eu conseguir ver o erro do meu comportamento, é claro que me voltarei a apaixonar por ela. Pois por que diabo não havia de voltar?

— E se por acaso ela tiver desenvolvido um detetor de mentiras?

— Tu conheces Amy; ela precisa de ganhar. Está menos zangada com o facto de a ter traído do que com ter escolhido alguém em seu detrimento. Ela vai-me querer de volta, só para provar que ganhou. Não concordas? O simples facto de me ver a implorar-lhe que volte para a poder adorar convenientemente... Vai ter dificuldade em resistir, não achas?

— Acho que é uma ideia decente — disse ela da forma como se deseja boa sorte a alguém na lotaria.

— Olha, se tens alguma coisa melhor, faz favor...

Agora, estávamos sempre a embirrar um com o outro. Nunca o

tínhamos feito antes. Depois da polícia ter descoberto o barracão da lenha, interrogaram duramente Go, tal como Tanner previra: Sabia daquilo? Tinha ajudado?

Esperava que ela voltasse para casa nessa noite a transbordar de palavras e fúria, mas a única coisa que vi foi um sorriso envergonhado, quando passou por mim para se esgueirar para o seu quarto na casa sobre a qual fizera uma segunda hipoteca para cobrir o pagamento inicial de Tanner.

Tinha posto a minha irmã em risco financeiro e jurídico devido às minhas péssimas decisões. Toda a situação fazia com que Go estivesse ressentida e eu envergonhado, uma combinação letal para duas pessoas encurraladas num pequeno espaço.

Experimentei um assunto diferente:

— Tenho andado a pensar em telefonar a Andie, agora que...

— Sim, isso seria digno de um génio, Nick. Assim, ela pode voltar ao Ellen Abbott...

— Ela não foi ao Ellen Abbott. Deu uma conferência de imprensa realizada pelo Ellen Abbott. Ela não é uma pessoa perversa.

— Deu a conferência de imprensa porque estava chateada contigo. Chego a desejar que tivesses continuado simplesmente a comê-la.

— Que bonito!

— E o que é que tu lhe ias dizer?

— Estou arrependido.

— Não há dúvida de que estás mais do que arrependido — murmurou ela.

— É que... detesto a forma como acabou.

— Da última vez que estiveste com Andie, ela mordeu-te — disse Go numa voz manifestamente paciente. — Não creio que vocês os dois tenham mais alguma coisa a dizer. Tu és o principal suspeito numa investigação de homicídio. Perdeste o direito a romper a relação de forma tranquila. Por amor de Deus, Nick!

Estávamos a ficar cada vez mais fartos um do outro, algo que eu nunca pensei que pudesse acontecer. Era mais do que puro stresse, mais do que o perigo que eu largara à porta de Go. Aqueles dez segundos há uma semana, quando eu abrira a porta do barracão da lenha e ficara à espera que Go me lesse o pensamento, como sempre, e o que ela lera foi que eu tinha assassinado a minha mulher... Eu não

conseguia ultrapassar aquilo e ela também não. Apanhava-a a olhar para mim, de vez em quando, com a mesma frieza implacável com que olhava para o nosso pai: mais um homem merdoso a ocupar espaço. Tenho a certeza de que, às vezes, olhava para ela através dos olhos desprezíveis do nosso pai: mais uma mulher bonita ressentida comigo.

Suspirei, levantei-me, apertei-lhe a mão e ela fez o mesmo.

— Acho que é melhor ir para casa — disse eu. Senti uma onda de náusea. — Já não consigo suportar isto. Não suporto estar à espera de ser preso.

Antes que ela me pudesse impedir, agarrei nas chaves, abri a porta, e as máquinas fotográficas começaram a disparar e os gritos explodiram de uma multidão ainda maior do que receara: Eh, Nick, matou a sua mulher? Eh, Margo, ajudou o seu irmão a ocultar as provas?

— Cambada de idiotas! — exclamou Go. Ficou ao meu lado como forma de solidariedade, com a sua t-shirt Buthole Surfers e de boxers. Alguns manifestantes empunhavam letreiros. Uma mulher de cabelo louro oleoso e óculos de sol agitou um cartaz: Nick, onde está AMY?

Os gritos tornaram-se mais altos, frenéticos, visando a minha irmã: Margo, o seu irmão matou a mulher? Nick matou a mulher e o bebé? Margo, também é suspeita? Nick matou a mulher? Nick matou o filho?

Aguentei-me, tentando manter a posição, recusando-me a recuar para dentro de casa. De repente, Go estava agachada atrás de mim a abrir a torneira junto aos degraus. Ligou a mangueira no máximo — um jato forte e constante — e virou-a contra todos aqueles operadores de câmara, manifestantes e jornalistas bonitos nas suas fatiotas televisivas, pulverizou-os como animais.

Estava a dar-me fogo de cobertura. Desatei a correr até ao carro e arranquei, deixando-os a pingar no relvado, por entre as gargalhadas estridentes de Go.

Levei dez minutos desde o caminho de entrada da minha casa até à garagem, avançando de forma desesperadamente lenta, rompendo o mar zangado de seres humanos — havia pelo menos vinte manifestantes em frente da minha casa, para além dos operadores de câmara. A minha vizinha Jan Teverer era um deles. Os nossos olhares cruzaram-se e ela virou o seu cartaz para mim: ONDE ESTÁ AMY,

NICK?

Por fim, consegui entrar, e a porta da garagem fechou-se com um zumbido. Fiquei sentado no calor do espaço em betão, a respirar.

Agora, todos os sítios me pareciam prisões — portas que se abriam e fechavam, abriam e fechavam, e eu nunca me sentia em segurança.

Passei o resto do dia a imaginar como iria matar Amy. Era a única coisa em que conseguia pensar: descobrir uma forma de acabar com ela. Eu a esmagar o cérebro atarefadíssimo de Amy. Tinha de dar a Amy o que ela merecia: podia ter andado a dormir nos últimos anos, mas agora estava completamente desperto. Estava novamente elétrico, como estivera nos primeiros tempos do nosso casamento.

Queria fazer alguma coisa, fazer acontecer alguma coisa, mas não havia nada que pudesse ser feito. Ao final da noite, os operadores de câmara tinham-se ido embora, mas eu não me podia arriscar a sair de casa. Apetecia-me caminhar. Conformei-me em andar de um lado para o outro. Estava perigosamente nervoso.

Andie tinha-me tramado, Marybeth tinha-se virado contra mim, Go tinha perdido a fé em mim. Boney tinha-me encurralado. Amy tinha-me destruído. Servi-me de uma bebida. Dei um trago, apertei os dedos à volta das curvas do copo, depois arremessei-o à parede, vi o vidro explodir em fogo de artifício, ouvi o horrível estilhaçar, cheirei a nuvem de bourbon. Raiva nos cinco sentidos. Aquelas malditas cabras!

Toda a minha vida tentara ser um tipo decente, um homem que amava e respeitava as mulheres, um tipo sem complexos. E aqui estava eu, cheio de pensamentos sórdidos sobre a minha gémea, sobre a minha sogra, sobre a minha amante. A imaginar-me a esmagar o crânio da minha mulher.

Bateram à porta, um bang-bang-bang furioso que me arrancou ao pesadelo do meu cérebro.

Abri a porta de par em par, saudando fúria com fúria.

Era o meu pai, especado à minha porta como um horrível espectro convocado pelo meu carácter odioso. Estava com uma respiração pesada e a suar. Tinha uma manga da camisa rasgada e o cabelo desgrenhado, mas os seus olhos tinham a vivacidade sinistra habitual que o fazia parecer perigosamente são.

— Ela está aqui? — perguntou ele bruscamente.

— Quem, pai, de quem é que está à procura?

— Tu sabes de quem. — Empurrou-me para passar, começou a andar pela sala, deixando um rasto de lama, com os punhos cerrados, a gravidade a impeli-lo demasiado para a frente, obrigando-o a continuar a andar ou a cair no chão, murmurando cabracabracabra. Cheirava a menta não fabricada, e vi que ele tinha uma nódoa verde nas calças, como se tivesse passado pela horta de alguém.

Aquela cabrazinha aquela cabrazinha, continuava ele a murmurar. Através da sala de jantar, na cozinha, a ligar as luzes. Uma barata de água subiu rapidamente pela parede.

Segui-o, a tentar fazer com que ele se acalmasse. Pai, pai, porque é que não se senta, pai? Quer um copo de água, pai?... Desceu as escadas lá para baixo, com bocados de lama a cair-lhe dos sapatos. As minhas mãos cerraram-se. É claro que aquele filho da mãe tinha de aparecer e piorar ainda mais as coisas!

— Pai! Caramba, pai! Não está cá ninguém, a não ser eu. Só eu. — Ele abriu a porta do quarto dos hóspedes e depois subiu novamente para a sala, ignorando-me... — Pai!

Não queria tocar-lhe. Tinha medo de lhe bater. Tinha medo de chorar.

Barrei-lhe a passagem, quando ele tentou ir lá acima ao quarto. Pus uma mão na parede e outra no corrimão — uma barricada humana.

— Pai! Olhe para mim!

As palavras saíram-lhe num jato furioso:

— Diz-lhe, diz a essa cabrazinha feia que não acabou. Ela não é melhor do que eu, diz-lhe isso. Não é demasiado boa para mim. Ela não tem voto na matéria. Essa cabra feia tem de aprender...

Juro que vi uma brancura perfeita por um segundo, um momento de claridade chocante e completa. Por uma vez, deixei de tentar bloquear a voz do meu pai e deixei-a ecoar nos meus ouvidos. Eu não era aquele homem: eu não odiava nem receava todas as mulheres. Eu era um misógino de uma só mulher. Se eu apenas desprezasse Amy, se focasse toda a minha fúria, raiva e veneno na única mulher que os merecia, isso não fazia de mim o meu pai. Isso fazia de mim uma pessoa mentalmente sã.

Cabrazinha cabrazinha cabrazinha.

Nunca odiei tanto o meu pai por me ter feito gostar

verdadeiramente daquelas palavras.

Maldita cabra maldita cabra.

Agarrei-o pelo braço, com força, e levei-o até ao carro, batendo com a porta. Ele repetiu aquela fórmula encantatória durante todo o caminho até Comfort Hill. Estacionei na entrada reservada às ambulâncias, fui até ao lado dele, abri a porta, puxei-o pelo braço e levei-o lá para dentro.

Depois, virei costas e fui para casa.

Maldita cabra maldita cabra.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer, exceto implorar. A cabra da minha mulher tinha-me deixado atado de pés e mãos, sem nada que pudesse fazer, a não ser implorar-lhe que voltasse para casa. Na imprensa, online, na televisão, onde quer que fosse, a única esperança que me restava era que a minha mulher me visse a representar o papel de bom marido, a dizer as palavras que ela queria que eu dissesse: Capitulação, completa. Tu estás certa e eu estou errado, sempre. Volta para casa (sua maldita cabra!). Volta para casa, para eu te poder matar.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Vinte Dias

Desi está aqui outra vez. Agora, está aqui quase todos os dias, a passear o seu sorriso afetado pela casa, de pé na cozinha quando o pôr do sol ilumina o seu perfil, para que eu o possa admirar, puxando-me pela mão até à sala das tulipas, para que lhe possa agradecer outra vez, recordando-me como estou segura e o quanto sou amada.

Ele diz que estou segura e sou amada, embora não me deixe ir embora, o que não me faz lá sentir muito segura e amada. Não me deixou chaves de carro. Nem chaves da casa, nem o código de segurança do portão. Sou literalmente uma prisioneira — o portão tem quatro metros e meio de altura e não há escadas na casa (já procurei). Suponho que podia arrastar várias peças de mobília até ao muro, pô-las umas em cima das outras, subir até ao topo e deixar-me cair para o outro lado, afastando-me a coxear ou a rastejar, mas a questão não é essa. A questão é que eu sou a sua estimada e amada hóspede, e uma hóspede devia poder ir-se embora quando quisesse. Há uns dias, falei no assunto.

— E se eu precisar de me ir embora de imediato?

— Talvez eu devesse mudar-me para cá — contrapõe ele. — Assim, podia estar aqui o tempo todo a zelar pela tua segurança e, no caso de acontecer alguma coisa, podíamos ir embora juntos.

— E se a tua mãe ficar desconfiada, aparecer aqui e descobrirem que me estás a esconder? Seria horrível.

A mãe dele. Eu morria, se a mãe dele aparecesse ali, porque ela denunciar-me-ia de imediato. A mulher despreza-me, tudo por causa daquele incidente quando andávamos no liceu — já foi há tanto tempo, e ela continua a guardar-me rancor. Arranhei o rosto e disse a Desi que ela me tinha atacado (a mulher era tão possessiva e tão fria comigo, que bem podia ter acontecido). Não se falaram durante um mês. Era óbvio que tinham feito as pazes.

— Jacqueline não sabe o código — diz ele. — Esta é a minha casa do lago. — Faz uma pausa e finge pensar. — Devia mesmo mudar-me para aqui. Não é saudável para ti passares tantas horas sozinha.

Mas eu não estou assim tanto tempo sozinha. Temos uma espécie de

rotina estabelecida em apenas duas semanas. É uma rotina instituída por Desi, o meu carcereiro janota, o meu cortesão mimado. Desi chega a seguir ao meio-dia, sempre a cheirar a algum almoço caro que devorou com Jacqueline em algum restaurante com toalhas de linho branco, o tipo de restaurante a que ele me podia levar, se nos mudássemos para a Grécia. (Esta é a outra opção que ele me propõe repetidamente: podíamos mudar-nos para a Grécia. Por alguma razão, acredita que nunca serei identificada numa minúscula aldeia piscatória na Grécia, onde já passou muitas vezes o verão, e onde sei que nos imagina a bebericar vinho, a fazer preguiçosamente amor ao pôr do sol, com as barrigas cheias de polvo.) Cheira a almoço quando entra, o cheiro emana dele como um perfume. Deve pôr um bocadinho de fígado de ganso atrás das orelhas (da mesma forma que a mãe tinha sempre um vago perfume vaginal — comida e sexo, é a isso que os Collings tresandam, não é uma má estratégia).

Ele entra e faz-me água na boca. O cheiro. Traz-me qualquer coisa agradável para comer, mas não tão agradável como o que comeu: ele está a emagrecer-me, sempre preferiu as mulheres esbeltas. Por isso, traz-me carambolas maravilhosas e alcachofras pontiagudas e caranguejo, qualquer coisa que requeira preparação elaborada e, em compensação, engorde pouco. Já voltei quase ao meu peso normal e o meu cabelo está a crescer. Uso-o penteado para trás com uma fita que ele me trouxe e pintei-o novamente à minha cor, graças à tinta que ele me trouxe: «Creio que te vais sentir melhor contigo mesma quando começares a parecer-te mais contigo mesma, querida — diz ele. Sim, tem tudo a ver com o meu bem-estar, e nada com o facto de ele querer que eu tenha exatamente o aspeto que tinha antes. Amy, cerca de 1987.

Almoço, enquanto ele fica por ali a rondar, à espera dos elogios. (Quem me dera nunca mais ter de dizer aquela palavra — obrigada. Não me lembro de Nick alguma vez ter parado para me permitir — me obrigar a — agradecer-lhe.) Termino o almoço e ele arruma as coisas o melhor que sabe. Somos duas pessoas pouco acostumadas a limpar o que sujam; a casa está a começar a parecer habitada — manchas estranhas nas bancadas, pó no parapeito das janelas.

Terminado o almoço, Desi mexe em mim durante um bom bocado: no meu cabelo, na minha pele, nas minhas roupas, na minha mente.

— Olha bem para ti — diz ele, enfiando-me o cabelo atrás das

orelhas, da forma como ele gosta, abrindo-me um botão da camisa e alargando-a junto ao pescoço para poder olhar para a concavidade da minha clavícula. Põe um dedo na pequena depressão, preenchendo o vazio. É obsceno. — Como é que Nick te pode ter magoado, não te ter amado, ter-te traído? — Está constantemente a bater nestes pontos, a carregar verbalmente sobre uma nódoa negra. — Não seria maravilhoso esquecer Nick e esses cinco anos horríveis e seguir em frente? Tens essa hipótese, sabes? Começar totalmente de novo com o homem certo. Quantas pessoas podem dizer isso?

Eu quero começar de novo com o homem certo, o novo Nick. As coisas para ele estão a ficar feias, terríveis. Só eu posso salvar Nick de mim mesma. Mas estou encurralada.

— Se alguma vez te fosses embora daqui e eu não soubesse onde estavas, teria de ir à polícia — diz ele. — Não teria escolha. Teria de me certificar de que estavas em segurança, que Nick não estava... a prender-te algures contra a tua vontade. A violar-te.

Uma ameaça disfarçada de preocupação.

Olho para Desi com franca aversão, agora. Às vezes, sinto que a minha pele deve estar quente de repulsa e do esforço para a manter escondida. Tinha-me esquecido de como ele era. Da manipulação, da persuasão ronronante, da intimidação delicada. Um homem que acha a culpa erótica. E se não consegue o que quer, puxa as suas alavanczinhas e põe o castigo em movimento. Pelo menos Nick era homem suficiente para ir enterrar a picha noutro lado. Desi não para de pressionar com os seus dedos cerosos e afilados até eu lhe dar o que ele quer.

Pensei que conseguia controlar Desi, mas não consigo. Sinto que alguma coisa de muito mau vai acontecer.

Nick Dunne — Desaparecida Há Trinta E Três Dias

Os dias eram soltos e compridos, e depois enfaixaram-se contra uma parede. Numa manhã de agosto, saí para ir comprar mercearia e, quando voltei para casa, encontrei Tanner na minha sala com Boney e Gilpin. Em cima da mesa, dentro de um saco plástico de recolha de provas, estava um taco grosso e comprido com delicados entalhes para os dedos.

— Naquela primeira busca, encontrámos isto no rio, a jusante da sua casa — disse Boney. — Na verdade, na altura, não parecia ser nada de especial. Apenas um dos destroços estranhos que aparecem na margem de um rio, mas nós guardamos tudo numa busca destas. Depois de nos ter mostrado os seus bonecos Punch e Judy, fez-se luz. Por isso, pedimos ao laboratório que o analisasse.

— E? — disse eu. Em tom inexpressivo.

Boney levantou-se e olhou-me diretamente nos olhos. Parecia triste.

— Conseguimos detetar sangue de Amy nele. Este caso está agora classificado como homicídio. E acreditamos que esta seja a arma do crime.

— Rhonda, por favor!

— Está na hora, Nick — disse ela. — Está na hora.

A próxima parte estava a começar.

Amy Elliott Dunne — Desaparecida Há Quarenta Dias

Encontrei um bocado de corda velha e uma garrafa de vinho vazia e tenho-as usado para o meu projeto. Também algum vermute, é claro. Estou pronta.

Disciplina. Isto vai requerer disciplina e concentração. Estou à altura da tarefa.

Arranjo-me para ficar com o visual preferido de Desi: flor delicada. O cabelo em ondas soltas, perfumado. A pele empalideceu, após um mês ali fechada. Estou quase sem maquilhagem: uma ponta de rímel, faces rosadas e batom de brilho transparente. Estou a usar um vestido cor-de-rosa justo que ele me comprou. Sem sutiã. Sem cuecas. Sem sapatos, apesar do frio do ar condicionado. Tenho a lareira a crepitar e perfume no ar e, quando ele chega depois de almoço, sem convite, recebo-o com prazer. Ponho os braços à volta dele e enterro o rosto no seu pescoço. Esfrego a minha face na dele. Tenho sido cada vez mais meiga com ele nas últimas semanas, mas esta atitude de me agarrar a ele é novidade.

— O que é isto, querida? — diz ele surpreendido e tão satisfeito que quase me sinto envergonhada.

— Tive um pesadelo horrível esta noite — sussurro. — Com Nick. Acordei, e a única coisa que queria era ter-te aqui. E de manhã... Passei o dia inteiro a desejar que estivesse aqui.

— Posso estar sempre aqui, se quiseres.

— E quero — digo, virando o rosto para cima e deixando-o beijar-me. O seu beijo enoja-me; mordisca com hesitação, como um peixe. É Desi a ser respeitoso para com a mulher violada e vítima de abusos. Volta a morder com lábios frios e húmidos, as mãos mal me tocam, e eu só quero que aquilo acabe, quero que termine, por isso puxo-o para mim e abro-lhe os lábios com a língua. Quero mordê-lo.

Ele recua.

— Amy. Tu passaste por muita coisa. Isto é muito rápido. Eu não quero que tu faças isto rápido, se não quiseres. Se não tiveres a certeza.

Eu sei que ele vai ter de tocar nos meus seios, sei que vai ter de

entrar em mim, e quero que aquilo acabe, mal consigo reprimir o impulso de o arranhar: a ideia de fazer isto lentamente.

— Tenho a certeza — digo. — Acho que tenho a certeza desde que tínhamos dezasseis anos. Tinha apenas medo.

Isto não significa nada, mas sei que o vai deixar excitado.

Volto a beijá-lo e depois peço-lhe para me levar para o nosso quarto.

No quarto, começa a despir-me lentamente, a beijar partes do meu corpo que não têm nada a ver com sexo — o meu ombro, a minha orelha — enquanto o guio delicadamente para longe dos meus pulsos e tornozelos. Limita-te a foder-me, por amor de Deus! Dez minutos depois, agarro-lhe na mão e ponho-a entre as minhas pernas.

— Tens a certeza? — diz ele recuando ligeiramente, corado, um caracol caído sobre a testa, tal como no liceu. Podíamos estar no quarto do dormitório, pelos progressos que Desi tem feito.

— Sim, querido — respondo e estendo modestamente a mão para a sua picha.

Mais dez minutos e ele está finalmente entre as minhas pernas, a entrar e a sair suavemente, lentamente, lentamente, a fazer amor. Parando para beijos e carícias até eu o agarrar pelas nádegas e começar a pressioná-lo:

— Fode-me — sussurro. — Fode-me com força.

Ele para.

— Não precisa de ser assim, Amy. Eu não sou Nick.

Grande verdade.

— Eu sei, querido, só quero que tu... me preenchas. Sinto-me tão vazia.

Isso convince-o. Faço caretas por cima do seu ombro enquanto ele investe mais umas quantas vezes e se vem. Dou por isso quase demasiado tarde — Oh, isto é o som patético que ele faz quando se vem — e finjo ooohs e ahhs, sons suaves e felinos. Tento produzir algumas lágrimas, pois sei que ele me imagina a chorar com ele da primeira vez.

— Querida, estás a chorar — diz ele, ao sair de mim. Beija-me uma lágrima.

— É porque estou feliz — digo. Porque é isso que aquele tipo de mulheres diz.

Anuncio que preparei uns martínis — Desi adora uma bebida

decadente à tarde, e quando ele esboça um movimento para vestir a camisa e os ir buscar, insisto para que fique na cama.

— Quero fazer alguma coisa por ti, para variar — digo-lhe.

Por isso, corro até à cozinha e agarro em dois copos de martíni. No meu, ponho gim e só uma azeitona; no dele, ponho três azeitonas, gim, suco de azeitona, vermute e os meus últimos comprimidos para dormir, três, esmagados.

Levo os martínis, e há aconchegos e narizes encostados, e eu vou sorvendo o meu gim enquanto isso acontece. Levo um avanço que tem de ser atenuado.

— Não gostas do meu martíni? — pergunto, quando ele só bebe um gole. — Sempre imaginei ser tua mulher e preparar-te martínis. Eu sei que é uma tolice.

Começo a fazer beicinho.

— Oh, querida, não é tolice nenhuma. Estava apenas a levar o meu tempo, a desfrutar. Mas... — Bebe tudo de uma vez. — Se te faz sentir melhor!

Está animado, triunfante. A sua picha está escorregadia com a conquista. Ele está, basicamente, como todos os homens. Não tarda a ficar sonolento e, depois disso, a rressonar.

E eu posso começar.

Terceira Parte

RAPAZ RECUPERA RAPARIGA (OU VICE-VERSA)

Nick Dunne — Desaparecida Há Quarenta Dias

Libertado sob fiança, à espera do julgamento. Tinha sido processado e libertado — a entrada e saída despersonalizada da cadeia, a audiência da fiança, as impressões digitais e as fotografias, o rodar, o deslocar, o manusear... Não me fez sentir como um animal, fez-me sentir como um produto, algo criado numa linha de montagem. Aquilo que estavam a criar era Nick Dunne, Assassino. Decorreriam meses até começar o meu julgamento (o meu julgamento: a palavra ainda ameaçava destruir-me por completo, transformar-me numa pessoa que dava risadas agudas, num louco). Devia sentir-me privilegiado por ter saído sob fiança: tinha ficado no mesmo sítio quando era óbvio que ia ser preso, por isso não consideravam que existisse risco de fuga. Boney também era capaz de ter dito uma palavrinha a meu favor. Portanto, ia ficar na minha própria casa durante alguns meses, até ser levado para a prisão e morto pelo estado.

Sim, era um homem com muita sorte.

Estávamos em meados de agosto, o que me deixava constantemente perplexo: Ainda é verão, pensava. Como é que pode ter acontecido tanta coisa e ainda não ser sequer outono? Estava brutalmente quente. Tempo de andar em mangas de camisa, era como a minha mãe o teria descrito, sempre mais preocupada com o conforto dos filhos do que com a temperatura. Tempo de andar em mangas de camisa, tempo de casaco, tempo de sobretudo, tempo de parka — o ano em roupa de exterior. Para mim, este ano seria tempo de algemas e possivelmente, a seguir, tempo de macacão prisional. Ou tempo de fato de funeral, pois eu não planeava ir para a prisão. Ia matar-me antes disso.

Tanner tinha uma equipa de cinco detetives a tentar encontrar o rasto de Amy. Até agora, nada. Era como tentar apanhar água. Todos os dias durante semanas, tinha feito a minha parte: gravava uma mensagem para Amy e publicava-a no blogue «Whodunnit» da jovem Rebecca. (Rebecca, pelo menos, tinha permanecido leal.) Nos vídeos, usava roupas que Amy me tinha comprado, penteava o cabelo como ela gostava e tentava ler-lhe a mente. A minha fúria em relação a ela era como uma resistência de alta temperatura.

Os operadores de câmara acampavam no meu relvado na maior parte das manhãs. Éramos como soldados rivais, estacionados com o alvo ao nosso alcance durante meses, espiando-nos uns aos outros através de terra de ninguém, alcançando uma espécie de fraternidade perversa. Havia um tipo com voz forte de desenho animado a quem eu me afeiçoara, sem o ver. Ele andava a sair com uma rapariga de quem gostava muito. Todas as manhãs, a sua voz entrava pelas minhas janelas, enquanto ele analisava os seus encontros; as coisas pareciam estar a correr muito bem. Eu queria saber o final da história.

Terminei a gravação noturna para Amy. Tinha vestido uma camisa com que ela gostava de me ver, e tinha-lhe estado a contar a história do nosso primeiro encontro, a festa em Brooklyn, a minha horrível tirada inicial, só uma azeitona, que me deixava envergonhado de cada vez que Amy a mencionava. Falei da forma como saímos do apartamento demasiado abafado para um frio de rachar, com a sua mão na minha, e do beijo na nuvem de açúcar. Era uma das poucas histórias que contávamos da mesma maneira. Disse aquilo tudo com a cadência de uma história de adormecer: relaxante, familiar e repetitiva. Acabava sempre com: Volta para mim, Amy.

Desliguei a câmara e recostei-me no sofá (filmava-me sempre sentado no sofá, debaixo do seu pernicioso e imprevisível relógio de cuco, porque sabia que se não mostrasse o relógio de cuco, ela ficaria a pensar se eu me teria livrado finalmente dele, e depois deixaria de pensar se eu me teria livrado finalmente dele e passaria simplesmente a acreditar que era verdade, e depois, independentemente das palavras meigas que eu proferisse, rebateria em silêncio: «e, no entanto, deitou fora o meu relógio de cuco»). Na verdade, o cuco devia estar quase a vir cá fora, pois comecei a ouvir o seu mecanismo incomodativo por cima da minha cabeça — um som que me deixava inevitavelmente o maxilar tenso — quando os operadores de câmara no exterior emitiram um marulhar ruidoso, coletivo e oceânico. Estava lá alguém. Ouvi os gritos de gaivota de umas quantas pivôs de notícias.

Passa-se alguma coisa, pensei.

A campainha da porta tocou três vezes seguidas: Nick-nick! Nick-nick! Nick-nick!

Não hesitei. Tinha deixado de hesitar ao longo do último mês: venha de lá o problema o mais depressa possível!

Abri a porta.

Era a minha mulher.

De volta.

Amy Elliott Dunne estava descalça à minha porta, com um vestido fino cor-de-rosa colado ao corpo, como se estivesse molhado. Os tornozelos tinham círculos violáceos. De um pulso flácido, pendia um bocado de corda. O cabelo estava curto e irregular nas pontas, como se tivesse sido cortado com uma tesoura romba. O rosto estava pisado, os lábios inchados. Estava a soluçar.

Quando estendeu os braços na minha direção, vi que todo o seu tronco estava manchado de sangue seco. Tentou falar; a boca abriu-se uma, duas vezes, não saiu nada... como uma sereia trazida pelas ondas.

— Nick! — carpiu finalmente, um grito de dor que ecoou em todas as casas vazias, e caiu-me nos braços.

Apetecia-me matá-la.

Se estivéssemos sozinhos, as minhas mãos eram capazes de ter encontrado o caminho para o seu pescoço, com os meus dedos a localizarem entalhes perfeitos na sua carne. Sentir aquela pulsação forte sob os meus dedos... mas não estávamos sozinhos, estávamos em frente de câmaras, e elas estavam a perceber quem era aquela mulher estranha, estavam a ganhar vida como o relógio de cuco lá dentro, uns quantos disparos, umas quantas perguntas, depois uma avalanche de ruído e luz. As câmaras estavam a filmar-nos, os repórteres a aproximarem os microfones, toda a gente a berrar o nome de Amy, a gritar, literalmente a gritar. Por isso, fiz o que era certo — segurei-a junto a mim e berrei o seu nome de volta:

— Amy! Meu Deus! Meu Deus! Minha querida! — Enterrei o rosto no seu pescoço, os meus braços estreitaram-na com força, e deixei as câmaras terem os seus quinze segundos, ao mesmo tempo que lhe sussurrava ao ouvido: — Maldita cabra! — Depois, afaguei-lhe o cabelo, segurei-lhe o rosto nas minhas duas mãos afetuosas e puxei-a para dentro.

Do lado de fora da nossa porta, o concerto de rock exigia o seu bis: Amy! Amy! Amy! Alguém arremessou um punhado de pedrinhas à nossa janela. Amy! Amy! Amy!

A minha mulher aceitou aquilo tudo como algo que lhe era devido, acenando desdenhosamente para a multidão lá fora. Virou-se para mim com um sorriso cansado, mas triunfante — o sorriso da vítima de violação, da sobrevivente aos maus-tratos, da vítima nos filmes de televisão antigos, o sorriso em que o vilão recebeu finalmente o castigo devido e sabemos que a nossa heroína vai poder seguir em frente com a sua vida! Fixar o fotograma.

Fiz gestos em direção à corda, ao cabelo cortado grosseiramente, ao sangue seco.

— Então, qual é a tua história, mulher?

— Estou de volta — gemeu ela. — Consegui voltar para ti. — Moveu-se para pôr os braços à roda de mim. Eu afastei-me.

— Qual é a tua história, Amy?

— Desi — sussurrou, com o lábio inferior a tremer. — Desi Collings levou-me. Foi na manhã do... do nosso aniversário. Tocaram à campainha, e eu pensei... Não sei, pensei que talvez me tivesses mandado flores.

Estremeci. É claro que ela tinha de encontrar uma forma de se queixar, de dizer que eu raramente lhe oferecera flores, ao passo que o pai mandava flores à mãe todas as semanas desde que se tinham casado. Ou seja, 2444 ramos de flores contra 4.

— Flores ou... qualquer coisa — prosseguiu ela. — Por isso, nem pensei, abri simplesmente a porta. E ali estava ele, Desi, com uma expressão determinada. Como se tivesse estado a preparar-se para aquilo o tempo todo. E eu estava a segurar no cabo... da marioneta Judy. Encontraste as marionetas? — Sorriu para mim com lágrimas nos olhos. Parecia tão querida.

— Oh, encontrei tudo o que deixaste para mim, Amy.

— Tinha acabado de descobrir que o cabo de manuseamento da marioneta Judy tinha caído, e estava a segurá-lo quando abri a porta. Tentei atingi-lo, lutámos e ele bateu-me com ele. Com força. E quando dei por mim...

— Tinhas-me incriminado por homicídio e desaparecido.

— Posso explicar tudo, Nick.

Olhei-a fixamente durante um longo e difícil momento. Vi dias debaixo do sol quente, estendidos na areia da praia, com a mão dela sobre o meu peito; vi jantares de família na casa dos pais dela, com

Rand a encher-me continuamente o copo e a dar-me palmadinhas no ombro; vi-nos esparramados no tapete do meu apartamento miserável em Nova Iorque, a conversar de olhos pregados na ventoinha preguiçosa do teto; e vi a mãe do meu filho e a vida espantosa que planeara para nós, em tempos. Tive um momento que durou dois segundos, um, dois, em que desejei violentamente que ela estivesse a contar a verdade.

— Na realidade, não creio que consigas explicar tudo — disse eu. — Mas vou adorar ver-te tentar.

— Põe-me à prova agora.

Tentou agarrar-me na mão, e eu desembaracei-me dela. Afastei-me, respirei fundo, e depois virei-me para a enfrentar. A minha mulher tem sempre de ser enfrentada.

— Vá lá, Nick! Põe-me à prova agora!

— Está bem, pronto. Porque é que todas as pistas da caça ao tesouro estavam escondidas num lugar onde eu tive... relações com Andie?

Ela suspirou e cravou os olhos no chão. Tinha os tornozelos em carne viva.

— Eu nem sequer sabia da existência de Andie até ter visto na televisão... enquanto estava amarrada à cama de Desi, escondida na sua casa do lago.

— Então foi tudo... coincidência?

— Todos aqueles lugares tinham significado para nós — disse ela. Uma lágrima rolou-lhe pela face. — O teu gabinete, onde reacendeste a tua paixão pelo jornalismo.

Funguei.

— Hannibal, onde compreendi finalmente o que esta zona significa para ti. A casa do teu pai, confrontar o homem que tanto te magoou. A casa da tua mãe, que é agora a casa de Go, as duas pessoas que fizeram de ti um homem tão bom. Mas... creio que não me surpreende que gostasses de partilhar esses lugares com alguém por quem — inclinou a cabeça — te tenhas apaixonado. Sempre gostaste de reposições.

— E porque é que cada um desses lugares acabava por incluir pistas que me implicavam no teu homicídio? Cuecas de mulher, a tua carteira, o teu diário. Explica lá o teu diário, Amy, com todas aquelas mentiras.

Ela limitou-se a sorrir e abanou a cabeça, como se tivesse pena de

mim.

— Tudo, eu posso explicar tudo — disse ela.

Olhei para o seu rosto meigo, manchado de lágrimas. Depois, baixei os olhos para aquele sangue todo.

— Amy, onde está Desi?

Ela voltou a abanar a cabeça, com um sorrisinho triste.

Ia telefonar à polícia, mas uma pancada na nossa porta disse-me que eles já estavam ali.

Amy Elliott Dunne — A Noite do Regresso

Ainda tenho o sémen de Desi dentro de mim da última vez que ele me violou, por isso o exame médico corre bem. Os pulsos marcados pelas cordas, as lesões na vagina, os hematomas... o corpo que lhes apresento é um clássico. Um médico mais velho com uma respiração húmida e dedos grossos efetua o exame pélvico — raspando e respirando ruidosamente em sincronia — enquanto a detective Rhonda Boney me segura a mão. É como ser agarrada pela garra fria de uma ave. Nada reconfortante. O seu rosto abre-se num sorriso por uma vez, quando pensa que não estou a olhar. Está absolutamente encantada com o facto de Nick não ser, afinal, o mau da fita. Sim, as mulheres da América estão a soltar um suspiro coletivo.

Foram enviados polícias para a casa de Desi, onde o encontrarão nu e esvaído em sangue, com uma expressão espantada no rosto, alguns fios do meu cabelo nas mãos, a cama ensopada em sangue. A faca que usei nele e nas minhas amarras estará por perto, no chão, onde a larguei, aturdida, e caminhei descalça, sem levar nada de casa a não ser as chaves dele — do carro, do portão — entrando no seu Jaguar clássico ainda pegajosa do seu sangue, e regressando a casa, para o meu marido, como um animal de estimação fiel, há muito perdido. Tinha sido reduzida a um estado animal; não pensava em mais nada a não ser em voltar para Nick.

O médico velho dá-me as boas notícias; não há danos permanentes e não há necessidade de uma dilatação e curetagem — abortei demasiado cedo. Boney continua a agarrar-me a mão e a murmurar: Meu Deus, aquilo por que passou... Acha que estará em condições de responder a umas perguntas? Com esta rapidez, das condolências ao essencial. Eu penso que as mulheres feias são, normalmente, demasiado deferentes ou incrivelmente grosseiras.

Vamos supor que são a Incrível Amy e que sobreviveram a um rapto brutal, que envolve abusos sexuais repetidos. Mataram o vosso captor e conseguiram voltar para um marido que descobriram andar a enganar-vos com outra. O que fazem?

- a) Colocam-se em primeiro lugar e exigem algum tempo sozinhas para se recompoem;
- b) Aguentam um pouco mais para poderem ajudar a polícia;
- c) Decidem qual das entrevistas devem dar primeiro — também podem tirar alguma contrapartida dessa experiência terrível, por exemplo um contrato para um livro.

Resposta: B. A Incrível Amy coloca sempre os outros em primeiro lugar.

Permitem-me que me limpe num quarto particular no hospital, e visto a roupa que Nick me preparou lá em casa — calças de ganga com vincos de terem estado dobradas tanto tempo e uma linda blusa que cheira a pó. Eu e Boney vamos de carro do hospital para a esquadra praticamente em silêncio. Pergunto debilmente pelos meus pais.

— Estão à sua espera na esquadra — diz Boney. — Choraram quando lhes contei. De alegria. Alegria e alívio absolutos. Vamos deixá-los dar-lhe uns bons abraços, antes de fazermos as nossas perguntas, não se preocupe.

As câmaras já estão na esquadra. O parque de estacionamento tem o aspeto expectante e completamente iluminado de um estádio desportivo. Não há estacionamento subterrâneo, por isso temos de parar mesmo em frente, enquanto a multidão enlouquecida se aproxima: vejo lábios molhados e cuspo à medida que toda a gente grita perguntas, os disparos dos flashes e as luzes das câmaras. A multidão empurra e puxa em massa, deslocando-se uns centímetros para a direita, depois para a esquerda, enquanto toda a gente tenta chegar a mim.

— Não consigo fazer isto — digo a Boney. A palma da mão grossa de um homem bate contra o vidro da janela quando um fotógrafo tenta manter o equilíbrio. Agarro-lhe na mão fria. — É demasiado.

Ela dá-me umas palmadinhas e diz: espere. As portas da esquadra abrem-se e todos os agentes de serviço descem as escadas em fila e formam um cordão dos dois lados, mantendo a imprensa afastada e criando uma guarda de honra para mim. Eu e Rhonda corremos lá para dentro de mão dada, como recém-casados em movimento inverso, apressando-nos a ir ao encontro dos meus pais, que estão à

espera logo a seguir à porta, e toda a gente me tira fotografias agarrada à minha mãe, que murmura queridafilhaqueridafilhaqueridafilha, e ao meu pai, a soluçar tão alto que quase sufoca.

Lá tratam de me levar rapidamente outra vez, como se isso não me tivesse já acontecido vezes suficientes. Sou depositada numa sala que parece um armário, com cadeiras de escritório confortáveis mas baratas, daquelas que parecem ter sempre bocados de comida velha enfiados no tecido. Uma câmara a piscar ao canto e sem janelas. Não é como imaginei. Não foi concebido para me fazer sentir em segurança.

Estou rodeada por Boney, pelo seu parceiro, Gilpin, e por dois agentes do FBI que vieram de St. Louis e que ficam praticamente em silêncio. Dão-me água, e depois Boney começa:

B: Muito bem, Amy, primeiro que tudo, queremos agradecer-lhe sinceramente por falar connosco depois daquilo por que passou. Num caso como este, é fundamental anotar tudo, enquanto a memória está fresca. Não imagina como isso é importante. Por isso, é bom falar agora. Se conseguirmos anotar todos os pormenores, podemos encerrar o caso, e a Amy e o Nick podem voltar às vossas vidas.

A: Gostaria imenso que isso acontecesse.

B: E bem o merece. Então, se está pronta, podemos começar pela cronologia: a que horas é que Desi chegou à sua porta? Lembra-se?

A: Por volta das dez da manhã. Um pouco depois, porque me lembro de ouvir os Teverers a conversar quando iam para o carro para irem à igreja.

B: O que aconteceu quando abriu a porta?

A: Senti imediatamente que havia alguma coisa de errado. Primeiro que tudo, Desi escreveu-me cartas toda a minha vida. Mas a sua obsessão parecia ter-se tornado menos intensa com o passar dos anos. Parecia considerar-se apenas um velho amigo, e como a polícia não podia fazer nada em relação a isso, eu conformei-me. Nunca senti que ele me quisesse fazer mal, embora não gostasse de estar tão perto dele. Em termos geográficos. Creio que foi isso que o descontrolou. Saber que eu estava tão perto. Entrou em minha casa com... Estava suado e parecia nervoso, mas também tinha uma expressão determinada. Eu estava lá em cima e preparava-me para passar o vestido quando

reparei no grande cabo de madeira da marioneta Judy no chão — acho que tinha caído. Era uma chatice, porque eu já tinha escondido as marionetas no barracão da lenha. Por isso, agarrei no cabo e tinha-o na mão quando abri a porta.

B: Muito boa memória.

A: Obrigada.

B: O que aconteceu a seguir?

A: Desi irrompeu por ali dentro e começou a andar de um lado para o outro na sala, todo perturbado e meio frenético, e disse: O que é que vais fazer para o vosso aniversário? Assustou-me o facto de ele saber que era o dia do aniversário do nosso casamento e de parecer zangado com isso. Depois, esticou o braço de repente, agarrou-me pelo pulso, torceu-mo atrás das costas e lutámos. Travei um autêntico combate.

B: E a seguir?

A: Dei-lhe um pontapé, libertei-me por um segundo e corri para a cozinha. Lutámos mais e ele bateu-me uma vez com o grande cabo de madeira da Judy. Eu desatei a fugir e ele bateu-me mais duas ou três vezes. Lembro-me de ficar sem conseguir ver por um segundo, tonta, com a cabeça a latejar, e de tentar agarrar o cabo e de ele me apunhalar o braço com um canivete que trazia. Ainda tenho a cicatriz. Estão a ver?

B: Sim, isso foi registado no seu exame médico. Teve sorte em ter sido um ferimento superficial.

A: Não pareceu nada superficial, garanto-lhes.

B: Então, ele apunhalou-a? O ângulo é...

A: Não tenho a certeza se o fez de propósito ou se fui eu que me atirei acidentalmente contra a lâmina — estava sem equilíbrio. Mas lembro-me do pau cair no chão e de ter olhado para baixo e ver o sangue do meu ferimento a fazer uma poça em cima dele. Creio que foi nessa altura que desmaiei.

B: Onde é que estava quando acordou?

A: Acordei amarrada de pés e mãos na minha sala.

B: Gritou, tentou chamar a atenção dos vizinhos?

A: É claro que gritei. Quer dizer, será que não ouviu o que eu disse? Fui espancada, apunhalada e amarrada por um homem que era obcecado por mim há décadas, um homem que uma vez se tentou suicidar no quarto que eu ocupava no dormitório.

B: Está bem, está bem, Amy, desculpe, não queríamos que essa pergunta desse a ideia de estarmos a censurá-la de alguma maneira. Precisamos apenas de ter o quadro completo, para podermos encerrar a investigação e para Amy poder seguir com a sua vida. Quer outra água, um café, qualquer coisa?

A: Sabia-me bem qualquer coisa quente. Tenho tanto frio.

B: Não há problema. Podes arranjar-lhe um café? Então, o que aconteceu a seguir?

A: Creio que o plano original era dominar-me, raptar-me e fazer com que parecesse que tinha fugido, porque, quando acordei, ele tinha acabado de limpar o sangue na cozinha e tinha endireitado a mesa de bibelôs antigos, que caiu quando fugi para a cozinha. Tinha-se livrado do pau. Mas estava a ficar sem tempo e penso que o que deve ter acontecido foi isto, ele vê a sala em desalinho, por isso pensa: Deixa estar. Deixa dar a ideia que aconteceu aqui alguma coisa de mal. Sendo assim, abre a porta da entrada e depois derruba mais umas coisas na sala. Vira a otomana ao contrário. Por isso é que a cena parecia tão estranha: era metade verdadeira e metade falsa.

B: Desi colocou artigos incriminatórios em cada um dos locais da caça ao tesouro? No gabinete de Nick, em Hannibal, na casa do pai dele, no barracão de Go?

A: Não estou a perceber...

B: Havia umas cuecas de mulher no gabinete de Nick e não eram do seu tamanho.

A: Acho que deve ter sido a rapariga com quem ele... andava.

B: Também não eram dela.

A: Bem, em relação a isso não posso ajudar. Talvez ele andasse com mais de uma rapariga.

B: O seu diário foi encontrado na casa do pai dele. Parcialmente queimado na caldeira.

A: Leu o diário? É horrível. Tenho a certeza de que Nick queria ver-se livre dele. Não o censuro, tendo em conta que vocês concentraram as atenções nele com tanta rapidez.

B: Pergunto-me porque terá ido a casa do pai para o queimar.

A: Devia perguntar-lhe a ele. (Pausa.) Nick ia lá muitas vezes, para estar sozinho. Ele gosta de ter a sua privacidade. Por isso, tenho a certeza de que isso não lhe pareceu assim tão estranho. Quer dizer, ele

não podia fazer isso na nossa casa, porque é o local do crime — quem sabe se vocês voltavam e encontravam alguma coisa nas cinzas. Em casa do pai, goza de alguma discrição. Achei que tinha sido uma jogada inteligente, considerando que vocês estavam basicamente a despachá-lo para a cadeia.

B: O diário é muito, mas muito preocupante. O diário fala de abusos e do seu receio por causa de Nick não querer o bebê, do seu receio de que ele possa querer matá-la.

A: Quem me dera que o diário tivesse ardido. (Pausa.) Vou ser sincera: o diário inclui algumas das contendas entre mim e Nick nestes últimos anos. Não dá a melhor imagem do nosso casamento, nem de Nick, mas devo confessar que só escrevia naquele diário quando estava muito satisfeita ou quando estava realmente infeliz e queria desabafar... Além disso, tenho tendência para ser um bocadinho dramática quando começo a remoer nas coisas. Quer dizer, muito disso é a terrível verdade — ele uma vez empurrou-me, e não queria ter filhos e tinha problemas de dinheiro. Mas ter medo dele? Tenho de reconhecer, custa-me reconhecer, mas isso é a minha veia dramática. Creio que o problema é que já fui perseguida por várias vezes — isto de as pessoas ficarem obcecadas comigo tem sido um problema toda a minha vida —, por isso fico um bocadinho paranoica.

B: Mas tentou comprar uma arma.

A: Fico muito paranoica, está bem? Peço desculpa. Se conhecesse a minha história, iria compreender.

B: Há uma entrada sobre uma noite de copos, em que sofreu aquilo que parece ser um caso clássico de envenenamento com anticongelante.

A: (Longo silêncio.) Isso é bizarro. Sim, fiquei doente.

B: Muito bem, voltemos à caça ao tesouro. Escondeu as marionetas Punch e Judy no barracão da lenha?

A: Escondi.

B: Uma grande parte do nosso caso centrou-se na dívida de Nick, em algumas compras importantes efetuadas com cartão de crédito, e na descoberta de todos esses artigos no barracão da lenha. O que é que pensou quando abriu o barracão e viu todas aquelas coisas?

A: Estava na propriedade de Go, e eu e ela não somos especialmente próximas, por isso senti, sobretudo, que estava a meter o nariz onde

não era chamada. Lembro-me de ter pensado, na altura, que deviam ser as coisas que ela tinha trazido de Nova Iorque. Depois, vi nas notícias — Desi obrigava-me a assistir a tudo — que correspondiam às compras de Nick, e... Eu sabia que Nick tinha alguns problemas de dinheiro, era um perdulário. Creio que, provavelmente, ficou envergonhado. Compras por impulso, que não podia anular... Portanto, escondeu-as de mim até conseguir vendê-las online.

B: As marionetas de Punch e Judy parecem um bocadinho sinistras como presente de aniversário.

A: Eu sei! Agora sei. Não me lembrava da história toda de Punch e Judy. Vi apenas marido e mulher e um bebé, e eram feitos de madeira, e eu estava grávida. Pesquisei na Internet e vi a deixa de Punch: É assim que se faz! E achei que era giro — não sabia o que significava.

B: Então, estava amarrada de pés e mãos. Como é que Desi a levou para o carro?

A: Ele levou o carro para a garagem, baixou a porta da garagem, arrastou-me até lá, atirou-me para a bagageira e foi-se embora.

B: E gritou nessa altura?

A: Sim, gritei que me fartei. E se soubesse que todas as noites, durante um mês, Desi ia violar-me e depois aninhar-se junto a mim com um martíni e um comprimido para dormir, para que eu não o acordasse com os meus soluços, e que a polícia ia entrevistá-lo e mesmo assim continuar sem qualquer pista, continuar sem fazer nada, era capaz de ter gritado com mais força. Sim, era capaz de o ter feito.

B: Mais uma vez, as minhas desculpas. Podem arranjar uns lenços de papel à senhora Dunne, por favor? E onde é que está o caf... Obrigada. Muito bem, e para onde é que foram, Amy?

A: Fomos de carro até St. Louis, e lembro-me que pelo caminho ele parou em Hannibal — ouvi o apito do barco a vapor. Deve ter sido quando ele atirou fora a minha carteira. Foi a outra coisa que ele fez que deu a ideia de ter sido um crime.

B: Isto é tão interessante. Parece haver tantas estranhas coincidências neste caso. Por exemplo, Desi ter atirado fora a carteira precisamente em Hannibal, aonde a sua pista levaria Nick — e, por sua vez, nós termos pensado que tinha sido Nick a atirar a carteira para lá. Ou a forma como decidiu esconder um presente precisamente no sítio onde Nick tinha escondido os artigos que comprara com cartões de

crédito secretos.

A: A sério? Devo dizer-lhe que nada disso me parece coincidência. Parece-me mais um monte de polícias que se agarraram à ideia de o meu marido ser culpado, e agora que eu estou viva e é óbvio que ele não é culpado, parecem uns idiotas gigantescos e estão a fazer o possível para se protegerem. Em vez de aceitarem a responsabilidade pelo facto de que, se este caso tivesse ficado nas vossas mãos extremamente incompetentes, Nick estaria no corredor da morte e eu acorrentada a uma cama, a ser violada todos os dias até morrer.

B: Desculpe, é que...

A: Eu consegui salvar-me, o que salvou Nick, o que vos salvou o maldito coiro.

B: Isso é incrivelmente bem visto, Amy. Desculpe, estamos tão... Perdemos tanto tempo com este caso que queremos perceber todos os pormenores que nos escaparam, para não voltarmos a repetir os mesmos erros. Mas está absolutamente certa, estamos a descurar a perspetiva mais geral, que é: você é uma heroína. Uma perfeita heroína.

A: Obrigada. Fico-lhe grata por dizer isso.

Nick Dunne — A Noite do Regresso

Fui à esquadra buscar a minha mulher e fui recebido pela imprensa como se fosse uma estrela de rock, um presidente triunfante, o primeiro homem a pisar a Lua, tudo junto num só. Tive de resistir para não levantar as mãos entrelaçadas sobre a cabeça, na saudação de vitória universal. Estou a perceber, pensei, agora estamos a fingir que somos todos amigos.

Entrei numa cena que parecia uma festa que deu para o torto — algumas garrafas de champanhe pousadas em cima de uma secretária, rodeadas por copos de papel minúsculos. Palmadinhas nas costas e vivas para todos os polícias, e depois mais vivas à minha pessoa, como se aquela gente não me andasse a perseguir um dia antes. Mas eu tinha de alinhar. Oferecer as costas para me darem palmadinhas. Oh, sim, agora somos todos amigos!

A única coisa que interessa é que Amy está salva. Tinha andado a praticar aquela deixa vezes sem conta. Eu tinha de parecer o marido aliviado e carinhoso até saber o rumo que as coisas iam tomar. Até ter a certeza de que a polícia tinha rompido a sua teia de mentiras pegajosa. Até ela ser presa — chegaria a esse ponto, até ela ser presa, e depois conseguia sentir o meu cérebro a expandir-se e a esvaziar-se em simultâneo — o meu próprio zoom de Hitchcock ao cérebro — e pensava: A minha mulher assassinou um homem.

— Esfaqueou-o — disse o jovem polícia designado como agente de ligação com a família. (Esperava nunca mais voltar a ter uma ligação destas com ninguém, por nenhum motivo.) Era o mesmo miúdo que tinha tagarelado com Go sobre o seu cavalo, sobre a rutura do lábio glenoidal e a alergia aos amendoins. — Cortou-lhe a jugular. Com um corte desses, ele esvai-se em sangue em sessenta segundos.

Sessenta segundos é muito tempo para se saber que se está a morrer. Conseguia imaginar Desi com as mãos à volta do pescoço, a sensação do próprio sangue a jorrar-lhe por entre os dedos a cada pulsação, e Desi a ficar mais assustado e a pulsação a ficar mais rápida... e depois a abrandar, e Desi ciente de que o abrandamento era pior. E durante todo esse tempo, Amy fora do seu alcance, a analisá-lo com o olhar culpado e enojado de uma estudante liceal de biologia

confrontada com o feto de um porco a pingar. Com o pequeno escalpelo ainda na mão.

— Cortou-o com uma velha faca de talhante — estava o miúdo a dizer. — O tipo costumava sentar-se na cama ao lado dela, cortava-lhe a carne e alimentava-a. — Parecia mais enojado com isto do que com o esfaqueamento. — Um dia, a faca escorrega do prato e ele nem repara...

— Como é que ela usou a faca, se estava sempre amarrada? — perguntei.

O miúdo olhou para mim como se eu tivesse acabado de contar uma piada sobre a mãe dele.

— Não sei, senhor Dunne, tenho a certeza de que estão a recolher os pormenores neste momento. O que interessa é que a sua mulher está salva.

Viva! O miúdo roubou-me a deixa.

Avistei Rand e Marybeth através da entrada da sala onde tínhamos dado a nossa primeira conferência de imprensa, há seis semanas. Estavam encostados um ao outro, como sempre, com Rand a beijar o alto da cabeça de Marybeth e esta a retribuir-lhe o aconchego, e eu tive uma sensação de ultraje tão penetrante que quase lhes atirei com um agrafador. Vocês os dois, seus idiotas veneráveis e extremosos, criaram aquela coisa que está ao fundo do corredor e soltaram-na no mundo. Vede, que alegria, que monstro perfeito! E são castigados? Não, nem uma só pessoa veio questionar o seu carácter; a única coisa que sentiram foi uma onda de amor e apoio, e iam recuperar Amy e toda a gente a amaria ainda mais.

A minha mulher era uma sociopata insaciável, antes. No que se tornaria agora?

Avança com cuidado, Nick, avança com muito cuidado.

Rand viu-me e fez um gesto para me juntar a eles. Apertou-me a mão para alguns repórteres exclusivos a quem tinha sido concedida uma audiência. Marybeth não se mexeu: eu continuava a ser o homem que tinha enganado a filha. Fez um aceno brusco e afastou-se.

Rand inclinou-se na minha direção, de tal forma que conseguia cheirar a sua pastilha de hortelã-pimenta.

— Digo-te, Nick, estamos tão aliviados por ter Amy de volta. Também te devemos um pedido de desculpa. Dos grandes. Vamos

deixar Amy decidir o que é que sente em relação ao vosso casamento, mas quero, pelo menos, pedir desculpa pelo rumo que as coisas tomaram. Tens de compreender...

— E compreendo — repliquei. — Compreendo tudo.

Antes que Rand pudesse pedir desculpa ou dizer mais alguma coisa, Tanner e Betsy chegaram juntos, parecendo uma capa da Vogue — calças impecáveis e camisas em tons de pedras preciosas, relógios e anéis de ouro reluzentes — e Tanner inclinou-se em direção ao meu ouvido e sussurrou: Deixe-me ver em que ponto estão as coisas, e depois chegou Go a correr, de olhos arregalados e cheia de perguntas: O que é que isto significa? O que é que aconteceu a Desi? Ela apareceu simplesmente à vossa porta? O que é que isto significa? O que é que vai acontecer agora?

A sensação que dava era a de um ajuntamento bizarro: não era bem uma reunião, não era bem uma sala de espera em hospital... era um ambiente de celebração, mas carregado de ansiedade, como um jogo de salão onde ninguém sabia as regras todas. Entretanto, os dois repórteres que os Elliotts deixaram entrar no santuário privado estavam constantemente a fazer-me perguntas: Que tal a sensação de ter Amy de volta? Até que ponto se sente maravilhosamente bem, neste momento? Até que ponto se sente aliviado, Nick, com o regresso de Amy?

Sinto-me extremamente aliviado e muito feliz, dizia eu, trabalhando a minha própria declaração de RP insípida, quando as portas se abriram e Jacqueline Collings entrou, com os lábios transformados numa cicatriz vermelha retesada e o pó de arroz sulcado pelas lágrimas.

— Onde é que ela está? — perguntou-me. — Onde está essa cabrazinha mentirosa? Ela matou o meu filho. O meu filho. — Começou a chorar, enquanto o repórter tirava umas quantas fotografias.

Como é que se sente com o facto de o seu filho ter sido acusado de rapto e violação?, perguntou um repórter em voz fria.

— Como é que eu me sinto? — perguntou ela. — Está mesmo a falar a sério? As pessoas respondem a perguntas destas? Essa rapariga má e sem alma manipulou o meu filho a vida inteira — escreva isto — manipulou-o, mentiu-lhe e, por fim, assassinou-o, e agora, mesmo

depois de ele ter morrido, continua a usá-lo...

— Senhora Collings, nós somos os pais de Amy — começou Marybeth. Tentou tocar no ombro de Jacqueline, mas esta sacudiu-a.

— Sinto muito pela sua dor.

— Mas não pela minha perda. — Jacqueline era uma boa cabeça mais alta do que Marybeth; fuzilou-a de cima com o olhar. — Mas não pela minha perda — reafirmou.

— Sinto muito por... tudo — disse Marybeth, e depois Rand pôs-se ao lado dela, uma cabeça mais alto do que Jacqueline.

— O que é que vão fazer em relação à vossa filha? — perguntou Jacqueline. Virou-se para o nosso jovem agente de ligação, que tentou aguentar firme. — O que é que está a ser feito em relação a Amy? Porque ela está a mentir quando diz que o meu filho a raptou. Ela está a mentir. Ela matou-o, ela assassinou-o enquanto dormia, e ninguém parece levar isto a sério.

— Tudo está a ser levado muito, mas muito a sério, minha senhora — redarguiu o jovem.

— Pode fazer uma declaração, senhora Collings? — perguntou o repórter.

— Acabei de vos dar a minha declaração. Amy Elliott Dunne assassinou o meu filho. Não foi um ato de legítima defesa. Ela assassinou-o.

— Tem provas disso?

É claro que não tinha.

A história do repórter iria relatar o estado de exaustão do marido (o seu rosto abatido denunciava demasiadas noites confiscadas pelo medo) e o alívio dos Elliotts (os pais agarram-se um ao outro, enquanto esperam que a sua única filha lhes seja oficialmente devolvida). Iria debater a incompetência da polícia (era um caso difícil, cheio de becos sem saída e descaminhos, com o departamento da polícia centrado teimosamente no homem errado). O artigo iria falar de Jacqueline Collings numa única linha: Depois de uma discussão embaraçosa com os pais Elliott, a amargurada Jacqueline Collings foi levada para fora da sala, afirmando que o seu filho estava inocente.

Jacqueline foi realmente levada para fora da sala e conduzida a uma outra, onde a sua declaração seria registada e onde seria mantida à margem de uma história muito melhor: O Triunfante Regresso da

Incrível Amy.

Quando Amy nos foi devolvida, começou tudo de novo. As fotografias e as lágrimas, os abraços e os risos, tudo para desconhecidos que queriam ver e saber: Como é que foi? Amy, qual é a sensação de escapar ao seu captor e de voltar para o seu marido? Nick, qual é a sensação de ter a sua mulher de volta e de recuperar a liberdade, tudo de uma vez?

Permaneci basicamente em silêncio. Estava a pensar nas minhas próprias perguntas, as mesmas perguntas em que pensara durante anos, no sinistro refrão do nosso casamento: Em que é que estás a pensar, Amy? Como é que te estás a sentir? Quem és tu? O que é que fizemos um ao outro? O que é que vamos fazer?

Era um ato benevolente e majestoso da parte de Amy querer voltar para casa, para a nossa cama de casados, com o traidor do marido. Toda a gente estava de acordo em relação a isso. Os meios de comunicação seguiam-nos como se fôssemos um cortejo de casamento real, os dois a passar a grande velocidade pelas ruas de Cartago cheias de néon e de restaurantes de fast food até à nossa McMansão junto ao rio. Amy tem uma graciosidade, uma coragem... A princesa de um livro de histórias. E eu, é claro, era o marido corcunda e servil, que iria fazer vénias arrastando o pé para o resto dos meus dias. Até ela ser presa. Se alguma vez fosse presa.

O facto de ter sido libertada era uma preocupação. Mais do que uma preocupação, um perfeito choque. Vi-os a saírem todos da sala de conferências onde a tinham interrogado durante quatro horas, para depois a deixarem ir-se embora: dois tipos do FBI com cabelo alarmantemente curto e rostos inexpressivos; Gilpin, com aspeto de quem tinha engolido o melhor bife da sua vida; e Boney, a única com lábios finos e cerrados, e a testa franzida. Olhou-me de relance ao passar por mim, ergueu uma sobrancelha e desapareceu.

Depois, demasiado rapidamente, eu e Amy estávamos de volta à nossa casa, sozinhos na sala, com Bleecker a observar-nos de olhos brilhantes. Do lado de fora das cortinas, as luzes das câmaras de televisão continuavam, inundando a nossa sala de um brilho alaranjado bizarramente luxuriante. Parecia que estávamos à luz das velas, numa atmosfera romântica. Amy estava absolutamente linda.

Eu odiava-a. Tinha medo dela.

— Nós não podemos dormir na mesma casa... — comecei.

— Eu quero ficar aqui contigo. — Agarrou-me na mão. — Quero estar com o meu marido. Quero dar-te a oportunidade de seres o tipo de marido que queres ser. Eu perdoo-te.

— Tu perdoas-me? Amy, porque é que voltaste? Por causa do que eu disse na entrevista? Dos vídeos?

— Não era isso que tu querias? — disse ela. — Não era esse o objetivo dos vídeos? Eram perfeitos... fizeram-me lembrar aquilo que costumávamos ter e que era tão especial.

— Aquilo que eu disse, era apenas eu a dizer o que tu querias ouvir.

— Eu sei... dá para ver como me conheces bem! — exclamou Amy, sorrindo abertamente. Bleecker começou a passar-lhe por entre as pernas. Ela agarrou nele e afagou-o. O seu ronronar era ensurdecedor. — Pensa nisso, Nick, nós conhecemo-nos um ao outro. Agora, melhor do que qualquer outra pessoa no mundo.

Era verdade que eu também tinha tido esse sentimento no mês passado quando não desejava mal a Amy. Ocorria-me em momentos estranhos — a meio da noite, quando me levantava para fazer chichi, ou de manhã, quando enchia a tigela de cereais. Detetava uma pontinha de admiração e, mais do que isso, ternura pela minha mulher, mesmo no meio de mim, mesmo nas entranhas. O facto de ela saber exatamente aquilo que eu queria ouvir naqueles bilhetes para me voltar a apaixonar por ela, e até prever todos os meus passos em falso... aquela mulher conhecia-me em absoluto. Conhecia-me melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Todo este tempo, pensara que éramos uns estranhos, e afinal conhecíamos-nos um ao outro de forma intuitiva, nos nossos ossos, no nosso sangue.

Até era romântico. Catastroficamente romântico.

— Não podemos recomeçar simplesmente no ponto em que estávamos, Amy.

— Não, não no ponto em que estávamos — disse ela. — Mas naquele em que estamos agora. Em que me amas e não voltarás a proceder mal.

— Tu és louca, és literalmente louca se pensas que vou ficar. Tu mataste um homem — disse eu. Virei-lhe as costas, e depois imaginei-a com uma faca na mão e a boca a retesar-se ao ver-me desobedecer-

lhe. Voltei-me outra vez. Sim, a minha mulher tem sempre de ser enfrentada.

— Para lhe escapar.

— Tu mataste Desi para poderes ter uma nova história, para poderes voltar e ser a adorada Amy e não teres de arcar com as culpas daquilo que fizeste. Não percebes a ironia, Amy? Foi o que sempre detestaste em mim, o facto de eu nunca lidar com as consequências das minhas ações, certo? Bom, sofri bem as consequências disto tudo. Então e tu? Tu assassinaste um homem, um homem que presumo te amava e te estava a ajudar, e agora queres que fique nesta casa e te ame e te ajude e... eu não consigo. Não consigo fazê-lo. Não irei fazê-lo.

— Nick, acho que recebeste informações erradas — disse ela. — O que não me surpreende, com todos os boatos que correm por aí. Mas nós precisamos de esquecer isso tudo, se quisermos seguir em frente. E nós vamos seguir em frente. A única coisa que a América quer é que sigamos em frente. É a história de que o mundo precisa neste momento. Nós. Desi é o mau da fita. Ninguém quer dois maus da fita. Eles querem poder gostar de ti, Nick. A única forma de voltares a ser amado é ficares comigo. É a única forma.

— Conta-me o que aconteceu, Amy. Desi esteve a ajudar-te todo este tempo?

Ela encolerizou-se com aquilo. Ela não precisava da ajuda de um homem, embora fosse óbvio que tinha precisado da ajuda de um.

— É claro que não! — respondeu bruscamente.

— Conta-me. Que mal faz? Conta-me tudo, porque nós não podemos seguir em frente com esta história ficcionada. Vou estar em guerra contigo a cada passo do caminho. Eu sei que pensaste em tudo. Não estou a tentar que cometas um deslize... estou farto de tentar antecipar os teus pensamentos, não faz parte da minha natureza. Apenas quero saber o que aconteceu. Eu estive a um passo do corredor da morte, Amy. Tu voltaste e salvaste-me, e agradeço-te por isso... estás a ouvir? Eu agradeço-te, por isso não digas mais tarde que não o fiz. Eu agradeço-te. Mas preciso de saber. Tu sabes que eu preciso de saber.

— Despe a roupa — disse ela.

Ela queria certificar-se de que eu não tinha um aparelho de escuta. Despi-me à frente dela, fiquei em pelo, e depois ela inspecionou-me,

passou-me a mão pelo queixo e pelo peito, pelas costas abaixo. Apalpou-me o rabo e deixou escorregar a mão entre as minhas pernas, pôs a mão em concha nos meus testículos e agarrou-me o pénis flácido, segurou-o na mão por um momento para ver se acontecia alguma coisa. Não aconteceu nada.

— Estás limpo — disse ela. Foi dito como um gracejo, uma piada, uma referência cinematográfica de que nos ríamos os dois. Quando eu não disse nada, ela recuou e disse: — Sempre gostei de te ver nu. Fazia-me feliz.

— Não havia nada que te fizesse feliz. Posso voltar a vestir a roupa?

— Não. Não quero estar preocupada com aparelhos de escuta escondidos nos punhos ou nas bainhas. Além disso, precisamos de ir para a casa de banho e de pôr a água a correr. Para o caso de teres instalado aparelhos de escuta na casa.

— Viste demasiados filmes — disse eu.

— Ah! Nunca pensei ouvir-te dizer uma coisa dessas.

Ficámos em pé na banheira e abrimos o chuveiro. A água molhou-me as costas nuas e pulverizou a frente da camisa de Amy até ela a tirar. Tirou todas as suas roupas, num alegre striptease, e atirou-as por cima da proteção do chuveiro com a mesma atitude sorridente e arrojada que tinha quando nos conhecemos — estou pronta para tudo! — e virou-se para mim, e fiquei à espera que ela sacudisse o cabelo à volta dos ombros, como fazia quando namoriscava comigo, mas o cabelo estava demasiado curto.

— Agora, estamos quites — disse ela. — Parecia má educação ser a única pessoa vestida.

— Creio que já passámos a fase da etiqueta, Amy.

Olha-a apenas nos olhos, não lhe toques, não deixes que ela te toque.

Avançou na minha direção, pôs uma mão sobre o meu peito, deixou a água correr-lhe por entre os seios. Lambeu uma gota de água do lábio superior e sorriu. Amy detestava o chuveiro. Não gostava de ficar com o rosto molhado, não gostava da sensação da água a bater-lhe na carne. Eu sabia disso porque era casado com ela e porque a tinha apalrado e assediado muitas vezes no chuveiro, sempre sem resultado. (Eu sei que parece sexy, Nick, mas na verdade não é, é uma daquelas coisas que as pessoas apenas fazem nos filmes.) Agora, está a fingir

precisamente o contrário, como se se tivesse esquecido que eu a conheço. Afastei-me.

— Conta-me tudo, Amy. Mas, primeiro: alguma vez houve um bebé?

O bebé era uma mentira. Foi a parte mais desoladora para mim. A minha mulher enquanto assassina era assustadora e repulsiva, mas o bebé enquanto mentira era quase impossível de suportar. O bebé era uma mentira, o medo do sangue era uma mentira — durante o último ano, a minha mulher tinha sido sobretudo uma mentira.

— Como é que tramaste Desi? — perguntei.

— Encontrei um bocado de corda a um canto da cave. Usei uma faca de carne para a cortar em quatro pedaços...

— Ele deixou-te ficar com uma faca?

— Estás a esquecer-te de que éramos amigos.

Ela tinha razão. Estava a pensar na história que ela tinha contado à polícia: que Desi a tinha mantido em cativeiro. Tinha-me esquecido. É para que vejam como ela é uma ótima contadora de histórias.

— Sempre que Desi não estava por perto, amarrava os bocados de corda com a maior força possível à volta dos pulsos e dos tornozelos, para que deixassem estes sulcos.

Mostrou-me as linhas sinistras nos pulsos, como braceletes.

— Agarrei numa garrafa de vinho e violei-me com ela todos os dias, para que o interior da minha vagina ficasse... como devia ser. Como devia ser para uma vítima de violação. Hoje, deixei-o ter sexo comigo, para ficar com o seu sémen, e enfiei-lhe uns comprimidos para dormir no martíni.

— Ele deixou-te ficar com comprimidos para dormir?

Ela suspirou: eu não estava a acompanhar a narrativa.

— Claro, vocês eram amigos.

— Depois, eu... Imitou o gesto de lhe cortar a jugular.

— Com essa facilidade, hein?

— Só temos de decidir e depois fazê-lo — disse ela. — Disciplina.

Levar as coisas até ao fim. Como em tudo. Tu nunca compreendeste isso.

Conseguia sentir o seu tom a tornar-se glacial. Não estava a apreciá-la o suficiente.

— Conta-me mais — disse eu. — Conta-me como o fizeste.

Passado uma hora, a água ficou fria e Amy pôs fim à nossa conversa.

— Tens de admitir que foi brilhante — disse ela.

Olhei-a fixamente.

— Quer dizer, tens de sentir admiração, nem que seja só um bocadinho — incitou ela.

— Quanto tempo é que Desi levou a esvair-se em sangue?

— Está na hora de irmos para a cama — disse ela. — Mas podemos conversar mais amanhã, se tu quiseses. Agora, temos de ir dormir. Juntos. Acho que é importante. Para encerrar o assunto. Na verdade, o oposto disso.

— Amy, vou ficar esta noite porque não me apetece lidar com todas as perguntas se não ficar. Mas vou dormir lá em baixo.

Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou-me.

— Nick, eu ainda posso fazer-te muito mal, lembra-te disso.

— Ah! Pior do que já fizeste?

Ela pareceu surpreendida.

— Oh, com certeza que sim.

— Duvido, Amy.

Comecei a andar para a porta.

— Tentativa de homicídio — disse ela.

Parei.

— Era esse o meu plano original, no início: eu seria a pobre mulher doente com episódios repetidos, surtos de doença intensos e repentinos, e depois vinha-se a descobrir que todos aqueles cocktails que o marido lhe preparava...

— Como no diário.

— Mas decidi que tentativa de homicídio não era suficiente para ti. Tinha de ser mais grave do que isso. Ainda assim, não conseguia tirar a ideia do envenenamento da cabeça. Gostava da ideia de estares a preparar o homicídio. A tentar primeiro da forma mais covarde. Por isso, levei a ideia avante.

— Estás à espera que eu acredite nisso?

— Todo aquele vômito, tão chocante. Uma mulher inocente e assustada podia ter guardado um bocadinho daquele vômito, para o que desse e viesse. Não podes censurá-la por ser um bocadinho paranoica. — Brindou-me com um sorriso satisfeito. — Temos sempre

de ter um plano de reserva para o plano de reserva.

— Tu envenenaste-te a sério.

— Nick, por favor, como é que podes estar chocado? Eu matei-me.

— Preciso de uma bebida — disse eu. Saí dali antes que ela pudesse falar.

Servi-me de um uísque e sentei-me no sofá da sala. Para lá das cortinas, as luzes das câmaras iluminavam o quintal. Em breve, deixaria de ser noite. Tinha acabado por achar a manhã deprimente, o facto de saber que ela surgiria uma e outra vez.

Tanner atendeu ao primeiro toque.

— Ela matou-o — disse eu. — Ela matou Desi porque ele estava basicamente... ele estava a aborrecê-la com joguinhos de poder, e ela percebeu que podia matá-lo e que era a forma de poder voltar à sua antiga vida e de poder deitar as culpas todas para cima dele. Ela assassinou-o, Tanner, acabou de me contar isso. Ela confessou.

— Suponho que não tenha conseguido... gravar nada disso, de alguma forma? No telemóvel ou coisa do género?

— Estávamos nus, com o chuveiro a correr, e ela contou tudo num sussurro.

— Nem sequer quero perguntar — disse ele. — Vocês os dois são as pessoas mais malucas que já conheci, e eu sou especializado em pessoas malucas.

— O que é que se passa com a polícia?

Ele suspirou.

— Ela não deixou nenhuma ponta solta. A história dela é ridícula, mas não mais ridícula do que a nossa história. Amy está basicamente a explorar a máxima mais fiável do sociopata.

— E qual é ela?

— Quanto maior a mentira, mais eles acreditam.

— Vá lá, Tanner, tem de haver alguma coisa.

Fui até à escadaria, para me certificar de que Amy não estava por perto. Estávamos a sussurrar, mas mesmo assim... Tinha de ser cuidadoso, agora.

— Para já, não podemos pisar o risco, Nick. Ela deixou-o bastante mal na fotografia: diz que tudo o que escreveu no diário era verdade. Que tudo o que estava no barracão da lenha lhe pertencia. Que

comprou as coisas com aqueles cartões de crédito e que tem vergonha de o admitir. Ela sempre foi uma rapariga rica e protegida, como é que havia de saber alguma coisa sobre a forma de adquirir cartões de crédito secretos em nome do marido? E santo Deus, aquela pornografia!

— Ela disse-me que nunca houve bebé, que falseou os resultados com o chichi de Noelle Hawthorne.

— Porque é que não disse logo? Isso é formidável! Vamos pressionar Noelle Hawthorne.

— Noelle não sabia. — Ouvi um suspiro fundo do outro lado. Ele nem sequer se deu ao trabalho de perguntar como.

— Vamos continuar a pensar, vamos continuar à procura — disse ele. — Há de aparecer alguma coisa.

— Não posso ficar nesta casa com aquela coisa. Ela está a ameaçar-me com...

— Tentativa de homicídio... o anticongelante. Pois, ouvi dizer que estava na bebida.

— Não me podem prender por causa disso, ou podem? Ela diz que ainda tem um bocadinho de vômito. Como prova. Mas será que eles podem mesmo...

— Vamos deixar as coisas como estão, por agora, está bem, Nick? — disse ele. — Por agora, seja simpático. Detesto dizê-lo, a sério que detesto, mas é o melhor conselho jurídico que tenho para si neste momento: seja simpático.

— Ser simpático? É esse o seu conselho? Da minha equipa jurídica de sonho composta por um homem só: seja simpático? Vá-se lixar!

Desliguei, completamente furioso.

Eu vou matá-la, pensei. Eu vou matar esta maldita cabra.

Mergulhei na fantasia sombria a que me entregara ao longo dos últimos anos, quando Amy me fazia sentir humilhado: sonhava em atingi-la com um martelo, esmagar-lhe a cabeça até ela deixar finalmente de falar, de dizer as palavras que me atirava: mediano, enfadonho, medíocre, pouco surpreendente, pouco satisfatório, pouco impressionante. Pouco, basicamente. No meu pensamento, eu batia-lhe com o martelo até ela parecer um brinquedo quebrado, a murmurar pouco, pouco, pouco, até acabar por se calar. E depois, não era o suficiente, por isso eu restaurava-a até ela ficar novamente

perfeita e começava a matá-la outra vez: punha-lhe os dedos à volta do pescoço — ela sempre adorou intimidade — e depois apertava, apertava, sentia a pulsação...

— Nick!

Virei-me. Amy estava no degrau de baixo, em camisa de dormir, com a cabeça inclinada para um lado.

— Sê simpático, Nick.

Amy Elliott Dunne — A Noite do Regresso

Ele vira-se e, quando me vê ali especada, parece assustado. Isso é útil, porque não vou deixá-lo ir-se embora. Ele pode pensar que estava a mentir quando disse todas aquelas coisas bonitas para me atrair para casa. Mas eu sei que não. Sei que Nick é incapaz de mentir assim. Sei que, ao mesmo tempo que recitava aquelas palavras, percebeu a verdade. Ping! Porque é impossível estar tão apaixonado quanto nós estivemos e não deixar que isso invada a nossa medula. Um amor como o nosso pode entrar em remissão, mas está sempre à espera de voltar. Como o cancro mais doce do mundo.

Não acreditam? Então, que tal isto? Ele mentiu. Não sentia nada do que disse. Bem, então que se lixe, ele fez um ótimo trabalho porque é exatamente assim que eu o quero. Quero o homem que ele estava a fingir ser — as mulheres adoram-no. Eu adoro-o. É esse o homem que quero para marido. É esse o homem que pedi. É esse o homem que mereço.

Portanto, ele pode optar por me amar verdadeiramente, como fez em tempos, ou então terei de pô-lo na ordem e fazer com que seja o homem com quem me casei. Estou farta de ter de lidar com as suas tretas.

— Sê simpático — digo.

Parece uma criança, uma criança furiosa. Cerra os punhos.

— Não, Amy.

— Eu posso dar cabo de ti, Nick.

— Já deste, Amy. — Vejo a raiva apossar-se dele, um calafrio. — Mas por que diabo hás de querer estar comigo? Sou enfadonho, mediano, pouco interessante, pouco inspirador. Não estou à tua altura. Passaste estes últimos anos a dizer-me isto.

— Só porque deixaste de tentar — digo. — Eras tão perfeito comigo. Éramos tão perfeitos quando começámos, e depois deixaste de tentar. Porquê?

— Deixei de te amar.

— Porquê?

— Porque tu deixaste de me amar. Nós somos uma tira de Möbius

doentia e tóxica como o diabo, Amy. Não éramos nós quando nos apaixonámos e, quando passámos a ser nós, surpresa!, éramos veneno. Completamo-nos um ao outro da forma mais sórdida e desagradável possível. Na realidade, tu não me amas, Amy. Nem sequer gostas de mim. Divorcia-te de mim. Divorcia-te de mim e vamos tentar ser felizes.

— Eu não me vou divorciar de ti, Nick. Não vou. E juro-te, se tentares ir embora, vou dedicar a minha vida a fazer com que a tua seja o mais horrível possível. E tu sabes que posso torná-la horrível.

Ele começa a andar de um lado para o outro, como um urso enjaulado.

— Pensa nisso, Amy, em como somos maus um para o outro: os dois seres humanos mais carentes do mundo presos um ao outro. Se não te divorciares de mim, divorcio-me eu de ti.

— A sério?

— Eu divorcio-me de ti. Mas tu devias divorciar-te de mim. Porque eu sei aquilo em que já estás a pensar, Amy. Estás a pensar que não dará uma boa história: a Incrível Amy mata finalmente o seu captor demente e violador e volta a casa para... um divórcio enfadonho. Estás a pensar que não tem nada de triunfante.

Não tem nada de triunfante.

— Mas vê as coisas desta forma: a tua história não é a história de um testemunho de sobrevivência lamechas. De um telefilme por volta de 1992. Tu és uma mulher forte, dinâmica e independente, Amy. Mataste o teu raptor, e depois continuaste a limpar a casa: livraste-te do traidor idiota do teu marido. As mulheres iam dar-te vivas. Tu não és uma menina assustada. És uma durona, uma mulher que não faz prisioneiros. Pensa nisso. Sabes que tenho razão: a era do perdão acabou. É passado. Pensa em todas as mulheres — as esposas dos políticos, as atrizes —, em todas as mulheres do público que têm sido traídas... Hoje em dia, elas não ficam com o traidor. O lema já não é fica ao lado do teu homem, mas sim divorcia-te desse filho da mãe.

Sinto uma onda de ódio em relação a ele, em relação ao facto de ele continuar a tentar libertar-se do nosso casamento, embora eu lhe tenha dito — por três vezes — que não pode. Ele pensa que ainda tem poder.

— E se eu não me divorciar de ti, tu divorcias-te de mim? —

pergunto.

— Não quero estar casado com uma mulher como tu. Quero estar casado com uma pessoa normal.

Olha que merda!

— Estou a ver. Queres voltar a ser aquele falhado inútil e frouxo? Queres simplesmente ir embora? Não! Tu não vais conseguir ser o americano comum e desinteressante de classe média com a rapariga desinteressante que mora na vizinhança. Tu já tentaste. Lembras-te, querido? Mesmo que quisesses, não podias fazer isso agora. Ficarás conhecido como o mulherengo idiota que abandonou a mulher raptada e violada. Achas que alguma mulher como deve ser te vai tocar? Só vais conseguir...

— Psicopatas? Cabras psicopatas e loucas? — Está a apontar para mim, golpeando o ar com o dedo.

— Não me chames isso.

— Cabra psicopata?

Seria tão fácil ver-se livre de mim daquela maneira. Ele ia adorar, se conseguisse mandar-me embora de uma forma tão simples.

— Tudo o que faço, faço por uma razão, Nick — digo. — Tudo o que faço requer planeamento, precisão e disciplina.

— Tu és uma cabra psicopata mesquinha, egoísta, manipuladora e disciplinada...

— E tu és um homem — replico. — És um homem mediano, preguiçoso, enfadonho e cobarde, que receia as mulheres. Sem mim, terias continuado a ser assim até à exaustão. Mas eu transformei-te noutra coisa. Comigo, foste o melhor homem que alguma vez foste. E tu sabes disso. A única ocasião da tua vida em que gostaste de ti foi quando fingiste ser alguém de quem eu podia gostar. Sem mim? És apenas o teu pai.

— Não digas isso, Amy! — exclama ele cerrando os punhos.

— Pensas que ele não foi magoado por uma mulher, tal como tu? — Digo isto na minha voz mais condescendente, como se estivesse a falar com um cachorrinho. — Pensas que ele não achava que merecia melhor do que tinha, tal como tu? Pensas mesmo que a tua mãe foi a sua primeira opção? Porque é que achas que ele vos odiava tanto?

Ele avança na minha direção.

— Cala a boca, Amy!

— Pensa, Nick! Tu sabes que eu tenho razão: mesmo que encontrasses uma rapariga como deve ser, pensarias em mim todos os dias. Diz lá que não.

— Não.

— Diz lá quanto tempo levaste a esquecer a competente Andie assim que pensaste que eu te amava outra vez... — digo na minha voz de pobre queridinha. Até faço beicinho. — Um bilhete de amor, querido? Bastou um bilhete de amor? Dois? Dois bilhetes em que eu jurava que te amava e que te queria de volta, e que achava que tu eras o máximo, no fim de contas... Foi quanto bastou? És ESPIRITUOSO, és CALOROSO, és BRILHANTE. És tão patético. Pensas que alguma vez podes voltar a ser um homem normal? Se encontrares uma boa rapariga, vais continuar a pensar em mim, e vais sentir-te completamente insatisfeito, encurralado na tua vida enfadonha e normal, com a tua mulher comum e os teus dois filhos medianos. Vais pensar em mim, depois vais olhar para a tua mulher e pensas: Cabra estúpida!

— Cala a boca, Amy. Estou a falar a sério.

— Tal como o teu pai. No final, somos todas umas cabras, não é, Nick? Cabra estúpida, cabra psicopata.

Ele agarra-me pelo braço e abana-me com força.

— Eu sou a cabra que faz de ti um homem melhor, Nick.

Ele para de falar nessa altura. Está a usar toda a sua energia para manter as mãos junto ao corpo. Os seus olhos estão molhados de lágrimas. Está a tremer.

— Eu sou a cabra que faz de ti um homem.

Depois, as suas mãos estão no meu pescoço.

Nick Dunne — A Noite do Regresso

A sua pulsação estava finalmente a latejar por baixo dos meus dedos, da forma como eu imaginara. Apertei com mais força e levei-a ao chão. Ela fazia barulhos semelhantes a cacarejos molhados e arranhava-me os pulsos. Estivemos ambos ajoelhados, numa oração frente a frente, durante dez segundos.

Sua maldita cabra maluca.

Uma lágrima rolou-me do queixo para o chão.

Sua cabra maluca, assassina, controladora e perversa.

Os olhos azuis e brilhantes de Amy estavam fitos nos meus, sem pestanejar.

E, depois, um pensamento estranhíssimo veio em estado de embriaguez da parte de trás do meu cérebro até à frente e cegou-me: Se eu matar Amy, quem serei eu?

Vi uma luz branca. Larguei a minha mulher como se fosse ferro em brasa.

Ela sentou-se sem forças no chão, arquejou, tossiu. Quando a respiração voltou, foi num raspar entrecortado, com um guincho estranho, quase erótico, no final.

Quem serei eu, nesse caso? A pergunta não era recriminatória. Não era como se a resposta fosse a fórmula piedosa: Nesse caso, serás um assassino, Nick. Serás tão mau como Amy. Serás aquilo que toda a gente pensou que eras. Não. A pergunta era assustadoramente emotiva e literal: quem seria eu sem uma Amy a quem reagir? Porque ela tinha razão: enquanto homem, tinha estado no meu melhor quando a amava — e no meu segundo melhor quando a odiava. Só conhecia Amy há sete anos, mas não podia retomar a minha vida sem ela. Porque ela tinha razão: eu não podia voltar para uma vida mediana. Eu soubera disso antes de ela ter dito uma palavra. Já me tinha imaginado com uma mulher comum — uma rapariga normal e meiga da vizinhança — e já tinha imaginado contar a essa mulher comum a história de Amy, os extremos a que ela fora para me castigar e para voltar para mim. Já tinha imaginado essa rapariga meiga e medíocre a dizer algo desinteressante como: Oh, nããã, oh meu Deus!, e já sabia que parte de mim estaria a olhar para ela e a pensar: Tu nunca terias assassinado

por minha causa. Tu nunca me terias incriminado. Tu nem sequer saberias como começar a fazer aquilo que Amy fez. Possivelmente, nunca te importarias assim tanto. O menino da mamã mimado que havia em mim não seria capaz de encontrar paz com essa mulher normal, e em breve ela não seria apenas normal, estaria abaixo dos padrões requeridos, e nessa altura a voz do meu pai — cabra estúpida — elevar-se-ia e assumiria o controlo.

Amy tinha toda a razão.

Portanto, talvez não houvesse um final feliz para mim.

Amy era tóxica, e contudo eu não era capaz de imaginar um mundo inteiramente sem ela. Quem seria eu com Amy desaparecida? Já não havia opções que me interessassem. Mas ela tinha de ser posta na ordem. Amy na prisão, esse era um final feliz para ela. Enfiada numa caixa onde não podia impor-me a sua presença, mas onde eu podia visitá-la de vez em quando. Ou, pelo menos, imaginá-la. Uma pulsação, a minha pulsação, deixada por aí algures.

Tinha de ser eu a pô-la lá. Era da minha responsabilidade. Tal como Amy queria os louros por me ter tornado melhor, eu tinha de arcar com a culpa de ter feito desabrochar a loucura em Amy. Havia um milhão de homens que teriam amado, honrado e obedecido a Amy e que se teriam considerado felizes por isso. Homens a sério, confiantes e seguros, que não a teriam obrigado a fingir ser algo diferente da pessoa perfeita, rígida, exigente, brilhante, criativa, fascinante, gananciosa e megalómana que ela era.

Homens capazes de sentir uma paixão desmedida pela esposa.

Homens capazes de manter a sua sanidade mental.

A história de Amy podia ter seguido um milhão de caminhos diferentes, mas ela conheceu-me e aconteceram coisas más. Portanto, cabia-me a mim detê-la.

Não matá-la, mas detê-la.

Pô-la numa das suas caixas.

Amy Elliott Dunne — Cinco Dias Depois do Regresso

Tenho agora a certeza de que preciso de ser mais cuidadosa em relação a Nick. Não é tão submisso como costumava ser. Há nele algo de elétrico; um interruptor que se ligou. Gosto disso. Mas tenho de tomar precauções.

Preciso de mais uma precaução espetacular.

Esta precaução vai levar algum tempo a preparar. Mas o planeamento já não é novidade. Entretanto, podemos trabalhar na nossa reconstrução. Começar pela fachada. Teremos um casamento feliz, custe o que custar!

— Vais ter de tentar voltar a amar-me — disse-lhe eu na manhã a seguir a ele quase me ter morto. Acontece que era o trigésimo quinto aniversário de Nick, mas ele não falou nisso. O meu marido já estava farto dos meus presentes.

— Eu perdoo-te por ontem à noite — anunciei. — Estávamos ambos debaixo de muita tensão. Mas agora vais ter de tentar novamente.

— Eu sei.

— As coisas vão ter de ser diferentes — disse eu.

— Eu sei — replicou.

Na realidade, ele não sabe. Mas irá saber.

Os meus pais têm-nos visitado todos os dias. Rand, Marybeth e Nick acumulam-me de atenções. Almofadas. Toda a gente me quer oferecer almofadas: estamos todos a ser vítimas de uma psicose em massa, ao pensar que a violação e o aborto me deixaram dorida e frágil para todo o sempre. Tenho um problema crónico de ossos de pardal — têm de me segurar com suavidade na palma da mão, caso contrário parto-me. Por isso, ponho os pés em cima da otomana infame e ando delicadamente sobre o chão da cozinha, onde sangrei. Temos de tomar bem conta de mim.

Contudo, sinto uma tensão curiosa ao ver Nick com outra pessoa que não eu. Parece estar sempre prestes a dizer alguma coisa — como se os seus pulmões estivessem a rebentar de palavras acerca de mim, de palavras duras.

Tenho consciência de que preciso de Nick. Na verdade, preciso que

ele corrobore a minha história. Que pare com as suas acusações e desmentidos e admita que foi ele: os cartões de crédito, os artigos no barracão da lenha, o aumento do valor do seguro. Caso contrário, carregarei eternamente esta nuvem de incerteza. Tenho apenas umas quantas pontas soltas, e essas pontas soltas são pessoas. A polícia e o FBI andam a vasculhar a minha história. Sei que Boney adoraria prender-me. Mas como trabalharam tão mal antes — fizeram figura de idiotas — não podem tocar-me, a menos que tenham provas. E não têm provas. Têm Nick, que jura que não fez as coisas que eu juro que ele fez, e isso não é grande coisa, mas é mais do que eu gostaria.

Até me preparei para o caso de os meus amigos dos montes Ozark, Jeff e Greta, aparecerem, à procura de aclamação ou dinheiro. Já contei à polícia que Desi não foi diretamente para casa. Que me manteve vendada e amordaçada durante vários dias — penso que foram vários dias — num quarto qualquer, talvez no quarto de um motel? Talvez num apartamento? Não tenho a certeza, é tudo tão confuso. Eu estava tão assustada, mais a mais com os comprimidos para dormir. Se Jeff e Greta mostrarem os seus rostos angulosos e desprezíveis por aqui e convencerem de alguma forma a polícia a enviar uma equipa de técnicos ao Hide-A-Way, e esta encontrar uma impressão digital ou um cabelo dos meus, isso resolverá de forma simples parte do enigma. O resto são eles a contar mentiras.

Portanto, Nick é na realidade o único problema, e em breve conseguirei voltar a pô-lo do meu lado. Fui inteligente, não deixei mais nenhuma prova. A polícia pode não acreditar totalmente em mim, mas não fará nada. Sei disso pelo tom petulante da voz de Boney — viverá num exaspero permanente a partir de agora, e quanto mais aborrecida ficar, mais as pessoas irão ignorá-la. Ela já tem a cadência moralista e o revirar de olhos de uma maluca com a mania da conspiração. Mais valia enrolar a cabeça em folha de alumínio.

Sim, a investigação está a abrandar. Mas para a Incrível Amy é exatamente o oposto. O editor dos meus pais fez um pedido envergonhado de outro livro da Incrível Amy, e eles anuíram em troca de uma soma maravilhosamente avultada. Mais uma vez, estão a apoderar-se da minha psique para ganharem dinheiro. Deixaram Cartago esta manhã. Dizem que é importante eu e Nick estarmos

algum tempo sozinhos para sarar as feridas. Mas eu sei a verdade. Querem voltar ao trabalho. Dizem-me que estão a tentar «encontrar o tom certo». Um tom que diz: A nossa filha foi raptada e repetidamente violada por um monstro que teve de apunhalar no pescoço... mas nós não estamos de maneira nenhuma a aproveitar-nos disso para ganhar dinheiro.

Não me importo com a reconstrução do seu patético império porque todos os dias recebo convites para contar a minha história. A minha história: minha, minha, minha. Só preciso de escolher a melhor proposta e começar a escrever. Só preciso de conseguir pôr Nick em sintonia, para que ambos cheguemos a acordo em relação a como será o final desta história. Feliz.

Sei que Nick ainda não está apaixonado por mim, mas vai estar. Tenho fé nisso. Finge até conseguires, não há uma expressão assim? Por agora, ele age como o velho Nick e eu como a velha Amy. Como quando éramos felizes. Quando não nos conhecíamos tão bem como agora. Ontem, estava de pé no alpendre das traseiras, a ver o sol nascer sobre o rio numa manhã de agosto estranhamente fresca, e quando me virei, Nick estava a observar-me da janela da cozinha e levantou uma caneca de café com a pergunta: Queres uma chávena? Fiz que sim com a cabeça e pouco depois ele estava ao meu lado, com o ar a cheirar a relva, e estávamos a tomar café juntos e a ver a água, e parecia tudo normal e soube bem.

Ele ainda não dorme comigo. Dorme no quarto de hóspedes lá em baixo, com a porta trancada. Mas um dia hei de fazê-lo ceder, hei de apanhá-lo desprevenido e ele há de perder a energia para a batalha noturna e enfiar-se na cama comigo. A meio da noite, hei de virar-me de frente para ele e encostar-me ao seu corpo. Hei de agarrar-me a ele como uma trepadeira enrolada até ter invadido todos os seus recantos e tê-lo feito meu.

Nick Dunne — Trinta Dias Depois do Regresso

Amy pensa que tem tudo controlado, mas está muito enganada. Ou antes: vai estar muito enganada.

Eu, Boney e Go estamos a trabalhar juntos. A polícia, o FBI... já ninguém mostra interesse no assunto. Mas, ontem, Boney telefonou inesperadamente. Não se identificou quando atendi, começou apenas a falar como uma velha amiga: Quer ir tomar um café? Fui buscar Go e encontrámo-nos com Boney na Pancake House. Ela já estava sentada quando chegámos, e levantou-se com um sorriso débil. Andava a ser crucificada pela imprensa. Cumprimentámo-nos com uma desastrada hesitação entre o abraço ou o aperto de mão em grupo. Boney decidiu-se por um aceno de cabeça.

A primeira coisa que ela me disse quando já tínhamos a nossa comida foi:

— Eu tenho uma filha. Tem treze anos. Chama-se Mia. Em honra de Mia Hamm. Nasceu no dia em que ganhámos o Mundial. Pronto, é esta a minha filha.

Arqueei as sobrancelhas: Que interessante! Conte mais.

— Perguntou-me naquele dia, e eu não... fui grosseira. Tinha a certeza de que Nick estava inocente, e depois... tudo dizia o contrário, por isso estava chateada. Por me ter deixado enganar dessa maneira. Por isso, nem sequer queria dizer o nome da minha filha ao pé de si. — Serviu-nos o café do termo.

— Portanto, é Mia — disse ela.

— Bem, obrigado — redargui.

— Não, quer dizer... Bolas! — Respirou para cima, um sopro forte que lhe levantou a franja. — Quer dizer: eu sei que Amy o incriminou. Sei que ela assassinou Desi Collings. Eu sei disso. Só não consigo prová-lo.

— O que é que anda toda a gente a fazer, enquanto você está a trabalhar no caso? — perguntou Go.

— Não há caso. Estão a seguir em frente. Gilpin não quer saber disso para nada. Eu, basicamente, recebi ordens vindas de cima para encerrar o assunto. Encerrá-lo. Nós parecemos uns enormes idiotas,

rústicos e atrasados, nos meios de comunicação nacionais. Não posso fazer nada, a não ser que Nick me arranje alguma coisa. Tem alguma coisa?

Encolhi os ombros.

— Tenho tudo o que a Boney tem. Ela confessou-me, mas...

— Ela confessou? — disse ela. — Bem, que diabo, Nick, vamos pôr-lhe um aparelho de escuta.

— Não vai resultar. Não vai resultar. Ela pensa em tudo. Quer dizer, ela conhece perfeitamente o procedimento da polícia. Ela estuda, Rhonda.

Ela deitou xarope azul-elétrico por cima dos seus waffles. Eu espetei os dentes do garfo na minha gema de ovo saliente e andei à roda, besuntando o sol.

— Dá comigo em doida quando me chama Rhonda.

— Ela estuda, senhora detetive Boney.

Ela voltou a soprar para cima e a fazer levantar a franja. Comeu uma garfada de panqueca.

— De qualquer forma, nesta altura, também não ia conseguir um aparelho de escuta.

— Vá lá, tem de haver alguma coisa — disse Go bruscamente. — Nick, por que diabo ficaste naquela casa se não estás a conseguir nada?

— Leva tempo, Go. Tenho de conseguir que ela volte a confiar em mim. Se ela começar a contar-me coisas casualmente, sem ser quando estamos os dois em pelota...

Boney esfregou os olhos e dirigiu-se a Go:

— Será que quero mesmo saber?

— Eles conversam sempre nus, no duche, com a água a correr — disse Go. — Não poderá instalar um microfone algures no chuveiro?

— Ela sussurra-me ao ouvido, para além do chuveiro estar a correr — disse eu.

— Ela estuda mesmo — disse Boney. — Não tenho dúvidas disso. Fui ver o carro em que ela voltou, o Jaguar de Desi. Mandeí-os analisar a bagageira, onde ela jurava que Desi a tinha enfiado quando a raptara. Calculava que não ia encontrar lá nada e que a apanharíamos numa mentira. Mas ela rebolou na bagageira, Nick. Os nossos cães detetaram o cheiro dela. E encontrámos três cabelos louros compridos.

Cabelos louros compridos. Como ela tinha antes de os cortar. Como é que ela fez isso é que...

— Previdência. Tenho a certeza de que ela tinha um saco deles, para o caso de precisar de deixar alguns algures para me tramar.

— Santo Deus, conseguem imaginar o que será ter uma mãe assim? Não seria possível dizer uma mentirinha. Ela estaria sempre três passos à nossa frente.

— Boney, consegue imaginar o que é tê-la como mulher?

— Ela há de ir-se abaixo — disse ela. — A dada altura, ela há de ir-se abaixo.

— Não, isso não vai acontecer — repliquei. — Não posso simplesmente testemunhar contra ela?

— Não tem credibilidade — disse Boney. — A sua única credibilidade vem de Amy. Foi ela que o reabilitou sozinha. E também pode inverter essa situação sozinha. Se ela contar a história do anticongelante...

— Tenho de encontrar o vômito — disse eu. — Se eu me livrar do vômito e denunciarmos mais algumas das suas mentiras...

— Devíamos analisar o diário — disse Go. — Sete anos de entradas? Têm de existir discrepâncias.

— Pedimos a Rand e Marybeth que o lessem, para ver se havia alguma coisa que lhes parecesse estranho — disse Boney. — Podem adivinhar como é que correu. Pensei que Marybeth me ia arrancar os olhos.

— Então e que tal Jacqueline Collings, ou Tommy O'Hara, ou Hilary Handy? — disse Go. — Todos eles conhecem a verdadeira Amy. Tem de haver alguma coisa aí.

Boney abanou a cabeça.

— Acreditem, não é suficiente. São todos menos credíveis do que Amy. É pura opinião pública, mas neste momento é a isso que o departamento está atento: à opinião pública.

Ela tinha razão. Jacqueline Collings tinha aparecido nuns quantos programas de televisão por cabo, insistindo na inocência do filho. Ela começava sempre com firmeza, mas o seu amor de mãe funcionava contra ela: não tardou a dar a ideia de uma mulher em sofrimento, desesperada por pensar o melhor do filho, e quanto mais os apresentadores se apiedavam dela, mais ela falava de forma seca e ríspida, e menos digna de simpatia se tornava. Foi rapidamente

descartada. Tommy O'Hara e Hilary Handy telefonaram-me ambos, furiosos com o facto de Amy não ter sido punida, decididos a contar a sua história, mas ninguém queria saber de dois ex qualquer coisa perturbados. Aguentem firme, disse-lhes eu, estamos a trabalhar nisso. Hilary e Tommy e Jacqueline e Boney e Go e eu teríamos o nosso momento. Eu dizia para comigo que acreditava nisso.

— Então e se ao menos conseguíssemos a Andie? — perguntei. — Se conseguíssemos que ela testemunhasse que todos os lugares onde Amy escondeu uma pista eram lugares onde nós tínhamos tido sexo? A Andie é credível; as pessoas adoram-na.

Depois do regresso de Amy, Andie tinha voltado a ser a rapariga alegre que costumava ser. Só sei disso pelos instantâneos ocasionais que surgem nos tabloides. É por estes que sei que namora um rapaz da idade dela, um miúdo giro e desgrehado, sempre com uns fones a balouçar ao pescoço. Ficam bem juntos, jovens e saudáveis. A imprensa adorava-os. O melhor título: O Amor Encontra Andie Hardy!, um trocadilho de um filme de 1938 com Mickey Rooney que só para aí umas vinte pessoas iriam perceber. Enviei-lhe uma mensagem: Desculpa. Por tudo. Não obtive resposta. Ainda bem para ela. Estou a ser sincero.

— Coincidência. — Boney encolheu os ombros. — Quer dizer, uma estranha coincidência, mas... não suficientemente extraordinária para avançar. Não com este clima. Tem de conseguir que a sua mulher lhe conte alguma coisa útil, Nick. É a nossa única hipótese, neste caso.

Go pousou o café com força.

— Não posso acreditar que estamos a ter esta conversa — disse ela. — Nick, não te quero mais naquela casa. Tu não és um polícia sob disfarce, sabes? Não é o teu trabalho. Estás a viver com uma assassina. Vem-te embora. Desculpa lá, mas quem é que se rala com o facto de ela ter morto Desi? Eu não quero é que ela te mate a ti. Quer dizer, um dia destes queimas-lhe o queijo grelhado e, quando dás por isso, estão a telefonar-me a dizer que deste um trambolhão horrível do telhado ou coisa do género. Vem-te embora!

— Não posso. Não ainda. Ela nunca me vai deixar ir. Gosta demasiado deste jogo.

— Então, para de jogá-lo!

Não posso. Estou a jogá-lo cada vez melhor. Vou ficar junto dela até a poder derrubar. Sou o único que pode fazê-lo. Um dia, ela vai cometer um deslize e contar-me alguma coisa que eu possa usar. Há uma semana, mudei-me para o nosso quarto. Não temos sexo, mal nos tocamos, mas somos marido e mulher num leito conjugal, o que apazigua Amy por agora. Afago-lhe o cabelo. Agarro num fio de cabelo entre o indicador e o polegar, faço deslizar os dedos até chegar à ponta e puxo, como se estivesse a tocar um sino, e ambos gostamos disso. O que é um problema.

Fingimos estar apaixonados e fazemos as coisas que gostamos de fazer quando estamos apaixonados, e às vezes até parece amor, porque nos estamos a pôr à prova de forma perfeita. A reviver a memória poderosa do romance inicial. Quando me esqueço — às vezes, consigo esquecer-me por breves momentos de quem a minha mulher é — até gosto de passar o tempo com ela. Ou com a ela que Amy finge ser. A verdade é que a minha mulher é uma assassina que, às vezes, é muito divertida. Posso dar-vos um exemplo? Uma noite, mandei vir lagosta de avião, como nos velhos tempos, e ela fingiu perseguir-me com ela, e eu fingi esconder-me, e depois ambos dissemos ao mesmo tempo uma piada tipo Annie Hall, e foi tão perfeito, tão da forma como devia ser, que tive de sair daquela divisão por um segundo. Sentia o coração a bater nos ouvidos. Tive de repetir a minha ladainha: Amy matou um homem, e vai matar-te se não tiveres muito, mas muito cuidado. A minha mulher, a assassina linda e muito divertida, far-me-á mal se eu lhe desagradar. Sinto-me nervoso na minha própria casa: estou a fazer uma sanduíche, de pé na cozinha a meio do dia, a lamber a manteiga de amendoim da faca, e viro-me e dou com Amy na mesma divisão que eu — aqueles pés silenciosos de gatinha — e estremeço. Nick Dunne, o homem que costumava esquecer-se de tantos pormenores, é agora o tipo que repete mentalmente as conversas para se certificar que não a ofendeu, para se certificar que nunca feriu os seus sentimentos. Anoto tudo sobre o dia dela, aquilo de que gosta e aquilo de que não gosta, caso ela me interrogue. Sou um ótimo marido porque tenho muito medo que ela me possa matar.

Nunca tivemos uma conversa sobre a minha paranoia, porque estamos a fingir-nos apaixonados e eu estou a fingir que ela não me assusta. Mas ela mencionou o facto, de passagem: Sabes, Nick, podes

dormir na cama comigo, dormir a sério. Não vai haver problema. Prometo. Aquilo que aconteceu com Desi foi um incidente isolado. Fecha os olhos e dorme.

Mas eu sei que nunca mais voltarei a dormir. Não posso fechar os olhos quando estou junto dela. É como dormir com uma aranha.

Amy Elliott Dunne — Oito Semanas Depois do Regresso

Ninguém me prendeu. A polícia parou de fazer perguntas. Sinto-me segura. Em breve, estarei ainda mais segura.

Para verem como me sinto bem: ontem, desci as escadas para vir tomar o pequeno-almoço, e o frasco que continha o meu vômito estava em cima da bancada da cozinha, vazio. Nick — o larápio — tinha-se livrado daquela forma de pressão. Pisquei os olhos e depois atirei o frasco fora.

Já pouco interessa, agora.

Estão a acontecer boas coisas.

Tenho um contrato para escrever um livro: controlo oficialmente a nossa história. Parece maravilhosamente simbólico. De qualquer forma, não é isso que todos os casamentos são? Apenas um jogo demorado de ele disse, ela disse? Bem, ela está a dizer, e o mundo vai escutar, e Nick vai ter de sorrir e concordar. Vou descrevê-lo como quero que ele seja: romântico, atencioso e muito, mas muito arrependido — em relação aos cartões de crédito e às compras e ao barracão da lenha. Se não consigo que o diga em voz alta, di-lo-á no meu livro. Depois, irá em digressão comigo, sorrindo sem parar.

Vou intitular o livro simplesmente: Incrível. Que provoca grande espanto ou surpresa; extraordinário. Creio que isso resume a minha história.

Nick Dunne — Nove Semanas Depois do Regresso

Encontrei o vômito. Ela tinha-o escondido na parte de trás do congelador, num frasco, dentro de uma caixa de couves-de-bruxelas. A caixa estava coberta de pingentes de gelo; deve estar ali há meses. Eu sei que era uma piada privada, só dela: Nick não come vegetais; Nick nunca limpa o frigorífico; Nick não vai pensar em procurar aqui.

Mas Nick fê-lo.

Acontece que Nick até sabe como limpar o frigorífico e Nick até sabe descongelá-lo: despejei aquele vômito pelo cano abaixo e deixei o frasco em cima da bancada, para ela saber.

Ela atirou-o para o lixo. Nunca disse uma palavra sobre isso.

Passa-se alguma coisa de errado. Não sei o que é, mas passa-se alguma coisa de muito errado.

A minha vida começou a parecer-se com um epílogo. Tanner aceitou um novo caso: um cantor de Nashville descobriu que a mulher o andava a enganar, e o corpo dela foi encontrado no dia seguinte num contentor do lixo do Hardee's, perto da casa deles, com um martelo ao lado coberto com as impressões digitais dele. Tanner está a usar-me como defesa. Eu sei que o cenário é feio, mas também o era para Nick Dunne, e vocês sabem como é que acabou. Quase conseguia senti-lo a piscar-me o olho através da lente da câmara. De vez em quando, enviava-me uma mensagem de telemóvel: Tudo bem consigo? Ou: Alguma coisa?

Não, nada.

Eu, Boney e Go encontrávamo-nos em segredo na Pancake House, onde joeirávamos a areia suja da história de Amy, tentando encontrar alguma coisa que pudéssemos usar. Esquadrinhámos o diário, numa elaborada caça ao anacronismo. Redundou em pormenores desesperados, do tipo: «Ela faz aqui um comentário sobre o Darfur. Já se falava disso em 2010?» (Sim, descobrimos um clip de 2006 com George Clooney a discutir o assunto.) Ou o melhor do meu pior: «Amy faz uma piada na entrada de julho de 2008 sobre matar um vagabundo, mas eu acho que as piadas sobre vagabundos mortos só

começaram a estar na moda em 2009.» Ao que Boney replicou: «Passe-me o xarope, seu esquisitoide.»

As pessoas desapareceram, seguiram com as suas vidas. Boney ficou. Go ficou.

Depois, aconteceu algo. O meu pai morreu finalmente. De noite, durante o sono. Foi uma mulher que lhe deu a última refeição à boca, foi uma mulher que o aconchegou na cama para o seu último repouso, foi uma mulher que o limpou depois de ele morrer e foi uma mulher que telefonou a dar-me a notícia.

— Ele era um bom homem — disse ela, em voz monótona com uma injeção obrigatória de empatia.

— Não, não era — disse eu, e ela riu-se como não se ria claramente há um mês.

Pensei que me faria sentir melhor saber que aquele homem tinha desaparecido da terra, mas, na verdade, senti um vazio enorme e assustador no peito. Tinha passado a vida a comparar-me com o meu pai, e agora ele tinha morrido e já só havia Amy com quem medir forças. Depois do pequeno serviço fúnebre, poeirento e solitário, não me fui embora com Go; fui para casa com Amy agarrada a mim. Isso mesmo, fui para casa com a minha mulher.

Tenho de sair desta casa, pensei. Tenho de acabar com Amy de uma vez por todas. Reduzir-nos a cinzas para nunca mais poder voltar.

Quem seria eu sem ti?

Tinha de descobrir. Tinha de contar a minha própria história. Era tudo tão claro.

Na manhã seguinte, enquanto Amy estava no seu gabinete de trabalho a teclar no computador para contar ao mundo a sua história Incrível, eu levei o meu portátil lá para baixo e olhei fixamente para o ecrã em branco brilhante.

Comecei a primeira página do meu próprio livro.

Sou um covarde traidor, fraco e com medo de mulheres, e sou o herói da vossa história. Porque a mulher que eu enganei — a minha mulher, Amy Elliott Dunne — é uma sociopata e uma assassina.

Sim, eu leria uma coisa destas.

Amy Elliott Dunne — Dez Semanas Depois do Regresso

Nick continua a fingir comigo. Fingimos juntos que somos felizes e despreocupados e que estamos apaixonados. Mas ouço-o a teclar no computador a altas horas da noite. A escrever. A escrever a sua versão, eu sei disso. Eu sei disso, percebo pela forma febril como lhe saem as palavras, com as teclas a fazer cliques e clagues como um milhão de insetos. Tento aceder ao computador quando ele está a dormir (embora ele agora durma como eu, agitado e ansioso, e eu durma como ele). Mas ele aprendeu a lição, sabe que já não é o adorador Nicky, a salvo do mal — já não usa a data do seu aniversário, ou do da sua mãe, ou do de Bleecker, como password. Não consigo entrar.

Mesmo assim, ouço-o a digitar rapidamente e sem parar, e consigo imaginá-lo debruçado sobre o teclado, com os ombros para cima e a língua presa entre os dentes, e sei que tive razão em proteger-me. Em tomar a minha precaução.

Porque ele não está a escrever uma história de amor.

Nick Dunne — Vinte Semanas

Depois do Regresso

Não me mudei. Queria que aquilo tudo fosse uma surpresa para a minha mulher, que nunca é surpreendida. Queria dar-lhe o manuscrito enquanto saía porta fora para conseguir um contrato para um livro. Deixá-la sentir aquele horror demorado de saber que o mundo está prestes a inclinar-se e a despejar a sua merda em cima dela e que não há nada que possa fazer quanto a isso. Não, ela podia nunca chegar a ir para a prisão, e seria sempre a minha palavra contra a dela, mas os meus argumentos eram convincentes. Tinham ressonância emocional, mesmo que não tivessem jurídica.

Portanto, vamos deixar toda a gente tomar partido. Equipa Nick, Equipa Amy. Transformar isto em mais um jogo: vender umas malditas t-shirts.

As minhas pernas estavam fracas quando fui dizer a Amy que já não fazia parte da sua história.

Mostrei-lhe o manuscrito, revelei o título feroz: *Cabra Psicótica*. Uma pequena piada privada. Ambos gostamos das nossas piadas privadas. Fiquei à espera que ela me arranhasse as faces, me rasgasse a roupa, me mordesse.

— Oh, que maravilhoso sentido de oportunidade! — disse ela alegremente e brindou-me com um grande sorriso. — Posso mostrar-te uma coisa?

Obriguei-a a fazê-lo outra vez à minha frente. Fazer chichi na vareta de teste, comigo agachado junto dela no chão da casa de banho, a ver a urina sair dela e bater na vareta e transformá-la em azul-grávida.

Depois, empurrei-a para dentro do carro, fui até ao consultório médico e vi tirarem-lhe o sangue — porque, na realidade, ela não tem medo de sangue — e esperámos as duas horas necessárias para a análise voltar.

Amy estava grávida.

— É óbvio que não é meu.

— Oh, é pois! — Retribuiu-me o sorriso. Tentou aninhar-se nos

meus braços. — Parabéns, papá!

— Amy... — comecei eu, porque é claro que não era verdade, eu não tinha tocado na minha mulher desde que ela regressara. Depois, percebi: a caixa de lenços de papel, a cadeira reclinável, a televisão e o material pornográfico, e o meu sémen num congelador de hospital, algures. Eu tinha deixado aquele aviso de destruição em cima da mesa, uma tentativa frouxa para induzir um sentimento de culpa, e depois o aviso desapareceu, porque a minha mulher tinha tomado providências, como sempre, e essas providências não consistiram em livrar-se do material, mas sim em guardá-lo. Para o que desse e viesse.

Senti uma bolha de alegria gigante — não consegui evitar — e depois a alegria ficou presa num terror metálico.

— Vou precisar de fazer algumas coisas para minha segurança, Nick — disse ela. — Apenas porque, devo dizê-lo, é quase impossível confiar em ti. Para começar, vais ter de apagar o teu livro, obviamente. E para pôr uma pedra sobre o outro assunto, vamos precisar de um depoimento escrito, e vais precisar de jurar que foste tu que compraste as coisas que estão no barracão e que as escondeste lá, e que em tempos pensaste que eu te estava a incriminar, mas agora amas-me e eu amo-te e está tudo bem.

— E se eu recusar?

Ela pôs a mão em cima da sua pequena barriga inchada e franziu o sobrolho.

— Creio que isso seria horrível.

Tínhamos passado anos a lutar pelo controlo do nosso casamento, da nossa história de amor, da nossa história de vida. Eu tinha acabado por ser completamente derrotado. Eu criei um manuscrito, e ela criou uma vida.

Podia lutar pela custódia, mas já sabia que ia perder. Amy iria adorar a batalha — só Deus sabia o que é que ela já teria preparado. Quando tivesse acabado, eu nem sequer seria um daqueles pais fim de semana sim, fim de semana não; iria interagir com o meu filho em aposentos estranhos com um guardião nas proximidades a bebericar café, a vigiar-me. Ou talvez nem isso. Podia ver de repente as acusações — de abuso sexual ou maus-tratos — e nunca veria o meu filho, e saberia que ele estava escondido longe de mim, com a mãe a sussurrar mentiras àquela orelhinha cor-de-rosa minúscula.

— A propósito, é um rapaz.

Eu era um prisioneiro, afinal. Amy tinha-me para sempre ou durante o tempo que quisesse, porque eu precisava de salvar o meu filho, tentar desengatar, destrancar, aplainar, desfazer tudo o que Amy fazia. Eu daria literalmente a minha vida pelo meu filho, e fá-lo-ia alegremente. Educaria o meu filho para ser um bom homem.

Apaguei a minha história.

Boney atendeu ao primeiro toque.

— Pancake House? Daqui a vinte minutos? — perguntou ela.

— Não.

Informei Rhonda Boney de que ia ser pai e que, por isso, já não podia ajudar em nenhuma investigação — que, na verdade, estava a planear retratar-me de qualquer afirmação que tivesse feito relativamente à convicção despropositada de que a minha mulher me tinha incriminado, e também estava pronto para admitir o meu papel nos cartões de crédito.

Uma longa pausa do outro lado.

— Hum... — disse ela. — Hum...

Conseguia imaginar Boney a passar a mão pelo cabelo mole, a morder o interior da bochecha.

— Tome cuidado consigo, está bem, Nick? — disse ela finalmente. — E cuide bem do pequenino. — Depois, riu-se. — Quanto à Amy, estou-me perfeitamente nas tintas.

Fui a casa de Go, para lhe contar pessoalmente. Tentei apresentar a situação como sendo boas notícias. Um bebé... Não podes ficar assim tão aborrecida com um bebé. Podes odiar as circunstâncias, mas não podes odiar uma criança.

Pensei que Go me ia bater. Aproximou-se tanto que conseguia sentir a sua respiração. Bateu-me com o indicador:

— Tu só queres uma desculpa para ficar — sussurrou ela. — Vocês os dois são viciados um no outro. Vão ser literalmente uma família nuclear, sabes disso, não sabes? Vão explodir. Vão detonar. Achas mesmo que vais conseguir fazer isto durante, sei lá, os próximos dezoito anos? Não achas que ela te vai matar?

— Não enquanto eu for o homem com quem casou. Não fui durante uns tempos, mas posso ser.

— E não achas que a vais matar? Queres transformar-te no nosso pai?

— Não percebes, Go? Esta é a garantia de que não vou transformar-me no nosso pai. Terei de ser o melhor marido e pai do mundo.

Nessa altura, Go desatou a chorar — a primeira vez que a via chorar desde criança. Sentou-se no chão, de repente, como se as suas pernas tivessem cedido. Sentei-me ao seu lado e encostei a cabeça à dela. Ela engoliu finalmente o último soluço e olhou para mim.

— Lembras-te, Nick, quando disse que continuava a gostar de ti, se? Que gostava de ti, independentemente do que viesse a seguir ao se?

— Sim.

— Bem, eu continuo a gostar de ti. Mas isto parte-me o coração. — Ela soltou um soluço horrível, um soluço de criança. — Não contava que as coisas seguissem este rumo.

— É uma estranha reviravolta — disse eu, tentando aligeirar a situação.

— Ela não vai tentar manter-nos separados, pois não?

— Não — repliquei. — Lembra-te que ela também está a fingir ser alguém melhor.

Sim, estou finalmente à altura de Amy. Ontem de manhã, acordei junto dela e analisei a parte de trás do seu crânio. Tentei ler-lhe os pensamentos. Por uma vez, não me senti como se estivesse a olhar para o sol. Estou a mostrar-me à altura do nível de loucura da minha mulher. Porque consigo senti-la a mudar-me outra vez: fui um rapaz imaturo, e depois um homem, bom e mau. Agora, finalmente, sou o herói. Sou aquele por que devem torcer na história de guerra interminável do nosso casamento. É uma história com que consigo viver. Que diabo! Nesta altura, não consigo imaginar a minha história sem Amy. Ela é a minha eterna antagonista.

Somos um clímax longo e assustador.

Amy Elliott Dunne — Dez Meses, Duas Semanas e Seis Dias Depois do Regresso

Disseram-me que o amor devia ser incondicional. É essa a regra, toda a gente o diz. Mas se o amor não tivesse fronteiras, limites, condições, porque é que alguém havia de tentar alguma vez fazer o que é certo? Se souber que sou amada, aconteça o que acontecer, onde é que está o desafio? Devo amar Nick, apesar de todos os seus defeitos. E Nick deve amar-me, apesar das minhas bizzarrias. Mas é óbvio que nenhum dos dois o faz. Isso faz-me pensar que toda a gente está enganada, que o amor devia ter muitas condições. O amor devia requerer que ambos os parceiros fossem o melhor possível em todas as alturas. O amor incondicional é um amor indisciplinado e, como todos vimos, o amor indisciplinado é desastroso.

Podem ler mais sobre aquilo que penso acerca do amor em *Incrível*. Vai sair em breve!

Mas primeiro a maternidade. A data prevista é amanhã. Acontece que amanhã é o aniversário do nosso casamento. Seis anos. Pensei em dar a Nick um belo par de algemas, mas ele é capaz de não achar assim tanta graça, para já. É tão estranho pensar que, há um ano, ia destruir o meu marido. Agora, já quase acabei de o voltar a montar.

Nick passou todo o seu tempo livre nestes últimos meses a besuntar-me a barriga com manteiga de cacau, a sair a correr para ir comprar picles, a massajar-me os pés, e todas as coisas que os futuros pais devem fazer. A estragar-me com mimos. Ele está a aprender a amar-me de forma incondicional, de acordo com todas as minhas condições. Penso que estamos finalmente a caminho da felicidade. Percebi isso, finalmente.

Estamos na véspera de nos tornarmos a família nuclear mais alegre e melhor do mundo.

Só precisamos de a manter assim. Nick ainda não o faz na perfeição. Esta manhã, estava a afagar-me o cabelo e a perguntar o que mais podia fazer por mim, e eu disse:

— Meu Deus, Nick, por que razão és tão maravilhoso para mim?

Ele devia dizer: Tu mereces. Eu amo-te.

Mas disse:

— Porque tenho pena de ti.

— Porquê?

— Porque tens de acordar todas as manhãs e seres tu.

Quem me dera que ele não tivesse dito isso. Estou sempre a pensar nisso. Não consigo parar.

Não tenho mais nada a acrescentar. Queria apenas certificar-me de que tinha a última palavra. Creio que mereço isso.

Agradecimentos

Tenho de começar por Stephanie Kip Rostan, cujos conselhos inteligentes, opiniões perfeitas e bom humor já me acompanharam ao longo de três livros, até agora. Ela também é uma companhia muito divertida. Obrigada por todas as orientações ao longo dos anos. Muito obrigada também a Jim Levine e Daniel Greenberg, e a toda a gente na Agência Literária Levine Greenberg.

A minha editora, Lindsay Sagnette, é um sonho. Obrigada por me escutar com o seu ouvido treinado, por me deixar ter a dose exata de teimosia, por me desafiar a fazer melhor e por me incitar durante a última parte — se não fosse por si, o livro teria continuado eternamente «82,6% feito».

Muito obrigada à editora da Crown, Molly Stern, pelo feedback, apoio, comentários sábios e energia infinita.

A minha gratidão vai também para Annsley Rosner, Christine Kopprasch, Linda Kaplan, Rachel Meier, Jay Sones, Karin Schulze, Cindy Berman, Jill Flaxman e E. Beth Thomas. Obrigada, como sempre, a Kirsty Dunscaith e à equipa da Orion.

Para as minhas muitas perguntas sobre polícia e procedimentos legais, recorri a alguns especialistas muito atenciosos. Obrigada ao meu tio, Robert M. Schieber, e ao tenente Emmet B. Helrich por me deixarem desenvolver ideias dadas por eles. Agora é a vez de agradecer imenso à advogada de defesa Molly Hastings, em Kansas City, que explicou o seu trabalho com grande simpatia e convicção. E a minha infinita gratidão para com o detetive Craig Enloe, do Departamento da Polícia de Overland Park, por responder aos meus 42 000 e-mails (uma estimativa modesta) ao longo dos últimos dois anos, com paciência, bom humor e com a dose certa de informação. Eventuais erros são da minha responsabilidade.

Obrigada, por muitas e variadas razões, a: Trish e Chris Bauer, Katy Caldwell, Jessica e Ryan Cox, Sarah e Alex Eckert, Wade Elliott, Ryan Enright, Mike e Paula Hawthorne, Mike Hillgamy, Sean Kelly, Sally Kim, Sarah Knight, Yocunda Lopez, Kameron e Sean Miller, Adam Nevens, Josh Noel, Jess e Jack O'Donnell, Lauren «Fake Party We're Awesome» Oliver, Brian «Map App» Raftery, Javier Ramirez, Kevin

Robinett, Julie Sabo, gg Sakey, Joe Samson, Katie Sigelman, Matt Stearns, Susan e Errol Stone, Deborah Stone, Tessa e Gary Todd, Jenny Williams, Josh Wolk, Bill e Kelly Ye, Inner Town Pub de Chicago (local onde nasceu a bebida «Christmas Morning») e à imbatível Courtney Maguire.

À minha maravilhosa família no Missouri — todos os Schiebers, os Welshes, os Flynns, e suas ramificações. Obrigada por todo o amor, apoio, gargalhadas, rolinhos de pickles e granizado de bourbon... basicamente, por fazerem do Missouri, como diria Nick, «um lugar mágico».

Recebi reações incrivelmente úteis de uns quantos leitores, que são também bons amigos. Marcus Sakey deu-me conselhos perspicazes em relação a Nick, logo no início, a cerveja e comida tailandesa. David MacLean e Emily Stone (queridíssima!) foram suficientemente amáveis para ler *Em Parte Incerta* nos meses que antecederam o seu casamento. Parece não vos ter beliscado minimamente e tornou o livro muito melhor, por isso obrigada. Nada irá impedir-vos de chegar às Ilhas Caimão!

Scott Brown: obrigada por todos os retiros para escrever durante os anos de Desaparecida, sobretudo nos montes Ozark. Ainda bem que acabámos por não afundar o barco a remos. Obrigada pelas tuas leituras extraordinariamente argutas e por estares sempre a intervir e a ajudar-me a expressar seja lá o que for que estou a tentar dizer. És um «Monstro» bom e um amigo maravilhoso.

Obrigada ao meu irmão, Travis Flynn, por estar sempre por perto, para responder às perguntas sobre como as coisas funcionam na realidade. Muito amor para Ruth Flynn, Brandon Flynn e Holly Bailey.

Aos meus cunhados, Cathy e Jim Nolan, Jennifer Nolan, Megan, Pablo e Xavy Marroquin — e a todos os Nolan e Samson: tenho consciência da sorte que tenho em ter casado com alguém da vossa família. Obrigada por tudo. Cathy, sempre soubemos que tinhas um coração enorme, mas este último ano provou-o de muitas maneiras.

Aos meus pais, Matt e Judith Flynn. Encorajadores, solícitos, divertidos, bondosos, criativos, compreensivos, e ainda apaixonados loucamente passados mais de quarenta anos. Como sempre, sinto um profundo respeito por ambos. Obrigada por serem tão bons para mim e por terem sempre tempo para incitar desconhecidos a comprar os

meus livros. E obrigada por serem tão fantásticos com Flynn — torno-me uma mãe melhor, só de vos ver.

Finalmente, os meus homens.

Roy: gatinho lindo.

Flynn: meu querido filho, adoro-te! Além disso, se estás a ler isto antes do ano 2024, ainda és pequeno para isso. Pousa-o e vai buscar o do Frumble!

Brett: marido! Pai do meu filho! Parceiro de dança, confeccionador de emergência de queijo grelhado. O tipo de homem que sabe escolher o vinho. O tipo de homem que fica lindo de smoking. E também de «zombie-tux». O homem com um riso generoso e um assobio glorioso. O homem que tem a resposta. O homem que faz o meu filho rir até cair para o chão. O homem que me faz rir até cair para o chão. O homem que me deixa fazer todo o tipo de perguntas invasivas, inapropriadas e incómodas sobre o que é ser homem. O homem que leu e releu e tornou a reler, e que não só me deu conselhos, como me deu ainda uma aplicação para bourbon. És o máximo, querido! Obrigada por teres casado comigo.

Duas palavras, sempre.